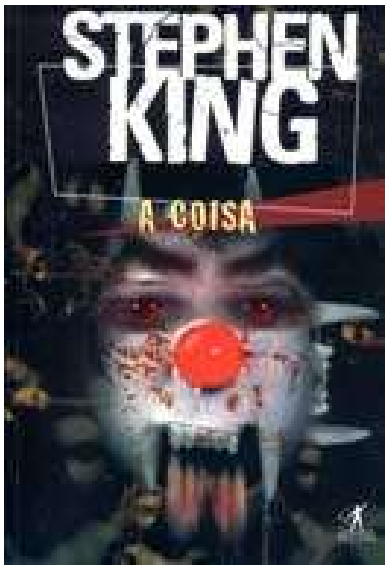
Projeto Democratização da Leitura
www.portaldetonando.com.br



Sobre a digitalização desta obra:
Esta obra foi digitalizada para proporcionar de maneira totalmente gratuita o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para leitura. Dessa forma, a venda deste e-book ou mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância.
A generosidade é a marca da distribuição, portanto:
Distribua este livro livremente!

Se você tirar algum proveito desta obra, considere seriamente a possibilidade de adquirir o original.
Incentive o autor e a publicação de novas obras!

Visite nossa biblioteca! Centenas de obras grátis a um clique!
http://www.portaldetonando.com.br

STEPHEN KING

A COISA

VOL. I

TÍTULO ORIGINAL:

It

LUÍSA IBAÑEZ
Tradução

ARLINDO SAN
Digitalização

Com gratidão, dedico este livro a meus filhos. Minha mãe e minha esposa ensinaram-me a ser homem. Meus filhos ensinaram-me a ser livre.

Naomi Rachel King, de quatorze anos,
Joseph Hillstrom king, de doze e
Owen Philip King, de sete.

Crianças, ficção é a verdade dentro da mentira, e a verdade desta ficção é bastante simples: a magia existe.

S.K.

"Esta velha cidade foi o lar, desde que me lembro,
E aqui estará, muito depois que eu me for.
Zona leste e zona oeste a contornam e vigiam,
Você foi abandonada, mas continua em meu sangue."

— The Michael Stanley Band

"Velho amigo, o que procura?
De volta, após tantos anos distante,
Com imagens que teceu
Sob céus estrangeiros,
Muito além de sua terra natal."

— George Seferis

"Saindo do azul e entrando no negro."

— Neil Young

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE: A SOMBRA ANTES

1 Após a enchente (1957)
2 Após o festival (1984)
3 Seis telefonemas (1985)

Derry: o primeiro interlúdio.

SEGUNDA PARTE: JUNHO DE 1985

4 Ben Hanscom leva uma queda
5 Bill Denbrough derrota o demônio (I)
6 Um dos desaparecidos: história do verão de 58
7 A represa nos Barrens
8 O quarto de Georgie e a casa da Rua Neibolt
9 A limpeza

Derry: o segundo interlúdio.

TERCEIRA PARTE: ADULTOS

10 A reunião
11 Excursões a pé
12 Três convidados indesejados

Derry: o terceiro interlúdio

PRIMEIRA PARTE

A SOMBRA ANTES

"Elas começaram!
Acentuadas as perfeições,
A flor expande coloridas pétalas
abertas ao sol,
Mas a língua da abelha
não as acha
E elas pendem para a terra
chorando
— poder-se-ia dizer em um grito
que se esgueira sobre elas, um tremor
enquanto murcham e desaparecem..."

— William Carlos Williams, *Paterson*

"Nascido em uma cidade do homem morto."

— Bruce Springsteen

CAPÍTULO 1

Após a enchente (1957)

1

O terror, que só terminaria dentro de mais vinte e oito anos — se é que terminou — até onde sei ou posso contar, começou com um barco feito de uma folha de jornal, flutuando por uma sarjeta inundada pela chuva.

O barco balouçava, adernava, endireitava-se outra vez, mergulhava corajosamente através de traiçoeiros redemoinhos e continuava sua viagem pela Rua Witcham abaixo, em direção ao sinal de trânsito que marcava o cruzamento de Witcham com a Jackson. As três lentes verticais em todos os lados do sinal de trânsito estavam obscurecidas naquela tarde do outono de 1957. Também as casas estavam obscurecidas. Chovera sem cessar por toda uma semana e, dois dias antes, também houvera ventania. Em Derry, a maioria das zonas ficara sem energia elétrica, que até então não tinha voltado.

Um garotinho de impermeável amarelo e galochas vermelhas corria alegremente ao lado do barco de jornal. A chuva não parara, mas finalmente havia diminuído. Ela tamborilava no capuz amarelo da capa do menino, soando a seus ouvidos como chuva em teto de zinco... um som confortável, quase aconchegante. O menino do impermeável amarelo era George Denbrough. Tinha seis anos. Seu irmão William, conhecido pela maioria das crianças da Escola Elementar de Derry (e inclusive pelos professores, que jamais usariam o apelido diante dele) como Bill Gaguinho, estava em casa, recuperando-se da última etapa de um sério caso de *influenza*. Naquele outono de 1957, oito meses antes de terem início os verdadeiros horrores e vinte e oito anos antes da demonstração final, Bill Gaguinho tinha dez anos.

Bill havia feito o barco, a cujo lado George agora corria. Ele o fizera sentado na cama, as costas apoiadas em uma pilha de travesseiros, enquanto a mãe de ambos tocava *Für Elise* no piano da sala de visitas e a chuva batia incansavelmente contra a janela do quarto do menino.

Em cerca de três quartos do quarteirão, quando se seguia para o cruzamento e o sinal de trânsito apagado, a Rua Witcham estava bloqueada ao trânsito motorizado por recipientes para sinalização com fogo e quatro cavaletes alaranjados. Em cada cavalete estavam impressas as palavras **DEPARTAMENTO DE OBRAS PÚBLICAS DE DERRY**. Além deles, a chuva tinha escorrido das calhas, misturando-se a galhos, pedras e grandes pilhas pegajosas de folhas outonais. A princípio, a água fincara dedos no asfalto e então arrancara enormes pedaços vorazmente — tudo isto por volta do terceiro dia de chuva. Lá pela tarde do quarto dia, pedaços ainda maiores da pavimentação eram empurrados pelo cruzamento de Jackson com Witcham, parecendo balsas em miniatura. A esta altura, muita gente em Derry começava a fazer nervosas piadas sobre arcas. O Departamento de Obras Públicas conseguira manter aberta a Rua Jackson, mas a Witcham se tornara intransitável, a partir dos cavaletes e em toda a extensão para o centro da cidade.

Entretanto, concordavam todos em que o pior já passara. O Rio Kenduskeag subira até pouco abaixo de suas margens nos Barrens e apenas centímetros abaixo das laterais de concreto do Canal que o canalizava apertadamente, quando ele seguia pela zona comercial da cidade. Naquele momento, um bando de homens — tendo entre eles Zack

Denbrough, pai de George e de Bill — removiam os sacos de areia que haviam amontoado na véspera, com uma pressa movida pelo pânico. No dia anterior, uma inundação e fortes danos provocados pela enchente haviam parecido quase inevitáveis. Deus sabia que já acontecera antes — a enchente de 1931 tinha sido um desastre que custara milhões de dólares e quase duas dúzias de vidas. Isso acontecera há muito tempo, mas ainda existiam pessoas que se lembravam, para assustar as restantes. Uma vítima da enchente fora encontrada quarenta quilômetros a leste, em Bucksport. Os peixes haviam comido os olhos do infortunado cavalheiro, três dedos, o pênis e a maior parte do pé esquerdo. O que sobrara das mãos ainda agarrava um volante de Ford.Agora, contudo, o rio estava baixando e deixaria de ser uma ameaça quando estivesse pronta a nova represa em Bangor, rio acima. Ou, pelo menos era o que dizia Zack Denbrough, que trabalhava para a Hidrelétrica Bangor. Quanto ao resto... bem, futuras enchentes cuidariam de si mesmas. O principal era lidarem com a presente, conseguirem a volta da energia elétrica e depois esquecer tudo. Em Derry, tais esquecimentos de tragédia e desastre eram quase uma arte, como Bill Denbrough terminaria descobrindo, no correr do tempo.

George parou logo além dos cavaletes, na borda de uma funda ravina que havia sido cortada na superfície alcatroada da Rua Witcham. A ravina corria em uma linha quase perfeitamente diagonal. Terminava no outro lado da rua, a uns quarenta metros abaixo da colina em que ele agora se encontrava, para a direita. Ele riu alto — o som de um júbilo infantil do solitário e vivo corredor naquela tarde cinzenta — quando um fluxo de água movente levou seu barco de papel para uma corredeira em miniatura, formada pela brecha no asfalto. Impetuosa, a água cortara um canal que corria ao longo da diagonal, de maneira que o barco viajou de um lado a outro da Rua Witcham. A corrente era tão forte, que George precisou correr, para manter-se ao lado do barco. A água chapinhava de sob suas galochas, em chuveiros lamacentos. As fivelas das galochas tilintavam alegremente, enquanto George Denbrough corria para sua estranha morte. Naquele momento, a sensação que o invadiu, foi de claro e simples amor pelo irmão Bill... amor e certo remorso por ele não poder estar ali, para presenciar aquilo e ser parte da cena. Sem dúvida, tentaria descrevê-la para Bill quando voltasse, mas sabia ser impossível fazer Bill *vê-la,* da maneira como o irmão conseguiria *fazê-lo* ver, se as posições fossem invertidas. Bill era bom em leitura e escrita, mas, mesmo em *sua* idade, George era vivo o bastante para saber que não era essa a única razão de seu irmão ganhar todos aqueles "A" no boletim escolar ou dos professores apreciarem tanto suas composições. *Contar* era apenas parte da coisa. Bill era bom em *ver.*

O barco quase assobiou ao longo do canal diagonal — apenas uma página rasgada da seção de Classificados do *News* de Derry — mas agora George o imaginava um barco PT em um filme de guerra, como aqueles que às vezes via no Cinema Derry, ao lado de Bill, nas matinês de sábado. Um filme de guerra com John Wayne, lutando contra os japoneses. A proa do barco de papel salpicou água para cada lado, ao seguir rapidamente em frente, e então chegou à sarjeta do lado esquerdo da Rua Witcham. Naquele ponto, surgia acima da brecha no asfalto uma nova e pequena corrente, criando um torvelinho de tamanho razoável, e George pensou que o barco podia ser apanhado no redemoinho e emborcar. Ele se inclinou de maneira alarmante, mas então o menino exultou, ao vê-lo endireitar-se, virar e continuar descendo em direção ao cruzamento das ruas. George saltou para acompanhá-lo em sua corredeira. Acima de sua cabeça, uma forte rajada do vento de outubro sacudiu as árvores, agora quase inteiramente alijadas de sua carga de folhas coloridas, arrancadas pela tempestade que, nesse ano, havia sido uma ceifadora do tipo mais impiedoso.

2

Sentado na cama, com as faces ainda afogueadas de calor (a febre, no entanto, tinha finalmente recuado, como o Kenduskeag), Bill havia terminado o barco, mas o manteve fora de alcance, quando George quis pegá-lo.

— A-ago-gora, traga a p-p-parafina.

— O que é isso? Onde está?

— Na pra-prateleira da adega, pe-perto da escada — disse Bill. — Em uma caixa que t-tem um letreiro di-dizendo Gu-Gu-ulf... *Gulf.* Traga ela p-para cá, e uma faca e uma ti-tigela. E uma c-caixa de fó-fó-fósforos.

George tinha ido obedientemente apanhar essas coisas. Podia ouvir a mãe tocando piano, agora não mais *Für Elise,* e sim outra música de que ele não gostava tanto — algo que soava monótono e nervoso; podia ouvir a chuva tamborilando firmemente contra as janelas da cozinha. Estes eram sons confortáveis, mas a idéia da adega nada tinha de confortável. George tinha pavor da adega, odiava ir lá embaixo, porque sempre imaginava existir alguma coisa naquela escuridão. Era tolice, naturalmente. Seu pai e sua mãe diziam que era e — ainda mais importante — *Bill* tinha dito que era, mas mesmo assim...

Ele nem ao menos gostava de abrir a porta para acender a luz, já que sempre imaginava — era tanta idiotice, que não tinha coragem de contar a ninguém — que enquanto tateava buscando o interruptor, alguma horrível garra de unhas compridas pousaria de leve em seu pulso...depois o puxando para a escuridão com cheiro de terra, de molhado e de plantas podres.

Idiota! Não havia coisas com garras, coisas peludas e cheias de baba mortal. De vez em quando, alguém ficava doido e matava um bocado de gente — Chet Huntley às vezes falava sobre isso, no noticiário da noite — e, claro, havia comunistas, mas na adega daquela casa não vivia nenhum monstro pavoroso. De qualquer modo, a idéia permanecia em sua mente. Naqueles momentos intermináveis em que buscava o interruptor com a mão direita (enquanto a esquerda aferrava a moldura da porta, com espantosa pressão), aquele cheiro da adega parecia intensificar-se, até inundar o mundo. Cheiros de terra, de molhado e de vegetais apodrecidos misturavam-se em outro cheiro de odor indiscutível e inevitável, o cheiro do monstro, da apoteose de todos os monstros. Era o cheiro de algo para o qual George não tinha um nome: o cheiro da Coisa, agachada e espreitando, pronta para saltar. Uma criatura que comia qualquer coisa, mas com especial apetite por carne de meninos.

Nessa manhã, ele tinha aberto a porta e procurado interminavelmente o interruptor, segurando o batente com a força costumeira, os olhos bem fechados, a ponta da língua assomando no canto da boca, à maneira de uma radícula agonizante, buscando água em local árido. Engraçado? Claro! Pode apostar! *Vejam só o Georgie! Georgie tem medo do escuro! Bebezinho!*

O som do piano vinha do que seu pai chamava sala de estar e sua mãe chamava sala de visitas. Parecia música de outro mundo, muito distante, da maneira como conversas e risos em uma praia apinhada de gente no verão, parecem soar a um nadador exausto que luta contra o recuo das ondas.

Seus dedos encontraram o interruptor! Ah!

Fizeram pressão...

...e nada. Não houve luz.

Oh, droga! Não havia energia elétrica!

George puxou o braço rapidamente, como se o tirasse de uma cesta repleta de cobras. Recuou da porta aberta da adega, com o coração disparando no peito. Não havia energia elétrica, lógico — ele tinha esquecido disso. Que horror! E agora? Deveria voltar e dizer a Bill que não pudera apanhar a caixa de parafina porque estavam sem luz e ele tinha medo de que algo o pegasse nos degraus da adega, algo que não era um comunista ou um maníaco assassino, mas uma criatura muito pior do que qualquer um dos dois? Dizer a Bill que aquilo faria deslizar parte de seu eu apodrecido por entre os degraus e agarrar seu tornozelo? Seria demais, não? Outros poderiam rir dessa fantasia, mas não Bill. Bill ficaria danado da vida. Bill diria: "Cresça, Georgie... afinal, você quer o barco ou não?"

Como se tal pensamento fosse uma deixa, Bill gritou do quarto:

— Você m-morreu aí emb-baixo, Ge-Georgie?

— Não, já estou indo, Bill! — gritou George em resposta, imediatamente. Esfregou os braços, tentando eliminar a pele encaroçada pelos arrepios, deixá-la novamente lisa. — Só parei para beber água.

— A-ande logo c-com isso!

Assim, ele desceu os quatro degraus até a prateleira da adega, o coração como um martelo aquecido batendo em sua garganta, os cabelos da nuca em posição de sentido, os olhos arregalados, as mãos frias, certo de que a qualquer momento a porta da adega se fecharia sozinha, eliminando a claridade suave que se filtrava pelas janelas da cozinha. Então, ele ouviria A Coisa, algo pior do que todos os comunistas e assassinos do mundo, pior do que os japoneses, pior do que Átila o Huno, pior do que tudo em cem filmes de horror. A Coisa! Rosnando soturnamente — ele ouviria os grunhidos, naqueles lunáticos segundos antes que ela o pegasse em um salto, arrancando-lhe os intestinos.

O cheiro da adega estava pior do que nunca, por causa da enchente. A casa situava-se na parte alta da Rua Witcham, perto do cimo da colina, de maneira que haviam escapado ao pior da inundação, porém ali dentro havia água estagnada, infiltrada através dos antigos alicerces rochosos. Era um cheiro penetrante e desagradável, fazendo com que se respirasse apenas em haustos curtos.

George esquadrinhou por entre a miscelânea da prateleira, o mais depressa que pôde — velhas latas de graxa para sapatos e trapos para poli-la, um lampião de querosene quebrado, duas garrafas quase vazias de Windex, uma velha lata achatada de cera Tartaruga. Por algum motivo, a lata chamou sua atenção e, por quase trinta segundos, ficou olhando para a tartaruga estampada na tampa, com uma espécie de êxtase hipnótico. Então, afastou-a para trás... e lá estava, finalmente, uma caixa quadrada, tendo impressa a palavra *GULF*.

George agarrou-a e subiu a escada correndo, o mais depressa que pôde, subitamente cônscio de que a aba da camisa estava fora de calça e subitamente certo de que isso seria a sua desgraça: a coisa na adega permitiria que ele chegasse quase ao fim da escada, para então agarrá-lo pela aba da camisa, puxá-lo para baixo e...

Chegou à cozinha e fechou com força a porta da adega, que bateu estrondosamente. Encostado à madeira, de olhos fechados, ele sentia o suor escorrer-lhe pelos braços e testa, com a caixa de parafina apertada entre os dedos.

O piano havia parado e a voz de sua mãe flutuou até ele:

— Georgie, não pode bater essa porta com mais força, da próxima vez? Se experimentasse com vontade, talvez conseguisse quebrar alguns pratos do aparador!

— Desculpe, mãe! — gritou ele em resposta.

— Georgie, seu bosta! — disse Bill do quarto, falando tão baixo, que a mãe não poderia ouvi-lo.

George deu uma risadinha abafada. Seu medo já se fora, abandonara-o com a mesma facilidade do pesadelo que se encerra para o homem quando acorda, suando frio e ofegante, mas por fim livre; alguém que apalpa o corpo e olha em volta, certificando-se de que nada daquilo aconteceu, e que então começa rapidamente a esquecer tudo. Quando seus pés tocam o chão, metade do pavor já desapareceu; três quartos acabam quando ele emerge do chuveiro e começa e enxugar-se; tudo lhe some da mente assim que encerra o desjejum. Tudo... até a próxima vez quando, nas garras do pesadelo, serão recordados os medos totais.

Aquela tartaruga, pensou George, caminhando para a gaveta da cozinha, onde eram guardados os fósforos. *Onde foi que já vi aquela tartaruga antes!*

Entretanto, nenhuma resposta lhe veio e ele encerrou a questão.

Pegou uma caixa de fósforos na gaveta, uma faca no compartimento de talheres (afastando cautelosamente do corpo o lado cortante, como o pai ensinara) e uma pequena tigela no aparador da sala de refeições. Então, retornou ao quarto de Bill.

— Q-que c-cu você é, Ge-georgie! — disse Bill, com a amabilidade suficiente.

Afastou para trás um bocado do arsenal para doentes em sua mesa-de-cabeceira: um copo vazio, um jarro de água, lenços de papel, livros, um frasco de Vick Vaporub — cujo cheiro Bill associaria pelo resto da vida a peitos encatarrados e narizes escorrendo. O velho rádio Philco estava ali também, transmitindo não Chopin ou Bach, mas uma melodia de Little Richard... bem baixinho, na verdade tão baixinho que a Little Richard era roubado todo o seu puro e elementar potencial. A mãe deles, que estudara música erudita em Juilliard, não gostava de *rock and roll*. Ela não apenas detestava, mas abominava tal espécie de ritmo.

— Não sou nenhum cu — disse George.

Sentado na beira da cama de Bill, ele arrumava na mesinha-de-cabeceira as coisas que havia levado para o quarto.

— Claro que é! — replicou Bill. — Você não passa de um grande cu marrom!

George tentou imaginar um garoto que não fosse nada mais além de um grande cu sobre pernas, e começou a dar risadinhas contidas.

— Seu cu é maior do que *Augusta* — disse Bill, também prorrompendo em risadinhas idênticas.

— E o *seu* é maior do que o *Estado* inteiro! — revidou George.

Isto fez com que ambos caíssem em risadas por quase dois minutos.

Seguiu-se uma conversa cochichada, do tipo que pouco significa para alguém mais, exceto meninos pequenos: acusações sobre quem era o maior eu, quem *tinha* o maior eu, que eu era o mais marrom, e aí por diante. Finalmente, Bill disse uma das palavras proibidas — acusou George de ser um grande eu marrom *cagado* — e os dois riram a valer. O riso de Bill terminou transformando-se em um acesso de tosse. Quando afinal pareceu acalmar-se (a esta altura, seu rosto adquirira uma tonalidade arroxeada, que George observou com certo alarma), o piano tornou a parar. Os dois olharam na direção da sala da visitas, esperando ouvir a banqueta do piano ser arrastada para trás, esperando ouvir os passos impacientes da mãe. Bill enterrou a boca na dobra do cotovelo, sufocando as últimas expectorações, ao mesmo tempo em que apontava para o jarro. George encheu-lhe um copo d'água, que ele bebeu até o fim.

O piano recomeçou — *Für Elise* outra vez. Bill Gaguinho nunca esqueceu essa peça e, muitos anos depois, ela sempre lhe provocava arrepios nos braços e costas; seu coração quase parava, enquanto recordava: *Mamãe tocava isso, no dia em que Georgie morreu.*

— Você ainda vai tossir mais, Bill?

— Não.Bill puxou um lenço de papel da caixa, produziu um som rascante no peito, cuspiu fleuma no lenço, amassou-o e jogou na cesta de papéis junto da cama, já cheia de embolados similares de lenços. Então, abriu a caixa de parafina e deixou cair um cubo ceroso do material em sua palma. George observou-o detidamente, mas sem falar ou fazer perguntas. Bill não gostava de ouvi-lo falar quando estava ocupado, mas George aprendera que, se apenas ficasse de boca fechada, em geral o irmão explicava o que fazia.

Bill usou a faca para retirar um pequeno pedaço do cubo de parafina. Colocou o pedaço na tigela, depois acendeu um fósforo e o pousou sobre a parafina. Os dois meninos ficaram espiando a pequena chama amarela, enquanto o vento agonizante jogava a chuva contra a janela, em rajadas ocasionais.

— Isso deixará o barco à prova d'água, para que não fique molhado e afunde — disse Bill.

Quando estava com George, gaguejava apenas ligeiramente — às vezes nem ao menos gaguejava. Na escola, contudo, a gagueira piorava tanto, que era impossível travar conversa com alguém. A comunicação cessava e os colegas desviavam os olhos, enquanto Bill se aferrava às laterais da carteira, o rosto ficando quase tão vermelho quanto o cabelo, os olhos apertados em duas fendas, se tentava expulsar alguma palavra de sua garganta teimosa. Por vezes — na maioria delas — a palavra saía. Em outras, era simplesmente impossível. Bill havia sido atropelado por um carro quando tinha três anos e jogado contra o lado de um prédio; ficara inconsciente por sete horas. Segundo sua mãe, o acidente é que lhe provocara a gagueira. Às vezes, George tinha a impressão de que seu pai — e o próprio Bill — não pareciam muito convencidos disso.

O pedalo de parafina na tigela já se derretera quase todo. A chama do fósforo diminuía, ficando azulada ao queimar a haste de papelão. Depois apagou-se. Bill enfiou o dedo no líquido, puxando-o bruscamente com um fraco assobio. Sorriu para George, como que se desculpando.

— Está pelando — disse.

Após alguns segundos, tornou a enfiar o dedo e começou a espalhar a cera ao longo dos lados do barco, onde ela rapidamente secou, ficando com aparência leitosa.

— Posso fazer também? — perguntou George.

— Pode, mas não deixe cair nada nas cobertas, ou mamãe mata você.

George meteu o dedo na parafina, ainda bem quente, mas não quentíssima, começando a espalhá-la na outra lateral do barco.

— Não ponha tanto, seu eu! — disse Bill. — Quer que o barco afunde, em sua primeira viagem?

— Desculpe.

— Está bem. Apenas, v-vá com calma.

George terminou o outro lado, depois manteve o barco nas mãos. Estava um pouco pesado, mas não demais.

— Legal — disse. — Vou sair e fazer ele boiar.

— Claro, vá mesmo — disse Bill.

Parecia subitamente cansado — cansado e não muito bem disposto.

— Eu gostaria que você fosse também — disse George.

Era sincero. Bill costumava ficar mandão depois de algum tempo, mas era sempre quem tinha as melhores idéias, ao passo que as dele raramente davam certo.

— Na verdade, o barco é seu — acrescentou George.

— Sim, eu bem que gostaria de ir — disse Bill, desanimado.

— Bem... — George passou o peso do corpo de um pé para outro, com o barco nas mãos.

— Vista sua capa de chuva — disse Bill, — ou acabará re-resfriado como eu. Enfim, talvez fique assim mesmo, por causa de meus m-micróbios.

— Obrigado, Bill. É um barco e tanto.

Então, George fez algo que há muito não fazia, algo que Bill jamais esqueceu: inclinando-se, beijou o rosto do irmão.

— Agora é que você vai mesmo pegar meu resfriado, seu eu — disse Bill, mas parecia satisfeito. Sorriu para George. — Não esqueça de botar tudo isso no lugar outra vez. Ou mamãe terá uma c-criança.

— Claro.

George pegou o equipamento à prova d'água e cruzou o quarto, levando o barco precariamente equilibrado em cima da caixa de parafina que, por sua vez, assentava-se oblíqua na tigelinha.

— Ge-Ge-Georgie?

George se virou e olhou para o irmão.

— Tome c-cuidado.

Eu tomo. — Sua testa se franziu ligeiramente. Aquilo era algo que sua mãe costumava dizer, não o irmão mais velho. Também era estranho ele havê-lo beijado. — Claro que tomo. Saiu do quarto. Bill nunca mais o viu.

3

Agora, ali estava ele, perseguindo seu barco que descia pelo lado esquerdo da Rua Witcham. Corria depressa, mas a água era ainda mais rápida e seu barco avançava velozmente. Ouviu um forte rugido e viu que, cinqüenta metros além, na descida da ladeira, a água na sarjeta encachoeirava-se para um bueiro que ainda estava aberto. Era um comprido semicírculo escuro, recortado na cantaria e, enquanto George espiava, um galho solto, de casca tão escura e lustrosa como pele de foca, foi abocanhado pelo bueiro. Pairou sobre ele um instante e depois deslizou para o interior. E era para lá que o barco se encaminhava.

— Oh, que droga, que droga! — gritou ele, agoniado.

George acelerou a corrida e, por um momento, pensou que alcançaria o barco. Então, um de seus pés escorregou e ele caiu, escarrapachado, esfolando um joelho e gritando de dor. De sua nova perspectiva, ao nível do piso da rua, viu seu barco balançar duas vezes, momentaneamente apanhado por outro redemoinho, para em seguida desaparecer.

— Droga e *droga*! — tornou a gritar, dando um soco no chão. Isso também doeu e ele começou a chorar um pouco. Que maneira imbecil de perder o barco! Levantando-se, caminhou até o bueiro. Ficou de joelhos e espiou. A água fazia um ruído surdo e oco, ao despencar nas profundezas escuras. Era um som esquisito. Fez com que ele se lembrasse de...

— Huh!

O som pareceu ser arrancado de sua garganta, como que em uma fieira, e ele encolheu-se. Havia olhos amarelos lá dentro: o tipo de olhos que sempre imaginara no porão, mas que nunca vira. *É um animal,* pensou incoerentemente, *é isso aí, um animal, talvez algum gato, que ficou preso lá dentro.*

Ainda assim, ele estava pronto para correr — *correria* em mais um ou dois segundos, quando seu painel mental de instrumentos houvesse manejado o choque recebido por aqueles dois brilhantes olhos amarelos. George sentiu a superfície áspera do asfalto debaixo dos dedos e a fina camada de água fria fluindo por entre eles. Viu-se ficando em pé e recuando, mas foi então que uma voz — uma voz perfeitamente razoável e bem agradável — falou com ele, saindo de dentro do bueiro.

— Oi, Georgie!

George piscou e tornou a olhar. Mal podia crer no que via. Era como algo de uma história inventada ou de um filme onde sabemos que os animais falarão e dançarão. Se ele fosse dez anos mais velho, não acreditaria no que viam seus olhos. Entretanto, não tinha dezesseis anos, tinha apenas seis.

Havia um palhaço no bueiro. A claridade lá dentro mal permitia enxergar, mas era suficiente para dar a George Denbrough a certeza daquilo que via. Era um palhaço, como no circo ou na TV. De fato, ele parecia um cruzamento entre Bozo e Clarabell, que falava apertando a buzina dele (ou seria dela? — George nunca tivera certeza total do gênero) em *Howdy Doody,* nas manhãs de sábado. Buffalo Bob era o único que podia entender Clarabell, e isso sempre deixara George perplexo. O rosto do palhaço no bueiro era branco, havia engraçados tufos de cabelo vermelho a cada lado da cabeça careca e um enorme sorriso de palhaço pintado na boca. Se George estivesse vivendo um ano mais tarde, certamente pensaria em Ronald McDonald, antes de Bozo ou Clarabell.

O palhaço tinha em uma das mãos um punhado de bolas de gás, em todas as cores, como frutos maduros. Na outra, segurava o barco de papel de George.

— Quer o seu barco, Georgie? — perguntou o palhaço, sorrindo. George sorriu para ele. Não podia conter-se. Era o tipo de sorriso que convida a uma resposta igual.

— Claro que quero — respondeu. O palhaço riu.

— "Claro que quero!" Isso é *bom*! É *muito* bom! E que tal uma bola?

— Bem... claro! — George estendeu a mão... e então tornou a puxá-la, relutante. — Não devo aceitar coisas de estranhos. Foi meu pai que disse.

— Seu pai é muito sabido — disse o palhaço do bueiro, sorrindo.

Como é que pude achar os olhos dele amarelos? - Perguntou-se George. Eram azuis, de um azul vivo e dançante, a cor dos olhos de sua mãe e de Bill.

— Muito sabido mesmo — continuou o palhaço. — Então, eu preciso apresentar-me. Eu sou o Sr. Bob Gray, Georgie, também conhecido como Parcimonioso, o Palhaço Bailarino. Parcimonioso, apresento-lhe George Denbrough. George, apresento-lhe Parcimonioso. Agora, já nos conhecemos. Não sou mais um estranho para você e nem você é um estranho para mim. Certo?

George deu uma risadinha sufocada.

— Acho que sim. — Tornou a estender a mão... e novamente a puxou. — Como é que você foi parar aí embaixo?

— Foi o vento da tempestade que me arrastou para cá — disse Parcimonioso, o Palhaço Bailarino. — Ele também arrastou o circo inteiro. Pode sentir o cheiro do circo, Georgie?

George inclinou-se para diante. De repente, sentia cheiro de amendoim! Cheiro de amendoim torrado! E de vinagre! Daquele vinagre branco, do tipo que se coloca nas batatas fritas, por um buraco na tampa! Sentia o cheiro de algodão-doce, de biscoitos fritos... e aquele outro, fraco, mas nojento odor de excremento de animais selvagens. Podia também sentir o cheiro gostoso da serragem espalhada pelo chão. E, no entanto...

No entanto, por sob tudo aquilo, havia o cheiro da enchente e de folhas

apodrecidas, de sombras escuras de bueiros. Um cheiro molhado e decomposto. O cheiro da adega.

Os outros cheiros, no entanto, eram mais fortes.

— Pode apostar que sinto — respondeu George.

— Você quer o seu barco, Georgie? — perguntou Parcimonioso. — Só estou repetindo a pergunta, porque você não me parece muito ansioso.

O palhaço ergueu o barco, sorridente. Usava uma roupa frouxa de seda, com grandes botões cor de laranja. Uma berrante gravata azul-elétrico pendia em sua frente e ele calçava enormes luvas brancas, do tipo que Mickey Mouse e o Pato Donald sempre usavam.

— É claro que eu quero — disse George, olhando dentro do bueiro.

— E uma bola de gás? Tenho vermelhas, verdes, amarelas e azuis...

— Elas flutuam?

— Se flutuam? — O sorriso do palhaço alargou-se. — É claro que sim! Elas flutuam! Também há algodão-doce...

George estendeu a mão.

O palhaço agarrou-lhe o braço. Então, George viu a modificação no rosto do palhaço.

O que viu era tão terrível, que transformava em doces sonhos o que imaginava de pior sobre a aparência da coisa na adega. O que viu destruiu sua lucidez em uma aterradora fração de segundo.

— Elas *flutuam* — cantarolava a coisa no esgoto, em uma voz debochada e amortecida.

Ela continuou aferrada ao braço de George, em um aperto forte e pegajoso, puxando-o para aquela terrível escuridão, onde a água corria, rugia e uivava, enquanto levava para o mar sua carga de destroços da tempestade. George esticou o pescoço, procurando escapar àquela escuridão definitiva e começou a gritar dentro da chuva, a gritar irracionalmente para o branquicento céu de outono que se encurvava acima de Derry, naquele dia de 1957. Seus gritos eram agudos e penetrantes, atraindo os moradores da Rua Witcham, acima e abaixo da ladeira, fazendo com que todos chegassem às janelas ou corressem para as portas.

— Elas *flutuam* — grunhiu a coisa, — *elas flutuam,* Georgie, e você flutuará também, quando estiver comigo aqui embaixo...

O ombro de George arremessou-se contra o cimento do meio-fio e Dave Gardener, que naquele dia não fora trabalhar no *The Shoeboat*, a sapataria, por causa da enchente, viu apenas um garotinho de impermeável amarelo, um menininho que gritava e se contorcia no bueiro, com água lamacenta passando em ondas sobre seu rosto e lhe tornando os gritos borbulhantes.

— Tudo aqui embaixo *flutua* — sussurrou aquela voz escarninha e apodrecida.

De repente, houve um ruído de coisa se rompendo, uma lâmina ofuscante de agonia, e George Denbrough de nada mais soube.

Dave Gardener foi o primeiro a chegar lá e, embora acudisse apenas quarenta e cinco segundos após o primeiro grito, George Denbrough já estava morto. Gardener agarrou-o pelas costas do impermeável, puxou-o para a rua... e também começou a gritar, quando o corpo de George girou em suas mãos. O lado esquerdo do impermeável do garoto estava lavado em vivo sangue vermelho. Fluía sangue para o bueiro, escorrendo do buraco dilacerado em que estivera o braço esquerdo. Um pedaço de osso, terrivelmente brilhante, assomava através de um furo no impermeável.Os olhos do menino fitavam o céu branco e, quando Dave caminhou aos tropeções na direção dos

outros que já desciam a rua correndo atabalhoadamente, eles começaram a encher-se de chuva.

4

Em algum ponto abaixo, no bueiro que já se enchera até quase esgotar sua capacidade, amontoando detritos (não poderia haver ninguém lá embaixo, declararia mais tarde o xerife do condado a um repórter do *News* de Derry, com tão vasta fúria frustrada, que era quase agonia; o próprio Hércules teria sido arrastado pela potência da enxurrada), o barco de jornal de George disparou para diante, através de câmaras noturnas e compridos túneis concretados, que rugiam e bimbalhavam com água. Por algum tempo, ele avançou pescoço-a-pescoço com uma galinha morta, esta flutuando com os pés amarelados e reptilianos apontados para o teto gotejante. Então, em alguma junção a leste da cidade, a galinha foi sorvida para a esquerda, enquanto o barco de George seguia em frente.

Uma hora mais tarde, a mãe de George estava sendo sedada na Sala de Emergência do Hospital de Derry. Enquanto Bill Gaguinho permanecia atônito e pálido em sua cama, ouvindo os soluços roucos do pai na sala de visitas, onde sua mãe estivera tocando *Für Elise* na hora em que Georgie saíra, o barco foi expelido através de uma fenda no concreto, à maneira de uma bala disparada do cano de uma arma, passando a correr velozmente por um canal de descarga, até uma corrente sem nome. Quando esta se juntou ao inchado e fervente Rio Penobscot, vinte minutos mais tarde, começavam a aparecer no céu as primeiras estrias azuladas. A tempestade terminara.

O barco adernava e dançava, às vezes enchendo-se de alguma água, mas sem afundar; os dois irmãos o haviam calafetado muito bem. Não sei aonde ele finalmente foi parar, se é que chegou a isso; talvez tenha chegado ao mar e navegado lá para sempre, como um barco mágico em um conto de fadas. Sei apenas que continuava flutuando e ainda corria sobre o volumoso seio da enchente, quando cruzou os limites da cidade de Derry, no Maine, e então saiu para sempre desta história.

CAPÍTULO 2

Após o festival (1984)

1

O motivo pelo qual Adrian usava o chapéu, segundo seu soluçante amigo mais tarde contaria à polícia, era porque o tinha ganho na barraca de "Jogue Até Você Ganhar", na feira de diversões no Parque Bassey, apenas seis dias antes de morrer. Ele tinha orgulho do chapéu.

— Ele o usava porque *amava* esta cidadezinha de merda! — o amigo, Don Hagarty, gritou para os tiras.

— Ora, ora... não precisa usar esse tipo de linguagem — disse o agente Harold Gardener.

Harold Gardener era um dos quatro filhos de Dave Gardener. Naquele dia em que seu pai descobrira o corpo sem vida e maneta de George Denbrough, Harold Gardener tinha cinco anos. Agora, quase vinte e sete anos depois, ele estava com trinta e dois, começando a ficar careca. Harold Gardener compreendia o pesar e a dor de Don Hagarty mas, ao mesmo tempo, achava impossível levar aquilo a sério. O homem — caso se pudesse chamá-lo de homem — usava batom e calças de cetim tão justas, que quase se podia contar as rugas de seu pau. Com ou sem pesar, com ou sem dor, afinal de contas ele não passava de um homossexual. Como seu amigo, o falecido Adrian Mellon.

— Vamos revisar tudo novamente — disse Jeffrey Reeves, o companheiro de Harold. — Vocês dois saíram do Falcon e se encaminharam para o Canal. E depois?

— Quantas vezes vou ter que contar, seus idiotas? — Hagarty ainda estava chorando. — Eles o mataram! Empurraram-no pela borda! Para eles, foi apenas mais um dia na Cidade dos Machos! Don Hagarty começou a soluçar.

— Mais uma vez — repetiu Reeves, pacientemente. — Vocês saíram do Falcon. E depois?

2

Em uma sala de interrogatório, logo além do saguão, dois tiras de Derry falavam com Steve Dubay, dezessete anos; no gabinete do Encarregado da Condicional, no andar de cima, outros dois interrogavam John Garton, o "Teia de Aranha", de dezoito anos; e no gabinete do Chefe de Polícia, no quinto andar, o Chefe Andrew Rademacher e Tom Boutillier, assistente do promotor distrital, interrogavam Christopher Unwin, de quinze anos. Unwin usava jeans desbotados, uma camiseta suja de graxa, botas de engenheiro com solado grosso, e estava chorando. Rademacher e Boutillier o tinham levado para lá, após estarem convictos de que Unwin era o elo fraco da corrente.

— Vamos repetir tudo — disse Bouttillier, no momento em que Jeffrey Reeves dizia o mesmo, alguns pavimentos abaixo.

— Nós não queríamos matá-lo — balbuciou Unwin. — Foi aquele chapéu. Não podíamos acreditar que ele continuasse a usá-lo, depois do que... depois do que Teia de Aranha disse. Bem, acho que a gente queria assustá-lo.

— Pelo que ele tinha dito? — perguntou o Chefe Rademacher.

— Isso mesmo.

— A John Garton, na tarde do dia 17?

— Foi, a Teia de Aranha. — Unwin prorrompeu em novas lágrimas. — Ora, a gente tentou salvá-lo, quando vimos que estava em apuros... pelo menos, eu e Stevie Dubay tentamos... não queríamos *matá-lo.*

— Vamos, Chris, não nos venha com lorotas — disse Boutillier. — Vocês jogaram a bicha no Canal!

— Certo, mas...

— E os três então vieram esclarecer as coisas. Eu e o Chefe Rademacher apreciamos muito tal atitude, não é mesmo, Andy?

— Sem dúvida. Um sujeito precisa ser muito homem para confessar o que fez, Chris.

— Portanto, não se encrenque todo, mentindo agora. Vocês quiseram jogá-lo no Canal, assim que o viram saindo do Falcon com o amiguinho bicha, não foi?

— Não! — protestou Chris Unwin, veementemente.

Boutillier pegou um maço de Marlboro no bolso da camisa e enfiou um cigarro na boca. Ofereceu o maço a Unwin.

— Cigarro?

Unwin pegou um. Boutillier precisou perseguir a ponta do cigarro com o fósforo, a fim de acendê-lo, pois a boca de Unwin não parava de tremer.

— E foi quando o viram usando o chapéu? — perguntou Rademacher. Unwin inalou fundo, baixou a cabeça para que os cabelos oleosos lhe caíssem nos olhos e então expeliu a fumaça pelo nariz salpicado de cravos negros.

— Foi — respondeu ele, quase baixo demais para ser ouvido. Boutillier inclinou-se para diante, com os olhos castanhos cintilando. Seu rosto era predatório, mas a voz estava suave.

— Como, Chris?

— Eu disse foi. Acho que sim. Queríamos jogá-lo, mas não matá-lo.

Ele ergueu o rosto, com expressão frenética e miserável, ainda incapaz de entender as formidáveis mudanças acontecidas em sua vida, desde que saíra de casa, na véspera, para a última noite do Festival do Canal de Derry, com dois companheiros, às dezenove e trinta da noite anterior.

— Não para matá-lo! — repetiu. — E aquele sujeito debaixo da ponte... *Ainda* não sei quem era *ele.*

— Que sujeito? — perguntou Rademacher, sem grande interesse. Tinham ouvido este trecho antes, sem que nenhum deles acreditasse.

— cedo ou tarde, homens acusados de homicídio em geral apelam para aquele outro sujeito misterioso. Boutillier, inclusive, tinha um termo para isso: era a "Síndrome do homem de um só braço", evocando a antiga série televisada *O Fugitivo.*

— O sujeito vestido de palhaço — disse Chris Unwin, e estremeceu.

— O sujeito com as bolas de gás.

3

O Festival do Canal, que acontecera de 15 a 21 de julho, havia sido um estrondoso sucesso, segundo concordava a maioria dos habitantes de Derry: uma grande coisa para o moral da cidade, sua imagem... e sua carteira de notas. O festival, com duração de uma semana, tinha a finalidade de comemorar o centenário de abertura do Canal que varava o meio do centro comercial. Aquele canal é que abrira Derry inteiramente ao comércio madeireiro, de 1884 a 1910; ali haviam-se originado os anos de progresso para a cidade.

Derry ataviou-se de norte a sul e de leste a oeste. Buracos que, conforme alguns moradores juravam, não recebiam remendos há dez anos, agora estavam perfeitamente recheados de asfalto e de superfície alisada. Os edifícios haviam sido remobiliados por dentro e repintados por fora. No Parque Bassey, os piores graffitis — inúmeros sendo frias e lógicas declarações contra os *gays* (como MATEM TODAS AS BICHAS e A AIDS VEM DE DEUS, HOMOSSEXUAIS DO DEMÔNIO!) — haviam sido apagados a jatos de areia, nos bancos e paredes de madeira do pequeno corredor coberto sobre o Canal, conhecido como Ponte dos Beijos.

Em três lojas vazias no centro da cidade, fora instalado um Museu do Canal, que reunia uma infinidade de artigos expostos por Michael Hanlon, um bibliotecário e historiador amador local. As famílias mais antigas da cidade emprestaram seus mais preciosos tesouros e, durante a semana do festival, quase quarenta mil visitantes pagaram vinte e cinco centavos cada, para verem menus de hospedarias dos anos 90 do século passado, cabeços, machados e alavancas de madeireiros da década de 80 do mesmo século, brinquedos de crianças dos anos 20 e mais de duas mil fotos e nove rolos de filmes, mostrando como havia sido Derry nos últimos cem anos.

O museu foi patrocinado pela Sociedade das Senhoras de Derry, as quais vetaram algumas das exposições propostas por Hanlon (como a notória cadeira-do-vagabundo dos anos 30) e fotografias (como as do Bando de Bradley, após o notório tiroteio). Entretanto, concordaram todos em que havia sido um grande sucesso e, de fato, ninguém tinha grande interesse em ver aquelas sanguinolentas velharias. Era bem melhor acentuar o positivo e eliminar o negativo, como dizia a antiga canção.

No Parque Derry, fora montada enorme tenda listrada para refrescos e a cada noite havia bandas para concertos. No Parque Bassey instalou-se um parque de diversões, o Smokey's Greater Shows, com jogos dirigidos por gente do lugar. Um bonde especial circulava de hora em hora pelas zonas históricas da cidade, terminando na espaventosa e convidativa máquina de cunhar dinheiro.

Foi onde Adrian Mellon ganhou o chapéu que o levaria à morte, a cartola de papel com a flor e a faixa tendo escrito EU ♥ DERRY!

4

— Estou cansado — disse John Garton "Teia de Aranha". Como seus dois amigos, vestia uma imitação inconsciente de Bruce Springsteen, embora, se lhe perguntassem, talvez chamasse Springsteen de chato ou antiquado, em vez disto professando admiração por grupos de *heavy-metal que* eram "um barato", como Def Leppard, Twisted Sister ou Judas Priest. As mangas de sua camiseta toda azul haviam sido arrancadas, exibindo braços fortemente musculosos. Sua espessa cabeleira castanha lhe caía sobre um olho — este toque era mais para John Cougar Mellencamp do que para Springsteen. Havia tatuagens azuis em seus braços — símbolos arcanos, que pareciam ter sido desenhados por uma criança.

— Não quero mais falar — acrescentou Garton.

— Conte-nos apenas sobre a tarde de terça-feira, no parque de diversões — pediu Paul Hughes.

Hughes estava cansado, chocado e desanimado com toda aquela sórdida história. Pensou novamente que era como se o Festival do Canal de Derry fosse encerrado com um evento final de certa forma já do conhecimento de todos, mas que ninguém ousara registrar no Programa de Eventos Diários. Então, o programa ficaria mais ou menos assim:

Sábado: 21:00h: Concerto final, pela Banda do Ginásio de Derry e Barbearia de Mello-Men.

Sábado: 22:00h: Queima gigantesca de fogos de artifício.

Sábado: 22:35h: Sacrifício ritual de Adrian Mellon, encerrando oficialmente o Festival do Canal.

— A feira que se dane! — replicou Teia de Aranha.

— Apenas o que você disse a Mellon e o que ele lhe disse.

— Oh, Cristo! — suspirou Teia de Aranha, girando os olhos.

— Vamos, Teia de Aranha! — insistiu o companheiro de Hughes. Teia de Aranha rolou os olhos e começou outra vez.

5

Garton avistou os dois — Mellon e Hagarty — caminhando afetada-mente, com os braços passados um na cintura do outro, e dando risadinhas como duas garotas. A princípio, ele chegou a pensar que *eram* duas garotas. Então reconheceu Mellon, que já lhe tinha sido apontado antes. Enquanto espiava, viu Mellon se virar para Hagarty... e os dois se beijaram brevemente.

— Céus, eu vou latir! — exclamou Teia de Aranha, desgostoso.

Chris Unwin e Steve Dubay estavam com ele. Quando Teia de Aranha apontou para Mellon, Steve Dubay disse achar que a outra bicha se chamava Don-qualquer-coisa e que pegara um garoto do Ginásio de Derry pedindo carona, havendo tentado algumas liberdades com ele.

Mellon e Hagarty começaram a aproximar-se novamente dos três rapazes, afastando-se da barraca de "Jogue Até Você Ganhar", em direção à saída do parque de diversões. Garton Teia de Aranha mais tarde diria aos agentes Hughes e Conley que seu "orgulho cívico" ficara ferido ao ver uma bicha asquerosa usando um chapéu que dizia EU

♥ DERRY Aquele chapéu era uma coisa idiota — uma imitação de cartola em papel, com uma enorme flor espetada no alto, gingando para todas as direções. A idiotice do chapéu, aparentemente, ferira ainda mais o orgulho cívico de Teia de Aranha.

Quando Mellon e Hagarty passaram, um ainda com o braço na cintura do outro, Garton Teia de Aranha gritou:

— Eu devia fazer você *comer* esse chapéu, seu cretino!

Mellon se virou para Garton, bateu os olhos de maneira flertista e disse:

— Se está querendo comer alguma coisa, meu bem, posso arranjar algo *muito* mais gostoso do que meu chapéu.

A esta altura, Garton Teia de Aranha decidiu que daria outro formato à cara da bicha. Na geografia do rosto de Mellon surgiriam montanhas e continentes afundariam. *Ninguém* sugeria que ele chupasse um pau. *Ninguém.*

Começou a caminhar para Mellon. Hagarty, o amigo de Mellon, ficou alarmado e tentou arrastar o companheiro dali, mas este permaneceu firme onde estava, sorrindo. Mais tarde, Garton diria aos agentes Hughes e Conley, que Mellon lhe parecera dopado por alguma coisa. Claro que estava, e Hagarty concordou, quando a idéia lhe foi passada pelos agentes Gardener e Reeves. Seu amigo estivera dopado com dois biscoitos fritos e cobertos de mel, no parque de diversões, o dia inteiro. Por conseguinte, era incapaz de perceber a verdadeira ameaça que Garton Teia de Aranha representava.

— Só que Adrian era assim — disse Don, usando um lenço de papel para enxugar os olhos e borrando ainda mais a sombra cintilante que usava. Ele parecia não entender muito de colorações. — Adrian era um desses tolos sempre achando que, no fim, tudo dá certo.

Adrian Mellon podia ter acabado levando a pior, se Garton não sentisse alguém tocando seu cotovelo. Virando-se, viu o policial Frank Machen, outro membro dos Melhores de Derry, cutucando-o com o cassetete.

— Vamos com calma, meu chapinha — disse Machen. — Cuide de sua vida e deixe essas bichinhas em paz. Procure divertir-se.

— Não ouviu do que ele me chamou? — perguntou Garton, esquentado.

Unwin e Dubay juntaram-se a ele e, farejando problemas, os dois tentaram afastar Garton dali, mas este livrou-se dos companheiros e os teria esmurrado se insistissem. Sua masculinidade fora insultada e devia ser vingada. *Ninguém* ia insinuar que chupava cacetes. *Ninguém.*

— Não creio que ele o tenha *chamado* de alguma coisa — replicou o policial. — E parece que foi você quem começou. Agora, mova-se, filho. Não vou repetir isso.

— Ele me chamou de fresco!

— E o fato de que poderia ser o preocupa? — inquiriu Machen, parecendo francamente interessado.

Garton enrubesceu e seu rosto adquiriu um feio tom avermelhado. Durante a troca de palavras, Hagarty tentava afastar Adrian Mellon dali, com crescente desespero. E agora, por fim, Mellon o acompanhava.

— Tchau, amor! — despediu-se Adrian descaradamente, por sobre o ombro.

— Cale a boca, seu bunda-mole! — disse Machen. — E caia fora! Garton avançou para Mellon, mas Machen o agarrou.

— Posso encaná-lo, meu amigo — disse Machen, — e da maneira como está agindo, até que não seria má idéia.— *Quando tornar a ver você vou quebrar sua cara!* — gritou Garton para os dois que se afastavam, fazendo com que cabeças se virassem a fim de observá-lo. — *E se estiver usando esse chapéu, eu o mato! Esta cidade não precisa de bichas como vocês!*

Sem se virar, Mellon sacudiu os dedos da mão esquerda — as unhas eram pintadas em esmalte cereja — e colocou um gingado extra no andar. Garton arremeteu novamente para cima dele.

— Mais uma palavra ou mais um gesto, e está encanado — disse Machen, em voz moderada. — Pode acreditar, meu rapaz, porque farei exatamente o que estou dizendo.

— Vamos, Teia — disse Chris Unwin, nervoso. — Esquece isso.

— Gosta de caras assim? — Teia de Aranha perguntou a Machen, ignorando Chris e Steve por completo. — Hein?

— Quanto aos vadios anormais, eu sou neutro — declarou Machen. — O que realmente interessa é paz e tranqüilidade, e você está perturbando o que eu gosto, cara de pizza. Muito bem, quer dar uma voltinha comigo ou o quê?

— Vamos embora, Teia — disse Steve Dubay, em voz baixa. — Vamos comer uns cachorros-quentes.

Teia de Aranha foi com ele, esticando a camisa em gestos exagerados e jogando o cabelo para fora dos olhos. Machen, que também prestou depoimento na manhã seguinte à morte de Adrian Mellon, declarou:

— A última coisa que o ouvi dizer, quando ele e seus colegas se afastavam, foi: "A primeira vez que eu tornar a ver aquele sujeito, ele vai ficar um bocado machucado."

6

— Por favor, eu tenho que falar com minha mãe — disse Steve Dubay, pela terceira vez. — Tenho que pedir a ela para amaciar meu padrasto, ou vai haver uma luta dos diabos, quando eu chegar em casa.

— Calma, você falará com ela — disse o policial Charles Avarino.

Avarino e Barney Morrison, seu companheiro, sabiam que Steve Dubay não iria para casa essa noite e talvez por muitas noites seguintes. O rapaz parecia não perceber o quanto estava em apuros, mas para Avarino não seria surpresa, quando mais tarde soubesse que Dubay largara a escola aos dezesseis anos. Na época, ele ainda freqüentava o ginásio da Rua Water. Seu QI era de 68, segundo o teste Wechsler que fizera durante uma de suas três passagens pelo sétimo grau.

— Conte-nos o que aconteceu, quando você viu Mellon saindo do Falcon — convidou Morrison.

— Não, cara. Acho melhor não contar.

— Ora, por que não? — perguntou Avarino.

— Acho que já falei mais do que devia.

— Você veio aqui para falar — disse Avarino. — Não foi?

— Bem... foi... mas...

— Escute — disse Morrison, em tom amistoso, sentando-se perto dele e atirando-lhe um cigarro. — Você acha que eu e o Zé aqui somos frescos?

— Eu não sei...

— Nós dois *parecemos* frescos?

— Não, mas...

— Somos seus amigos, Steve — disse Morrison, solenemente. — E, acredite em mim, você, Chris e Teia de Aranha precisam agora de todos os amigos que puderem arranjar. Porque amanhã, cada coração sofrido nesta cidade estará gritando pelo sangue de vocês três.

Steve Dubay pareceu um pouco alarmado. Avarino, que quase podia ler o que se passava naquele cerebrozinho de galinha, desconfiou que ele estava pensando no padrasto outra vez. E como Avarino não sentia a menor simpatia pela pequena comunidade *gay* de Derry — como qualquer outro tira da corporação, gostaria de ver o Falcon fechado para sempre — teria ficado satisfeito em levar Dubay para casa na viatura policial. Aliás, ficaria deliciado em segurar os braços do rapaz, enquanto o padrasto lhe baixava o cacete. Avarino detestava *gays,* mas isto não significava que gostasse de vê-los torturados e assassinados. O que acontecera a Mellon fora selvageria. Quando o tiraram de sob a ponte do Canal, seus olhos estavam abertos, esbugalhados de terror. No entanto, Dubay parecia não ter a menor idéia do que ajudara a fazer.

— A gente não queria machucá-lo — repetiu Steve.

Esta era sua posição de recuo, quando ficava ligeiramente confuso.

— Certo. Por isso, você quer nos contar o que houve — disse Avarino, com sinceridade. — Solte a verdade do que sabe para a gente, e isto talvez nem chegue a ser como um furo de mijo na neve. Não é, Barney?

— Certíssimo — concordou Morrison.

— Mais uma vez, o que tem a dizer? — insistiu Avarino.— Bem... — disse Steve, e então, lentamente, começou a...

7

Quando o Falcon fora aberto, em 1973, Elmer Curtie imaginara que sua clientela consistiria principalmente de passageiros de ônibus — o terminal ao lado abrangia três linhas diferentes: Trailways, Greyhound e Aroostook County. O que ele não percebeu a tempo, é que a grande maioria dos passageiros de ônibus eram mulheres ou famílias com crianças pequenas a reboque. Um bom número delas guardava as mamadeiras em sacolas marrons e nem chegavam a descer do ônibus. Os passageiros que desciam, em geral eram soldados ou marinheiros que pediam apenas uma ou duas cervejas rápidas — dificilmente alguém poderia entregar-se a uma farra com bebedeira durante uma parada de dez minutos para descanso.

Por volta de 1977, Curtie começara a perceber algumas dessas verdades domésticas, mas então era tarde demais: ele estava atolado em dívidas até o pescoço, e não via maneira de safar-se do vermelho. A idéia de incendiar o estabelecimento para receber o seguro já lhe ocorrera, mas a menos que contratasse um profissional para atear o fogo, ele achava que na certa seria agarrado... e não fazia a menor idéia de onde descobrir um incendiário profissional.

Em fevereiro daquele ano, decidiu esperar até o 4 de julho; se as coisas continuassem como estavam, ele simplesmente caminharia até o lado, pegaria um ônibus e iria ver como andavam as coisas lá embaixo, isto é, na Flórida.

Contudo, nos cinco meses seguintes, uma prosperidade admirável e do tipo calmo chegou ao bar, que era pintado de negro e dourado no interior e decorado com aves empalhadas (o irmão de Elmer Curtie fora taxidermista amador, especializado em aves, de maneira que Elmer herdara sua obra, quando ele morrera). De repente, em vez de servir sessenta cervejas e talvez vinte drinques por noite, Elmer servia oitenta cervejas e cem drinques... cento e vinte... às vezes até cento e sessenta.

Sua clientela era jovem, educada, quase exclusivamente masculina. Muitos se vestiam de maneira chocante, mas aqueles eram anos em que os trajes chocantes eram ainda quase a norma, de modo que Elmer Curtie só percebeu que os freqüentadores de

seu bar eram quase que exclusivamente *gays,* por volta de 1981. Se os moradores de Derry o ouvissem dizer isso, dariam boas risadas e diriam que, na certa, Elmer Curtie pensava que todos eles tinham nascido ontem — mas o que ele dizia era a pura verdade. Como o homem traído, foi ele praticamente o último a saber... e quando soube, não se incomodou. O bar estava fazendo dinheiro e, embora em Derry houvesse outros bares lucrativos, o Falcon era o único onde os patrocinadores desordeiros não demoliam regularmente todo o estabelecimento. Antes de mais nada, não havia mulheres provocando brigas. Por outro lado, aqueles homens, bichas ou não, pareciam ter aprendido o segredo da convivência, algo que seus opostos heterossexuais pareciam ignorar.

Tão logo se tornou cônscio da preferência sexual de seus clientes, ele tinha a sensação de ouvir histórias escandalosas sobre o Falcon em toda parte — eram histórias que circulavam há anos, porém Curtie simplesmente não as tinha ouvido, até 81. Os mais entusiastas narradores de tais episódios eram homens que não seriam arrastados ao interior do Falcon nem com guindastes, por temerem que todos os músculos lhes fugissem dos pulsos ou coisa parecida. No entanto, pareciam ter acesso a todo tipo de informação.

Segundo os boatos, uma pessoa podia chegar lá qualquer noite e ver homens dançando muito unidos, um esfregando o pau no do outro, bem na pista de dança; homens que se beijavam no bar; homens sendo chupados nos banheiros. Supostamente, havia uma sala nos fundos, de entrada permitida a quem quisesse passar alguns momentos sobre a Torre de Força — havia lá um sujeito grandalhão de uniforme nazista, com o braço untado inteiramente até o ombro e que adorava cuidar de quem o procurasse.

De fato, nada disso era verdade. Quando um sedento saía da estação de ônibus para uma cerveja ou um *highball,* nada via de estranho no Falcon. Claro, ali havia um bocado de sujeitos, mas o local em nada diferia de milhares de bares para trabalhadores, em todo o país. A clientela era *gay,* mas *gay* não era sinônimo de idiota. Se eles quisessem uma pequena dose de escândalo, iam até Portland. Se quisessem uma grande dose de escândalo — de escândalo estilo Ramrod ou escândalo estilo Peck's Big Boy — eles desciam até Nova York ou Boston. Derry era um lugar pequeno, provinciano, e sua pequena comunidade *gay* sabia muito bem sob que sombra vicejava.Don Hagarty estivera indo ao Falcon por dois ou três anos, até a noite de março de 1984, quando apareceu pela primeira vez com Adrian Mellon. Antes disso, ele havia sido do tipo que examina o terreno, raramente saindo com o mesmo acompanhante meia dúzia de vezes. Entretanto, em fins de abril, ficou evidente, até mesmo para Elmer Curtie — que pouco ligava para tais coisas — que Hagarty e Mellon estavam tendo um relacionamento firme.

Hagarty era projetista de uma firma de engenharia em Bangor. Adrian Mellon era um escritor *freelancer,* publicando em todo e qualquer lugar possível — revistas de linhas aéreas, revistas de confissão, revistas regionais, suplementos dominicais, revistas de correspondência sexual, etc. Estivera trabalhando em uma novela, mas talvez isso não fosse assim tão sério — começara a escrevê-la desde o terceiro ano da faculdade, e isso tinha sido doze anos antes.

Ele viera a Derry para escrever algo sobre o Canal — como correspondente da *New England Byways,* uma capciosa publicação bimensal, editada em Concord. Adrian Mellon aceitara a incumbência, porque poderia espremer da *Byways* o dinheiro correspondente a três semanas de despesas, incluindo-se um bom quarto no Hotel Town House de Derry, reunindo todo o material de que precisaria para o artigo em uns cinco dias. Durante as outras duas semanas, talvez conseguisse matéria suficiente para uns quatro outro trabalhos regionais.

Entretanto, durante aquele período de três semanas conhecera Don Hagarty e, em vez de voltar a Portland, findas suas três semanas a crédito, alugou um pequeno apartamento em Kossuth Lane. Morou lá apenas seis semanas. Depois mudou-se para a residência de Don Hagarty.

8

Hagarty contou a Harold Gardener e Jeff Reeves, que aquele foi o verão mais feliz de sua vida — ele devia ter ficado atento, foi o que disse; devia saber que Deus só põe um tapete debaixo dos pés de sujeitos como ele, a fim de puxá-lo em seguida.

O único senão, segundo declarou, era a sua extravagante reação de amor a Derry. Adrian tinha uma camiseta com os dizeres o MAINE NÃO É RUIM, MAS DERRY É O MÁXIMO! Tinha também um blusão de ginásio dos "Tigres de Derry". E, naturalmente, havia o chapéu. Ele alegava achar o ambiente vital e criativamente revigorante. Talvez nisso houvesse alguma coisa: Adrian havia tirado da mala sua prolongada novela, pela primeira vez em quase um ano.

— Ele a estava realmente escrevendo? — perguntou Gardener, não de fato interessado, mas querendo manter Hagarty falando a verdade.

— Sim... enchia páginas. Disse que poderia ser uma novela terrível, porém que deixara de ser uma terrível novela inacabada. Esperava terminá-la por volta de seu aniversário, em outubro. Naturalmente, ignorava como Derry era de fato. Imaginava-se um conhecedor, mas não ficara aqui o tempo suficiente para ter uma amostra do que realmente era esta cidade. Eu tentava dizer-lhe, mas ele não me dava ouvidos.

— E como é Derry realmente, Don? — perguntou Reeves.

— É muito semelhante a uma puta morta, com larvas enxameando para fora de sua cona — disse Don Hagarty.

Os dois tiras ficaram olhando fixamente para ele, em perplexo silêncio.

— É um *mau* lugar — prosseguiu Hagarty. — É um esgoto. Quer dizer que vocês dois *não sabiam* disso? Moraram aqui a vida inteira e *não sabiam* disso?

Nenhum deles respondeu. Após um momento, Hagarty continuou.

9

Don estivera planejando ir embora de Derry, mas então Adrian Mellon havia entrado em sua vida. Ele já vivera três anos na cidade, principalmente porque concordara em alugar um apartamento a longo termo, com a mais fantástica vista do mundo para o rio. Entretanto, agora o contrato do aluguel estava quase terminando, o que o deixava satisfeito. Nada mais de idas e vindas para Bangor. Nada mais de vibrações estranhas — em Derry, segundo havia dito certa vez a Adrian, sempre se tinha a impressão de um relógio marcando treze horas, em vez de meio-dia. Adrian podia pensar que aquele era um lugar excelente, mas Don tinha medo da cidade. Não se tratava apenas da atitude francamente homofóbica da cidade, uma atitude expressada com clareza pelos pregadores locais e pelos graffitis no Parque Bassey, mas de algo que ele ainda não conseguira definir. Adrian tinha rido.— Don, toda cidade na América possui um contingente que

odeia a turma *gay* — replicou ele. — Não me diga que ignora isso. Afinal de contas, esta é a era de Ronnie Moron e Phyllis Housefly.

— Vamos até o Parque Bassey comigo — respondera Don, após ver que Adrian falava sério e lhe dizia, de fato, que Derry não era pior nem melhor do que qualquer outra cidade de tamanho regular, situada no interior. — Quero mostrar-lhe uma coisa, meu amor.

Foram de carro até o Parque Bassey — aquilo havia sido em meados de junho, cerca de um mês antes do assassinato de Adrian, conforme Hagarty relatou aos tiras. Levou Adrian pelas sombras penumbrosas, de cheiro vagamente desagradável da Ponte dos Beijos. Apontou para um dos graffitis. Adrian precisou acender um fósforo, que manteve abaixo da inscrição, a fim de conseguir ler o que dizia.

MOSTRE-ME SUA PICA DE BICHA E EU A CORTAREI FORA.

— Sei o que as pessoas sentem sobre os *gays* —"disse Don em voz baixa. — Fui surrado em uma parada de caminhões, em Dayton, quando era adolescente; alguns caras em Portland jogaram meus sapatos no fogo, diante de um bar, enquanto um tira velho, de traseiro gordo, ficava sentado dentro de seu carro-patrulha, rindo. Já vi muita coisa... mas nada igual a isto. Veja aqui. Veja só!

A chama de outro fósforo revelou:

ENFIE PREGOS NOS OLHOS DE TODAS AS BICHAS (POR DEUS)!

— Quem escreveu estas breves homilias, apresenta um forte quadro neurótico. Eu me sentiria melhor se pensasse que foi obra de apenas uma pessoa, um doente isolado, mas... — Don fez um gesto com o braço, abrangendo vagamente a extensão da Ponte dos Beijos. — Há muito disso aí... e não acho que tenha sido feito por uma única pessoa. Daí por que desejo ir embora de Derry, Ade. Há lugares demais e demasiadas pessoas parecendo sofrer dessa neurose profunda.

— Bem, espere até eu terminar minha novela, certo? Por favor! Até outubro, prometo, não mais tarde. O ar daqui é melhor.

— Ele não sabia que era com a água que precisaria tomar cuidado — disse Don Hagarty, em tom amargo.

10

Tom Boutillier e o Chefe Rademacher inclinaram-se para diante, sem nenhum deles dizer nada. Chris Unwin, sentado de cabeça baixa, falava monotonamente para o chão. Esta era a parte que eles queriam ouvir; esta era a parte que, finalmente, enviaria aqueles dois cretinos para Thomaston.

— O parque de diversões não estava legal — disse Unwin. — Eles já estavam desmontando todos os brinquedos, vocês entendem, como o Bicho da Seda e o Salto de Pára-quedas. Já tinham posto um aviso nos Carros de Danças Eróticas, dizendo "fechado". Abertos mesmo, só os brinquedos para crianças. Então, fomos até as barracas de jogos, e Teia de Aranha viu a de "Jogue Até Você Ganhar". Pagou cinqüenta centavos e então viu o chapéu que a bicha estava usando, e jogou a argola para ganhar, mas perdia sempre, e a cada vez que perdia, ficava mais fulo da vida, entendem? E Steve — ele é o

cara que está sempre dizendo vamos com calma isso, vamos com calma aquilo, por que vocês não esfriam, entendem? Só que ele estava com um humor infernal, porque tomou aquela pílula, entendem? Não sei que tipo de pílula era aquela. Uma pílula vermelha. Talvez até fosse legal, mas o caso é que ele ficou chateando Teia de Aranha, e eu pensei que Teia ia acabar dando-lhe um soco, entendem? Pois ele ficou dando em cima. Você nem mesmo serve para ganhar esse chapéu de bicha. Você deve ser mesmo um frouxo, se nem consegue ganhar esse chapéu de bicha. Por fim, a dona deu o prêmio a ele, mesmo que a argola não acertasse, porque acho que ela queria ficar livre da gente. Sei lá. Talvez não quisesse, mas acho que queria, sim. O prêmio era aquele troço que faz barulho, entendem? A gente sopra, ele se enche de vento, desenrola e faz um barulho como de peido, entendem? Já tive um. Ganho no Dia das Bruxas, Ano-Novo ou um feriado qualquer. Era ótimo, mas acabei perdendo ele. Talvez alguém o tivesse roubado de meu bolso, naquele fodido pátio de recreio na escola, entendem? Bom, então o parque já ia fechar e a gente saiu, com Steve ainda enchendo o saco de Teia de Aranha, porque ele não conseguira ganhar o chapéu de bicha, entendem? Teia não falava muito, e eu sabia que isso era mau sinal, e me deixava meio cabreiro, entendem? Eu sabia que precisava mudar de assunto, mas não conseguia pensar em outro assunto, entendem? Então, quando a gente chegou ao pátio de estacionamento, Steve disse: Aonde vocês querem ir? Pra casa? E Teia falou: Vamos pintar no Falcon primeiro e ver se aquela bicha está por lá.

Boutillier e Rademacher trocaram um olhar. O primeiro ergueu um dedo e o bateu contra a face: embora aquele debilóide com botas de engenheiro não soubesse, agora estava falando de homicídio em primeiro grau.

— Foi quando eu disse: Não, quero ir pra casa, mas Teia de Aranha debochou: Está com medo de ir naquele bar de bichas? E eu disse: Droga, não estou! E Steve ainda estava alto ou qualquer coisa, e ficou dizendo: Vamos comer uma bicha! Vamos comer uma bicha! Vamos comer...

11

A cronometragem estava afinada o suficiente para tudo dar errado com todos. Adrian Mellon e Don Hagarty saíram do Falcon após duas cervejas, passaram pela estação de ônibus e então deram-se as mãos. Nenhum deles pensou nisso, era apenas algo que costumavam fazer. Passavam vinte minutos de dez da noite. Os dois chegaram à esquina e dobraram para a esquerda.

A Ponte dos Beijos ficava uns oitocentos metros mais além; eles pretendiam cruzar a Ponte da Rua Main, que era bem menos pitoresca. O Kenduskeag estava com o nível baixo por ser verão, não mais do que metro e meio de água, deslizando apaticamente em torno das pilastras de concreto.

Quando o Duster alcançou os dois (Steve Dubay os vira saindo do Falcon e apontara euforicamente na direção deles), Mellon e Hagarty iam entrar na ponte.

— Pare! Pare! — gritou Garton Teia de Aranha. Os dois homens tinham acabado de passar por sob um poste de luz e ele percebera que estavam de mãos dadas. Isto o enfureceu muito mais. A grande flor de papel balançava loucamente para um lado e para outro. — Pare o carro, merda!

Steve parou.

Chris Unwin negaria a participação ativa no que se seguiu, mas Don Hagarty contou uma história diferente. Segundo ele, Garton estava fora do carro quase antes que

este parasse e foi rapidamente seguido pelos dois companheiros. Houve conversa. Não com boas palavras. Nessa noite, não existiu qualquer tentativa de petulância ou falsa coqueteria da parte de Adrian, que reconhecia estar em grande apuro com o amigo.

— Me dê esse chapéu — disse Garton. — Eu quero o chapéu, bicha!

— Se eu der, você nos deixa em paz?

Adrian choramingava de medo, quase soluçava, olhando de Unwin para Dubay e depois para Garton, com olhos amedrontados.

— Me dê essa porra!

Adrian entregou o chapéu. Garton tirou um canivete de molas do bolso esquerdo da frente de seu jeans e o cortou em dois pedaços. Em seguida, esfregou-os nos fundilhos das calças, deixou-os cair ao chão e pisoteou-os.

Don Hagarty recuou um pouco, enquanto a atenção se dividia entre Adrian e o chapéu — conforme alegou, estava de olho em algum tira.

— Agora, quer deixar a gente em p...? — começou Mellon.

Foi então que Garton esmurrou-lhe o rosto, jogando-o contra a amurada da ponte, que chegava à cintura de um pedestre. Adrian gritou, levando as mãos à boca. O sangue fluiu por entre os dedos.

— *Ade!* — gritou Hagarty e correu para o amigo.

Dubay passou-lhe uma rasteira. Garton assestou a bota contra seu estômago, empurrando-o da calçada para a pista. Um carro seguiu em frente, sem diminuir a marcha. Ele contou a Gardener e Reeves que o motorista nem mesmo virou a cabeça para olhar.

— Cale a boca, bicha! — gritou Dubay, chutando-o no lado do rosto.

Hagarty caiu sobre o lado, na sarjeta, quase sem sentidos. Momentos depois, ouviu uma voz — a de Chris Unwin — dizendo-lhe para dar o fora, se não quisesse receber o mesmo que seu amigo. Em seu próprio depoimento, Unwin confirmou que dera este aviso.

Hagarty podia ouvir o ruído de socos e os gritos de seu amante. Disse aos policiais que Adrian parecia um coelho em uma armadilha. Hagarty engatinhou para o cruzamento, depois para as luzes brilhantes da parada de ônibus. Quando chegou a certa distância, olhou para trás.

Adrian Mellon, com cerca de um metro e sessenta e dois de altura e sessenta e cinco quilos de peso, estava sendo jogado de Garton para Dubay e deste para Unwin, em uma espécie de brincadeira a três. Seu corpo sacudia-se e balançava como o de uma boneca de trapos. Eles o estavam esmurrando, agredindo e rasgando suas roupas. Hagarty disse que, enquanto olhava, viu-os esmurrarem Adrian nas virilhas. Os cabelos de seu amante caíram sobre o rosto. O sangue lhe escorria da boca e manchava a camisa. Garton Teia de Aranha usava dois pesados anéis na mão direita: um era o anel do Ginásio de Derry, o outro, fabricado por ele nas aulas de artesanato do colégio. As letras DB, entrelaçadas, salientavam-se seis centímetros deste último. Significavam "Dead Bugs", uma banda de metaleiros pela qual ele tinha especial predileção. Os anéis haviam cortado o lábio superior de Adrian e quebraram três dentes superiores, na linha da gengiva.

— *Socorro!* — gritou Hagarty, estridentemente. — *Socorro! Socorro! Eles vão matá-lo! Socorro!*

Os edifícios da Rua Main erguiam-se escuros e secretos. Ninguém apareceu para socorrer — nem mesmo da única ilha esbranquiçada de luz que era marcada pela estação de ônibus. Hagarty disse que não entendia como isso era possível, porque lá havia gente. Vira as pessoas, ao passar por ali com Ade. Ninguém acudiria em socorro? Absolutamente ninguém?

— *SOCORRO! SOCORRO! ELES VÃO MATÁ-LO, SOCORRO, POR FAVOR, PELO AMOR DE DEUS!*

— Socorro — sussurrou uma vozinha, à esquerda de Don Hagarty... e então ele ouviu um riso sufocado.

— *Vamos acabar com ele!* — gritava Garton... gritava e ria. Hagarty contou a Gardener e Reeves, que todos os três riam, enquanto surravam Adrian. — *Vamos acabar com ele! Agora, nas costelas!*

— *Vamos acabar com ele! Acabar com ele! Acabar com ele!* — cantava Steve Dubay, dando risadas.

— Socorro! — disse novamente a vozinha e, embora fosse uma voz grave, seguiu-se outra vez o riso sufocado — era como a voz de uma criança, que não consegue conter-se.

Olhando para baixo, Hagarty viu o palhaço — e foi a esta altura que Gardener e Reeves começaram a descontar tudo dito por ele, porque o resto era o delírio de um lunático. Mais tarde, no entanto, Harold Gardener começou a inquirir-se. Mais tarde, ao descobrir, que o garoto Unwin também vira um palhaço — ou disse ter visto — ele começou a refletir. Seu companheiro não se impressionou ou não admitiria ter-se impressionado.

Segundo Hagarty, o palhaço parecia um cruzamento entre Ronald McDonald e aquele antigo palhaço da televisão, Bozo — ou foi o que pensou de início. Foram os tufos eriçados de cabelo alaranjado que induziram sua mente às comparações. O sorriso pintado sobre a maquilagem branca era vermelho, não laranja, e os olhos tinham um estranho brilho prateado. Lentes de contato, talvez... mas uma parte dele raciocinou então, e continuou pensando que talvez o prateado fosse a cor real daqueles olhos. O palhaço usava um traje frouxo, com enormes pompons laranja, à maneira de botões. As luvas que calçava assemelhavam-se às dos desenhos animados.

— Se precisar de socorro, Don — disse o palhaço, — fique com um balão de gás.

Ao falar, ele ofereceu-lhe o punhado de bolas que segurava.

— Os balões flutuam — indicou o palhaço. — Aqui embaixo todos nós flutuamos. Logo seu amigo também estará flutuando.

12

— O tal palhaço o chamou pelo nome — disse Jeff Reeves, em uma voz absolutamente inexpressiva.

Por sobre a cabeça abaixada de Hagarty, ele olhou para Harold Gardener, e um olho deu uma piscadela.

— Chamou — disse Hagarty, sem erguer a cabeça. — Sei bem o que isso pode parecer.

13

— Então, vocês o jogaram pela amurada — disse Boutillier. — Acabaram com ele.

— Eu, não! — exclamou Unwin, erguendo o rosto. Com uma das mãos, jogou para trás o cabelo que lhe caía sobre os olhos e depois encarou os policiais. — Quando vi o que eles queriam fazer, tentei arrastar Steve dali, sabendo que o cara podia se rebentar lá embaixo... Faltavam uns três metros para a água...

Faltavam sete metros. Um patrulheiro do Chefe Rademacher já medira.

— Bem, mas ele estava feito louco. Eles dois continuavam gritando: "Vamos acabar com ele! Acabar com ele" e o levantaram no ar. Teia o segurava por baixo dos braços e Steve pelos fundilhos. Então... então...

14

Quando Hagarty viu o que eles estavam fazendo, correu de volta, gritando.

— *Não! Não! Não!* — bradou, o mais alto que pôde.

Chris Unwin deu-lhe um empurrão e Hagarty caiu na calçada, castanholando os dentes, encolhido sobre si mesmo.

— Quer ser jogado também? — sussurrou Unwin. — *Caia fora,* nenê! Então, eles jogaram Adrian Mellon no rio, pela amurada da ponte.

Hagarty ouviu o barulho da água, quando o corpo a atingiu.

— Vamos dar o fora daqui — disse Steve Dubay.

Ele e Teia de Aranha já voltavam para o carro. Chris Unwin chegou até a amurada e olhou para baixo. Primeiro viu Hagarty, escorregando para baixo, agarrando-se para descer até a calçada coberta de mato e lixo, que ficava ao nível da água. Foi quando viu o palhaço. O palhaço puxava Adrian, no outro lado do rio, usando um dos braços. Suas bolas de gás estavam presas na outra mão. Adrian escorria água, ofegava e gemia. O palhaço virou a cabeça e sorriu para Chris, no alto da amurada. Chris disse que pôde ver seus cintilantes olhos prateados e os dentes — dentes enormes, explicou.

— Como os do leão do circo, cara — disse. — Quero dizer, no tamanho.

Em seguida, viu o palhaço puxar para trás um braço de Adrian Mellon, de maneira a que jazesse sobre sua cabeça.

— E então, Chris? — perguntou Boutillier, entediado com esta parte. Os contos de fadas haviam deixado de interessar-lhe a partir dos oito anos.

— Não sei — respondeu Chris. — Foi quando Steve me puxou e me empurrou para dentro do carro. Bem... eu acho que ele o mordeu debaixo do braço. — Tornou a olhar para os policiais, agora inseguro. — Acho que foi o que ele fez. Mordeu a axila do sujeito. Como se quisesse comê-lo, cara. Como se quisesse comer seu coração.

15

Não, disse Hagarty, quando lhe foi apresentada a história de Chris Unwin, sob a forma de perguntas. O palhaço não arrastara Ade para o outro lado do rio, pelo menos, não que ele visse — e podia assegurar que não fora grande observador a essa altura; então, estava praticamente fora de si.

Em suas palavras, o palhaço estava em pé na outra margem, com o corpo gotejante de Adrian aferrado em seus braços. O braço direito de Ade estava rigidamente virado por trás da cabeça do palhaço e, de fato, o rosto do palhaço estava junto à axila direita de Ade, mas não a mordia: ele sorria. Hagarty pôde vê-lo, espiando por baixo do braço de Ade e sorrindo.

Os braços do palhaço retesaram-se, e Hagarty ouviu costelas se quebrando.

Ade gritou agudamente.

— Flutue conosco, Don — disse o palhaço, com sua sorridente boca vermelha.

Depois apontou uma mão enluvada para baixo da ponte. Balões de gás flutuavam no ar, junto ao forro do piso da ponte — não uma dúzia, não centenas, mas milhares, vermelhos, azuis, verdes e amarelos. E, impressas ao lado de cada balão, estavam as palavras EU ♥ DERRY!

16

— Bem, agora tem-se a impressão de que era um bocado de balões — disse Reeves e tornou a piscar para Harold Gardener.

— Eu sei o que isso parece — insistiu Hagarty, na mesma voz monótona.

— Você *viu* aqueles balões — disse Gardener.

Don Hagarty ergueu lentamente as mãos diante do rosto.

— Eu os vi tão claramente, como vejo meus dedos neste momento. Eram milhares de balões. Nem se conseguia ver a parte de baixo da ponte, tamanha era a quantidade de balões. Moviam-se ligeiramente, mais ou menos como se empurrados para baixo e para cima. Havia um som. Um som engraçado, sibilante e baixo, que vinha dos lados dos balões, ao se roçarem uns nos outros. E cordões. Havia uma floresta de cordões brancos, caindo para baixo. Pareciam fios brancos de teias de aranha. O palhaço levou Ade para lá. Pude ver suas roupas, passando entre aqueles cordões. Ade emitia horríveis sons arquejantes. Fui atrás dele... e o palhaço olhou para trás. Vi seus olhos e, imediatamente, compreendi quem era ele.

— Quem era ele, Don? — perguntou Harold Gardener suavemente.

— Era Derry — disse Don Hagarty. — Era esta cidade.

— E então, o que fez você? — perguntou Reeves.

— Eu corri, seu idiota! — exclamou Hagarty, e prorrompeu em lágrimas.

17

Harold Gardener ficou quieto até 13 de novembro, véspera de John Garton e Steven Dubay comparecerem a julgamento no Tribunal Distrital de Derry, pelo assassinato de Adrian Mellon. Então, foi procurar Tom Boutillier. Queria falar sobre o palhaço. Boutillier não queria — mas ao perceber que Gardener podia cometer alguma idiotice, sem uma pequena orientação, finalmente concordou.

— Não havia palhaço algum, Harold. Os únicos palhaços naquela noite eram esses três rapazes. Sabe disso tão bem quanto eu.

— Temos duas testemunhas...

— Oh, isso é tolice. Unwin decidiu apelar para o Homem de Um Braço Só, como em "Nós não matamos a pobre bichinha, foi o homem de um braço só", tão logo compreendeu que, desta vez, de fato havia empurrado seus colegas para a água fervendo. Quanto a Hagarty, estava histérico. Testemunhou aqueles rapazes assassinarem seu melhor amigo. Eu não ficaria surpreso se ele tivesse visto discos voadores.

Boutillier, no entanto, não falava o que realmente pensava. Gardener podia ver em seus olhos. Por outro lado, as negaças e teimosias do assistente do promotor distrital o irritavam.

— Ora, vamos! — exclamou. — Estamos falando sobre testemunhas independentes. Não me venha com cascata!

— Que cascata? Está querendo dizer que acredita na existência de um palhaço-vampiro debaixo da ponte da Rua Main? Porque essa é a *minha* idéia de cascata.

— Não, não é bem isso, mas...

— Ou que Hagarty viu um bilhão de balões de gás debaixo da ponte, cada um deles tendo impressa a mesma frase escrita no chapéu de seu amante? Porque essa *também* é minha idéia de cascata.— Não, mas...

— Então, por que se preocupa com isto?

— *Pare de interrogar-me!* — rugiu Gardener. — Os dois descreveram a mesma coisa e um ignorava o que o outro estava dizendo!

Boutillier estava sentado à sua mesa, brincando com um lápis. De repente, largou o lápis, levantou-se e caminhou até Harold Gardener. Era uns treze centímetros mais baixo, porém Gardener recuou alguns passos, ante a fúria do homem.

— Quer que percamos este caso, Harold?

— Não. Claro que n...

— Quer que aquelas úlceras pustulentas fiquem livres?

— Não!

— Muito bem. Desde que ambos concordamos com o básico, eu lhe direi exatamente o que penso. Sim, provavelmente havia um homem debaixo da ponte aquela noite. Talvez até estivesse vestindo uma roupa de palhaço, embora eu já tenha lidado com testemunhas o suficiente para crer que devia ser apenas um vagabundo ou alguém de passagem, usando um punhado de roupas velhas. Poderia estar ali à cata de moedas caídas ou comida jogada fora — metade de um hambúrguer que alguém atirasse pela amurada, talvez as migalhas no fundo de um saco de batatas fritas. Os olhos *deles* fizeram o resto, Harold. Não acha possível?

— Eu não sei — disse Harold.

Queria ficar convencido, mas em vista da exatidão das duas descrições... era difícil. Não achava possível.

— Fim da linha. Pouco me importa se era o Palhaço Calhamaço, um sujeito vestindo roupas de Tio Sam e usando pernas de pau ou se era Ruiz, o Feliz Petiz. Se falarmos neste sujeito, o advogado deles cairá em cima de nós, antes de piscarmos um olho. Ele dirá que estes dois inocentes cordeirinhos, de cabelos recém-cortados e roupas novas, apenas jogaram a bicha Mellon dentro d'água, como brincadeira. Ele indicará que Mellon continuava vivo, depois de cair; há o testemunho de Hagarty e também o de Unwin, como prova.

"Os clientes *dele* não são assassinos, de maneira alguma! Foi um psicopata que fez tudo, vestindo uma roupa de palhaço. Se falarmos nisto, aí está o que vai acontecer e você sabe.

— Unwin vai contar a história, de qualquer modo.— Certo, mas Hagarty, não — disse Boutillier. — Porque *ele* compreende. Sem Hagarty, quem acreditará em Unwin?

— Bem, restamos nós — disse Harold Gardener, com uma amargura que até ele próprio estranhou. — Só que nós *não* vamos contar.

— *Oh, dê-me uma folga!* — rugiu Boutillier, erguendo as mãos. — *Eles o mataram!* Não se limitaram a jogá-lo pela amurada — Garton tinha um canivete de mola. Mellon foi esfaqueado sete vezes, incluindo-se uma vez no pulmão esquerdo e duas nos testículos. Os ferimentos coincidem com a lâmina. Teve quatro costelas quebradas — obra de Dubay, ao apertá-lo. Sim, foi mordido. Havia mordidas em seus braços, sua face esquerda, seu pescoço. Creio que Unwin e Garton deram as mordidas, embora só conseguíssemos uma dentada coincidindo nitidamente, mas que talvez não seja nítida o suficiente para agüentar-se em um julgamento. Tudo bem, havia um bom pedaço de carne arrancada de sua axila direita, mas e daí? Um deles devia gostar de morder. Provavelmente, até ficou de pau bem duro, enquanto fazia isso. Pessoalmente, aposto em Garton, embora nunca cheguemos a provar. O lóbulo da orelha de Mellon também havia desaparecido.

Boutillier parou, fitando Harold.

— Se deixarmos transpirar essa história do palhaço, *jamais* encanaremos os cretinos. É o que você quer?

— Não, já lhe disse.

— O sujeito era uma fruta, mas não estava perturbando ninguém — disse Boutillier. — Então, como quem não quer nada, surgem esses três ordinários em suas botas de engenheiro e lhe tiram a vida. Vou botá-los na geladeira, meu amigo, e se souber que tiveram seus cuzinhos violados lá em Thomaston, faço questão de enviar-lhes cartões, dizendo "Espero que quem fez isso tenha AIDS".

Muito ardoroso, pensou Gardener. *E as condenações também ficarão muito bem em sua ficha funcional, quando você candidatar-se ao posto máximo, daqui a dois anos.*

Não obstante, saiu sem tornar a discutir, porque também desejava vê-los fora de circulação.

18

John Garton Teia de Aranha foi condenado de dez a vinte anos na Prisão Estadual de Thomaston, por assassinato em primeiro grau.

Steven Bishoff Dubay foi condenado a quinze anos na Prisão Estadual de Shawshank, por assassinato em primeiro grau.

Christopher Philip Unwin teve julgamento separado, por ser menor, acusado de assassinato em segundo grau. Foi condenado a seis meses na Training Facility de South Windham, para delinqüentes juvenis, sentença esta que ficou suspensa.

No momento em que isto é escrito, todas as três condenações estão sob apelação. Qualquer dia Garton e Dubay poderão ser vistos dando em cima das garotas ou jogando no Parque Bassey, não muito longe de onde o corpo dilacerado de Mellon foi encontrado, flutuando contra um dos pilares da ponte da Rua Main.

Don Hagarty e Chris Unwin foram embora da cidade.

No julgamento principal — o de Garton e Dubay — ninguém mencionou um palhaço.

CAPÍTULO 3

Seis telefonemas (1985)

1

Stanley Uris toma um banho

Patrícia Uris contou para sua mãe, mais tarde, que deveria saber que algo andava errado. Disse que devia ter sabido, porque Stanley *nunca* tomava banho ao anoitecer. Ele costumava tomar uma ducha pela manhã e, às vezes, ficar de molho noite alta (com uma revista em uma das mãos e uma cerveja gelada na outra), mas banhos às 19:00 h não faziam o seu estilo.

Além do mais, havia aquilo sobre os livros. Era algo que devia tê-lo deixado satisfeito mas, de alguma forma obscura que ela não compreendia, parecia torná-lo perturbado e deprimido. Cerca de três meses antes daquela noite terrível, Stanley havia descoberto que um amigo de infância se tornara escritor — não um escritor *de verdade,* contou Patrícia à mãe, mas um novelista. O nome nos livros era William Denbrough, mas por vezes Stanley o chamava de Bill "Gaguinho". Ele já lera praticamente todos os livros do homem; de fato, estivera lendo o último na noite do banho — a noite de 28 de maio de 1985. A própria Patty começara a ler um dos primeiros escritos, apenas por curiosidade. Suspendera a leitura após três capítulos apenas.

Não se tratava bem de uma novela, confidenciou mais tarde para a mãe; era um *livrodehorror* (*No original, horrorbook - N. da T.*). Ela pronunciou exatamente assim, tudo

em uma só palavra, de maneira como diria *livrodesexo* (*No original, sexbook, - N. da T.*). Patty era uma mulher doce e gentil, mas pouco tinha de eloqüente — quisera contar à mãe o quanto ficara amedrontada e por que o livro a tinha perturbado, mas não fora capaz.

— Era cheio de monstros — contou. — Cheio de monstros que perseguiam criancinhas. Havia mortes e... sei lá... ruindades e sofrimento. Coisas assim. — De fato, o livro a chocara como quase pornográfico. Esta era a palavra que lhe fugia, talvez porque jamais a havia pronunciado, embora conhecendo o seu sentido. — No entanto, Stan tinha a impressão de redescobrir um de seus amiguinhos de infância... Até disse que ia escrever para ele, mas sei que não escreveria... Aquelas histórias também o deixavam mal impressionado... e... e...

Então, Patty Uris começou a chorar.

Naquela noite, faltando uns seis meses para inteirar vinte e oito anos a partir do dia de 1957 em que George Denbrough havia conhecido o Palhaço Parcimonioso, Stanley e Patty estavam sentados na sala de estar de sua casa, em um subúrbio de Atlanta. A televisão estava ligada. Em um sofá para dois, diante do aparelho, Patty dividia sua atenção entre uma pilha de costuras e *Family Feud,* seu programa favorito. Ela *adorava* Richard Dawson, achando terrivelmente *sexy* a corrente que ele usava no pescoço, embora nada no mundo a fizesse admitir tal coisa. Também gostava do programa, porque em geral adivinhava as respostas mais populares (não havia, exatamente, respostas *certas* em *Family Feud,* apenas as mais populares). Certa feita, Patty perguntara a Stan por que as perguntas lhe pareciam tão fáceis, mas tão difíceis para as famílias participantes do programa.

— Deve ser muito mais difícil quando a gente está lá, debaixo daquelas luzes todas — replicou Stanley, e Patty teve a impressão de que o rosto dele ficou sombrio. — Tudo é muito mais difícil quando é para valer. É quando dá um branco na mente. Quando é para valer.

Sem dúvida, devia ser verdade, decidiu ela. Às vezes, Stanley era capaz de excelentes *insights* sobre a natureza humana. Sim, excelentes, considerou, bem melhores do que os de seu velho *amigo* William Denbrough, que enriquecera escrevendo um punhado de *livrosdehorror*, com apelo para a parte vil da natureza humana.

Não que os Uris se tivessem dado mal! O subúrbio onde residiam era ótimo, e a casa que haviam comprado em 1979 por 87.000 dólares, provavelmente agora seria negociada rápida e sem dificuldade por 165.000 — mas claro que não queria vendê-la. Apenas, era bom ficar a par de tais coisas. Às vezes, quando vinha descendo do Fox Run Mall dirigindo seu Volvo (Stanley dirigia um Mercedes a diesel — brincalhonamente, ela o chamava de Sedanley) e via a casa onde morava, edificada de maneira tão aconchegante atrás de baixas sebes de teixos, pensava: *Quem é que mora lá? Ora, sou eu! A Sra. Stanley Uris!* Tal idéia não era inteiramente feliz; misturada a ela havia um orgulho tão forte, que por vezes a deixava algo indisposta. Porque... Era uma vez, uma jovem de dezoito anos, chamada Patrícia Blum, cuja entrada fora barrada na festa pós-formatura, no *country club* de Glointon, ao norte do Estado de Nova York. Tinham-na barrado, naturalmente, porque seu sobrenome rimava com *plum* (*Ameixa, mas também significando negócio fácil, mamata. N. da T.).* Assim tinha sido 1967 para ela, apenas uma judiazinha magricela e fácil. A discriminação era contra a lei — ha-ha-ha! — e, por outro lado, tudo isso já terminara. Exceto que, para parte dela, *jamais* terminaria. Parte dela estaria sempre voltando para o carro com Michael Rosenblatt, ouvindo o cascalho esmagado sob os sapatos fechados de salto, sob os sapatos formais que ele alugara; voltando ao carro que o pai de Michael emprestara para a ocasião, o qual ele passara a

tarde inteira encerando. Parte dela sempre estaria caminhando ao lado de Michael, em seu alugado *dinner jacket* branco — como brilhara, na suave noite de primavera! Patrícia usava um longo verde-claro e sua mãe dissera que ela parecia uma sereia. Aliás, a idéia de uma sereia judia até que era bem engraçada, ha-ha-ha-ha! Os dois haviam caminhado de cabeça erguida e ela não chorara — ainda não — mas compreendera que não estavam *voltando,* não, não de fato; eles estavam *escapando. Escapando,* que rima com *catingando,* os dois sentindo-se mais judeus do que nunca, sentindo-se como agiotas, sentindo-se passageiros de vagões de gado, sentindo-se gordurosos, de nariz comprido e tez pálida, sentindo-se como párias judeus; querendo zangar-se, mas não sendo capazes disso — a raiva só veio mais tarde, quando não adiantava mais. Naquele momento, ela conseguia apenas sentir-se envergonhada, conseguira apenas ser capaz de sofrer. Então, alguém havia rido. Tinha sido uma risada alta e estridente, bimbalhante como uma rápida escala de notas ao piano. No carro é que ela pudera chorar, oh, sim, ali é que a sereia judia, cujo sobrenome rima com *plum,* chorava como louca. Mike Rosenblatt passara uma mão desajeitada e consoladora por trás de seu pescoço e ela torcera o corpo para livrar-se daquilo, sentindo-se envergonhada, sentindo-se suja, sentindo-se *judia.*

A casa edificada de maneira tão aconchegante, por trás das baixas sebes de teixos, a fazia sentir-se melhor... mas não melhor *de todo.* A dor e a vergonha continuavam lá, não cessando nem mesmo depois de ter sido aceita naquela vizinhança tranqüila, polidamente bem-de-vida; ela ainda caminhava sem parar, com o som das pedras rangendo debaixo de seus sapatos. Não haviam cessado a dor e a vergonha, nem mesmo sendo membros *desse country club* onde o *maitre* sempre os acolhia deferente e respeitoso, com um "Boa noite, Sr. e Sra Uris". Ela voltava para casa, aninhada em seu Volvo 1984, olhava para sua casa, espraiada entre vastos gramados verdejantes, e freqüentemente pensava — com demasiada freqüência, supunha — pensava naquela risada estridente. E esperava que a moça de tal risada estivesse morando em uma casa desconjuntada, com um marido *goy* que a surrasse, que houvesse engravidado três vezes e perdido o filho em todas as três, que o marido a traísse com mulheres doentes, que ela tivesse hérnias de disco, pés chatos e quistos em sua língua obscena e estridente.

Patrícia odiava acalentar tais pensamentos, pensamentos nada caridosos, e prometia emendar-se — parar de beber esses amargos coquetéis de bile-e-absinto. Havia meses inteiros em que não pensava nisso. Então, acreditava: *Talvez tudo isso tenha finalmente ficado para trás. Não sou mais uma mocinha de dezoito anos. Sou uma mulher de trinta e seis; a adolescente que ouvia o rangido interminável das pedrinhas naquela alameda, a jovem que se afastou da mão de Mike Rosenblatt, quando ele tentou confortá-la porque era uma mão judia, ficou a meia vida atrás. Aquela tola sereiazinha está morta. Posso esquecê-la agora e ser apenas eu mesma.*

Tudo bem. Ótimo. Formidável. Entretanto, podia estar em algum lugar — no supermercado, talvez — e ouvia uma súbita risada estridente no outro corredor. Então, sentia a nuca arrepiar-se, os mamilos endureciam, ficavam doloridos, suas mãos comprimiam-se na pegadeira do carrinho de compras, quando não uma contra a outra, e pensava: *Alguém acabou de contar a alguém que sou judia, que não passo de uma judia suja de nariz comprido, que Stanley não passa de um judeu sujo de nariz comprido; ele é um contabilista, claro, judeus são bons com números, nós os aceitamos no* country club, *tivemos que aceitar, desde 1981, quando aquele ginecologista judeu de nariz adunco venceu um processo, mas nós rimos deles, nós rimos, rimos e rimos.* Ou então, apenas ouvia o rangido espectral das pedrinhas da alameda e pensava: *Sereia! Sereia!*

De repente, o ódio e a vergonha a inundavam por inteiro como uma enxaqueca, fazendo-a desesperar-se, não apenas por si mesma, porém por toda a raça humana. Lobisomens. O livro escrito por Denbrough — aquele que tentara ler, mas pusera de lado — era sobre lobisomens. Lobisomens, uma ova! O que um homem podia saber sobre lobisomens?

De um modo geral, no entanto, ela se sentia acima disso — achava que *era* melhor do que isso. Amava seu homem, amava sua casa, costumava amar sua vida e a si mesma. As coisas eram boas. Nem sempre tinham sido assim, é claro — como seria possível? Ao aceitar o anel de noivado de Stanley, seus pais haviam ficado zangados e descontentes. Patrícia o conhecera em uma festa da fraternidade colegial. Ele viera da Universidade Estadual de Nova York à sua escola. Era aluno em regime de bolsa-de-estudos. Tinham sido apresentados por um amigo comum e, pelo fim da noite, ela desconfiava que o amava. Teve certeza disso, durante as férias universitárias. Chegada a primavera, Stanley ofereceu-lhe um pequeno anel de brilhantes, no formato de uma margarida, que ela aceitou.

No fim, a despeito dos escrúpulos que sentiam, os pais de Patrícia terminaram aceitando a situação. Pouco mais havia que pudessem fazer, embora dentro em pouco Stanley Uris se atirasse no mercado de trabalho já repleto de jovens contabilistas — e quando ele penetrou nessa selva, foi sem o respaldo de qualquer dinheiro da família, tendo apenas a filha deles como garantia e penhor da sorte. Patty, no entanto, estava com vinte e dois anos, já era uma mulher e logo se diplomaria na universidade.

— Vou ter de sustentar esse filho da puta com quatro olhos pelo resto da vida — disse o pai dela certa noite.

Patty ouviu o comentário. Seus pais haviam saído para jantar fora e ele tinha bebido um pouco além da conta.

— Psst! Ela pode ouvi-lo — disse Ruth Blum.

Patty ficara acordada aquela noite, até a madrugada, de olhos secos, sentindo frio e calor alternadamente, odiando aqueles dois. Tentara livrar-se desse ódio durante os dois anos seguintes, porque dentro dela já havia ódio demais. Às vezes, quando se olhava ao espelho, podia ver coisas em seu rosto produzidas por aquele sentimento, as linhas finas que ali iam sendo desenhadas. Essa foi uma batalha que conseguiu vencer. Stanley a tinha ajudado.

Também os pais dele mostravam-se preocupados com o casamento. Naturalmente, não acreditavam que seu Stanley estivesse destinado a uma vida de pobreza e sofrimento, mas achavam que "os garotos estavam sendo precipitados". Donald Uris e Andréa Bertoly tinham-se casado com pouco mais de vinte anos, mas pareciam ter esquecido o fato.

Somente Stanley parecia seguro de si, confiante no futuro, despreocupado com as ciladas que seus pais viam juncando o caminho "dos garotos". Por fim, o justificado foi antes a sua confiança do que os temores paternos. Em julho de 1972, com a tinta ainda secando em seu diploma, Patty conseguiu um emprego para lecionar taquigrafia e inglês comercial em Traynor, uma cidadezinha a sessenta e poucos quilômetros ao sul de Atlanta. Quando pensava na maneira como chegara àquele emprego, sempre ficava um tanto chocada — ou melhor, assustada. Havia feito uma lista de quarenta possibilidades, entre os anúncios publicados nos jornais de professores. Depois escrevera quarenta cartas durante cinco noites — oito a cada noite — solicitando informações mais detalhadas sobre o emprego e candidatando-se a cada um. Vinte e duas respostas indicaram que os postos já tinham sido preenchidos. Em outros casos, as informações mais detalhadas sobre as aptidões necessárias deixavam bem claro que ela não tinha condições para

ocupar o cargo. E caso se candidatasse, estaria apenas perdendo seu tempo e o deles. Terminara com doze possibilidades, cada uma semelhante à outra. Stanley chegara quando ela procurava selecionar o posto adequado e perguntando-se se conseguiria preencher doze solicitações de emprego, sem ficar inteiramente biruta. Ele olhou para os papéis espalhados em cima da mesa e bateu com o dedo na carta do Superintendente de Escolas de Traynor — uma carta que, para ela, não parecia mais nem menos encorajadora do que qualquer das demais.

— Aqui — disse ele.

Patricia olhou para Stanley, surpresa com a segurança de sua voz.

— Você conhece alguma coisa da Geórgia que eu não conheça?

— Em absoluto. A única vez que estive lá foi no cinema. Ela tornou a fitá-lo, erguendo uma sobrancelha.

— *E o vento levou.* Vivien Leigh. Clark Gable. "Pensarei nisso amanhã, porque 'amanhã é outro dia'." Estou soando como sulista, Patty?— Sim. Do Sul do Bronx. Se nada conhece sobre a Geórgia e nunca esteve lá, então por que...

— Porque é o certo.

— Você não pode *saber* disso, Stanley!

— Claro que posso — replicou ele, com simplicidade. — Eu *posso.* Olhando para ele, Patrícia percebeu que Stanley não brincava, que realmente falava sério. Por suas costas perpassou um arrepio inquieto.

— *Como* é que sabe?

Ele sorrira de leve. Então, o sorriso desapareceu e, por um momento, Stanley deu a impressão de estar perplexo. Seus olhos ficaram sombrios, como se olhassem para dentro, consultando algum dispositivo interno que tiquetaqueava e andava corretamente, mas que, em definitivo, ele não compreendia mais do que o homem mediano compreende o funcionamento do relógio em seu pulso.

— A tartaruga não poderia ajudar-nos — disse ele, de repente.

Falou com toda clareza. Ela ouvira. Aquele olhar para dentro — aquele olhar meditativo — continuava em seu rosto, era uma expressão que começava a assustá-la.

— Stanley! De que está falando? *Stanley!*

Ele sobressaltou-se. Patty estivera comendo pêssegos, enquanto estudava os prospectos. A mão dele bateu no prato, que caiu ao chão e espatifou-se. Os olhos de Stanley pareceram clarear.

— Oh, droga! Sinto muito.

— Está tudo bem. Stanley... de que estava falando?

— Esqueci — disse ele. — Enfim, creio que devíamos pensar na Geórgia, meu bem.

— Mas...

— Confie em mim — disse Stanley.

Ela confiou. A entrevista com os futuros empregadores foi excelente e, ao tomar o trem de volta a Nova York, Patty sabia que conseguira o cargo. O chefe do Departamento Comercial simpatizara instantaneamente com ela, fora-lhe quase possível ouvir o "clique". A carta de confirmação chegou uma semana mais tarde. O Traynor Consolidated School Department podia oferecer-lhe 9.200 dólares e um contrato em caráter experimental.

— Você vai morrer de fome — disse Herbert Blum, quando a filha comunicou que pretendia aceitar o emprego. — E estará em *dificuldades,* enquanto passa fome!

— Tolice, tolice, tolice, Scarlett — disse Stanley, quando ela lhe contou o que o pai havia dito.

Patty tinha ficado furiosa, quase chegara às lágrimas, porém agora dava risadinhas sufocadas e Stanley a tomou nos braços.

Haviam enfrentado dificuldades, mas não a fome. Casaram-se a 19 de agosto de 1972. Patty Uris tinha ido virgem para o leito nupcial. Deslizara nua entre os lençóis frescos de um hotel balneário no Poconos, com o ânimo turbulento e tempestuoso — relâmpagos de desejo e deliciosa lascívia, negras nuvens de medo. Quando Stanley se enfiou na cama ao seu lado, encordoado de músculos, o pênis um ponto de exclamação elevando-se dos arruivados pêlos púbicos, ela havia sussurrado:

— Não me machuque, querido.

— Eu jamais a machucarei — disse ele, ao tomá-la nos braços. Stanley cumprira a promessa fielmente, até 28 de maio de 1985 — a noite do banho.

O emprego de Patty tinha dado certo. Stanley arranjara trabalho como motorista do furgão de uma padaria, ganhando cem dólares semanais. Em novembro daquele ano, quando da abertura do Traynor Flats Shopping Center, ele conseguiu emprego nos escritórios da H & R Block, por cento e cinqüenta. A renda conjunta passou então para 17.000 dólares anuais — para eles, assemelhava-se ao resgate de um rei, naqueles dias em que a gasolina era vendida a trinta e cinco centavos o galão e um pão de trigo branco era adquirido por um níquel a menos do que isso. Em março de 1973, sem alardes e fanfarras, Patty Uris jogou fora suas pílulas anticoncepcionais.

Em 1975, Stanley saiu da H & R Block, para abrir seu próprio negócio. Todos os quatro parentes afins acharam que tinha sido uma atitude impensada. Claro que Stanley devia trabalhar por conta própria — Deus os livrasse do contrário! Contudo, ainda era muito cedo, concordaram todos eles, e tal atitude de Stanley colocaria demasiada carga financeira sobre Patty. ("Pelo menos, até o *pisher* engravidá-la", confidenciou morosamente Herbert Blum ao irmão, após uma noite de bebedeira na cozinha, "e então, eu é que vou ter de sustentá-los.") O consenso na opinião dos parentes afins, no tocante ao assunto, era que um homem nem deveria *pensar* em trabalhar por conta própria enquanto não alcançasse uma idade mais serena e madura — setenta e oito anos, digamos.

De novo, Stanley parecia quase sobrenaturalmente confiante. Era jovem, inteligente, apto, tinha personalidade. Havia feito contatos quando trabalhava na Block. Todas estas coisas eram concretas. No entanto, seria impossível ele ter sabido que a Corridor Vídeo, uma pioneira no nascente negócio de vídeo-tapes, estava prestes a instalar-se em uma grande faixa de terra devoluta, a menos de dezesseis quilômetros do subúrbio para onde os Uris eventualmente se tinham mudado em 1979. Tampouco ele saberia que a Corridor estaria no mercado para uma pesquisa independente menos de um ano após ter-se mudado para Traynor. Ainda que Stanley tivesse acesso a qualquer destas informações, sem dúvida não acreditaria que eles fossem dar o emprego a um jovem judeu de óculos, que também era um ianque — um judeu de riso fácil, um jeito descadeirado de andar, uma preferência por jeans boca-de-sino em seus dias de folga e os últimos fantasmas de acne adolescente ainda no rosto. No entanto, eles deram. Deram-lhe o emprego. E Stan parecia saber disso o tempo todo.

Seu trabalho para a CV o conduziu a um cargo de horário integral na companhia — salário inicial, 30.000 dólares por ano.

— E, de fato, isto é apenas o começo — contou Stanley a Patty aquela noite, na cama. — Eles vão crescer como milho em agosto, minha querida. Se nada convulsionar o mundo nos próximos dez anos mais ou menos, eles vão acabar ombro a ombro com a Kodak, a Sony e a RCA.

— E o que você vai fazer? — perguntou ela, já sabendo.

— Vou dizer-lhes que será um prazer fazer negócios com eles — respondeu Stanley, rindo.

Abraçou-a com mais força e a beijou. Momentos mais tarde, montava nela e houve clímaxes — um, dois e três, como brilhantes foguetes disparando em um céu noturno... mas nenhum bebê.

O trabalho de Stan na Corridor Vídeo o pusera em contato com alguns dos homens mais ricos e poderosos de Atlanta — e ele ficou atônito ao perceber que tais pessoas eram, em sua maioria, bastante legais. Nelas, encontrou um grau de aceitação e aberta gentileza quase desconhecido no Norte. Patty recordava que Stanley certa vez escrevera para os pais: Os *homens mais ricos da América residem em Atlanta, Geórgia. Vou contribuir para tornar alguns deles mais ricos, os quais também me tornarão mais rico, e ninguém irá possuir-me, exceto minha esposa Patrícia. Então, uma vez que já a possuo, acho que tudo está bem garantido.*

Na época em que se mudaram de Traynor, Stanley já era patrão e empregava seis pessoas. Em 1983, a renda do casal penetrara em território desconhecido — um território sobre o qual Patty ouvia apenas os rumores mais sutis. Aquela era a terra fabulosa dos SEIS DÍGITOS. E tudo tinha acontecido com a facilidade natural de enfiar-se sapatos de tênis nos pés, em uma manhã de sábado. Às vezes, isto a amedrontava. Certa feita, Patty fizera uma pilhéria inquieta sobre pactos com o demônio. Stanley rira até quase perder o fôlego, mas para ela não houvera graça nenhuma e achava que jamais haveria.

A tartaruga não poderia ajudar-nos.

Às vezes, sem o menor motivo, ela acordava com tal idéia na mente, como o último fragmento de um sonho quase esquecido. Então, corria para Stanley, precisando tocá-lo, ter certeza de que ele continuava ali.

Era uma vida boa — nada de bebedeira em excesso, de sexo fora de casa, de drogas, de tédio ou discussões amargas sobre o que deveriam fazer em seguida. Havia apenas uma única nuvem. Em um retrospecto, parecia predestinado que a mãe dela finalmente seria a primeira a enunciá-la. A questão surgiu como uma pergunta, em uma das cartas de Ruth Blum. Ela escrevia uma vez por semana à filha, e essa carta em particular chegara em inícios do outono de 1979. Havia sido despachada do antigo endereço em Traynor e Patty a leu em uma sala de estar apinhada de caixas de papelão conseguidas em uma casa de bebidas, das quais emergiam os bens do casal, parecendo abandonadas, sem raízes e despojadas.

No todo, era a costumeira Carta de Ruth Blum, enviada do Lar: quatro páginas azuis apertadamente escritas, cada uma delas intitulada APENAS UM BILHETE DE RUTH. Suas garatujas eram quase ilegíveis e, certa vez, Stanley se queixara de que não podia ler uma só palavra escrita pela sogra.

— E para que quereria ler? — replicara Patty.

Aquela estava repleta da usual remessa de novidades da mãe de Patty. A memória de Ruth Blum era um vasto delta, expandindo-se do ponto móvel do agora, em um leque de abertura ininterrupta, abrangendo relacionamentos entrelaçados. Muitas das pessoas sobre as quais falava começavam a esfumaçar-se na lembrança de Patty, como fotos de um álbum antigo, embora para Ruth permanecessem frescas. As preocupações dela sobre a saúde dessas pessoas e a curiosidade sobre seus vários feitos nunca parecia diminuir, sendo seus prognósticos infalivelmente lúgubres. O pai de Patty ainda continuava com dores de estômago constantes. *Ele* achava que não passavam de dispepsia; a idéia de ter uma úlcera, escrevia Ruth, nem lhe passava pela cabeça, a menos que começasse a tossir sangue — e talvez nem mesmo assim. *Sabe como é seu pai, querida — trabalha como uma mula e, às vezes, também raciocina como uma, que Deus me perdoe por dizer isso.*

Randi Harlengen ligou as trompas, tiraram de seus ovários quistos do tamanho de bolas de golfe, nada maligno, graças a Deus, mas com vinte e sete quistos ovarianos alguém não poderia *morrer!* Era a água da Cidade de Nova York, ela estava certa disso — o ar da cidade era sujo, além do mais, porém estava convencida de que, após algum tempo, aquela água era prejudicial. Formava depósitos, dentro de uma pessoa. Duvidava que Patty soubesse quantas vezes ela agradecia a Deus por "vocês, meninos", estarem vivendo no campo, onde o ar e a água — mas principalmente a água — eram mais saudáveis (para Ruth, tudo do Sul, incluindo-se Atlanta e Birmingham, era o campo). Tia Margaret estava em questão com a companhia de energia elétrica outra vez. Stella Flanagan casara de novo, certas pessoas nunca aprendiam. Richie Huber tornara a ser demitido do emprego.

E, no meio desta traiçoeira — e freqüentemente boateira — vazão, no meio de um parágrafo, a propósito de nada escrito antes ou depois, Ruth Blum fizera casualmente a Temida Pergunta: "Afinal, quando é que você e Stanley nos tornarão avós? Estamos dispostos a estragá-lo(la) de mimos. E, caso ainda não tenha percebido, Patsy, não estamos mais tão novos." A seguir, Ruth falava da garota Bruckner, residente no final do quarteirão, que a escola mandara para casa, por não estar usando sutiã e vestir uma blusa através da qual se via tudo.

Sentindo-se deprimida e com saudades da antiga casa em Traynor, insegura e bastante amedrontada com o que poderia reservar-lhe o futuro, Patty entrara no que seria o quarto do casal e se abandonara sobre o colchão (o estrado de molas ainda estava lá fora, na garagem, mas o colchão, atirado sobre o enorme piso descoberto, parecia um artefato lançado a uma estranha praia amarela). Com a cabeça pousada nos braços, ela ficara chorando por quase vinte minutos. Pensou que acabaria chorando, de qualquer modo. A carta de sua mãe apenas provocara as lágrimas mais cedo, da maneira como o pó apressa a comichão do nariz, transformando-a em espirro.

Stanley queria filhos. *Ela* queria filhos. Os dois eram tão compatíveis neste terreno, como na preferência pelos filmes de Woody Allen, no comparecimento mais ou menos regular à sinagoga, em tendências políticas, na rejeição à maconha, enfim, uma centena de outras coisas mais, grandes e pequenas. Havia um aposento extra na casa de Traynor, que eles tinham dividido eqüitativamente ao meio. No lado esquerdo, Stanley tinha uma mesa onde trabalhava e uma poltrona para ler; no direito, ela colocara uma máquina de costura e uma mesinha onde resolvia quebra-cabeças. Houvera entre ambos um entendimento tão forte sobre aquele aposento, que eles mal falavam a respeito — simplesmente estava ali, como seus narizes ou as alianças de casamento em suas mãos esquerdas. Um dia, aquele cômodo seria destinado a Andy ou Jenny. Entretanto, onde estava esse filho? A máquina de costura, as cestas com tecidos, a mesa de jogos, a secretária e a poltrona-preguiçosa ocupavam seus lugares, a cada mês parecendo solidificar um direito às respectivas posições no aposento, estabelecendo ainda mais sua legitimidade. Assim pensava ela, embora nunca pudesse cristalizar inteiramente essa idéia; como a palavra *pornográfico,* era um conceito que bailava logo além de sua capacidade para quantificar. Entretanto, Patty recordava certa vez em que ficara menstruada, ao deslizar a porta do armário sob a pia do banheiro para pegar um absorvente; recordava que ficara olhando para a caixa de absorventes, pensando que ela parecia quase presunçosa, quase como se dissesse: *Olá, Patty! Somos os seus filhos. Somos os únicos filhos que você terá e estamos com fome. Amamente-nos. Amamente-nos com sangue.*

Em 1976, três anos após ela ter jogado fora o último ciclo de tabletes anticoncepcionais, o casal procurou um médico de Atlanta, chamado Harkavay.

— Queremos saber se há algo errado — disse Stanley — e, sendo este o caso, se podemos fazer alguma coisa a respeito.

Os dois submeteram-se aos exames. Estes revelaram que os espermatozóides de Stanley eram animados, que os óvulos de Patty eram férteis e que todos os canais que se *supunha* abertos, *estavam* abertos.

Harkavay, que não usava aliança de casamento e tinha o rosto franco, agradável e corado de um estudante graduado de universidade, recém-chegado de férias para esquiar no Colorado, disse a eles que talvez tudo não passasse de nervos. Que tal problema nada tinha de incomum. Que em casos semelhantes parecia existir um correlativo sexual, de certos modos similar à impotência sexual — quanto mais se queria, menos se podia. Eles precisavam era relaxar. Se pudessem, deviam esquecer tudo sobre procriação, quando tivessem sexo.

Stan estava carrancudo, no trajeto para casa. Patty perguntou-lhe o motivo.

— Eu *nunca* penso — respondeu ele.

— Em quê?

— Em procriação, *durante.*

Ela começou a rir, embora no momento se sentisse algo solitária e amedrontada. E nessa noite, acordada muito tempo depois de achar que Stanley devia estar dormindo, *ele* a assustara, falando no escuro. A voz dele era sem entonação, mas, ainda assim, sufocada por lágrimas.

— Sou eu — disse ele. — A culpa é minha.

Patty rolou na cama para junto dele, enlaçou-o, apertou-o.

— Não seja tolo — disse.

Entretanto, seu coração batia depressa — depressa demais. Ele não apenas a assustara; era como se Stan houvesse espiado dentro da mente da esposa e lesse uma secreta convicção que ela guardava lá, mas da qual só ficara sabendo naquele minuto. Sem nenhum ritmo, sem qualquer motivo, ela sentia — *sabia* — que ele estava certo. Havia algo errado, mas não com ela. Era com ele. Qualquer coisa com ele.

— Não seja tão *klutz.* (*Expressão iídiche. Aproximadamente, estúpido. N. da T.)* — sussurrou ela veementemente, contra o ombro dele.

Stanley suava ligeiramente e, de súbito, Patty percebeu que ele estava com medo. O medo irradiava-se dele em ondas gélidas; deitada nua ao lado do marido, de repente era como estar nua diante de uma geladeira aberta.

— Não sou um *klutz* e não estou sendo tolo — respondeu ele em idêntico tom de voz, ao mesmo tempo monótono e cheio de emoção. — Você sabe disso. Sou eu. Só que não sei *por quê.*

— Você não poder saber tal coisa!

A voz dela era rude, desaprovadora — a voz de sua mãe quando tinha medo. Inclusive, quando o censurava, o corpo dela foi sacudido por um estremecimento que a percorreu como uma chibatada. Stanley notou e apertou os braços em volta de Patty.

— Às vezes — disse ele, — às vezes, acho que sei por quê. Às vezes tenho um sonho, um pesadelo, e penso quando acordo: "Agora já sei. Sei o que está errado." Não apenas sobre você não engravidar, mas sobre tudo. Tudo que existe de errado em minha vida.

— Não existe *nada* de errado em sua vida, Stanley!

— Eu não me refiro a dentro de mim — explicou ele. — Dentro de mim está tudo ótimo. Falo do *exterior.* De algo que devia estar terminado, mas que não foi ainda resolvido. Quando desperto desses sonhos, fico pensando: "Toda a minha agradável vida

nada mais foi senão o olho de algum furacão que eu não compreendo. Estou com medo. Só que então, isso apenas... se evapora. Como acontece com os sonhos."

Patty sabia que, às vezes, seu marido tinha sonhos agitados. Em meia dúzia de ocasiões, ele se debatera e gemera tanto, que a despertara. Possivelmente haveria outras em que ela continuara dormindo durante aqueles sombrios interlúdios do marido. Sempre que o tocava, que o interrogava, Stan dizia a mesma coisa: *"Não consigo lembrar."* Então, ele pegava um cigarro e fumava, sentado na cama, esperando que os resíduos do sonho se esvaíssem por seus poros, como suor fedorento.

E nada de filhos. Na noite de 28 de maio de 1985 — a noite do banho — os pais de ambos ainda esperavam ser avós. O aposento extra continuava aposento extra. Os absorventes Maxi e Mini continuavam ocupando os lugares costumeiros, no armário debaixo da pia do banheiro. O vermelhão continuava fazendo sua visita mensal. Muito ocupada com os próprios afazeres, mas não tendo esquecido inteiramente o sofrimento da filha, a mãe dela cessara de perguntar nas cartas e também quando Stanley e Patty faziam suas viagens a Nova York, duas vezes ao ano. Não havia mais comentários humorísticos sobre se eles estavam ou não tomando sua vitamina E. Stanley também deixara de falar em bebês mas, em certas ocasiões, quando Patty sabia que ele não estava olhando, via uma sombra no rosto do marido. Uma sombra. Como se ele procurasse recordar algo, desesperadamente.

Além dessa única nuvem, a vida dos dois transcorria suficientemente aprazível, até o telefone tocar durante o programa *Family Feud,* na noite de 28 de maio. Patty tinha no colo seis camisas de Stan, duas blusas dela, o estojo de costura e a caixa de botões sortidos. Stan lia o novo livro de William Denbrough, ainda nem mesmo publicado em capa mole. Havia uma fera de fauces arreganhadas na capa do livro. Na contracapa, a figura de um homem careca e de óculos. Stan estava sentado perto do telefone.

— Alô — atendeu ele. — Residência dos Uris.

Ficou ouvindo e uma ruga surgiu entre suas sobrancelhas.

— *Quem* disse que é?

Patty sentiu um instante de medo. Mais tarde, a vergonha a faria mentir para os pais, dizendo que soubera haver algo errado, desde o momento em que o telefone tocara. De fato, sua apreensão durara apenas um instante, quando ergueu rapidamente os olhos da costura que fazia. Enfim, talvez aquilo fosse certo. Talvez ambos houvessem suspeitado de que algo estava para acontecer, muito antes daquele telefonema, algo que não se coadunava com a bela casa, elegantemente edificada atrás da baixa sebe de teixos, algo tão concreto que na realidade dispensava muita certeza... precisando apenas daquele brusco instante de apreensão, como a pancada de um furador de gelo, prontamente afastado.

— *É mamãe?* — Perguntou ela nesse instante, formando silenciosamente as palavras com os lábios. Patty receou que seu pai, com dez quilos a mais do que o normal e propenso ao que ele dizia ser "dor de estômago" desde o início dos quarenta anos, houvera tido um ataque cardíaco.

Stan negou para ela com a cabeça e então sorriu um pouco, para algo que a voz lhe dizia ao telefone.

— Você... *você?* Ora, mas isto é incrível! Mike! Como é que v...

Ficou novamente silencioso e ouvindo. Quando seu sorriso desapareceu, ela identificou — ou pensou identificar — a expressão analítica, aquela que revelava estar alguém expondo um problema, explicando uma mudança repentina em uma situação em andamento, quando não, dizendo-lhe algo estranho e interessante. Patty deduziu que devia ser a última hipótese. Algum cliente novo? Um velho amigo? Era possível. Voltou

a concentrar-se na televisão, onde uma mulher abraçava Richard Dawson e o beijava alucinadamente. Ela refletiu que Richard Dawson já devia ter sido ainda mais beijado do que a pedra Blarney. *Também* pensou que gostaria bastante de beijá-lo.Quando começou a procurar um botão preto que combinasse com os da camisa azul de brim de Stanley, estava ligeiramente cônscia de que a conversa agora deslizava para outro sulco. Stanley grunhia ocasionalmente e, certa feita, perguntou:

— Você tem certeza, Mike? — Por fim, após uma longa pausa, acrescentou: Está bem, eu compreendo. Sim, eu... Sim. Sim, tudo. Já montei o quadro. Eu... o quê? Não, não posso absolutamente *prometer* isso, mas fique certo de que pesarei cuidadosamente o assunto. Você sabe que... Como? Ele o quê? Foi mesmo?... Ora, mas é claro! É evidente, conte comigo. Sim... naturalmente... obrigado... está bem. Tchau.

Stanley desligou. Olhando para ele, Patty o viu fitando o espaço ae-reamente, acima da televisão. No programa, a platéia aplaudia a família Ryan, que acabara de fazer duzentos e oitenta pontos, a maioria deles adivinhando que a pesquisa do auditório diria "matemática", em resposta à pergunta "Que matéria todos dizem que Júnior odeia mais na escola?" Os Ryan davam pulos e gritavam alegremente. Não obstante, Stanley tinha a testa franzida. Mais tarde, ela diria aos pais que achara o rosto dele um tanto pálido — e achara realmente — mas não contou que, no momento, imaginara aquela palidez como reflexo do abajur de mesa, com sua cúpula de vidro verde.

— Quem era, Stan?

— Hummm?

Ele se virou para ela. Patty achou que a expressão do marido era de leve abstração, talvez mesclada a um pequeno aborrecimento. Foi somente mais tarde, reconstituindo a cena em pensamento, várias vezes, que passou a crer que fosse a expressão do homem que metodicamente se desliga da realidade, um pouquinho de cada vez. Era o rosto do homem que sai do azul para penetrar no negro.

— Quem *telefonou?*

— Ninguém — respondeu ele. — Sim, ninguém. Acho que vou tomar um banho... — acrescentou, levantando-se.

— Como? Às sete da noite?

Ele não respondeu, apenas saiu da sala. Ela devia ter-lhe perguntado se havia algo errado, podia mesmo tê-lo seguido, perguntado se ele estava com o estômago indisposto — Stan era sexualmente desinibido, mas podia ser curiosamente recatado a respeito de outras coisas. Não seria nada improvável ele dizer que ia tomar banho, quando de fato queria apenaspôr para fora algo que não lhe tivesse feito bem. Contudo, logo nesse momento era apresentada uma nova família — os Piscapos — e Patty *sabia* que Richard Dawson encontraria algo divertido para dizer sobre aquele nome e, além disso, ela estava tendo problemas para encontrar um botão preto, mesmo sabendo que existiam montes deles na caixa de botões. Claro, eles se tinham escondido — não havia outra explicação...

Assim, deixou que Stan se fosse e não tornou a pensar nele até a contagem de pontos na TV, quando ergueu os olhos e viu a poltrona dele vazia. Ouvira a água correndo na banheira, no andar de cima, como também a ouvira parar, cinco ou dez minutos mais tarde... Agora, contudo, percebia que não ouvira a porta da geladeira ser aberta e fechada, isto significando que Stan subira sem uma lata de cerveja. Alguém telefonara para ele e jogara em seu colo um gordo problema. No entanto, ela lhe oferecera uma só palavra de comiseração? De maneira alguma. Tentara sondá-lo um pouco mais? Não. Chegara a perceber algo errado? Pela terceira vez, não. Tudo por causa daquele imbecil programa de televisão — em realidade, ela nem podia acusar os botões; eles tinham sido apenas uma desculpa.

Muito bem — ela lhe levaria uma lata de "Dixie", ficaria sentada perto dele na borda da banheira, esfregaria suas costas, bancaria a gueixa e lhe lavaria a cabeça, se ele quisesse, enquanto isso tentando descobrir qual era o problema... ou *quem* era.

Pegou uma lata de cerveja na geladeira e subiu para o andar de cima. Sua primeira estranheza foi ao ver que a porta do banheiro estava fechada. Não apenas encostada, mas trancada. Aquilo constituía uma espécie de brincadeira entre eles — a porta fechada significava que Stan fazia algo que a mãe lhe ensinara, a porta aberta significava que ele não era contrário a fazer algo do ensinamento que, adequadamente, sua mãe deixara por conta de outros.

Patty tamborilou na porta com as unhas, de repente cônscia, demasiado cônscia até, do repicar reptiliano que elas produziam na madeira. E, sem dúvida, bater à porta do banheiro, anunciar-se como um hóspede, era uma coisa que nunca fizera antes em sua vida de casada — nem ali e nem em qualquer outra porta da casa.

A estranheza subitamente ficou mais forte, fazendo-a recordar o Lago Carson, onde costumava nadar quando menina. Em princípios de agosto, o lago era quente como uma banheira... mas então se chegava a umbolsão frio, que provocava arrepios, surpresa e delícia. Em um minuto, a pessoa estava quente, no outro, era como se a temperatura houvesse descido vinte graus, dos quadris para baixo, Excetuando-se a delícia, era como ela agora se sentia — como se houvesse tocado em um bolsão de água gelada. Contudo, este bolsão gélido não ficava abaixo de seus quadris, esfriando suas pernas compridas de adolescente, nas negras profundezas do Lago Carson.

Agora, a frialdade a envolvia por inteiro.

— Stanley? Stan?

Desta vez, ela fez mais do que tamborilar com as unhas. Bateu à porta com força. Não recebendo resposta, usou de mais força ainda.

— *Stanley?*

Seu coração. Seu coração não parecia mais no peito. Batia em sua garganta, dificultando-lhe a respiração.

— *Stanley!*

No silêncio que se seguiu a seu grito (e apenas o som do grito ali, a menos de nove metros do lugar onde repousava a cabeça e dormia todas as noites, amedrontou-a ainda mais), ela ouviu um som que fez o pânico elevar-se das partes inferiores de sua mente, como um convidado indesejável. Um leve som, em realidade. Era apenas o som de água pingando. *Plink...* pausa. *Plink...* pausa. *Plink...* pausa. *Plink...*

Patty podia ver as gotas se formando na boca da torneira, ficando gordas e pesadas, *engravidando* ali, e então despencando: *plink!*

Nada mais que esse som. Nenhum outro além desse. Então, de repente, com terrível certeza, ela soube que havia sido Stanley, não seu pai, o vitimado por um ataque cardíaco, essa noite.

Com um gemido, aferrou a maçaneta de vidro facetado e a girou. A porta não se moveu: estava trancada. Subitamente, três *nuncas* ocorrerem a Patty Uris, em rápida sucessão: Stanley nunca tomava banho ao anoitecer. Stanley nunca trancava a porta, a menos que estivesse usando o vaso sanitário. E Stanley nunca trancava a porta para ela, em absoluto.

Seria possível, perguntou-se alucinadamente, alguém fazer *preparativos* para um ataque cardíaco?

Patty deslizou a língua sobre os lábios — aquilo produziu em sua cabeça um som semelhante ao de lixa fina sendo passada em uma tábua — e tornou a chamar por ele outra vez. Não houve qualquer resposta, apenas o pingar deliberado da água na torneira.

Baixando os olhos, viuque ainda segurava a lata de cerveja "Dixie". Fitou-a idiotamente, o coração disparando em sua garganta como um coelho; fitou-a como se nunca houvesse visto uma lata de cerveja na vida, até aquele instante. De fato, parecia mesmo que nunca a vira ou, pelo menos, que jamais vira uma igual àquela, porque ao piscar os olhos, ela transformou-se em um braço de telefone, tão negro e ameaçador como uma serpente.

— Em que posso ajudá-la, madame? Tem algum problema? — cuspiu a serpente para ela.

Patty a socou em seu gancho e recuou, esfregando a mão que a segurava. Olhando em torno, viu que voltara à sala da televisão e compreendeu que o pânico surgido à frente de sua mente, como um emboscado subindo furtivamente um lance de escada, conseguira dominá-la. Agora, podia recordar que deixara cair a lata de cerveja junto à porta do banheiro e descera a escada precipitadamente, pensando de maneira vaga: *Tudo isto é um engano de alguma espécie e acharemos graça mais tarde. Ele encheu a banheira, depois lembrou que não tinha cigarros e saiu para comprá-los, antes de tirar a roupa...*

Sim. Entretanto, ele já havia trancado a porta do banheiro por dentro e, sendo demasiado incômodo tornar a destrancá-la, apenas abrira a janela acima da banheira e descera pela lateral da casa, como uma mosca rastejando parede abaixo. Claro, naturalmente, claro...

O pânico crescia de novo em sua mente — era como café preto e amargo, ameaçando transbordar da xícara. Patty fechou os olhos e lutou contra isso. Ficou parada, absolutamente imóvel, uma pálida estátua, com o coração palpitando na garganta.

Podia agora recordar que descera a escada correndo até ali, seus pés tropeçando nos degraus, depois correndo para o telefone — oh, sim, lógico — mas para quem iria telefonar?

Pensou loucamente: *Eu telefonaria para a tartaruga, mas a tartaruga não poderia ajudar-nos.*

De qualquer modo, não importava. Chegara a discar até o 0 e devia ter dito algo não padronizado, porque a telefonista perguntara se ela estava com algum problema. Claro que estava, mas como dizer àquela voz sem rosto que Stanley se trancara no banheiro e não respondia, que o uniforme som da água pingando na banheira estava matando seu coração? *Alguém* precisava ajudá-la. Alguém...Levou o dorso da mão à boca e o mordeu deliberadamente. Tentava pensar, tentava *forçar-se* a pensar.

As chaves sobressalentes. As chaves sobressalentes no armário da cozinha.

Começou a andar e um pé calçado de chinelo chutou o saco de botões, deixado ao lado de sua cadeira. Alguns botões caíram, cintilando como olhos vidrados à luz do abajur. Patty viu uma dúzia de botões pretos pelo menos.

Pregada à parte interna da porta do armário acima da pia dupla, havia uma comprida tábua envernizada, no formato de uma chave — um cliente de Stan a fizera em sua oficina e dera a ele como presente, dois Natais atrás. A chave tinha pequenos ganchos e, pendurados neles, estavam todas as chaves da casa, duas duplicatas de cada para um gancho. Abaixo de cada gancho, havia uma tira de papel adesivo, na qual fora inscrito com a letra pequena e nítida de Stan: GARAGEM, SÓTÃO, BAN. SUPERIOR, BANHEIRO INFERIOR, PORTA DA FRENTE, PORTA DOS FUNDOS. A um lado, havia desenhos de chaves de ignição, etiquetados M-B e VOLVO.

Patty pegou a chave marcada BANHEIRO SUPERIOR e começou a correr para a escada, mas depois obrigou-se a caminhar. Correr fazia o pânico querer voltar, um pânico que já estava demasiado próximo da superfície. Aliás, se ela apenas caminhasse, talvez nada houvesse de errado. Ou, se *houvesse* algo de errado, Deus olharia para baixo, veria que

ela somente caminhava e pensaria: *Oh, ainda bem... Armei uma boa confusão, mas ainda estou em tempo de endireitá-la.*

Caminhando tão tranqüilamente como faria uma mulher indo para uma reunião no Círculo do Livro para Senhoras, subiu a escada e seguiu até a porta fechada do banheiro.

— Stanley? — chamou, ao mesmo tempo em que forçava a porta.

De repente, estava mais medrosa do que nunca, sem querer usar a chave, porque se a usasse, seria algo demasiado final. Se Deus não resolvesse aquilo antes de usar a chave, então Ele jamais resolveria. Afinal de contas, a época dos milagres há muito havia passado.

A porta, no entanto, permanecia trancada; o deliberado*plink*... pausa, da água gotejando, foi sua única resposta.

A mão de Patty tremia e a chave chocalhou contra o espelho da fechadura, antes de penetrar no orifício e encaixar-se. Patty girou-a e ouviu o clique do trinco se abrindo. Procurou a maçaneta de vidro facetado, que tentou escorregar novamente em sua mão — agora, não porque a porta estivesse trancada, mas porque Patty tinha a palma banhada de suor. Firmando a pressão, obrigou-a a girar. Depois empurrou a porta.

— Stanley? Stanley? St...

Olhou para a banheira, com a cortina azul do chuveiro franzida no final do cano de aço inoxidável, e esqueceu como terminar o nome do marido. Ficou apenas olhando para a banheira, o rosto tão solene como o de uma criança em seu primeiro dia escolar. Em mais um momento ela começaria a gritar e seria Anita Mackenzie, a vizinha do lado, quem ouviria os gritos, Anita Mackenzie é que chamaria a polícia, certa de que alguém invadira a residência dos Uris e que por lá havia gente sendo assassinada.

Agora, entretanto, até este momento, Patty Uris apenas ficou calada, com as mãos engalfinhadas à frente do corpo contra a saia de algodão escuro, o rosto solene, os olhos arregalados. Então, a expressão de quase divina solenidade começou a transformar-se em algo mais. Os olhos arregalados começaram a esbugalhar-se. A boca repuxou-se para trás em um horrendo sorriso de terror. Ela quis gritar e não pôde. Os gritos eram grandes demais para escapar-lhe da garganta.

O banheiro era iluminado por tubos fluorescentes. Tudo estava muito brilhante. Não havia sombras. Era possível ver-se tudo, querendo ou não. A água na banheira era de um tom rosa-vivo. Stanley jazia com as costas recostadas no final da banheira. A cabeça descambara tão para trás, sobre o pescoço, que mechas de seu curto cabelo negro roçavam a pele entre as omoplatas. Se os olhos abertos ainda pudessem ver, Patty lhe pareceria estar de cabeça para baixo. A boca pendia aberta, como uma porta de molas. Sua expressão era de gélido e abismai horror. Um pacotinho de lâminas de barbear Gillette Platinum Plus jazia sobre a borda da banheira. Ele havia cortado a parte interna dos antebraços, do punho à dobra do cotovelo, depois cruzando os cortes logo abaixo dos Braceletes da Fortuna, formando um par de sangrentos "T" maiúsculos. Os cortes cintilavam em vermelho-púrpura, à crua luz branca. Patty pensou que os tendões expostos e os ligamentos pareciam os encontrados em carne de boi barata.

Uma gota d'água chegou à borda da brilhante torneira de cromo e começou a engordar. A *engravidar,* poder-se-ia dizer. Cintilou. Caiu. *Plink.*Stanley mergulhara o indicador direito no próprio sangue e escrevera uma única palavra nos ladrilhos azuis acima da banheira, escrevera-a em duas enormes, trêmulas letras. Uma ziguezagueante marca sangrenta de dedo caía da segunda letra da palavra — Patty viu que o dedo dele fizera aquela marca, quando a mão caíra dentro da banheira, onde agora boiava. Imaginou que Stanley devia ter feito aquela marca — sua impressão final sobre o mundo — enquanto perdia a consciência. Uma marca que parecia gritar para ela:



Outra gota caiu dentro da banheira. *Plink!*

Foi a conta. Patty Uris finalmente recuperou a voz. Fitando a cabeça e os olhos cintilantes do marido morto, ela começou a gritar.

2

Richard Tozier toma férias

Rich achava que estava indo muito bem, até começar o vômito. Tinha ouvido tudo o que Mike Hanlon lhe dissera, replicara com todas as coisas certas, dera resposta às perguntas de Mike e até havia feito algumas. Estava ligeiramente cônscio de que usava uma de suas Vozes — não uma daquelas estranhas e ultrajantes que empregava no rádio (o Conta-bilista Sexual, Kinky da Pasta, era seu favorito, pelo menos por enquanto, e a reação positiva do ouvinte em relação a Kinky era quase tão altaquanto a do permanentemente favorito, o Coronel Buford Beijomolha-do), mas sim uma Voz cálida, cheia e confiante. Uma Voz de Tudo-bem-comigo. Parecia formidável, mas era uma mentira. Da mesma forma como todas as demais Vozes eram mentiras.

— Quanto você recorda, Rich? — Mike perguntara.

— Muito pouco — havia respondido. E após uma pausa: — Acho que o suficiente.

— Você virá?

— Irei — disse Rich, e desligou.

Ficou sentado em seu estúdio por um momento, recostado na cadeira atrás de sua mesa, olhando para o Oceano Pacífico. Dois adolescentes apareciam à esquerda, divertindo-se em suas pranchas de surfe, sem realmente fazerem grande coisa. Não havia ondas apropriadas para o surfe.

O relógio em cima da mesa — um custoso L.E.D. de quartzo, presente do representante de uma companhia de discos — dizia que eram 5:09 da tarde de 28 de maio de 1985. Naturalmente, seriam três horas mais, no lugar de onde Mike telefonara. Já escurecendo. Sentiu um arrepio ao pensar nisso e começou a mover-se, a fazer coisas. Primeiro, claro, pôs um disco — sem selecioná-lo, pegando-o às cegas entre os milhares guardados nas prateleiras. Rock and roll fazia parte de sua vida, tanto como as Vozes, e ele sentia dificuldade em fazer qualquer coisa sem um fundo musical — e quanto mais alto melhor. O disco que apanhou era uma retrospectiva dos Motown. Marvin Gaye, um dos membros mais novos do que Rich às vezes chamava Conjunto-dos-Mortos, começou a cantar:

"Fiquei sabendo por uma fofoca".

"Oooh-hoo, você deve estar matutando como é que descobri..."

— Nada mau — disse Rich.

Até sorriu um pouco. Aquilo era *ruim* e, admitidamente, fora apanhado de surpresa, mas achava que podia dar um jeito. Cabeça fria.

Começou a preparar-se, a fim de voltar para casa. A certa altura, durante a hora seguinte, ocorreu-lhe que era como se houvesse morrido, mas sendo-lhe ainda permitido tomar todas as disposições finais sobre seus negócios... inclusive as referentes ao próprio funeral. Rich considerou que estava se saindo muitíssimo bem nisso. Ligou para a agente de viagens costumeira, pensando que provavelmente ela já devia estar envolvida no trânsito, indo para casa, mas valia a pena tentar. Surpreendentemente, apanhou-a ainda no escritório. Disse-lhe o que queria e ela pediu uns quinze minutos de espera.

— Devo-lhe um favor, Carol — disse ele.

Os dois haviam progredido de Sr. Tozier e Sra. Feeny para Rich e Carol, no correr dos três últimos anos — bastante íntimos, considerando-se que nunca se tinham visto frente a frente.

— Muito bem, pois pague agora — respondeu ela. — Pode fazer Kinky da Pasta para mim?

Sem ao menos uma pausa — se houvesse pausa para encontrar a Voz, em geral não havia Voz alguma a ser encontrada — Rich disse:

— Aqui fala Kinky da Pasta, o Contabilista Sexual — um sujeito procurou-me outro dia, querendo saber qual a pior coisa sobre pegar AIDS. — Sua voz baixara ligeiramente; ao mesmo tempo, o ritmo se acelerara até ficar lampeiro — era sem dúvida uma voz americana, mas ainda assim evocava um rico inglês colonial, que era, em seu jeito confuso, tão sedutor quanto atrapalhado. Rich não tinha a menor ideia de quem era realmente Kinky da Pasta, mas podia jurar que sempre usava ternos brancos, lia o *Esquire,* bebia coisas servidas em copos altos e irradiava um cheiro de xampu à base de essência de coco. — Respondi-lhe prontamente — procure explicar para sua mãe como a pegou de uma garota haitiana. Até a próxima vez, aqui é Kinky da Pasta, o Contabilista Sexual, dizendo: "Você precisa do meu cartão, se não consegue um tesão."

Carol Feeny desmanchou-se em gargalhadas.

— Foi perfeito! *Perfeito!* Meu namorado diz não acreditar que você consiga *fazer* essas vozes. Ele acha que deve ser algum dispositivo para modificar a voz ou coisa assim...

— É apenas talento, minha querida — respondeu Rich. Kinky da Pasta se fora. Agora era a vez de W.C. Fields, de cartola, nariz vermelho, sacos de golfe e tudo. — Estou tão impregnado de talento, que preciso arrolhar todos os orifícios de meu corpo, apenas para evitar que vaze como... bem, que apenas vaze para fora.

Ela teve outro acesso de riso, e Rich fechou os olhos. Podia sentir o início de uma dor de cabeça.

— Seja boazinha e veja o que pode fazer por mim, está bem? — pediu ele, ainda como W.C. Fields, e desligou sobre outro ataque de riso.Agora, tinha que voltar a ser ele próprio, o que era difícil — ficava mais difícil, de ano para ano. Quando se é outra pessoa, torna-se muito mais fácil ser corajoso.

Rich procurava escolher um bom par de sapatilhas de lona e se decidira por sapatos de tênis, quando o telefone voltou a tocar. Era Caro! Feeny, ligando em tempo recorde. Ele sentiu vontade de apelar para a Voz Kinky da Pasta, mas terminou

desistindo. Ela lhe conseguira uma passagem de primeira classe na American Airlines, sem escalas, de Los Angeles a Boston. Ele partiria de L.A. às 21 horas e chegaria a Logan por volta de 5 horas da manhã seguinte. Pela Delta, ele voaria de Boston às 7:30, chegando em Bangor, no Maine, às 8:20. Ela lhe conseguira um sedã modelo grande na agência Avis, e seriam apenas quarenta quilômetros, do balcão da Avis, no Aeroporto Internacional de Bangor, aos limites da cidade de Derry.

Apenas quarenta quilómetros? Pensou Rich. *Serão mesmo, Carol? Enfim, deve ser isso mesmo — em quilómetros, pelo menos. Entretanto, você não faz a menor ideia de quanto Derry* de fato *é longe. Aliás, nem eu. De qualquer modo, ó Deus, meu bom Deus, vou descobrir.*

— Não tentei reservar quarto, porque você não me disse por quanto tempo ficará lá — disse ela. — Acha que...

— Não — deixe que eu cuido disso — respondeu Rich, e então Buford Beijomolhado assumiu. — Você foi um doce, minha quiirida. Um doce de cooooco.

Rich desligou suavemente enquanto ela ria — ele sempre os deixava rindo — e então discou 207-555-1212, solicitando a telefonista de auxílio para o Estado do Maine. Queria saber o número do Hotel Town House, de Derry. Oh, céus, *havia* um nome, emergindo do passado. Ele não pensara no Derry Town House em — quanto? — dez anos? Vinte? Seriam vinte e cinco anos? Por mais louco que parecesse, ele achava que *eram* pelo menos vinte e cinco anos. Se Mike não houvesse telefonado, Rich supunha que nunca pensaria nesse nome, pelo resto da vida. No entanto, houvera uma época em que havia caminhado diante daquela grande pilha de tijolos vermelhos todos os dias — e, em várias ocasiões, passara *correndo* por ela, perseguido por Henry Bowers, Arroto Huggins e aquele outro garoto grande, Victor-qualquer-coisa, todos eles lhe gritando gracinhas como *Nós vamos pegar você, cara de bosta! Vamos pegar você, seu frescalhão de quatro olhos!* Teriam *eles chegado a pegá-lo?* Antes que Rich pudesse lembrar, uma telefonista lhe perguntava qual a cidade, por favor.

— Em Derry, telefonista...

Derry! Céus! A própria *palavra parecia estranha e esquecida em sua boca; pronunciá-la era como beijar uma antiguidade.*

— ...a senhorita tem o número do Derry Town House?

— Um momento, senhor.

Não vai adiantar. O prédio se foi. Demolido para dar lugar a algum programa de remodelação urbana. Transformado em Sede dos Elks (Ordem Benevolente e Protetora dos Alces, uma organização nos moldes de fraternidade. N. da T.), *talvez em Bolichódromo ou Galeria Elétrica de Sonhos em Vídeo. Ou, ainda, incendiado uma noite, quando a sorte finalmente se voltou contra algum vendedor de sapatos bêbado, fumando na cama. Tudo acabado, Richie — da mesma forma como seus óculos, tão xingados por Henry Bowers. Como diria aquela canção de Springsteen? Dias gloriosos... apagados no piscar de uma garota. Que garota? Bev, naturalmente. Bev...*

O Town House podia estar mudado, mas aparentemente tal não acontecera, porque então soou na linha uma voz monótona e robotizada, dizendo:

— O número... é... 9... 4... 1... 8... 2... 8... 2. Vou repetir: ...o... número... é...

Rich, no entanto, já o decorara da primeira vez. Era um prazer desligar sobre aquela voz indolente — era muito fácil imaginar algum monstro esférico da Seção de Auxílio, sepultado em algum ponto da terra, suando regatos e segurando milhares de telefones, em milhares de tentáculos com articulações cromadas — a versão da Companhia Telefónica da nê-mese de Spidey, o Dr. Octopus. A cada ano o mundo em

que vivia Rich ficava mais semelhante a uma gigantesca e assombrada casa eletrônica, na qual fantasmas digitais e amedrontados seres humanos conviviam inquietamente.

Ainda de pé. Parafraseando Paul Simon, ainda de pé, após todos estes anos.

Discou para o hotel, que vira a última vez através dos óculos de aros de chifre da sua infância. Discar aquele número, 1-207-941-8282, era dia-bolicamente simples. Levou o fone ao ouvido, espiando pela grande janela panorâmica envidraçada de seu estúdio. Os surfistas já tinham ido embora; um casal caminhava lentamente pela praia, de mãos dadas, substituindo os surfistas. Um casal que poderia ser um poster na parede da agência de viagens em que Carol trabalhava, tal a perfeição do quadro formado. Excetuando-se o fato de que os dois usavam óculos.

Vamos pegar você, cara de bosta! Vamos quebrar seus óculos!

Criss, sua mente expeliu de súbito. *O sobrenome dele era Criss. Victor Criss.*

Deus do céu, não lhe interessava saber isso, não tanto tempo depois, mas o detalhe parecia não importar nem um pouco às recordações. Havia algo acontecendo lá embaixo nos porões, lá onde Rich Tozier guardava sua coleção pessoal dos Bons e Velhos Tempos. Abriam-se portas.

Somente, lá em baixo não há discos, hein? Lá, você não é Rich "Discos" Tozier, o disc-jockey influente da KLAD e o Homem das Mil Vozes, certo? E estas coisas que estão se abrindo... não são exatamente portas, não é mesmo?

Rich tentou expulsar tais pensamentos.

Em recordações é que sou bom. Eu estou okay, você está okay, Rich Tozier está okay. Enfim, eu podia fumar um cigarro.

Ele parara de fumar quatro anos antes, mas agora bem podia apelar para um cigarro, naturalmente.

Eles não são discos, mas corpos mortos. Você os enterrou fundo, mas agora está acontecendo algum tipo de terremoto maluco e o chão os está cuspindo para a superfície. Você, lá, não é Rich "Discos" Tozier. Lá, você não passa de Richie "Quatro Olhos" Tozier, está com seus colegas e tão amedrontado, que seus colhões parecem transformar-se em gelatina. Aquelas não são portas e nem se estão abrindo. São criptas, Richie. Criptas abertas por rachaduras, permitindo que voem para fora os vampiros que você imaginava mortos.

Um cigarro, apenas um. Até um Carlton serviria, pelo amor de Deus.

Vamos pegar você, quatro olhos! Vamos fazer você COMER essa fodida sacola de livros!

— Town House — anunciou uma voz de homem, com sotaque nortista.

A voz viajara toda a extensão através da Nova Inglaterra, do Meio-Oeste e por debaixo dos cassinos de Las Vegas, antes de chegar ao seu ouvido. Rich perguntou à voz se poderia reservar-lhe uma suíte no Town House, a partir do dia seguinte. A voz respondeu que poderia e então perguntou por quanto tempo.

— Não posso precisar. Tenho que...

Rich fez uma ligeira pausa. O que *tinha* de fazer, exatamente? Em seu olho mental, viu um menino com uma sacola de livros feita de lona, correndo do ataque dos garotos maus; viu um menino que usava óculos, um menino magro, que de algum modo parecia gritar: *Peguem-me! Venham pegar-me!* de certa forma misteriosa, para cada fanfarrão que passava. *Aqui estão meus lábios! Amassem minha boca contra meus dentes! Aqui está meu nariz! Tirem-lhe sangue e o quebrem, se puderem! Soquem uma orelha, para que ela se inche como uma couve-flor! Abram uma sobrancelha! Aqui está meu queixo, venham esmurrá-lo e derrubar-me! Aqui estão meus olhos, tão azuis e aumentados por estas nojentas, odiosas lentes, estes óculos de aros de chifre com uma*

haste colada com fita adesiva. Quebrem os óculos! Enfiem um punhado de cacos de vidro em um destes olhos e o deixem fechado para sempre! Que inferno!

Rich fechou os olhos e disse:

— Tenho que resolver negócios em Derry, compreenda. Não sei quanto tempo vou demorar. O que me diz de três dias, com opção para renovar?

— Opção para renovar? — perguntou o homem, dubitativãmente. Rich esperou com paciência, enquanto o sujeito digeria aquilo em sua mente. — Oh, já entendi! Isso é muito bom!

— Obrigado e... ah... espero que vote conosco em novembro — disse John F. Kennedy. — Jackie quer... ah... redecorar a... ah... Sala Oval, e eu consegui um cargo perfeito para meu... ah... irmão Bobby.

— Sr. Tozier?

— Sim?

— Tudo bem... Parece que alguém entrou na linha por alguns segundos.

Apenas um antigo politicozinho do V.P.D., pensou Rich. *Caso lhe interesse saber, significa o Velho Partido Defunto. Não se preocupe com isso.* Foi percorrido por um estremecimento e tornou a dizer para si mesmo, em quase desespero: *Você está okay, Rich.*

— Eu também ouvi — replicou Rich. — Deve ter sido uma linha cruzada. E quanto àquele quarto?

— Oh, não haverá problema algum — respondeu o homem. — Aqui em Derry temos algum movimento, porém nunca exagerado.— Tudo certo, então?

— *Oh, ayuh* — replicou o homem.

Rich estremeceu de novo. Esquecera também isso — aquele simples nova-inglaterrismo para "sim", para *yes*. *Oh, ayuh.*

Vamos pegar você, veado! gritou a voz fantasmagórica de Henry Bowers, e Rich sentiu que novas criptas rachavam dentro dele; o fedor sentido não era de cadáveres decompostos, mas de lembranças decompostas, algo muito pior.

Forneceu ao empregado do Town House seu número do American Express e desligou. Depois ligou para Steve Covall.o diretor do programa na KLAD.

— O que há, Rich? — perguntou Steve.

As últimas cotações Arbitron tinham apontado a KLAD no topo do canibalístico mercado do rock-FM de Los Angeles e, desde então, Steve se mostrara com excelente disposição — pronto a dispensar pequenos favores.

— Bem, talvez você lamente a pergunta — respondeu Rich. — Preciso tomar uns dias de folga. Pequenas férias.

— Você vai tomar... — Podia sentir a perplexidade na voz de Steve. — Acho que não entendi bem, Rich.

— Tenho que calçar meus sapatos de rock. Vou cair fora.

— O que quer dizer com "cair fora?" Segundo a programação que tenho aqui à minha frente, você estará no ar amanhã, das duas da tarde até as seis, como sempre. De fato, estará entrevistando Clarence Clemons no estúdio, às quatro da tarde. Sabe quem é Clarence Clemons, Rich? Como em "Apareça e *vença,* Chefe?"

— Clemons pode perfeitamente ser entrevistado por Mike O'Hara.

— Clarence *não quer* ser entrevistado por Mike, Rich. Ele não quer falar com Bobby Russell. Também não quer falar *comigo.* Clarence é um grande fã de Buford Beijomolhado e de Wyatt, o Homicida Extorsionista. Ele só quer falar com *você,* meu amigo. E, para mim, não há o menor interesse em ter um saxofonista de cento e trinta

quilos, que certa vez quase foi convocado por uma equipe de futebol profissional, puto da vida e irrompendo feito louco em meu estúdio!

— Não creio que ele já tenha tido esses acessos de loucura antes — disse Rich. — Afinal, estamos falando de Clarence Clemons, não de Keith Moon.Houve silêncio na linha. Rich esperou com paciência.

— Está mesmo falando sério? — perguntou Steve afinal, em um tom de voz que parecia suplicante. — Quero dizer, a menos que sua mãe tenha acabado de falecer, que você esteja com um tumor cerebral ou coisa assim, isto é uma fuga ao dever.

— Eu preciso ir, Steve.

— Sua *mãe* está doente? Deus nos livre, mas... ela morreu?

— Minha mãe morreu há dez anos.

— Você está com um tumor no cérebro?

— Não tenho nem mesmo um pólipo no reto.

— Isto não é uma brincadeira, Rich.

— Eu sei que não é.

— Você está sendo um fodido sujo, cara, e não estou gostando.

— Eu também não, mas tenho que ir.

— Para onde? Por quê? O que significa isto? *Fale* comigo, Rich!

— Alguém me telefonou. Alguém que conheci há muito e muito tempo. Em outro lugar. Aconteceu algo por lá. Eu tinha feito uma promessa. Todos nós prometemos que voltaríamos, se esse algo tornasse a acontecer. E parece que aconteceu.

— De que algo estamos falando, Rich?

— Ainda é cedo demais para dizer.

Aliás, se eu lhe contar a verdade, você pensará que estou doido: eu não me lembro.

— Quando foi que fez essa famosa promessa?

— Há muito tempo. No verão de 1958.

Houve outra prolongada pausa, e ele sabia que Steve Covall estava querendo decidir se Rich "Discos" Tozier, vulgo Beijomolhado, vulgo Wyatt, o Homicida Extorsionista, etc, etc, lhe pregava uma peça ou estava tendo alguma espécie de colapso mental.

— Naquela época, você era apenas uma criança — disse Steve, em voz sem entonação.

— Eu tinha onze anos. Caminhando para doze. Outra longa pausa. Rich esperou pacientemente.

— Está bem — disse Steve. — Farei uma rotação de turnos — colocarei Mike em seu lugar. Posso convocar Chuck Foster para algum trabalho extra — imagino que possa — se conseguir descobrir em que restaurante chinês ele se escondeu no momento. Só vou fazer isso porquenós dois estamos juntos há muito tempo. De qualquer modo, não vou esquecer que fez sujeira comigo, Rich.

— Oh, não é nada disso! — exclamou Rich, mas a dor de cabeça estava aumentando. Ele sabia o que estava fazendo; Steve achava o contrário? — Apenas preciso de alguns dias de folga, eis tudo, Você está agindo como se eu não ligasse a mínima para a sua concessão da CFC (*Comissão Federal de Comunicações. N. da T.*).

— Alguns dias de folga para quê? Para a reunião de sua turma de Lobinhos Escoteiros nas Cascatas da Merda, Dakota do Norte, ou na Cidade de Conafaminta, Virgínia Ocidental?

— Em realidade, estou pensando nas Cascatas da Merda, Arkansas, chapa — disse Buford Beijomolhado, com sua Voz de barrica oca.

Steve, no entanto, não estava para graças.

— Por que fez uma promessa quando tinha onze anos? Crianças não fazem promessas a sério nessa idade, pelo amor de Deus! Aliás, não é só isso, Rich, e você sabe. Isto aqui não é uma companhia seguradora e tampouco um escritório de advocacia. Estamos no *show-business,* a gente tem que ser humilde e bem sabe disso. Se me tivesse avisado com uma semana de antecedência, eu não estaria segurando este telefone em uma das mãos e uma garrafa de Mylanta na outra. Você está encostando meus colhões contra a parede, sabe que está, portanto, não insulte minha inteligência!

Steve agora quase gritava, e Rich fechou os olhos. *Não vou esquecer,* Steve tinha dito, e Rich concluiu que ele jamais esqueceria. Entretanto, Steve também havia dito que crianças não fazem promessas a sério quando têm onze anos, o que não era verdade. Rich não conseguia lembrar qual fora a promessa — não estava certo de que *quisesse* lembrar — mas o caso é que havia sido tremendamente a sério.

— Steve, eu preciso ir.

— Está bem. E eu já lhe disse que ajeito as coisas aqui. Portanto, vá em frente. Vá em frente, seu sujo!

— Steve, isto é ridíc...

Steve, no entanto, já desligara. Rich desligou também. Mal se havia afastado, quando o telefone tocou de novo e, sem precisar atender, ele sabia que era Steve novamente, mais alucinado do que nunca. Falar com ele, a esta altura dos acontecimentos, não faria bem algum; a situação apenas tenderia a piorar. Deslizou a alavanca ao lado do telefone para a direita, cortando um toque pela metade.

Foi ao andar de cima, tirou duas malas do armário e as encheu com um punhado heterogéneo de roupas, para as quais mal olhou. Jeans, camisas, roupas de baixo, meias. Só mais tarde, ocorreu-lhe que apanhara apenas roupas de criança. Levou as duas malas para baixo. Na sala de estar, havia uma foto em preto e branco de Ansel Adams, mostrando o Big Sur. Rich a fez deslizar sobre gonzos ocultos, expondo um cofre giratório. Abriu-o, tateou além dos documentos — aquela casa, aconchegantemente construída entre a zona de limites da falha geológica e a de vegetação propensa a incêndios, vinte acres de terra arborizada no Idaho, um punhado de ações... Aparentemente, comprara aquelas ações ao acaso — ao ver Rich chegando, seu corretor abanara a cabeça — mas os papéis tinham subido firmemente no correr dos anos. Às vezes, ele era surpreendido pela ideia de estar quase — não inteiramente, mas quase — rico. Tudo aquilo, por cortesia da música do rock-and-roll... e das Vozes, naturalmente.

Casa, acres, ações, apólice de seguro, até mesmo uma cópia de seu testamento e últimas vontades. Os *cordões que nos prendem apertadamente ao mapa de nossa vida,* pensou.

Houve um súbito e louco impulso de pegar seu isqueiro Zippo e acendê-lo, queimar toda a prostituída associação de motivos, de *saibam-todos-os-aqui-presentes* e de *ao-portador-deste-certificado-é-conferido*. De repente, aquela papelada em seu cofre deixara de ter qualquer significado.

O primeiro terror real então o atingiu, e nada havia de sobrenatural a respeito. Foi apenas uma percepção do quanto era fácil podar-se uma vida. Isso é que era tão assustador. Bastava levar o ventilador para junto de tudo que se levara anos amealhando, depois ligar o filho da mãe. Fácil. Queimar a papelada ou dispersá-la ao vento, depois apenas tomar umas férias.

Por trás dos documentos, que eram apenas primos em segundo grau do dinheiro, estava o que valia a pena. A grana. Quatro mil dólares, em notas de dez, vinte e cinqüenta.

Ao apanhá-las e enfiá-las no bolso do jeans, Rich perguntou-se se, de algum modo, não saberia o que estava fazendo, ao guardar ali aquele dinheiro — cinqüenta pratas em um mês, cento e vinte no próximo, talvez apenas dez no seguinte. Dinheiro estocado furtivamente. Dinheiro para tomar férias.

— Cara, isso é assustador — disse, mal percebendo que falara.

Olhava apaticamente para a praia, através do janelão. Agora estava deserta, desaparecidos os surfistas, o casal em lua-de-mel (se era isso que tinha sido).

Oh, sim, doutor — tudo me volta agora. Lembrar de Stanley Uris, por exemplo? Pode apostar que me lembro... Recordo o que costumávamos dizer para ele, achando tudo tão gozado... Stanley Urina, era como os garotos mais velhos o chamavam. "Ei, Urina! Ei, seu fodido assassino de Cristo! Para onde vai? Algum de seus amigos veados vai dar-lhe uma tacada?"

Rich fechou a porta do cofre com uma pancada e fez o quadro retornar ao lugar. Quando é que pensara em Stan Uris a última vez? Cinco anos antes? Dez? Vinte? Rich e sua família se tinham mudado de Derry na primavera de 1960, e como aqueles rostos se esfumavam depressa, sua turma, aquele lamentável bando de perdedores, com seu clubinho no que então era conhecido como Barrens — terras estéreis, — um nome engraçado para uma área de matagal tão exuberante. Eles brincavam de exploradores na selva, de *Seabees* (*De "C.B.", iniciais de "Batalhão de Construção" - Segunda Guerra Mundial - N. da T.*) escavando uma faixa de terra em um atol do Pacífico, enquanto mantinham os japoneses a distância. Brincavam de construtores de represas, de caubóis, espaçonautas em um mundo de selvas, qualquer coisa, mas fosse lá o nome que fosse, não se deve esquecer o que realmente aquilo significava: esconder-se. Esconder-se dos garotos maiores. Esconder-se dos Henry Bowers, dos Victor Criss, dos Arroto Huggins e do resto deles. Que bando de perdedores tinham sido! Stan Uris, com seu narigão de menino judeu, Bill Denbrough, que não conseguia dizer nada mais além de *"Hi-yo, Silver!"* sem gaguejar tanto, que quase enlouquecia quem ouvisse, Beverly Marsh, com suas esfoladuras e seus cigarros enrolados na manga da blusa, Ben Hanscom, tão gordo que parecia uma versão humana de Moby Dick, e Richie Tozier, com seus óculos de lentes grossas, suas notas altas, sua boca sensata e o rosto que apenas começava a ser modelado em novos e excitantes formatos. Haveria uma palavra para o que tinham sido? Oh, claro. Sempre haveria. *Le mot juste.* Neste caso, *le mot juste* era *bobocas.*

Como aquilo voltava, como tudo aquilo voltava... e lá estava ele, parado em sua sala de estar, tremendo tão descontroladamente como um vira-lata sem lar, apanhado em uma tempestade, tiritando porque os caras com quem convivera não eram tudo o que ele recordava. Havia outras coisas, coisas em que não pensara durante anos, tremulando logo abaixo da superfície.

Coisas sangrentas.

Escuridão. Certa escuridão.

A casa da Rua Neibolt, e Bill gritando: *Você m-matou meu irmão, s-seu fi-lho da m-mãe!*

Ele se lembrava? Bem, lembrava-se apenas do suficiente para não querer recordar mais nada, e qualquer um podia apostar a pele *nisso.*

Um cheiro de lixo, um cheiro de bosta e um cheiro de algo mais. Algo pior do que tudo. Era o fedor da fera, o fedor da Coisa, lá embaixo, na escuridão sob Derry, onde as máquinas trovejavam incessantemente. Ele recordou George...

Bem, isso era demais, e Rich correu para o banheiro, tropeçando em sua poltrona no trajeto e quase caindo. Chegou lá... a custo. Deslizou nos ladrilhos escorregadios até o vaso sanitário, de joelhos, como um louco dançarino de *break,* aferrou-se às laterais e

vomitou tudo o que tinha nas tripas. Mesmo assim, aquilo não cessou; de repente, podia ver Georgie Denbrough como se o tivesse visto na véspera. Georgie, que começara tudo, Georgie, que houvera sido assassinado no outono de 1957. Georgie morrera logo após a enchente, um de seus braços fora arrancado do corpo, e Rich apagara tudo isso da memória. Contudo, essas coisas voltavam, é claro que voltavam, exatamente, às vezes voltavam.

O espasmo passou e Rich tateou às cegas pela descarga. A água jorrou. Seu jantar de antes da hora, regurgitado em jatos quentes, desapareceu insossamente pelo cano.

Direto a outros esgotos.

Para o lodaçal, a catinga e escuridão dos esgotos.

Ele baixou a tampa, recostou a testa contra ela e começou a chorar. Era a primeira vez que chorava, desde o falecimento da mãe, em 1975. Sem pensar no que fazia, pressionou as mãos debaixo dos olhos, e as lentes de contato que usava escapuliram, caindo cintilantes em suas palmas.

Quarenta minutos mais tarde, sentindo-se exaurido, mas limpo de alguma forma, jogou as malas no porta-malas de seu MG e o tirou dagaragem. A claridade do dia começava a desaparecer. Contemplou sua casa com as novas instalações, olhou para a praia e para a água, que assumira uma tonalidade esmeralda pálida, quebrada por uma tira estreita de ouro fosco. Então, foi invadido pela certeza de que nunca mais veria nada daquilo, de que era um morto caminhando.

— Agora vou para casa — sussurrou Rich Tozier para si mesmo. — Vou para casa, que Deus me ajude, vou para casa.

Fez a mudança e partiu, novamente percebendo o quanto tinha sido fácil deslizar através de uma fissura insuspeitada no que havia considerado uma vida sólida — como era fácil passar para o lado escuro, sair do azul e penetrar no negro.

Sair do azul e penetrar no negro. Sim, era isso. Onde qualquer coisa podia estar à espera.

3

Ben Hanscom toma um drinque

Se, naquela noite de 28 de maio de 1985, alguém quisesse encontrar o homem que a revista *Time* considerara "talvez o mais promissor arquiteto jovem na América" *("Urban Energy Conservation and the Young Turks", Time,* 15 de outubro de 1984), teria que sair de Omaha pelo oeste e seguir pela Interestadual 80. Depois tomaria a saída de Swedholm e então a Rota 81 para o centro de Swedholm (que não é lá grande coisa). Em seguida, dobraria para a Rota 92, na altura do *Hi-Hat Eat-Em-Up,* de Bucky ("Nossa especialidade: filé de frango frito") e, uma vez novamente na zona rural, seguiria à direita, pela Rota 63, que continua reta como um barbante através da deserta cidadezinha de Gatlin e finalmente entraria em Hemingford Home. O centro de Hemingford Home faria o centro de Swedholm parecer a Cidade de Nova York; o distrito comercial consistia de oito prédios, cinco de um lado e três do outro. Havia a barbearia Kleen Kut (pregado à vidraça da janela, um cartaz amarelado, escrito quinze anos antes, dizia SE VOCÊ É UM "HIPPY", VÁ CORTAR SEU CABELO EM OUTRO LUGAR, o cinema de segunda categoria e a loja *defive-and-dime,* negociando miudezas. Havia uma filial do Banco Nebraska Homeowners, um posto de gasolina de 1976, uma Drogaria Rexall e a lojade

ferragens e mantimentos National Farmstead & Hardware Supply — o único estabelecimento comercial da cidade, com aparência medianamente próspera.

Por fim, perto do final da trilha principal, algo recuado do alinhamento dos outros edifícios, como um pária, e descansando sobre a borda do grande vazio, via-se o restaurante básico de beira de estrada — o Roda Vermelha. Quem chegasse até aí, veria no esburacado estacionamento de terra um envelhecido Cadillac 1968 conversível, tendo na traseira antenas duplas da Faixa do Cidadão. Na parte frontal, a placa de proprietário dizia apenas: BEN'S CADDY (Cadillac de Ben.) Então, caminhando para o bar, seria possível encontrar o homem lá dentro — cabelos lisos, queimado de sol, usando uma camisa de cambraia, jeans desbotados e surradas botas de engenheiro. Havia ligeiras linhas no canto de seus olhos, mas era só. Ele aparentava uns dez anos a menos do que a sua verdadeira idade, que era de trinta e oito anos.

— Olá, Sr. Hanscom — disse Ricky Lee.

Colocou um guardanapo de papel sobre o balcão do bar, quando Ben se sentou. Ricky Lee parecia um tanto surpreso, pois nunca vira Hanscom no Roda Vermelha em uma noite de semana. Ele aparecia regularmente nas noites de sexta-feira para duas cervejas e nas noites de sábado para outras quatro ou cinco. Sempre perguntava pelos três filhos de Ricky Lee; sempre deixava a mesma gorjeta de cinco dólares debaixo da caneca de cerveja, quando ia embora. Fosse em termos de conversa profissional e amizade pessoal, ele era, de longe, o freguês favorito de Ricky Lee. Os dez dólares semanais (e os cinqüenta deixados debaixo da caneca em cada Natal dos últimos cinco anos) já eram um presente e tanto, porém a companhia do homem valia muito mais. Uma companhia meritória era sempre raridade, mas em uma cidadezinha insignificante como aquela, onde a conversa nunca vale nada, era mais rara do que dentes de galinha.

Embora as raízes de Hanscom estivessem na Nova Inglaterra e ele houvesse ido para uma universidade na Califórnia, nele havia mais do que um toque do texano extravagante. Ricky Lee contava com as paradas de Ben Hanscom nas noites de sexta e sábado, porque aprendera, no correr dos anos, que *podia* contar com elas. Talvez o Sr. Hanscom estivesse construindo um arranha-céu em Nova York (onde já tinha três dos mais badalados prédios da cidade), uma nova galeria de arte em Redondo Beach ou um prédio comercial em Salt Lake City, mas na noite desexta-feira, a porta que dava para o estacionamento se abria, a qualquer momento entre oito e nove e meia da noite, e lá vinha ele, como se vivesse apenas no outro lado da cidade e houvesse resolvido ir até lá, porque nada havia de bom na televisão para ver. Hanscom possuía seu próprio Lear-jet e um campo de pouso particular, em sua fazenda, em Junkins.

Ele estivera em Londres dois anos antes, primeiro desenhando e depois supervisionando a construção do novo centro de comunicação da BBC — Um edifício que ainda era acaloradamente discutido, contra e a favor, na imprensa britânica (o *Guardian:* "Talvez o mais belo edifício a ser construído em Londres, nos últimos vinte anos"; o *Mirror.* "Não se falando no rosto de minha sogra, após uma farra no *pub,* é a coisa mais feia que meus olhos já viram".) Quando o Sr. Hanscom aceitara essa incumbência, Ricky Lee havia pensado: *Bem, tornarei a vê-lo alguma vez. Ou talvez ele esqueça a nossa existência.* De fato, na noite de sexta-feira após a partida de Ben Hanscom para a Inglaterra, não houvera o menor sinal dele, apesar de Ricky Lee erguer os olhos rapidamente, sempre que a porta se abria, entre oito e nove e meia. *Bem, um dia tornarei a vê-lo. Talvez.* Na noite seguinte, aconteceu uma coisa. A porta se abrira às nove e quinze, deixando-o entrar. Hanscom usava jeans, uma camiseta com a inscrição *GO'BAMA* e suas velhas botas de engenheiro, parecendo não ter feito mais do que cruzar a cidadezinha.

— Olá, Sr. Hanscom! — exclamou Ricky Lee, quase alegremente.

— O que faz por *aquii* Que surpresa!

O Sr. Hanscom pareceu ligeiramente perplexo, como se nada houvesse de incomum quanto à sua presença ali. E não que fosse uma visita isolada; ele tornara a voltar, todos os sábados, durante os dois anos em que durara o seu envolvimento ativo no negócio com a BBC. Saía de Londres a cada manhã no Concorde das 11:00, contou a um fascinado Ricky Lee, chegando ao Kennedy, em Nova York, às 10:15 do mesmo dia — quarenta e cinco minutos *antes* de deixar Londres, pelo menos segundo o relógio. ("Céus, é uma viagem no tempo, não é mesmo?", tinha perguntado um impressionado Ricky Lee.) Havia uma limusine esperando para levá-lo ao Aeroporto de Teterboro, em Nova Jersey, uma viagem que em geral não durava mais de uma hora, na manhã de sábado. Ele podia estar na cabine de seu Lear antes do meio-dia, sem o menor problema, pousando em Junkins por volta de 14:30. Quando se voa para oeste em velocidade suficiente, contara ele a Ricky, o dia parece continuar para sempre. Então, tirava uma soneca de duas horas, passava uma hora com seu capataz e meia com seu secretário. Jantava, e depois ia ao Roda Vermelha por uma hora e meia mais ou menos. Sempre chegava sozinho, sempre se sentava no bar e sempre saía como havia entrado, embora Deus soubesse que naquela parte do Nebraska havia mulheres de sobra, que ficariam felicíssimas em levá-lo para a cama. Retornando à fazenda, Hans-com tirava seis horas de sono, e então todo o processo se invertia. Ricky nunca tivera um freguês que não se impressionasse com essa história. Talvez ele seja *gay,* comentou uma mulher certa vez. Ricky Lee olhara brevemente para ela; percebeu o cuidadoso penteado, as bem-feitas roupas certamente com etiquetas importantes, os brilhantes em suas orelhas, a expressão em seus olhos, e adivinhou que ela seria de algum lugar do leste, talvez Nova York, estando ali para uma breve visita obrigatória a algum parente, alguma antiga colega de escola, mal podendo esperar para ir embora de novo. Não, havia respondido ele. O Sr. Hanscom não é nenhum maricas. A mulher pegara um maço de cigarros Doral em sua bolsa e mantivera um entre os lábios vermelhos e brilhantes, até que ele o acendera para ela. Como pode saber? perguntara a criatura, sorrindo de leve. Eu apenas sei, havia dito ele. E sabia mesmo. Pensou em dizer à mulher: Acho que ele é o homem temente a Deus mais solitário que conheci em minha vida. Contudo, não diria tal coisa àquela nova-iorquina, que o fitava como se ele fosse algum novo e divertido tipo de vida.

Naquela noite, o Sr. Hanscom pareceu um pouco pálido, um tanto distraído.

— Olá, Ricky Lee — cumprimentou ao sentar-se.

Então, de repente, baixou o rosto e ficou estudando as mãos. Ricky Lee sabia que ele passaria os próximos seis ou oito meses em Colorado Springs, supervisionando o início do Centro Cultural dos Estados Montanhosos, um enorme e disperso complexo de seis edifícios, a ser construído na encosta de uma montanha. *Quando tudo ficar pronto, as pessoas dirão que parece como se uma criança-gigante deixasse seus blocos de brinquedo em um lance de degraus,* Ben havia contado a Ricky Lee. *Algumas dirão isso, de qualquer modo, e estarão mais ou menos certas. Entretanto, acho que vai funcionar. É a maior coisa que já tentei e construí-la será arriscado como o diabo, mas acho que vai funcionar.*

Ricky Lee imaginava que talvez o Sr. Hanscom tivesse um pequeno toque de medo do palco. Nada havia de espantoso quanto a isso, e nadade errado tampouco. Quando uma pessoa cresce demais para ser comentada, também cresce demais a sua vontade de passar despercebida. Era possível, ainda, que ele apenas tivesse uma ligeira mania. Não era brincadeira, a vida movimentada que levava.

Ricky Lee pegou uma caneca de cerveja na prateleira do bar e a estendeu para a torneira de cerveja Olympia.

— Não faça isso, Ricky Lee.

Ricky Lee se virou, surpreso — e quando Ben Hanscom ergueu os olhos das mãos, ele ficou subitamente amedrontado. Porque o Sr. Hanscom não parecia atacado pelo medo do palco ou pelo vírus que andava à solta no momento. Nada semelhante. Era como se acabasse de receber um terrível golpe e ainda procurasse entender o que o tinha atingido.

Alguém morreu. Ele não é casado, mas todo homem tem uma família. Alguém dasua acabou de ser sepultado. Foi o que aconteceu, tão certo como as fezes rolam montanha abaixo, caídas em uma privada.

Alguém deixou cair uma moeda na vitrola automática, e Barbara Mandrell começou a cantar sobre um bêbado e uma mulher solitária.

— Não se sente bem, Sr. Hanscom?

Ben Hanscom se virou para Ricky Lee e o fitou com olhos que subitamente pareciam ter dez — não, vinte — anos a mais do que o resto de seu rosto. Com espanto, Ricky Lee observou que o cabelo do Sr. Hanscom estava ficando grisalho. Ele jamais notara isso antes.

Hanscom sorriu. Era um sorriso espectral, horrível. Era como observar-se um cadáver sorrindo.

— Creio que não estou muito bem, Ricky Lee. Nada de cerveja. Pelo menos esta noite. Nenhuma cerveja.

Ricky Lee colocou a caneca no lugar e aproximou-se de onde Hanscom se sentava. O bar estava vazio como somente ficaria um bar em noite de segunda-feira, passada a temporada do futebol. Havia menos de vinte fregueses ali dentro. Annie estava sentada junto à porta de comunicação com a cozinha, jogando cartas com o cozinheiro que preparava minutas.

— Más notícias, Sr. Hanscom?

— Más notícias, exatamente. Más notícias de casa. Ele olhou para Ricky Lee. Olhou através de Ricky Lee.

— Lamento saber disso, Sr. Hanscom.

— Obrigado, Ricky Lee.Ficou calado, e Ricky Lee ia perguntar se havia algo que pudesse fazer, quando Hanscom perguntou:

— Que uísque há em seu bar, Ricky Lee?

— Para todos nas redondezas, eu sirvo “Four Roses” — respondeu Ricky Lee, — mas para o senhor, tenho “Wild Turkey”.

Hanscom sorriu um pouco ao ouvi-lo.

— É muita gentileza sua, Ricky Lee. Acho melhor tornar a pegar aquela caneca. Depois encha-a de Wild Turkey.

— *Enchê-la?* — exclamou Ricky Lee, francamente espantado. — Céus, eu precisaria rolá-lo para fora daqui!

Ou chamar uma ambulância, foi o que pensou.

— Não esta noite — replicou Hanscom. — Pelo menos, eu não creio.

Ricky Lee fitou cuidadosamente os olhos do Sr. Hanscom, procurando descobrir se ele podia estar brincando, mas levou menos de um segundo para perceber que não estava. Assim, tornou a pegar a caneca na prateleira e a garrafa de Wild Turkey, em outra prateleira inferior. O gargalo da garrafa retiniu contra a borda da caneca, quando ele começou a servir a bebida. Viu o uísque gorgolejar, fascinado contra a vontade. Ricky

Lee decidiu que o Sr. Hanscom tinha mais do que apenas um toque de texano: aquela devia ser a maior dose de uísque que já servira ou serviria na vida.

Chamar uma ambulância, uma ova! Quando ele beber esta coisinha, estarei ligando para a Parker e Waters, em Swedholm, encomendando o ataúde para seu enterro...

De qualquer modo, depositou a caneca diante de Hanscom. O pai de Ricky Lee certa vez lhe dissera que, quando um homem estava em seu juízo perfeito, devia receber aquilo pelo que pagava, fosse mijo ou veneno. Ricky Lee não sabia se o conselho era bom ou ruim; sabia apenas que quando um homem tira seu sustento de um bar, ele progride muito mais se impedir que a consciência o entorpeça no que faz.

Hanscom olhou pensativamente para o drinque-gigante. Depois de um momento, perguntou:

— Quanto lhe devo por uma dose como esta, Ricky Lee? Ricky Lee meneou a cabeça devagar, os olhos ainda fixos na caneca cheia de uísque, sem querer encontrar aqueles outros que, fundos nas órbitas, se voltavam para ele.

— Nada — disse. — Este é por conta da casa.Hanscom tornou a sorrir, agora com mais naturalidade.

— Ora, mas fico muito grato, Ricky Lee. Muito bem, vou mostrar-lhe uma coisa que aprendi no Peru, em 1978. Eu trabalhava com um sujeito chamado Frank Billings — aprendia com ele, creio que se poderia dizer. Era o mais formidável arquiteto do mundo, acho eu. Pegou uma febre e os médicos injetaram-lhe um milhão de antibióticos diferentes, mas nada fez efeito. Frank Billings queimou por duas semanas e então morreu. O que vou contar, aprendi com os índios que trabalhavam no projeto. A aguardente local é fortíssima. A gente toma um gole, acha que ela desce bem pela garganta, sem nenhum problema, e então, de repente, é como se alguém nos enfiasse na boca uma tocha acesa, empurrando-a pela garganta. No entanto, os índios a bebiam como quem toma Coca-Cola. Raramente vi um deles embriagado e *nunca* vi um de ressaca. Aliás, não tive ânimo para experimentar pessoalmente a maneira deles beberem, mas acho que farei isso esta noite. Traga-me algumas daquelas rodelas de limão.

Ricky Lee trouxe-lhe quatro rodelas e as depositou sobre um guardanapo limpo, junto à caneca de uísque. Hanscom pegou uma delas, jogou a cabeça para trás, como se fosse pingar colírio em si mesmo, e então começou a espremer o suco puro do limão na narina direita.

— Santo Deus! — exclamou Ricky Lee, horrorizado.

A garganta de Hanscom ardeu. Seu rosto ficou vermelho... e Ricky Lee viu lágrimas correndo pelos lados de seu rosto, na direção das orelhas. Agora, eram os Spinners na vitrola automática, cantando sobre o homem-elástico: "*Oh, Senhor, não sei quanto disto poderei suportar*", cantaram os Spinners.

Hanscom tateou às cegas sobre o balcão, encontrou outra fatia de limão e espremeu o suco na outra narina.

— Diabo, vai acabar se matando! — sussurrou Ricky Lee.

Hanscom jogou em cima do balcão as duas fatias espremidas do limão. Seus olhos estavam injetados de sangue e ele respirava em haustos curtos, ofegantes. O suco do limão pingou das suas narinas, escorrendo para os cantos da boca. Ele pegou a caneca, ergueu-a e bebeu um terço do conteúdo. Gelado, Ricky Lee ficou espiando o pomo-de-adão que subia e descia.

Hanscom deixou a caneca de lado, estremeceu duas vezes e assentiu. Olhou para Ricky Lee e sorriu ligeiramente. Seus olhos não estavam mais vermelhos.— Funciona

mais ou menos como eles diziam. A gente fica tão preocupado com o nariz, que nem sente o que está descendo pela garganta!

— Deve estar maluco, Sr. Hanscom — disse Ricky Lee.

— Pode apostar sua pele — disse o Sr. Hanscom. — Lembra-se disto, Ricky Lee? Era o que costumávamos dizer, quando crianças. "Pode apostar sua pele." Já lhe contei que eu era gordo?

— Não, senhor. Nunca contou — sussurrou Ricky Lee.

Agora estava convencido de que o Sr. Hanscom recebera alguma entidade tão terrível, que realmente *enlouquecera*... ou, pelo menos, lhe tirara temporariamente o juízo.

— Eu era um gorducho e tanto. Nunca joguei beisebol ou basquete, sempre fui o primeiro a ser agarrado quando brincávamos de pique, estava sempre atrapalhando o caminho. Eu era gordo, sem dúvida. E, na minha cidade, havia aqueles caras que costumavam fazer pouco de mim, incessantemente. Um deles tinha o nome de Reginald Huggins, mas todos o chamavam de Arroto. Um garoto chamado Victor Criss. E mais alguns. Contudo, o verdadeiro chefe do bando era um sujeito chamado Henry Bowers. Se já houve algum menino francamente perverso neste mundo, Ricky Lee, esse menino era Henry Bowers. Não fui o único a sofrer nas mãos dele; meu problema é que não conseguia correr tão depressa como alguns dos outros.

Hanscom desabotoou a camisa e a abriu. Inclinando-se para diante, Ricky Lee viu uma cicatriz engraçada e torcida sobre o estômago do Sr. Hanscom, logo acima do umbigo. Franzida, lívida e antiga. Pôde ver que era uma letra, alguém desenhara a letra "H" no estômago do homem, provavelmente muito antes do Sr. Hanscom *tornar-se* homem.

— Henry Bowers fez isso comigo. Foi há mil anos atrás. E tenho sorte, por não estar usando todo o seu maldito nome lá embaixo.

— Sr. Hanscom...

Hanscom pegou as outras duas fatias de limão, uma em cada mão, inclinou a cabeça para trás e as usou como gotas nasais. Estremeceu fortemente, deixou-as de lado e tomou dois grandes goles da caneca. Tornou a estremecer, bebeu outro gole e então tateou pela superfície do balcão, procurando as bordas acolchoadas, com os olhos fechados. Por um momento, aferrou-se às bordas como um homem em um barco a vela, seguro à amurada para apoiar-se em mar agitado. Depois abriu os olhos novamente e sorriu para Ricky Lee.— Eu poderia enfrentar este touro a noite inteira — disse.

— Sr. Hanscom... Eu gostaria que não fizesse mais isso — pediu Ricky nervosamente.

Annie chegou até o balcão das garçonetes com sua bandeja e pediu duas cervejas. Ricky Lee entregou-lhe o pedido, sentindo as pernas bambas.

— O Sr. Hanscom está bem, Ricky Lee? — perguntou Annie, Ela espiava além de Ricky Lee e, virando-se, ele seguiu seu olhar.

O Sr. Hanscom inclinava-se sobre o bar, apanhando cuidadosamente fatias de limão no recipiente em que ficavam as guarnições para bebidas.

— Não sei — respondeu ele. — Não sei mesmo.

— Pois então, tire o seu polegar do rabo e faça alguma coisa! Como a maioria das outras mulheres, Annie era fã de Ben Hanscom.

— Não posso. Meu pai sempre dizia que, quando um homem está em seu juízo perfeito...

— Seu pai não tinha os miolos que Deus deu a uma toupeira — respondeu Annie. — Esqueça seu velho. Você tem que botar um ponto final nisso, Ricky Lee. Ele vai matar-se!

Tendo recebido ordens para mover-se, Ricky Lee retornou aonde Ben Hanscom estava sentado.

— Sr. Hanscom, acho que o senhor já se...

Hanscom inclinou a cabeça para trás. Espremeu. De fato, *aspirou* o sumo do limão desta vez, como se fosse cocaína. Depois engoliu o uísque como se fosse água. Olhou solenemente para Ricky Lee.

— Bing-bang! Vi o bando inteiro dançando em cima do tapete de minha sala de estar — disse ele, rindo em seguida.

Na caneca ainda havia uns cinco centímetros de uísque.

— Acho queya chega — disse Ricky Lee, estendendo a mão para ela. Hanscom afastou delicadamente a caneca para fora de seu alcance.

— O dano já foi feito, Ricky Lee — disse. — Já foi feito, rapaz.

— Por favor, Sr. Hanscom...

— Tenho uma coisa para seus garotos, Ricky Lee. Poxa, eu quase ia esquecendo!

Usava um desbotado blusão de zuarte e tirou algo de um dos bolsos. Ricky Lee ouviu um tilintar abafado.

— Meu pai morreu quando eu tinha quatro anos — disse Hanscom, a voz sem qualquer entonação pastosa. — Deixou-nos um punhado de dívidas e isto aqui. Quero que fique para seus garotos, Ricky Lee.Colocou sobre o balcão três grandes dólares de prata, que ficaram cintilando sob as luzes suaves. Ricky Lee conteve a respiração.

— É muita gentileza sua, Sr. Hanscom, mas eu não poderia...

— Eram quatro, mas dei uma das moedas para Bill Gaguinho e os outros. O nome verdadeiro era Bill Denbrough. Bill Gaguinho era como a gente costumava chamá-lo... apenas uma coisa que costumávamos dizer, como "Pode apostar sua pele". Ele era um dos melhores amigos que já tive... Tive alguns, entenda, mesmo um garoto gordo como eu teve alguns amigos. Bill Gaguinho hoje é escritor.

Ricky Lee mal o ouvia. Olhava para as moedas de prata, fascinado. 1921, 1923 e 1924. Deus sabia o quanto valeriam agora, apenas em termos da prata pura que continham.

— Eu não poderia aceitar — repetiu.

— Pois eu insisto!

O Sr. Hanscom ergueu a caneca e esvaziou-a. Ele devia agora estar estatelado sobre a espinha, mas seus olhos continuavam fixos nos de Ricky Lee. Eram olhos aquosos e muito injetados de sangue, mas Ricky Lee juraria sobre uma pilha de Bíblias, que também eram os olhos de um homem sóbrio.

— Está me deixando um pouco assustado, Sr. Hanscom — disse Ricky Lee.

Dois anos antes, Gresham Arnold, um bêbado com certa fama local, entrara no Roda Vermelha com um punhado de moedas na mão e uma nota de vinte dólares enfiada na faixa do chapéu. Entregou as moedas a Annie, com instruções para que fossem introduzidas seguidamente na vitrola automática. Então, colocando a nota de vinte sobre o balcão, disse a Ricky Lee que despachasse bebida para todos os presentes. Esse bêbado, esse Gresham Arnold, fora um astro do basquete há muito tempo, tendo jogado nos Hemingford Rams e conseguido levá-los a seu primeiro (e provavelmente o último) campeonato da equipe ginasial. Isso acontecera em 1961. À frente do jovem parecia estender-se um futuro quase ilimitado. Entretanto, havia sido desligado da universidade em seu primeiro semestre, vítima de bebidas, drogas e noitadas. Voltou para casa,

estraçalhou o conversível amarelo que os pais lhe tinham dado como presente de formatura e arranjou um emprego de chefe de vendas no estabelecimento comercial de produtos John Deere de seu pai. Passaram-se cinco anos. O pai não suportava demiti-lo, de maneira que acabou venden-do o estabelecimento e foi morar no Arizona, um homem acabado e envelhecido antes do tempo, resultado da inexplicável e aparentemente irreversível degenerescência do filho. Enquanto a casa comercial ainda pertencia ao pai e, pelo menos fingia trabalhar, Arnold fizera algum esforço para afastar-se um pouco da bebida; sem o pai, o vício dominou-o por completo. Ele poderia ser mesquinho, mas se portou com a doçura de uma bala de mel, na noite em que levou as moedas e pagou drinques para a casa. Todos agradeceram delicadamente e Annie ficou tocando as canções de Moe Bandy, porque Gresham Arnold gostava do velho Moe Bandy. Ele se sentou no bar — na exata banqueta onde agora estava sentado o Sr. Hanscom, conforme Ricky Lee reparou, com uma inquietação crescente, — bebeu três ou quatro bourbon-and-bitters, cantou acompanhando a música da vitrola, não causou problemas e voltou para casa quando Ricky Lee fechou o Roda. Então, enforcou-se com o cinto, em um armário embutido do andar de cima. Naquela noite, os olhos de Gresham Arnold pareciam um pouco com os de Ben Hanscom agora, tinham mais ou menos a mesma expressão.

— Estou assustando-o um pouco? — perguntou Hanscom, sem parar de olhar para Ricky Lee. Empurrou a caneca para um lado e depois dobrou cuidadosamente as mãos diante daqueles três dólares de prata. — É provável, mas você não está tão assustado quanto eu, Ricky Lee. E peça a Deus que nunca esteja.

— Bem, mas o que há? — perguntou Ricky Lee. — Talvez... — Ele molhou os lábios com a língua. — Talvez eu possa ajudá-lo.

— O que há? — Ben Hanscom riu. — Ora, não é muita coisa. Recebi um telefonema de um velho amigo esta noite. Um sujeito chamado Mike Hanlon. Eu já havia esquecido tudo sobre ele, Ricky Lee, mas isso não me assustou muito. Afinal, eu não passava de um garoto quando o conheci, e garotos esquecem coisas, não é mesmo? Claro que esquecem. Pode apostar sua pele. O que me assustou, foi chegar à conclusão de que eu não esquecera apenas Mike — eu tinha esquecido *tudo* sobre ser um menino.

Ricky Lee apenas ficou olhando para ele. Não fazia idéia do que o Sr. Hanscom falava — mas a verdade é que o homem parecia mesmo assustado. Não havia dúvidas quanto a isso. Era algo curioso, em se tratando de Ben Hanscom, mas saltava aos olhos.

— Quero dizer que eu tinha esquecido *tudo a respeito* — disse ele,batendo ligeiramente com os nós dos dedos na superfície do balcão, para acentuar a ênfase. — Já ouviu falar, Ricky Lee, em termos de uma amnésia tão completa, que nem mesmo sabemos que *estamos* com amnésia? Ricky Lee abanou a cabeça.

— Eu também não. No entanto, lá estava eu, a meio caminho para cá, em meu Cadillac esta noite, quando de repente percebi tudo. Lembrei-me de Mike Hanlon, mas apenas porque ele me telefonou. Lembrei-me de Derry, mas apenas porque era de lá que ele telefonava.

— Derry?

— E isso foi *tudo.* Percebi que eu nem mesmo *pensara* em ter sido criança, desde... desde nem sei quando. E então, sem mais nem menos, tudo começou a me voltar à mente. Como o que fizemos com o quarto dólar de prata.

— O que *fez* com o dólar, Sr. Hanscom?

Hanscom olhou para seu relógio e, de repente, escorregou para fora da banqueta. Cambaleou um pouco — apenas um pouco. Isso foi tudo.

— Não posso deixar que o tempo me escape — disse. — Vou voar esta noite.

Ricky Lee pareceu instantaneamente alarmado, mas Hanscom riu.

— Eu disse voar, não pilotar o avião. Não desta vez. Voarei pela United Airlines, Ricky Lee.

— Oh! — Ricky Lee teve a impressão de que o alívio transparecera em seu rosto, mas não se incomodou. — E para onde vai?

A camisa de Hanscom ainda estava aberta. Ele olhou pensativamente para baixo, contemplou as linhas brancas e franzidas da antiga cicatriz sobre o estômago, e então começou a abotoar a camisa sobre ela.

— Pensei que já lhe havia dito, Ricky Lee. Para casa. Vou para casa. Dê essas moedas de prata a seus garotos.

Começou a caminhar para a porta, e algo na maneira como caminhava, até mesmo a forma como puxava os lados das calças, deixou Ricky Lee aterrorizado. De repente, a semelhança com o falecido e principalmente não lamentado Gresham Arnold foi tão aguda, que era quase como ver um fantasma.

— Sr. Hanscom! — chamou ele, alarmado.

Hanscom se virou, e Ricky Lee recuou rapidamente. Seu traseiro se chocou contra as prateleiras atrás do balcão e os vidros entrechocaram-se de leve, copos e garrafas. Ele havia recuado porque, de repente, tiveraa exata sensação de que Ben Hanscom estava morto. Sim, Ben Hanscom estava morto em algum lugar, em uma vala ou sótão, talvez em um armário embutido, com um cinto passado à volta do pescoço e as biqueiras de suas botas de caubói — botas de quatrocentos dólares — pendendo três ou seis centímetros acima do chão. E aquela coisa, parada junto à vitrola automática e olhando para ele, era um fantasma. Por um momento — apenas um momento, mas longo o suficiente para cobrir seu coração ansioso com uma camada de gelo — ficou convencido de que podia enxergar mesas e cadeiras através daquele homem.

— O que foi, Ricky Lee?

— N-na-na-n. Nada.

Ben Hanscom fitou Ricky Lee com olhos que tinham crescentes em púrpura-escuro sob eles. Suas faces ardiam com a bebida; seu nariz parecia vermelho e ferido.

— Nada — Ricky Lee sussurrou novamente.

Entretanto, não conseguia afastar os olhos daquele rosto, do rosto de um homem que havia morrido atolado em pecado e agora batia com força à porta lateral e enfumaçada do inferno.

— Eu era gordo e nós éramos pobres — disse Ben Hanscom. — Lembro-me disso agora. Lembro-me também de uma garota chamada Be-verly, e que Bill Gaguinho salvou minha vida com um dólar de prata. O pavor me deixa quase insano, ao imaginar o que mais me lembrarei antes que esta noite termine, porém a intensidade de meu medo não importa, porque irei de qualquer jeito. Está tudo lá, como uma enorme bolha, crescendo em minha mente. No entanto, eu vou, porque tudo quanto tenho agora, de certa forma é devido ao que então fizemos, e a gente paga pelo que consegue neste mundo. Talvez por isto Deus nos tenha feito primeiro crianças, para ficarmos bem perto do chão. Porque ele sabe que a gente está sempre caindo e sangrando muito, antes de aprender essa simples lição. Pagamos pelo que conseguimos, e temos aquilo por que pagamos... e cedo ou tarde, o que quer que tenhamos, a nós retorna.

— De qualquer modo, voltará este fim de semana, não? — perguntou Ricky Lee, por entre lábios entorpecidos. Em sua crescente angústia, isto era tudo que encontrava para apegar-se. — Estará de volta este fim de semana, como sempre, não é mesmo?

— Não sei — respondeu o Sr. Hanscom, e sorriu aquele sorriso terrível. — Desta vez, Ricky Lee, vou bem mais longe do que Londres.— Sr. Hanscom...!

— Dê aquelas moedas para seus garotos — repetiu ele, e deslizou para a noite.

— Para onde o bêbado vai *disparar?* — perguntou Annie. Ricky Lee ignorou-a. Ergueu a superfície divisória do bar e correu para uma das janelas dando ao pátio de estacionamento. Viu serem acesos os faroletes traseiros do Cadillac do Sr. Hanscom, ouviu o motor sendo ligado. O carro partiu a toda velocidade no pátio de terra, deixando para trás uma cauda de poeira. Os faroletes minguaram para pontos vermelhos, indo para a Rota 63, enquanto o vento noturno do Nebraska começava a separar violentamente a poeira suspensa.

— Ele encheu um vagão de carga com birita e você ainda o deixou entrar naquele carrão, ir embora! — exclamou Annie. — Como é que pôde, Ricky Lee?

— Não se meta.

— Ele vai se matar!

Embora fosse isto que Ricky Lee havia pensado, menos de cinco minutos antes, virou-se para Annie, quando a luz dos faroletes sumiu na escuridão. Meneou a cabeça.

— Não acredito — falou. — E olhe que seria preferível, pela maneira como ele parecia esta noite.

— O que foi que ele lhe disse?

Ricky Lee tornou a menear a cabeça. Estava tudo confuso em seu cérebro e a soma total parecia não ter qualquer significado.

— Não tem importância — respondeu. — Entretanto, creio que nunca mais o veremos por aqui.

4

Eddie Kaspbrak toma seu remédio

Quem quiser conhecer tudo que há para saber sobre um americano ou americana da classe média, à medida que o milênio chega ao fim, bastará dar uma espiada em seu armário de remédios — ou, pelo menos, é o que se diz. Não obstante, santo Deus, que alguém dê uma espiada no armário de remédios de Eddie Kaspbrak, cuja porta ele deslizou para um lado, misericordiosamente deslizando para o lado também seu rosto pálido e os grandes olhos arregalados.Na prateleira de cima temos Anacin, Excedrin, P.M., Contac, Gelu-sil, Tylenol e um grande pote azul de Vicks, semelhante a um pedaço de profundo crepúsculo, estendendo-se sob o vidro. Há um frasco de Viva-rin outro de Serutan *(Quer dizer "Nature's", soletrado detrás para diante,* costumavam explicar os anúncios sobre Lawrence Welk, quando Eddie Kaspbrak era garotinho) e mais dois de Leite de Magnésia de Phillips — o comum, com gosto de giz líquido, e o novo, com sabor de menta, que tem gosto de giz líquido com sabor de menta. Aqui temos um grande frasco de Rolaids, aconchegantemente próximo de outro grande frasco de Tums. Este fica perto de um vidro grande de tabletes Di-Gel, com sabor de laranja. Os três parecem um trio de estranhos cofrinhos, recheados de pastilhas, em vez de moedas.

A segunda prateleira pertence às vitaminas: vemos a E, a C, e a C em tonalidade rósea. Vemos a B simples, em complexo e B-12. Há também a L-Lisina, que se supõe fazer algo sobre constrangedores problemas de pele, e a lecitina, que se supõe fazer algo sobre aquele constrangedor colesterol recheando e contornando a Grande Bomba. Há ferro, cálcio e óleo de fígado de bacalhau. Há vitaminas múltiplas (um tablete ao dia),

Myadec e Centrum, também múltiplos. E, pousado no topo do próprio armário, há um frasco gigantesco de Geritol, apenas por medida de precaução.

Passando para a terceira prateleira de Eddie, encontramos o útil mundo medicamentoso que atua dentro de campo. Ex-laxante. Pequenas Pílulas de Carter. Aquelas que mantêm Eddie Kaspbrak manejando a correspondência. Bem perto estão Kaopectate, Pepto-Bismol e Preparação H, para o caso da correspondência ser manejada muito depressa ou muito dolorida. Existem também alguns Tucks em um pote com tampa de rosca, cuja finalidade é conservar tudo em ordem depois de entregue a correspondência, seja esta apenas uma ou duas circulares de publicidade enviadas ao morador ou um grande pacote registrado. Vemos a Fórmula 44 para tosse, Nyquil e Dristan para resfriados e um grande frasco de óleo de rícino. Há uma latinha de Sucrets, para o caso de Eddie ter dor de garganta, além de um quarteto de gargarejantes: Chloraseptic, Cepacol, Cepestat em spray e, naturalmente, a boa e velha Listerine, freqüentemente imitada, mas nunca igualada. Visine e Murine para os olhos. Ungüento de Cortaid e Neosporin para a pele (a segunda linha de defesa, caso a L-Lisina não faça efeito), um tubo de Oxy-5 e um frasco plásticode Oxy-Wash (porque, definitivamente, Eddie prefere ter alguns centavos a menos, do que algumas espinhas a mais), bem como pílulas de tetraciclina.

Mais para um lado, apertados como amargos conspiradores, há três frascos de xampu de coltar.

A última prateleira está quase deserta, mas o material aqui presente *é* coisa muito séria — é possível fazer-se um cruzeiro com este negócio, sem dúvida. Com ele, a gente pode voar mais alto do que o jato de Ben Hanscom e espatifar-se pior do que o de Thurman Munson. Aqui temos Valium, Percodan, Elavil, e Complexo Darvon. Também há outra caixa de Sucrets nesta última prateleira, mas dentro dela não encontramos Sucrets. Quem abrir esta outra caixa, encontrará seis Quaaludes.

Eddie Kaspbrak acreditava no lema dos escoteiros.

Balançava uma sacola azul ao entrar no banheiro. Colocou-a sobre a pia, abriu o zíper e então, com mãos trêmulas, começou a enchê-la de frascos, potes, tubos, frascos de espremer e frascos de spray. Em outras circunstâncias, ele pegaria tudo aquilo pouco a pouco, cautelosamente, mas agora não havia tempo para tais delicadezas. A escolha, como Eddie a via, era tão simples quanto brutal: mova-se e continue a mover-se ou fique em um lugar o tempo suficiente para começar a pensar o que significa tudo isto e, simplesmente, morrer de medo.

— Eddie? — chamou Myra, do andar de baixo. — Eddie, o que você está *fazeeendo?*

Eddie deixou cair dentro da sacola a caixa de Sucrets contendo os Quaaludes. O armário de remédios agora estava inteiramente vazio, à exceção do Midol de Myra e de um pequeno tubo de Blistex, já quase no fim. Ele fez uma pausa por um momento e então pegou a Blistex. Começou a puxar o zíper para fechar a sacola, vacilou, e depois jogou nela também o Midol. Afinal, Myra sempre poderia comprar outro.

— Eddie? — A voz agora vinha do meio da escada.

Eddie terminou de fechar a sacola e então saiu do banheiro, com ela balançando ao lado do corpo. Era um homem baixo, com rosto tímido, parecido ao de um coelho. Muito de seu cabelo já se fora; o que havia sobrado crescia em retalhos irregulares. O peso da sacola o fazia pender visivelmente para um lado.

Uma mulher extremamente corpulenta subia devagar para o andar de cima. Eddie podia ouvir os degraus rangendo e protestando sob ela.— O que você está *fazeeeeeendo?*

Eddie não precisaria de analista para dizer-lhe que, de certo modo, havia casado com sua mãe. Myra Kaspbrak era imensa. Ao casar com Eddie, cinco anos antes, era apenas grande mas, às vezes, ele achava que seu subconsciente vira o potencial da imensidão que jazia nela; Deus era testemunha de que sua mãe tinha sido gigantesca. E Myra parecia ainda mais volumosa do que nunca, ao chegar no patamar do segunda andar. Usava uma camisola branca que se inflava, como onda arrebentando na praia, à altura do busto e ancas. O rosto, sem qualquer maquilagem, era branco e lustroso. Parecia extremamente amedrontada.

— Preciso ausentar-me por algum tempo — disse Eddie.

— O que quer dizer com "ausentar-me"? Que telefonema foi aquele?

— Nada — respondeu ele.

Seguiu rapidamente pelo corredor, até o armário err.butido de ambos. Deixou a sacola no chão, abriu a porta dobrável do armário e empurrou para um lado a meia dúzia de ternos pretos ali pendurados, tão conspícuos como uma nuvem tempestuosa, entre as demais roupas de viva coloração. Eddie sempre usava um dos ternos negros quando trabalhava. Inclinou-se para o interior do armário cheirando a bolas de naftalina e de lá puxou uma das malas guardadas no fundo. Abriu-a e começou a enchê-la de roupas.

A sombra de Myra caiu sobre ele.

— O que significa isto, Eddie? Para onde vai? Diga-me!

— Não posso dizer.

Ela ficou lá, espiando, tentando resolver o que dizer em seguida. Ou o que fazer. A idéia de simplesmente empurrá-lo para dentro do armário e depois ficar em pé, reçostada contra a porta, até que a loucura do marido passasse, cruzou por sua mente. Contudo, Myra não conseguia decidir-se a tal atitude, embora certamente tivesse físico para tanto; era sete centimetros mais alta do que Eddie, superando-o em uns cinqüenta quilos de peso. Não podia pensar no que fazer ou dizer, porque aquela situação era absolutamente imprópria em um homem como Eddie. Ela não ficaria mais surpresa e assustada se entrasse na sala da televisão e visse o novo aparelho de TV, com tela gigante, flutuando no ar.

— Você não pode ir — ela se ouviu dizendo. — Prometeu que me conseguiria o autógrafo de Al Pacino.Era um absurdo — Deus sabia que era — mas a esta altura, um absurdo era melhor do que nada.

— Você ainda o terá — disse Eddie. — Vai ser a motorista dele. Oh, aí jazia um novo terror para juntar-se aos que já circulavam em sua pobre cabeça estonteada. Ela exclamou, em um grito fraco:

— Eu não posso!... Eu nunca...!

— Terá que ir — disse ele, agora examinando seus sapatos. — Não há mais ninguém.

— Nenhum de meus uniformes serve mais! Ficariam muito apertados nas maminhas!

— Alugue um com Delores — replicou ele, implacável. Rejeitou dois pares de sapatos, encontrou uma caixa vazia e colocou nela um terceiro par. Bons sapatos pretos, com ainda muito tempo de uso, mas parecendo um tanto gastos para usar no trabalho. Quando se trabalha como motorista, conduzindo pessoas ricas em Nova York para ganhar a vida, muitas delas pessoas ricas e *famosas,* tudo tem que estar na medida certa. Aqueles sapatos não estavam mais na medida certa... mas ele supôs que serviriam para o lugar onde ia. E para o que tivesse de fazer, quando chegasse lá. Talvez Richie Tozier quisesse...

Só que então o negrume ficou ameaçador e ele sentiu a garganta começando a fechar-se. Eddie percebeu, com puro pânico, que arrebanhara a farmácia inteira, esquecendo a coisa mais importante de todas — seu aspirador — no térreo, em cima do estéreo.

Bateu a tampa da mala para fechá-la e a trancou. Olhou para Myra, agora em pé no corredor, a mão apertada contra a grossa coluna curta que era seu pescoço, parecendo ser ela quem estava com asma. Myra o fitava, o rosto tomado de perplexidade e terror. Ele a lamentaria, se seu coração já não estivesse tomado inteiramente de terror — por si mesmo.

— O que aconteceu, Eddie? Quem ligou para você? Está em apuros? Está, não está? Em que tipo de apuros se meteu?

Eddie caminhou para ela, com a sacola em uma das mãos e a mala na outra, mais ou menos equilibrado, agora que o peso ficara melhor distribuído. Myra parou diante dele, bloqueando a passagem para a escada e, a princípio, ele pensou que ela não se arredaria dali. Então, quando seu rosto estava prestes a afundar na barricada macia daqueles seios, Myra afastou-se... temerosamente. Quando Eddie passou a seu lado, sem ao menos diminuir o passo, ela prorrompeu em lágrimas de infelicidade.— *Eu não posso dirigir para Al Pacino!* — ganiu. — *Vou acabar batendo em algum poste de sinalização ou coisa assim, sei que vou! Eddie, eu estou com meeeedo!*

Ele olhou para o relógio Seth Thomas, em cima da mesa perto da escada. Nove e vinte da noite. A voz enfurnada do atendente da Delta comunicara que já havia perdido o último vôo para o norte, em direção ao Maine — aquele que decolava de La Guardiã às oito e vinte e cinco. Ligando para a Amtrak, ele descobriu que havia um último trem para Boston, partindo da Estação Penn, às onze e meia. Ele o deixaria na Estação Sul, onde poderia pegar um táxi para os escritórios da Cape Cod Limousine, na Rua Arlington. A Cape Cod e a firma de Eddie — a Royal Crest — haviam funcionado em útil e amistoso entendimento recíproco, no correr dos anos. Uma rápida ligação para Butch Carrington, em Boston, cuidaria de seu transporte para o norte — Butch anunciou que teria uma limusine Cadillac à sua espera, com o tanque cheio. Assim, ele chegaria em alto estilo, sem nenhum cliente de traseiro dolorido sentado no banco de trás, empesteando o ar com um charutão e perguntando a Eddie se sabia onde era possível descolar uma mulher, alguns gramas de cocaína ou as duas coisas.

Chegarei em grande estilo, naturalmente, pensou. *A pompa só seria maior se você viajasse em um carro fúnebre. Entretanto, não se preocupe, Eddie — provavelmente, é como voltará. Se sobrar de você o suficiente para ser recolhido, claro está.*

— Eddie?

Nove e vinte. Havia tempo de sobra para falar com ela, tempo de sobra para ser gentil. Enfim, teria sido bem melhor se aquela fosse a noite de Myra jogar *whist,* se ele apenas pudesse dar o fora furtivamente, deixando uma nota sob um dos ímãs na porta da geladeira (era na porta da geladeira que deixava todos os recados para Myra, porque lá ela nunca os perdia). Sair daquela maneira — como um fugitivo — não seria nada bom, porém como agora era muito pior. Seria como ir embora de casa outra vez, e fora bem difícil tê-lo feito três vezes antes.

Por vezes, o lar é onde está o coração, pensou Eddie ao acaso. *Acredito nisso. Segundo o velho Bobby Frost, lar é o lugar onde, quando você tem que ir para lá, eles precisam conduzi-lo. Infelizmente, é também o lugar onde, quando você está lá, eles não querem deixá-lo sair.* Parou no alto da escada, cessado temporariamente o ímpeto para diante, cheio de medo, a respiração sibilando com ruído, entrando e saindo do orifício em que sua garganta se tornara, e olhou para a esposa chorosa.

— Vamos até lá embaixo comigo, e eu lhe direi o que posso — falou.

Eddie colocou sua bagagem — a mala de roupas e a sacola de remédios — junto da porta, no vestíbulo de entrada. Então, lembrou-se de algo... ou, antes, foi o fantasma de sua mãe, falecida havia muitos anos, mas que ainda falava em sua mente com freqüência, que o fez recordar.

Você sabe que sempre apanha um resfriado quando fica de pés molhados, Eddie — você não é como os outros, tem um organismo muito fraco, precisa tomar cuidado. Por isto, deve sempre usar galochas quando chover.

Em Derry chovia um bocado.

Eddie abriu o armário do vestíbulo, tirou as galochas de um gancho, do qual pendiam em um saco plástico, e as colocou na mala de roupas.

Você é um bom menino, Eddie.

Ele e Myra estavam vendo televisão, quando o ventilador espalhou a bosta. Eddie entrou na sala de televisão e apertou o botão que abaixava o telão mural de TV — era uma tela tão grande, que fazia Freeman McNeil parecer um visitante de Lilliput, nas tardes de domingo. Pegando o telefone, ele chamou um táxi. O despachante informou que talvez demorasse uns quinze minutos. Eddie respondeu que não havia problema.

Ao desligar, apanhou seu aspirador, em cima da luxuosa aparelha-gen de som Sony. *Gastei nela mil e quinhentas pratas, afim de que Myra não perdesse uma única nota dourada em seus discos de Barry Manilow è seus "Maiores Sucessos",* pensou. Então, sentiu uma onda de culpa. Isso não era justo e ele sabia muito bem. Myra seria tão feliz com seus velhos discos arranhados, como era com os novos discos a laser de 45 rpm, exatamente como ficaria feliz em continuar morando na casinha de quatro cômodos em Queens, até ambos ficarem velhos e dé cabeça branca (aliás, se a verdade fosse dita, já havia um pouco de neve no topo de Eddie Kaspbrak). Ele comprara o custoso aparelho de som pelos mesmos motivos que o tinham levado a comprar aquela casa nos campos baixos de Long Island, onde eles dois com freqüência ficavam chocalhando com as duas últimas ervilhas em uma lata: Eddie conseguira isso, fizera aquelas compras, porque eram formas de apaziguar a voz suave, amedrontada, muitas vezes admirada e sempre implacável de sua mãe; eram maneiras de dizer: *Eu consegui, mamãe! Olhe para tudo isto! Eu consegui! E agora, pelo amor de Deus, pode calar-se um pouco?*

Eddie introduziu o aspirador na boca e, como um homem fazendo a mímica de um suicídio, puxou o gatilho. Uma nuvem com um terrível sabor de alcaçuz, turva e ardente, abriu caminho até sua garganta. Eddie respirou fundo. Podia sentir passagens respiratórias quase fechadas que começavam a abrir-se de novo. A sufocação em seu peito foi passando e, de repente, ele ouviu vozes fantasmais em seu cérebro.

Não recebeu o bilhete que lhe mandei?

Recebi, Sra. Kaspbrak, mas...

Bem, caso não o tenha lido, Treinador Black, eu lhe direi pessoalmente. Está pronto?

Sra. Kaspbrak...

Ótimo. Pois aí vai, de minha boca a seus ouvidos. Pronto? O meu Eddie não pode fazer educação física. Repito: ele NÃO pode fazer educação física! Eddie tem uma saúde muito frágil e... se correr ou saltar...

Sra. Kaspbrak, tenho os resultados do último exame médico de Eddie arquivados em meu gabinete — é uma exigência do estado. O exame declara que seu filho é um pouco pequeno para a idade que tem mas, fora isso, é absolutamente normal. Assim, liguei para seu médico da família, apenas para ter certeza. E ele confirmou...

Está dizendo que sou mentirosa, Treinador Black? É isso? Pois ele é um menino frágil! Aqui está Eddie, bem ao meu lado! Pode ouvir a maneira como ele respira? PODE?

Mamãe... por favor... eu estou bem...

Eddie, você não entende estas coisas. E eu lhe dei educação. Não interrompa os mais velhos!

Eu o ouvi, Sra. Kaspbrak, mas...

Ouviu? Excelente! Pensei que talvez fosse surdo! Ele parece um caminhão subindo uma ladeira em primeira marcha, não é mesmo? E se isto não for asma...

Mamãe, eu estou...

Cale a boca, Eddie, não torne a interromper-me! Se isto não for asma, Treinador Black, então eu sou a Rainha Elizabeth!

Sra. Kaspbrak, Eddie geralmente parece sentir-se bem e feliz em suas aulas de educação física. Ele gosta de jogos e pode correr bem depressa. Em minha conversa com o Dr. Baynes, surgiu a palavra "psicossomática". Eu gostaria de saber se já pensou na possibilidade de que...

...de que meu filho seja louco? E isto que está querendo dizer? ESTÁ QUERENDO DIZER QUE MEU FILHO É LOUCO????

Não, mas...

Ele é frágil.

Sra. Kaspbrak...

Meu filho é muito frágil.

Sra. Kaspbrak, o Dr. Baynes confirmou que não pôde encontrar nada, em absoluto... nada...

— ... fisicamente errado — terminou Eddie.

A lembrança daquele encontro humilhante — sua mãe gritando para o Treinador Black, no ginásio da Escola Elementar de Derry, enquanto ele ofegava e se encolhia ao lado dela, enquanto os outros garotos se juntavam perto de uma das cestas no campo de basquete — ocorrera-lhe esta noite pela primeira vez em muitos anos. Ele sabia não ser essa a única recordação que o telefonema de Mike Hanlon evocaria. Podia sentir muitas outras, ruins e inclusive piores, apinhadas e acotovelando-se, como compradores alucinados, comprimidos na entrada de uma loja de departamentos. Entretanto, o congestionamento logo se desfaria e eles poderiam caminhar desafogados. Eddie tinha certeza disso. E o que encontrariam em liquidação? A sanidade dele? Talvez. Pela metade do preço. Danificada por água e fumaça. Tudo Tem Que Ser Vendido.

— Nada de fisicamente errado — repetiu.

Respirou fundo tremulamente e depois enfiou o aspirador no bolso.

— Eddie — disse Myra. — *Por favor,* explique-me o que tudo isto significa!

Sulcos de lágrimas brilhavam nas bochechas rechonchudas de Myra. Ela contorcia as mãos sem cessar, como um par de animais rosados e pelados brincando. Certa vez, pouco antes de pedi-la em casamento, ele havia colocado uma foto que Myra lhe dera perto de outra de sua mãe, que falecera de congestão cardíaca aos sessenta e quatro anos. Ao morrer, a mãe de Eddie pesava mais de duzentos quilos — duzentos e três, para ser exato. Então, ela se havia tornado quase monstruosa — seu corpo parecia formado apenas de seios, ancas e barriga. Tudo encimado pelo rosto pastoso e perpetuamente atemorizante. No entanto, o retrato dela, ao lado do de Myra, havia sido tirado em 1944, dois anos antes dele nascer*(Você foi um bebê muito doentinho,* a mamãe-fantasma sussurrava agora em seu ouvido. *Muitas vezes tememos por sua vida....* Em 1944, sua mãe estava relativamente esbelta, com noventa quilos.

Ele fizera tal comparação, supunha, em um último e penoso esforço para evitar que cometesse um incesto psicológico. Olhava de Mamãe para Myra e novamente para Mamãe.

As duas poderiam ter sido irmãs, tal a semelhança.

Eddie olhava para as duas fotos quase idênticas, prometendo a si mesmo que não faria essa loucura. Sabia que os colegas do trabalho já diziam piadas sobre Jack Sprat e a esposa, mas eles ignoravam metade da história. As piadas e comentários maliciosos ele podia aceitar, mas desejaria realmente ser um palhaço em um circo freudiano como aquele? Não. Não desejaria. Romperia com Myra. Pensava abandoná-la aos poucos, porque ela era de fato muito meiga e tinha menos experiência com os homens, do que ele com as mulheres. Então, após ela ter desaparecido no horizonte de sua vida, ele talvez tomasse aquelas aulas de tênis em que há muito vinha pensando.

Geralmente, Eddie parece sentir-se bem e feliz em suas aulas de educação física

e havia ainda os títulos de sócios para bilhar, que vendiam no U.N. Plaza Hotel

(Eddie gosta de jogos)

para não mencionar aquele clube de adestramento físico que havia sido inaugurado na Terceira Avenida, em frente da garagem...

(*Eddie corre bem depressa ele corre muito depressa realmente se a senhora não está aqui corre muito depressa quando não há ninguém por perto a recordar-lhe como é frágil e vi no rosto dele Sra. Kaspbrak que mesmo agora com nove anos ele sabe que o maior favor do mundo que poderia fazer a si mesmo seria correr bem depressa em qualquer direção que a senhora não o deixasse ir. Sra. Kaspbrak, deixe-o CORRER*)

Contudo, afinal ele se casara mesmo com Myra. No fim, as velhas maneiras e os velhos hábitos haviam sido fortes demais. Lar era o lugar onde, quando se tem que ir para lá, eles o encadeiam. Oh, ele poderia ter derrotado o fantasma da mãe. Seria difícil, mas Eddie tinha absoluta certeza de que conseguiria, se isso fosse tudo o que precisasse fazer. Myra é que terminara cortando sua independência. Myra o condenara com solicitude, acorrentara-o com preocupação, amarrara-o com doçura. Como sua mãe, ela alcançara o *insight* final e fatal em seu caráter: Eddie se tornara mais frágil, porque às vezes suspeitava de que nada tinha de frágil. Ele precisava ser protegido contra as próprias vagas intimações de possível coragem.

Em dias chuvosos, Myra sempre lhe tirava as galochas do saco plástico no armário e as punha junto ao porta-casacos perto da porta. Ao lado de seu prato de torrada de trigo integral sem manteiga, todas as manhãs, havia outro com o que, à primeira vista, poderia ser tomado por multicolorido cereal infantil, pré-adoçado, mas que a um exame mais atento se revelaria como um total espectro vitamínico (a maioria do qual Eddie tinha agora em sua escala de remédios). Como Mamãe, Myra compreendia e, de fato, não havia a menor chance para ele. Quando jovem e solteiro, ele abandonara a mãe três vezes e voltara para casa, para ela. Então, quatro anos depois de sua mãe ter morrido no vestíbulo do apartamento de Queens, onde morava, bloqueando tão completamente a porta da frente com seu volume, que o pessoal do socorro de emergência (chamado pelos moradores do térreo, ao ouvirem o monstruoso baque da queda da Sra. Kaspbrak, caminhando para a contagem final) precisou arrombar a porta trancada entre a cozinha do apartamento e o poço da escada, ele voltou para casa, por uma quarta e última vez. Pelo menos, acreditara que seria a última vez — *em casa de novo, em casa de novo, lalarilá; em casa de novo, em casa de novo, com Myra, a suína.* Sim, ela era uma suína, mas uma doce suína, e ele a amava. De fato, não havia nenhuma chance para ele. Ela o atraíra para si com o olho fatal e hipnotizante da serpente da compreensão.

Novamente em casa e para sempre, ele então havia pensado.

Bem, talvez estivesse enganado, pensou. *Talvez isto não seja o lar e nem nunca tenha sido — lar, talvez seja para onde tenho de ir esta noite. Lar é o lugar em que, quando estamos lá, finalmente teremos que enfrentar a coisa no escuro.*

Ele estremeceu fortemente, como se tivesse ido lá fora sem as galochas e apanhado um tremendo resfriado.

— Eddie, *por favor!*

Ela estava chorando outra vez. As lágrimas eram sua defesa final, como tinham sido de sua mãe: a suave arma que paralisa, que transforma ternura e gentileza em rachaduras fatais na armadura de uma pessoa.Não que ele já houvesse usado armaduras muitas vezes — armaduras não lhe ficavam nada bem.

Com sua mãe, as lágrimas haviam sido mais do que uma defesa; tinham sido uma arma. E Myra raramente usava as lágrimas tão cinicamente... mas cinicamente ou não, Eddie percebeu que ela agora tentava usá-las dessa maneira... e estava tendo êxito.

Não podia abandoná-la. Seria fácil demais imaginar como se tornaria solitário, sentado em um banco de trem que rodava para Boston varando a escuridão, com a mala no bagageiro acima de sua cabeça e a sacola de remédios a seus pés, o medo ocupando seu peito, como um repugnante emplastro de Vicks. Seria demasiado fácil deixar Myra levá-lo para cima e fazer amor com ela através de aspirinas e uma fricção com álcool. E botá-lo na cama, onde poderiam ou não fazer um tipo de amor mais franco.

No entanto, ele prometera. *Prometera.*

— Myra, escute — disse, tornando a voz propositadamente seca, propositadamente banal.

Ela o fitou com os olhos molhados, nus, terrificados.

Eddie pensou que agora tentaria explicar — o melhor que lhe fosse possível; contaria a ela como Mike Hanlon telefonara dizendo que tudo havia recomeçado e, claro, ele achava que a maioria dos outros também iria.

Entretanto, o que saiu de sua boca foi algo bem mais sadio.

— Minha primeira providência esta manhã é ir ao escritório, falar com Phil. Dizer a ele que preciso viajar e que você dirigirá o carro de Pacino...

— Eddie, eu *não posso* fazer isso! — choramingou ela. — Ele é um grande astro! Se me perder, irá gritar comigo, sei que irá, ele vai *gritar,* todos fazem isso, quando o motorista se perde... e... e vou chorar... talvez haja um acidente... provavelmente *haverá um* acidente... Eddie... Eddie, você tem que ficar em casa...

— Pelo amor de Deus! *Pare com isso!*

Ela se encolheu ao ouvi-lo, magoada; embora Eddie segurasse seu aspirador, não o usaria. Myra encararia isso como uma fraqueza, algo que poderia usar contra ele. *Oh, Deus, se Você existe, por favor, acredite em mim, quando digo que não quero ferir Myra. Não quero fazer-lhe mal,nem encostar-lhe um dedo! Só que eu prometi, todos nós prometemos, juramos com sangue, por favor, Deus, ajude-me, eu tenho que fazer isto...*

— Odeio quando você grita comigo, Eddie — sussurrou ela. E eu odeio quando tenho que gritar — disse ele.

Myra pestanejou. *Pronto, Eddie — tornou a magoá-la. Por que não lhe dá uns socos algumas vezes? Talvez fosse mais suave. E mais rápido.*

De repente — talvez fosse a idéia de esmurrar alguém pela sala, que evocou o quadro — ele viu o rosto de Henry Bowers. Era a primeira vez que pensava em Bowers, durante anos, mas isso em nada contribuiu para sua paz de espírito, Nada em absoluto.

Eddie fechou os olhos brevemente, depois tornou a abri-los.

— Você não errará o caminho e ele não a insultará. O Sr. Pacino é um homem muito educado, muito compreensivo.

Ele nunca dirigira um carro para Pacino em sua vida, mas era bastante saber que, pelo menos, a lei das médias estava de seu lado nesta mentira — segundo o mito popular, a maioria das celebridades se compunha de gente egoísta, mas Eddie já fora motorista de celebridades o suficiente para saber que, em geral, isso não era verdade.

Naturalmente, havia as exceções da regra — e, em grande parte, as exceções eram verdadeiras monstruosidades. Para o bem de Myra, Eddie esperava ferventemente que Pacino não fosse uma das exceções.

— Ele é mesmo educado e compreensivo? — perguntou ela timidamente.

— Sim, é.

— Como é que você sabe?

— Demetrios já dirigiu para ele duas ou três vezes, quando trabalhava na Manhattan Limousine — disse Eddie garrulamente. — Segundo ele, o Sr. Pacino sempre lhe dava pelo menos cinqüenta dólares de gorjeta.

— Eu não me preocuparia se ele me desse apenas cinqüenta centavos, desde que não *gritasse* comigo.

— Tudo será tão fácil como um-dois-três, Myra. Um, você o pega no Saint Regis amanhã, às sete da noite, e o leva para o Edifício ABC. Estão regravando o último ato desta peça em que Pacino está — parece que se chama *American Buffalo*. Dois, você torna a levá-lo para o Saint Regis, por volta de onze da noite. Três, você retorna à garagem, entrega o carro e assina o memorando verde.

— Isso é tudo?— Tudo. Pode desincumbir-se da tarefa de olhos fechados, Marty. Ela realmente dava risadinhas quando Eddie empregava o diminutivo carinhoso, mas agora apenas ficou olhando para ele, com dolorosa solenidade infantil.

— E se ele quiser sair para jantar, em vez de retornar ao hotel? Ou beber? Ou dançar?

— Não sei o que ele irá querer, mas cabe a você levá-lo. Se parecer que irá ficar em uma festa a noite inteira, chame Phil Thomas pelo radiofone, após a meia-noite. A essa altura, ele terá um motorista livre para substituí-la. Em primeiro lugar, eu jamais a imcumbiria de uma coisa como esta, se tivesse um motorista disponível, mas dois deles estão doentes, Demetrios tirou férias e todos os demais estão firmemente comprometidos em seus horários. Você estará tranqüilamente na cama à uma da madrugada, Marty — uma da madrugada, no máximo. Eu lhe garanto, ap-solutamente.

Ela tampouco riu do "ap-solutamente".

Eddie pigarreou e inclinou-se para diante, com os cotovelos fincados nos joelhos. Imediatamente a mamãe-fantasma sussurrou: *Não se sente assim, Eddie. Isso prejudica sua postura e comprime os pulmões. Você tem pulmões muito delicados.*

Ele tornou a endireitar o corpo, mal percebendo o que fazia.

— É melhor que seja esta a última vez em que precisarei dirigir — ela quase gemeu. — Engordei *tanto,* nos dois anos passados... E meu uniforme agora fica *horrível* no corpo.

— Juro que será somente esta vez.

— Quem telefonou para você, Eddie?

Como se isso fosse uma deixa, luzes varreram a parede, uma buzina soou no exterior e um táxi virou para a entrada de carros. Eddie sentiu uma onda de alívio. Tinham gasto os quinze minutos falando sobre Pacino, em vez de sobre Derry, Mike Hanlon e Henry Bowers, o que era bom. Bom para Myra e também para ele. Eddie não queria gastar tempo nenhum pensando ou falando sobre aquelas coisas, enquanto pudesse.

— É o meu táxi — disse ele, levantando-se.

Myra levantou-se tão depressa, que tropeçou na barra da camisola de dormir e caiu para diante. Eddie amparou-a e, por um momento, a situação ficou em sério apuro, porque ela o ultrapassava em cinqüenta quilos.E também recomeçava a choramingar.

— Você *tem* que me dizer, Eddie!

— Não posso. Não há tempo.

— Você nunca escondeu nada de mim antes, Eddie — chorou Myra.

— E nem agora. Não estou escondendo nada. Acontece que não me lembro direito. Pelo menos, ainda não. O homem que telefonou era... é... um velho amigo. Ele...

— Você vai adoecer — disse ela, em desespero, seguindo-o enquanto ele tornava a caminhar para o vestíbulo. — Sei que vai. Deixe-me ir também, Eddie, por favor! Tomarei conta de você! Pacino pode pegar um táxi ou outra coisa, isso não irá matá-lo! O que me diz, hein? — Sua voz aumentava de tom, tornava-se frenética e, para horror de Eddie, ela começou a assemelhar-se mais e mais à sua mãe, ficava do jeito como parecia sua mãe, nos últimos meses antes de morrer: velha, gorda e doida. — Eu esfregarei suas costas, farei com que tome suas pílulas... eu... eu o ajudarei. Ficarei calada, se quiser que eu fique, mas você pode contar-me tudo... Eddie! *Eddie, por favor, não vá! Por favor, Eddie! Por favoooor!*

Ele agora cruzava o vestíbulo em largas passadas, caminhando para a porta da frente, às cegas, de cabeça baixa, movendo-se como se move um homem contra um vento forte. Ofegava novamente. Quando apanhou a mala e a sacola, cada uma parecia pesar cinqüenta quilos. Podia sentir as mãos rechonchudas e róseas sobre ele, tocando-o, explorando, puxando com impotente desejo, mas sem força real, tentando seduzi-lo com suas doces lágrimas de preocupação, procurando trazê-lo de volta.

Eu não vou deixar! pensou, desesperado.

A asma agora estava pior, pior do que em seus tempos de menino. Estendeu a mão para a maçaneta, mas ela parecia recuar de seu alcance, recuar para o negrume do espaço exterior.

— Se você ficar, eu lhe farei um bolo de café com creme — choramingou Myra. — Comeremos pipocas.. Farei seu jantar predileto com peru... Posso prepará-lo para o desjejum de amanhã, se você quiser... Começarei agora mesmo... com molho de miúdos... *Eddie, por favor! Estou assustada demais, porque você me mete medo!*

Agarrou-o pela gola e o puxou para trás, como um tira corpulento pondo a mão em um sujeito suspeito que tenta fugir. Com um final e desmaiado esforço, Eddie continuou em frente... e quando chegava ao último final de sua força e aptidão para resistir, sentiu que Myra afrouxava a pressão.

Ela emitiu um último gemido.

Os dedos dele se fecharam em torno da maçaneta — como era misericordiosamnete fria! Girou-a, abriu a porta e viu um táxi Checker parado lá fora, um embaixador da terra da sanidade. A noite era límpida. Havia estrelas brilhantes e lúcidas.

Virou-se para Myra, sibilando e ofegando.

— Procure entender que isto não é algo que eu *quero* fazer — disse. — Caso houvesse escolha — qualquer escolha — eu não iria. Por favor, compreenda, Marty. Eu vou, mas voltarei.

Oh, mas isso soava como uma mentira.

— Quando? Quanto tempo vai demorar?

— Uma semana. Talvez uns dez dias. Não mais do que isso, na certa.

— Uma semana! — ululou ela, aferrando as mãos ao peito como uma diva em ópera ruim. — Uma semana! Dez dias! Eddie, por favor! *Por favooor...*

— Pare com isso, Marty. Está bem? Pare com isso!

Como por encanto, ela parou: parou e ficou olhando para ele com as pupilas molhadas, rosto afogueado, não zangada com ele, apenas aterrorizada por ele e, coincidentemente, por si mesma. E, talvez pela primeira vez em todos os anos que a conhecera, Eddie sentiu que poderia amá-la saudavelmente. Seria isso parte de sua ida? Supôs que fosse. Não... era melhor rejeitar o *supôs*. *Ele sabia* que era. Já se sentia como algo vivo na extremidade errada de um telescópio.

Enfim, talvez tudo estivesse certo. O que queria dizer com isso? Que finalmente decidira ser certo amá-la? Que tudo estava certo, mesmo com ela parecendo sua mãe — quando sua mãe era mais jovem — embora ela comesse bolinhos de chocolate com amêndoas na cama, vendo *Hardcas-tle and McCormick* ou *Falcon Crest,* com as migalhas sempre caindo do lado dele, mesmo que Myra não fosse muito inteligente e mesmo que ela compreendesse e lhe perdoasse os remédios no armário, porque guardava os dela na geladeira?

Ou seria que...

Bem podia ser isso...

Estas outras idéias eram coisas que ele havia considerado, de uma forma ou de outra, em uma ou outra época, durante suas vidas estranha-mente interligadas, como filho, amante e marido. Agora, a ponto de abandonar seu lar pelo que sentia absolutamente ser a última vez, ocorria-lhe uma nova possibilidade, enquanto uma sobressaltada pergunta o roçava como a asa de ave gigantesca.

Estaria Myra ainda *mais* amedrontada do que ele?

E sua mãe, estivera também?

Outra recordação de Derry saltou de seu subconsciente como um funesto e crepitante fogo de artifício. Houvera uma sapataria na cidade, uma sapataria na Rua Center. A Shoeboat. Sua mãe o levara lá um dia — ele achava que não podia ter mais do que cinco ou seis anos — e lhe disse para ficar sentado e bonzinho, enquanto ela comprava um par de sapatos fechados brancos, para ir a um casamento. Assim, ele ficou sentado e foi bonzinho enquanto ela falava com o Sr. Gardener, um dos vendedores. Eddie devia ter apenas cinco anos (ou talvez seis) e, após sua mãe ter rejeitado o terceiro par de sapatos brancos que o Sr. Gardener lhe mostrava, ele ficou entediado e caminhou até o canto oposto da sapataria, a fim de espiar algo que vira lá. A princípio, pensou que fosse apenas um grande caixote, apoiado em uma extremidade. Chegando mais perto, decidiu que era uma espécie de secretária. Só que ele nunca vira uma secretária tão esquisita como aquela. Era tão estreita! Tinha sido fabricada de brilhante madeira envernizada, cheia de linhas curvas incrustadas e, nelas, dispositivos esculpidos. Havia ainda três degraus levando a ela, Eddie nunca vira uma secretária com *degraus.* Chegando diante dela, notou uma fenda na parte inferior daquela coisa-secretária, um botão a um lado e, mais acima — fascinante! — algo parecendo exatamente o espaçoscópio do Capitão Vídeo.

Eddie caminhou até o outro lado, e lá havia um letreiro. Ele devia ter seis anos pelo menos, porque conseguiu lê-lo, sussurrando em voz alta, suavemente, cada palavra escrita:

SEUS SAPATOS ESTÃO BEM AJUSTADOS?
EXPERIMENTE E VEJA!

Ele recuou, subiu os três degraus para a pequena plataforma e então introduziu o pé na abertura da parte inferior do testador de calçados. Seus sapatos *estavam bem ajustados?* Eddie não sabia, mas estava louco para *experimentar e ver.* Meteu o rosto na

máscara protetora e apertou o botão. Uma luz verde flutuou diante de seus olhos. Eddie ficou boquiaberto. Podia ver um pé flutuando dentro de um sapato, cheio de fumaça verde. Mexeu os artelhos, e os artelhos para os quais olhava também se mexeram — eram os dele, claro, justamente como desconfiara. Então, reparou que não eram apenas os artelhos que podia ver. Também via os seus *ossosl* Os ossos de seu *pé*\ Cruzou o dedão sobre o dedo seguinte (como a isolar-se furtivamente das conseqüências de contar uma mentira), e os ossos sobrenaturais na tela fizeram um X, que não era branco, mas de um verde-duende. Ele podia ver...

Então, sua mãe deu um grito estridente, um som crescente de pânico, que varou a quietude da sapataria como uma lâmina desembestada de uma ceifadeira mecânica, como uma campainha de alarme, como o juízo final galopando. Sobressaltado, ele afastou o rosto aterrorizado que encostara ao visor. Viu-a correndo em sua direção através da sapataria, com os pés calçados apenas de meias, o vestido voando atrás dela. Na corrida, sua mãe derrubou uma cadeira, e uma daquelas coisas para medir calçados, que sempre faziam cócegas nos pés dele, saiu voando pelos ares. O busto dela arfava. A boca era um O escarlate de horror. Os rostos se viraram, acompanhando-a.

— *Eddie, saia daí!* — gritou ela. — *Saia daí! Essas máquinas dão câncer! Saia daí! Eddie! Eddieeeeee..../*

Ele recuou, como se a máquina houvesse repentinamente ficado em brasa. Seu assustado pânico o fez esquecer os três degraus mais atrás. Seus saltos não encontraram apoio no primeiro degrau e ele ficou lá, caindo lentamente para trás, girando loucamente os braços em uma perdida batalha para recuperar o equilíbrio falho. E não havia pensado, com uma espécie de louca alegria, *Eu vou cair! Vou saber como é cair e bater com a cabeça! Que bom para mim!...?* Não havia pensado isso? Ou seria apenas o homem impondo suas próprias idéias automáticas de adulto, sobre quaisquer outras existentes em sua mente infantil, sempre entulhada de confusas suposições e mal captadas imagens (imagens que perdiam o sentido, dentro do próprio brilho) — ele havia pensado... ou tentara pensar?

Fosse como fosse, era algo discutível. Ele não caíra. Sua mãe havia chegado em tempo. Sua mãe o amparara. Eddie tinha prorrompido em lágrimas, porém não caíra.

Todos olhavam para eles, podia lembrar muito bem. Como se lembrava do Sr. Garderer recolhendo a coisa que media calçados, examinandoos pequenos dispositivos deslizantes que havia nela, a fim de verificar se ainda funcionavam, enquanto outro vendedor endireitava a cadeira caída, sacudindo os braços uma vez, em divertido aborrecimento, antes de afivelar de novo ao rosto sua agradavelmente neutra expressão de vendedor. Acima de tudo, ele se lembrava do rosto molhado da mãe e de sua respiração quente, ácida. Lembrava-se dela, sussurrando repetidamente em seu ouvido: *"Nunca mais* faça isso outra vez, *nunca mais* faça isso outra vez, *nunca mais!"* Era o que sua mãe cantarolava, para afastar problemas. Tinha cantarolado a mesma coisa um ano antes, ao descobrir que a *baby-sitter* havia levado Eddie à piscina pública do Parque Derry, em um calorento dia de verão — isto acontecera quando começava justamente a arrefecer o pavor da poliomielite, em princípios dos anos cinqüenta. Ela o arrastara para fora da piscina, dizendo-lhe que *nunca mais* devia fazer aquilo, *nunca mais, nunca mais* — e todas as crianças haviam olhado como os vendedores e clientes olhavam agora, e sua respiração tivera aquela mesma acidez pungente.

Ela o arrastou para fora da Shoeboat, gritando para todos os vendedores que os veria em peso no tribunal, se acontecesse algo de errado com seu menino. As lágrimas aterrorizadas de Eddie haviam continuado indo e vindo pelo resto da manhã, sua asma se mostrara particularmente forte naquele dia. De noite, ele ficara acordado durante horas

após o momento costumeiro de dormir, perguntando-se o que seria câncer, se era pior do que pólio, se matava, quanto tempo demorava para matar e quanto doeria, antes da gente morrer. Também perguntou-se se iria para o inferno depois disso.

A ameaça tinha sido séria, Eddie bem sabia.

Ela havia ficado tão assustada! Por isso, ele sabia.

Tão amedrontada!

— Marty — falou, através do abismo de anos, — quer me dar um beijo?

Ela o beijou e abraçou tão apertadamente, que os ossos das costas dele resmungaram. *Se estivéssemos na água,* pensou Eddie, *ela afundaria nós dois.*

— Não tenha medo — sussurrou em seu ouvido.

— *Não posso deixar de ter!* — gemeu ela.

— Eu sei — disse ele, percebendo que, embora ela o estivesse apertando com uma força de quebrar-lhe as costelas, sua asma melhorara.Desaparecera a nota sibilante em sua voz. — Eu sei, Marty. O motorista do táxi tornou a buzinar.

— Você telefonará? — perguntou ela, em tom trêmulo.

— Se puder.

— Eddie, por favor, não pode me contar o que está havendo?

E se ele contasse? Até que ponto isso aquietaria a mente de Myra?

Marty, recebi um telefonema de Mike Hanlon esta noite e conversamos durante algum tempo, mas tudo quanto dissemos resumiu-se a duas coisas: "Aquilo começou outra vez", disse Mike; "você virá?" perguntou ele em seguida. Agora, estou com febre, Myra, mas é uma febre que você não pode baixar com aspirina. Estou com uma dificuldade de respiração que o aspirador não alcança, porque o problema não está em minha garganta ou em meus pulmões — está em torno de meu coração. Eu voltarei para você se puder, Marty, mas eu me sinto um homem em pé à boca de uma velha entrada de mina que é cheia de cavernas, esperando que aconteça, em pé ali e dizendo adeus à luz do dia.

Sim... é claro, sim! Isso certamente a tranqüilizaria!

— Não — respondeu ele. — Acho que não posso contar.

Então, antes que ela dissesse mais alguma coisa, antes que recomeçasse *(Eddie, saia desse táxi! Eles dão câncer!),* ele se afastava dela em passos rápidos, cada vez mais depressa. Quando chegou ao táxi, estava quase correndo.

Ela continuava parada à porta quando o táxi recuou para a rua, continuava lá quando eles partiram para a cidade — uma enorme sombra negra de mulher, recortada contra a luz que vinha do interior da casa. Eddie acenou e pensou que ela também acenava em resposta.

— Para onde vamos esta noite, meu amigo? —- perguntou o motorista. Estação Penn — disse Eddie.

Sua mão relaxou sobre o aspirador. A asma se fora para onde sempre ia, a fim de repousar entre os assaltos a seus brônquios. Ele se sentia... quase bem.

Contudo, precisaria do aspirador mais do que nunca quatro horas depois, ao despertar de um ligeiro cochilo com um sobressalto espasmódico que fez o sujeito de terno formal, no outro lado do corredor, baixar o jornal e observá-lo com curiosidade vagamente apreensiva.

Estou de volta, Eddie! gritou a asma alegremente. *Voltei e, bem, desta vez, eu até podia matar você! Por que não? Tenho que fazer isso algum dia, bem sabe! Não posso ficar me chateando com você para sempre!*O tórax de Eddie avolumou-se e distendeu-se. Ele procurou o aspirador, encontrou-o, apontou-o para a garganta e premiu o gatilho. Então, recostou-se na poltrona do trem, tiritando, esperando alívio, pensando no sonho de

pouco antes do despertar. Sonho? Cristo, se fosse mesmo isso! Eddie receava que fossem mais lembranças do que sonho. Nele havia uma luz esverdeada como aquela dentro de uma máquina de raios X em uma sapataria, enquanto um leproso carcomido perseguia um menino que gritava, chamado Eddie Kaspbrak, através de túneis sob a terra. Ele corria e corria

(ele corre bem depressa *havia dito o Treinador Black para sua mãe e ele corria bastante depressa perseguido por aquela coisa apodrecida oh sim é melhor acreditar nisso pode apostar sua pele* neste sonho em que tinha onze anos de idade, e então sentira o cheiro de algo como a morte do tempo. Alguém acendera um fósforo e, olhando para baixo, Eddie vira o rosto em decomposição de um menino chamado Patrick Hockstetter, um menino que tinha desaparecido em julho de 1958. Havia vermes entrando e saindo das faces de Patrick Hockstetter. Aquele fedor horrendo e gasoso vinha de dentro de Patrick Hockstetter e, no sonho que era mais recordação do que sonho, ao olhar para um lado, ele vira dois livros escolares inchados de umidade e avolumados de bolor verde: *Caminhos para toda parte* e *Conhecendo a nossa América.* Estavam naquela condição devido à tremenda umidade existente lá embaixo ("Como passei minhas férias de verão", um tema escrito por Patrick Hockstetter — "Passei-as morto em um túnel! O mofo amontoou-se em meus livros e eles incharam, ficaram do tamanho de catálogos da Sears!"). Eddie abriu a boca para gritar, e foi então que os dedos escarificados do leproso apertaram sua face, mergulharam em sua boca. Foi nesse momento que acordou com aquele sobressalto, para encontrar-se, não nos esgotos por baixo de Derry, Maine, mas em um dos primeiros vagões de passageiros de um trem da Amtrak, cruzando Rhode Island velozmente, sob uma enorme lua branca.

O homem no outro lado do corredor vacilou, quase achou melhor ficar calado, mas afinal perguntou:

— O senhor está bem?

— Oh, sim, estou — respondeu Eddie. — Cochilei e tive um pesadelo. Agora, minha asma atacou.

— Entendo.O jornal tornou a erguer-se. Eddie viu que era o jornal a que às vezes sua mãe se referia como *The Jew York Time* (*Jogo de palavras. O nome seria The New York Times. Jew significa "judeu". - N. da T.)*

Eddie olhou pela janela, vendo a paisagem adormecida e iluminada apenas pela lua clara. Havia casas aqui e ali, às vezes amontoados delas, em sua maioria escuras, apenas umas poucas mostrando luzes. Entretanto, as luzes pareciam poucas e falsamente zombeteiras, comparadas à claridade fantasmagórica da lua.

Ele achava que a lua lhe falava, pensou de repente. *Henry Bowers. Deus, ele era tão louco!* Eddie perguntou-se onde Henry Bowers estaria agora. Morto? Na prisão? Perambulando através de planícies vazias, em alguma parte do centro do país, como um vírus incurável, assaltando escolas de delinqüentes juvenis nas horas de forte sonolência entre uma e quatro da madrugada ou talvez matando algumas das pessoas idiotas o bastante para diminuir a marcha ante seu polegar erguido, a fim de transferir os dólares das carteiras alheias para a sua?

Possível, possível.

Em algum asilo do estado, em qualquer lugar? Olhando para esta lua que se aproximava da cheia? Falando com ela, recebendo respostas que apenas ele podia ouvir?

Eddie considerou que isto, de algum modo, era ainda mais possível. Estremeceu. *Estou finalmente recordando minha meninice,* pensou. *Estou finalmente recordando como passei minhas férias de verão, naquele confuso e insípido ano de 1958.* Sentiu que

agora podia evocar quase qualquer cena que quisesse daquele verão, mas o caso é que não queria. *Oh, Deus, se apenas eu pudesse esquecer tudo outra vez!*

Inclinou a testa contra o vidro sujo da janela, o aspirador seguro frouxamente em uma das mãos, como um artefato religioso, vendo como a noite se dividia velozmente em torno do trem.

Indo para o norte, pensou, mas estava errado.

Não indo para o norte. Porque isto não é um trem, mas uma máquina do tempo. Não para o norte. Para trás no tempo.

Ele pensou ter ouvido a lua murmurar.

Eddie Kaspbrak segurou apertadamente o aspirador e fechou os olhos contra a súbita vertigem.

5

Beverly Rogan toma uma sova

Tom estava quase dormindo, quando o telefone tocou. Reclinou-se na cama com esforço, curvou-se para o telefone e então sentiu um dos seios de Beverly pressionados contra o seu ombro, quando ela estendeu o braço para atender. Ele tornou a cair no travesseiro, perguntando-se vagamente quem ligaria para eles — o número telefônico da casa não constava da lista — àquela hora da noite. Ouviu Beverly dizer alô e então entrou de novo em sonolência. Havia esgotado quase três embalagens com seis cervejas durante o jogo de beisebol e estava arriado.

Foi então que a voz de Beverly, ríspida e curiosa — *"Cooomo?"* — penetrou em seu ouvido como um furador de gelo, fazendo-o abrir os olhos de novo. Tentou sentar-se e o fio do telefone encaixou-se em seu pescoço gordo.

— Tire essa maldita coisa de cima de mim, Beverly — disse ele.

Ela se levantou rapidamente e deu volta à cama, segurando o fio entre as pontas dos dedos. Tinha cabelos ruivo-escuros, fluindo sobre a camisola de dormir em ondas naturais, quase até a cintura. Cabelos de prostituta. Os olhos dela não saltitaram para o rosto dele, a fim de ler o tempo emocional ali impresso, e Tom Rogan não gostou disso. Sentou-se. Sua cabeça começava a doer. Merda, talvez já estivesse doendo, mas quando a gente se encontra dormindo não percebe isso.

Foi até o banheiro, urinou pelo que lhe pareceram três horas, e então decidiu que, como se levantara, devia virar outra cerveja e tentar afastar a praga da ressaca iminente.

Cruzando novamente o quarto na direção da escada, vestindo shorts brancos de pugilista que se inflavam como velas abaixo de seu considerável estômago, os braços como porretes (ele mais parecia um espancador de cais do que o presidente e gerente-geral da Beverly Fashions, Inc.), Tom olhou por sobre o ombro e gritou, irritado:

— Se for aquela sapatona Lesley, diga-lhe que vá comer outra modelo e nos deixe dormir!

Beverly ergueu os braços levemente, meneou a cabeça para indicar que não era Lesley e tornou a fitar o telefone. Tom sentiu os músculos de sua nuca retesarem-se. Aquilo parecia uma rejeição. Rejeitado por Milady. Mifodidalady. Aquilo começava a parecer que se tornaria uma inconveniência. Talvez Beverly precisasse de um breve curso

relembratório sobre quem é que dava ordens ali. Era possível. Às vezes ela precisava. Custava a aprender.

Desceu para o térreo, seguiu pelo corredor até a cozinha, enquanto puxava alheadamente o fundilho dos shorts, preso à divisão das nádegas. Abriu a geladeira. Sua mão estendida não tocou em nada mais alcoólico do que um prato de cerâmica azul com sobras de espaguete à Romanoff. Toda a cerveja acabara. Até mesmo a lata que ela guardava no fundo (como guardava uma nota de vinte dólares, dobrada atrás da licença de motorista, para um caso de emergência) se fora. O jogo tivera quatorze turnos — e tudo para nada. O White Sox tinha perdido. Havia sido um bando de moleirões este ano.

Seus olhos desviaram-se para as garrafas de bebida forte, na prateleira envidraçada acima do balcão da cozinha e, por um momento, ele se viu despejando um pouco de Beam sobre um cubo único de gelo. Depois tomou novamente a direção da escada, sabendo que aquilo significava mais problemas do que havia presentemente em sua cabeça. Olhou para o mostrador do antigo relógio de pêndulo ao pé da escada e viu que passava da meia-noite. O conhecimento não serviu para melhorar seu ânimo, já nunca muito bom, mesmo nos melhores momentos.

Subiu os degraus com lenta deliberação, cônscio — demasiado cônscio — de como seu coração trabalhava com força. Ca-bum, ca-tud. Ca-bum, Ca-tud. Ca-bum, ca-tud. Ele ficava nervoso, se podia sentir o coração pulsando nos ouvidos e punhos, assim como no peito. Quando isso acontecia, não o imaginava como um órgão comprimindo e afrouxando, mas como um enorme mostrador no lado esquerdo de seu tórax, cujo ponteiro se inclinava ominosamente para a zona vermelha. Ele não gostava dessa merda; não precisava dessa merda. O que estava precisando era de uma boa noite de sono.

Entretanto, a cona idiota com quem se casara ainda estava grudada ao telefone.

— Eu compreendo, Mike... sim... sim, *estou*... Eu sei... mas... Uma pausa mais longa.

— Bill *Denbroughl* — exclamou ela, e aquele furador de gelo tornou a penetrar no ouvido dele.

Tom ficou parado junto à porta do quarto, até recuperar o fôlego.Agora era ca-tud, ca-tud, ca-tud novamente: o estrondo cessara. Imaginou brevemente o ponteiro afastando-se do vermelho e então rejeitou o quadro. Ele era um homem, pelo amor de Deus, um homem em estado infernalmente bom, não uma fornalha com termostato ruim. Estava em grande forma. Era ferro puro. E, se Beverly precisasse reaprender isso, ficaria feliz em ensinar-lhe.

Ia entrar, mas pensou melhor e ficou onde estava mais um pouco, ouvindo-a, não que se preocupasse com o que ela falava ou com quem, mas apenas ouvindo os tons de sua voz, subindo e descendo. Quanto a ele, o que sentia era a velha e familiar raiva. Uma raiva surda.

Conhecera-a em um bar de Chicago para solteiros, quatro anos antes. A conversa tinha sido fácil, porque ambos trabalhavam no Edifício Standard Brands e conheciam mais ou menos as mesmas pessoas. Tom era relações-públicas da King & Landry, no quadragésimo segundo andar. Beverly era assistente de desenhista na Delia Fashions, décimo segundo andar. Delia, que mais tarde entraria em modesta voga no Centro-Oeste, fornecia moda para gente jovem — as saias, blusas, xales e slacks "Delia" eram largamente vendidos para o que Delia Castleman denominava "lojas para jovens" e que Tom chamava "*headshops"* (*Loja tipo butique para jovens, vendendo posters psicodélicos, incenso, velas, comida natural, etc. - N. da T.*) Tom Rogan soube duas coisas sobre Beverly Marsh, quase imediatamente: ela era desejável e também vulnerável. Em menos de um mês, ele soube uma terceira: era talentosa. *Muito* talentosa. Nos seus desenhos de

vestidos e blusas informais, ele viu uma máquina de fazer dinheiro com potencial quase assustador.

Não nos headshops, *entretanto,* pensou ele, mas não disse (pelo menos então). *Nada mais de parca iluminação, de preços de liquidação, de exibições cretinas nos fundos da loja, entre a parafernália da droga e as camisetas para grupos de rock. Essa merda ficaria para os peixes miúdos.*

Tom ficara sabendo muito sobre Beverly, antes de deixá-la perceber seu interesse por ela. Aliás, era justamente assim que ele planejara. Estivera procurarndo alguém como Beverly Marsh a vida inteira, e movimentou-se com a velocidade do leão, perseguindo um antílope vagaroso. Não que a vulnerabilidade dela transparecesse — quem a olhasse, via uma bela mulher, esguia, mas muito bem dotada. Os quadris não eram grande coisa, talvez, mas ela possuía um belo traseiro e o melhor par de seios que já vira. Tom Rogan era apreciador de maminhas, sempre fora, mas garotas altas geralmente possuíam um busto decepcionante. Usavam blusas ralas e os bicos dos seios enlouqueciam um sujeito, mas quando o sujeito lhes tirava aquelas blusas finas, descobria que os bicos eram tudo quanto elas possuíam. As próprias maminhas assemelhavam-se a maçanetas na gaveta de uma secretária. "Mais do que a mão abarca é perda de tempo", gostava de dizer seu companheiro de quarto na universidade, mas na opinião de Tom ele era tão cheio de bosta, que cacarejava qualquer asneira.

Oh, ela era de excelente aparência, sem dúvida, com aquele corpo de dinamite e a capitosa cascata de ruivos cabelos ondeados. Contudo, era fraca... de certo modo fraca. Como se enviasse ondas de rádio que apenas ele conseguia captar. Era possível apontar-se certas coisas — o quanto fumava (ele, porém, quase a curara disso), a maneira inquieta como movia os olhos, nunca se fixando nos de quem lhe falava, mas apenas tocando-os de quando em quando e desviando-se. Havia o hábito de esfregar ligeiramente os cotovelos se estava nervosa, e a aparência das unhas, bem tratadas, mas brutalmente curtas. Tom percebeu este último detalhe da primeira vez que a viu. Ela ergueu o copo de vinho branco, ele reparou nas unhas e pensou: *Ela as mantém curtas assim, porque as rói.*

Leões podem não pensar, pelo menos não da maneira como as pessoas pensam... mas eles vêem. E quando os antílopes abandonam um bebedouro, alertados por aquele cheiro de tapete poeirento que anuncia a morte iminente, os felinos podem observar qual deles fica à retaguarda do bando, talvez por estar coxeando, talvez por ser naturalmente mais lento... ou talvez porque seu senso de perigo é menos desenvolvido. Pode ainda ser possível que alguns antílopes — e algumas mulheres — *queiram* ser derrubados.

De repente, ele ouviu um som que o arrancou brutalmente de tais lembranças — o clique do isqueiro dela.

A raiva surda retornou. Tom sentiu um calor no estômago que não era de todo desagradável. Fumo. Ela estava fumando. Já haviam tido algumas doses dos Seminários Especiais de Tom Rogan a respeito. Pois lá estava ela, repetindo o que não devia. Beverly custava a aprender, tudo bem, mas um bom professor é excelente com estudantes burros.

— Está certo — disse ela agora. — Hum-hum. Tudo certo. Sim...— Ela ouviu, depois proferiu uma risada estranha, entrecortada, que ele nunca ouvira antes. — Já que você pergunta, duas coisas — reserve-me um quarto e faça uma prece por mim. Sim, okay... hum-hum... eu também. Boa noite.

Desligava, quando ele entrou no quarto. Ele quis entrar de sola, berrando para ela jogar o cigarro fora, jogar fora *agora,* IMEDIATAMENTE!, mas quando a viu, as palavras lhe morreram na garganta. Ele já a vira assim antes, mas apenas duas ou três vezes. Uma, antes da primeira grande mostra de ambos, outra, antes da primeira mostra

particular para compradores nacionais e a terceira, quando tinham ido a Nova York, para o Prêmio Internacional do Desenho de Modas.

Ela se movia pelo quarto em longas passadas, a camisola de renda branca moldada ao corpo, o cigarro preso entre os dentes da frente (Céus, como ele odiava a maneira dela ficar com um toco de cigarro na boca!), soltando para trás uma pequena esteira branca sobre o ombro esquerdo, como a fumaça expelida por uma locomotiva.

No entanto, foi o rosto dela que realmente o fez parar, que forçou o grito planejado a morrer-lhe na garganta. Seu coração saltou — ca-BAMP! — e ele pestanejou, dizendo a si mesmo que não sentia medo, mas apenas surpresa, ao encontrá-la daquela maneira.

Beverly era uma mulher que, de fato, só irradiava tanta vitalidade quando o ritmo de seu trabalho caminhava para um clímax. Cada uma daquelas rememoradas ocasiões havia sido, naturalmente, relacionada à carreira. Naquelas épocas, Tom vira uma mulher diferente da que conhecia tão bem — uma mulher que perturbava seu sensível radar-do-medo com violentos jatos de estática. A mulher que emergia em épocas de estresse era forte mas excitável, intemerata mas imprevisível.

As faces dela agora estavam cheias de cor, um afqgueado natural no alto dos malares. Os olhos apareciam arregalados e faiscantes, sem o menor traço de sono. Os cabelos fluíam e moviam-se em ondas. E... oh, vejam isto, amigos e vizinhos! Dêem apenas uma espiada *nistol* Estará ela tirando uma mala do armário? *Uma mala?* Por Deus como está!

Reserve-me um quarto... faça uma prece por mim.

Muito bem, ela não ia precisar de quarto em nenhum hotel, não no futuro previsível, porque a pequena Beverly Rogan ia continuar onde estava, em sua casa, muito obrigado, fazendo em pé as refeições dos próximos três ou quatro dias.No entanto, talvez estivesse bem necessitada de uma ou duas preces, antes dele encerrar o assunto.

Beverly jogou a mala aos pés da cama e depois foi até sua secretária. Puxou a gaveta de cima e dela tirou dois jeans e duas calças de tecido canelado, que jogou dentro da mala. Voltou à secretária, com o cigarro deitando fumaça por sobre o ombro. Apanhou um suéter, duas camisetas e uma das velhas blusas do antigo “Ship'n Shore”, que davam uma aparência tão idiota quando as vestia, mas que ela continuava usando. Quem quer que tivesse telefonado para ela, certamente não pertencia à alta sociedade. Aquilo era roupa insossa, coisa estritamente fim-de-sema-na-de-Jackie-Kennedy-em-Hyannisport.

Não que Tom se preocupasse com quem telefonara ou para onde ela pensava que ia, posto que não iria a lugar nenhum. Não era isso que cutucava sua mente com insistência, uma mente opaca e dolorida por excesso de cerveja e sono insuficiente.

Era aquele cigarro.

Supostamente, ela havia jogado fora todos eles. No entanto, ainda tinha alguns escondidos — a prova estava ali, presa entre seus dentes. E como Beverly ainda não o percebera parado à porta, ele se permitiu o prazer de recordar as duas noites que lhe haviam garantido o controle total sobre ela.

Não quero mais você fumando à minha volta, havia dito a ela, ao voltarem de uma festa em Lake Forest para casa. Tinha sido em outubro. *Tenho de aturar essa merda nas festas e no escritório, mas não vou aturar quando estou com você. Sabe o que parece? Vou dizer a verdade — desagradável, mas verdade. É como ter de comer o catarro de outra pessoa.*

Tom pensou que isso provocaria alguma débil fagulha de protesto, mas ela apenas o fitara, à sua maneira tímida, de querendo agradar. Respondera em voz baixa, acanhada e obediente. *Está bem, Tom.*

Então, jogue fora.

Ela jogou. Tom passara o resto daquela noite bem-humorado.

Semanas mais tarde, saindo de um cinema, ela acendeu impensadamente um cigarro no saguão, soltando baforadas enquanto caminhavam pelo pátio de estacionamento, em direção ao carro. Havia sido uma noite amarga de novembro, o vento uivando como maníaco sobre qualquer centímetro de carne exposta que conseguisse encontrar. Tom recordou que fora capaz de sentir o cheiro do lago, como às vezes é possível em noitesfrias — um cheiro de brejo, ao mesmo tempo com odor de peixe e de certa forma vazio. Deixou que ela fumasse o cigarro. Até lhe abriu a porta do carro. Entrou para trás do volante, fechou sua porta e então disse: *Bev?*

Ela tirou o cigarro da boca, virou-se para ele, inquisitiva, e Tom descarregou, com força, a mão aberta em seu rosto. A força foi suficiente para deixá-lo com a palma ardendo, para jogar a cabeça dela contra o encosto de cabeça do assento. Beverly arregalou os olhos, com surpresa e dor... além de também algo mais. Ela levou a mão ao rosto, a fim de investigar o calor e o formigante entorpecimento locais. Exclamou, *Aiii! Tom!*

Ele a fitou entre olhos apertados, a boca sorrindo casualmente, inteiramente alerta, pronto para ver o que surgiria em seguida, a maneira como ela reagiria. Seu pau enrijecera nas calças, porém ele mal percebera. Isso ficava para depois. Agora, havia uma aula em andamento. Evocou o sucedido. O rosto dela. O que seria aquela terceira expressão, a que surgira apenas por um instante e se fora? Primeiro, a surpresa. Depois, a dor, Então, a

(nostalgia)

perda de memória... perda de alguma lembrança. Tinha sido apenas um fugaz instante. Talvez ela nem soubesse que estivera ali, em seu rosto ou em sua mente.

E também agora: agora. Devia estar tudo na primeira coisa que ela não disse. Ele sabia disso tão bem, como sabia o próprio nome.

Não tinha sido, *seu filho da puta!*

Não tinha sido, *adeus, machista!*

Não tinha sido, *é o fim para nós, Tom!*

Ela apenas o fitou com os feridos e marejados olhos cor de avelã, e perguntou: *Por que você fez isso?* Tentou acrescentar mais alguma coisa, porém prorrompeu em lágrimas.

Jogue fora!

O quê? O que, Tom? A maquilagem escorria-lhe pelas faces em riscos lamacentos. Ele não ligou. Gostava de vê-la assim. Ficava uma sujeira, mas nisso havia algo de *sexy* também. Um sentido de prostituta. Uma espécie de excitamento.

O *cigarro. Jogue-o fora!*

A percepção despertando. E, com ela, a culpa.*Eu tinha esquecido!* exclamou ela. *Foi só isso!*

Jogue-o fora, Bev, ou levará outra bofetada.

Ela baixou o vidro da janela e atirou fora o cigarro. Depois se virou para ele, com o rosto pálido e assustado, mas sereno de certa forma.

Você não pode... não devia agredir-me. Não é uma base para um... um... um relacionamento duradouro. Estava querendo encontrar um tom, um ritmo de fala adulto, mas fracassava. Ele a fizera regredir. Estava naquele carro com uma criança. Voluptuosa e *sexy* como o diabo, mas uma criança.

Não posso e não devo são duas coisas diferentes, garota, disse ele. Mantinha a voz calma, mas por dentro estava nervoso e trêmulo. *E cabe a mim decidir o que constitui ou não um relacionamento duradouro. Se aceitar assim, ótimo. Se não, vá*

andando. Eu não a deterei. Poderia chutar-lhe o traseiro como presente de despedida, mas não a deterei. Este é um país livre. O que mais posso dizer?

Talvez você já tenha dito o suficiente, sussurrou ela. Ele a esbofeteou novamente, com mais força que da primeira vez, porque nenhuma mulher *jamais* bancaria a espertinha com Tom Rogan. Ele esbofetearia a Rainha da Inglaterra, caso se metesse a besta.

O rosto dela bateu contra o painel acolchoado de instrumentos. Ela estendeu a mão para a maçaneta da porta, depois a deixou cair. Ficou apenas encolhida no canto como um coelho, uma das mãos sobre a boca, os olhos grandes, molhados e amedrontados. Tom a encarou por um momento. Depois saiu, deu volta ao carro e abriu a porta dela. Sua respiração era como fumaça no ar negro e ventoso de novembro. O cheiro do lago era muito nítido.

Quer sair, Bev? Eu a vi tentando abrir aporta, então pensei que quisesse sair. Tudo bem. Como queira. Pedi a você que fizesse algo e concordou. Depois voltou atrás. E então, não quer sair? Vamos, saia! Droga, o que há? Saia! Não quer sair?

Não, sussurrou ela.

Como? Não ouvi bem.

Eu disse que não quero sair, falou ela, um pouco mais alto.

Como? Será que os cigarros a deixaram com enfisema? Se não consegue falar, eu lhe arranjo um maldito megafone. É a sua última chance, Beverly. Fale alto, para que eu possa ouvi-la: quer sair deste carro ou quer voltar comigo?

Quero voltar com você, respondeu ela, entrelaçando as mãos sobre a saia como uma garotinha.

Beverly não olhou para ele. As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto.

Está bem, disse Tom. *Ótimo. Mas primeiro, diga uma coisa para mim, Bev. Quero que diga "Esqueci que não devia fumar em sua presença, Tom."*

Ela então o encarou, com os olhos magoados, suplicando em silêncio. Você pode fazer isto comigo, diziam aqueles olhos, mas não faça, por favor. Não. Eu o amo, por que não encerramos isto?

Não — não era possível. Por que aquilo não era o fundo da carência dela e ambos sabiam disso.

Diga.

Esqueci que não devia fumar em sua presença, Tom.

Muito bem. Agora diga "Sinto muito".

Sinto muito, repetiu ela, monotonamente.

O cigarro jazia esfumaçando no pavimento, como um pedaço partido de estopim. As pessoas que saíam do cinema olhavam para eles, para o homem em pé junto à porta aberta do passageiro de um Vega último modelo, a mulher sentada no interior, as mãos recatadamente entrelaçadas no colo, de cabeça baixa, a luz do teto delineando em dourado a queda suave de seus cabelos.

Ele esmagou o cigarro. Estraçalhou-o contra o pavimento.

Agora diga: "Nunca mais farei isso sem a sua permissão. "

Nunca mais...

A voz dela começou a falhar.

... mais... m-m-m...

Diga, Bev.

... f-farei isso. Sem a sua p-permissão.

Então, ele bateu a porta, deu volta ao carro e retomou seu lugar ao volante. Voltaram para o apartamento dele, no centro da cidade. Nenhum deles disse uma palavra.

Metade do relacionamento havia sido estipulado no pátio de estacionamento; a segunda metade ficou estipulada quarenta minutos mais tarde, na cama de Tom.

Ela disse que não queria fazer amor. Ele leu uma verdade diferente em seus olhos e no jeito empertigado de suas pernas. Quando lhe tirou a blusa, Beverly tinha os bicos dos seis duros como pedras. Ela gemeu quando Tom os esfregou, gritou suavemente quando ele os sugou, primeiro um, depois o outro, amassando-os incessantemente enquanto isso. Agarrando a mão dele, ela as enfiou entre as pernas.

Pensei que você não quisesse, disse ele. Ela virou o rosto... embora não lhe soltasse a mão, e o balanceio de seus quadris pareceu aumentar.

Tom a empurrou sobre a cama... e então agiu com gentileza, não lhe rasgando as peças íntimas, e sim removendo-as com uma tão cuidadosa consideração, que quase era recatada.

Deslizar para dentro dela foi como deslizar para algum óleo refinado.

Tom moveu-se com ela, usando-a, mas deixando que ela também o usasse. Ela gozou a primeira vez quase imediatamente, gritando alto e fincando as unhas nas costas dele. Depois balançaram-se juntos, em longos e lentos golpes. A certa altura, ele julgou que ela tornara a gozar. Tom estava perto disso, mas então começou a pensar na média dos pontos do White Sox, em quem estava tentando roubar-lhe a conta da Chesley, no escritório, e tudo entrou nos eixos outra vez. Foi quando ela começou a aumentar a velocidade de seu ritmo, para finalmente dissolver-se em excitados arrancos. Ele lhe fitou o rosto, viu os escorridos da sombra para os olhos, formando uma espécie de máscara, o batom manchado, e sentiu-se repentinamente caminhando a toda rapidez para o final.

Ela sacudiu as ancas cada vez mais forte — naquela época, Tom não tinha a barriga produzida pela cerveja, de maneira que seus estômagos davam-se as mãos, em um ritmo de crescente velocidade.

Perto do fim, ela gritou e então mordeu-lhe o ombro com os dentes pequeninos e uniformes.

Quantas vezes você gozou? perguntou ele, depois que tinham tomado uma ducha.

Ela virou o rosto e, quando falou, foi tão baixo, que ele quase não a ouviu. *Isso é uma coisa que não devia perguntar.*

Não? E quem lhe disse isso? Misterfoda?

Segurou-lhe o rosto com uma das mãos, o polegar afundando em uma face, os dedos pressionando a outra e, de permeio, a palma abraçando-lhe o queixo.

Conte para o Tom, disse. *Ouviu, Bev? Conte para o papai.*

Três, respondeu ela, relutante.

Ótimo, disse ele. *Pode fumar um cigarro.*

Ela o fitou desconfiadamente, os cabelos vermelhos espalhados sobre o travesseiro, usando apenas as calcinhas justas. Bastava olhar para ela, vê-la daquele jeito, para ele ficar com o motor fervendo de novo. Assentiu.

Vamos, disse. *Está tudo bem.*

Três meses mais tarde, casavam-se em uma cerimônia civil. Dois amigos dele compareceram; da parte dela, a única amizade presente foi Kay McCall, a quem Tom chamava "*aquela cadela peituda feminista*."

Todas estas lembranças percorreram a mente de Tom no espaço de segundos, como um trecho de filme rodado em alta velocidade, enquanto permanecia parado na soleira, olhando para ela. Beverly chegava à última gaveta, àquela que por vezes dizia ser a "gaveta do fim de semana", e agora jogava roupas de baixo na mala — não do tipo que ele apreciava, não os cetins escorregadios e sedas macias; aquilo era material de algodão, coisa de garotinha, a maioria já desbotada e com pequenos pufes de elástico rebentado na

linha da cintura. Uma camisolía de algodão que parecia algo saído de *Casinha na Pradaria.* Ela vasculhou o fundo daquela última gaveta, a fim de verificar se não sobrara mais nada lá dentro.

Nesse meio tempo, Tom Rogan caminhou sobre o tapete felpudo até seu guarda-roupa. Estava descalço e não fez ruído algum; sua passagem foi como uma leve brisa. Era o cigarro. Isso é que o tinha deixado louco. Fazia muito tempo desde que Beverly esquecera aquela primeira lição. Houvera outras aulas a aprender desde então, muitas lições. Também houvera dias calorentos em que ela fora obrigada a usar blusas de mangas compridas, inclusive cardigãs abotoados até o pescoço. Dias sem sol em que precisara usar óculos escuros. Contudo, aquela primeira lição havia sido tão repentina, tão fundamental...

Ele esquecera o telefonema que o despertara do sono profundo. Era o cigarro. Se ela agora estava fumando, então tinha esquecido Tom Rogan. Temporariamente, claro. Apenas temporariamente mas, mesmo assim, era muito. O que a fizera esquecer não vinha ao caso. Tais coisas não deviam acontecer em sua casa — na casa dele — por *nenhum* motivo.

Havia uma larga correia negra de couro, pendurada em um gancho, dentro da porta do armário. Não tinha fivela; Tom a removera fazia muito tempo. Uma extremidade da correia era dupla, no lugar onde existira a fivela, uma parte que formava um círculo, dentro do qual ele agora deslizou a mão.

Tom, você foi um mau menino! sua mãe dizia às vezes. Bem, "às vezes" talvez não fosse o termo mais adequado; "freqüentemente" seriamelhor. *Venha cá, Tommyl Tenho que lhe dar uma surra!* Sua vida de criança havia sido pontilhada de surras. Por fim, ele escapara para o Colégio Estadual de Wichita, mas aparentemente não havia isso de fuga completa, porque continuava ouvindo a voz dela em sonhos: *Venha cá, Tommy. Tenho que lhe dar uma surra. Surra...*

Ele havia sido o mais velho de quatro irmãos. Três meses após o nascimento do caçula, Ralph Rogan tinha morrido. Bem, "morrido" talvez não fosse o termo mais adequado; "suicidara-se" seria uma maneira melhor de definir, uma vez que ele havia despejado uma generosa quantidade de soda cáustica em uma caneca de gim, tendo sorvido essa beberagem do demônio enquanto sentado sobre a caixa de descarga do vaso sanitário. A Sra. Rogan arranjara trabalho na fábrica Ford. Embora tendo apenas onze anos, Tom se tornara o homem da casa. E se não andasse na linha... Se o bebê sujasse as fraldas depois da babá ir para casa e se a sujeira ainda estivesse lá, quando mamãe voltasse... Se esquecesse de ir apanhar Megan na esquina da Rua Broad após ela sair da escola mater-nal e se a fofoqueira Sra. Gant visse... se ele estivesse vendo *American Bandstand,* enquanto Joey fazia bagunça na cozinha... se qualquer destas coisas ou mil outras acontecessem... então, depois que os irmãos menores estivessem na cama, surgia em cena a bengala das surras e ela atirava a invocação: *Venha cá, Tommy! Vou lhe dar uma surra!*

Era melhor surrar do que ser surrado.

Se ele não tivesse aprendido nada mais na grande estrada paga da vida, aprendera isso.

Assim, ajeitou a ponta frouxa do cinto uma vez, deixando a laçada confortável. Depois fechou o punho sobre ela. Aquilo o fazia sentir-se bem. Fazia-o sentir-se adulto. A tira de couro pendia de seu punho fechado como uma negra serpente morta. Sua dor de cabeça desaparecera.

Beverly havia encontrado aquela última peça no fundo da gaveta: um velho sutiã de algodão branco, com taças acolchoadas. A idéia de que o telefonema na madrugada

pudesse ser de um amante, surgiu brevemente em sua mente, tornando a submergir da superfície. Isso era ridículo. Uma mulher indo ao encontro do amante não levaria suas blusas desbotadas da "Ship'n Shore" e calcinhas de algodão "K-mart", com elástico soltando e flácido. Por outro lado, ela não ousaria.

— Beverly — disse suavemente.Ela se virou em seguida, assustada, os olhos arregalados, os cabelos compridos oscilando.

O cinto vacilou... caiu um pouco. Tom olhou para ela, tornando a sentir aquele início de inquietação. Sim, ela mostrava essa aparência antes dos grandes *shows,* e então ele não havia compreendido, não percebera que Beverly ficava tão impregnada com uma mescla de medo e agressividade competitiva, que era como se sua cabeça estivesse cheia de gás de iluminação: bastaria uma fagulha para explodir. Ela vira os *shows,* não como uma oportunidade para sair da "Delia Fashions", a fim de ganhar a vida — ou mesmo ficar rica — por conta própria. Se isso fosse tudo, ótimo. Entretanto, se fosse tudo, ela não teria todo aquele formidável talento. Beverly vira aqueles *shows* como uma espécie de superexame, no qual seria diplomada por ferrenhos professores. Naquelas ocasiões, o que ela via era uma criatura sem rosto. Uma criatura que não tinha rosto, mas possuía um nome — *Autoridade.*

Todo o toque nervino dos olhos dilatados estava agora em seu rosto. Não apenas no rosto, mas à volta de toda ela, em uma aura que quase era visível, uma carga de alta-voltagem que a tornava subitamente mais fascinante e perigosa do que parecera a ele, em anos. Tom sentia medo, porque ela estava ali, toda ali, a *ela* essencial, separada da outra que ele desejava que fosse, daquela que havia criado.

Beverly parecia chocada e amedrontada. Também parecia quase loucamente eufórica. Suas faces brilhavam com um colorido héctico, no entanto havia claras olheiras brancas sob os olhos; eram como um segundo par de olhos. Sua testa cintilava com ressonância cremosa.

E o cigarro ainda lhe pendia da boca, em ligeiro ângulo para cima, como se ela se julgasse algum maldito Franklin Delano Roosevelt. O cigarro! Era só olhar para aquilo e uma fúria surda tornava invadi-lo, em um verde vagalhão. Vagamente, do fundo de sua mente, ele recordou tê-la ouvido dizer-lhe algo certa noite, no escuro, falando em voz opaca e inexpressiva: *Um dia você ainda me mata, Tom. Sabe disso? Um dia você irá longe demais e isso será o fim. Você passará da conta.*

Ele havia respondido: *Basta ser como quero, Bev, que esse dia nunca chegará.*

E agora, antes que a fúria sobrepujasse tudo, ele se perguntou se esse dia finalmente não havia chegado.O cigarro. Pouco importavam o telefonema, as roupas emaladas, a expressão esquisita no rosto dela. Iam discutir a questão do cigarro. Em seguida, dariam uma trepada. Depois discutiriam o restante. Então, o restante talvez tivesse importância.

— Tom — disse ela. — Tom, eu tenho que...

— Você está fumando! — replicou ele. Sua voz parecia vir de longa distância, como emitida por um potente rádio. — Parece que você esqueceu, menina. Onde foi que os escondeu?

— Veja, vou jogar fora — disse ela.

Foi até a porta do banheiro. Atirou o cigarro — mesmo de onde estava, ele podia ver as marcas dos dentes, fundas no filtro — dentro da privada. *Fssss!* Ela voltou.

— Quem telefonou foi um velho amigo, Tom. Um amigo *velhíssimo.* Eu tenho que...

— O que tem a fazer é calar essa boca! — berrou ele. — Apenas calar essa boca!

Entretanto, o medo que queria ver — medo dele — não havia surgido no rosto de Beverly. Houvera medo, mas vindo pelo telefone e, para ela, não se supunha que algum medo chegasse por essa direção. Era quase como se Beverly não enxergasse o cinto, não *o* enxergasse — a ele, Tom — o que lhe provocou uma ponta de inquietude. *Estaria* ele ali? Era uma pergunta idiota, mas *estaria* mesmo?

Tratava-se de uma questão tão elementar e terrível que, por um momento, Tom sentiu o risco de ser inteiramente desenvolto da raiz de si mesmo e apenas flutuar como uma bola de capim seco, empurrada pela brisa forte. Conseguiu recompor-se. Estava ali, claro, tudo aquilo era uma maldita baboseira psicológica, suficiente para uma única noite. Estava ali, era Tom Rogan, *Tom Rogan, graças a Deus.* E se aquela cona maluca não tomasse jeito e fugisse nos próximos trinta segundos ou coisa assim, ia ficar parecendo ter sido empurrada de um vagão de carga em marcha acelerada, empurrada por um malévolo detetive ferroviário.

— Vou surrá-la — disse ele. — Sinto muito, garota.

Já havia visto aquela mistura de medo e agressividade antes, claro. Agora, pela primeira vez, aquilo faiscava para ele.

— Baixe essa coisa, Tom — disse ela. — Tenho que ir, chegar ao O'Hare o mais depressa que puder.

Você está *aí, Tom?* Está?Ele afastou o pensamento. A tira de couro que uma vez tora cinto, oscilou lentamente diante dele como um pêndulo. Seus olhos faiscaram e depois pousaram no rosto dela.

— Escute, Tom. Houve algum problema em minha cidade natal. Problema sério. Tive um amigo naquela época. Poderia ser meu namorado, mas acho que não tínhamos idade suficiente para isso. Ele era apenas um garoto de onze anos, que gaguejava bastante. Hoje é escritor. Você mesmo já leu um de seus livros... *The Black Rapidsl*

Perscrutou o rosto dele, mas nada conseguiu ler. Havia apenas o cinto, balançando como pêndulo, de um lado para outro, de lá para cá. Tom estava de cabeça baixa, as pernas grossas ligeiramente afastadas. Beverly então correu a mão pelo cabelo, inquieta — distraidamente — como se tivesse muitas coisas importantes em que pensar e não houvesse visto o cinto, em absoluto. Aquela pergunta obcecante e terrível ressurgiu na mente dele: *Você está aí? Tem certeza?*

— Esse livro rolou aqui em casa por semanas, sem que eu nunca fizesse uma conexão. Talvez devesse ter feito, mas estamos todos mais velhos e nem mesmo pensava em Derry, há muito, muitíssimo tempo. De qualquer modo, Bill tinha um irmão, George, e George foi morto antes mesmo que eu conhecesse Bill. Ele foi assassinado. E então, no verão seguinte...

Tom, entretanto, já ouvira loucuras suficientes, vindas de dentro e de fora. Moveu-se rápido para ela, dobrando o braço direito acima do ombro, como um homem prestes a atirar uma azagaia. O cinto cortou uma trilha sibilante no ar. Beverly o viu chegando e tentou agachar-se, mas seu ombro direito se chocou contra o batente da porta do banheiro. Então, houve um *vapt!* carnoso, quando a correia atingiu seu antebraço esquerdo, deixando um vergão vermelho.

— Vou surrá-la — repetiu Tom.

Sua voz era lúcida, inclusive arrependida, mas os dentes exibiam-se em um sorriso gélido e branco. Ele queria ver aquela expressão nos olhos dela, aquela expressão de medo, terror e vergonha, a expressão que dizia *Sim, você tem razão, eu mereci,* aquela expressão que dizia *Sim, você tem toda razão, eu sinto sua presença.* Então, o amor poderia voltar, o que era direito e bom, porque ele a *amava.* Poderiam até discutir, se ela quisesse, discutir exatamente sobre quem telefonara e o que significava tudoaquilo.

Entretanto, isso ficava para depois. Agora, era o momento da lição. A velha situação um-dois. Primeiro a surra, depois a trepada.

— Sinto muito, garota.

— Tom, não faça is...

Ele manejou o cinto de lado e o viu enrolar-se na anca de Beverly. Houve um estalo satisfeito, quando a correiada terminou sobre a nádega. E...

E, céus, ela estava agarrando o cinto! Ela o agarrava!

Por um momento, Tom Rogan ficou tão espantado por esse ato de inesperada insubordinação, que quase perdeu sua arma punitiva, ele a *teria* perdido, se não fosse a laçada, presa firmemente a seu punho.

Puxou-o de volta, com um saᶠanão.

— *Nunca* tente arrancar-me alguma coisa! — ameaçou, em voz rouca. — Ouviu bem? Faça isso outra vez, e ficará um mês inteiro mijando suco de framboesa!

— Tom, pare com isso! — exclamou ela, e seu *tom* o enfureceu — Beverly parecia uma monitora de playground, censurando um menino travesso de seis anos. — Eu *tenho* que ir. Isto não é brincadeira. Há pessoas mortas e fiz uma promessa, há muito tempo atrás...

Tom mal a ouvia. Gritou e correu para ela de cabeça agachada, o cinto sacudindo-se cegamente. Atingiu-a com ele, empurrando-a da porta do banheiro e ao longo da parede do quarto. Dobrava o braço para trás, acertava-a, dobrava o braço para trás, acertava-a, dobrava o braço para trás, acertava-a. Mais tarde, naquela manhã, ele não conseguiria erguer o braço acima do nível do olho, até engolir três tabletes de codeína, mas agora não percebia mais nada senão o fato de que ela o *desafiava.* Não apenas tinha fumado, como *tentara arrancar o cinto de sua mão* e, oh, gente, oh, amigos, ela pedira isso. E ele testificaria, diante do trono de Deus Todo-poderoso, que ela ia ter o que pedira.

Perseguiu-a ao longo da parede, sacudindo o cinto, chicoteando-a. Ela erguia as mãos para proteger o rosto, porém Tom tinha muito terreno no restante daquele corpo. O cinto produzia espessos estalos de couro no quarto silencioso. Entretanto, Beverly não gritou, como fazia às vezes, não pediu a ele que parasse, como em geral pedia. O pior de tudo é que não chorou, como *sempre* chorava. Os únicos sons eram do cinto e da repiração de ambos, pesada e rouca a dele, rápida e leve a dela.Beverly correu para a cama e para o toucador ao lado. Seus ombros estavam vermelhos das correiadas. Seus cabelos despediam fogo. Tom a perseguiu, mais lento, porém grande, muito grande — tinha jogado *squash* até lesionar um tendão-de-aquiles, dois anos antes. Desde então, seu peso ficara algo descontrolado (ou talvez "muito" descontrolado, seria uma forma melhor de dizer-se), mas a musculatura continuava presente, um cordoame firme, embainhado na gordura. Ainda assim, ele ficou um pouco alarmado, ao perceber o quanto estava sem fôlego.

Ela chegou ao toucador e Tom pensou que a veria agachar-se ali, talvez entrando debaixo do móvel. No entanto, Beverly inclinou-se... virou-se... e de repente o ar ficou cheio de mísseis voadores. Ela lhe atirava cosméticos. Um frasco de Chantilly atingiu-o em cheio entre os mamilos, depois caiu a seus pés e espatifou-se. De súbito, ele se viu envolvido pelo sufocante aroma floral.

— *Pare com isso!* — rugiu. — *Pare, sua cadela!*

Em vez de parar, as mãos dela voaram ao longo da apinhada superfície espelhada do toucador, agarrando o que encontravam e jogando o que agarravam. Ele tateou o peito, onde fora atingido pelo frasco de Chantilly, incapaz de acreditar que ela o agredira com alguma coisa, mesmo enquanto outros objetos voavam à sua volta. A tampa de vidro do

frasco o cortara. Não era grande coisa como corte, pouco mais do que um arranhão triangular, mas não havia certa dama de cabelos ruivos que ia ver o sol de uma cama de hospital? Oh, sim, claro que havia. Uma certa dama que... -

Um pote de creme colidiu contra sua sobrancelha direita, com súbita e estalante força. Ele ouviu um baque surdo, aparentemente *dentro* de sua cabeça. Uma claridade branca explodiu no campo visual daquele olho e Tom recuou um passo, de boca aberta. Agora, um tubo de creme Nívea se chocava contra seu estômago, emitindo um som de tapa, e ela estava — *estava* mesmo? Seria *possível!* — sim! Estava *gritando* para ele!

— Eu vou para o aeroporto, seu filho da puta! Você me ouviu? Tenho coisas a resolver e vou! Quer sair do meu caminho? Saia, porque JÁ VOU!

O sangue escorria para dentro do olho direito de Tom, ardendo e quente. Ele o limpou com os nós dos dedos.

Ficou parado um instante, olhando para ela como se nunca a tivesse visto antes. De certa forma, nunca a tinha visto. Os seios dela alteavam-se rapidamente. Seu rosto, todo fogo e lívido palor, esbraseava. Os lábios repuxavam-se sobre os dentes, em um rosnado. Não obstante, Be-verly havia limpado o toucador. O silo de mísseis estava vazio. Ele ainda podia ler o medo em seus olhos... mas ainda não era medo dele.

— Ponha essas roupas de volta no lugar! — disse ele, lutando para não ofegar enquanto falava. Poderia não soar bem, daria impressão de fraqueza. — Depois, guarde a mala e vá para a cama. Faça isso e talvez eu não lhe bata muito. Talvez consiga sair de casa em dois dias, em vez de duas semanas.

— Escute aqui, Tom. — Ela falava lentamente. Seu olhar era muito claro. — Se chegar perto de mim outra vez, eu o mato. Compreendeu isto, sua banheira de tripas? Eu o mato!

E de repente — talvez fosse por causa do profundo ódio no rosto dela, da ira, talvez porque Beverly o chamara de banheira de tripas, talvez apenas por causa da maneira rebelde como seus seios subiam e desciam — o medo o estava sufocando. Não era um botão ou uma flor, mas todo um maldito *jardim,* o medo, o terrível medo de que ele não estivesse *ali.*

Tom precipitou-se para a esposa, sem gritar desta vez. Chegou silenciosamente, como um torpedo cortando a água. Sua intenção agora possivelmente não era bater nem subjugar, mas fazer-lhe o que ela havia dito que faria com ele, de maneira tão crua.

Pensou que Beverly fosse correr. Talvez para o banheiro. Talvez para a escada. Em vez disso, ela ficou parada no mesmo lugar. Suas ancas apoiaram-se na parede, quando jogou o peso do corpo contra o toucador, empurrando-o para cima e na direção dele. Duas unhas se quebraram no sabugo, quando o suor das palmas fez as mãos dela escorregarem.

Por um momento, o toucador ficou inclinado, mas então ela tornou a empurrá-lo para diante. O móvel dançou sobre uma perna, o espelho captando a luz e refletindo uma breve sombra que nadou como aquário através do teto. Então, o peso o fez cair para diante e para fora. A quina da superfície bateu na parte superior das coxas de Tom, derrubando-o. Houve *um jingle* musical, quando frascos caíram e estilhaçaram-se no interior. Ele viu o espelho cair no chão, à sua esquerda, e esticou um braço para proteger os olhos, quando então largou o cinto. Estilhaços de vidro saltaram pelo piso, vidro com a parte traseira prateada. Tom sentiu que [a]lguns deles o atingiam, arrancando sangue.*Agora* ela estava chorando, sua respiração saía em soluços agudos e gritados. Vez após vez, Beverly se vira abandonando-o, fugindo à tirania de Tom como fugira da tirania de seu pai, fugindo pela noite, as malas empilhadas no porta-malas de seu Cutlass. Ela não era uma mulher idiota, certamente não era idiota o bastante, mesmo agora, parada em meio

àquela horrível bagunça, para crer que não amara Tom e que, de certo modo, continuava a amá-lo. Contudo, isto não excluía o medo que tinha dele... seu ódio por ele... e a raiva de si mesma, ao escolhê-lo por vagos motivos sepultados em tempos que deviam estar encerrados. Seu coração não estava partido; antes, parecia estar queimando no peito, derretendo-se. E Beverly receava que o calor de seu coração em breve lhe incendiasse a sanidade.

No entanto, acima de tudo isto, martelando firmemente o fundo de seu cérebro, ela podia ouvir a voz seca e firme de Mike Hanlon: *A Coisa voltou, Beverly... A Coisa voltou... e você prometeu...*

O toucador moveu-se para cima e para baixo. Uma vez. Duas. Uma terceira. Parecia respirar.

Movendo-se com cautelosa agilidade, a boca repuxada para baixo nos cantos e tremendo como um prelúdio de uma convulsão, ela se desviou do toucador, pisando na ponta dos pés por entre os cacos de vidro, e apanhou o cinto. No momento exato em que Tom empurrava o toucador para um lado. Depois ela recuou, deslizando a mão para a laçada da correia. Sacudiu os cabelos para fora dos olhos e ficou espiando, para ver o que ele ia fazer.

Tom levantou-se. Alguns estilhaços do espelho lhe haviam cortado uma face. Um corte diagonal traçava uma linha semelhante a um fio, através da sobrancelha. Ele a fitou entortando os olhos, enquanto se levantava lentamente. Beverly viu gotas de sangue no calção de pugilista.

— Entregue-me esse cinto! — disse ele.

Em vez disso, ela fez a correia dar duas voltas em torno da mão e olhou desafiadoramente para o marido.

— Largue o cinto, Bev. Já!

— Se chegar perto de mim, vou usá-lo em você, de uma forma que nem imagina. — As palavras lhe saíam da boca e ela não acreditava que as estivesse proferindo. E quem era aquele homem das cavernas, vestindo aquele short sujo de sangue? Seu marido? Seu pai? O amante que tivera na universidade e lhe quebrara o nariz certa noite, aparentementepor capricho? *Oh, que Deus me ajude,* pensou. *Que Deus me ajude agora!* no entanto, sua boca prosseguiu: — Eu posso fazer o mesmo que você. Você está gordo e lerdo, Tom. Eu vou viajar e acho que talvez fique por lá. Acho que tudo terminou.

— Quem é esse tal Denbrough?

— Esqueça. Eu era...

Quase tarde demais, Beverly percebeu que a pergunta fora feita para distraí-la. Ele avançava em sua direção, antes que a última palavra lhe saísse da boca. Sacudindo o cinto no ar, em um arco, ela atacou, e o som produzido, ao cair sobre a boca de Tom, foi o de uma rolha teimosa, escapando de uma garrafa.

Ele guinchou e apertou a boca com as mãos. Os olhos esbugalharam-se, feridos e chocados. O sangue começou a fluir-lhe entre os dedos e pelo dorso das mãos.

— Você feriu minha boca, sua cadela! — gritou ele, amortecidamente. — Por Deus, você feriu minha *boca!*

Investiu novamente contra ela, as mãos para diante, a boca uma mancha molhada e vermelha. Os lábios pareciam ter explodido em dois pontos. A coroa dentária tinha sido arrancada de um de seus dentes frontais. Enquanto Beverly espiava, ele a cuspiu para um lado. Parte dela recuava daquela cena, repugnada e gemendo, querendo fechar os olhos. Entretanto, aquela outra Beverly sentiu a exultação de um convicto no corredor da morte, libertado por um terremoto inesperado. Essa Beverly estava adorando tudo aquilo. *Eu queria que você a tivesse engolido!* pensou essa outra. *Queria que se asfixiasse com ela!*

Foi esta última Beverly que sacudiu o cinto pela última vez — o cinto que ele aplicara em suas nádegas, suas pernas, seus seios. O cinto com que ele a castigara vezes sem conta, durante os últimos quatro anos. As correadas dependendo da qualidade do comportamento. Tom chega em casa e o jantar está frio? Duas correadas. Bev trabalhou até tarde no estúdio e esqueceu de telefonar para casa? Três correadas. Oh, mas vejam só isto! Beverly arranjou outra multa de estacionamento. Uma correa-da... por cima dos seios. Ele era bom nisso. Raramente esfolava. Aliás, nem doía tanto. O pior era a humilhação. *Isso* doía. E doía ainda mais saber que parte dela ansiava pela dor. Ansiava pela humilhação.

A última vez desforrará todas, pensou ela, e estalou o cinto.Usou-o para baixo, girou-o pelo lado do braço, e a correia caiu sobre os colhões dele, com um som rápido, mas forte, o som de uma mulher tirando o pó de um tapete com um batedor. Não precisou mais nada. Todo o ânimo para a luta esvaiu-se em Tom Rogan.

Ele emitiu um guincho fino e sem força, caindo de joelhos como se fosse rezar. Tinha as mãos entre as pernas, a cabeça jogada para trás. Os tendões salientavam-se no pescoço. A boca era uma careta trágica de dor. O joelho esquerdo caiu pesadamente sobre um caco pontudo e de bom tamanho, oriundo do frasco de perfume partido, e ele rolou silenciosamente sobre um lado do corpo, como uma baleia. Uma das mãos largou os colhões para aferrar o joelho ferido.

O sangue, pensou ela. *Santo Deus, ele sangra por todo canto!*

Ele sobreviverá, replicou friamente a nova Beverly — a Beverly que parecia ter emergido com o telefonema de Mike Hanlon. *Sujeitos como ele* sempre *sobrevivem. Basta fazê-lo ver o diabo, antes que ele decida querer dançar um pouco mais. Ou antes que decida ir ao porão e pegar seu Winchester.*

Beverly recuou, e sentiu o pé doer, ao pisar em um estilhaço do espelho do toucador. Inclinando-se, agarrou a alça de sua mala. Nunca afastou os olhos dele. Saiu de costas pela porta e continuou recuando pelo corredor. Segurava a mala à frente do corpo, com as duas mãos, sentindo-a bater contra o osso das canelas, enquanto andava de costas. O corte no pé imprimiu marcas sangrentas de um artelho. Chegando à escada, ela se virou e desceu rapidamente, impedindo-se de pensar. Desconfiava que em seu cérebro não restavam pensamentos coerentes, pelo menos por enquanto.

Sentiu algo roçar de leve em sua perna e gritou.

Olhando para baixo, viu que era a ponta do cinto, ainda rolando à volta de sua mão. Naquela luz mortiça, parecia mais do que nunca uma serpente. Jogou-o por sobre a balaustrada, com uma careta de nojo, e o viu aterrar em forma de S, sobre o tapete do corredor no térreo.

No final da escada, agarrou a barra da camisola branca de renda e a puxou por sobre a cabeça. Estava suja de sangue e não a usaria nem um segundo mais, de maneira alguma. Jogou-a para um lado e ela foi cair em cima da figueira-da-borracha, junto à porta para a sala de estar, como um pára-queda rendado. Nua, inclinou-se para a mala. Seus mamilos estavam frios e duros como balas.

BEVERLY, MOVA SEU TRASEIRO CÁ PARA CIMA!

Ela ofegou, estremeceu, e retornou à mala. Se ele tinha forças suficientes para tal grito, então o tempo que lhe restava era bem mais curto do que imaginara. Abriu a mala e tirou calcinhas, uma blusa e um velho par de calças Levi's. Vestiu tudo em pé junto à porta, com os olhos grudados na escada. Entretanto, Tom não apareceu no alto dos degraus. Por mais duas vezes gritou seu nome, e em cada uma delas Beverly encolhia-se contra aquele som, os olhos perscrutando, os lábios repuxados dos dentes em um rosnado inconsciente.

Abotoou a blusa o mais depressa que pôde. Os dois últimos botões haviam desaparecido (era irônico o quão pouco ela ligara para consertar as próprias roupas) e Beverly supôs que ficaria com uma aparência de prostituta de meio expediente, em busca de um último cliente antes da noite terminar — porém não lhe restava alternativa.

— EU A MATO, SUA CADELA! SUA CADELA FODIDA!

Ela bateu a tampa da mala e a fechou. Uma manga de blusa ficou pendurada para fora, como uma língua. Beverly olhou rapidamente em torno, desconfiando que nunca mais tornaria a ver aquela casa.

Constatou que a idéia só lhe dava alívio. Então, abriu a porta da rua e saiu.

Estava a três quarteirões dali, caminhando sem um sentido definido de rumo, quando descobriu que continuava descalça. O pé que se cortara — o esquerdo — latejava surdamente. Era preciso calçar qualquer coisa, seriam quase duas da madrugada. Sua carteira e os cartões de crédito tinham ficado em casa. Apalpando os bolsos do jeans, nada mais encontrou além de fiapos soltos de tecido. Estava sem um centavo. Olhou em redor, examinando o bairro residencial em que se encontrava — belas casas, gramados e plantas bem tratados, as janelas escuras.

De repente, ela começou a rir.

Beverly Rogan sentou-se em um muro baixo de pedra, largando a mala entre os pés sujos, e riu. As estrelas piscavam, e como estavam brilhantes! Virando a cabeça para trás, riu para elas, e aquela selvagem excitação tornou a inudá-la como um vagalhão que se ergue, que transporta e limpa, uma força tão poderosa, que qualquer pensamento consciente se perdia. Apenas seu sangue raciocinava e, com sua voz potente, de certa forma inarticulada falava a ela de desejo, embora Beverly ignorasse o que era desejado ou nem se preocupasse com isso. Bastava sentir o ca-lor que a enchia com sua insistência. *Desejo,* pensou, e dentro dela aquele vagalhão de êxtase pareceu ganhar velocidade, impelindo-a para diante, para alguma inevitável colisão.

Ela riu para as estrelas, amedrontada, mas livre. Seu terror era tão aguçado como a dor, mas tão doce quanto uma maçã madura de outubro. Então, quando brilhou uma luz em um dormitório no andar de cima da casa a que o muro pertencia, elá agarrou a alça da mala e afastou-se, desaparecendo dentro da noite, ainda rindo.

6

Bill Denbrough toma folga no trabalho

— *Partir?* — repetiu Audra.

Olhou para ele, atônita, um pouco medrosa, e depois enfiou os pés debaixo do corpo. O chão estava frio. Para falar a verdade, todo aquele *coitage* estava frio. O sul da Inglaterra vinha experimentando uma primavera excepcionalmente úmida e, por várias vezes, em suas caminhadas regulares pela manhã e à noitinha, Bill Denbrough se vira pensando no Maine... e, de uma forma vaga que o surpreendia, também em Derry.

Supostamente, o *cottage* tinha aquecimento central — o anúncio assim dissera e, claro, havia uma fornalha no asseado e pequeno porão, enfiada no que outrora tinha sido um depósito de carvão. Entretanto, ele e Audra bem cedo descobriam que a idéia britânica de aquecimento central nem de longe se assemelhava à americana. Era como se

os ingleses acreditassem que uma pessoa tem uma casa com aquecimento central, desde que não despeje um fio gelado de urina dentro do bojo do vaso sanitário, ao levantar-se pela manhã. Agora era de manhã — faltavam quinze para as oito. Bill desligara o telefone cinco minutos antes.

— Bill, você não pode simplesmente *partir.* Você *sabe* disso!

— Eu tenho que ir — respondeu ele. Havia uma arca no outro lado da sala. Bill foi até lá, pegou uma garrafa de Glenfiddich na prateleira de cima e serviu-se de uma dose. Um pouco escorreu pelo lado do copo. — Merda — murmurou.

— Quem foi que telefonou? Por que está assustado, Bill?

— Não estou assustado.— É mesmo? Suas mãos sempre tremem desse jeito? E você sempre toma o primeiro drinque antes do desjejum?

Ele retornou à poltrona, o robe esvoaçando em volta dos tornozelos, e sentou-se. Tentou sorrir, o esforço foi inútil**,** e desistiu.

Na televisão, o locutor da BBC despejava sua batelada matinal de más noticias, antes de passar para os escores de futebol da véspera. Quando haviam chegado à pequena aldeia suburbana de Fleet, um mês antes do programado como início da primavera, ambos se maravilharam ante a qualidade técnica da televisão britânica — em um bom aparelho Pye, a cores, realmente havia a sensação de ser possível entrar-se na tela. *É uma questão de mais linhas ou coisa assim,* havia dito Bill. *Não sei o que isso significa, mas éformidável,* respondera Audra. Isso tinha sido antes de descobrirem que muito da programação consistia de material americano, como *Dallas,* e intermináveis eventos esportivos britânicos, abrangendo desde o arcano e tedioso (campeonatos de arremesso de dardos, em que todos os participantes pareciam hipertensos lutadores de sumo) ao simplesmente tedioso (o futebol inglês era ruim; o críquete, ainda pior).

— Ultimamente venho pensando um bocado na boa terra. A terra natal. Em casa — disse Bill, bebericando seu drinque.

— Em casa? — exclamou ela, tão sinceramente perplexa, que ele riu.

— Pobre Audra! Casada há quase onze anos com o sujeito e não sabe nadinha sobre ele. O que pode saber? — Ele tornou a rir e sorveu o restante do drinque. Seu riso a deixou preocupada, tanto quanto vê-lo bebendo uma dose de uísque àquela hora da manhã. Era um riso semelhante a um uivo de dor. — Eu gostaria de saber se as outras pessoas têm maridos e mulheres acabando de descobrir o quão pouco sabem. Suponho que devam ter.

— Eu sei que o amo, Bill — disse ela. — E durante onze anos, isso tem sido suficiente.

— Eu sei.

Bill sorriu para ela — o sorriso era doce, cansado e assustado.

— Por favor... Por favor, diga-me o que está havendo!

Ela o fitou com seus belos olhos cinzentos, sentada em uma poltrona de mau gosto da casa alugada, com os pés enrodilhados atrás da barra da camisola de dormir, uma mulher que ele amava, com quem se casara e a quem continuava amando. Tentou ver através dos olhos de Audra, ver o que ela sabia. Tentou ver aquilo como uma história. Era possível, mas Bill sabia que semelhante história nunca seria vendida.Aqui temos um pobre jovem do estado de Maine, que vai para a Universidade com uma bolsa-de-estudos. A vida inteira ele quis ser escritor, mas quando se matricula nos cursos para aprender a escrever, vê-se perdido, sem uma bússola, em uma terra estranha e apavorante. Há um sujeito que quer ser Updike. Outro quer ser uma versão de Faulkner da Nova Inglaterra — apenas, deseja escrever novelas sobre as vidas impiedosas dos pobres, em versos brancos. Há uma jovem que admira Joyce Carol Oates, mas achando que, como Oates foi

nutrida em uma sociedade sexista, é "radioativa, no sentido literário". Oates é incapaz de ser limpa, diz a jovem. Quanto a ela própria, será mais limpa. Há o baixo e gordo aluno que não pode ou não quer falar mais alto do que um sussurro. Este sujeito escreveu uma peça com dez personagens. Cada um deles diz uma única palavra. Pouco a pouco, os espectadores percebem que, reunindo as palavras soltas, consegue-se "A guerra é a ferramenta dos mercadores sexistas da morte." A peça do tal sujeito merece um A do homem que ensina Eh-141 (Seminário de Exaltação da Escrita Criativa.) Este instrutor publicou quatro livros de poesia e sua tese de mestrado, tudo na Gráfica Universitária. Fuma maconha e usa um medalhão da paz. A peça do gordo sussurrante é produzida por um grupo teatral guerreiro, durante a greve pelo fim da guerra, a qual fecha o campus em maio de 1970. O instrutor encarna um dos personagens.

Nesse ínterim, Bill Denbrough tinha escrito uma história de mistério, do tipo "quarto-trancado", três noveletas de ficção científica e vários contos de horror, devendo muito a Edgar Allan Poe, H.P. Lovecraft e Richard Matheson — anos mais tarde, ele dirá que tais contos assemelhavam-se a uma carruagem funerária de aluguel em meados do século passado, equipada com um supercompressor e pintada de vermelho cintilante.

Um dos trabalhos de ficção científica rende-lhe um B.

"Este está melhor", escreve o instrutor na folha de rosto. *No contragolpe alienígena, vemos o círculo vicioso em que a violência gera violência: particularmente, gostei da espaçonave de 'proa em agulha', como símbolo da incursão sócio-sexual. Enquanto isto permanece como subtom ligeiramente confuso no contexto, o trabalho é interessante."*

Os demais não merecem senão um C.

Finalmente, ele se levanta certo dia durante a aula, após a discussão de uns setenta minutos sobre o esboço literário de uma amarelada jovem,a respeito do exame que uma vaca faz em um bloco de motor, abandonado em um campo deserto (isto pode ou não ser após uma guerra nuclear). A jovem amarelada, que fuma um Winston após outro e espreme ocasionalmente as espinhas aninhadas nas concavidades de suas têmporas, insiste em que o esboço é uma declaração sócio-política, à maneira dos primeiros trabalhos de Orwell. A maioria da classe concorda — e também o instrutor — mas a discussão prossegue.

Quando Bill se levanta, a classe em peso olha para ele. É um jovem alto, tem uma certa presença.

Falando cuidadosamente, sem gaguejar (faz uns cinco anos que ele não gagueja mais), Bill diz:

— Não compreendo isto, em absoluto. Não compreendo *nada* disto. Por que um conto tem que ser sócio-qualquer coisa? Política... cultura... história... não são estes os ingredientes naturais em qualquer conto, se ele for bem narrado? Quero dizer... — Ele olha em torno, vê expressões hostis e percebe vagamente que os outros consideram suas palavras uma espécie de ataque. Talvez até sejam mesmo. Bill percebe que, na opinião deles, possivelmente existia um mercador sexista da morte em seu meio. — Eu quero dizer... vocês não podem simplesmente deixar que uma história seja uma *história!*

Ninguém responde. O silêncio se amplia. Ele fica lá, em pé, espiando de um par de olhos frios para outro. A jovem de pele amarelada exala fumaça e amassa o cigarro em um cinzeiro que traz em sua mochila.

Por fim, o instrutor diz suavemente, como a uma criança que está tendo um acesso de raiva inexplicável:

— Acredita que William Faulkner estava apenas contando *histórias?* Acredita que Shakespeare estava apenas interessado em ganhar uma *grana?* Vamos Bill. Diga-nos o que pensa.

— Eu penso que isso está bem próximo da verdade — responde ele, após um longo momento em que considera honestamente a questão.

Nos olhos dos colegas, Bill lê uma espécie de maldição.

— Em minha opinião — diz o instrutor, brincando com a caneta e sorrindo para Bill com olhos semicerrados, — você ainda tem *muito* a aprender.

O aplauso começa em alguma parte, no fundo da sala. Bill se retira... mas volta na semana seguinte, decidido a prosseguir. Nesse meio tempo, escreveu uma história intitulada "As trevas", um contosobre um garotinho que descobre um monstro na adega de sua casa. O garotinho enfrenta o monstro, luta com ele e finalmente o mata. Bill experimenta uma forma de divina exaltação, enquanto ocupado em escrever a história; inclusive, chega a sentir que não está somente *contando* a história, mas permitindo que e*la fiua através dele*. A certa altura, larga a caneta e coloca a mão, quente e dolorida, dentro do frio de dez graus negativos de dezembro, onde ela quase solta fumaça, devido à mudança de temperatura. Ele caminha a esmo, as novas botas verdes rangendo na neve, como pequenas dobradiças de persiana precisando de óleo, e sua cabeça parece *inchar* com a história — e a maneira como ela precisa escapulir de lá, é algo assustador. Bill acha que, se ela não conseguir escapar através da velocidade de sua mão, terminará explodindo por seus olhos, tal a urgência em liberar-se e ficar concreta. "Vou espremê-la até as *tripas",* confia ele ao ventoso e escuro inverno. Ri um pouco. Um riso trêmulo. Tem consciência de que, finalmente, descobriu como fazer isso — após dez anos de tentativas, subitamente descobriu o botão de partida para o vasto trator parado, que lhe toma tanto espaço no interior da cabeça. O motor foi ligado. Está roncando, roncando. Nada tem de bonita, esta máquina imensa. Não foi feita para acompanhar lindas garotas a bailes de formatura. Não é um símbolo de status. Significa atividade. Pode derrubar coisas; Se ele não tomar cuidado, poderá *derrubá-lo* também.

Ele aumenta a velocidade interna e termina "As trevas" em estado de intensa excitação, escrevendo até quatro da madrugada, para finalmente cair adormecido sobre seu caderno-espiral. Se alguém lhe sugerisse que estava, de fato, escrevendo sobre seu irmão George, ele ficaria surpreso. Há anos não pensava em George — ou, pelo menos, assim acredita.

A história volta das mãos do instrutor com um F garatujado na folha de rosto. Mais abaixo, duas palavras rabiscadas em maiúsculas. POLPA (*No original, "pulp". Gíria para história ou artigo de texto estereotipado, geralmente escrito com fins puramente comerciais. - N. da T.),* grita uma. DROGA, grita a outra.

Bill leva o manuscrito de quinze páginas até a estufa de lenha e abre a porta. Está a ponto de jogar sua história ao fogo, quando o absurdo do que vai fazer o atinge. Senta-se na cadeira de balanço, olha para um pôster "Morto Agradecido", e começa a rir. Polpa? Excelente! Que seja polpa! As florestas estão cheias de polpa!

— Que caiam as malditas árvores! — exclama Bill, e ri até as lágrimas lhe saltarem dos olhos e rolarem pelo rosto.

Torna a datilografar a folha de rosto, aquela em que foi inscrito o julgamento do instrutor, e a remete para uma revista masculina chamada *Gravata Branca* (embora, pelo que Bill vê nela, seu nome deveria ser *Garotas nuas que parecem viciadas em drogas.* No entanto, o intensamente folheado *Mercado do Escritor* que ele possui, afirma que aquela revista compra contos de horror. Além disso, os dois exemplares que comprou na pequena loja de varejo local (dirigida por uma família), realmente continham quatro

contos de terror, imprensados entre garotas nuas, anúncios de filmes sujos e pílulas para potência sexual. Um deles, escrito por um certo Dennis Etchison, até que é muito bom.

Bill envia "As trevas" sem maiores esperanças — já mandou muitos contos para revistas, nada tendo para mostrar a respeito, senão os impressos de rejeição — e fica eufórico, deliciado, quando o editor de ficção da *Gravata Branca* compra seu conto por duzentos dólares, pagáveis quando da publicação. O editor-assistente anexa uma nota, comentando ser aquela "a mais formidável história de terror desde 'O jarro', de Ray Bradbury." E acrescenta: "É lamentável que vá ser lida por apenas umas setenta pessoas, de costa a costa." Bill Denbrough, no entanto, pouco está ligando. Duzentos dólares!

Ele procura seu orientador, com um cartão de desistência para a Eh-141. O orientador lhe rubrica o cartão. Bill Denbrough grampeia o cartão de desistência à nota congratulatória do editor-assistente de ficção, em seguida pregando os dois no quadro de avisos, à porta do instrutor de escrita criativa. No canto do quadro de avisos, ele vê um cartão antiguerra. De repente, seus dedos parecem mover-se por vontade própria, tiram a caneta do bolso do peito e, sobre o cartão, ele escreve o seguinte: *Se, de fato, ficção e política jamais se tornarão permutáveis, vou matar-me, porque não sei mais o que fazer. Compreenda, a política muda sempre. As histórias, nunca.* Faz uma pausa, e então, sentindo-se algo mesquinho, mas incapaz de conter-se, acrescenta: *Em minha opinião, você ainda tem muito a aprender.*

O cartão de desistência retorna a ele, pelo correio do campus, três dias depois. Rubricado pelo instrutor. No espaço marcado CLASSIFICAÇÃO À ÉPOCA DA DESISTÊNCIA, o instrutor não colocou "incompleta" ou o degradante C a que teria direito, segundo a média das classificações recebidas até então; em vez disto, outro F é rabiscado iradamente na linha adequada. Mais abaixo, o instrutor escreveu: *Acha que dinheiro prova alguma coisa sobre alguma coisa, Denbrough?*

— Bem, na realidade, prova sim — disse Bill Denbrough para seu apartamento vazio, de novo tornando a rir loucamente.

Em seu último ano universitário, ele ousa escrever uma novela, já que não imagina em que está se metendo. Sai da experiência arranhado e amedrontado... mas vivo, e com um manuscrito de quase quinhentas páginas. Envia-o para Viking Press, sabendo que aquela será a primeira entre muitas escalas para seu livro, que trata de fantasmas. Entretanto, ele gosta do navio que é o logotipo da Viking, e aquele é tão bom lugar para começar como qualquer outro. Acontece que a primeira escala é também a última. A Viking adquire o livro... e começa o conto de fadas para Bill Denbrough. O homem que um dia foi conhecido como Bill Gagui-nho, torna-se um sucesso aos vinte e três anos. Três anos mais tarde e três mil milhas além da nortista Nova Inglaterra, ele alcança uma curiosa espécie de celebridade ao casar-se com uma mulher que é estrela de cinema e cinco anos mais velha, na Igreja de Hollywood, nos Pines.

Os colunistas e mexericos prognosticaram sete meses para o casamento. A única dúvida, dizem, é se terminará por divórcio ou anulação. Os amigos (e inimigos) dos dois lados do casal, pensam a mesma coisa. Além da diferença de idades, as disparidades são espantosas. Ele é alto, já ficando calvo, já tendente a certa gordura. Fala devagar quando em grupos e parece quase incapaz disso, às vezes. Por outro lado, Audra tem cabelos castanho-avermelhados, é escultural e belíssima — é menos uma mulher terrestre, do que alguma criatura de alguma super-raça semidivina.

Ele havia sido contratado para fazer o roteiro de sua segunda novela, *The Black Rapids* (principalmente porque o direito de fazer pelo menos o primeiro rascunho do roteiro foi uma condição imutável da venda, embora seu agente gemesse que ele estava

insano). Aliás, seu rascunho ficou muito bom. Bill foi convidado pela Universal City para novos roteiros e reuniões de produção.

Seu agente é uma mulher miúda, chamada Susan Browne, com exatamente metro e meio de altura. É violentamente energética e ainda mais violentamente enfática.— Não aceite o convite, Bill — diz ela. — Recuse-o. Eles têm muito dinheiro envolvido nisso e podem conseguir alguém bom para fazer o roteiro. Talvez o próprio Goldman.

— Quem?

— William Goldmam. O único bom escritor que já foi para lá e fez as duas coisas.

— De que está falando, Suze?

— Ele ficou lá e ficou para sempre — disse ela. — Para ambas as coisas, as possibilidades são as mesmas que derrotar o câncer pulmonar — a coisa pode ser feita, mas quem quer tentar? Você acabará se queimando em sexo e álcool. Ou em alguma coisa dessas incríveis drogas novas. — Os fascinantes olhos castanhos de Susan cintilaram para ele com veemência. — E se for algum debilóide a pegar a incumbência, em vez de alguém como Goldman, e daí? O livro está lá, na prateleira. Eles não podem mudar uma palavra!

— Susan...

— Ouça o que estou dizendo, Bill! Pegue o dinheiro e caia fora. Você é jovem e forte. Do jeito como eles gostam. Se for para lá, em pouco tempo eles lhe tiram o respeito próprio e depois sua aptidão para riscar uma linha reta do ponto A ao ponto B. E por último, mas também importante, eles arrancarão seus colhões. Você escreve como adulto, mas não passa de um menino de testa muito alta.

— Eu tenho que ir.

— Alguém simplesmente peidou aqui? — replica ela. — Deve ter pei-dado, porque há alguma coisa fedendo muito.

— É preciso. Eu *tenho* que ir.

— Céus!

— Tenho que deixar a Nova Inglaterra! — Ele receia dizer o que vem em seguida — é como proferir uma maldição — mas deve isto a ela. — Eu tenho que ir embora do Maine.

— Pelo amor de Deus — *por quê?*

— Não sei. Só sei que tenho que ir.

— Está me dizendo algo real, Billy, ou apenas falando como escritor?

— É a pura realidade.

Estavam juntos na cama, durante esta conversa. Os seios dela são pequeninos como pêssegos, doces como pêssegos. Ele a ama bastante, embora não da maneira que, para ambos, seria uma boa maneira de amar.

Ela se senta com o lençol amarfanhado no colo e acende um cigarro. Está chorando, mas Bill ignora se Susan sabe que ele percebe. É apenas o brilho daqueles olhos castanhos. Seria falta de tato mencioná-lo, de modo que ele se cala. Bill não a ama daquela maneira realmente boa, porém sente enorme preocupação por ela.

— Pois então, vá! — diz ela, em um seco tom comercial, ao virar-se para ele. — Ligue para mim quando estiver pronto e se ainda tiver força. Irei lá, recolher os cacos. Isto, se sobrar algum.

A versão filmada de *The Black Rapid* (Cachoeiras negras), toma o título de *Fossa do Demônio Negro,* sendo Audra Phillips escalada como protagonista. O título é horrível, mas o filme se revela bastante bom. E a única parte de Bill que fica perdida em Hollywood, é seu coração.

—

— Bill — disse Audra novamente, arrancando-a de tais lembranças. Bill reparou que ela havia desligado a televisão. Olhando pela janela, viu o nevoeiro focinhando as vidraças.

— Vou explicar o mais que posso — disse ele. — Você merece isso. Contudo, primeiro faça duas coisas para mim.

— Está bem.

— Prepare outra xícara de chá para você e me diga o que sabe a meu respeito. Ou o que pensa saber.

Ela o fitou com perplexidade e depois caminhou para o aparador.

— Sei que você é do Maine — disse ela, preparando o chá com água do bule do desjejum.

Audra não era inglesa, mas em sua voz crepitara um leve toque de britanismo — um remanescente do papel que havia desempenhado em *Recinto do sótão,* o filme para o qual tinham ido à Inglaterra. Era o primeiro roteiro original de Billy. Fora-lhe também oferecido um posto de direção. Graças a Deus ele o recusara; sua partida agora, completaria a tarefa de atrapalhar as coisas. Bill sabia o que todos diriam, a equipe em peso. Finalmente, Bill Denbrough mostrava quem era: apenas outro fodido escritor, mais maluco que uma casa de doidos.

E Deus sabia que, neste momento, ele se sentia louco.

— Sei que você teve um irmão a quem amou muito, e que ele morreu — continuou Audra. — Sei que foi criado em uma cidadezinha chamada Derry, que se mudou para Bangor dois anos após a morte de seu irmão,e depois para Portland, quando tinha quatorze anos. Sei que seu pai faleceu de câncer no pulmão, quando você estava com dezessete anos. Você escreveu um *best-seller* ainda na universidade, pagou os estudos com uma bolsa e um emprego de meio expediente em uma fábrica de tecidos. Deve ter-lhe parecido muito estranho... a mudança nos rendimentos. Nas perspectivas.

Audra voltou para perto dele e Bill viu então em seu rosto: era a percepção dos espaços escondidos entre ambos.

— Sei que você escreveu *The Black Rapids* um ano depois, e foi para Hollywood. Que na semana antes de serem iniciadas as filmagens, conheceu uma mulher muito complicada chamada Audra Phillips, que por sua vez sabia um pouco daquilo que você havia passado — a loucura da descompressão — porque cinco anos antes, ela não passava da modesta Audrey Philpott. E esta mulher estava se afogando,..

— Audra, não!

Os olhos dela estavam firmes, cravados nos dele.

Oh, por que não? Contemos a verdade, e o diabo que se dane! Eu estava me afogando. Havia descoberto os excitantes dois anos antes de conhecê-lo, e um ano depois descobri a cocaína, que foi ainda melhor. Um estimulante pela manhã, cocaína à tarde, vinho à noite, um Valium ao deitar. As vitaminas de Audra. Com tantas entrevistas importantes, tantas festas excelentes. Eu era tão semelhante a um personagem da novela de Jacqueline Susann, que chegava a ser hilariante. Sabe o que agora penso daquela época, Bill?

— Não.

Ela bebericou o chá, com os olhos ainda presos aos dele. Sorriu.

— Era como correr no passadiço, no Internacional de Los Angeles. Entendeu?

— Não muito bem.

— É uma esteira rolante — disse ela. — Com uns quatrocentos metros de comprimento.

— Conheço o passadiço — replicou ele, — mas não vejo o que você...

— A gente apenas fica em pé na esteira e ela nos leva por todo o trajeto, até o setor de entrega de bagagens. Entretanto, quem prefere pode caminhar sobre ela. Ou correr. Então, têm-se a impressão de que estamos apenas dando uma caminhada normal, fazendo o *jogging* normal, a corrida normal ou a corrida de velocidade normal — seja o que for —porque o nosso corpo esquece que, *de fato,* estamos acima da velocidade já produzida pela esteira rolante. Daí por que eles colocaram aqueles avisos perto do final, dizendo, DIMINUA A VELOCIDADE, RAMPA MÓVEL. Quando o conheci, era como se eu houvesse corrido para fora do final daquela coisa e caído em um chão que não se movia mais. Lá estava eu, com meu corpo quinze quilômetros adiante dos pés. Não se pode manter o equilíbrio. Cedo ou tarde, a gente cai de cara no chão. Só que eu não caí. Porque você me aparou.

Ela deixou o chá de lado e acendeu o cigarro, os olhos ainda postos nele. Bill percebeu que as mãos de Audra tremiam, através do ligeiro estremecimento da chama do isqueiro, que primeiro foi para a direita da ponta do cigarro, depois para a esquerda e finalmente acertou.

Audra inalou fundo e soprou um rápido jato de fumaça.

— O que sei sobre você? Sei que parecia ter tudo sob controle. É algo que sei. Você nunca parecia ter pressa para o próximo drinque, a próxima reunião ou a próxima festa. Como que certo de que todas aquelas coisas estariam lá... se as quisesse. Falava devagar. Imagino que em parte devido ao sotaque do Maine, porém de fato era você apenas. Foi o primeiro homem que conheci lá, capaz de ousar falar sem pressa. Eu precisava diminuir meu ritmo para ouvi-lo. Quando olhei para você, Bill, vi alguém que jamais correria na esteira rolante, por saber que chegaria ao fim, que ela o conduziria aonde desejava. Parecia absolutamente imune à agulha hipodérmica e à histeria. Não alugou um Rolls para rodar por Rodeo Drive nas tardes de sábado, com suas chapas personalizadas pregadas no carro reluzente de alguma firma locadora de automóveis. Você não tinha um agente de imprensa para inserir publicidade em *Variety* ou *The Hollywood Reporter.* Você nunca apareceu no "Carson Show".

— Escritores não aparecem nesse programa, a menos que também façam truques com baralhos ou entortem colheres — sorriu ele. — É como uma lei nacional.

Pensou que ela sorriria, mas Audra permaneceu séria.

— Sei que você estava lá, quando precisei de ajuda. Quando saí voando pelo final da esteira rolante, como O.J. Simpson, naquele antigo anúncio da Hertz. Talvez você me tenha salvo de tomar a pílula errada, depois de um excesso de bebedeira. Bem, talvez eu houvesse feito o contrário por conta própria, e tudo isto seja uma grande dramatização de minha parte. Só que... não é como eu sinto. Não por dentro, onde estou.Ela sugou o cigarro, exalou duas baforadas.

— Sei que você esteve lá desde então. E eu estava lá para você. Combinamos na cama. Isso costumava parecer um grande negócio para mim. No entanto, combinamos também fora dela, o que me parece um negócio maior ainda. Tenho a sensação de que envelheceria a seu lado e continuaria corajosa. Sei que você bebe cerveja demais e não pratica exercícios suficientes. Sei que em algumas noites tem pesadelos...

Ele sobressaltou-se. Ficou assustado. Quase amedrontado.

— Eu nunca sonho. Ela sorriu.

— É o que diz aos entrevistadores, quando perguntam de onde tira suas ideias. Contudo, não é verdade. A menos que, quando começa a gemer de noite, seja apenas indigestão. E eu não acredito nisso, Billy.

— Eu falo? — perguntou ele, cautelosamente. Não recordava sonho nenhum, em absoluto, fossem pesadelos *ou* não.

Audra assentiu.

— Às vezes, mas nunca-entendo o que diz. Aliás, em duas ocasiões você chorou.

Ele a fitou inexpressivamente. Havia um sabor ruim em sua boca; deslizou ao longo da língua e desceu pela garganta, como o gosto de aspirina dissolvida. *Então, agora você sabe que sabor tem o medo,* pensou. *Já era hora de descobrir, considerando-se tudo quanto escreveu a respeito.* Bill imaginara que terminaria acostumado àquele sabor. Se vivesse o suficiente.

Havia lembranças tentando amontoar-se subitamente. Era como um saco negro em sua mente, inchando, ameaçando vomitar mefíticos

(*sonhos*)

imagens de seu subconsciente para o campo mental da visão, sob o comando de sua mente racional em vigília — e se tudo isso acontecesse de uma vez, acabaria enlouquecendo-o. Tentou expulsar isso, teve êxito, mas não antes de ouvir uma voz — era como se alguém, sepultado vivo, gritasse do fundo da terra. Era a voz de Eddie Kaspbrak.

Você salvou minha vida, Bill. Aqueles garotos grandes, eles fazem misérias comigo. Às vezes, penso que querem mesmo me matar...

— Seus braços — disse Audra.

Bill olhou para os braços. A carne ficara empelotada por arrepios. Não eram carocinhos, mas enormes montículos brancos, como ovos de insetos. Os dois ficaram olhando, calados, como se apreciassem uma interessante exibição em um museu. Os arrepios dissolveram-se lentamente. Audra disse, no silêncio que se seguiu:

— Sei ainda outra coisa. Alguém ligou esta manhã dos States e disse a você para deixar-me.

Ele se levantou, olhou brevemente para as garrafas de bebida e depois foi para a cozinha, voltando de lá com um copo de suco de laranja.

— Você sabe que tive um irmão — disse. — E sabe que ele morreu, mas não sabe que foi assassinado.

Audra inalou uma respiração brusca.

— Assassinado! Oh, Bill, por que você nunca me...

— Por que nunca lhe disse? — Ele riu, emitindo novamente aquele som de latido. — Sei lá.

— O que aconteceu?

— Na época, morávamos em Derry. Houve uma enchente, mas estava praticamente no fim, e George parecia entediado. Eu pegara uma gripe forte e estava de cama. Ele queria que lhe fizesse um barco, com uma folha de jornal. Eu sabia fazer um, tinha aprendido no acampamento, um ano antes. George queria fazer o barco flutuar nas sarjetas das Ruas Witcham e Jackson, porque ainda estavam alagadas pela chuva. Assim, fiz o barco, ele me agradeceu, saiu, e foi a última vez que vi meu irmão George vivo. Se eu não estivesse com a gripe, talvez pudesse salvá-lo.

Bill fez uma pausa, esfregando a face esquerda com a palma direita, como se a testasse para saber se havia barba nascendo. Seus olhos, exagerados pelas lentes dos óculos, mostravam-se pensativos... mas não era Audra que fitavam.

— Aconteceu bem na Rua Witcham, não muito longe do cruzamento com a Jackson. Quem quer que o matou, arrancou-lhe o braço esquerdo, da maneira como um aluno do segundo grau arrancaria a asa de uma ave. O legista afirmou que ele tanto podia ter morrido de choque, como pela perda de sangue. No meu entender, não faria a menor diferença, se fosse uma coisa ou outra.

— *Céus,* Bill!

— Imagino que se surpreenda por nunca lhe ter contado. A verdade é que eu mesmo me surpreendo. Afinal, estamos casados faz onze anos e, até hoje, você nunca soube o que aconteceu a Georgie. Conheço todos os detalhes sobre sua família inteira — incluindo-se seus tios e tias. Seique seu avô morreu na garagem da casa em que morava, em Iowa City, às voltas com uma serra de cadeia, enquanto estava embriagado. Estou a par dessas coisas, porque pessoas casadas, por mais ocupadas que sejam, ficam sabendo de tudo, após algum tempo. E se realmente ficam entediadas e param de ouvir, percebem tudo do mesmo jeito — por osmose. Ou acha que estou enganado?

— Não — disse ela fracamente. — Não está enganado, Bill.

— E nós dois sempre conversamos um com o outro, não é? Quero dizer, nenhum de nós ficou entediado, a ponto de ser necessária uma osmose, certo?

— Bem — disse ela, — até hoje, foi o que pensei.

— Ora, Audra, você sabe tudo que aconteceu comigo, nestes últimos onze anos de minha vida. Cada negócio, cada ideia, cada resfriado, cada amigo, cada sujeito que me prejudicou ou tentou prejudicar-me. Sabe que dormi com Susan Browne. Sabe que às vezes fico biruta quando bebo e toco discos alto demais.

— Especialmente o "Morto agradecido" — disse Audra. Bill riu. Desta vez, ela sorriu também.

— Você está também a par do que é mais importante — as coisas pelas quais espero.

— Sim, acho que estou. Só que isto... — Ela fez uma pausa, meneou a cabeça, meditou um instante. — Até onde este telefonema tem ligação com a morte de seu irmão, Bill?

— Deixe-me chegar lá à minha maneira. Não tente apressar-me para o âmago da coisa ou me comprometerá. É algo tão grande... e tão... tão singularmente terrível... que me vejo tentando mais ou menos rastejar sobre isso. Entenda... nunca me ocorreu falar-lhe sobre Georgie.

Audra olhou para ele, franziu a testa e meneou a cabeça francamente — *Eu não compreendo.* \

— O que estou tentando dizer-lhe, Audra, é que em uns vinte anos ou mais, eu nem tinha *pensado* em George.

— Ora, você me disse que tinha um irmão chamado...

— Eu repeti um *fato* — cortou ele. — Foi tudo. O nome dele era uma palavra. Não lançava qualquer sombra em minha mente.

— No entanto, creio que lançou sombra em seus sonhos — disse Audra, em voz baixa e pousada.

— Os gemidos? O choro?Ela assentiu.

— Talvez você tenha razão — disse ele. De fato, quase sempre tem razão. Contudo, sonhos que a gente não lembra, não contam realmente, contam?

— Está querendo dizer que nunca pensou nele, *em absoluto?*

— Sim, estou.

Ela sacudiu a cabeça, francamente descrente.

— Nem mesmo na maneira horrível como ele morreu?

— Não, até o dia de hoje, Audra.

Ela olhou para ele e tornou a balançar a cabeça.

— Antes de nos casarmos, você perguntou se eu tinha irmãos ou irmãs. Respondi que tinha um irmão, que havia morrido quando eu era criança. Você já sabia que meus pais eram falecidos e, tendo uma família tão grande, ela ocupou todo o campo de atenção. Entretanto, isso não é *tudo.*

— O que quer dizer?

— Não foi apenas George que esteve naquele buraco negro. Há vinte anos que nem penso na *própria Derry*. Como não pensei nas pessoas com as quais andava — Eddie Kaspbrak e Richie, o Boca, Stan Uris, Bev Marsh... — Ele passou a mão pelos cabelos e riu tremulamente. — É como estar tão atacado de amnésia, que nem sabemos que a temos. E quando Mike Hanlon telefonou...

— Quem é Mike Hanlon?

— Outro garoto com quem eu andava — com quem fiquei andando, depois que Georgie morreu. Claro, ele não é mais garoto. Nenhum de nós é. Era Mike ao telefone, ligação transatlântica, pelo cabo. Ele perguntou: "Alô? É a residência dos Denbrough?" Eu respondi que era, e ele disse: "Bill? É você?" Eu disse sou, ele então falou: "Aqui é Mike Hanlon." Não significou nada para mim, Audra. Ele poderia até estar vendendo enciclopédias ou discos de Burl Ives. Então, Mike disse: "De Derry." E quando ele disse isso, foi como se uma porta fosse aberta dentro de mim, deixando alguma luz horrível se filtrar para fora. Recordei quem ele era. Lembrei-me de Georgie. Lembrei-me de todos os outros. Tudo isto aconteceu...

Bill estalou os dedos.

— Assim! E adivinhei que ele ia pedir que eu fosse.

— Que voltasse a Derry?— Exatamente. — Ele tirou os óculos, esfregou os olhos e se virou para ela. Audra jamais vira em sua vida um homem parecendo tão atemorizado. — Que eu voltasse a Derry. Porque nós prometemos, disse ele. Todos nós *prometemos.* Todos. Nós, os garotos. Estávamos no riacho que corre através dos Barrens, ficamos de mãos dadas em um círculo e cortamos nossas palmas com um caco de vidro. Como um bando de crianças brincando de irmãos de sangue. Só que era real.

Estendeu as palmas para ela e, no centro de cada uma, Audra pôde ver uma perfeita escada de linhas brancas, as quais poderiam ter sido tecido cicatricial. No entanto, havia segurado a mão dele — as *duas* mãos — vezes incontáveis, sem nunca haver percebido antes aquelas cicatrizes que lhe cruzavam as palmas. Eram fracas, sem dúvida, mas ela podia jurar...

E a festa! Aquela festa!

Não a festa em que tinham se conhecido, embora esta segunda formasse um perfeito final para a primeira, pois comemorava o encerramento das filmagens de *Fossa do demónio negro.* Havia sido uma festa ruidosa e bêbada, em cada centímetro "à altura" do Topanga Canyon. Talvez algo menos desagradável do que qualquer outra a que comparecera em L.A., uma vez que a filmagem saíra melhor do que todos ali esperavam, e eles sabiam disso. Para Audra Phillips tinha sido ainda melhor, porque se apaixonara por William Denbrough.

Como era o nome da autoproclamada quiromante? Audra não conseguia lembrar agora, sabia apenas que tinha sido uma das duas assistentes do maquilador. Recordava a jovem tirando a blusa, a certa altura da festa (revelando por baixo dela um sutiã *muito* transparente), para enrolá-la em torno da cabeça, como um lenço de cigana. Alta pela maconha e vinho, ela ficara lendo mãos pelo resto da noite... ou, pelo menos, até cair desacordada.

Audra não conseguia recordar se as previsões da jovem tinham sido boas ou más, inteligentes ou burras: também ela estava bastante alta aquela noite. O que *recordava* era o fato de que, lá pelas tantas, a garota agarrara a palma de Bill e a dela própria, tendo declarado que se combinavam perfeitamente. Eram gêmeos-vitais, havia dito ela. Enquanto isso, Audra ficara olhando, bastante enciumada, enquanto a moça traçava as linhas na palma de Bill, com unhas perfeitamente esmaltadas — como era idiota aquilo,

na curiosa subcultura cinematográfica de Los Angeles, onde oshomens apalpavam traseiros de mulheres tão rotineiramente como os de Nova York lhes acariciavam as faces! Contudo, houvera algo de íntimo e demorado naquele tracejar de linhas.

E então inexistiam pequenas cicatrizes brancas nas palmas de Bill.

Audra estivera presenciando a charada com olhos de apaixonada ciumenta e tinha certeza da lembrança disso. Certeza do *fato.*

Foi o que agora disse a Bill. Ele assentiu.

— Tem razão. Naquela época, não havia cicatrizes. E, embora eu não possa jurar, acho que não havia também na noite passada, lá no "Plow and Barrow". Eu e Ralph estivemos jogando queda de braço novamente, para saber quem pagaria a cerveja, e creio que teria percebido.

Sorriu para ela. O sorriso era seco, desanimado e assustado.

— Acho que elas voltaram quando Mike Hanlon telefonou. É o que penso.

— Isso não é possível, Bill!

Entretanto, Audra estendeu a mão para o maço dè cigarros. Bill contemplava as próprias mãos.

— Foi obra de Stan — disse. — Cortou nossas palmas com um caco de garrafa de Coca. Consigo lembrar perfeitamente agora. — Ergueu o rosto para Audra e, por trás dos óculos, seus olhos estavam magoados e perplexos. — Recordo como aquele pedaço de vidro brilhou ao sol. Era das novas garrafas brancas. Antes disso, toda garrafa de Coca costumava ser verde, lembra-se? — Audra meneou a cabeça, porém ele não viu. Ainda estudava suas duas palmas. — Posso recordar que Stan fez isso com as próprias mãos por último, fingindo que ia cortar os pulsos, em vez de apenas rasgar as palmas um pouquinho. Acho que era apenas um blefe, mas quase o empurrei... para detê-lo. Porque, por um ou dois segundos, ele parecia falar sério.

— É impossível, Bill — disse ela, em voz baixa. Agora, precisou firmar o isqueiro na mão direita, agarrando o punho com a esquerda, como um policial empunha uma arma, em uma galeria de tiro. — Cicatrizes não retornam. Existem ou não existem!

— Você as tinha visto antes, hein? É o que está dizendo?

— Eram muito vagas — respondeu Audra, mais bruscamente do que pretendia.

— Todos nós sangrávamos — disse ele. — Estávamos em pé na água, não muito longe de onde eu, Eddie Kaspbrak e Ben Hanscom havíamos construído a represa daquela vez...— Não está falando do arquiteto, está?

— Existe algum com esse nome?

— Por Deus, Bill! Ele construiu o novo centro de comunicação da BBC! E ainda discutem se o centro é um sonho ou um aborto!

— Bem, ignoro se é ou não o mesmo sujeito. Não parece provável, mas acho que poderia ser ele. O Ben que conheci era ótimo para construir coisas. Estávamos todos lá, eu segurava a mão esquerda de Bev Marsh na minha direita, e a mão direita de Richie Tozier na minha esquerda. Ficamos lá, parados dentro d'água, como algo saído de um batismo sulista, após uma reunião em uma tenda. Recordo que podia avistar o piezômetro de Derry, levantando-se no horizonte. Era tão branco, como imaginamos que devem ser as vestes dos arcanjos. Então prometemos, *juramos,* que se aquilo não terminasse, que se começasse outra vez... nós voltaríamos. E faríamos o mesmo outra vez. Para encerrar aquilo. Encerrar para sempre.

— Encerrar *o quê?* — exclamou ela, subitamente furiosa com ele. — Encerrar *o quê?* De que droga está *falando!*

— Eu gostaria que você não p-p-perguntasse... — começou Bill, e então parou. Audra viu uma expressão de total terror espalhar-se sobre o rosto dele, como uma mancha. — Dê-me um cigarro.

Ela lhe passou o maço. Bill acendeu um. Audra nunca o tinha visto fumar cigarros antes.

— Eu também costumava gaguejar.

— Você gaguejava?

— Isso mesmo. Lá em Derry. Como disse, fui o único homem que conheceu em Los Angeles, ousando falar lentamente. A verdade é que eu não ousava falar depressa. Não era reflexão, nem deliberação ou sabedoria. Todos os gagos reformados falam muito devagar. É um dos truques que a gente aprende, como pensar em seu nome intermediário pouco antes de apresentar-se a alguém. Isto porque os gagos têm mais dificuldade com nomes, do que com quaisquer outras palavras — e a única palavra no mundo que lhes dá o maior problema, é seu próprio nome de batismo.

— Gaguejava... — Ela sorriu de leve, como se ele houvesse dito uma piada, cujo sentido não entendera.

— Até Georgie morrer, gaguejei moderadamente — disse Bill, e já começava a ouvir palavras duplas em sua mente, como se estivessem separadas no tempo infinitesimalmente; as palavras saíam uniformes, no jeito lento e cadenciado como ele falava, mas no cérebro, ouvia *Georgie* e *moderadamente* sobrepostas, tornando-se *Ge-Ge-Georgie* e *m-moderadamente.* — Quero dizer que, de fato, tive péssimos momentos — em geral quando era interrogado durante as aulas e, mais ainda, quando sabia a resposta e queria dá-la — embora na maioria das vezes conseguisse sair-me bem. Depois da morte de Georgie, a gagueira piorou muito. Quando cheguei aos quatorze, quinze anos, é que as coisas recomeçaram a melhorar. Fui ao Chevrus High, em Portland, e lá havia uma terapeuta da fala, a Sra. Thomas, que era formidável. Aprendi uns bons truques com ela. Como pensar em meu nome do meio, pouco antes de dizer "Olá, sou Bill Denbrough", em voz alta. Eu estudava francês preliminar e ela ensinou-me a passar para o francês, se ficasse engasgado em alguma palavra. Desta maneira, se estamos lá parados, sentindo-nos um monte de bosta, dizendo "e-e-este li-li-li-li", vezes sem conta, como um disco rachado, é só passar para o francês e, *"ce livre"* flui de nossa língua. Eu me exercitava o tempo todo. E, tão logo a coisa era dita em francês, podia-se voltar a dizer "este livro", sem o menor problema. Se nos engasgamos em uma palavra começada por s, como *sol, sabor* ou *selva* podemos pronunciá-la ciciada com a língua entre os dentes, sem gaguejar.

"Isso ajudava muito, mas o principal era esquecer Derry e tudo o que lá ocorrera. Porque foi quando aconteceu o esquecimento; quando morávamos em Portland e eu estava indo ao Chevrus. Não esqueci tudo de uma vez, mas ao rememorar agora, eu diria que foi em um período de tempo extraordinariamente curto. Talvez apenas uns quatro meses. Minha gagueira e as lembranças desapareceram juntas. Alguém lavara o quadro-negro e todas as velhas equações dissolveram-se."

Ele bebeu o que restara do suco de laranja.

— Quando gaguejei em "perguntasse", há poucos instantes, deve ter sido a primeira vez em uns vinte anos.

Bill olhou para ela.

— Primeiro as cicatrizes, depois a gag-gagueira. E-entendeu?

— Você está fazendo isso de propósito! — exclamou ela, bastante assustada.

— Não. Creio que não há maneira de convencer alguém disso, mas é verdade. Gaguejar é curioso, Audra. Muito estranho. Em um nível, nem mesmo temos consciência

de que está acontecendo. Contudo... é também algo que se pode ouvir na mente. Como se parte da cabeça funcionasse um instante à frente do resto. Ou como um daqueles sistemas de repercussão, que os jovens costumavam instalar em seus calhambeques nos anos 50, quando o som do alto-falante traseiro saía uma fração de segundo após o s-som do dianteiro.

Levantando-se, ele caminhou inquietamente pela sala. Parecia cansado e, com certa preocupação, Audra pensou em como ele trabalhara duro nos últimos treze anos mais ou menos, dando a impressão de que era possível justificar a moderação de seu talento através de um trabalho furioso, quase sem pausas. Achando que tais pensamentos eram demasiado inquietos, ela tentou expulsá-los, mas sem êxito. E se o telefonema que Bill recebera fosse de Ralph Foster, convidando-o ao "Plow and Bar row" para uma hora de queda de braço ou gamão? Não poderia ser de Freddie Firestone, o produtor de *Recinto do sótão,* sobre um ou outro problema? Ou talvez um "trote", como dizia a insinuante esposa do médico inglês, residente algumas casas abaixo?

Aonde levavam esses pensamentos?

Ora, à idéia de que toda aquela situação Derry-Mike Hanlon não passava de alucinação provocada por um início de colapso nervoso.

Sim, mas e as cicatrizes, Audra — como é que explica as cicatrizes? Ele tem razão. As cicatrizes não estavam lá... e agora estão. Esta éa verdade e você sabe disso.

— Conte-me o resto — pediu ela. — Quem matou seu irmão George? O que você e essas outras crianças fizeram? O que prometeram?

Bill caminhou em sua direção, ajoelhou-se diante dela, como um enamorado dos velhos tempos prestes a pedi-la em casamento, e tomou-lhe as mãos.

— Acho que poderia contar-lhe — disse ele suavemente. — Acho que poderia, se eu realmente quisesse contar. Até agora, eu não me lembrava da maior parte do sucedido, mas me veio à mente assim que comecei a falar. Consigo perceber as lembranças... querendo emergir. São como nuvens cheias de chuva. Só que esta chuva seria muito suja. As plantas crescidas após semelhante chuva tornar-se-iam monstruosas. Talvez eu consiga enfrentar isso com os outros...

— Eles sabem?

— Mike disse que telefonou para todos. Acha que todos irão... exceto, talvez, Stan. Ele disse que Stan parecia estranho.— *Tudo* isto parece estranho para mim. Está me deixando muito assustada, Bill.

— Sinto muito — disse ele, e a beijou. Era como obter um beijo de uma total estranha. Ela se ouviu odiando o tal Mike Hanlon. — Pensei que eu deveria explicar o máximo possível; achei que seria melhor do que apenas esgueirar-me em meio à noite. Imagino que alguns deles farão precisamente isso. Acontece que tenho de ir, Audra. E acho que Stan também irá, por mais estranho que ele pudesse parecer. Talvez seja apenas porque não consigo imaginar-me deixando de ir.

— Por causa de seu irmão?

Bill meneou lentamente a cabeça.

— Eu poderia responder afirmativamente, mas seria uma mentira. Eu o amava. Sei quanto pode parecer esquisito dizer isso, depois de falar que levei uns vinte anos sem pensar nele, mas o caso é que amei aquele garotinho como o *diabo.* — Bill sorriu de leve. — Era um tolinho, mas eu o amava muito, sabe?

Audra, que tinha uma irmã mais nova, assentiu.

— Sei como é.

— Contudo, não se trata de George. Não posso explicar o que seja. Eu...

Ele espiou para o *fog* matinal, através da janela.

— Eu me sinto como se sentiria um pássaro que, chegado o outono, sabe... de algum modo, apenas sabe que tem de voar para casa. É o instinto, meu bem... e acredito que o instinto seja o esqueleto de ferro por sob todas as nossas idéias de livre arbítrio. A menos que se queira aceitar algo fácil, dar uma corrida de carro e gastar toda a gasolina ou dar uma longa caminhada por um pequeno cais, não se pode dizer *não* a certas coisas. Não podemos nos recusar a uma opção, porque *não existe* opção. É impossível impedirmos o que está para acontecer. Eu tenho que ir. Aquela promessa... está dentro de minha mente, como um an-anzol.

Audra levantou-se e caminhou cautelosamente até ele; sentia-se muito frágil, como se fosse partir-se. Pousou a mão no ombro dele e Bill se virou para ela.

— Então, leve-me com você.

A expressão de horror que transpareceu então no rosto dele — não horror *dela,* mas *por ela* — era tão nua, que Audra recuou, amedrontada realmente pela primeira vez.

— Não — disse Bill. — Nem pense nisso, Audra. De maneira alguma! Não permitirei que se aproxime a menos de cinco mil quilômetros de Derry. Acho que Derry vai ser um lugar péssimo durante as próximas duas semanas. Você vai ficar aqui e fornecer todas as justificativas por minha partida. Vamos, prometa-me isso!

— Devo prometer? — perguntou ela, com os olhos fixos nos dele.

— Devo mesmo, Bill?

— Audra...

— Devo? Você fez uma promessa e veja em que se meteu. E a mim também, claro, uma vez que sou esposa e que o amo.

As mãos grandes de Bill apertaram dolorosamente os ombros da esposa.

— Prometa! Prometa! P-pr-pr-pro-om...

Audra não pôde suportar aquilo, aquela palavra partida, presa na boca de Bill, como um peixe saltando no anzol.

— Prometo, está bem? Prometo! — Ela prorrompeu em lágrimas.

— Está satisfeito agora? Oh, Deus! Você está louco, tudo isto é uma loucura, mas eu prometo!

Bill passou o braço em torno dela e a levou para o sofá. Preparou-lhe um *brandy.* Audra bebeu um gole, sentindo-se um pouco mais controlada.

— E quando você parte?

— Hoje — disse ele. — No Concorde. Será possível, se for de carro para Heathrow, em vez de pegar o trem. Freddie queria ver-me no *set* após o almoço. Você chegará lá antes, às nove horas, e não sabe de nada, entende?

Ela assentiu, relutante.

— Estarei em Nova York antes que alguma coisa pareça esquisita. E em Derry antes do pôr-do-sol, se conseguir as adequadas c-c-conexões.

— E quando tornarei a vê-lo? — perguntou ela, suavemente. Bill passou um braço em torno dela e a apertou com força, porém nunca respondeu à pergunta que lhe fizera.

DERRY:

O PRIMEIRO

INTERLÚDIO

"Quantos olhos humanos...
captaram rápidos vislumbres
de suas anatomias secretas,
no correr dos anos?"

— Clive Barker, *Books of Blood*

O segmento abaixo e todos os demais segmentos do Interlúdio foram extraídos de "Derry: história não autorizada de uma cidade", por Michael Hanlon. Este é um conjunto de notas e fragmentos de manuscritos não publicados (que quase se assemelham a registros em um diário), encontrados no cofre da Biblioteca Pública de Derry. O título dado foi o mesmo existente na capa da pasta que continha as folhas soltas destas notas, conforme mantidas antes de aparecerem aqui. Não obstante, o autor se refere à obra várias vezes, no contexto de suas notas, como "Derry: uma espiada pela porta dos fundos do Inferno".

Supõe-se que a idéia de uma publicação popular passou algumas vezes pela mente do Sr. Hanlon.

2 de janeiro de 1985

É possível uma *cidade inteira* ser assombrada?

Assombrada como se supõe que sejam assombradas algumas casas?

Não apenas um prédio único nessa cidade, tampouco a esquina de uma única rua, uma única quadra de basquete em um único parquezinho, com a cesta sem rede projetando-se ao pôr-do-sol como algum obscuro e sangrento instrumento de tortura, não apenas uma área — mas *tudo.* Tudo quanto houver nessa cidade.

Pode ser possível?

Ouçam:

Assombrado: "Visitado freqüentemente por fantasmas ou espíritos." Funk e Wagnalls.

Assombrando: "Retornando à mente com persistência; difícil de esquecer." Ditto Funk e Friend.

Assombrar: "Surgir ou infestar com freqüência, em especial como fantasma." *No entanto,* ouçam! — *"Lugar assiduamente visitado:* toca, antro, estância..." O itálico é meu, naturalmente.

Ainda mais uma. Esta, como a última, é uma definição de *assombrado* como substantivo. É ela a que de fato me assusta: " *Um local onde os animais costumam alimentar-se."*

Animais como os que surraram Adrian Mellon e depois o jogaram de cima da ponte?

Animais como o que estava à espera, debaixo da ponte?

Um local onde os animais costumam alimentar-se.

O que está se alimentando em Derry? O que está se alimentando *de* Derry?

Compreendam, chega a ser interessante — não sei como foi possível um homem tornar-se tão amedrontado como fiquei, desde o caso de Adrian Mellon, e continuar vivo, quanto mais funcionando. É como se eu houvesse caído dentro de uma história, mas todos sabem que a gente só sente medo no *fim* da história, quando o assombrador do escuro finalmente sai das paredes internas da casa para alimentar-se... de nós, é claro.

De *você.*

Entretanto, se isto é uma história, não se trata de algum daqueles clássicos sensacionais de Lovecraft, Bradbury ou Poe. Entendam, eu sei — não tudo, mas um bocado. Não comecei somente quando abri o *News* de Derry, certo dia de setembro último, li a transcrição da audiência preliminar do rapaz Unwin e percebi que o palhaço, aquele que matou George Denbrough, podia muito bem estar de volta. Realmente

comecei por volta de 1980 — penso que foi quando certa parte de mim, que estivera adormecida, despertou... sabendo que o tempo da Coisa podia estar voltando outra vez.

Que parte? A parte vigilante, suponho.

Talvez tenha sido a voz da Tartaruga. Sim... creio antes que foi isso. Sei que é o que Bill Denbrough acreditaria.

Descobri informes de antigos horrores em livros antigos; li dados sobre antigas atrocidades em jornais antigos; sempre no fundo de minha mente, a cada dia um pouco mais alto, eu ouvia a concha marinha trovejar alguma crescente e aglutinante força; eu parecia sentir o acre aromado ozônio de futuros raios. Comecei a tomar notas para um livro que, com quase toda certeza, não viverei para escrever. Ao mesmo tempo, fui levando a vida. Em um nível mental, eu estava e estou vivendo com os mais grotescos e tremendos horrores; em outro, continuei levando a vida mundana de um bibliotecário de cidade pequena. Coloco livros nas prateleiras; preencho cartões para novos membros; desligo os ledores de microfilmes que alguns usuários descuidados às vezes deixam ligados; pilherio com Carole Danner sobre quanto eu gostaria de ir para a cama com ela, e me devolve a pilhéria dizendo o quanto gostaria de ir para a cama comigo, nós dois sabendo que Carole está brincando, mas eu não, assim como sabemos que ela não ficará em um lugarejo como Derry por muito tempo e eu ficarei aqui até morrer, unindo páginas dilaceradas do *Business Week* com fita adesiva, comparecendo às reuniões mensais para aquisição, com meu cachimbo em uma das mãos e uma pilha de *Informes Bibliotecários* na outra... e acordando no meio da noite com os punhos apertados contra a boca, para sufocar os gritos.

As convenções góticas estão totalmente erradas. Meus cabelos não embranqueceram. Não sou sonâmbulo. Não comecei a fazer comentários enigmáticos ou a carregar uma prancheta por aí, no bolso de meu paletó esporte. Acho que rio um pouco mais, eis tudo, e às vezes meu riso deve parecer algo estridente e curioso, porque em algumas ocasiões as pessoas me olham de maneira estranha, quando estou rindo.

Parte de mim — a parte que Bill chamaria a voz da Tartaruga — diz que eu devia telefonar para todos eles, esta noite. No entanto, mesmo agora, estarei absolutamente seguro? *Quero* estar totalmente seguro? Não — claro que não. Entretanto, meu Deus, o que aconteceu a Adrian Mellon é demasiado semelhante ao sucedido com George, o irmão de Bill Gaguinho, no outono de 1957.

Se aquilo *começou* de novo, *telefonarei* para eles. Tenho que telefonar. Só que ainda não. De qualquer modo, é muito cedo ainda. Da última vez, começou lentamente, só entrando em rápido andamento no verão de 1958. Portanto... vou esperar. Enquanto isso, preencho as horas de espera escrevendo neste caderno de notas, entremeadas de longos momentos de olhadas ao espelho, para ver o estranho em que o menino se tornou.

O rosto do menino era livresco e tímido; o rosto do homem é aquele do empregado de banco em um filme de faroeste, o sujeito que nunca tem muito a dizer, aquele que apenas levanta as mãos e parece assustado quando chegam os assaltantes. E, se o roteiro exige que alguém seja baleado pelos bandidos, ele é o escolhido.

O mesmo velho Mike. De olhos algo brilhantes, talvez, um pouco empapuçados pelo sono interrompido, mas que você só perceberia olhando bem de perto... perto, como a distância de beijar, e não houve ninguém assim tão perto de mim, há muito e muito tempo. Quem me olhar casualmente, poderá pensar: *Ele anda lendo livros demais,* porém será tudo. Duvido que alguém imaginasse o quanto é difícil, para o homem com o rosto anônimo de empregado de banco, apenas manter no lugar a própria mente...

Se eu tiver que dar esses telefonemas, isso pode matar alguns deles.

Está aí algo que terei de enfrentar nas longas noites em que o sono não chega, noites em que fico na cama com meu conservador pijama azul, os óculos cuidadosamente dobrados e jazendo na mesa-de-cabeceira, junto ao copo d'água que sempre deixo lá, para o caso de acordar sedento durante a noite. Fico deitado no escuro, tomando golinhos d'água e perguntando-me o quanto — ou quão pouco — eles recordam. De certo modo, estou convencido de que esqueceram *tudo,* porque não *precisam* recordar. Sou o único que ouve a voz da Tartaruga, o único que recorda, porque sou o único que ficou aqui, em Derry. Então, como eles se dispersaram pelos quatro ventos, não podem saber do padrão idêntico que suas vidas assumiram. Trazê-los devolta, mostrar-lhes esse padrão... sim, isto poderia matar alguns deles. Poderia matar *todos* eles.

Assim, fico remoendo e remoendo o assunto na cabeça; *analiso-os,* procurando recriá-los como eram e como podem ser agora, tentando decidir qual deles é o mais vulnerável. Algumas vezes, penso que seria Richie Tozier "Boca-de-lixo" — era ele que Criss, Huggins e Bowers pareciam pegar com mais assiduidade, embora Ben fosse tão gordo. Era de Bowers que Richie tinha mais medo — era dele que todos nós tínhamos mais medo — mas os outros também o deixavam apavorado. Se eu ligar para ele, na Califórnia, Richie consideraria isso algum horrível Retorno dos Grandes Valentões, dois vindos da sepultura e um do hospício em Juniper Hill, onde delira até hoje? Às vezes, penso que Eddie era o mais fraco. Eddie, com aquela mãe dominadora semelhante a um trator, Eddie com seu terrível caso de asma. Beverly? Ela sempre tentou falar grosso, mas tinha tanto medo como o restante de nós. Bill Gaguinho, frentea frente com um horror do qual não pode fugir, quando cobre sua máquina de escrever? Stan Uris?

Há uma lâmina de guilhotina pendendo sobre suas vidas, afiada como navalha, porém quanto mais penso nisso, acho que eles não sabem que a lâmina está lá. Sou eu que tenho a mão na alavanca. Posso acioná-la, apenas abrindo minha caderneta de telefones e ligando para eles, um após outro.

Talvez eu não tenha que fazer isso. Apego-me à decrescente esperança de que tomei os guinchos de coelho da minha mente tímida pela voz mais grave e verdadeira da Tartaruga. Afinal de contas, o que tenho eu? Mellon em julho. Uma criança encontrada morta na Rua Neibolt, em outubro passado. Outra encontrada em inícios de dezembro no Memorial Park, pouco antes da primeira nevada. Talvez fosse uma emboscada, como dizem os jornais. Ou algum louco que, ao partir de Derry, matou-se de remorso e desgosto, como alguns livros dizem que o verdadeiro Jack Estripador deve ter feito.

Talvez.

Entretanto, a garota Albrecht foi encontrada diretamente no outro lado da rua, em frente daquela maldita casa velha na Rua Neibolt... e foi morta no mesmo dia que George Denbrough, há vinte e sete anos. Em seguida, o garoto Johnson, encontrado no Memorial Park, faltando-lhe uma perna, do joelho para baixo. O Memorial Park é, claro, o local em que fica o piezômetro de Derry, sendo o garoto encontrado quase a seus pés. O piezômetro fica à distância de um grito dos Barrens e também foi lá que Stan Uris viu aqueles garotos.

Aqueles garotos mortos.

Mesmo assim, tudo podia não ter passado de fumaça e miragens. *Podia.* Ou ser coincidência. Ou, talvez, algo entre as duas coisas — uma espécie de eco maléfico. Será? Pressinto que sim. Aqui, em Derry, pode acontecer *qualquer coisa.*

Creio que continua por aqui o que por aqui esteve antes — a coisa que esteve aqui em 1957 e 1958; a coisa que esteve aqui em 1929 e 1930, quando o Ponto Negro foi arrasado pelo fogo, obra da Legião da Decência Branca, do Maine; a coisa que esteve aqui em 1904 e 1905, bem como princípios de 1906 — pelo menos até a Fundição

Kitchener explodir; a coisa que esteve aqui em 1876 e 1877, a coisa que aparecia a cada vinte e sete anos aproximadamente. Por vezes, vem um pouco mais cedo, emoutras um pouco mais tarde... mas ela sempre vem. À medida que recuamos, fica mais e mais difícil encontrarmos as notas adversas, porque os registros são mais falhos e os buracos de traças na história narrativa da área tornam-se maiores. Entretanto, saber onde olhar — e *quando* olhar — facilita em muito a solução do problema. Porque a coisa sempre volta, entendem?

A Coisa.

Portanto... sim: acho que terei de dar aqueles telefonemas. Penso que os indicados somos nós. De algum modo, por algum motivo, fomos os eleitos para acabar com isso de uma vez por todas. Destino cego? Sorte cega? Ou será novamente aquela maldita Tartaruga? Será que ela comanda, assim como fala? Eu não sei. Aliás, duvido muito que isso importe. Em todos aqueles anos passados, Bill disse: *A Tartaruga não pode ajudar-nos,* e se foi verdade então, deve também ser verdade agora.

Penso em nós, em pé na água, de mãos dadas, fazendo aquela promessa de voltarmos, se a coisa recomeçasse — em pé lá, quase como druidas em um círculo, as mãos sangrando por causa da promessa, palma contra palma. Um ritual que talvez seja tão antigo quanto a própria humanidade, uma torneira desconhecida, conectada à árvore de todo o poder — a árvore que cresce na fronteira entre a terra de tudo quanto sabemos e a de tudo quanto suspeitamos.

Porque as similaridades...

Ora, estou eu aqui, imitando Bill Denbrough, gaguejando o mesmo assunto incessantemente, recitando uns poucos fatos e um bocado de suposições desagradáveis (principalmente gasosas), ficando cada vez mais obcecado a cada parágrafo. Não é bom isso. Não adianta. É até perigoso. Contudo, é tão penoso esperar por eventos!

Estas anotações são, supostamente, um esforço para chegar além dessa obsessão, ampliando o foco de minha atenção — afinal de contas, nesta história há mais do que seis meninos e uma menina, nenhum deles feliz, nenhum deles aceito por seus iguais, crianças que tropeçaram em um pesadelo, durante um quente verão em que Eisenhower ainda era Presidente. Trata-se de uma tentativa de empurrar a câmera um pouco para trás, se preferem, a fim de ver a cidade inteira, um lugar onde quase trinta e cinco mil pessoas trabalham, comem, dormem, copulam, fazem compras, dirigem seus carros, caminham, vão para a escola e para a prisão, algumas vezes desaparecendo no escuro.Acredito sinceramente que, para sabermos como *é* um lugar, temos que saber como ele *era.* Então, se preciso indicar um dia em que tudo isto realmente tornou a começar para mim, seria o dia em inícios da primavera de 1980, quando fui ver Albert Carson, que morreu no verão passado — aos noventa e um anos, ele era tão cheio de idade como de honras. Havia sido o bibliotecário-chefe daqui, de 1914 a 1960. Um espaço de tempo incrível (mas ele era um homem incrível), porém achei que, se alguém conhecia a história desta área como ninguém, só podia ser Albert Carson. Fiz-lhe a pergunta enquanto estávamos sentados em seu alpendre, e ele me forneceu a resposta, falando em voz rouca — já lutava com o câncer de garganta que eventualmente o mataria.

— Nenhum deles vale nada. Como já deve saber muito bem.

— Sendo assim, por onde devo começar?

— Começar o quê, pelo amor de Deus?

— A pesquisar a história da área. Da Cidade de Derry.

— Oh, bem... Comece com o Fricke e o Michaud. Supõe-se que eles sejam os melhores.

— E depois de lê-los...

— *Lê-los?* Cristo, não! Jogue-os na cesta de papéis! É sua primeira providência. Então, leia Buddinger. Branson Buddinger foi um pesquisador sentimental danado de bom, com um problema na coluna, um problema terminal, mas quando chegou a Derry, seu coração estava no lugar certo, se metade do que ouvi em criança for verdade. Ele pegou a maioria dos fatos de maneira errada, mas fez tudo com *sentimento,* Hanlon.

Ri um pouco, e Carson sorriu com seus lábios coriáceos — uma expressão de bom humor que, de fato, era algo amedrontadora. Naquele instante, ele parecia uma ave de rapina, guardando alegremente um animal morto pouco antes, à espera de que atingisse o estágio certo de decomposição, antes de começar a degustar o jantar.

— Quando terminar com Buddinger, leia Ives. Tome notas sobre todas as pessoas que ele menciona. Sandy Ives ainda está na Universidade do Maine. Folclorista. Depois de lê-lo, vá procurá-lo. Pague-lhe um jantar. Eu o levaria ao Orinoka, porque um jantar lá dá a impressão de *nunca* terminar. Interrogue-o habilmente. Encha um bloco de notas com nomes e endereços. Fale com as pessoas da velha guarda que ele mencionar — as que ainda restam; há bem poucas de nós, ah-ha-ha-ha! — e consiga mais nomes através desses veteranos. A essa altura, você já terá delinea-do tudo de que precisará, se tiver metade da inteligência que imagino que tenha. Ao falar com pessoas suficientes, descobrirá certas coisinhas que não constam das histórias. E talvez descubra que essas coisinhas podem perturbar seu sono.

— Derry...

— O quê?

— Derry não é um lugar certo, é?

— Certo? — perguntou ele, em seu sussurrado crocitar. — O que é o certo? O que significa essa palavra? São "certas" lindas fotos do Kenduskeag ao pôr-do-sol, fotos Kodachrome por fulano de tal, de tal e tal lugar? Então, Derry é um lugar certo, porque tem belas fotos aos montes. Será certo um maldito comitê de murchas velhotas virgens salvar a Mansão do Governador ou colocar uma placa comemorativa diante do piezômetro? Se *isso* for o certo, então Derry é tão certa como a chuva, porque já temos mais do que a nossa cota justa de velhos fofoqueiros se metendo na vida de todo o mundo. Será certa aquela horrorosa estátua plástica de Paul Bunyan diante do City Center? Oh, se eu tivesse um caminhão de napalm e meu velho isqueiro Zippo, cuidaria *daquela* maldita coisa, pode ter certeza... mas se a estética de um indivíduo é ampla o suficiente para incluir estátuas de plástico, então Derry é certa. A questão é: o que certo significa para você, Hanlon? Hein? Melhor ainda: o que certo *não* significa?

Só pude abanar a cabeça. Ele sabia ou não. Ele diria ou não.

— Você se refere às histórias desagradáveis que possa ter ouvido ou àquelas que já sabe? *Sempre* há histórias desagradáveis. A história de uma cidade é como uma velha mansão desconjuntada, cheia de aposentos e cubículos, passadiços para a lavanderia, torrinhas e todo tipo de pequenos esconderijos excêntricos... para não mencionarmos um ou dois corredores secretos. Se você for explorar a Mansão Derry, encontrará toda espécie de coisas. Isso mesmo. Talvez se lamente mais tarde, mas irá descobri-las e, uma vez encontrada uma coisa, ela não pode ser desencontrada, certo? Alguns aposentos estarão trancados, mas há chaves... há chaves.

Seus olhos cintilaram para mim com uma astúcia de velho.

— Você talvez passe a pensar que tropeçou nos piores segredos de Derry, mas sempre existe algum mais. E outro. E outro mais.

— O senhor...— Acho que terei de pedir-lhe para desculpar-me por ora. Minha garganta hoje está muito ruim. É hora de meu remédio e minha soneca.

Em outras palavras: aqui tem um garfo e uma faca, meu amigo. Veja o que consegue com eles.

Iniciei pela história de Fricke e a de Michaud. Segui o conselho de Carson, jogando-as na cesta de papéis, mas primeiro li as duas. Eram tão ruins como ele havia dito. Li a história de Buddinger, copiei as notas de rodapé, que depois rejeitei. Aquilo era mais satisfatório, porém notas de rodapé são coisas peculiares, compreendam — como pegadas retorcendo-se, serpenteando por uma região agreste e anárquica. Elas se dividem, depois subdividem-se; em qualquer t'echo é possível fazer uma escolha errada, tomar a curva que pode levar a um beco sem saída, sufocado por um emaranhado de mato, ou a uma pantanosa areia movediça. "Se você encontrar uma nota de rodapé", disse certa vez o professor de ciência bibliotecária à classe da qual eu fazia parte: "pise-lhe na cabeça e mate-a, antes que possa reproduzir-se."

Elas *reproduzem-se* e, às vezes, sua descendência é uma boa coisa, mas isso pode ser raro. As existentes no rígido trabalho de Buddinger (*História da velha Derry)* (Orono: Gráfica da Universidade do Maine, 1950) perambulavam através de um século de livros esquecidos e poeirentas dissertações de mestrado, nos campos da história e folclore, por artigos de revistas já falecidas e entre pilhas de livros contábeis e relatos da cidade, capazes de deixar um cérebro entorpecido.

Minhas conversas com Sandy Ives foram mais interessantes. Suas fontes passavam por Buddinger de quando em quando, mas tudo que havia era apenas um cruzamento. Ives levara boa parte da vida registrando fatos transmitidos oralmente — lorotas, em outras palavras — de maneira quase textual, uma prática que Branson Buddinger sem dúvida consideraria o caminho inferior.

Ives escrevera um ciclo de artigos sobre Derry durante os anos de 1963 a 1966. Quando iniciei minha investigação, a maioria da gente da velha guarda com quem ele falara já havia morrido. No entanto, tais pessoas tinham filhos, filhas, sobrinhos e primos. E, sem dúvida, uma das grandes verdades neste mundo é que, para cada veterano morto, há um novo veterano que surge. Por outro lado, uma boa história nunca morre, é sempre transmitida a mais alguém. Sentei-me em um bocado de alpendres e pátios dos fundos, bebi um bocado de chá, cerveja Black Label,cerveja caseira, cerveja caseira terrível, água da torneira e água da fonte. Ouvi um bocado também, enquanto meu gravador ficava girando.

Tanto Buddinger como Ives concordavam inteiramente em um ponto: o grupo original de colonizadores brancos era de uns trezentos membros. Ingleses. Possuíam uma concessão, sendo conhecidos formalmente como a Derrie Company. A terra de sua concessão cobria o que hoje é Derry, a maior parte de Newport e pequenas fatias das cidades circunvizinhas. Então, no ano de 1741, todos os moradores da Comuna de Derry simplesmente desapareceram. Estavam lá em junho desse ano — uma comunidade que, na época, abrangia cerca de trezentas e quarenta almas — porém chegou outubro e sumiram todos eles. A pequena aldeia de casas de madeira ficou inteiramente desabitada. Uma delas, que outrora ficaria mais ou menos no local do cruzamento atual das Rua Witcham e Jackson, foi queimada até os alicerces. A história de Michaud declara firmemente que todos os moradores do vilarejo foram massacrados pelos índios, porém não existe base para tal suposição, excetuando-se aquela única moradia queimada. O mais provável é que a estufa de alguém se aquecesse demais, incendiando a casa.

Massacre índio? Duvidoso. Nada de ossos, nada de corpos. Inundação? Não naquele ano. Epidemia? Nem uma palavra a respeito, nas cidades vizinhas.

Os moradores simplesmente evaporaram-se. Todos. Todos os trezentos e quarenta. Sem deixar vestígios.

Até onde sei, o único caso remotamente semelhante na história americana, é o desaparecimento dos colonizadores da Ilha Roanoke, na Virgínia. Cada estudante do país a conhece, mas quem está a par do desaparecimento de Derry? Pelo que tudo indica, nem mesmo seus moradores. Interroguei vários alunos de ginásio que seguiam o curso requerido de História do Maine, porém nenhum sabia algo a respeito. Então, chequei o texto *O Maine, ontem e hoje.* No índice, encontrei mais de quarenta entradas sobre Derry, em grande maioria mencionando os anos da expansão da indústria madeireira. Nada sobre o desaparecimento dos colonos originais... porém é isso — que nome eu lhe daria? —, é isso que também, *silenciosamente,* compõe o padrão.

Existe uma espécie de cortina de silêncio que encobre muito do ocorrido aqui... mas as pessoas, ainda assim, *falam.* Acho que nada pode impedir que pessoas falem: Entretanto, temos que ouvir com a máxima atencão, o que é uma rara habilidade. Congratulo-me por havê-la desenvolvido no correr dos últimos quatro anos. Caso contrário, minha aptidão para a tarefa seria bastante reduzida, mas o caso é que tive prática suficiente. Um velho contou-me que sua esposa ouvira vozes falando com ela, vozes que vinham do ralo de sua pia da cozinha, três semanas antes da filha de ambos morrer — isso foi em inícios do inverno de 1957-58. A filha de quem ele falava havia sido uma das primeiras vítimas na orgia de assassinatos que começou com George Denbrough, só terminando no verão seguinte.

— Era um montão de vozes, todas falando ao mesmo tempo — ele me contou.

Esse homem tinha um posto de gasolina Gulf na Rua Kansas, e conversava entre coxeantes e lentas viagens as bombas, onde enchia tanques de gasolina, verificava níveis de óleo e limpava pára-brisas.

— Ela me disse que uma vez respondeu às vozes — prosseguiu ele,

— Embora sentisse medo. Inclinou-se para o ralo, foi como fez, e gritou para dentro dele. "Diabo, quem são vocês?" ela gritou. "Como se chamam?" Então, ela me contou que todas aquelas vozes responderam — grunhindo, sussurrando, gritando e berrando, rindo e chorando, sei lá! Minha mulher disse que elas responderam o que o homem possesso falou para Jesus: "Nosso nome é Legião!" Ela levou dois anos sem chegar perto daquela pia. Durante dois anos, tive que ficar doze horas por dia aqui, dobrando minhas costas, para então voltar para casa e lavar todos aqueles malditos pratos.

Ele bebia uma lata de Pepsi, retirada da máquina vendedora automática, do lado de fora da porta do escritório. Era um homem de setenta e dois ou setenta e três anos, em desbotado macacão cinzento de trabalho, com rios de rugas fluindo dos cantos da boca e dos olhos.

— Depois do que ouviu, na certa está pensando que sou doido varrido — disse ele, — mas posso lhe contar uma outra coisa, se desligar essas maquininha aí.

Desliguei o gravador e sorri para ele.

— Em vista de algumas coisas que já ouvi nestes dois anos — falei,

— O senhor terá de me contar muito mais, para convencer-me de que é doido.

Ele sorriu de volta, mas não havia humor no sorriso.— Eu lavava os pratos certa noite, como de costume. Foi no outono de 58, depois que as coisas se tinham ajeitado. Minha mulher estava no andar de cima, dormindo. Betty foi o único filho que Deus achou por bem dar a nós e, depois que morreu, minha mulher passava muito tempo dormindo. Enfim, puxei a tampa do ralo e a água começou a escoar. Sabe aquele som de água com sabão, descendo pelo ralo? É uma espécie de som que aspira, que suga. Pois é — a água fazia esse ruído, mas eu nem pensava nisso, apenas indo e vindo, guardando coisas nas prateleiras. Foi quando esse som começou a morrer que ouvi minha filha, lá embaixo.

Ouvi Betty, em algum lugar, no fundo daqueles canos horríveis. Rindo. Ela estava em algum ponto lá na escuridão, rindo. Só que parecia estar chorando, se a gente prestasse mais atenção. Talvez as duas coisas. Rindo e chorando, lá embaixo, nos encanamentos. Foi a única vez que ouvi uma coisa assim. Talvez tenha apenas imaginado, mas... bem, acho que não foi imaginação.

Ele olhou para mim, eu olhei para ele. A claridade que morria através das vidraças sujas das janelas sobre o rosto do homem, pareceu aumentar-lhe a idade, tornando-o tão velho como Matusalém. Recordo o frio que senti naquele momento; um frio intenso.

— Está pensando que inventei tudo isto? — perguntou o velho, aquele velho que devia ter cerca de quarenta e nove anos em 1957, o velho a quem Deus dera uma única filha, chamada Betty Ripsom. Betty tinha sido encontrada na Rua Outer Jackson, logo após o Natal daquele ano, congelada, seus restos totalmente cortados.

— Não — respondi. — Não creio que esteja inventando, Sr. Ripsom.

— E você está dizendo a verdade, posso ver em seu rosto — replicou ele, parecendo admirado.

Acho que ele queria acrescentar mais alguma coisa, porém a sineta às nossas costas bimbalhou estridentemente, quando um carro rodou pelo piso macadamizado e parou junto das bombas. Ao toque da sineta, ambos nos sobressaltamos e eu deixei escapar um leve grito. Ripsom levantou-se e coxeou até o carro, enxugando as mãos em uma bola de estopa. Ao voltar, espiou para mim como se eu fosse algum estranho inamistoso, que acabasse de chegar ali, vindo da rua. Despedi-me dele e fui embora.

Buddinger e Ives concordam em algo mais: de fato, as coisas não são certas, aqui em Derry; aliás, em Derry as coisas *nunca* foram certas.Vi Albert Carson pela última vez, pouco menos de um mês antes dele morrer. Sua garganta piorara muito e tudo que ele podia emitir era um débil e sibilante sussurro.

— Ainda pensando em escrever uma história de Derry, Hanlon?

— Ainda brincando com a idéia — respondi. Evidentemente, eu nunca planejara escrever uma história daquela comunidade — não exatamente — e acho que ele sabia.

— Você levaria vinte anos nisso — sussurrou ele — e ninguém a leria. Ninguém *quereria* lê-la. Esqueça a idéia, Hanlon. — Carson fez uma pausa, antes de acrescentar: — Buddinger suicidou-se, não sabia?

É claro que eu sabia — mas somente porque as pessoas vivem falando e eu tinha aprendido a ouvir. O artigo no *News* dizia que fora uma queda acidental, e era verdade que Branson Buddinger tinha levado uma queda. O que o *News* esqueceu de mencionar, foi que ele caíra de uma banqueta em seu armário, naquele momento tendo um nó corredio à volta do pescoço.

— Você sabe sobre o ciclo? Olhei para ele, perplexo.

— Oh, sim... — sussurou Carson. — Eu sei. A cada vinte e seis ou vinte e sete anos. Buddinger também sabia. Um bando dos da velha guarda sabia disso, embora esta seja uma coisa que ninguém comenta, nem que a gente encharque o sujeito de aguardente. Esqueça tudo, Hanlon.

Ele estendeu uma das mãos, encarquilhada como garra de ave. Fechou os dedos em meu pulso e pude sentir o câncer quente, que estava furibundo e à solta em seu corpo, comendo todo e qualquer remanescente que valesse a pena comer — não que houvesse grande coisa àquela altura; os armários carnosos de Albert Carson estavam praticamente vazios.

— Michael — não deve envolver-se nessa confusão. Aqui em Derry há coisas que mordem. Esqueça isso. *Esqueça isso.*

— Não posso.

— Então, tome cuidado — disse ele. De repente, as pupilas arregaladas e amedrontadas de uma criança espiavam em seu rosto agonizante de velho. — *Tome cuidado!*

Derry.

Minha cidade natal. Chamada assim em homenagem ao condado do mesmo nome na Irlanda. Derry.Nasci aqui, no Derry Home Hospital; fui à Escola Elementar de Derry; fui ao ginásio na Escola Intermediária da Rua Nove, depois freqüentei o Ginásio Avançado de Derry. Fui para a Universidade do Maine — "não fica em Derry, mas é logo ali", dizem os antigos — e voltei diretamente para cá. Para a Biblioteca Pública de Derry. Sou um homem de cidadezinha, levando uma vida de cidadezinha, um entre milhões.

Porém.

Porém:

Em 1879, um grupo de lenhadores encontrou os remanescentes de outro grupo que tinha passado o inverno preso pela neve em um acampamento, nas cabeceiras do Kenduskeag — na extremidade do que as crianças ainda chamam de Barrens. Lá havia nove lenhadores ao todo, sem exceção, retalhados em pedaços. As cabeças haviam rolado... para não mencionarmos os braços... um ou dois pés... e o pênis de um homem havia sido pregado a uma parede da cabana.

Porém:

Em 1851, John Markson matou a família inteira com veneno e então, sentado no meio do círculo que fizera com os cadáveres, devorou todo um cogumelo "sombra da noite-branco". Sua agonia antes de morrer deve ter sido intensa. O policial da cidade que o encontrou, escreveu em seu relatório que, a princípio, achou que o cadáver sorria para ele; mencionou o "terrível sorriso branco de Markson". O sorriso branco era um bom punhado do cogumelo que John Markson tinha na boca; ele continuaria comendo, inclusive quando as cãibras e os lancinantes espasmos musculares deviam atacar-lhe o corpo agonizante.

Porém:

No domingo da Páscoa de 1906, os proprietários da Fundação Kit-chener, que se erguia onde hoje está a reluzente-de-nova Avenida Derry, patrocinaram uma caçada aos ovos de Páscoa para "todas as boas crianças de Derry". A caçada teve lugar no imenso prédio da Fundição. As áreas perigosas foram trancadas e empregados ofereceram-se para montar guarda, a fim de que nenhum menino ou menina aventureiro resolvesse penetrar lá para explorar. Quinhentos ovos de Páscoa, de chocolate, embrulhados com fitas alegres, estavam escondidos no restante da Fundição. Segundo Buddinger, havia pelo menos uma criança presente para cada ovo. Elas corriam no silêncio domingueiro da Fundição, rindo, saltando e gritando, enquanto descobriam ovos debaixo das gigantescas cubas-basculantes, nas gavetas da mesa do capataz, equilibrados nos grandes dentes enferrujados das rodas de transmissão, no interior dos moldes do terceiro andar (nas fotos antigas, tais moldes assemelham-se a fôrmas para bolinhos, na cozinha de algum gigante). Três gerações dos Kitchener estavam lá, para vigiar a alegre turbulência e para a entrega de prêmios no final da caçada — o que seria às quatro horas — fossem ou não encontrados todos os ovos. Em realidade, o final ocorreu quarenta e cinco minutos antes, às três e quinze da tarde. Foi quando a Fundição explodiu. Setenta e duas pessoas foram retiradas mortas dos escombros antes que o sol se escondesse. O total final foi de cento e duas. Oitenta e oito dos mortos eram crianças. Na quarta-feira seguinte, enquanto a cidade ainda jazia em silenciosa e estupefata contemplação da tragédia, uma mulher encontrou a cabeça de Robert Dohay, de nove anos, presa nos galhos da macieira em seu pátio dos fundos. Havia chocolate nos dentes do menino Dohay e sangue em seus

cabelos. Ele foi o último dos mortos identificados. Esta foi a pior tragédia na história de Derry, ainda pior do que o fogo no Ponto Negro, em 1930, e nunca foi explicada. Todas as quatro caldeiras da Fundição foram desativadas. Não apenas confinadas; desativadas.

Porém:

A porcentagem de homicídios em Derry é seis vezes maior do que a de qualquer outra cidade de tamanho comparável, na Nova Inglaterra. Verifiquei que minhas tentativas de conclusão sobre o caso eram tão difíceis de acreditar, que levei meus números a um dos motoristas do ginásio, o qual passa aqui, na biblioteca, as horas não passadas ao volante de seu Commodore. Ele deu vários passos além — estimule-se um motorista e obtém-se um superespecialista, — acrescentando outra dúzia de cidadezinhas ao que chamou "bolada estadual" e apresentando-me um gráfico computadorizado, onde Derry sobressai como um polegar machucado.

— Por aqui, as pessoas devem ser de pavio muito curto, Sr. Hanlon — foi seu comentário único.

Não respondi. Se respondesse, talvez lhe dissesse que *algo* em Derry é que tinha pavio curtíssimo.

Aqui em Derry, crianças desaparecem de maneira inexplicável e não são encontradas, à razão de quarenta a sessenta por ano. Em sua maioria, adolescentes. Presume-se que tenham fugido de casa. Aliás, acredito que alguns tenham realmente fugido.

Durante o que Albert Carson indubitavelmente teria chamado o momento do ciclo, a taxa de desaparecimento quase dispara. No ano de 1930, por exemplo — o ano em que foi queimado o Ponto Negro — houve mais de *cento e setenta* crianças desaparecidas em Derry — e recordemos que estes foram apenas os desaparecimentos comunicados à polícia e, portanto, documentados. *Nada há de surpreendente nisso,* declarou-me o atual Chefe de Polícia, quando lhe mostrei a estatística. *Estávamos na Depressão. Provavelmente, a maioria ficou farta de tomar sopa de batatas ou passar fome em casa, tendo decidido cair fora, em busca de algo melhor.*

Durante 1958, cento e vinte e sete crianças, de três a dezenove anos, foram dadas como desaparecidas em Derry. *Havia Depressão em 1958?* perguntei ao Chefe Rademacher. *Não,* respondeu ele. *Entretanto, as pessoas movimentam-se um bocado, Hanlon. A garotada, em particular, sente coceira nos pés. Basta uma discussão com os velhos, se chegam tarde em casa, após um encontro com o namorado ou namorada, e bum! Lá se vão eles.*

Mostrei ao Chefe Rademacher a foto de Chad Lowe, publicada no *News* de Derry, em abril de 1958. *Acha que este aqui fugiu de casa após brigar com os pais por chegar tarde em casa, Chefe Rademacher? Ele só tinha três anos e meio, quando desapareceu de vista.*

Rademacher dirigiu-me um olhar azedo e disse que certamente fora um prazer conversar comigo, mas que se não havia mais nada a dizer, ele estava muito ocupado. Fui embora.

Assombrado, assombrando, assombrar.

Visitado com assiduidade por fantasmas ou espíritos, como em encanamentos debaixo da pia; surgindo ou infestando com freqüência, a cada vinte e cinco, vinte e seis ou vinte e sete anos; um local onde os animais costumam alimentar-se, como nos casos de George Denbrough, Adrian Mellon, Betty Ripsom, a garota Albrecht, o garoto Johnson.

Um local onde os animais se alimentam. Sim, é isso que *me* assombra, que me obceca.

Se acontecer mais alguma coisa — qualquer coisa — darei os telefonemas. Terei que dar. Nesse ínterim, fico com minhas suposições, meu repouso interrompido e minhas lembranças — minhas malditas lembranças. Oh, e mais uma coisa — tenho este caderno de notas, não? O muro onde lamentar-me. E aqui estou eu, sentado e com a mão tremendo tanto, que mal consigo escrever. Sentado na biblioteca deserta após encerrado o expediente, ouvindo débeis sons nas prateleiras escuras, vigiando as sombras formadas pela mortiça claridade amarelada das lâmpadas, para certificar-me de que elas não se movem... não se modificam.

Aqui estou eu, sentado junto ao telefone.

Coloco a mão livre sobre ele... deixo-a deslizar para baixo... tocar os orifícios do disco, orifícios numerados, que poderiam pôr-me em contato com todos eles, meus velhos amigos de infância.

Fomos juntos ao fundo.

Entramos juntos no negro.

Sairemos do negro, se tornarmos a ir lá uma segunda vez?

Não acredito.

Queira Deus que eu não precise ligar para eles.

Queira Deus!

SEGUNDA PARTE

JUNHO DE 1958

"Minha superfície sou eu mesmo.
Sob a qual
para os demais, está sepultada
a juventude. Raízes?

Todos têm raízes."

— William Carlos Williams, Paterson

"Às vezes me pergunto o que vou fazer,
Não há cura para a depressão estival."

— Eddie Cochran

CAPÍTULO 4

Ben Hanscom leva uma queda

1

Por volta de 23:45, uma das comissárias de bordo a serviço na primeira classe do vôo 41 da United Airlines — Omaha-Chicago — levou um susto e tanto. Por alguns momentos, chegou a pensar que o passageiro da poltrona 1-A houvesse morrido.

Quando ele embarcara em Omaha, a comissária havia dito para si mesma: "Droga, aí vem problema! O sujeito está caindo de bêbado!" O cheiro de uísque em torno da cabeça dele a fez recordar fugazmente a nuvem de poeira sempre circundando o garotinho sujo na história em quadrinhos de Minduim *— o nome dele é* Chiqueirinho. *Ela estava nervosa sobre o Primeiro Serviço, que é servir bebidas. Sem dúvida, ele pediria algum drinque — provavelmente um duplo. Então, teria que decidir entre fazer-lhe ou não a vontade. Além do mais, para aumentar o divertimento, houvera tempestades com raios e trovoadas por toda a rota noturna, dando-lhe a certeza de que, em determinado momento, o homem, um sujeito desengonçado, vestindo jeans e camisa de cambraia, terminaria pondo as tripas para fora.*

Entretanto, no Primeiro Serviço o homem alto pediu apenas um copo de club soda, e da maneira mais polida que se poderia desejar. A bebida leve que ele pediu em nada o prejudicou, de maneira que a comissária o esqueceu logo em seguida, porque aquele era um vôo bastante movimentado. De fato, tratava-se do vôo que se deseja esquecer tão logo termine, um desses durante os quais a gente apenas faz algumas perguntas — havendo tempo — a respeito da possibilidade da própria sobrevivência. Os ziguezagues do vôo 41 da United, entre terríveis bolsões de trovoadas e relâmpagos, o fazem parecer um bom esquiador, deslizando montanha abaixo. Há muita turbulência. Os passageiros soltam exclamações e fazem piadas nervosas sobre os raios que podem ver, ziguezagueando para dentro e para fora dos espessos pilares de nuvens à volta do avião. "Mamãe, é Deus tirando retratos dos anjos?" pergunta um garotinho, e sua mãe, cuja coloração está mais para verde, ri tremulamente. O Primeiro Serviço termina sendo o único aquela noite, no 41. O indicador para apertar os cintos é ligado vinte minutos após iniciado o vôo e permanece aceso. Ao mesmo tempo, as comissárias permanecem nos corredores, respondendo às chamadas das cigarras pressionadas, que acendem e apagam como fieiras de fogos de artifício em uma polida reunião.

"Ralph está ocupado esta noite", diz para ela a comissária-chefe, quando as duas se cruzam no corredor; a comissária-chefe está indo para a classe turista, com um novo sortimento de sacos para enjôo. Trata-se de um meio-código, meia-piada. Ralph *está sempre ocupado, em vôos saltitantes como aquele. O avião cambaleia, alguém grita baixinho, a comissária se vira um pouco e estende a mão para manter o equilíbrio. Então, ela fita diretamente os olhos fixos e sem vida do homem na poltrona 1-A.*

Oh, meu Deus do céu, ele está morto, *pensa ela.* A bebida que já tinha tomado... depois a turbulência... o coração dele... o susto o matou.

Os olhos do homem desengonçado estão nos dela, porém não a vêem. Não se movem. Estão perfeitamente vidrados. Sem dúvida, são os olhos de um homem morto.

A comissária desvia os olhos daquela expressão terrível, seu coração disparando na garganta a toda velocidade, perguntando-se o que fazer, como proceder, e agradecendo a Deus por, pelo menos, o homem não ter companheiro de poltrona, que talvez começasse a gritar, iniciando um pânico. Ela decide que primeiro terá de notificar a comissária-chefe e depois a tripulação masculina, na frente do avião. Talvez possam envolvê-lo em um lençol e fechar-lhe os olhos. O piloto manterá aceso o indicador para colocar os cintos, mesmo que a atmosfera fique tranqüila, para que nenhum passageiro possa caminhar até o banheiro. Então, quando desembarcarem, pensarão que o homem apenas está dormindo...

Tais pensamentos passam velozes por sua mente e ela se vira, para uma observação confirmadora. Os olhos mortos e sem vida estão fixosnos dela... e, de repente, o "morto" ergue o copo de club soda para um gole.

Nesse momento, o avião oscila novamente, inclina-se, e o pequeno grito de surpresa da comissária é perdido em outros gritos mais fortes, cheios de medo. Os olhos do homem então se movem — não muito, porém o suficiente para fazê-la compreender que ele está vivo e que a vê. Ela pensa: Oh, imaginei, antes, que ele tinha uns cinqüenta e tantos anos mas, apesar dos cabelos grisalhos, não está *nem* perto disso.

Caminha para ele, embora ouça o toque impaciente das cigarras às suas costas (Ralph está deveras ocupado esta noite: após o pouso perfeitamente seguro no Aeroporto O'Hare, meia hora mais tarde, as aeromoças se livrarão de mais de setenta sacolas para enjôo).

"Tudo bem, senhor?" pergunta ela, sorridente. O sorriso parece falso, irreal.

"Tudo ótimo", responde o homem desengonçado. Ela olha para o canhoto na pequena ranhura do encosto daquela poltrona de primeira classe e vê que o nome dele é Hanscon. "Excelente. Contudo, há uma ligeira turbulência esta noite, não? Deve estar trabalhando dobrado, imagino. Não se preocupe comigo. Estou..." Ele lhe oferece um sorriso fantasmagórico, um sorriso que a faz pensar em espantalhos de roupas esvoaçantes, nos campos gélidos de novembro. "Estou muitíssimo bem."

"O senhor parecia"

(morto)

"um pouco afetado pelo tempo."

"Eu pensava em anos passados" responde ele. "Só no começo desta noite me dei conta de que existem *coisas como os velhos tempos, pelo menos no que me diz respeito.*

Mais cigarras zumbindo. "Pode vir aqui, comissária?" pede alguém nervosamente.

"Bem, se está certo de não precisar de nada..."

"Eu pensava em uma represa que construí com alguns amigos", diz Ben Hanscom. "Acho que foram os primeiros amigos que tive. Eles construíam a represa, quando eu..." Ele se cala, parece assustado, depois ri. É um riso franco, quase o riso descuidado de um menino, o que soa muito estranho naquele avião que salta e sacoleja. "... quando eu os encontrei. Caí em cima deles. Foi quase literalmente o que fiz. De qualquer modo, eles estavam fazendo uma bagunça danada com aquela represa. Lembro-me disso." "Aeromoça?"

"Com licença, senhor... Preciso voltar às minhas rondas."

"Tem toda."

Ela se afasta com pressa, satisfeita por livrar-se daquele olhar — daquele olhar mortal, quase hipnótico.

Ben Hanscon se volta na direção da janela e espia para fora. Os raios continuam, no interior de nuvens gigantescas, uns quatorze quilômetros além da asa de estibordo.

Nos clarões intermitentes de luz, as nuvens parecem imensos cérebros transparentes, cheios de maus pensamentos.

Ele apalpa o bolso do blusão, porém os dólares de prata se foram. Saíram de seu bolso para o de Ricky Lee. De repente, ele deseja que tivesse ficado com pelo menos uma daquelas moedas. Talvez fosse útil. Naturalmente, pode-se ir a qualquer banco — pelo menos, quando não se está sacolejando a vinte e sete mil pés de altitude — e conseguir um punhado de dólares de prata, mas nada se poderia fazer com os decadentes sanduíches de cobre que o governo tentava passar adiante como moedas de verdade, naquela época. E, quanto aos lobisomens e vampiros, bem como todo o tipo de coisas que se esgueiram à claridade das estrelas, era prata que se queria; prata mesmo. Uma pessoa precisava de prata para deter um monstro. Precisava de...

Hanscom fechou os olhos. O ar à sua volta estava cheio dos zumbidos das cigarras pressionadas. O avião dava pinotes, inclinava-se, sacudia-se, e o ar estava cheio dos zumbidos. Zumbidos de cigarras?

Não... Bimbalhar de sinetas.

Eram sinetas, era a *sineta, a sineta de todas as sinetas, aquela desejada o ano inteiro, pois indicava o final das aulas, e isso sempre acontecia no fim da primeira semana. A sineta, aquela que apontava a liberdade novamente, a apoteose de todas as sinetas escolares.*

Ben Hanscom está sentado em sua poltrona de primeira classe, suspenso entre os trovões, a vinte e sete mil pés de altitude, o rosto virado para a janela, e sente que a muralha do tempo se torna subitamente fina; começa a acontecer alguma terrível/maravilhosa peristalse. Ele pensa: Meu Deus, estou sendo digerido por meu próprio passado.

O raio brinca espasmodicamente sobre seu rosto e, embora ele não saiba, o dia acabou de terminar: 28 de maio de 1985 tornou-se 29 de maio, acima do escuro e tempestuoso terreno que é o oeste do Illinois essa noite; fazendeiros de costas doloridas pela lavoura dormem como mortos mais abaixo e sonham seus sonhos vivazes, e quem sabe o que mais pode mover-se em seus celeiros e adegas ou seus campos, enquanto o raio caminha e o trovão fala? Ninguém sabe destas coisas: eles sabem apenas que aquela força está à solta na noite e que o ar está enlouquecido pela grande voltagem da tempestade.

Entretanto, há toques de sinetas a vinte e sete mil pés, quando o avião irrompe na claridade outra vez, quando seu movimento se estabiliza; há toques de sinetas; é a *sineta bimbalhando, enquanto Ben Hanscom dorme; e, durante seu sono, a parede entre passado e presente desaparece por completo e ele começa a cair para trás, através dos anos, como um homem caindo em um profundo poço — o Viajante do Poço do Tempo, talvez, caindo com um degrau quebrado de escada na mão, caindo e caindo em direção à terra dos Morlocks, onde máquinas cavam incessantemente nos túneis da noite. É 1981, 1977, 1969; de repente, ele está aqui, aqui, em junho de 1958; o sol brilha vivamente por toda parte e, por trás das pálpebras adormecidas, as pupilas de Ben Hanscom se contraem ao comando de seu cérebro sonhador, que não vê a escuridão jazendo sobre o oeste do Illinois, mas o brilhante sol de um dia de junho, em Derry, no Maine, há vinte e sete anos atrás.*

Sinetas.

A sineta.

Escola.

As aulas são

As aulas foram

2

encerradas!

O som da sineta ecoava abaixo e acima nos corredores da Escola de Derry, um grande prédio de tijolos que ficava na Rua Jackson e, ouvindo seu som, os colegas de Ben Hanscom na sala do quinto grau soltam um espontâneo grito de alegria — e a Sra. Douglas, em geral a mais severa das professoras, não faz o menor esforço para aquietá-los. Talvez soubesse que isso seria impossível.

— Crianças! — exclama ela, quando o alvoroço morre. — Podem me dar sua atenção por um último momento?

Agora, da sala de aulas eleva-se um burburinho excitado, de mistura com alguns resmungos. A Sra. Douglas está com seus boletins na mão.— Tenho quase certeza de que passei! — chilreia Sally Mueller para Bev Marsh, que se senta na outra fileira.

Sally era inteligente, bonita, vivaz. Bev também era bonita, mas nada tinha de vivaz essa tarde, fosse ou não o último dia de aulas. Ficou quieta, olhando desanimadamente para seus sapatos baratos. Em uma de suas faces havia uma equimose amarelada desbotando.

— Para mim, não vale uma bosta, se passei ou não — disse Bev.

Sally fungou. Meninas educadas não usam essa linguagem, diz a fungada. Então, vira-se para Greta Bowie. Sem dúvida, foi apenas o excita-mento da sineta anunciando o final de outro ano escolar, que fizera Sally se virar e dirigir a palavra a Bev, pensou Ben. Sally Mueller e Greta Bowie, ambas provenientes de famílias ricas, moram na Broadway Oeste, ao passo que Bev vem para a escola de um daqueles horrendos prédios de apartamentos na parte baixa da Rua Main. A parte baixa da Rua Main e Broadway Oeste ficavam distantes entre si apenas uns dois quilômetros, mas mesmo um garoto como Ben sabia que a verdadeira distância era como a da Terra ao planeta Plutão. Tudo que se tinha a fazer era olhar para o suéter barato de Bev Marsh, para sua saia grande demais, sem dúvida oriunda da caixa dos pobres do Exército da Salvação, ou para seus sapatos vagabundos, e então se saberia qual a verdadeira distância entre uma e outra. Contudo, Ben ainda gostava mais de Beverly — *muito* mais. Sally e Greta tinham roupas bonitas e ele adivinhava que ondulavam ou frisavam os cabelos mais ou menos a cada mês, porém não achava que isso modificasse os fatos básicos, em absoluto. Elas podiam ter seus cabelos ondulados *todos* os dias e continuariam sendo uma dupla de esnobes preconceituosas.

Ele achava que Beverly era mais legal... e *muito* mais bonita, embora nunca, nem em um milhão de anos, ousasse dizer semelhante coisa a ela. Às vezes, no entanto, no apogeu do inverno, quando a claridade lá fora parecia amarelada e sonolenta, como um gato enovelado em um sofá, quando a Sra. Douglas trovejava sobre matemática (como efetuar uma longa divisão ou como achar o denominador comum de duas frações, para que pudessem ser somadas), quando lia as perguntas tiradas de *Pontes brilhantes* ou falava sobre minas de estanho no Paraguai, naqueles dias em que a escola parecia nunca terminar, e não fazia diferença se terminasse, porque o mundo inteiro lá fora estava insosso... naqueles dias Ben às vezes olhava de soslaio para Beverly, espiando seu rosto disfarçada-mente. Então, seu coração doía desesperadamente e, de certo modo, ficava mais alegre ao mesmo tempo. Ben supunha que tivesse uma queda por ela ou que a amasse, daí por que era sempre em Beverly que pensava, quando os "Penguins" cantavam no rádio "Anjo da Terra" — "meu amor adorado! amo você o tempo todo..." Sim, claro que era idiota, inútil como lenço de papel usado, mas também era certo, porque jamais diria a ela. Ben considerou que meninos gordos provavelmente só tinham permissão para

amar garotas bonitas em silêncio, por dentro. Se contasse a alguém o que sentia (não que tivesse alguém a quem contar), essa pessoa certamente daria gargalhadas, até provocar-lhe um ataque do coração. E se ele jamais contasse a Beverly, ela tampouco cairia na risada (ruim) ou faria ruídos repugnantes de quem vai vomitar (pior).

— Por favor, levantem-se quando eu chamar pelo nome. Paul An-derson... Carla Bordeaux ... GretaBowie... Calvin Clark... Cissy Clark...

À medida que a Sra. Douglas ia chamando os nomes, a classe do quinto grau se adiantava, de um em um (exceto pelos gêmeos Clark, que sempre eram chamados juntos e sempre andavam juntos, de mãos dadas, in-distinguíveis, exceto pelo comprimento dos cabelos louro-platinados e pelo fato de que ela usava vestido e ele jeans), para pegar seus boletins amarelo-claros, com a bandeira americana e o Juramento de Fidelidade na frente, e na parte de trás o Pai-Nosso. De posse do boletim, cada um caminhava quietamente para fora da aula... precipitando-se então pelo corredor abaixo, cujas grandes portas principais haviam sido escancaradas. Então, as crianças simplesmente corriam em meio ao dia de verão e iam embora: algumas de bicicletas, outras saltando ou cavalgando montarias invisíveis, batendo as mãos contra os lados das coxas para produzir galopes de cavalos, quando não de braços dados, cantando "Meus olhos viram a glória do incêndio da escola", com a melodia do "Hino de Batalha da República".

— Mareia Fadden.. Frank Frick... Ben Hanscom... Levantando-se, ele dirigiu um último olhar a Beverly Marsh por aquele verão (pelo menos, era o que pensava) e chegou até a mesa da Sra. Douglas — um menino de onze anos, com um traseiro do tamanho aproximado do Novo México — dito traseiro acondicionado em horríveis e novos bluejeans, cujos botões de cobre emitiam pequenos jatos luminosos, o tecido fazendo *vsst-vsst-vsst* quando as coxas grossas se roçavam. Os quadris gingavam como os de uma menina. Seu estômago deslizava de um lado para outro. Ele usava uma blusa larga e grossa, embora o dia fosse quente. Ben quase sempre usava camisas largas e grossas, porque sentia a mais profunda vergonha de seu tórax. Isto acontecia desde o primeiro dia de aula após as férias do Natal, quando ele havia usado uma das novas camisas para homem, em tecido fino, que ganhara da mãe. Então, Arroto Huggins, que era aluno do sexto grau, crocitou: "Ei, peàsoal! Vejam o que Papai Noel trouxe de presente para Ben Hanscom! Duas ma-minhas enormes!" Arroto quase desmaiara, com a excelência de sua piada. Os outros haviam dado risadas — entre eles, algumas meninas. Se um buraco levando ao centro da terra se abrisse diante dele naquele momento, Ben se jogaria nele sem um som... ou talvez com o mais fraco murmúrio de gratidão.

Desde então, ele passara a usar camisas de pano grosso. Tinha quatro delas — a frouxa marrom, a frouxa verde e duas frouxas azuis. Era uma das poucas coisas que conseguira teimar com a mãe, umas das poucas linhas que se sentira forçado a traçar na areia, no decorrer de sua muito complacente infância. Se tivesse visto Beverly Marsh rindo com os outros, naquele dia, ele achava que teria morrido.

— Foi um prazer ter você este ano, Benjamin — disse a Sra. Douglas, ao entregar-lhe o boletim.

— Obrigado, Sra. Douglas.

Uma debochada voz em falsete soou em algum ponto no fundo da sala:

— Obrigado, xenhora Douglax.

Era Henry Bowers, naturalmente. Henry estava na mesma classe do quinto grau de Ben, em vez de no sexto, com seus amigos Arroto Huggins e Victor Criss, porque ficara reprovado no ano anterior. Ben achava que ele seria novamente reprovado. Seu nome não havia sido chamado quando a Sra. Douglas entregara os boletins, e isso significava

problema. Ben estava nervoso quanto a isto, porque se Henry fosse reprovado outra vez, ele — Ben — seria parcialmente responsável... e Henry sabia disso.

Durante as provas finais na semana anterior, a Sra. Douglas colocara seus alunos sentados ao acaso, tirando o nome de cada um de dentro de um chapéu sobre sua mesa. Ben terminara sentado perto de Henry Bowers, na fila do fundo. Como sempre, dobrou o braço em torno do papel da prova e depois inclinou-se bastante para ele, sentindo a pressão algo confortadora do estômago contra a carteira, enquanto mordiscava ocasionalmente o lápis em busca de inspiração.A prova da terça-feira (de matemática) ia pelo meio, quando chegou até Ben um sussurro que vinha da outra carteira. Era muito baixo, tão despreocupado e convicto, como o sussurro de um condenado veterano, passando uma mensagem no pátio de exercícios da prisão:

— Deixe-me copiar!

Ben olhara para a esquerda, diretamente para os olhos negros e furi-bundos de Henry Bowers. Henry era um garoto grande, mesmo para doze anos. Tinha braços e pernas robustecidos por músculos de vida em uma fazenda. Seu pai, que diziam biruta, tinha uma pequena faixa de terra além da Rua Kansas, perto dos limites da cidade de Newport, e Henry passava pelo menos trinta horas por semana cavando, semeando, plantando, removendo rochas, cortando madeira e colhendo, se houvesse o que colher.

Os cabelos de Henry eram cortados tão rente, que a brancura do couro cabeludo aparecia entre os pêlos curtos. Ele passava brilhantina na parte da frente, de um tubo que sempre carregava no bolso de trás do jeans, de maneira que os cabelos logo acima da testa ficavam parecendo os dentes de um cortador de grama aproximando-se. À volta dele pairava sempre um odor de chiclete de frutas. Henry usava um blusão rosa para motociclista, com uma águia nas costas, quando ia para a escola. Certa vez, um aluno do quarto grau foi imprudente o bastante para rir daquele blusão. Henry se atirara sobre o debochado, ágil como uma doninha e rápido como uma cobra, para esmurrar o atrevido duas vezes, com um punho sujo do trabalho na terra. O ousado perdeu três dentes da frente. Henry pegou duas semanas de férias forçadas. Com a dispersa, mas ardente esperança dos submissos e aterrorizados, Ben esperou que Henry fosse expulso, em vez de suspenso. A sorte não chegou a tanto. Moedas ruins sempre retornam. Terminada a suspensão, Henry retornou ao pátio da escola, maleficamente enfiado em seu resplendente blusão rosa, os cabelos com tanta brilhantina, que quase gritavam no couro cabeludo. Tinha os dois olhos inchados, com traços coloridos da surra que levara do pai biruta, por "brigar no pátio do recreio". Os vestígios da sova desapareceram eventualmente; para os garotos que, de algum modo, tinham que conviver com Henry na escola, a lição continuou bem viva. Que Ben soubesse, ninguém disse mais nada sobre o blusão rosa de Henry com a águia nas costas, a partir daquele dia.Quando ele sussurrou carrancudamente para que Ben o deixasse copiar a prova, em um espaço de segundos três pensamentos dispararam pela mente de Ben — pensamentos tão esguios e rápidos, quanto seu corpo era obeso. O primeiro era que, se a Sra. Douglas surpreendesse Henry colando as respostas em sua prova, os dois levariam nota zero. O segundo foi que, se não deixasse Henry colar, era quase certo ele cercá-lo depois da aula e *administrar-lhe* aqueles socos duplos, certamente com Huggins segurando-lhe um braço e Criss o outro.

Tais eram os pensamentos de uma criança e nada havia de surpreendente nisto, porque ele *era* uma criança. O terceiro e último pensamento, no entanto, era mais sofisticado — quase adulto.

Ele pode me pegar, claro, mas talvez eu consiga ficar fora de seu caminho durante a última semana de aulas. Tenho certeza de que posso, se me esforçar nisso. Então, é possível que ele esqueça tudo, durante o verão. Sim. Henry é muito burro. Se

ficar reprovado na prova, talvez tenha que repetir o ano. E se repetir o ano, eu estarei mais adiantado. Não terei que ficar mais na mesma sala de aulas com ele... Irei para o ginásio avançado primeiro. Eu... eu estaria livre.

— Deixe-me copiar — tornou a sussurrar Henry.

Seus olhos negros agora queimavam, exigiam. Ben negou com a cabeça e abraçou a prova ainda mais apertadamente.

— Eu vou pegar você, seu monte de banha! — sussurrou Henry, agora um pouco mais alto.

Até então, a prova dele continuava inteiramente em branco, à exceção do nome. Henry estava desesperado. Se ficasse reprovado e tivesse que repetir o ano novamente, seu pai o espancaria sem dó.

— Deixe-me copiar ou você se dará mal comigo!

Ben tornou a sacudir a cabeça, com a papada tremendo. Estava amedrontado, mas também decidido. Percebeu que, pela primeira vez na vida, decidira-se por um curso de ação, algo que também o amedrontava, embora ele não soubesse bem por quê — muitos anos passariam, antes de perceber que era o sangue-frio de seu calculismo, a cuidadosa e pragmática contagem do custo, com suas intimações de investida na vida adulta. Isto o amedrontara ainda mais do que Henry. A condição adulta, em que provavelmente pensaria dessa maneira o tempo todo, no fim o alcançaria.— Alguém está falando aí atrás? — havia perguntado a Sra. Douglas, com toda clareza. — Se estiver, que pare *imediatamente!*

O silêncio prevaleceu nos dez minutos seguintes; aquelas jovens cabeças permaneceram estudiosamente inclinadas para as folhas de exame, que cheiravam à fragrante tinta púrpura mimeografada. Então, o sussurro de Henry havia flutuado novamente através do corredor entre as carteiras, cochichado muito baixo, apenas audível, gélido na calma segurança de sua promessa:

— Você está morto, gordão.

3

Ben apanhou seu boletim e escapuliu, grato a quaisquer deuses existentes para garotos gordos de onze anos, por Henry não ter conseguido, em virtude da ordem alfabética dos sobrenomes, escapar primeiro da sala, a fim de pegá-lo no lado de fora.

Não correu em disparada pelo corredor, como as outras crianças. Ele *podia* correr, correr bem depressa para um menino de seu tamanho, mas tinha nítida consciência do quanto ficava engraçado, quando corria. Caminhou depressa, no entanto, e emergiu do frio corredor com cheiro de livros para o brilhante sol de junho. Virou o rosto para aquele sol por um momento, grato pelo calor e pela liberdade que havia adquirido. Setembro ficava a um milhão de anos, a partir daquele dia. O calendário podia dizer qualquer coisa diferente, mas o que o calendário dizia era mentiroso. O verão seria muito mais longo do que a soma de seus dias, e pertencia a ele. Ben sentiu-se tão alto como o piezômetro e tão amplo como a cidade inteira.

Alguém colidiu contra ele — colidiu com força. Os agradáveis pensamentos sobre o verão que tinha à frente, foram expulsos da mente de Ben enquanto ele oscilava loucamente para equilibrar-se, na borda dos degraus de pedra. Aferrou-se ao corrimão de ferro, no tempo exato para evitar uma queda feia.

— Saia do meu caminho, banheira de tripas!

Era Victor Criss, os cabelos penteados para trás, à maneira de Elvis, cintilando de Brylcreem. Desceu a escada e seguiu a alameda até o portão Principal, as mãos enfiadas nos bolsos dos jeans, a gola da camisa erguida, as travas nas botas de engenheiro arranhando e tamborilando sobre o piso.Com o coração batendo ainda rapidamente por causa do medo, Ben viu que Arroto Huggins estava parado no outro lado da rua, com um toco de cigarro. Quando Victor se juntou a ele, Arroto, passou-lhe o cigarro. Victor deu uma tragada, devolveu o cigarro a Arroto e apontou para onde Ben se encontrava, agora na metade da escada. Ele disse algo e os dois começaram a rir. O rosto de Ben ficou vermelho. Eles sempre o pegavam para vítima. Era como o destino ou coisa assim.

— Gosta tanto deste lugar, que vai ficar aqui o dia inteiro? — perguntou uma voz a seu lado.

Ben se virou e seu rosto ficou ainda mais quente. Era Beverly Marsh, de cabelos castanho-avermelhados como brilhante nuvem à volta da cabeça e sobre os ombros, os olhos em adorável tom cinza-esverdeado. O suéter, de mangas compridas arregaçadas até os cotovelos, estava puído em torno da gola e quase tão largo quanto a camisa de Ben. Sem dúvida, era larga demais para saber-se se ela já usava algum sutiã, porém Ben não se importava com tais coisas; quando o amor surge antes da puberdade, chega em ondas tão límpidas e potentes, que ninguém pode opor-se a seu simples imperativo — e Ben não fez qualquer esforço neste sentido. Simplesmente, cedeu. Sentiu-se tolo e exaltado, tão miseravelmente constrangido, como jamais ficara em toda a sua vida... mas em estado de indescritível bem-aventurança. Tais desesperançadas emoções misturaram-se em beberagem tão embriagadora, que o deixaram nauseado e jubiloso ao mesmo tempo.

— Não — respondeu, em voz rouca. — Acho que não.

Um amplo sorriso espalhou-se em seu rosto. Ben sabia o quanto devia parecer idiota, porém era incapaz de ficar sério.

— Então, ótimo. Porque as aulas acabaram, você sabe. Graças a Deus!

— Tenha... — Outro murmúrio rouco. Ele quis pigarrear e seu rubor aumentou. — Tenha um bom verão, Beverly.

— Você também, Ben. Até o próximo ano!

Ela desceu rapidamente os degraus, e Ben viu tudo com olhos de enamorado: o vivo escocês de sua saia, o oscilar dos cabelos ruivos contra as costas do suéter, sua pele leitosa, uma pequena cicatriz na barriga de uma perna e (por algum motivo, este último provocou outra onda de sentimento, envolvendo-o tão poderosamente, que ele precisou amparar-se de novo no corrimão; era um sentimento amplo, inarticulado e misericordiosamente breve; talvez um indício pré-sexual, sem sentido para umcorpo onde as glândulas endócrinas ainda dormiam quase sem sonhar, mas tão vivo como o cintilante calor do verão) um brilhante bracelete dourado de tornozelo, que ela usava logo acima do sapato do pé direito, refletindo o sol em rutilantes e pequenos lampejos.

Um som — certa espécie de som — escapou de sua garganta. Ele desceu os degraus como um velho frágil e ficou parado, espiando até ela dobrar para a esquerda e desaparecer, além da alta sebe que separava o pátio da escola da calçada.

4

Ben ficou parado ali apenas um momento. Então, enquanto os alunos continuavam passando por ele em grupos que gritavam e corriam, lembrou-se de Henry Bowers e caminhou apressadamente, dando volta ao edifício. Cruzou o pátio de brinquedos dos alunos pequenos, correndo os dedos pelas correntes dos balanços, para que tilintassem, e saltando sobre as tábuas dos escorregas. Saiu pelo portão bem menor que dava para a Rua Charter e encaminhou-se para a esquerda, nunca olhando para trás, para o amontoado de pedras que era o edifício onde passara a maioria dos dias da semana, durante os últimos nove meses. Enfiou o boletim no bolso de trás e começou a assobiar. Estava usando um par de tênis de cano longo mas, até onde podia dizer, as solas nunca chegaram a tocar a calçada, por mais ou menos uns oito quarteirões.

A prova terminara pouco depois de meio-dia; sua mãe só chegaria em casa às seis da tarde, porque nas sexta-feiras ela ia direto para o supermercado depois do trabalho. Então, aquele resto de dia era seu.

Foi até o Parque McCarron e ficou sentado debaixo de uma árvore, sem fazer outra coisa além de sussurrar ocasionalmente "Eu amo Be-verly Marsh", muito baixinho, sentindo-se mais romântico e de cabeça leve a cada vez que repetia a frase. A certa altura, um bando de garotos surgiu no parque e começou a escolher lados para um jogo de beisebol; ele murmurou "Beverly Marsh" duas vezes e então escondeu o rosto contra a relva, até senti-la esfriar as faces ardentes.

Pouco depois, ele saiu dali e, cruzando o parque, tomou o rumo da Avenida Costello. Uma caminhada de mais cinco quarteirões o levaria à Biblioteca Pública que, supôs ele, havia sido o seu destino o tempo todo. Estava quase saindo do parque, quando um aluno do sexto grau chamado Peter Gordon o avistou e gritou:— Ei, mantinhas! Quer jogar? Precisamos de alguém para o campo da direita!

Houve uma explosão de gargalhadas. Ben escapuliu o mais depressa que pôde, encolhendo o pescoço dentro da gola, como uma tartaruga escondendo-se no casco.

De qualquer modo, podia considerar-se com sorte, pesando bem as coisas; se fosse um outro dia, os garotos o perseguiriam, apenas para assustá-lo, talvez para o fazerem rolar no chão, verem se ele choraria. Hoje estavam ocupados demais em começar o jogo — combinando as modalidades em que jogariam e todo o resto. Satisfeito, Ben os deixou entregues aos mistérios preliminares do primeiro jogo do verão, e seguiu seu caminho.

Quando já havia caminhado três quarteirões da Costello, ele avistou algo interessante, talvez até rendoso, debaixo da sebe fronteira da casa de alguém. Havia vidro cintilando pelo lado rasgado de um velho saco de papel. Ben puxou o saco para a calçada, com a ponta do pé. Parecia que estava realmente com sorte. Havia quatro garrafas de cerveja e quatro de soda, das grandes, dentro dele. As maiores valiam um níquel cada uma, e as Rheingolds dois *pennies.* Vinte e oito centavos debaixo da sebe de alguém, esperando que um menino aparecesse para ganhá-los. Um menino de *sorte.*

— Esse sou eu — disse Ben, satisfeito, sem idéia de que mais o dia lhe reservava.

Continuou andando, sustentando o saco de papel pelo fundo, a fim de que não se rasgasse mais. O mercado da Avenida Costello ficava um quarteirão adiante, e foi onde Ben entrou. Trocou as garrafas por dinheiro e a maioria do dinheiro por doces.

Parou diante da vitrine dos doces de *xxmpenny,* apontando, deliciado como sempre pelo som arranhado da porta deslizante quando empurrada através de sua trilha, esta alinhada com rolamentos. Escolheu cinco balas vermelhas de alcaçuz e cinco pretas, dez barras de doces à base de raízes (duas por um *penny),* uma tira de botões doces por um

níquel (cinco botões em cada fileira, cinco fieiras em cada tira de um níquel e se podia comer cada botão diretamente do papel), mais dois pacotes de doces sortidos.

Ben saiu com um pequeno saco de papel pardo na mão, acondicionando aquelas preciosidades, e quatro centavos no bolso direito da frente das calças novas. Olhou para o saco pardo com sua carga de doces e um pensamento tentou emergir subitamente

(se continuar comendo desse jeito, Beverly Marsh nunca vai olhar para você)

mas era um pensamento desagradável e ele o expulsou. Não foi difícil expulsá-lo; tal pensamento costumava ser rejeitado.

Se alguém perguntasse: "Você se sente solitário, Ben?" ele olharia para esse alguém com sincera surpresa. A pergunta nunca lhe ocorrera. Ele não possuía amigos, mas tinha seus livros e seus sonhos; tinha seus modelos Revell para montar; tinha um conjunto gigantesco de Troncos Lincoln e construía todo o tipo de coisas com eles. Por várias vezes, sua mãe dissera que as casas que Ben montava com os Troncos Lincoln pareciam melhores do que as verdadeiras impressas nos diagramas. Ben também tinha um ótimo Conjunto Erector. Esperava ganhar o Superconjun-to em outubro, quando fizesse anos. Com este, era possível montar-se um relógio que realmente marcava horas e um carro com mudanças de verdade. Solitário? poderia ele perguntar em troca, francamente perplexo. Como? O quê?

Uma criança cega de nascença, só fica sabendo de sua cegueira se alguém lhe conta. Ainda assim, possui apenas a mais acadêmica idéia do que seja a cegueira; somente quem mais tarde recupera a visão pode ter uma percepção real da coisa. Ben Hanscom não possuía qualquer senso de sua solidão, porque sempre fora solitário. Se a condição fosse nova ou mais localizada, talvez a compreendesse, mas a solidão não apenas abrangia sua vida, também a dominava. Ela simplesmente *existia,* como as duas articulações de seu polegar ou a pequenina mossa no interior de um de seus incisivos, a pequena mossa sobre a qual sua língua começava a deslizar, sempre que ele ficava nervoso.

Beverly era um sonho gostoso; o doce era uma realidade gostosa. O doce era seu amigo. Portanto, ele disse ao pensamento alienígena que desse o fora, e ele se foi quietamente, sem causar mais qualquer comoção. Assim, entre o mercado da Avenida Costello e a biblioteca, Ben esgotou todos os doces do saco. Com sinceridade, gostaria de poupar alguns para saborear enquanto via televisão aquela noite — ele gostava de enfiá-los na pistolinha de plástico para disparar as pequenas espoletas doces, gostava de ouvir o clique da diminuta mola interna e, principalmente, gostava de dispará-los dentro da boca, um por um, como um garoto suicidando-se com doces. No programa daquela noite haveria *Whirlybirds,* com kenneth Tobey encarnando o corajoso piloto de helicóptero, e *Dragnet,* onde os casos eram reais, mas os nomes tinham sido mudados, para proteger os inocentes. Seu programa favorito com tiras, no entanto, sempre fora *Patrulha rodoviária,* estrelado por Broderick Crawford como o Patrulheiro Rodoviário Dan Matthews. Broderick Crawford era o herói pessoal de Ben. Broderick Crawford era *leal,* Broderick Crawford era *legal,* Broderick Crawford não levava desaforo de ninguém e...melhor do que tudo, Broderick Crawford era gordo.

Ben chegou à esquina da Costello com a Rua Kansas, onde cruzou para a Biblioteca Pública. Em realidade, eram dois prédios — a antiga estrutura na frente, construída em 1890 com dinheiro dos grandões da madeira, e a nova edificação baixa de arenito mais atrás, que abrigava a Biblioteca Infantil. A biblioteca para adultos, da frente, e a Biblioteca Infantil na parte de trás, eram ligadas entre si por um corredor envidraçado.

Sendo muito próxima do centro da cidade, a Rua Kansas era de mão única, de maneira que Ben olhou apenas em uma direção — a direita — antes de atravessar. Se

tivesse olhado para a esquerda, levaria um desagradável choque. Parados à sombra de um grande e vetusto carvalho no gramado da Casa Comunitária de Derry, um quarteirão abaixo, estavam Arroto Huggins, Victor Criss e Henry Bowers.

5

— Vamos pegá-lo, Hank!

Victor quase arquejava. Henry espiou o gordo sujeitinho olhar para a direita e cruzar a rua, a barriga oscilando, o topete de cabelo atrás da cabeça abanando de um lado para outro, o traseiro gingando como o de uma garota dentro das calças bluejeans novas. Avaliou a distância entre eles três, ali no gramado da Casa Comunitária, e Hanscom, considerando depois a existente entre Hanscom e a segurança da biblioteca. Achou que talvez pudessem interceptá-lo antes que ele entrasse, mas Hanscom possivelmente começaria a gritar. Não podia correr tal risco com aquele pequeno maricás. Então, um adulto talvez interferisse, e Henry não queria interferências. A filha da mãe que era a Sra. Douglas já lhe comunicara que ficara reprovado em inglês e matemática. Dissera que poderiaaprová-lo, caso ele freqüentasse o curso intensivo de férias, durante as quatro semanas do verão. Pessoalmente, Henry preferia repetir o ano, embora sendo surrado pelo pai. Por outro lado, passar quatro horas diárias na escola, durante as quatro semanas da mais movimentada temporada na lavoura, sem dúvida faria com que o pai o surrasse umas doze vezes, talvez até mais. Henry já estava reconciliado com seu sombrio futuro, mas desde que desabafasse naquele monte de banha — ainda essa tarde.

Com juros.

— Certo, vamos lá — disse Arroto.

É melhor esperarmos que ele saia.

Viram Ben abrir uma das grandes portas duplas da biblioteca e entrar. Então, sentando-se, os três fumaram cigarros, contaram piadas de caixeiro viajante e esperaram que o gorducho tornasse a sair.

Henry sabia que Ben acabaria saindo de lá. E, quando ele saísse, haveria de fazê-lo amaldiçoar o dia em que nascera.

6

Ben adorava a biblioteca.

Gostava da permanente frescura ali dentro, mesmo nos dias mais acalorados de um prolongado e quente verão; gostava da quietude murmu-rante, rompida apenas por ocasionais sussurros, pelo ruído surdo de um bibliotecário carimbando livros e cartões ou pelo folhear das páginas que eram viradas na Sala dos Jornais, onde se reuniam homens de idade para ler jornais pregados a compridas hastes de madeira. Gostava da qualidade da luz que se infiltrava à tarde pelas altas janelas estreitas ou brilhava suave em poças preguiçosas, atiradas no inverno pelos globos pendurados em correntes, enquanto o vento uivava lá fora. Gostava do cheiro dos livros — um cheiro condimentado, vagamente fabuloso. Às vezes caminhava por entre as prateleiras de livros destinados aos adultos,

olhando para os milhares de volumes e imaginando um mundo de vidas no interior de cada um, da maneira como às vezes caminhava ao longo de sua rua, no crepúsculo ardente e enfumaçado de uma tarde em fins de outubro, com o sol apenas uma linha acre e alaranjada no horizonte, enquanto ia imaginando as vidas que pululavam atrás de todas as janelas — pessoas rindo, discutindo, arranjando flores, alimentando crianças ou animais de estimação, ou suas próprias faces, enquanto viam televisão. Bengostava da maneira como o corredor envidraçado ligando o prédio velho à Biblioteca Infantil era sempre quente, mesmo no inverno, a menos que tivesse havido uns dois dias nublados; a Sra. Starrett, bibliotecária-chefe do setor infantil, lhe contara que isso era causado por algo que tinha o nome de "efeito de estufa". Ben ficara encantado com a idéia. Anos mais tarde ele construiria o ardorosamente debatido centro de comunicações da BBC, em Londres; os debates poderiam durar mil anos e, ainda assim, ninguém saberia (exceto o próprio Ben) que, afinal, o centro de comunicações nada mais era senão o corredor envidraçado da Biblioteca Pública de Derry.

Ele também gostava da Biblioteca Infantil, embora não possuindo o penumbroso charme que captava na biblioteca antiga, com seus globos de luz e encurvadas escadas de ferro, tão estreitas, que não permitiam a passagem de duas pessoas ao mesmo tempo — uma sempre tinha que seguir mais atrás. A Biblioteca Infantil era brilhante e ensolarada, um pouco mais ruidosa, a despeito dos avisos VAMOS FICAR QUIETINHOS, ESTÁ BEM? espalhados por todo canto. Em geral, a maioria do barulho vinha do Canto de Pooh, onde as crianças pequenas iam apenas olhar para os livros ilustrados. Quando Ben chegou esse dia, a hora de contar histórias apenas começara no Canto. A Srta. Davies, a jovem e bonita bibliotecária, estava lendo "Os três bodes zangados".

"Quem é que está andando pela minha ponte?"

A Srta. Davies falava nos tons graves e rosnados do gigante da história. Algumas crianças tapavam a boca e davam risadinhas, porém a maioria apenas ficava espiando solenemente para ela, aceitando a voz do gigante como aceitava as vozes em seus sonhos, de olhos sérios que refletiam o eterno fascínio do conto de fadas: o monstro levaria a melhor... ou seria derrotado?

Havia atraentes posters pregados com percevejos por todo canto. Um deles mostrava uma criança que escovara os dentes até a boca ficar espumando como a de um cão danado; outro era desaprovador e, nele, um menino fumava cigarros (QUANDO CRESCER, QUERO SER TÃO DOENTE COMO MEU PAI, dizia abaixo); um terceiro era uma foto maravilhosa, com um bilhão de pontinhos luminosos que brilhavam na escuridão. Mais abaixo, lia-se a citação:

UMA IDÉIA ACENDE MIL VELAS.
— Ralph Waldo Emerson.

Havia convites em EXPERIMENTE SER ESCOTEIRO. Um pôster antecipava a idéia de que OS CLUBES PARA MENINAS DE HOJE FORMAM AS MULHERES DE AMANHÃ. Havia também folhas para assinaturas de inscrição no softball e folhas para assinaturas de inscrição no Teatro Infantil da Casa Comunitária. E, naturalmente, uma outra convidando as crianças: INSCREVA-SE NO PROGRAMA DE LEITURAS DO VERÃO. Ben era um grande entusiasta do programa de leituras do verão. Os que se inscreviam ganhavam um mapa dos Estados Unidos. Quando liam um livro e apresentavam um relatório sobre o que tinham lido, ganhavam um selo adesivo na forma de um estado, o qual era colado no mapa. O selo adesivo continha informes como: a ave e a flor símbolos daquele estado, o ano em que fora admitido na União e que presidentes — se houvera algum — haviam nascido nele.

Depois de colados todos os quarenta e oito selos, completando o mapa, a criança ganhava um livro grátis. Era um grande negócio. Ben pretendia fazer justamente o que o pôster sugeria: "Não perca mais tempo, inscreva-se hoje mesmo".

Conspícuo entre aquele vivido e amistoso caleidoscópio de cores, havia um pôster simples e cru, pregado à mesa do registro de saída — nele não se viam desenhos ou belas fotos, mas apenas uma inscrição em letras negras, sobre fundo branco, dizendo:

LEMBREM-SE DO TOQUE DE RECOLHER
19 HORAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA DE DERRY

Ben arrepiava-se, só em olhar para aquilo. No excitamento de receber o boletim, de preocupar-se com Henry Bowers, de falar com Beverly e do começo das férias de verão, ele esquecera tudo sobre o toque de recolher e os assassinatos.

As pessoas discutiam sobre quantos tinham sido, mas todos concordavam em que houvera pelo menos quatro, desde o último inverno — cinco, se George Denbrough fosse contado (muitos achavam que a morte do menino Denbrough devia ter sido alguma espécie de acidente fora do comum). O primeiro assassinato sobre o qual todos tinham certeza, era o de Betty Ripsom, encontrada um dia depois do Natal, na área da construção da estrada com pedágio, além da Rua Jackson. A menina de trezeanos havia sido encontrada mutilada e congelada na terra lamacenta. Isto não saíra nos jornais e nem era um detalhe que qualquer adulto houvesse comentado com Ben. Ele ficara sabendo apenas por conversas que captara nas esquinas.

Cerca de três meses e meio mais tarde, não muito depois de começada a temporada de pesca das trutas, um pescador que estava na margem de um rio, trinta quilômetros a leste de Derry, pegara algo que a princípio acreditara ser um pedaço de pau. O algo tinha sido a mão, pulso e dez centímetros do braço de uma menina. Seu anzol capturara o horrível troféu fisgando a pele de união entre o polegar e o indicador.

A Polícia Estadual encontrara os restos de Cheryl Lamonica setenta metros além, corrente abaixo, interceptados por uma árvore que tombara atravessando a corrente, no inverno anterior. Tinha sido pura sorte o corpo não ser levado para o Penobscot e de lá para o mar, com o degelo da primavera.

A garota Lamonica tinha dezesseis anos. Era de Derry, mas não ia à escola; três anos antes havia dado à luz uma filha, Andréa. Ela e a filha moravam com os pais de Cheryl. "Cheryl podia ser uma garota às vezes rebelde, mas no fundo era uma boa menina", contou à polícia seu soluçante pai. "Andy fica perguntando: 'Cadê minha mamãe?' e eu não sei o que dizer para ela!"

Cheryl fora dada como desaparecida cinco semanas antes do achado do corpo. A investigação policial sobre a morte de Cheryl Lamonica havia começado com uma suposição bastante lógica: a de que fora assassinada por um de seus namorados. Ela possuía montes de namorados, muitos deles da base aérea, que ficava no trajeto para Bangor. "Em sua maioria, eram bons rapazes", disse a mãe de Cheryl. Um dos "bons rapazes" havia sido um coronel da Força Aérea com quarenta anos, casado e pai de três filhos no Novo México. Outro, no momento cumpria pena em Shawshank, por roubo à mão armada.

Um namorado, pensou a polícia. Ou, talvez, até mesmo um estranho. Um maníaco sexual.

Se era maníaco sexual, aparentemente também parecia maníaco por meninos. Em fins de abril, um professor do ginásio fazia uma excursão ecológica com sua classe do

oitavo grau, quando avistou dois tênis vermelhos e as pernas de um macacão de brim infantil projetando-se da boca de um bueiro na Rua Merit. Aquele final da Merit tinha sido bloquea-do com cavaletes de madeira. O asfalto fora retirado no outono anterior. A extensão da estrada de pedágio cruzaria aquele ponto, quando seguia em direção norte, para Bangor.

O corpo era de Matthew Clements, de três anos, cujo desaparecimento fora comunicado por seus pais apenas um dia antes (sua foto saíra na primeira página do *News* de Derry — um garotinho de cabelos escuros, rindo atrevidamente para a máquina fotográfica, a cabeça coberta por um capuz vermelho). A família Clements residia na Rua Kansas, na direção que dava para o outro lado da cidade. Sua mãe, tão aturdida pela dor que parecia existir em uma bola de vidro de absoluta calma, contou à polícia que Matty estivera andando em seu triciclo para baixo e para cima na calçada diante da casa, que ficava na esquina da Rua Kansas e Alameda Kossuth. Ela havia posto a roupa lavada na secadora e, ao olhar pela janela, a fim de ver onde estava Matty, ele havia desaparecido. Apenas seu triciclo derrubado jazia na relva, entre a calçada e a rua. Uma das rodas traseiras ainda girava preguiçosamente. Enquanto ela espiava, a roda parou.

Aquilo bastou para o Chefe Borton. Ele propôs o toque de recolher das 19 horas, em uma sessão especial do Conselho da Cidade, na noite seguinte, o qual foi adotado por unanimidade, com início do dia seguinte. Crianças pequenas deveriam ser vigiadas por um "adulto idôneo" o tempo todo, segundo a história que narrava o toque de recolher, no *News*. Um mês atrás, houvera uma assembléia especial na escola de Ben. O Chefe subira ao palco, enfiara os polegares no cinturão da arma e assegurara às crianças que elas nada teriam a temer, desde que seguissem algumas regras simples: não falar com estranhos, não aceitar carona de pessoas, a menos que fossem pessoas *muito* conhecidas, sempre lembrar que O Policial É Seu Amigo... e obedecer ao toque de recolher.

Duas semanas antes, um garoto que Ben conhecia apenas vagamente (ele era da outra classe do quinto grau, na Escola Elementar de Derry) tinha espiado dentro de um dos bueiros na Rua Neibolt e vira o que parecia um punhado de cabelos flutuando lá dentro. Esse garoto, cujo nome era Frankie ou Freddy Ross (ou talvez Roth), estivera caminhando à caça de achados interessantes com uma engenhoca de sua invenção, a que ele dava o nome de A FABULOSA VARETA DE CHICLETE. Quando ele falava a respeito de seu invento, era possível imaginar-se que seria assim, em letras maiúsculas (e talvez até mesmo em neon). A FABULOSA VARETA DE CHICLETE consistia de um ramo de bétula com uma grande bola de goma de mascar, presa a uma extremidade. Em seus momentos de folga, Freddy (ou Frankie) perambulava por Derry com a vareta, explorando ralos e bueiros. Às vezes via dinheiro — moedinhas ínfimas em grande maioria, mas às vezes algumas de dez ou de vinte e cinco centavos (por algum motivo que só ele sabia, costumava referir-se a estas últimas como "monstros-do-cais"), Uma vez localizado o dinheiro, Frankie-ou-Freddy e A FABULOSA VARETA DE CHICLETE entravam em ação. Uma cutucada com a vareta através das grades, e a moeda passava para seu bolso.

Ben ouvira rumores sobre Frankie-ou-Freddy e sua vareta de chiclete, muito antes do garoto saltar para a publicidade, ao descobrir o cadáver de Verônica Grogan.

— Ele é um nojo — confiara a Ben um garoto chamado Richie Tozier certo dia, durante uma aula de atividade. Tozier era um menino ma-gricela que usava óculos. Ben achava que, sem aqueles óculos, provavelmente Tozier enxergaria tanto quanto Mr. Magoo; seus olhos, amplificados pelas lentes grossas, pareciam nadar atrás delas com expressão de perpétua surpresa. Ele também tinha enormes dentes da frente protuberantes, o que lhe valera a alcunha de "Castor Dentuço". — Enfia aquela vareta com chiclete nos esgotos o dia inteiro e, de noite, masca o chiclete.

— Poxa, que coisa nojenta! — exclamara Ben.

— É isso aí — havia dito Tozier, afastando-se em seguida.

Frankie-ou-Freddy fizera A FABULOSA VARETA DE CHICLETE trabalhar com vontade através das grades do bueiro, acreditando que encontrara uma peruca. Pensou que talvez pudesse secá-la, para dá-la à mãe como presente de aniversário ou coisa assim. Após alguns minutos de cutucadas sem êxito, já estava a ponto de desistir, quando um rosto flutuara na água lamacenta do bueiro em questão, um rosto com folhas mortas coladas às faces brancas e com terra nos olhos abertos.

Freddy-ou-Frankie correu para casa aos gritos.

Verônica Grogan freqüentara o quarto grau da Escola da Igreja na Rua Neibolt, dirigida por pessoas que a mãe de Ben chamava "os Carolas". Ela foi sepultada no dia que teria sido seu décimo aniversário.

Após este mais recente horror, Arlene Hanscom levara Ben para a sala de estar certo anoitecer e sentara-se no sofá ao lado dele. Tomando-lhe as mãos, ela fitou intensamente o rosto do filho. Ben desviou os olhos, sentindo-se algo nervoso.— Ben — perguntou ela, pouco depois, — você é um tolo?

Ben não tinha a menor idéia do que significava aquilo. Que se lembrasse, jamais vira sua mãe com ar tão sério.

— Sim — disse ela. — Não acredito que você seja.

Ficou calada por muito tempo, sem fitar Ben, mas com os olhos voltados pensativamente para a janela. Ben perguntou-se brevemente se ela não esquecera tudo sobre ele. Ainda era uma mulher jovem — apenas trinta e dois anos — mas criar um filho lhe impusera certa penalidade. Trabalhava quarenta horas semanais na sala de bobinagem e enfardamento da Fábrica Stark, em Newport e, após o serviço, quando a poeira e as fibras de tecidos tinham sido particularmente ruins, às vezes tossia tanto e por tanto tempo, que Ben ficava amedrontado. Naquelas noites ele passava horas esquecidas acordado, espiando pela janela junto à sua cama, espiando para a escuridão, perguntando-se o que seria dele, se a mãe morresse. Supunha que então ficaria órfão. Poderia tornar-se uma Criança do Estado (essa idéia significava que se teria de viver com fazendeiros, obrigado a trabalhar do nascer ao pôr-do-sol) ou então ser enviado para o Asilo de Órfãos de Bangor. Ben procurava convencer-se de que era tolice ficar preocupado com tais coisas, mas não adiantava muito. Aliás, não era apenas consigo que se preocupava, mas também com ela. Sua mãe era uma mulher severa, insistia em seus pontos de vista sobre a maioria das coisas, porém era uma boa mãe. Ele a amava muito.

— Você está sabendo destes assassinatos — disse ela, finalmente virando-se para ele.

Ben assentiu.

— No começo, todos pensavam que fossem... — Ela vacilou diante da palavra seguinte, jamais falada antes em presença do filho, mas as circunstâncias eram anormais, e então se forçou a pronunciá-la. — ...crimes sexuais. Talvez fossem, talvez não fossem. Talvez tenham terminado, talvez não tenham. Ninguém pode ter certeza sobre mais nada, exceto que, lá fora, há um louco que persegue crianças. Você está entendendo, Ben?

Ele assentiu.

— E você sabe o que quero dizer, quando falo que podem ter sido crimes sexuais?

Ele não sabia — pelo menos, não exatamente — mas tornou a assen-tir. Se sua mãe achasse que devia falar com ele sobre os pássaros e as abelhas, bem como sobre este outro assunto, ele morreria de constrangimento.

— Eu me preocupo com você, Ben. Fico preocupada por não estar fazendo o que é melhor para você.

Ben contorceu-se e não disse nada.

— Você fica muito tempo por sua conta. Tempo demais, acho. E... Mamãe...

— Cale a boca enquanto estou falando com você — disse ela, e Ben se calou. — Você precisa tomar cuidado, Benny. O verão está chegando e não quero estragar suas férias, mas precisa tomar cuidado. Quero que esteja em casa todos os dias à hora do jantar. A que hora jantamos?

— Seis horas.

— Acertou em cheio! Portanto, escute o que vou dizer: se eu puser a mesa, encher seu copo de leite e vir que não há nenhum Ben lavando as mãos na pia, vou direto ao telefone, ligo para a polícia e comunico o seu desaparecimento. Entendeu bem?

— Entendi, mamãe.

— E acredita que farei exatamente o que disse?

— Acredito.

— No fim, talvez fosse um telefonema sem motivo, se é que chegarei a telefonar. Sei alguma coisa sobre como meninos levam a vida. Sei que ficam envolvidos em suas brincadeiras e projetos durante as férias de verão — seguindo abelhas até suas colméias, jogando bola, bolinhas de gude e coisas assim. Tenho uma idéia bastante exata do que você e seus amigos gostam de fazer, como pode notar.

Ben assentiu seriamente, pensando que, se sua mãe ignorava que ele não tinha amigos, sem dúvida ignorava qualquer coisa sobre a maneira como passava sua meninice, embora julgando o contrário. Contudo, ele jamais sonharia em dizer-lhe tal coisa, nem mesmo em dez mil anos de sonho.

Ela tirou algo do bolso do vestido caseiro e entregou a ele. Era uma pequena caixa de plástico. Ben a abriu. Quando viu o que continha, ficou boquiaberto.

— *Uau!* — exclamou, na mais franca admiração. — *Obrigado!*

Era um relógio Timex, com pequenos números prateados e uma correia em imitação de couro. Ela o acertou e deu corda; Ben podia ouvi-lo tiquetaqueando.— Poxa, é o máximo!

Ele deu um abraço entusiasmado na mãe e a beijou ruidosamente no rosto. Ela sorriu, alegre por ele estar satisfeito. Assentiu. Depois ficou novamente séria.

— Coloque-o no pulso, conserve-o, use-o, dê-lhe corda, cuide dele e não o perca.

— Está bem.

— E agora que tem um relógio, não há motivo para chegar tarde em casa. Lembre-se do que eu disse: se não chegar na hora, a polícia estará à sua procura, a pedido meu. Pelo menos, até eles agarrarem o maldito que anda matando crianças por aqui, não ouse chegar um minuto atrasado, ou eu usarei aquele telefone!

— Sim, mamãe.

— Mais uma coisa: não quero você andando sozinho por aí. Já é compreensivo o bastante para não aceitar doces ou caronas.de estranhos — nós dois concordamos em que não é tolo — e, embora seja grande para sua idade, Ben, um homem adulto, principalmente se for louco, pode dominar uma criança, se quiser. Quando for ao parque ou à biblioteca, vá com seus amigos.

— Eu irei, mamãe.

Ela tornou a olhar pela janela e deu um suspiro carregado de preocupação.

— As coisas podem ficar feias, quando uma coisa assim continua. Nesta cidade há qualquer coisa de esquisito. Aliás, foi o que sempre achei. — Ela tornou a fitar o filho. — Você é tão andarilho, Ben... Deve conhecer quase todos os lugares em Derry, não é? Afinal, a cidade é parte disto.

Ben não achava que conhecesse quase todos os lugares, longe disso, mas conhecia um bocado deles. E estava tão excitado com o presente inesperado do Timex, que nessa noite concordaria com sua mãe se ela dissesse que John Wayne deveria fazer o papel de Adolf Hitler em uma comédia musical sobre a Segunda Guerra Mundial. Assentiu.

— *Você* nunca viu alguma coisa, viu? — perguntou ela. — Alguma coisa ou alguém... digamos suspeitos? Qualquer coisa fora do comum? Alguém que o tenha assustado?

Em seu prazer por ganhar o relógio, em seu sentimento de amor por ela, em sua alegria de menino pequeno pelos cuidados da mãe (ao mesmo tempo algo amedrontadores, pela crueza indisfarcada com que eram re-velados), ele quase lhe contou sobre a coisa que acontecera no último janeiro.

Abriu a boca, e então algo — alguma forte intuição — o fez fechá-la de novo.

Exatamente, o que seria aquele algo? Intuição. Não mais e não menos... do que isso. Cada criança consegue intuir as responsabilidades mais complexas do amor, de quando em quando, além de sentir que, em determinados casos, ficar calado é mais generoso. Isto era parte do motivo que levou Ben a ficar calado. Contudo, havia mais alguma coisa que não era tão nobre. Ela podia ser severa, a sua mãe. Podia ser mandona. Nunca o chamara de "gordo", preferia chamá-lo de "grande" (às vezes ampliando para "grande para sua idade"), e quando havia sobras do jantar, era comum levá-las para ele, que estava vendo televisão ou fazendo os deveres de casa. Então, Ben comia aquelas sobras, embora uma diminuta parte de si mesmo o odiasse por fazer aquilo (mas nunca odiando a mãe por colocar a comida à sua frente — Ben Hanscom não ousaria odiar sua mãe; certamente, Deus o mataria na hora, por sentir tão grosseira e ingrata emoção, ainda que por um segundo). E talvez alguma parte ainda mais diminuta dele — o distante Tibete dos pensamentos mais profundos de Ben — desconfiasse dos motivos dela, naquele alimentar constante. Seria apenas amor? Podia ser outra coisa mais? Claro que não. Entretanto... ele duvidava. Mais diretamente ainda, ela ignorava que ele não tinha amigos. Tal ignorância o levava a desconfiar dela, deixava-o inseguro quanto à reação da mãe à sua história sobre a coisa que acontecera com ele em janeiro. Se é que acontecera *alguma coisa.* Chegar em casa às seis da tarde e não tornar a sair, talvez não fosse tão ruim. Ele podia ler, ver televisão,

(comer)

construir coisas com seus troncos e o Conjunto Erector. Contudo, ter que ficar em casa o dia inteiro, seria *péssimo...* e se contasse a ela o que tinha visto — ou pensara ver — em janeiro, era bem possível que sua mãe ordenasse justamente isso.

Assim, por uma variedade de motivos, Ben ocultou a história.

— Não, mamãe — respondeu. — Apenas o Sr. McKibbon, querendo vasculhar o lixo dos outros.

Aquilo a fez rir — ela não gostava do Sr. McKibbon, que além de republicano também era um "carola" — e seu riso encerrou o assunto.Nessa noite, Ben ficou acordado até bem tarde, porém não preocupado por pensamentos de ficar desamparado e órfão em um mundo cruel. Sentia-se amado e seguro enquanto jazia na cama, olhando para o luar que penetrava pela janela, derramando-se sobre a cama e o assoalho. Alternadamente levava o relógio ao ouvido para ouvir o tiquetaque e o aproximava dos olhos, para poder admirar seu espectral mostrador luminoso.

Terminara adormecendo, e sonhou que jogava beisebol com os outros meninos, no terreno baldio atrás do Depósito de Caminhões dos Irmãos Tracker. Tinha acabado de fazer um ponto e, passando o peso do corpo de um pé para outro, aproveitava cada momento daquela doçura, dos aplausos dos colegas que se reuniam à sua volta, na base

do batedor. Eles lhe davam socos brincalhões e batiam-lhe nas costas. Ergueram-no sobre os ombros e o carregaram para o lugar onde o equipamento dos jogadores ficara espalhado. No sonho, ele quase explodia de orgulho e felicidade... e então tinha olhado para o meio de campo, fora do quadrado, onde uma cerca aramada marcava os limites entre o acinzentado lote baldio e o terreno coberto de mato mais além, que descia para os Bar-rens. Uma figura estava em pé no meio das ervas e emaranhados de arbustos baixos, quase fora de vista. Uma figura que segurava um punhado de bolas de gás — verdes, amarelas, azuis e vermelhas — em uma mão enluvada de branco. Ela lhe acenou com a outra. Ele não podia ver o rosto da figura, mas via o traje frouxo que vestia, com os enormes botões-pompom alaranjados na frente e a mole gravata-borboleta amarela.

Era um palhaço.

É isso aí, acrescentou uma voz de fantasma.

Quando Ben acordou na manhã seguinte, o sonho tinha sido esquecido, mas seu travesseiro era úmido ao toque... como se ele houvesse chorado durante a noite.

7

Ben foi até a mesa principal na Biblioteca Infantil, abandonando o fio de pensamentos provocados pelo aviso do toque de recolher, tão facilmente como um cão se livra da água, após sair dela.

— Olá, Benny — disse a Sra. Starrett. Como a Sra. Douglas, na escola, ela apreciava Ben sinceramente. Os adultos, em especial os que por vezes precisam disciplinar crianças como parte de seu trabalho, em geralgostavam dele, por ser educado, de fala macia, cortês e, às vezes, até engraçado, de uma forma muito contida. Aqueles eram os mesmos motivos pelos quais a maioria dos garotos o achava um imbecil. — Já está cansado das férias de verão?

Ben sorriu. Aquele era o padronizado dito espirituoso da Sra. Starrett.

— Ainda não — respondeu ele, — pois as férias de verão só começaram há — Ben consultou o relógio — uma hora e dezessete minutos. Ainda tenho uma hora pela frente, antes de me cansar.

A Sra. Starrett riu, cobrindo a boca para que o riso não soasse alto demais. Perguntou a Ben se não queria inscrever-se no programa de leituras do verão, e ele respondeu que queria. Ela entregou-lhe um mapa dos Estados Unidos. Ben agradeceu muito, atenciosamente.

Depois, perambulou por entre as estantes, pegando um livro aqui, outro acolá, olhando para ele, colocando-o de volta no lugar. Escolher livros era um negócio muito sério. A pessoa tem que tomar cuidado. Um adulto podia ler quantos quisesse, mas crianças só podiam pegar três em cada ocasião. Se escolhessem uma porcaria, tinham que ficar com ela.

Finalmente, Ben escolheu seus três livros: *Bulldozer, O garanhão negro* e um outro que era uma espécie de tiro no escuro — um livro chamado *Carro envenenado,* da autoria de um certo Henry Gregor Felsen.

— Você talvez não goste deste aqui — comentou a Sra. Starrett, carimbando o livro. — Tem sangue demais. Eu o empurro para os adolescentes, em especial aqueles que acabaram de tirar a licença de motorista. Acho que este livro lhes dá algo para pensar. Imagino que faça alguns deles dirigirem mais devagar, por toda uma semana.

— Bem, vou dar uma espiada — respondeu Ben.

Levou seus livros para uma das mesas longe do Canto de Pooh, onde o Grande Bode Zangado estava dando uma dose dupla de trabalho ao gigante debaixo da ponte.

Ben leu *Carro envenenado* por algum tempo, e decidiu que não era tão ruim. De maneira alguma. Era sobre um garoto, realmente um barato ao volante, mas havia aquele tira chato, sempre atrás dele, tentando fazê-lo ir devagar. Ben descobriu que não havia limite de velocidade no Iowa, onde se passava a história do livro. Isso era mesmo notável.

Ergueu os olhos após ler três capítulos, e então reparou que havia um anúncio novo em folha. O pôster no alto (a biblioteca era um lugar muito adequado para posters, sem dúvida) mostrava um sorridente carteiro entregando uma carta a um sorridente garoto, TAMBÉM SE PODE ESCREVER EM BIBLIOTECAS, dizia o pôster, POR QUE NÃO ESCREVE HOJE PARA UM AMIGO? OS SORRISOS SÃO GARANTIDOS!

Abaixo do pôster havia fendas cheias de cartões-postais já selados, envelopes já selados e papel de cartas com um desenho mostrando a Biblioteca Pública de Derry na parte de cima, em tinta azul. Os envelopes já selados custavam um níquel cada, os cartões-postais três centavos. O papel de carta, com duas folhas, ficava por um *penny*.

Ben apalpou o bolso. Os quatro centavos restantes do dinheiro ganho com as garrafas continuavam lá. Marcou o lugar em que interrompera a leitura de *Carro envenenado* e voltou à mesa da bibliotecária.

— Por favor, eu queria um daqueles cartões-postais.

— Claro, Ben.

Como sempre, a Sra. Starrett ficava encantada com sua séria polidez e algo penalizada com seu volume. Alguém devia dizer à mãe dele que o menino estava cavando a própria sepultura com um garfo e uma faca. Entregou-lhe o cartão e o viu voltar para seu lugar. Era uma mesa para seis pessoas, porém ele era o único a ocupá-la. A bibliotecária nunca vira Ben com nenhum dos outros garotos. Isso era muito ruim, porque ela acreditava que aquele garoto tinha tesouros sepultados dentro de si. Ele os revelaria a um explorador gentil e paciente... se acaso tal explorador um dia aparecesse.

8

Ben pegou sua esferográfica, fez a ponta baixar e escreveu o endereço no cartão: *Srta. Beverly Marsh, Rua Main, Setor de Baixo, Derry, Mai-ne, Zona postal 2.* Não sabia o número exato da casa dela, mas sua mãe lhe dissera que a maioria dos carteiros tinha uma noção bastante boa sobre a residência das pessoas, após terem feito entrega de correspondência por algum tempo. Se o carteiro designado para o Setor de Baixo da Rua Main pudesse entregar aquele cartão, seria ótimo. Caso contrário, seria o mesmo que jogar fora três centavos, porque a destinatária jamais veria a cor do cartão. Evidentemente, o cartão não seria devolvido a ele, porque Ben não tinha a menor intenção de colocar o nome e endereço do remetente.Levando o cartão com o endereço voltado para baixo (ele não queria arriscar-se, embora não tivesse visto ninguém que conhecesse), Ben apanhou algumas tiras quadradas de papel na caixa de madeira, junto ao fichário de cartões. Levou-as de volta à mesa e começou a escrever, riscar palavras e reescrevê-las.

Durante a última semana de aulas antes das provas, eles tinham estado lendo e escrevendo haicais, na classe de inglês. Haicais era o nome de uma forma de poesia japonesa, curta e disciplinada. Conforme havia dito a Sra. Douglas, um haicai só podia

ter dezessete sílabas de comprimento — nem mais e nem menos. Em geral, era concentrado em uma clara imagem, relacionada a uma emoção específica: tristeza, alegria, saudade, felicidade... amor.

Ben ficara profundamente fascinado pelo conceito. Apreciava as aulas de inglês, embora sua satisfação geralmente diminuísse, à medida que ela prosseguia. Fazia os deveres, mas estes não costumavam ter muita coisa que lhe prendesse a atenção. No entanto, *havia* algo no conceito do haicai que lhe incendiara a imaginação. A idéia o deixava feliz, da mesma forma como a explicação da Sra. Starrett sobre o efeito de estufa o fizera feliz. Ben sentia que o haicai era boa poesia, porque era uma poesia *estruturada.* Não havia regras secretas. Dezessete sílabas, uma imagem unida a uma emoção, e pronto. Bingo! Era uma poesia clara, utilitária e continha em si tudo quanto sua própria regra determinava. Ele até gostava da palavra, um jato de ar deslizando interrompido, como que sobre uma linha pontilhada, a sílaba "cai" soando bem no fundo da boca: *haicai.*

Os cabelos dela, pensou, e a viu descendo a escada da escola novamente, com a cabeleira oscilando sobre os ombros. O sol não apenas se refletia naquelas madeixas, como parecia queimá-las por dentro.

Escrevendo cuidadosamente por um período de vinte minutos (com uma interrupção para apanhar mais tiras de rascunho), eliminando as palavras muito compridas, modificando e suprimindo, Ben conseguiu isto:

Your hair is winter fire,
January embers.
My heart burns there, too.

(Seu cabelo é fogo do inverno, / Brasas de janeiro. / Meu coração também se queima nele. - N.da T.)

A poesia não o satisfez inteiramente, mas foi o melhor que pôde fazer. Receava que, se ficasse corrigindo muito, preocupando-se demais, acabaria confuso e fazendo algo muito pior. Ou não fazendo nada em absoluto. Não queria que isso acontecesse. O momento em que Beverly parará para dirigir-lhe a palavra à saída da escola, havia sido algo extraordinário e Ben queria gravá-lo na memória. Provavelmente ela gostava de algum garoto mais velho — um aluno do sexto, talvez do sétimo grau, e pensaria que o haicai lhe fora enviado por ele. Isso a deixaria feliz e ficaria marcado em sua lembrança o dia em que recebera a poesia. E, embora jamais ficasse sabendo que fora Ben Hanscom quem o mandara para ela, não tinha importância: *ele* saberia.

Copiou a poesia terminada nas costas do cartão-postal (escrevendo em letras de imprensa, como se fosse mais um bilhete de resgate do que um poema amoroso), tornou a guardar a caneta no bolso e enfiou o cartão na capa de *Carro envenenado.*

Levantou-se então, e despediu-se da Sra. Starrett, a caminho da saída.

— Até logo, Ben — respondeu ela. — Aproveite suas férias de verão, mas sem esquecer a hora do toque de recolher.

— Não esquecerei.

Cruzou o corredor envidraçado entre os dois prédios, apreciando o calor ali armazenado *(efeito de estufa,* pensou presumidamente), logo substituído pelo frescor da biblioteca dos adultos. Um velho lia o *News,* em uma das antigas e confortáveis poltronas estofadas na alcova da Sala de Leitura. A manchete logo abaixo do nome do jornal alardeava: DULLES

GARANTE A AJUDA DE TROPAS AMERICANAS AO LÍBANO SE NECESSÁRIO!

Havia também uma foto de Ike, apertando a mão de um árabe no Jardim das Rosas. A mãe de Ben havia dito que, quando o país elegesse Hubert Humphrey para Presidente em 1960, talvez as coisas entrassem novamente em movimento. Ben tinha uma vaga noção da existência de uma coisa chamada recessão, algo que estava em andamento, e que sua mãe tinha medo de perder o emprego.

Um cabeçalho menor, na metade inferior da página um, dizia: CONTINUA A CAÇADA POLICIAL AO PSICOPATA.

Ben empurrou a grande porta frontal da biblioteca e saiu.

Havia uma caixa para correspondência junto ao caminho cimentado da saída. Ben tirou o cartão-postal da capa do livro e o enfiou na caixa.Sentiu o coração acelerar ligeiramente as batidas, quando o cartão escorregou-lhe dos dedos. *E se, de algum modo, ela descobrir que fui eu?*

Não seja idiota, respondeu, um tanto alarmado pela dose de excitamento que a idéia provocara.

Subiu a Rua Kansas, mal percebendo para onde ia e não se importando em absoluto. Em sua mente começara a formar-se uma fantasia. Nela, Beverly Marsh caminhava em sua direção, com os olhos cinza-esverdeados muito abertos, os cabelos castanho-arruivados presos em um rabo-de-cavalo. *Eu quero fazer-lhe uma pergunta, Ben,* dizia em sua mente aquela garota faz-de-conta, *e você tem que jurar dizer a verdade.* Ela erguia no ar o cartão-postal. *Você escreveu isto?*

Era uma terrível fantasia. Era uma maravilhosa fantasia. Ele queria interrompê-la. Ele *não* queria interrompê-la. Seu rosto começava a queimar novamente.

Caminhando, sonhando e passando os livros da biblioteca de um braço para outro, ele começou a assobiar. *Você talvez ache que sou horrível,* disse Beverly, *mas eu acho que quero beijá-lo.* Os lábios dela entreabriram-se de leve.

De repente, os lábios de Ben ficaram secos demais para assobiar.

— Eu acho que quero que me beije — sussurrou.

Seus lábios esboçaram um sorriso idiota, trêmulo, e absolutamente belo. Se então houvesse olhado para o lado da calçada, teria visto aquelas outras três sombras que aumentavam à volta da sua. Se estivesse ouvindo, ouviria o som das botas ferradas de Victor quando, ele, Arroto e Henry chegaram bem perto. Contudo, Ben não via nem ouvia. Estava muito distante, sentindo os lábios de Beverly deslizarem maciamente sobre sua boca, enquanto ele erguia mãos tímidas para tocar o opaco fogo irlandês dos cabelos dela.

9

Como acontece em muitas cidades, grandes e pequenas, Derry não havia sido planejada — apenas foi crescendo. Em primeiro lugar, planejadores de cidades jamais a teriam localizado onde ela se situava. A zona comercial de Derry ficava em um vale formado pela corrente do Kendus-keag, o qual corria através do referido setor comercial em linha diagonal,de sudoeste para noroeste. O restante da cidade espalhara-se para os lados, subindo as encostas das colinas vizinhas.

O vale para onde tinham vindo os colonizadores originais da comunidade, havia sido pantanoso e coberto de forte vegetação. A corrente e o Rio Penobscot, no qual se esvaziava o Kenduskeag, eram um grande achado para mercadores, porém péssimo para quem plantava ou construía suas casas demasiado perto deles — o Kenduskeag em particular, porque produzia enchentes a cada três ou quatro anos. A cidade continuava

propensa a inundações, a despeito das vastas quantidades de dinheiro gastas nos últimos cinqüenta anos para controle do problema. Se as enchentes fossem causadas apenas pela corrente em si, um sistema de represas poderia ter resolvido o assunto. Havia, no entanto, outros fatores. As margens baixas do Kenduskeag eram um deles. Outro era a lentidão na drenagem de toda a área. Desde a virada do século, houvera muitas enchentes sérias em Derry, uma delas desastrosa, em 1931. Para piorar a situação, as colinas onde grande parte da cidade fora construída eram pontilhadas de pequenas correntes — a Corrente Torrault, onde tinha sido encontrado o corpo de Cheryl Lamonica, era uma delas. Durante períodos de fortes chuvas, todas elas transbordavam pelas margens. "Se chover duas semanas seguidas, a maldita cidade-represa pega uma sinusite", havia dito certa vez o pai de Bill Gaguinho.

O Kenduskeag era aprisionado em um canal de concreto com três quilômetros de comprimento, em sua passagem pelo centro comercial da cidade. Esse canal mergulhava sob a Rua Main, no cruzamento desta com a Rua do Canal, tornando-se um rio subterrâneo durante uns oitocentos metros, antes de retornar à superfície, já no Parque Bassey. A Rua do Canal, onde alinhava-se a maioria dos bares locais — como criminosos na fila de identificação da polícia — rorria paralelamente ao Canal, quando este saía da cidade. Dificilmente passavam algumas semanas sem que a polícia pescasse o carro de algum bêbado que caíra na água, uma água poluída ao máximo pelo despejo dos esgotos e restos das fábricas. De tempos em tempos capturavam-se peixes no canal, porém como mutantes indiscutíveis.

No lado noroeste da cidade — o lado em que ficava o Canal — o rio fora mais ou menos controlado e, a despeito das enchentes ocasionais, ali havia um florescente comércio. As pessoas costumavam passear junto ao canal, às vezes de mãos dadas (se o vento soprava na direçãocerta, evidentemente; se fosse na direção errada, o fedor tirava muito do romance de tais passeios), e no Parque Bassey, que ficava defronte do ginásio, no outro lado do Canal, às vezes havia acampamentos de escoteiros e churrascos de salsichas para os Lobinhos. Em 1969, os cidadãos ficariam chocados e repugnados ao descobrirem que, no parque, *hippies* (um deles chegara a costurar uma bandeira americana nos fundilhos, mas *essa* bicha desgraçada fora encanada antes que se pudesse piscar um olho) estavam fumando maconha e mercadejando pílulas. Por volta de 69, o Parque Bassey se tornara uma regular farmácia ao ar livre. *Esperem só para ver,* diziam as pessoas. *Alguém vai acabar morrendo lá, antes que se ponha um fim nisso.* E, naturalmente, alguém acabou morrendo — um rapazinho de dezessete anos foi encontrado morto ao lado do Canal, com as veias repletas de heroína quase pura. Depois disso, os viciados começaram a distanciar-se do Parque Bassey e, inclusive, havia comentários de que o fantasma do rapazinho passara a assombrar a área. Eram comentários idiotas, claro, mas se valiam para manter a distância os viciados e traficantes, pelo menos eram comentários idiotas *úteis.*

No lado sudoeste da cidade, o rio era uma fonte de problemas. Ali, as colinas haviam sido profundamente cortadas e abertas pela passagem da grande geleira, além de feridas pela interminável erosão produzida pelas águas do Kenduskeag e sua teia-de-aranha de afluentes. O fundamento rochoso do local aflorava em vários pontos, como ossos meio desenterrados de dinossauros. Empregados veteranos do Departamento de Obras Públicas da cidade sabiam que, em seguida à primeira forte nevada, era inevitável que bons trechos de calçada precisassem ser reparados no lado sudoeste de Derry. O concreto se contraía e rachava, de maneira que o leito rochoso subitamente aflorava através do piso, como se a terra estivesse chocando algo, cuja casca se rompia.

O que melhor brotava no solo superficial remanescente, eram plantas de sistemas radiculares rasos, de natureza teimosa — ervas daninhas e plantas enfezadas, em outras palavras: árvores raquíticas, arbustos baixos e abundantes em número, além de infestações virulentas de hera venenosa e sumagre venenoso, que cresciam por todo canto onde houvesse possibilidade de algo brotar. Era no sudoeste que a terra descia abruptamente para a área conhecida em Derry como os Barrens. Os Barrens (terrenos estéreis) — que podiam ser qualquer coisa, *menos* estéreis — eram um bagunçado trecho de terra com cerca de dois quilômetros de largurapor cinco de comprimento. Limitava-se com o setor alto da Rua Kansas por um lado e, pelo outro, com Old Cape. Old Cape abrangia um conjunto habitacional para pessoas de baixa renda, cujo sistema de esgotos era tão ruim, que corriam histórias a respeito de vasos sanitários e tubulações transbordando.

O Kenduskeag corria pelo centro dos Barrens. A cidade se alastrara para noroeste nos dois lados do rio, mas os únicos vestígios que ela deixara lá embaixo, eram a Estação de Bombeamento nº 3 de Derry (instalações municipais para bombeamento dos esgotos) e o Depósito de Lixo da Cidade. Em uma visão aérea, os Barrens pareciam uma grande adaga vèrdé, apontando para a zona comercial da cidade.

Para Ben, o significado de toda essa geografia conjugada com geologia era uma vaga percepção de que não havia mais casas agora, em seu lado direito: a terra ali caía bruscamente, em íngreme ladeira. Um desconjuntado gradil caiado, chegando mais ou menos à cintura, corria ao lado da calçada, em um gesto simbólico de proteção. Ele podia ouvir, vagamente, a água correndo; era a trilha sonora para a continuidade de sua fantasia.

Parando, ele olhou na direção dos Barrens, ainda imaginando os olhos dela, o cheiro de limpeza de seus cabelos.

Dali, o Kenduskeag era apenas uma série de reflexos, entrevistos através de clareiras na vegetação espessa. Alguns garotos diziam que lá havia mosquitos grandes como pardais, naquela época do ano; outros falavam de areias movediças, nas proximidades do rio. Ben não acreditava na história dos mosquitos, mas a idéia da areia movediça o assustava.

Ligeiramente à sua esquerda, podia ver uma nuvem de gaivotas voejando em círculos e mergulhando: a lixeira. Seus grasnidos chegavam fracamente até ele. Mais além, avistava a zona alta de Derry e o tetos baixos em Old Cape, na parte em que as casas ficavam mais próximas dos Barrens. À direita de Old Cape, apontando para o céu como esquálido dedo branco, ficava o Piezômetro de Derry. Diretamente abaixo dele, um enferrujado cano de esgoto projetava-se da terra, soltando água descolorida que escorria colina abaixo, em pequena torrente cintilante que desaparecia no emaranhado de árvores e arbustos.

A agradável fantasia de Ben sobre Beverly foi subitamente interrompida por outra, muito mais sombria: e se uma mão morta brotasse daquele cano de esgoto nesse momento, nesse segundo, enquanto ele estavaolhando? E se quando fosse procurar um telefone para chamar a polícia, um palhaço estivesse lá, em pé? Um palhaço esquisito, usando um traje frouxo, com enormes tufos alaranjados simulando botões? Supondo-se que...

Uma mão caiu sobre seu ombro e ele gritou.

Houve risadas. Ben girou o corpo, encolhendo-se contra a cerca branca entre a segura e saudável calçada da Rua Kansas e os selvaticamente confusos Barrens (o gradil rangeu de maneira audível), e então ele viu Henry Bowers, Arroto Huggins e Victor Criss, ali parados.

— Olá, Maminhas — disse Henry.

— O que é que você quer? — perguntou Ben, tentando parecer corajoso.

— Quero surrar você — respondeu Henry. Parecia considerar a perspectiva com sobriedade, até mesmo gravemente. Contudo, oh! seus olhos negros faiscavam. — Vou ensinar-lhe uma coisa, Maminhas. Você vai gostar. Aliás, você gosta de aprender coisas, não é mesmo?

Estendeu o braço. Ben mergulhou, evitando-o.

— Ei, vocês aí, segurem ele!

Arroto e Victor o agarraram pelos braços. Ben guinchou alto. Era um som covarde, um som de fraqueza, mas ele não pôde conter-se. *Por favor, Deus, não deixe que eles me façam chorar e não deixe que eles quebrem meu relógio,* pensou Ben, ferozmente. Ignorava se eles pretendiam ou não quebrar seu relógio, mas tinha certeza absoluta de que gritaria e choraria. Tinha certeza absoluta de que gritaria muito, antes que terminassem com, ele.

— Poxa, ele parece um porco gordo — disse Victor. Torceu o pulso de Ben. — Não dá a impressão de um porco grunhindo?

— Claro que dá — riu Arroto.

Ben tentou mergulhar primeiro para um lado, depois para o outro. Arroto e Victor o deixavam mover-se, quase o soltavam, mas depois o puxavam para trás. Henry puxou a frente de sua camisa grossa e a suspendeu, expondo-lhe a barriga. A camisa pendeu sobre o cinto de Ben, embolada.

— Vejam só que pança! — exclamou Henry, com admirada repugnância. — Como é que pode?

Victor e Arroto riram mais um pouco. Ben olhou em torno desespe-radamente, em busca de socorro. Não via ninguém. Atrás dele, nos baixos dos Barrens, grilos encruavam e gaivotas grasniam.— É melhor que parem com isto! — falou. Ainda não estava chorando, mas só por enquanto. — É melhor que parem!

— E se não pararmos? — perguntou Henry, como que sinceramente interessado. — O que vai fazer, Maminhas? O que, hein?

De repente, Ben viu-se pensando em Broderick Crawford, que encarnava Dan Matthews em *Patrulha rodoviária* — aquele bastardo era *durão,* aquele bastardo *era fogo,* aquele bastardo não levava desaforo para casa — e então prorrompeu em lágrimas. Dan Matthews teria atirado estes caras por cima da cerca, lá para baixo, para o matagal emaranhado. Faria isso empurrando-os com a barriga.

— Ei, vejam só o bebê-chorão! — cantarolou Victor, rindo.

Arroto começou a rir também. Henry apenas sorriu e seu rosto ainda mantinha aquela expressão grave, pensativa — de certa forma, quase de tristeza. Ben ficou amedrontado ao percebê-la. Aquilo sugeria que talvez Henry estivesse pensando em algo mais do que apenas surrá-lo.

Como para confirmar tal idéia, Henry enfiou a mão no bolso do jeans e, ao tirá-la, segurava um canivete.

O terror de Ben explodiu. Tinha contorcido o corpo inutilmente, de um lado para outro; agora, de súbito, mergulhou em linha reta para diante. Por um momento, acreditou que se libertara. Suava profusamente e os garotos que lhe seguravam os braços sentiam a pele escorregadia. Arroto conseguiu firmar-lhe o punho direito, mas por pouco tempo. Ben livrou-se inteiramente de Victor. Mais um mergulho e...

Antes de poder avançar, Henry adiantou-se e deu-lhe um empurrão. Ben tropeçou para trás. A cerca rangeu mais audivelmente agora e ele a sentiu ceder um pouco sob seu peso. Arroto e Victor tornaram a agarrá-lo.

— Segurem com força — disse Henry. — Ouviram bem?

— Certo, Henry — disse Arroto. Parecia algo nervoso. — Ele não escapole mais. Não se preocupe.

Henry avançou, até seu estômago achatado quase tocar o ventre de Ben. Ben olhou fixamente para ele, as lágrimas caindo em torrentes de seus olhos arregalados. *Ferrado! Estou ferrado!* gritou uma parte de sua mente. Ele tentou calá-la — não conseguia racionar, com aquela gritaria continuando — mas nada se calou. *Ferrado! Ferrado! Ferrado!*

Henry fez saltar a lâmina do canivete, comprida e larga, com seu nome gravado. A ponta cintilou à última claridade do sol no fim de tarde.

— Agora, vou fazer um teste em você — anunciou Henry, com a mesma voz pensativa. — É hora de prova, Maminhas, é bom que esteja preparado.

Ben chorou. Seu coração martelava loucamente no peito. O catarro escorria de seu nariz, amontoando-se sobre o lábio superior. Seus livros da biblioteca jaziam espalhados no chão, junto de seus pés. Henry tropeçou em *Bulldozer,* olhou para baixo e o chutou para a sarjeta, com um movimento de banda de sua bota negra de engenheiro.

— Aqui vai a primeira pergunta de sua prova, Maminhas. Quando alguém diz "Deixe-me copiar", durante os exames finais, o que você irá responder?

— Que está bem! — exclamou Ben, de imediato. — Vou dizer que tudo bem! Certo! Okay! Copie tudo o que quiser!

A ponta do canivete avançou por cinco centímetros de ar e pressionou o estômago de Ben. Era fria como uma bandeja de cubos de gelo, acabada de sair da geladeira. Ben encolheu o estômago para fugir ao contato. Por um momento, o mundo ficou cinza. A boca de Henryse movia, mas Ben não entendia o que ele dizia. Henry era como uma televisão com o som desligado, enquanto o mundo girava... girava...

Não ouse desmaiar! gritou a esganiçada voz mental, em pânico. *Se desmaiar, ele pode ficar furioso o suficiente para matá-lo!*

O mundo retornou, mais ou menos em foco. Ben viu que Arroto e Victor haviam parado de rir. Pareciam nervosos... quase com medo. Perceber aquilo, teve o efeito de uma bofetada, clareando-lhe a mente. *De uma hora para outra, eles não sabem o que ele vai fazer ou até onde pode ir. Por pior que se imagine as coisas, na realidade elas são ruins... talvez até bem piores. Você precisa pensar. Se nunca pensou antes ou nunca mais pensará, é melhor pensar agora. Porque os olhos dele dizem que há motivo para os outros dois garotos parecerem nervosos. Os olhos dele dizem que ele está doido varrido.*

— Deu a resposta errada, Maminhas — disse Henry. — Se for *qualquer um* dizendo "deixe-me copiar", estou me fodendo para o que você fizer. Morou?

— Morei — respondeu Ben, com a barriga sacudindo-se pelos soluços. — Morei, sim.

— Muito bem. Aquela foi a resposta errada, mas ainda faltam as perguntas importantes. Pronto para elas?— Acho... acho que sim.

Um carro rodou lentamente para eles. Era um empoeirado Ford 51, com um casal de velhos no banco dianteiro, parecendo um par de negligenciados manequins de loja de departamentos. Ben viu que o velho virava a cabeça vagarosamente em sua direção. Henry chegou mais para perto, escondendo o canivete. Ben podia sentir a ponta da lâmina, picando sua carne logo acima do umbigo. Continuava fria. Não entendia como era possível, mas estava fria.

— Vamos, grite! — instigou Henry. — Grite e estará jogando suas tripas nojentas para fora das calças.

Estavam próximos o suficiente para um beijo. Ben podia sentir o cheiro adocicado de chiclete de fruta no hálito de Henry. O carro passou por eles e continuou descendo a Rua Kansas, tão devagar e manso, como o ritmo do carro que impunha a velocidade do desfile na Parada das Rosas.

— Muito bem, Maminhas, vamos à segunda pergunta. Se *eu* dissesse "Deixe-me copiar", durante as provas finais, o que *você* diria?

— Pode copiar! Eu diria pode copiar! Agora mesmo! Henry sorriu.

— Boa resposta. Deu a resposta certa, Maminhas. E agora, lá vai a terceira pergunta: como posso ter certeza de que nunca esquecerá isso?

— Eu... eu não sei — sussurrou Ben.

Henry. sorriu novamente. Seu rosto iluminou-se e, por um momento, ele ficou quase simpático.

— Pois eu sei! — exclamou, como se houvesse descoberto uma grande verdade. — Eu sei, Maminhas! Vou esculpir meu nome em sua pança gorda!

De repente, Victor e Arroto recomeçaram a rir. Por um momento, Ben sentiu uma espécie de perplexo alívio, pensando que tudo não passara de um faz-de-conta — um pequeno susto que os três haviam combinado, a fim de deixá-lo apavorado. Henry Bowers, contudo, não estava rindo. Subitamente, Ben compreendeu que Victor e Arroto riam por estarem *aliviados*. Para eles dois, Henry não devia estar falando sério. Exceto que *estava mesmo.*

O canivete deslizou para cima, suave como manteiga. O sangue surgiu em uma brilhante linha vermelha, sobre a pele pálida de Ben.

— Ei! — exclamou Victor.

Sua voz saiu amortecida e ele engoliu em seco, assustado.— Segurem ele firme! — rosnou Henry. — Façam o que estou dizendo, ouviram bem?

No rosto dele agora nada mais havia de grave ou reflexivo; era a cara contorcida de um demônio.

— *Pelo amor de Deus, Henry, não corte ele de verdade!* — exclamou Arroto, e sua voz era aguda, quase como a de uma menina.

Tudo então aconteceu muito depressa, mas para Ben Hanscom pareceu demorar séculos; foi como uma série de rápidos instantâneos fotográficos, semelhante a fotos de ensaio sobre ação imóvel, em uma revista *Life.* O pânico de Ben desaparecera. De repente, ele descobria algo dentro de si e, como esse algo não tinha utilidade para o pânico, simplesmente o comeu.

No primeiro instantâneo, Henry lhe puxava a camisa grossa para cima bruscamente, até os mamilos. O sangue porejava do raso corte vertical, logo acima do umbigo.

No segundo instantâneo, Henry tornava a puxar o canivete para baixo, em um gesto rápido, como um cirurgião de batalha lunático, operando debaixo de um bombardeio aéreo. Mais sangue fluiu.

Para trás, pensou Ben friamente, enquanto o sangue escorria para baixo, empoçando-se entre o cós das calças e sua pele. *Tenho que recuar. É a única direção que me resta.* Arroto e Victor não o seguravam mais. A despeito da ordem de Henry, eles haviam recuado. Tinham recuado por causa do horror. No entanto, se ele corresse, Bowers o alcançaria.

No terceiro instantâneo, Henry ligou os dois cortes verticais por uma linha horizontal. Ben podia sentir o sangue agora escorrendo para dentro de sua cueca, e uma pegajosa trilha de lesma escorregava por sua coxa esquerda.

Henry inclinou-se para trás momentaneamente, de testa franzida, com a estudiosa concentração de um artista pintando uma paisagem. *Depois do H vem o E,* pensou Ben, e isso foi o quanto bastou para pô-lo em movimento. Avançou ligeiramente e Henry tornou a empurrá-lo para trás. Ben empurrou também com as pernas, acrescentando sua própria força à de Henry. Colidiu no gradil caiado entre a Rua Kansas e o declive íngreme para os Barrens. Quando fez isso, ergueu o pé direito e o plantou no estômago de Henry. Não era um ato de retaliação; Ben queria apenas aumentar sua força para recuar. No entanto, ao ver a expressão de profunda surpresa no rosto do outro, ficou impregnado de viva e selvagemalegria — uma sensação tão intensa que, por uma fração de segundo, o pensamento mais forte em sua cabeça foi de sair correndo.

Houve então um estalido, o som de madeira do gradil estilhaçando-se. Ben viu que Victor e Arroto seguravam Henry, antes que ele caísse sentado na sarjeta, perto dos restos de *Bulldozer,* e logo em seguida teve início sua queda para trás, no espaço. De sua garganta escapou um grito que era meio gargalhada.

Ben aterrou no declive com as costas e as nádegas, logo abaixo do cano de esgoto que localizara antes. Foi bom ter aterrado abaixo do cano, porque se caísse em cima dele, bem poderia ter quebrado as costas. Assim, pousava em sua espessa almofada de ervas e samambaias, mal sentindo o impacto. Houve uma cambalhota ao contrário, com os pés e pernas passando aciína de sua cabeça. Terminou a cambalhota sentado e continuou deslizando ladeira abaixo, de costas, como uma criança em um gigantesco escorrega verde. A camisa grossa enrolara-se em volta do pescoço, suas mãos estendiam-se para pontos de apoio, mas nada conseguiam senão aferrar tufos após tufos de samambaias e capim silvestre.

Via o alto do barranco (parecia impossível que acabasse de estar lá no alto) recuando com uma louca velocidade de desenho animado. Viu Victor e Arroto, de rostos semelhantes e redondos ós brancos, os olhos fixos voltados para baixo, acompanhando sua queda. Ele teve tempo para lamentar seus livros tomados na biblioteca. Depois se chocou contra algo, com força alucinante, e mordeu metade da língua.

Era uma árvore tombada e cortou a queda de Ben, quase lhe fraturando a perna esquerda. Ele tentou subir a encosta um pouquinho, aferrando-se ao solo com dedos engalfinhados, enquanto puxava a perna, libertando-a com um grunhido. A árvore o detivera na metade da ladeira. Para baixo, o matagal era mais espesso. A água que caía do esgoto escorria por suas mãos em débeis filetes.

Soou um grito estridente acima dele. Ben tornou a erguer os olhos e viu Henry Bowers, que descia como que voando pelo declive, o canivete seguro entre os dentes. Ele aterrou nos dois pés, o corpo jogado para trás, em ângulo bastante agudo, para não perder o equilíbrio. Escorregou para baixo, até terminar em um sulco formado por duas gigantescas pegadas, em seguida começando a descer a encosta, em uma série de desengonçados saltos de canguru.

— *Eu oou matar cêê, Inhas!* — guinchou Henry em torno do canivete.Ben não precisou de um tradutor das Nações Unidas, para saber que Henry dizia *Eu vou matar você, Maminhas!*

— *Eu oou matar cêê, seu odido!*

Agora, com aquele frio olho de general que ele descobrira lá em cima, na calçada, Ben viu o que tinha a fazer. Conseguiu levantar-se pouco antes da chegada de Henry, que empunhava o canivete e o mantinha apontado na frente do corpo, como uma baioneta. Ben estava perifericamente cônscio de que a perna esquerda de seu jeans estava rasgada e que sua perna sangrava muito mais do que o estômago... mas ela suportava seu peso e isto significava que não se fraturara. Pelo menos, assim ele *esperava.*

Agachou-se ligeiramente para manter o precário equilíbrio e, tão logo Henry o agarrou com uma das mãos e fez o canivete desferir um arco longo e aberto com a outra, jogou o corpo de lado. Perdeu o equilíbrio, mas enquanto caía, estirou a perna esquerda rasgada. As canelas de Henry colidiram na perna e a rasteira o fez perder o equilíbrio, com grande eficiência. Por um momento, Ben ficou boquiaberto, o terror sobrepujado por uma mescla de temor e admiração. Henry Bowers parecia estar voando, exatamente como o Super-homem, acima da árvore caída que detivera Ben. Os braços estavam estirados à frente do corpo, da maneira como George Reeves os estirava, no programa de televisão. Apenas George Reeves sempre deixava a impressão de que voar era algo tão natural como tomar banho ou almoçar no alpendre dos fundos. Henry, ao contrário, dava a impressão de que alguém lhe enfiara um atiçador em brasa no traseiro. Ele abria e fechava a boca. Um fio de saliva escapou-lhe por um canto e, enquanto Ben olhava, achatou-se contra o lóbulo da orelha de Henry.

Então, Henry colidiu com o chão. O canivete lhe voou da mão. Ele rolou sobre um ombro, ficou de costas e deslizou para o matagal, com as pernas abertas em V. Houve um grito. Um baque. Depois o silêncio.

Ben ficou sentado, aturdido, olhando para os arbustos emaranhados, onde Henry fizera seu ato de desaparecimento. De repente, pedras e seixos começaram a rolar do alto até ele. Olhou para cima. Victor e Arroto vinham descendo o declive. Moviam-se com mais cautela do que Henry, portanto, mais devagar, mas em trinta segundos o alcançariam, talvez até menos, se não tomasse alguma providência.

Ben gemeu. Quando terminaria aquela loucura?

De olho neles, passou por sobre a árvore tombada e começou a rastejar para baixo, ofegando fortemente. Sentia uma pontada no lado do corpo. Sua língua doía como o diabo. Os arbustos agora eram quase tão altos quanto ele. O luxuriante cheiro verde de mato crescendo desordenadamente, encheu suas narinas. Podia ouvir água correndo em algum ponto próximo, caindo sobre pedras e rumorejando entre elas.

Falseou o pé e lá se foi novamente, rolando e deslizando, amassando o dorso da mão contra uma pedra saliente, gritando ao varar um trecho de espinheiros que arrancaram tufos cinza-azulados do algodão de sua camisa e diminutas estrias de carne em suas mãos e faces.

Finalmente houve um súbito estacionamento e ele se viu sentado, com os pés enfiados na água. Ali havia uma pequena corrente encurvada, que seguia para um espesso maciço de árvores à direita, um lugar que parecia tão escuro como uma caverna. Olhando para a esquerda, viu Henry Bowers jazendo de costas no meio da corrente. Os olhos meio abertos mostravam apenas as escleróticas. O sangue gotejava de um ouvido e corria na direção de Ben, em delicados filetes.

Oh, meu Deus, eu o matei! Oh, meu Deus, sou um assassino! Oh, meu Deus!

Esquecendo que Arroto e Victor estavam atrás dele (ou talvez compreendendo que os dois perderiam qualquer interesse em acabar com a sua raça, ao descobrirem que seu Líder Intemerato estava morto), Ben seguiu chapinhando corrente acima, por uns seis metros, até onde Henry jazia — a camisa em tiras, os jeans negros de sujeira, um pé descalço. Tinha uma vaga noção de que bem pouco sobrara de suas roupas e que seu corpo era um amontoado difuso de vergões e dores. O pior era o tornozelo esquerdo; já inchara dentro do tênis encharcado e doía tanto que, em realidade, ele não caminhava mais, e sim gingava como marinheiro em terra firme pela primeira vez, após um longa viagem marítima.

Inclinou-se sobre Henry Bowers. Os olhos de Henry abriram-se de todo e ele agarrou a perna de Ben, com uma mão esfolada e sangrenta. Moveu a boca e, embora

dela só emergisse uma série de sibilantes aspirações, Ben *ainda* pôde entender o que ele dizia: *Mato você, seu bosta gorda.*

Henry tentava levantar-se, usando a perna de Ben como arrimo. Ben recuou freneticamente. A mão de Henry deslizou para baixo, depois o largou. Ben recuou aos tropeções, agitando os braços, antes de cair sentado uma terceira vez nos últimos quatro minutos, quebrando um recorde. Também tornou a morder a língua. A água espadanou à sua volta.Um arco-íris cintilou momentaneamente diante de seus olhos. Ben estava se fodendo para um arco-íris e estava se fodendo quanto a encontrar um caldeirão de ouro. Tinha que salvar sua infeliz vida de gordo.

Henry rolou sobre o corpo. Tentou erguer-se. Tornou a cair. Conseguiu ficar de gatinhas. Finalmente, levantou-se sobre pernas vacilantes. Fitou Ben com aqueles olhos negros. A parte frontal de seus cabelos agora agitava-se para um lado e para outro, como milharal numa ventania.

Ben ficou subitamente zangado. Não — ficou mais do que zangado. Estava *furioso.* Viera caminhando com os livros da biblioteca debaixo do braço, saboreando um inocente devaneio sobre beijar Beverly Marsh, não se metendo com a vida de ninguém. No entanto, acontecia isto. Era o *fim.* Calças em frangalhos. O tornozelo esquerdo talvez quebrado, sem dúvida houvera uma entorse. A perna toda cortada, a língua toda cortada, o monograma de Henry Bowers em seu estômago. O que me dizem dessa loucura toda, fãs do esporte? Contudo, foi provavelmente a lembrança dos livros da biblioteca, pelos quais era responsável, que o levou a acusar Henry Bowers. Os livros perdidos da biblioteca e a imagem mental de como estariam desaprovadores os olhos da Sra. Starrett, quando lhe contasse. Fosse qual fosse o motivo — dores, cortes, livros da biblioteca ou até o pensamento do encharcado e talvez ilegível cartão de inscrição, em seu bolso traseiro, — era suficiente para instigá-lo a mover-se. Avançou com esforço, os tênis chapinhando na água rasa. Então, deu um chute certeiro nos colhões de Henry.

O grito de Henry foi tão agudo e dilacerante, que pássaros voaram assustados das árvores. Ele ficou de pernas abertas um instante, as mãos apertadas contra as virilhas, fitando Ben com incredulidade.

— Aiii! — exalou em voz fraca.

— Correto — disse Ben.

— Aiii! — soltou Henry de novo, em voz ainda mais baixa.

— Correto — repetiu Ben.

Henry caiu lentamente de joelhos — ou melhor, dobrou-se sobre eles, ainda fitando Ben com aquele ar de incredulidade.

— Aiii...

— Correto *pra cacete* — disse Ben.

Henry caiu de banda, ainda aferrado aos testículos, e começou a rolar lentamente de um lado para outro.— Aiii! — gemeu. — Meu saco!... Aiii! Oh, você espatifou meu saco! Ai, aiii! — Agora começava a ganhar um pouco de força e Ben foi recuando, um passo de cada vez. Sentia-se enojado pelo que fizera, mas também tomado de uma espécie de justo e paralisante fascínio. — *Aiii!...* — meu maldito saco! — Ai, *AIII!!!* — oh, meu maldito *SACO!*

Ben podia ter ficado ali por um período indefinido — talvez até Henry recuperar forças suficientes para caçá-lo — mas então uma pedra acertou sua cabeça acima da orelha direita, levando-o a pensar que fora picado por uma vespa, mas só até sentir o sangue morno fluir novamente.

Virando-se, viu os outros dois garotos vindo em sua direção, pelo meio da corrente. Cada um tinha um punhado de pedras arrendondadas pelo atrito da água. Victor

jogou uma, e Ben a ouviu assobiar junto a seu ouvido. Agachou-se, e outra atingiu seu joelho direito, arrancando-lhe um grito surpreso de dor. Uma terceira acertou a face direita, enchendo-lhe os olhos de água.

Caminhando com dificuldade para a outra margem, ele a escalou o mais rápido que pôde, agarrando-se a raízes salientes e punhados de folhagens dos arbustos. Chegou ao alto (uma última pedrada acertou seu traseiro, ao içar-se) e atirou um rápido olhar para trás, sobre o ombro.

Arroto ajoelhava-se ao lado de Henry, enquanto Victor se postara uns três metros mais atrás, jogando pedras. Uma delas, do tamanho de uma bola de beisebol, passou através dos arbustos da altura de um homem, ao lado de Ben. Ele já vira o suficiente; de fato, vira mais do que o suficiente. O pior de tudo é que Henry Bowers levantava-se outra vez. Como o próprio Timex de Ben, Henry podia levar uma pancada e continuar funcionando. Virando-se, Ben abriu caminho entre os arbustos. Caminhou rastejando em uma direção que imaginou ser oeste. Se pudesse cruzar para o lado do Old Cape, nos Barrens, conseguiria que alguém lhe desse uma moeda e voltaria de ônibus para casa. Quando chegasse lá, trancaria bem a porta e enterraria aquelas esfarrapadas roupas ensa-güentadas no lixo e finalmente estaria terminado este sonho louco. Ben imaginou-se sentado em sua poltrona na sala de estar, recém-saído de um banho de banheira, usando seu robe vermelho e felpudo, vendo desenhos animados de Daffy Ducíc, no programa *The Mighty Ninety,* enquanto be-bia leite com sabor de morango através de um canudinho de palha. *Apegue-se a essa idéia,* disse sombriamente para si mesmo e continuou rastejando para diante.Galhos de arbustos batiam em seu rosto e Ben os empurrava a um lado. Espinhos o alcançavam e perfuravam, o que ele tentou ignorar. Chegou a uma área achatada de terreno, que era negra e macia. Um maciço espesso de bambus espalhava-se através dela e, do solo, subia um cheiro fétido. Um pensamento terrível

(areia movediça)

deslizou no fundo de sua mente como uma sombra, quando reparou no brilho da água estagnada que havia entre o bambuzal. Ben não queria ir lá. Mesmo que não houvesse areia movediça, a lama arrancaria seu tênis dos pés. Dobrou para a direita, correndo ao longo da frente do bambuzal e finalmente alcançou um trecho de árvores.

Em sua maioria pinheiros, as árvores multiplicavam-se, crescendo em toda parte, batalhando entre si por um pouco de espaço e sol, porém ali havia menos arbustos e plantas de pequeno porte, o que lhe permitia avançar com mais facilidade e rapidez. Não tinha mais certeza do rumo que seguia mas, de certa forma, achava-se ainda um pouco à frente naquele jogo. Os Barrens eram circundados por Derry em três lados, limitando-se no quarto com a extensão de estrada de pedágio ainda por terminar. Cedo ou tarde, ele teria que chegar a *algum lugar.*

Seu estômago latejava dolorosamente e ele suspendeu os restos da camisa grossa de algodão, para dar uma espiada. Pestanejou e exalou um jato sibilante de ar por entre os dentes. Sua barriga assemelhava-se a uma grotesca bola de árvore de Natal, pintalgada de sangue vermelho coagulado e manchas verdes, pelo escorregão no declive. Tornou a baixar a camisa. Se continuasse olhando para aquela nojeira, terminaria vomitando o almoço.

Nesse momento, ele ouviu um zumbido surdo à frente — era uma nota fixa, pouco acima do alcance grave de sua audição. Um adulto, interessado apenas em cair fora dali (os mosquitos agora tinham descoberto Ben e, embora não tão grandes como pardais, eram enormes), teria ignorado o ruído, talvez nem mesmo o ouvisse. Entretanto, Ben era um menino e começava a controlar seu medo. Encaminhou-se para a esquerda, embrenhando-se entre alguns loureiros de baixa altura. Além deles, apontando no chão,

ele viu um metro de um cilindro de cimento, com cerca de metro e meio de largura. Era coberto por um tampão gradeado de bueiro. No tampão estavam impressas as palavras DEP. DE ESGOTOS DE DERRY. O som — àquela distância, era mais um ruído distinto do que um zumbido — vinha de algum lugar, bem lá no fundo.

Ben grudou um olho ao gradeado, mas nada viu. Podia ouvir aquele ruído e água correndo lá embaixo, em algum lugar, mas era tudo. Respirou, inspirou um cheiro azedo que tanto tinha de umidade como de fezes, e recuou o rosto, sobressaltado. Era um esgoto, nem mais nem menos. Talvez uma combinação de esgoto e túnel para escoamento de água — havia muitos assim, naquela cidade cônscia de suas inundações. Nada de estranhar. No entanto, aquilo o deixara esquisitamente arrepiado. Parte do tubo indicava o trabalho-manual do homem naquela selva intrincada, mas Ben supôs que uma outra parte daquilo era o próprio formato da coisa em si — aquele cilindro de concreto, apontando para fora do chão. Ben tinha lido *A máquina do tempo,* de H.G. Wells no ano anterior, primeiro na versão dos Clássicos em Quadrinhos, depois o livro integral. Aquele cilindro, com seu tampão de ferro, era capaz de recordar-lhe os poços que desciam para o país dos encurvados e terríveis morlocks.

Afastou-se dali rapidamente, tentando rumar de novo para oeste. Chegou a uma pequena clareira e girou, até sua sombra ficar diretamente às suas costas. Então, avançou em linha reta.

Cinco minutos mais tarde, tornava a ouvir ruído de água correndo à sua frente, depois vozes. Vozes de crianças.

Parou para ouvir, e foi quando ouviu o barulho de galhos quebrados e outras vozes mais atrás. Estas eram perfeitamente identificáveis. Eram as vozes de Victor, Arroto e também do odiado Henry Bowers.

Segundo parecia, o pesadelo ainda não terminara.

Ben olhou em torno, procurando um lugar onde esconder-se.

10

Ben emergiu de seu esconderijo umas duas horas mais tarde. Estava mais sujo do que nunca, porém um pouco refeito. Por incrível que pudesse parecer, até tinha cochilado.

Quando ouviu os três garotos à sua retaguarda, ainda em sua perseguição, Ben por pouco não ficou congelado de pavor, como um animal apanhado em cheio pelos faróis de um caminhão aproximando-se. Uma paralisante sonolência começou a invadi-lo. A idéia de simplesmente deitar-se, enovelado como um ouriço-cacheiro, e deixar que fizessem dele o quebem quisessem, tinha de ocorrer-lhe. Era uma idéia louca, mas também parecia uma idéia estranhamente *boa.*

Contudo, em vez disto, Ben começou a avançar para o som da água corrente e daquelas outras crianças. Tentou desemaranhar suas vozes e ouvir o que diziam — qualquer coisa para sacudir aquela apavorante paralisia do espírito. Algum projeto. Elas falavam de algum projeto. Uma ou duas vozes até eram algo familiares. Houve um chapinhar de água, seguido por um acesso de risos satisfeitos. Os risos encheram Ben de idiota nostalgia, tornando-o mais cônscio de sua perigosa posição, do que qualquer outra coisa já conseguira.

Se ia mesmo ser agarrado, não havia necessidade de deixar que aquelas crianças recebessem uma dose de seu próprio remédio. Dobrou novamente para a direita. Como

muitas pessoas pesadas, Ben tinha pisadas extraordinariamente leves. Passou bem perto dos meninos, a ponto de ver-lhes as sombras movendo-se de um lado para outro, entre ele e a água brilhante, porém nenhum deles o viu ou ouviu. Aos poucos, suas vozes foram ficando para trás.

Chegou a uma trilha estreita, tão palmilhada, que ficara marcada em terra batida. Considerou-a por um instante, depois abanou a cabeça ligeiramente. Cruzou-a e tornou a embrenhar-se no mato. Moveu-se mais devagar agora, antes empurrando os arbustos para os lados, do que irrompendo através deles. Continuava a mover-se, mais ou menos em linha paralela à corrente em cuja margem os garotos brincavam. Mesmo por entre os arbustos e árvores à sua volta, podia ver que era bem mais larga do que aquela em que ele e Henry tinham caído.

Ali havia outro daqueles cilindros de concreto, quase invisível entre um emaranhado de amoras-pretas trepadeiras, cantarolando quietamente para si mesmo. Mais além, uma rampa descia até a corrente e, ali, um olmo inclinava-se torcidamente para a água. Suas raízes, meio expostas pela erosão da margem, pareciam um punhado confuso de cabelos sujos de terra.

Esperando que não houvesse insetos ou cobras, mas cansado demais e entorpecidamente amedrontado para dar muita importância, Ben aninhou-se entre as raízes, passando para uma pequena caverna sob elas. Recostou-se ao fundo. Uma raiz apontava para ele, como um dedo zangado. Mudou ligeiramente de posição e ela o suportou muito bem.

Ali vinham Henry, Arroto e Victor. Pensava que poderiam ser ludibriados, seguindo pela trilha, mas não tivera tanta sorte. Os três pararam junto do olmeiro por um momento — tão perto, que Ben poderia estirar o braço e tocá-los.

— Aposto como aqueles idiotinhas mais atrás o viram — disse Arroto.

— Muito bem," vamos confirmar — replicou Henry.

Os três voltaram por onde tinham vindo. Momentos mais tarde, Ben ouviu Henry perguntar, em um rugido:

— Que porra é essa que vocês estão fazendo aqui?

Houve uma espécie de resposta, mas Ben não conseguiu distinguir, porque as crianças estavam muito distantes, e o rio tão próximo — tinha que ser o Kenduskeag, claro — era barulhento demais. Contudo, achou que as crianças pareciam amedrontadas. Ben compreendia aquele medo.

Foi então que Victor Criss berrou algo que Ben não entendeu em absoluto:

— Que porra de tanque de pirralho!

Tanque de pirralho? *Sangue* de pirralho? Ou talvez Victor houvesse dito "Que porra de sangue pra caralho", e ele não o ouvira direito.

— Vamos desmanchar! — propôs Arroto.

Houve gritos de protesto, seguidos por um grito de dor. Alguém começou a chorar. Sim, Ben compreendia aquilo. Eles não haviam conseguido agarrá-lo (ou, pelo menos, ainda não), mas ali havia um bando de crianças pequenas, nas quais desabafavam sua fúria.

— Isso mesmo, vamos desmanchar — disse Henry.

Tapas. Gritos. Grandes acessos de riso de Arroto e Victor. Um grito agoniado e injuriado de uma daquelas crianças.

— Não me venha com essa, seu bichinha gago — disse Henry Bowers. — Não vou levar desaforo de mais ninguém hoje!

Houve um estalo de algo se quebrando. O som de água correndo com ímpeto, corrente abaixo, ficou mais alto e rugiu brevemente, antes de aquietar-se para seu plácido

rumorejar anterior. Ben compreendeu de repente. O que Victor tinha dito era mesmo tanque de pirralhos. As crianças — duas ou três pareciam ter comentado quando ele passava perto — haviam construído uma represa. Henry e seus amigos tinham acabado de destruí-la. Ben chegou a pensar que conhecia um dos garotos. Era o único "bichinha gago" que conhecia da Escola de Derry — Bill Denbrough, aluno da outra sala do quinto grau.— Você não podia fazer isso! — gritou uma voz amedrontada e estridente. Ben também a identificou, embora não a ligasse à pessoa imediatamente. — Por que fez isso?

— Porque quis, seus merdas! — rugiu Henry.

Houve um som de sonoro tapa, logo seguido por um grito de dor. O grito foi acompanhado por choro.

— Cale a boca! — gritou Victor. — Pare de chorar ou puxo suas orelhas e amarro elas em volta de seu queixo!

O choro foi substituído por uma série de fungadelas sufocadas.

— Nós já vamos — disse Henry, — mas antes de irmos, quero saber uma coisa. Vocês viram um garoto gordo, nestes últimos dez minutos? Um garoto muito gordo, todo sujo de sangue e machucado?

Houve uma resposta, breve demais, para ser qualquer coisa além de "não".

— Tem certeza? — perguntou Arroto. — É melhor ter, boca-mole.

— E-e-eu t-tenho c-c-certeza - replicou Bill Denbrough.

— Vamos embora — disse Henry. — Ele provavelmente vadeou o rio para outro lado.

— Muito bem, garotos, tchau — disse Victor Criss. — Era mesmo um tanque de pirralhos, acreditem. Foi melhor ficarem sem ele.

Sons de chapinhado na água. A voz de Arroto tornou a soar, só que agora mais distante. Ben não podia distinguir as palavras. De fato, ele não *queria* distinguir as palavras. Um som mais próximo, indicava que recomeçaria o choro do garoto. Houve ruídos de outro garoto, procurando consolá-lo. Ben decidiu que eram apenas dois, Bill Gaguinho e o chorão.

Ficou meio sentado, meio deitado onde estava, ouvindo os dois garotos falando junto ao rio, bem como os sons distantes de Henry e seus amigos brutamontes, dirigindo-se para o lado oposto dos Barrens. Um raio de sol bateu em seus olhos e produziu pequenas moedas de luz nas raízes enoveladas, acima e à sua volta. Ali era sujo, mas também aconchegante... e seguro. O som da água corrente era calmante. Mesmo o som da criança chorando tinha um toque de balsâmico. Suas dores esmaeceram para um latejar surdo, e os ruídos dos brutamontes haviam desaparecido por completo. Esperaria ali algum tempo, até ter certeza de que eles não voltariam. Então, veria o que fazer.Ben podia ouvir o pulsar dos mecanismos de drenagem, transmitindo-se através da terra — podia até mesmo senti-lo: uma vibração surda e fixa, brotando do chão para a raiz contra a qual se reclinava e depois para suas costas. Tornou a pensar nos morlocks e em sua carne nua; imaginou que ela teria o cheiro'daquele ar úmido, impregnado de fezes, que escapara pelas grades do tampão de ferro do bueiro. Pensou em seus poços, cavados bem fundo na terra, poços com escadas enferrujadas presas aos lados. Cochilou e, a certa altura, seus pensamentos transformaram-se em um sonho.

11

Não foi com os morlocks que ele sonhou. Sonhou com o que lhe acontecera em janeiro, aquilo que não tinha sido capaz de contar à sua mãe.

Era o primeiro dia de aulas após a prolongada folga do Natal. A Sra. Douglas pedira um voluntário para ficar depois da saída, a fim de ajudá-la a contar os livros que haviam sido entregues pouco antes dos feriados. Ben levantara a mão.

— Obrigada, Ben — havia dito a Sra. Douglas, oferecendo-lhe um sorriso tão radioso, que o aquecera até os dedos dos pés.

— Puxa-saco — comentara Henry Bowers, em um sussurro. Aquele era o tipo do dia invernal no Maine, que tanto podia servir para o melhor como para o pior: sem nuvens, extremamente límpido, mas tão frio, que chegava a ser um pouco assustador. Para piorar aquela temperatura de doze graus negativos, havia um vento forte que tornava o frio ainda mais penetrante.

Ben contou os livros e indicou a quantidade; a Sra. Douglas anotou-a (não se preocupando em confirmar a contagem, mesmo ao acaso, o que ele notou com orgulho), e então os dois levaram os livros para a sala de depósito, através de corredores onde havia radiadores matraqueando sonhadoramente. A princípio, a escola estivera repleta de sons: portas de armários batendo, o matraquear da máquina de escrever da Sra. Thomas no gabinete, a interpretação ligeiramente desafinada do coral do clube decanto, no andar de cima, os.nervosos pum-pum-pum das bolas de basquete no ginásio e os rangidos ou baques dos tênis dos jogadores, correndo para as cestas ou fazendo jogadas, sobre o piso de madeira encerada.Tais sons foram cessando aos poucos, até que, após arrumada a última pilha de livros (faltava um, mas não fazia tanta diferença, suspirara a Sra. Douglas — era quase um milagre, faltar apenas um), os únicos sons ouvidos eram os dos radiadores, o fraco *uissh-uissh* da vassoura do Sr. Fazio, varrendo a serragem colorida ao longo do corredor e o uivo do vento lá fora.

Ben olhou pela única e estreita janela da sala dos livros, constatando que a claridade do dia sumia rapidamente do céu. Eram quatro horas da tarde e o crepúsculo estava ao alcance. Membranas de neve seca esvoaçavam em torno da gélida selva do ginásio e enrolavam-se entre as gangorras, que estavam solidamente congeladas ao solo. Apenas os degelos de abril fundiriam aquelas amargas soldas invernais. Ben não viu ninguém na Rua Jackson. Olhou por um momento mais, esperando que algum carro passasse pelo cruzamento da Jackson com a Witcham, porém nenhum passou. Em Derry, excetuando-se ele e a Sra. Douglas, todos deviam ter morrido ou fugido, pelo menos segundo o que podia ver dali.

Olhou para a professora e viu, com uma pontada de medo real, que ela sentia quase o mesmo. Ben podia dizer pela expressão em seus olhos. Apareciam fundos, pensativos e distantes. Não eram os olhos de uma professora quarentona, mas os de uma criança. Ela entrelaçara as mãos pouco abaixo dos seios, como se rezasse.

Estou com medo, pensou Ben, *e ela também. Só que, afinal, de que estamos com medo?*

Ele não sabia. Então, ela se virou e deu uma risadinha breve, quase constrangida.

— Prendi você por tempo demais — falou. — Sinto muito, Ben.

— Não faz mal.

Ben baixou os olhos para os sapatos. Gostava dela — não com o amor sincero e indiscutível que dedicara à Srta. Thibodeau, sua professora do primeiro grau... mas *gostava* dela.

— Se estivesse de carro, eu lhe daria uma carona — disse ela, — mas não estou. Meu marido virá apanhar-me às cinco e quinze. Se quiser esperar, nós podemos...

— Não é preciso, obrigado — respondeu Ben. — Tenho que chegar em casa antes disso.

Não era bem verdade, mas o caso é que ele sentia uma curiosa aversão à idéia de conhecer o marido da Sra. Douglas.— Talvez sua mãe pudesse...

— Minha mãe não dirige — disse Ben. — Está tudo certo. Daqui até em casa é só um quilômetro e meio.

— Não é uma grande distância em um dia bonito, mas pode ser enorme com este tempo. Você entrará em algum lugar se esfriar demais, não é mesmo, Ben?

— Ah, claro! Entrarei no mercado da Costello e ficarei perto da estufa algum tempo. Ou em outro lugar qualquer. O Sr. Gedreau não se incomoda. Aliás, vesti minhas calças para neve. E também estou com meu cachecol novo.

A Sra. Douglas pareceu mais tranqüila... e então tornou a olhar pela janela.

— É que parece tão frio lá fora! — suspirou. — Tão... tão ina-mistoso...

Ben não conhecia a palavra, mas entendeu perfeitamente o que significava. *Alguma coisa acabara de acontecer — o quê?*

De repente, percebeu que tinha visto a Sra. Douglas como pessoa, em vez de apenas como professora. Era isso que tinha acontecido. Subitamente, vira o rosto dela de modo muito diferente e, porque o viu, ele se tornara um rosto novo — o rosto de um poeta cansado. Podia vê-la indo para casa com o marido, sentada ao lado dele no carro, com as mãos entrelaçadas, enquanto o aquecedor sibilava e ele comentava o dia que tivera. Ben podia vê-la preparando o jantar de ambos. Um estranho pensamento lhe cruzou a mente e uma pergunta tipo reunião-com-coquetel subiu aos seus lábios: *A senhora tem filhos, Sra. Douglas?*

— Nesta época do ano, penso muitas vezes que as pessoas não deveriam viver em uma distância tão ao norte do equador — disse ela. Pelo menos, não nesta latitude.

Ela sorriu, e parte daquela aparência estranha desapareceu-lhe do rosto ou então dos olhos dele — Ben era capaz de vê-la, ao menos parcialmente, como sempre a tinha visto. *Contudo, nunca mais tornará a vê-la daquele jeito, não completamente,* pensou, desanimado.

— Sinto-me velha, até a chegada da primavera. Então, sinto-me jovem outra vez. É assim todo ano. Tem certeza de que estará bem?

— Estarei ótimo.

— É, suponho que sim. Você é um bom menino, Ben.Ele fitou as pontas dos pés, enrubescendo, amando-a mais do que nunca.

No corredor, o Sr. Fazio disse, sem erguer os olhos da serragem vermelha que varria:

— Não deixe que o frio lhe faça mal, garoto.

— Não deixarei.

Ben chegou a seu armário, abriu-o e enfiou-se nas calças para neve. Sentira-se tremendamente infeliz quando sua mãe havia insistido para que tornasse a usá-las neste inverno, em dias de frio intenso. Ben pensava naquelas calças como coisa para bebês, mas ficou feliz por tê-las ao alcance esta tarde. Caminhou devagar para a porta, puxando o zíper do casaco, amarrando apertadamente os cordões do capuz e calçando as luvas. Saiu e parou no primeiro degrau coberto de neve por um instante, ouvindo enquanto a porta se fechava — e trancava — atrás dele.

A Escola de Derry aninhava-se sob um céu que parecia pele esfola-da. O vento soprava com firmeza. Os grampos de pressão na corda do mastro da bandeira

tamborilavam um ritmo solitário contra o próprio mastro de aço. O vento açoitou a carne quente e desprevenida do rosto de Ben imediatamente, entorpecendo-lhe as faces.

Não deixe que o frio lhe faça mal, garoto.

Ele puxou rapidamente o cachecol para cima, até ficar parecendo uma pequena e rechonchuda caricatura de Red Ryder. Aquele céu escurecendo possuía uma espécie de fantástica beleza, mas Ben não parou para admirá-lo; fazia frio demais para isso. Tinha que ir andando.

A princípio, tinha o vento pelas costas e a situação não parecia tão ruim; de fato, até dava a impressão de ajudá-lo a caminhar. Na Rua do Canal, entretanto, teve que dobrar à direita e praticamente enfrentar o vento. Agora, parecia estar recuando... não o deixava avançar direito, como que interessado nisso. O cachecol ajudava um pouco, mas não o suficiente. Seus olhos latejavam e a umidade no nariz congelou-se. As pernas estavam ficando entorpecidas. Por várias vezes enfiou as mãos enlu-vadas nas axilas, a fim de aquecê-las. O vento ululava e gritava, às vezes soando quase humano.

Ben sentiu medo e euforia. Medo, porque agora podia compreender histórias que tinha lido, como aquela de Jack London, *Acender uma fogueira,* na qual as pessoas morriam congeladas. Seria inteiramente possível alguém morrer congelado em uma noite como esta, uma noite em que a temperatura cairia para vinte e cinco graus negativos.

Quanto à euforia, era difícil explicar. Tratava-se de um senso de solidão — uma sensação de certo modo melancólica. Ele estava no exterior; passava sobre as asas do vento, mas nenhuma das pessoas atrás dos quadrados brilhantemente iluminados de suas janelas era capaz de vê-lo. Elas estavam no interior, lá onde havia luz e calor. Ignoravam que alguém passara lá fora; apenas ele sabia disso. Era uma coisa secreta.

O ar em movimento queimava como agulhas, mas era fresco e límpido. Uma fumaça branca era expelida de seu nariz, em pequenos jatos uniformes.

E quando o sol se pôs, a última claridade do dia, deixando apenas uma fria linha amarelo-alaranjada no horizonte oeste, quando as primeiras estrelas brilharam no céu, como frios diamantes, ele chegou ao Canal. Faltavam agora apenas três quarteirões para sua casa e Ben estava ansioso em sentir o calor no rosto e nas pernas, tornando a movimentar o sangue, a fazê-lo formigar.

Não obstante... ele parou.

O Canal estava congelado em sua forma de concreto, como um rio congelado de leite-de-rosas, a superfície encalombada, rachada e nublada. Estava imóvel, mas ainda assim absolutamente vivo, àquela claridade invernal tão puritana; ele possuía sua própria única e difícil beleza.

Ben se virou para a outra direção — sudoeste. Onde ficavam os Barrens. Quando olhou para lá, o vento ficou de novo em suas costas. Fez suas calças para neve tremularem e agitarem-se. O Canal seguia reto entre suas paredes de concreto por cerca de oitocentos metros; a partir daí, desaparecia o concreto e o rio espalhava-se pelos Barrens, a esta época do ano um mundo esquelético de gélidas sarças e quebradiços galhos nus.

Havia uma figura em pé sobre o gelo, lá embaixo.

Olhando para ela, Ben pensou: *Pode ser um homem lá embaixo, mas ele poderia usar o que parece estar usando? É impossível, não?*

A figura vestia o que parecia ser um traje de palhaço, branco-prateado. O tecido tremulava em torno dela, ao vento polar. Seus pés calçavam enormes sapatos alaranjados, combinando com os botões em forma de pompons, à frente da roupa. Em uma das mãos, ele segurava um punhado de cordéis, que subiam para um bom número de bolas de gás em cores vivas. Quando Ben observou que os balões de gás flutuavamem sua direção,

sentiu a irrealidade invadi-lo com maior intensidade. Fechou os olhos, esfregou-os, tornou a abri-los. Os balões ainda pareciam flutuar para ele.

Ouviu a voz do Sr. Fazio ecoando em sua cabeça. *Não deixe que o frio lhe faça mal, garoto.*

Aquilo tinha que ser uma alucinação, uma miragem provocada por algum estranho truque do tempo. Poderia haver um homem lá embaixo, sobre o gelo; Ben supôs ser até tecnicamente possível ele estar usando um traje de palhaço. Entretanto, as bolas de gás não podiam estar vindo em sua direção, flutuando *contra* o vento. Ainda assim, era exatamente o que pareciam fazer.

— *Ben!* — chamou o palhaço na neve. Ben pensou que aquela voz estivesse apenas em sua mente, embora julgasse tê-la captado nos ouvidos. — *Quer um balão, Ben?*

Havia algo tão maligno naquela voz, tão terrível, que Ben desejou fugir dali o mais depressa possível, mas seus pés pareciam soldados à calçada, como as gangorras do pátio da escola, coladas ao solo.

— *Eles flutuam, Ben! Todos flutuam! Pegue um e veja!*

O palhaço começou a caminhar sobre o gelo, em direção à ponte do Canal, onde Ben se encontrava. Imóvel, ele o viu aproximar-se; ficou espiando, como um pássaro espia a serpente que se aproxima. Os balões de gás deviam ter explodido naquele frio intenso, no entanto permaneciam intatos; flutuavam acima e à frente do palhaço, quando deviam estar sendo arrastados atrás dele, tentando escapar na direção dos Barrens... de onde, alguma parte da mente de Ben lhe garantia, aquela criatura tinha vindo, antes de mais nada.

Então, Ben reparou em algo mais.

Embora a.s últimas luzes do dia lançassem um róseo sombreado no gelo do Canal, o palhaço não produzia sombra alguma. Em absoluto.

— *Você gostará de vir para cá, Ben* — disse o palhaço, agora tão próximo, que Ben podia ouvir o som *plaft-plaft* dos esquisitos sapatos, ao avançarem sobre a superfície desigual do gelo. — *Você gostará daqui, eu garanto, todos os meninos e meninas que conheço gostam daqui, porque é como a Ilha do Prazer, em* Pinóquio, *e a Terra do Nunca em* Peter Pan; *eles nunca precisam crescer, e isso é o que todas as crianças querem! Portanto, venha! Verá as paisagens, ganhará um balão, alimentará os elefantes, andará na roda-gigante! Oh, você gostará daqui e, oh, Ben, você* flutuará...Apesar de seu medo, Ben descobriu que parte dele *queria* um balão. Quem, no mundo inteiro, tinha um balão capaz de flutuar contra o vento? E quem já *ouvira falar* em semelhante coisa? Sim... ele queria um balão, como queria ver o rosto do palhaço, que se mantinha inclinado para o gelo, como que a protegê-lo daquele vento assassino.

O que poderia ter acontecido, se o apito das dezessete horas não soasse no alto da Prefeitura de Derry, Ben não saberia dizer... não *queria* saber. O importante é que ele *soou,* emitindo um assobio penetrante no intenso frio invernal. O palhaço olhou para cima, como que assustado, e então Ben viu seu rosto.

A múmia! Oh, meu Deus, é a múmia! foi seu primeiro pensamento, acompanhado por tão enorme terror, que ele aferrou as mãos furiosamente no balaústre da ponte, para evitar que desmaiasse. Claro que aquilo não era a múmia, *não podia* ter sido a múmia. Oh, havia múmias egípcias, muitas delas, Ben sabia muito bem, mas seu primeiro pensamento tinha sido de que aquela era *a* múmia — o poeirento monstro encarnado por Boris Karloff, no filme antigo que vira ainda no último mês, no programa *Cinema de Choque.* Ficara acordado até tarde, só para vê-lo.

Não, o palhaço não era *aquela* múmia, não podia ser. Monstros de filmes não eram reais, qualquer um sabia disso, até criancinhas, mas...

Não era *make-up* que o palhaço usava. E tampouco o palhaço estava enrolado em um punhado de ataduras. Havia ataduras, a maioria delas em torno de seu pescoço e pulsos, agitando-se ao vento, mas Ben podia ver claramente o rosto do palhaço. Era todo enrugado, a pele um mapa apergaminhado de rugas, de bochechas riscadas, carne árida. A pele da testa era rachada, mas sem sangue. Lábios mortos sorriam, mostrando uma boca onde os dentes inclinavam-se como lousas de sepulturas. As gengivas eram fundas e negras. Ben não via os olhos, mas *algo* cintilava muito atrás, nos poços escuros daquelas órbitas empapuçadas, algo como as frias pedras preciosas nos olhos dos escaravelhos egípcios. E, embora o vento soprasse no sentido contrário, Ben tinha a impressão de sentir cheiro de canela e condimentos, de mortalhas apodrecidas tratadas com drogas singulares, areia, sangue tão antigo, que secara em crostas e granulados de ferrugem...

— Todos flutuamos aqui embaixo — cacarejou o palhaço-múmia.

Com renovado horror, Ben percebeu que, de algum modo, o palhaço alcançara a ponte, estava agora bem abaixo dele, erguendo uma mãoressequida e encarquilhada, da qual abas de pele pendiam como bandeirolas — uma mão através da qual apareciam ossos semelhantes a marfim amarelado.

Um dedo quase sem carne acariciou a ponteira de sua bota. A paralisia de Ben cessou. Em passo firme, fez o resto do trajeto através da ponte, com o apito das dezessete horas ainda retinindo em seus ouvidos; um apito que só cessou quando chegou ao outro lado. Tinha que ser uma miragem, *não podia* ser outra coisa. Simplesmente, o palhaço não podia ter andado tanto, durante os dez ou quinze segundos do apito.

Seu medo, contudo, não era miragem. Tampouco o eram as lágrimas quentes que lhe saltaram dos olhos e congelaram-se nas faces, um segundo após serem vertidas. Ele correu, o solado das botas batendo ruidosamente na calçada. Atrás dele, podia ouvir a múmia no traje de palhaço içando-se do Canal, velhas unhas pétreas arranhando o ferro, velhos tendões rangendo como gonzos sem óleo. Podia ouvir o árido sibilo de sua respiração entrando e saindo das narinas, tão desprovida de umidade, como os túneis sob a Grande Pirâmide. Podia sentir o cheiro de condimentos arenosos nas ataduras da múmia, sabia que, a qualquer momento, as mãos dela, tão descarnadas como as construções geométricas que ele fazia com seu Conjunto Erector, acabariam descendo sobre seus ombros. Aquelas mãos o obrigariam a virar-se e ele ficaria de frente para o rosto franzido e sorridente. O hálito morto do palhaço o submergiria. Aquelas órbitas negras, com suas profundidades cintilantes, ficariam inclinadas para ele. A boca desdentada bocejaria, e ele ganharia seu balão de gás. Oh, sim... Todos os que quisesse.

Entretanto, quando chegou à esquina da rua onde morava, soluçante e gelado pelo vento, com o coração em louca disparada, as pulsações latejando em seus ouvidos, quando finalmente olhou por sobre o ombro, a rua estava vazia. A ponte arqueada, com seus lados baixos de concreto e o antiquado piso de lajes, também estava vazia. Ben não podia ver o Canal em si, mas achava que, se pudesse, também nada veria lá. Não; se a múmia não tivesse sido uma alucinação ou miragem, se fosse real, estaria esperando *debaixo* da ponte — como o gigante, na história "Os três bodes zangados".

Escondida. Escondida lá embaixo.

Ben foi depressa para casa, olhando para trás após dar alguns passos, olhando sempre, até a porta estar seguramente fechada e trancada atrás dele. Explicou para a mãe — exausta por um dia particularmente trabalhoso na fábrica, a tal ponto, que nem sentira falta dele — que estivera ajudando a Sra. Douglas na contagem dos livros. Depois jantou macarrão e sobras do peru do domingo. Devorou três pratos de comida e a múmia

pareceu mais distante e sonhadora a cada prato esgotado. Aquilo não tinha sido real, coisas assim nunca eram reais, só ganhavam vida entre os comerciais dos filmes de televisão já noite avançada ou durante as matinês do sábado, havendo sorte — e, com vinte e cinco centavos a mais, um saco de pipocas para comer.

Não, eles não eram reais. Monstros da televisão e monstros do cinema, assim como os monstros das histórias em quadrinhos, não eram reais. Não, até que a gente fosse para a cama e não conseguisse dormir; não, até que as últimas quatro barras de doce, embrulhadas em pedaços de pano e guardadas debaixo do travesseiro contra os males noturnos, fossem saboreadas; não, até que a cama em si se tornasse um lado de sonhos repugnantes e o vento uivasse lá fora, dando medo de olhar para a janela, porque talvez houvesse um *rosto* na vidraça, um *rosto* velho e sorridente, que não apodrecera, mas apenas secara como folha morta, com olhos semelhantes a diamantes submersos, enfiados bem no fundo de órbitas escuras; não, até que se visse uma mão descarnada e engalfinhada, segurando uma porção de balões de gás: *Veja as paisagens, ganhe um balão, alimente os elefantes, ande na roda-gigante! Ben, oh, Ben, como você* flutuará...

12

Ben despertou com um sobressalto, ainda vivendo o sonho com a múmia, amedrontado pela vibrante e cerrada escuridão à sua volta. Moveu o corpo, e a raiz onde estivera recostado tornou a espetar-lhe as costas, como que exasperada.

Avistou luz e rastejou para ela. Rastejou para a claridade do sol da tarde, para o murmúrio da corrente, e tudo se ajustou novamente ao lugar. Era verão, não inverno. A múmia não o carregara para sua cripta deserta; Ben simplesmente procurara esconder-se dos garotos maiores, em um buraco arenoso, debaixo de uma árvore com as raízes meio expostas. Estava nos Barrens. Henry e seus amigos haviam tido uma pequena desforra em dois garotos brincando à beira do rio, porque não haviam podido descobri-lo e então desforrar-se à grande. *Muito bem, garotos. Era mesmo um tanque de pirralhos, acreditem. Foi melhor ficarem sem ele.*

Desconsolado, Ben olhou para suas roupas arruinadas. Sua mãe ia fazê-lo provar dezesseis sabores diferentes do que era o inferno.

Ele dormira apenas o suficiente para recuperar-se. Escorregou pela rampa abaixo e então começou a caminhar ao longo da corrente, pesta-riejando a cada passo. Continuava sentindo dores por toda parte; era como se Spike Jones estivesse tocando uma música rápida sobre vidro quebrado, dentro da maioria de seus músculos. Parecia haver sangue seco ou escorrendo em cada centímetro de pele à mostra. Os garotos que construíam a represa já deviam ter ido embora, procurou consolar-se. Não sabia ao certo quanto tempo dormira, mas mesmo que houvesse sido apenas meia hora, o encontro com Henry e seus amigos teria convencido Denbrough e o companheiro de que qualquer outro lugar — como Tombuctu, talvez — seria mais saudável para ambos.

Ben arrastou-se taciturnamente, certo de que se os garotos maiores voltassem agora, ele não teria a mais remota chance de escapar-lhes. Aliás, ele não estava se importando muito.

Contornou uma curva acentuada na corrente e ficou ali parado um instante, olhando. Os construtores da represa continuavam lá. Um deles era realmente Bill Denbrough, o Gaguinho. Estava ajoelhado ao lado do outro garoto, este recostado contra a margem da corrente, mais ou menos sentado. A cabeça do menino estava virada tão

para trás, que seu pomo-de-adão se destacava como uma tomada triangular. Havia sangue seco em volta de seu nariz, no queixo e pintando o pescoço, em dois filetes. Havia algo apertadamente aferrado em uma de suas mãos.

Bill Gaguinho olhou em torno vivamente, e então avistou Ben, parado na curva. Inquieto, Ben percebeu que estava acontecendo algo muito errado com o garoto recostado contra a margem; era visível o terror estampado no rosto de Denbrough. Pensou, desgostoso: *Será que este dia* nunca *vai terminar?*

— Será que v-v-você pode aj-aju-ajudar aq-qui? — perguntou Bill Denbrough. — O asp-aspi-rador d-ele está v-vazio. Acho que ele po-pode es-es-estar...

O rosto de Bill ficou muito sério, depois vermelho. Ele se esforçou na palavra, gaguejando como uma metralhadora. A saliva saltou de seus lábios e foram precisos quase trinta segundos de esforços em "m-m-m-m", antes de Ben compreender que Denbrough tentava dizer que o outro menino podia estar morrendo.

CAPÍTULO 5

Bill Denbrough derrota o demônio (I)

1

Bill Denbrough pensa: Estou infernalmente próximo de uma viagem espacial; bem poderia ver-me no interior de uma bala disparada de uma arma.

Tal pensamento, embora perfeitamente verdadeiro, não o deixa muito à vontade. De fato, naquela primeira hora em seguida à decolagem (lançamento talvez fosse uma forma melhor de descrevê-lo) do Concorde, em Heathrow, ele se vê às voltas com um caso brando de claustrofobia. O avião é estreito — desajeitadamente estreito. A comida é refinada, porém os atendentes de vôo que a servem precisam contorcer-se, inclinar-se e agachar-se para bem executar sua tarefa; parecem uma trupe de ginastas. Testemunhar esse esforço no serviço da refeição, rouba parte do prazer em comer para Bill, embora seu companheiro de poltrona não pareça muito preocupado.

Esse companheiro, aliás, é outra chateação. É um sujeito gordo e não particularmente limpo; pode haver colônia Ted Lapidus em cima de sua pele, mas por baixo da colônia, Bill detecta o odor indiscutível de sujeira e suor. O homem tampouco está sendo muito cuidadoso com seu cotovelo esquerdo e, de vez em quando, ele colide em Bill com uma leve cutucada.

Seus olhos são insistentemente atraídos para o mostrador digital à frente da cabine. Ali é indicada a velocidade com que voa esta bala britânica. Agora, quando o Concorde atinge sua velocidade de cruzeiro, o mostrador informa que ela passa pouco de mach 2. Bill tira sua caneta dobolso da camisa e usa a ponta para apertar botões no relógio-computador que ganhou de Audra no último Natal. Se o machômetro estiver certo — e Bill não tem o menor motivo para duvidar disso — então disparando a uma velocidade de vinte e nove quilômetros por minuto. Ele não tem grande certeza de ser esse um informe que de fato quisesse saber.

Do outro lado de sua janela, que é tão pequena e espessa como as das velhas cápsulas espaciais Mercury, ele pode ver um céu que não é azul, mas sim com a tonalidade purpúrea do crepúsculo, embora estejam no meio do dia. No ponto onde mar e céu se encontram, Bill vê que o horizonte é ligeiramente arredondado. Aqui estou eu sentado, *pensa Bill,* com um Bloody Mary na mão e o cotovelo de um sujo homem gordo cutucando meu bíceps, observando a curvatura da terra.

Ele sorri um pouco, pensando que um homem capaz de enfrentar coisa semelhante a essa não deveria ter medo de nada. Contudo, ele tem *medo, e não apenas de voar a vinte e nove quilômetros por minuto naquela frágil e estreita armadura. Quase pode* sentir *Derry correndo para ele. Trata-se da expressão mais correta no caso. Viajando ou não a vinte e nove quilômetros por minuto, a sensação é de estar absolutamente imóvel, enquanto Derry investe para ele como um enorme carnívoro que ficou à espera muito tempo, mas que por fim abandonou o esconderijo. Derry, ah, Derry! Devemos escrever uma ode a Derry? Ao fedor de suas fábricas e seus rios? À dignificada quietude de suas ruas arborizadas? À biblioteca? Ao piezômetro? Ao Parque Bassey? À Escola Elementar?*

Aos Barrens?

Há luzes movendo-se em sua cabeça: grandes kliegs. (*Luz de klieg ou de kleig - De Anton e John Klieg, inventores americanos.- Lâmpada de arco, muito brilhante, empregada na iluminação de estúdios de cinema e televisão. - N. da T.*) *É como estar sentado em um cinema obscurecido, durante vinte e sete anos, esperando que aconteça alguma coisa, que agora finalmente começou. O estúdio está sendo revelado ponto a ponto, klieg a klieg mas, entretanto, não se trata de uma comédia inofensiva, como* Este mundo é um hospício; *para Bill Denbrough, é mais como* O gabinete do Dr. Caligari.

Todas as histórias que escrevi, *pensa ele, com uma espécie de divertimento algo idiota,* todas as novelas... Foi de Derry que brotaram; Derry foi a fonte, a inspiração. Surgiram do ocorrido naquele verão e do ocorrido com George, no outono anterior. A todos os entrevistadores que já me fizeram AQUELA PERGUNTA... eu dei a resposta errada.

O cotovelo do gordo torna a cutucá-lo, fazendo-o derramar um pouco de bebida. Bill quase diz alguma coisa, mas decide calar-se.

AQUELA PERGUNTA era, naturalmente: "De onde tira suas idéias?" Era uma pergunta que, supunha Bill, devia ser respondida por todos os escritores de ficção — ou pretensamente respondida — pelo menos duas vezes na semana. Entretanto, um sujeito como ele, que ganhava a vida escrevendo coisas que nunca tinham existido ou nunca existiriam, com freqüência tinha de responder — ou fingir responder — muito mais do que isso.

"Todo escritor tem um canal que afunda até o subconsciente", dizia a eles, omitindo sua dúvida que crescia a cada ano sobre a existência *de algo como subconsciente. "Entretanto, o homem ou mulher que escreve contos de horror, tem um canal que vai ainda mais fundo, talvez... até o sub-subconsciente, se preferem."*

Uma resposta muito elegante, mas na qual ele nunca acreditara. Subconsciente? Bem, havia algo *lá em baixo, é claro, mas Bill achava que as pessoas tinham exagerado demais no tocante a uma função que, provavelmente, era o equivalente mental para os olhos lacrimejando quando em contato com a poeira ou vento forte, uma hora mais ou menos após um lauto jantar. A segunda metáfora talvez fosse a melhor das duas, mas ninguém pode dizer a entrevistadoras que, em sua opinião pessoal, tais coisas como sonhos, vagas ânsias e sensações de* déjà-vu, *em realidade não passam de um punhado de peidos mentais. Não obstante, eles pareciam precisar de* alguma coisa, *todos aqueles*

repórteres com seus blocos de anotações e pequenos gravadores japoneses — e Bill procurava ajudá-los até onde era possível. Sabia que escrever era um trabalho duro, um maldito *trabalho duro. Não havia necessidade de tornar o trabalho deles mais duro, dizendo: "Meu amigo, você bem poderia perguntar-me: 'Quem corta o queijo?' e teria esgotado o assunto."*

Agora, ele pensou: Você sempre soube que eles faziam a pergunta errada, ainda antes de Mike telefonar; neste momento, também sabe qual seria a pergunta certa. Não *de onde* você tira suas idéias, mas *por que* tira suas idéias. Havia um canal de conexão, evidentemente, mas não era a versão freudiana ou junguiana sobre subconsciente que se comunicava com o tal canal; nada de sistema-de-drenagem interno da mente, nada de caverna subterrânea cheia de morlocks, esperando acontecer. No fim daquele canal havia apenas Derry. Nada mais do que Derry. E...

... e quem é que está andando na minha ponte?'

Bill sentou-se ereto subitamente e, desta vez, foi seu cotovelo que escorreu, afundando profundamente em seu gordo companheiro de poltrona por um momento..

"Cuidado, companheiro", diz o homem gordo. "O espaço aqui é muito pequeno, como sabe."

"Separar de me cutucar com seu cotovelo, tentarei parar de c-cutucá-lo com o m-meu. " O gordo lhe dirige um olhar azedo e incrédulo de de-que-diabo-está-falando? Bill simplesmente o encara, até que ele desvia o rosto, resmungando.

Quem está aí?

Quen está andando na minha ponte?

Ele torna a olhar pela janela e pensa: Estamos logrando o diabo.

Seus braços e a nuca ficam arrepiados. Ele esvazia o copo de um só gole. Passou outra daquelas luzes fortes.

Silver. Sua bicicleta. Era como a chamava, o mesmo nome do cavalo do Zorro. Uma grande Schwinn, com rodas de vinte e oito polegadas. "Você vai se matar nessa bicicleta. Billy", havia dito seu pai, mas sem nenhum toque real de preocupação na voz. Seu pai, desde a morte de George, mostrava bem pouca preocupação por alguma coisa. No entanto, havia sido um homem durão. Justo, mas durão. Desde a morte de George, era possível andar-se à volta dele. Seu pai fazia gestos paternais e movimentos também paternais, porém não passavam de gestos e movimentos. Como se ele estivesse sempre atento, querendo ouvir quando George ia voltar para casa.

Bill a tinha visto na vitrine da Loia de Bicicletas e Afins, na Rua Center. Ela jazia melancolicamente apoiada em seu descanso lateral, maior do que as outras maiores em exibição, fosca onde as outras eram brilhantes, reta nos lugares onde as outras eram encurvadas, encurvada nos lugares onde as outras eram retas. Havia um cartaz recostado ao seu pneu dianteiro:

USADA
Faça a sua oferta

O que realmente aconteceu, é que Bill entrou na loja efoi o proprietário quem lhe fez uma oferta, a qual ele aceitou — não saberia como regatear com o dono da Loja de Bicicletas, mesmo que sua vida dependesse disso, e o preço — vinte e quatro dólares — enunciado pelo homem, pareceu-lhe muito justo, até generoso. Pagou Silver com o dinheiro que economizara nos últimos sete ou oito meses — dinheiro de aniversário, dinheiro de Natal, dinheiro de aparar grama. Tinha espiado a bicicleta na vitrine, desde o Dia de Graças. Pagou e a levou para casa, assim que a neve começou a derreter de

vez. Era engraçado, porque nunca pensara muito em ter uma bicicleta, até o ano anterior. A idéia parecera brotar em sua cabeça de repente, talvez em um daqueles dias intermináveis, após a morte de George. Após George ter sido assassinado.

No começo, Bill quase se matara. *A primeira corrida em sua nova bicicleta terminou com ele a derrubando, a fim de impedir que colidisse no muro de tábuas do final da Alameda Kossuth (o medo de se chocar no muro de tábuas fora bem menor do que vará-lo e cair nos Barrens, dezoito metros abaixo). Da queda da bicicleta, resultou um talho de doze centímetros, entre o pulso e o cotovelo do braço esquerdo. Menos de uma semana depois, ele se viu incapaz de freá-la com rapidez suficiente e tinha disparado pelo cruzamento de Witcham e Jackson a talvez uns sessenta quilômetros por hora, um garoto em uma bicicleta que parecia um mastodonte cinza (Silver era prateada apenas pelo esforço máximo de uma imaginação desenfreada), com cartas de baralho presas aos aros das duas rodas, produzindo um pipocar uniforme de metralhadora — e se estivesse vindo algum carro, ele seria carne morta. Exatamente como Georgie. À medida que a primavera avançou, ele foi dominando Silver pouco a pouco. Durante esse tempo, seu pai e sua mãe não perceberam que Bill cortejava a morte em sua bicicleta. Ele achava que, após os primeiros dias, ambos tinham deixado de perceber sua bicicleta inteiramente — para os dois, era apenas uma relíquia com a pintura estalada, recostada na parede da garagem nos dias chuvosos.*

Silver era muito mais do que uma relíquia poeirenta. Não parecia, mas era veloz como o vento. O amigo de Bill — seu único amigo verdadeiro — era um garoto chamado Eddie Kaspbrak, e Eddie tinha jeito para coisas mecânicas. Mostrara a Bill como botar Silver em forma — que parafusos apertar e checar regularmente, onde olear as rodas dentadas

da corrente, como apertar a corrente, como colocar um remendo na câmara de ar de maneira a ficar colado no lugar, caso houvesse algum furo. "Você devia pintá-la", recordou ter Eddie dito certo dia, mas a verdade é que Bill não queria pintar Silver. Por motivos que não saberia explicar nem a si mesmo, queria a Schwinn exatamente do jeito como era. Ela era como um verdadeiro cachorro, uma bicicleta que um garoto descuidado deixaria costumeiramente tomando chuva na grama do jardim, uma bicicleta que se comporia de chiados, estremeções e lenta erosão. Parecia um cachorro, mas voava como o vento. Ela...

"Ela lograria o diabo", diz ele em voz alta, e ri. Seu companheiro gordo de poltrona olha agudamente para ele; o riso tivera a mesma qualidade ululante que, horas antes, deixara Audra arrepiada.

Sim, ela parecia bastante velha, com a pintura antiga e o porta-bagagem antiquado, montado acima da roda traseira, bem como a antiquada buzina, com seu bulbo negro de borracha — uma buzina permanentemente presa aos guidons, através de um parafuso enferrujado do tamanho de um punho de bebê. Bastante velha.

Certo, mas Silver corria? Se ela corria! Céus!

Era formidável que ela pudesse correr, porque tinha salvo a vida de Bill Denbrough na quarta semana de junho de 1958 — a semana após ele haver encontrado Ben Hanscom pela primeira vez, a semana depois que ele, Ben e Eddie construíram a represa, a semana em que Ben, Richie Tozier "Boca de Lixo" e Beverly Marsh apareceram nos Barrens, depois da matinê do sábado. Richie estava de carona no bagageiro da bicicleta, no dia em que Silver havia salvo a vida de Bill... portanto, ele supunha que também havia salvo a de Richie. E recordava a casa de onde tinham fugido, claro. Recordava isso perfeitamente. Aquela maldita casa na Rua Neibolt.

Naquele dia, Bill tinha corrido para derrotar o diabo, oh, sim, na rta. Um diabo de olhos tão brilhantes como moedas velhas. Um diabo velho e cabeludo, com a boca cheia de dentes sangrentos. Entretanto, tudo isso tinha sido mais tarde. Se Silver salvara a vida de Richie e a sua nesse dia, então talvez tivesse salvo a de Eddie Kaspbrak, no dia em que Bill e Eddie conheceram Ben, ao lado dos remanescentes destruídos de sua represa nos Barrens. Henry Bowers — cuja aparência era um pouco a de quem havia sido passado por um liqüidificador — tinha achatado o nariz de Eddie. Então, a asma de Eddie o atacara com força e, quando apelou para seu aspirador, encontrou-o vazio. Assim, nesse dia também havia sido Silver — Silver salvando uma vida.

Há quase dezessete anos sem estar em uma bicicleta. Bill Denbrough olha pela janela de um avião em que não se acreditaria — e nem mesmo imaginaria, fora de uma revista de ficção científica — no ano de 1958. Hi-yo Silver, VAAAMOS! *pensa ele, e tem que fechar os olhos contra a súbita ardência das lágrimas.*

O que teria sido feito de Silver? Ele não pode lembrar. Essa parte do cenário ainda está no escuro; aquele klieg ainda precisa ser ligado. Talvez assim até seja melhor. Talvez seja misericordioso.

Hi-yo.

Hi-yo Silver!

Hi-yo Silver

2

— VAAAMOS! — gritou ele.

O vento levou as palavras por sobre seu ombro, como um esvoaçante estandarte de crepe. As palavras lhe saíam grossas e fortes, em um rugido triunfante. Aquelas eram as únicas que jamais saíram dessa maneira.

Ele desceu a Rua Kansas, pedalando para a cidade, a princípio ganhando velocidade lentamente. Silver rodava, assim que ele começava a pedalar, mas continuar rodando era uma trabalheira. Ver a grande bicicleta cinza aumentar a velocidade, era mais ou menos como ver um grande avião rolando na pista. A princípio, ninguém acreditaria que tão enorme e tremulante artefato pudesse *realmente* sair do chão — a idéia era absurda. Então, ao ver-se a sombra debaixo dele, arites de haver tempo para alguém perguntar se aquilo não seria uma miragem, a sombra já ficara muito para trás e o avião estava subindo, cortando seu rumo através do ar, tão esguio e gracioso como um sonho em uma mente safisfeita.

Com Silver também era assim.

Bill seguiu um trecho ladeira abaixo e começou a pedalar mais depressa, as pernas bombeando para cima e para baixo, enquanto se inclinava acima do selim da bicicleta. Havia aprendido bem depressa — após ser espancado por aquele selim no pior lugar que um garoto pode ser espancado — a puxar suas roupas de baixo bem para cima, o mais para cima possível, antes de montar Silver. Mais tarde nesse verão, observando o processo, Richie diria: *Billfaz isso, achando que um dia talvez queira ter filhos vivos. Para mim é uma péssima idéia mas, poxa! Afinal, eles sempre podem sair parecidos com a esposa dele, certo?*

Bill e Eddie tinham baixado o selim o máximo que podiam, e ele agora riscava e arranhava a parte final de suas costas, enquanto forçava os pedais. Uma mulher que arrancava ervas daninhas em seus canteiros de flores, fez pala com a mão nos olhos, a fim de vê-lo passar. Ela sorriu de leve. O garoto na enorme bicicleta recordava-lhe um

macaco que certa vez vira pedalando um monociclo, no Circo Barnum & Bailey. *Ele é bem capaz de matar-se,* pensou ela, retornando a seus canteiros. *Aquela bicicleta é grande demais para o seu tamanho.* De qualquer modo, aquilo não era problema dela.

3

Bill tinha juízo de sobra, para tentar discutir com os garotos grandes que irromperam do meio do mato, parecendo caçadores irritados, na pista de uma fera que já unhara um deles. Eddie, no entanto, abrira a boca inadvertidamente, e Henry Bowers descarregara nele.

Bill sabia quem eram eles, claro; Henry, Arroto e Victor desfrutavam da fama de serem os piores garotos na Escola de Derry. Tinham surrado Richie Tozier — com quem Bill às vezes saía — umas duas vezes. Aliás, na opinião de Bill, aquilo era parcialmente culpa de Richie, pois não era conhecido como Boca de Lixo sem motivo.

Certo dia de abril, Richie tinha comentado algo sobre as golas dos três, quando passaram por ele, no pátio da escola. As golas estavam viradas para cima, bem empinadas, exatamente como a de Vic Morrow, em *A selva do quadro-negro.* No momento, Bill estava sentado contra o prédio próximo, brincando despreocupadamente com algumas bolas de gude, e não percebeu tudo o que acontecia, que espécie de comentário Richie fizera. Henry e seus amigos também não ouviram direito... mas captaram o suficiente e partiram na direção de Richie. Bill achava que Richie quisera fazer o tal comentário em voz baixa, mas o problema é que, de fato, ele *não tinha* uma voz baixa.— O que foi que você disse, idiota de quatro olhos? — perguntou Victor Criss.

—- Eu não disse nada — respondeu Richie.

Tal desculpa — juntamente com a expressão do rosto, parecendo bastante agoniada e assustada — poderia ter encerrado tudo ali mesmo. No entanto, a boca de Richie era como um cavalo não de todo domado, com mania de corcovear sem o menor motivo. De repente, ele acrescentou:

— Devia tirar melhor a cera dos ouvidos, grandão. Quer um pouco de pólvora?

Os três ficaram olhando para ele incredulamente por um momento. Então, caíram em sua pele. Bill Gaguinho presenciara a briga desigual, desde o início até a conclusão preestabelecida, sem sair de seu lugar junto ao lado do prédio. Não fazia sentido envolver-se; aqueles três grandalhões ficariam tão satisfeitos em surrar um garoto, como dois ao preço de um.

Richie correu em diagonal pelo pátio das crianças menores, saltando sobre as gangorras e desviando-se dos balanços, só percebendo que se dirigia para uma aléia sem saída, quando colidiu contra o aramado entre o pátio dos menores e o parque que confinava com os terrenos da escola. Assim, ele tentou escalar o aramado, usando os dedos engalfinhados e o bico dos tênis. Estava quase chegando ao alto, quando Henry e Victor Criss tornaram a puxá-lo para baixo, Henry aferrando-o pelas costas do blusão e Victor pelos fundilhos do jeans. Richie gritava, quando o arrancaram do aramado. Caiu no piso cimentado sobre as costas. Seus óculos voaram longe. Tentou apanhá-los, mas Arroto Huggins os chutou para mais além, sendo este o motivo de uma haste dos óculos, naquele verão, estar emendada com fita adesiva.

Bill estremecera e dera a volta até a frente do prédio. Tinha visto que a Sra. Moran, uma das professoras do quarto grau, apressava-se em direção ao locai da briga,

mas sabia que, antes dela chegar lá, Richie estaria chorando. Bebê-chorão, bebê-chorão, vejam o bebê-chorão!

Com aqueles três, Bill tivera apenas problemas de pouca monta. Evidentemente, eles zombavam de sua gagueira. Ocasionalmente, isso era acompanhado por uma crueldade qualquer; certo dia chuvoso, quando iam lanchar no ginásio, Arroto Huggins arrancara a lancheira de sua mão e a esmagara no chão, sob a sola de suas botas de engenheiro, amassando tudo o que havia no interior.— Oh, que p-pena! — exclamou Arroto, fingindo lastimar-se, enquanto levantava as mãos até o rosto. — S-sinto m-m-muito por s-s-seu la-lanche, c-cara de bo-bosta!

Em seguida, ele descera o corredor até onde Victor Criss se recostava junto ao bebedouro, ao lado da porta da sala dos meninos, rindo tanto, que era capaz de produzir uma hérnia. Contudo, aquilo não fora tão ruim. Bill ganhara parte da merenda de Eddie Kaspbrak e Richie lhe dera prazerosamente seu ovo *à Ia diable,* um dos que sua mãe acondicionava em seu lanche, dia sim, dia não, e que o deixava com ânsias de vômito, segundo alegara.

De qualquer modo, o melhor era manter-se fora do caminho daqueles três e, não sendo isso possível, tentar ser invisível.

Eddie tinha esquecido as regras, por isso levara a pior.

Ele só começara a passar mal depois que os garotos maiores tinham vadeado a corrente para o outro lado, embora seu nariz sangrasse como uma fonte. Depois que o trapo que Eddie tinha como lenço ficou encharcado, Bill lhe dera o seu, fazendo-o colocar uma mão no cangote e inclinar a cabeça para trás. Bill recordava sua mãe fazendo isso com Georgie, porque seu irmão às vezes tinha hemorragias nasais...

Oh, era doloroso demais pensar em George.

Só depois que o som da avançada tempestuosa do trio através dos Barrens morreu na distância, quando o sangramento do nariz de Eddie já tinha cessado, é que sua asma atacou. Ele começou ansiando por ar, abrindo e fechando as mãos como frágeis armadilhas, a respiração apenas um aflautado assobio, escapando da garganta.

— Merda! — ofegou Eddie. — Asma! Que droga!

Remexou o bolso em busca de seu aspirador e finalmente conseguiu tirá-lo. Quase parecia um frasco de Windex, do tipo com o dispositivo pulverizador no topo. Enfiou-o na boca e pressionou o gatilho.

— Está melhor? — perguntou Bill, ansioso.

— Não. O aspirador está vazio.

Eddie fitou Bill com olhos cheios de pânico, olhos que diziam: *Estou ferrado, Bill! Estou ferrado!*

O aspirador vazio escapou-lhe da mão. A corrente continuou com seu risonho rumorejar, pouco ligando se Eddie Kaspbrak mal podia respirar. Bill pensou, aleatoriamente, que os garotos maiores haviam tido razão em uma coisa: aquela era mesmo uma maldita represa de pirralhos.Contudo, eles se tinham divertido, bolas, e foi tomado de súbita fúria, ao pensar que aquele fora o fim da represa.

— Fi-Fi-fique calmo, Eh-Eddie — falou.

Durante os quarenta minutos seguintes ou coisa assim, Bill ficou sentado perto dele, esperando que o acesso de asma fosse aos poucos diminuindo. Mesmo assim, estava bastante inquieto. Quando Ben Hanscom apareceu, sua inquietação fora substituída por verdadeiro medo. Em vez de diminuir, a asma de Eddie estava ficando pior. E a drogaria da Rua Center, onde Eddie reabastecia seu aspirador, ficava a quase cinco quilômetros. Se fosse até lá, reabastecer o aspirador... E se, ao voltar, encontrasse Eddie inconsciente? Inconsciente ou

(não pense besteira, não pense nisso)

ou mesmo morto, insistia sua mente, implacavelmente.

(como Georgie morto como Georgie)

Não seja tão imbecil! Ele não vai morrer!

Não, provavelmente não. Bem, mas e se quando voltasse, encontrasse Eddie em uma onda de rebentação? Bill sabia tudo sobre tais ondas; inclusive, deduzira que tinham esse nome por causa daqueles vagalhões em que certos sujeitos praticavam surfe no Havaí, e isso lhe parecera adequado — afinal de contas, uma onda de rebentação não era um vagalhão que afogava o cérebro? Nos programas de médicos, como *Ben Casey,* as pessoas estavam sempre atacadas de coisas no cérebro e às vezes continuavam assim, apesar de todos os gritos irados de Ben Casey.

Por causa disto, ele ficou lá, sabendo que devia ir, que sua permanência ali não faria bem algum a Eddie, mas sem querer deixá-lo sozinho. Uma parte irracional e supersticiosa dele tinha certeza de que Eddie ficaria com o cérebro afogado, assim que lhe virasse as costas. Então, olhando corrente acima, avistou Ben Hanscom, parado lá. Sabia quem era Ben, claro; o garoto mais gordo em qualquer escola sempre tinha sua própria e infeliz notoriedade. Ben cursava o outro quinto grau. Bill algumas vezes o via durante o recreio, sempre sozinho — geralmente em um canto — lendo um livro e comendo o lanche que trazia em um saco do tamanho de uma sacola de lavanderia.

Olhando agora para Ben, Bill achou que ele parecia em ainda pior estado do que Henry Bowers. Era difícil de crer, mas verdadeiro. Bill não conseguia imaginar a luta cataclísmica em que aqueles dois tinham estado envolvidos. Os cabelos de Ben estavam desalinhados e sujos de terra.Seu suéter ou blusa grossa — era difícil deduzir, a julgar pela aparência mas, que droga, isso agora não importava — era pura ruína, manchada com uma mistura repugnante de sangue e relva. As calças estavam rasgadas nos joelhos.

Quando viu que Bill o olhava, ele recuou um pouco, desviando o rosto.

— N-n-n-não v-v-vá em-em-bo-bora! — gritou Bill. Ergueu as mãos vazias no ar, de palmas abertas, para mostrar que era inofensivo. — N-nós precisamos de aj-aj-ajuda!

Ben chegou mais perto, os olhos ainda receosos. Caminhava como se uma de suas pernas o estivesse matando.

— Eles já foram embora? Bowers e aqueles caras?

— J-já — disse Bill. — Escute, po-pode f-fi-ficar com m-meu a-a-migo, enquanto vou buscar seu re-remédio? Ele e-est-á c-c-com...

— Asma? Bill assentiu.

Ben caminhou até onde estavam os restos da represa e caiu dolorosamente sobre um joelho ao lado de Eddie, agora deitado de costas, com os olhos praticamente fechados, o peito arquejante.

— Quem bateu nele? — perguntou Ben finalmente. Ergueu os olhos, e Bill viu no rosto gordo do menino a mesma raiva frustrada que sentira. — Foi Henry Bowers?

Bill assentiu.

— Era de imaginar. Claro, vá ver o remédio. Eu fico com ele.

— O-o-obrigado.

— Oh, não me agradeça — disse Ben. — Antes de mais nada, fui o motivo deles atacarem vocês. Vá logo. Depressa. Tenho que chegar em casa na hora do jantar.

Bill partiu, sem dizer mais nada. Seria bom ter dito a Ben que não se culpasse — o que ocorrera não fora sua culpa, como tampouco de Eddie, ao abrir a boca estupidamente. Sujeitos como Henry e seus amigos eram um acidente em perspectiva: a versão das crianças menores para inundações, furacões e cálculos biliares. Seria bom ter dito isso, mas ele agora estava tão atrapalhado, que levaria uns vinte minutos explicando e, então,

Eddie podia ter deslizado para um problema cerebral (aí estava outra coisa que Bill aprendera com os Drs. Casey e Kildare: a gente nunca *entra* em um problema cerebral; sempre *desliza* para um).Trotou corrente abaixo, olhando para trás uma vez. Viu Ben Hanscom taciturnamente juntando pedras da beira da água. Por um momento, Bill não entendeu o que ele fazia, mas então percebeu. Era uma reserva de munição. Para o caso dos outros voltarem.

4

Os Barrens não eram mistério para Bill. Ele brincara um focado lá esta primavera, algumas vezes com Richie, porém geralmente com Eddie e, em outras ocasiões, inteiramente só. Embora não tivesse explorado toda a área, sabia encontrar o caminho de volta à Rua Kansas, partindo do Kenduskeag sem qualquer dificuldade, o que fazia agora. Foi sair em uma ponte de madeira, onde a Rua Kansas cruzava uma das pequenas correntes sem nome que fluíam do sistema de esgotos de Derry, para de-saguar mais abaixo, no Kenduskeag. Silver fora deixada debaixo desta ponte, com os guidons amarrados com um pedaço de corda a um dos pilares da ponte, a fim de que as rodas ficassem fora da água.

Bill desatou a corda, enfiou-a dentro da camisa e puxou Silver até a calçada, usando a força pura, ofegando e suando, perdendo o equilíbrio umas duas vezes e aterrando sobre o traseiro. Finalmente, conseguiu içá-la. Passou a perna por sobre o alto selim. E, como sempre, uma vez montado em Silver, transformou-se em outra pessoa.

5

— Hi-yo Silver, VAAAMOS!

As palavras saíram mais graves do que sua tonalidade normal de voz quando falava — era quase a voz do homem que ele se tornaria. Silver ganhou velocidade aos poucos, enquanto o matraquear cada vez mais rápido das cartas de baralho, presas aos raios das rodas com pregadores de roupa, ia marcando o ritmo em aumento. Bill ergueu-se nos pedais, as mãos aferradas aos punhos do guidom, com os pulsos virados para cima. Parecia um homem tentando erguer halteres estupendamente pesados. Os tendões salientavam-se em seu pescoço. As veias pulsavam nas têmporas. A boca se encurvara para baixo, em uma trêmula careta de esforço, enquanto travava a familiar batalha contra o peso e a inércia, forçando o cérebro para colocar Silver em movimento.E, como sempre, ela fez jus ao esforço.

Silver começou a rodar mais lépida. As casas deslizavam aos lados maciamente, ao invés de saltitarem de uma em uma. À esquerda, onde a Rua Jackon cruzava a Kansas, o liberto Kenduskeag transformava-se no Canal. Além do cruzamento, a Rua Kansas encaminhava-se rapidamente, colina abaixo, na direção das Ruas Center e Main, do setor comercial de Derry.

Havia freqüentes cruzamentos de rua naquela área, mas toda a sinalização de parada era em favor de Bill. A possibilidade de que um motorista um dia pudesse desatender a um daqueles sinais e achatá-lo em uma sombra ensangüentada no piso da

rua, jamais passara por sua mente. E, mesmo que tivesse passado, era bastante improvável que ele modificasse sua maneira de portar-se. Bill talvez se modificasse em época anterior ou posterior de sua vida, mas naquela primavera e começos de verão, o tempo havia sido tempestuoso para ele. Ben ficaria espantado se alguém lhe perguntasse se era solitário; Bill se espantaria se lhe perguntassem se estava cortejando a morte. *Oh, é cl-cl-claro que n-não!* responderia imediatamente (e indignadamente), mas isso não alterava o fato de que suas corridas pela Rua Kansas abaixo, em direção à cidade, se tornavam cada vez mais semelhantes a cargas *banzai,* à medida que o tempo esquentava.

Aquela seção da Rua Kansas era conhecida como Colina Milha Acima. Bill entrava nela a toda velocidade, inclinado para os guidons de Silver, a fim de diminuir a resistência do vento, uma mão pousada sobre o bulbo de borracha estalada, a fim de alertar os incautos, os cabelos ruivos esvoaçando para trás da cabeça, em uma onda tremulada. O tamborilar das cartas de baralho aumentara para um rugido uniforme. A careta produzida pelo esforço se tornara um enorme sorriso apalermado. As residências à direita haviam dado lugar a prédios comerciais (depósitos de mercadorias e fábricas de carne enlatada, em sua maioria), os quais passavam velozmente em uma corrida confusa e esfumada, mas satisfatória. À esquerda, o Canal era uma pitada de fogo no canto de seu olho.

— *HI-YO SILVER, VAAAMOS!* — gritou, triunfante.

Silver voou em sua primeira curva e, como sempre acontecia naquele ponto, os pés de Bill perderam contato com os pedais. Ele agora disparava com roda livre, estava inteiramente no colo de seja qual for o deus designado para a tarefa de proteger meninos pequenos. Bill irrompeu na rua, talvez vinte e quatro quilômetros horários acima da estipulada velocidade de quarenta.

Tudo agora ficara para trás: sua gagueira, os opacos e inexpressivos olhos do pai, enquanto passava o tempo em sua oficina na garagem, a terrível visão da poeira sobre a cobertura do piano fechado no andar de cima — agora empoeirado, porque sua mãe não tocava mais. A última vez tinha sido no funeral de George — três hinos metodistas. George, saindo na chuva, com seu impermeável amarelo, levando o barco de papel calafetado de parafina; o Sr. Gardener subindo a rua vinte minutos mais tarde, trazendo seu corpo envolto em um cobertor manchado de sangue; o grito lancinante de sua mãe. Tudo ficava para trás. Ele era o Zorro, era John Wayne, era Bo Diddley, era qualquer um que quisesse ser, mas ninguém que chorava, ficava assustado e queria sua m-m-mãe.

Silver voava, e Bill Denbrough Gaguinho voava com ela; a sombra móvel dos dois voava atrás deles. Disparavam juntos, agora descendo a Colina Milha Acima; as cartas de baralho rugiam. Os pés de Bill tornaram a encontrar os pedais e ele começou a movê-los, querendo ir ainda mais depressa, querendo alcançar alguma velocidade hipotética — não em som, mas em memória — e romper a barreira da dor.

Ele correu, inclinado sobre os guidons; correu para lograr o diabo.

O cruzamento triplo de Kansas, Center e Main, aproximava-se velozmente. Era um horror de trânsito em mão única e sinalização conflitante, com luzes sinaleiras que deviam ser sincronizadas, mas que de fato não o eram. O resultado, conforme proclamara um editorial do *News* de Derry, no ano anterior, era um tráfego rotativo que fora concebido no inferno.

Como sempre, os olhos de Bill observaram fugazmente a esquerda e a direita, rápidos, avaliando o fluxo de trânsito, vigiando os buracos. Se fizesse um julgamento errado — se gaguejasse, poder-se-ia dizer — terminaria gravemente ferido ou morto.

Investiu como uma flecha no trânsito de lento movimento que engarrafava o cruzamento, avançando um sinal vermelho e deslizando para[1] a direita, a fim de evitar um

pesadão Buick cheio de vidraças. Com a velocidade de uma bala, atirou um olhar por sobre o ombro, querendo certificar-se de que a faixa do meio estava vazia. Tornou a olhar para diante e viu que, em cerca de cinco segundos mais, ia espatifar-se na traseira de uma camioneta que parará calmamente no meio do cruzamento, en-quanto o idiota atrás do volante espichava o pescoço para ler todos os sinais e certificar-se de que não dobrara para o lado errado, com risco de acabar chegando a Miami Beach.

A faixa à direita de Bill estava ocupada por um ônibus da linha Derry-Bangor. Ele disparou naquela direção e investiu pelo corredor entre a camioneta parada e o ônibus, ainda rodando a mais de sessenta por hora. No último segundo, jogou a cabeça fortemente para um lado, como um soldado executando um superentusiasmado olhar à direita, para evitar que o espelho montado no lado do passageiro da camioneta o forçasse a reordenar os dentes. O diesel quente expelido pelo ônibus entrou por sua garganta como um gole de aguardente brava. Ouviu um leve e ofegante guinchado, quando uma das empunhaduras de sua bicicleta beijou a lateral de alumínio do ônibus, desenhando uma linha contínua. Viu apenas de relance o motorista do ônibus, o rosto branco como papel debaixo do quepe pontudo da Companhia Hudson de Ônibus. O homem sacudia o punho fechado para ele, gritando qualquer coisa. Bill duvidava que estivesse desejando feliz aniversário.

Agora, havia um trio de velhas senhoras cruzando a Rua Main, vindo do lado do Banco da Nova Inglaterra para o da sapataria. Elas ouviram o forte ruído das cartas de baralho e ergueram os olhos. As três ficaram de boca aberta, quando um garoto em uma enorme bicicleta passou a quinze centímetros de distância delas, como uma miragem.

O pior — e o melhor — do trajeto, ele agora deixara para trás. Encarara a muito real possibilidade da própria morte novamente e, mais uma vez, vira-se capaz de olhar para longe. O ônibus não o esmagara; ele não se matara e as três velhas com suas sacolas de compras e cheques da Previdência Social tampouco haviam sido vítimas suas; não se chocara contra a traseira da velha camioneta Dodge. Agora, tinha que subir a colina novamente, a velocidade diminuindo, esvaindo-se como sangue. Havia algo — oh, poder-se-ia chamar de desejo, uma palavra boa o suficiente, não? — que também se esvaía com isso. Todos os pensamentos e lembranças voltavam — olá, Bill, a gente quase o perdeu de vista por algum tempo, mas aqui estamos outra vez, — reuniam-se a ele, escalavam sua camisa, saltavam em seu ouvido e deslizavam para dentro do cérebro, como crianças em um escorrega. Ele podia senti-los acomodando-se nos lugares costumeiros, os corpos febricitantes entrechocando-se. Poxa! Uau!Aqui estamos nós, dentro da cabeça de Bill novamente! Vamos pensar em George! Muito bem! Quem quer começar?

Você pensa demais, Bill.

Não — esse não era o problema. O problema era que também *imaginava* demais.

Bill dobrou para a Alameda de Richard e saiu na Rua Center, momentos mais tarde, pedalando devagar, sentindo o suor em suas costas e no cabelo. Desmontou de Silver diante da drogaria da Rua Center e entrou.

6

Antes da morte de George, Bill não encontrara grande dificuldade para comunicar-se com o Sr. Keene. O farmacêutico não era especialmente atencioso — ou, pelo menos, Bill achava que não fosse — mas tinha paciência, não o apressava e nem parecia divertir-se com sua gagueira. Agora, no entanto, a gagueira de Bill piorara muito e, de fato, ele tinha medo de que algo ruim acontecesse a Eddie, se não fosse ligeiro.

Assim, quando o Sr. Keene perguntou: "Olá, Billy Denbrough, em que posso ajudá-lo?" Bill pegou um folheto com anúncio de vitaminas, virou-o e escreveu nas costas: *Eu e Eddie Kaspbrak estivemos brincando nos Barrens. Ele teve um sério ataque de asma e mal consegue respirar. O senhor poderia arranjar-me um refil para seu aspirador?*

Empurrou a nota sobre o balcão envidraçado para o Sr. Keene, que a leu, fitou os ansiosos olhos azuis de Bill e respondeu:

— Claro. Espere aqui e não mexa em nada.

Bill desviou Ímpacientemente o peso do corpo de um pé para o outro, enquanto o Sr. Keene estava por trás do balcão dos fundos. Embora ele retornasse em menos de cinco minutos, pareceu ter transcorrido um século antes de retornar trazendo um dos frascos plásticos de Eddie. Entregou-o a Bill, sorriu e disse:

— Isto deve resolver o problema.

— Ob-ob-obrigado — respondeu Bill. — Eu não t-tenho d-di-din...

— Está tudo bem, filho. A Sra. Kaspbrak tem conta aqui. Registrarei o preço do frasco. Tenho certeza de que ela quererá agradecer sua gentileza.Muito aliviado, Bill agradeceu ao Sr. Keene e saiu rapidamente. O Sr. Keene saiu de trás do balcão, a fim de vê-lo ir embora. Viu Bill jogar o aspirador na cesta da bicicleta e montar nela desajeitadamente. *Será que ele consegue dirigir uma bicicleta tão grande?* perguntou-se o Sr. Keene. *Duvido muito. Duvido mesmo!* Não obstante, o garoto Denbrough conseguiu manejar a bicicleta, sem cair sobre a cabeça, pedalando lentamente. Para o farmacêutico, aquela bicicleta parecia uma pilhéria, dançando loucamente de um lado para outro. O aspirador rolava para diante e para trás dentro do cesto-bagageiro.

O Sr. Keene sorriu de leve. Se Bill visse aquele sorriso, isso confirmaria bastante sua idéia de que o farmacêutico não era bem o campeão mundial da delicadeza. Tratava-se do sorriso azedo do homem que descobriu muito espanto acerca da condição humana, mas quase nada para melhorá-la de nível. Sim — acrescentaria o preço do remédio para a asma de Eddie à conta de Sônia Kaspbrak e, como sempre, ela ficaria surpresa — e mais desconfiada do que agradecida — pelo baixo preço da medicação. Outros remédios eram tão *dispendiosos,* ela costumava dizer. O Sr. Keene a sabia uma daquelas pessoas para quem nada que seja barato pode ser benéfico a alguém. De fato, ele poderia perfeitamente tê-la ludibriado no preço do HydrOx Mist de seu filho, e houvera ocasiões em que se sentira bem tentado a isso... mas por que deveria tomar o partido da tolice daquela mulher? Afinal, não ia morrer de fome se colocasse o preço certo.

Barato? Oh, sim, claro! O HydrOx Mist *(Administrar quando necessário,* claramente impresso na etiqueta gomada que ele pregava em cada aspirador) era maravilhosamente barato, mas mesmo a Sra. Kaspbrak estava querendo admitir que a medicação controlava a asma de seu filho muito bem, apesar do preço baixo. Era barato, porque não passava de uma mistura de hidrogênio e oxigênio, com o acréscimo de uma pitada de cânfora para dar ao remédio um leve gosto medicinal.

Em outras palavras, o remédio para a asma de Eddie, era água da torneira.

7

Bill demorou mais na volta, porque tinha de subir a colina. Havia vários trechos em que precisava desmontar para empurrar Silver, já quesimplesmente não dispunha da força muscular necessária para manter seu veículo subindo ladeiras que não fossem brandas.

Quando finalmente se desfez da bicicleta e seguiu ao encontro de Eddie, eram dezesseis horas e dez minutos. Por sua mente tinham passado todas as espécies das mais negras suposições. O garoto Hanscom debandara, deixando Eddie morrer sozinho. Os garotos maiores podiam ter voltado e arrancado a pele dos dois. Ou... pior ainda... o homem que se empenhara em assassinar crianças poderia ter liquidado um deles ou os dois. Como liquidara George.

Bill sabia da existência de fortes comentários e especulações sobre o assunto. Embora gaguejasse, não era surdo — mesmo que os outros achassem que sim, pois ele só falava quando absolutamente necessário. Havia quem pensasse que o assassinato de seu irmão não era relacionado, em absoluto, aos assassinatos de Betty Ripsom, Cheryl Lamonica, Matthew Clements e Verônica Grogan. Outros diziam que George, Ripsom e Lamonica haviam sido mortos por um homem, mas que os outros dois eram obra de um "homicida imitador". Uma terceira escola de pensamento sustentava que os meninos tinham sido mortos por um homem, as meninas por outro.

Bill acreditava que todos tinham sido liquidados pela mesma pessoa... se *houvesse* uma pessoa. Às vezes ele se questionava a respeito. Como às vezes se questionava acerca de seus sentimentos por Derry, neste verão. Seria ainda uma conseqüência da morte de George, a maneira como seus pais agora pareciam ignorá-lo, tão perdidos no sofrimento pelo filho caçula que não viam o simples fato de que Bill continuava vivo e poderia estar sofrendo também? Tais coisas conbinavam com os demais assassinatos? As vozes que agora às vezes pareciam falar dentro da sua cabeça, cochichando-lhe (evidentemente, não eram variantes da sua voz, porque elas não gaguejavam — eram calmas, porém muito firmes), aconselhando-o a fazer certas coisas, mas não outras? Seriam essas coisas que agora faziam Derry parecer algo diferente? Algo ameaçador, com ruas inexploradas que não convidavam, mas em vez disso bocejavam, em uma espécie de ominoso silêncio? Isso fazia com que alguns rostos parecessem secretos e amedrontados?

Ele não sabia, mas acreditava — como acreditava que todos os assassinatos eram obra de uma só mão — que Derry realmente *havia* mudado, que a morte de seu irmão assinalara o início daquela mudança. Asnegras suposições em sua cabeça vinham da secreta idéia de que qualquer coisa podia agora acontecer em Derry. *Qualquer coisa.*

Entretanto, quando chegou à última curva, tudo parecia tranqüilo. Ben Hanscom continuava lá, sentando ao lado de Eddie. O próprio Eddie agora ficara sentado, com as mãos frouxas no colo, de cabeça baixa, a respiração ainda sibilante. O sol afundara o suficiente para projetar compridas sombras esverdeadas sobre a corrente.

— Poxa, você voltou depressa — disse Ben, levantando-se. — Pensei que ainda fosse esperar mais uma meia hora.

— Eu tenho uma b-bicicleta r-r-rápida — disse Bill, com certo orgulho.

Por um momento, os dois entreolharam-se com cautela, desconfiados. Então, Ben esboçou um sorriso, a que Bill correspondeu. O garoto era gordo, mas parecia legal. E tinha ficado ali, o tempo todo, Isso requeria certa coragem, porque Henry e seus amigos f. da p. podiam continuar perambulando pelos arredores. Bill piscou para Eddie, que olhava para ele com emudecida gratidão.

— P-p-pegue aí, E-E-E-Eddie!

Jogou o aspirador. Eddie mergulhou para ele, de boca aberta, pressionou o gatilho e ofegou convulsivamente. Depois reclinou-se, com os olhos fechados. Ben pareceu preocupado.

— Poxa, ele precisava mesmo do remédio, hein? Bill assentiu.

— Levei algum tempo assustado — disse Ben, em voz baixa. — Imaginava o que fazer, se ele tivesse uma convulsão ou coisa assim. Fiquei procurando lembrar aquelas coisas que nos disseram na reunião da Cruz Vermelha que tivemos em abril. No entanto, só me lembrei de que a gente deve colocar um graveto na boca da pessoa, para que ela não morda a língua.

— Acho que isso foi para e-e-epilépticos.

— Oh, é isso mesmo. Você está certo.

— Bem, ele n-não v-vai ter nenhuma convu-convulsão — disse Bill. — Esse r-r-remédio vai deixá-lo b-bom. Ve-ve-veja!

A dificuldade respiratória de Eddie cessara. Ele abriu os olhos o fitou os outros dois.

— Obrigado, Bill — disse. — Este acesso foi dos piores.— Acho que começou quando eles esmurraram seu nariz, não foi?

— perguntou Ben.

Eddie riu pesarosamente, levantou-se e enfiou o aspirador no bolso traseiro.

— Eu nem estava pensando em meu nariz. Pensava em minha mãe.

— É mesmo? — perguntou Ben.

Pareceu surpreso, mas sua mão tocou as tiras rasgadas da camisa de algodão e começou a brincar nervosamente com elas.

— Assim que ela descobrir o sangue em minha camisa, dentro de cinco segundos estará me levando para a Sala de Emergência no hospital.

— Por quê? — perguntou Ben. — Tudo já parou, não parou? Poxa, eu ainda lembro de um garoto que foi meu colega no jardim de infância.

— Scooter Morgan. O nariz dele sangrou demais, quando caiu das barras de trepar. Levaram *ele* para a Sala de Emergência, mas só porque o nariz continuava sangrando.

— É mesmo? — perguntou Bill, interessado. — E ele m-m-morreu?

— Não, mas ficou uma semana sem ir à escola.

— No meu caso, não faz diferença se parou de sangrar ou não — comentou Eddie sombriamente. — Ela me levará de qualquer modo. Vai pensar que o nariz está quebrado e que há pedaços de ossos espetando meu cérebro ou coisa assim.

— E a g-gente pode ter ossos no *c-c-cérebro?* — perguntou Bill. Aquela estava se tornando a conversa mais interessante que tivera em várias semanas.

— Eu não sei, mas se você ouvir o que minha mãe diz, tudo pode acontecer. — Eddie se virou novamente para Ben. — Ela me leva à Sala de Emergência uma ou duas vezes ao mês. Odeio aquele lugar! Um dia, um enfermeiro disse a ela que deviam fazê-la pagar aluguel. Minha mãe ficou p. da vida.

— Poxa! — exclamou Ben. Estava pensando que a mãe de Eddie devia ser mesmo terrível. Não percebera que agora suas duas mãos mexiam nas tiras rasgadas da camisa. — Por que não se recusa a ir? Diga alguma coisa como: "Ei, mãe, eu estou bem, só quero ficar em casa e ver televisão." Mais ou menos isso.

— Não dá — replicou Eddie, pouco à vontade, e ficou calado.

— Você é Ben H-H-H-Hanscom, c-certo? — perguntou Bill.— Sou. E você é Bill Denbrough.

— S-sou. E ele é Eh-Eh-Eh-heh-Eh-Eh...

— Eddie Kaspbrak — disse Eddie. — Não gosto que gagueje meu nome, Bill. Você fica parecendo Elmer Fudd.

— S-si-sinto m-muito.

— Bem, foi um prazer conhecer vocês dois — disse Ben. Parecia um pouco recatado e sem jeito. O silêncio caiu entre os três.

Não era um silêncio inteiramente desconfortável, porque nele se tornaram amigos.

— Por que aqueles caras estavam atrás de você? — perguntou Eddie por fim.

Eles e-estão s-s-sempre atrás de al-alguém — respondeu Bill. — Odeio aq-aqueles fo-fodidos!

Ben ficou um instante calado — principalmente por admiração — ante o uso do que sua mãe às vezes chamava de Pior Palavrão. Ele jamais dissera o Pior Palavrão em toda a sua vida, embora o tivesse escrito (em letras bem pequeninas) em um posto telefônico, no Dia das Bruxas antes do anterior.

— Bowers acabou sentando ao meu lado durante as provas finais — explicou Ben afinal. — Queria colar da minha prova. Eu não deixei.

— Você quer morrer cedo, cara — disse Eddie, com admiração. Bill Gaguinho começou a rir. Ben o fitou agudamente, decidiu que *não* era ele o motivo do riso (seria difícil explicar *como* sabia, mas o caso é que sabia), e então sorriu.

— Acho que quero — respondeu. — De qualquer modo, ele vai ter de freqüentar o curso de verão. Assim, juntou os dois companheiros e foram atrás de mim. Isso é o que aconteceu.

— V-você tem uma apa-aparência de t-ter sido m-m-morto p-por e-eles — disse Bill.

— Despenquei da Rua Kansas. Caí pelo lado da colina. — Ele olhou para Eddie. — Por falar nisto, acho que o verei na Sala da Emergência. Porque quando minha mãe olhar para minhas roupas, é para *lá* que me levará.

Bill e Eddie prorromperam em risadas desta vez, e Ben se juntou a eles. Seu estômago doía com as risadas, mas ele riu assim mesmo, aguda e um pouco histericamente. Por fim, teve que se sentar na margem da corrente, e o som oco de seu traseiro batendo contra a terra, fez com querecomeçasse a rir. Ben gostou da maneira como suas risadas soavam, em conjunto com as deles. Era um som que nunca ouvira antes: não um riso combinado — ele já ouvira isso inúmeras vezes — mas um riso combinado do qual o seu era parte integrante.

Ergueu o rosto para Bill Denbrough, os olhos dos dois encontraram-se, e foi quanto bastou para que as gargalhadas recomeçassem.

Bill puxou as calças bem para cima, levantou a gola da camisa e começou a caminhar imponente de um lado para outro, com pose de valentão. Sua voz baixou de tom, ficou muito grossa, quando disse:

— Eu vou matar você, cara. Não me venha com lorotas! Sou burro, mas sou grandão! Posso quebrar nozes com a testa! Posso mijar vinagre e cagar cimento! Meu nome é Bicho-papão Bowers e sou o maioral das redondezas de Derry!

Eddie se tinha jogado à beira do rio e rolava de um lado para outro, agarrando o estômago e uivando. Ben se dobrara em dois, a cabeça entre os joelhos, lágrimas saltando dos olhos, muco escorrendo do nariz em compridos filetes esbranquiçados, e ria como uma hiena.

Bill sentou-se ao lado deles e, pouco a pouco, as risadas foram-se aquietando.

— Na verdade, em tudo isso há uma coisa boa — comentou Eddie, minutos depois. — Se Bowers tiver que fazer o curso de férias de verão, não o veremos muito por aqui.

— Vocês costumam brincar sempre nos Barrens? — perguntou Ben.

Nem em mil anos tal idéia lhe passaria pela cabeça — não com a reputação dos Barrens; entretanto, agora que estava ali, a coisa até que não parecia tão ruim. De fato, aquela faixa da margem no terreno rebaixado era bastante agradável, enquanto a tarde prosseguia em sua lenta caminhada para o crepúsculo.

— C-C-claro. É m-muito le-legal. N-ninguém co-costuma in-incomodar a g-gente aqui em b-baixo. B-brincamos um bo-bocado. B-B-Bowers e a-aqueles outros ca-caras n-nunca apa-parecem por a-aqui.

— Você e Eddie?

— Ri-Ri-Ri... — Bill abanou a cabeça.

Ben reparou que o rosto de Bill se contorcia como um trapo espremido — quando ele gaguejava — e, de repente, ocorreu-lhe um estranho pensamento: Bill não gaguejara nem um pouco quando ele imitava a maneira de Henry Bowers falar.— *Richie!* — exclamou Bill então. Fez uma pausa e prosseguiu: — Richie T-Tozier costumava v-vir ta-também. Só que a-agora, ele e seu p-pai vão fazer a l-limpeza do s-s-só...

— Sótão — traduziu Eddie, e jogou uma pedra na água: *Ploft!*

— Eu conheço Richie — disse Ben. — Vocês gostam um bocado de vir aqui embaixo, hein?

A idéia o deixava fascinado e fazia com que também sentisse uma idiota espécie de nostalgia.

— Mu-mu-muitas vezes — disse Bill. — P-por que vo-vo-você não a-a-parece a-a-a-qui amanhã? Eu e E-E-Edie estávamos t-t-tentando construir uma re-re-represa.

Ben ficou sem fala. Estava pasmo, não apenas pela oferta, mas pela casualidade simples, não estudada, com que ela fora feita.

— Talvez a gente devesse fazer outra coisa — disse Eddie. — A represa não estava dando muito certo.

Ben levantou-se e desceu até a corrente, sacudindo a terra aderida a seu vasto traseiro das calças. Ainda havia pilhas entrelaçadas de pequenos galhos a cada lado da corrente, mas tudo o mais que elas pudessem estar unindo, fora destruído.

— Vocês precisam arranjar algumas tábuas — disse Ben. — Consigam as tábuas e botem em uma fila... uma de frente para a outra... como o pão de um sanduíche.

Bill e Eddie olhavam para ele, perplexos. Ben caiu sobre um joelho.

— Vejam como é — disse Ben. — Tábuas aqui e aqui. Fincadas no leito da corrente, uma de frente para a outra. Certo? Então, antes que as águas as derrubem, encham o espaço entre elas com pedras, areia...

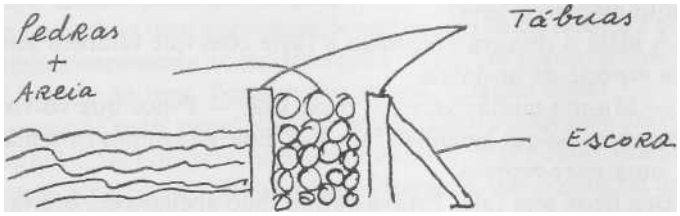
— É as-as-assim — disse Bill.

— Quê?

— *As-as-assim* que nós vamos fazer.

— Oh! — soltou Ben, sentindo-se (e, tinha certeza, parecendo) extremamente idiota. Contudo, pouco ligava se parecesse idiota porque, de repente, estava muito feliz. Nem conseguia recordar a última vez que se sentira tão feliz. — Certo. *Nós*. De qualquer modo, se vocês — *nós* — enchermos o espaço intermediário com pedras e outros materiais, as tábuas vão agüentar. A tábua contra a corrente ficará inclinada para as pedras e terra, à medida que a água for subindo. A segunda tábua se inclinaria para trás e acabaria caindo, depois de algum tempo, acho eu, mas se tivermos uma terceira tábua... Bem, olhem aqui.

Riscou o chão com um graveto. Bill e Eddie Kaspbrak inclinaram-se para ver e estudaram o desenho, com sério interesse:



— Você já *construiu* alguma represa antes? — perguntou Eddie, em tom respeitoso, quase reverente.

— Nunca.

— Então, c-como sabe que i-isto vai d-dar ce-ce-certo? Ben se virou para Bill, perplexo.

É claro que vai dar certo — replicou. — Por que não daria?

— M-mas, co-como é que v-você *sa-sa.-sabe?* — perguntou Bill. Ben percebeu que o tom da pergunta não era de descrença sarcástica, mas de sincero interesse. — C-como p-p-pode ter *ce-ce-certeza?*

— Eu apenas tenho *certeza* — respondeu Ben.

Olhou para o desenho no solo, como que para confirmar suas palavras. Nunca vira um compartimento estanque na vida, fosse em diagrama ou de fato, tampouco tinha idéia de que acabara de desenhar algo bastante semelhante a um.

— E-está bem — disse Bill, e bateu nas costas de Ben. — A g-gente se en-encontra aq-aqui a-a-amanhã.

— A que horas?

— E-eu e Eh-Eddie chegamos aqui pelas oi-oi-oito e m-m-meia mais ou me-me-menos...

— Se eu e minha mãe ainda não estivermos de plantão na Sala de Emergência — disse Eddie, e suspirou.

— Eu trarei algumas tábuas — disse Ben. — Há um velho no outro quarteirão que tem um punhado delas. Arranjarei algumas.— Traga suprimentos também — disse Eddie. — Coisas para comer. Sabe, coisas como sanduíches, biscoitos, isso aí.

— Certo.

— Você t-tem alguma a-a-a-arma?

— Tenho um rifle de ar comprimido — disse Ben. — Ganhei de minha mãe no Natal, mas ela fica fora de si quando o uso dentro de casa.

— T-t-traga o ri-rifle — disse Bill. Po-podemos b-brincar com a-a-armas também.

— Certo — disse Ben, satisfeito. — Escutem, caras, tenho que ir disparado para casa.

— N-Nós também — replicou Bill.

Os três saíram juntos dos Barrens. Ben ajudou Bill a empurrar Silver pela rampa acima. Eddie arrastou-se atrás deles, respirando com dificuldade novamente e olhando com desgosto para a camisa salpicada de sangue.

Bill despediu-se deles e então começou a pedalar, gritando com toda a potência dos pulmões:

Hi-yo Silver, *VAAAMOS!*

— É uma bicicleta *gigantesca*— disse Ben.

— Pode apostar sua pele — replicou Eddie. Havia usado outra vez o aspirador e tornava a respirar com normalidade. — Ele às vezes me leva na traseira, de carona. Ela corre tanto, que me deixa apavorado. Ele é um sujeito legal, Bill é. — Eddie disse isso de

modo algo desajeitado, porém seus olhos falavam com mais ênfase. Mostravam adoração.
— Sabe o que aconteceu com o irmão dele, não sabe?

— Não. O que foi?

— Mataram ele, no outono passado. Um sujeito o matou. Puxou um de seus braços, arrancou-o como se arranca a asa de um passarinho.

— Meu Deus!

— Bill, ele gaguejava só um pouquinho. Agora piorou muito. Você reparou que ele gagueja?

— Bem... um pouco.

É, mas os *miolos* dele não gaguejam. Entende o que quero dizer?

— Claro.

— De qualquer modo, só lhe contei porque, se quiser que Bill seja seu amigo, é melhor não tocar nessa história do irmão caçula dele. Não lhe faça perguntas nem coisas assim. Ele ficou muito amedrontado com a história.

— Poxa, cara, eu também ficaria — respondeu Ben. Agora, recordava um tanto vagamente os comentários sobre o garotinho que tinha sido morto no outono passado. Gostaria de saber se a mãe de Bill estivera pensando em George Denbrough, quando dera ao outro filho o relógio que ele usava agora, ou se pensava apenas nas mortes mais recentes. — Isso aconteceu logo depois daquela grande enchente?

— Foi.

Tinham chegado à esquina das Ruas Kansas e Jackson, onde deveriam separar-se. Crianças corriam de um lado para outro, brincando de pique e fazendo jogadas de beisebol. Um garotinho com enormes shorts azuis passou trotando cheio de importância ao lado de Ben e Eddie, com um boné de pele de castor virado ao contrário, de maneira que a cauda pendia entre seus olhos. Girava um bambolê na cintura e gritava:

— Quem quer brincar, vocês aí? Quem quer brincar com meu bambolê?

Os dois garotos maiores ficaram olhando para ele, divertidos. Então, Eddie falou:

— Bem, tenho que ir andando.

— Um momento — disse Ben. — Tive uma idéia, se você não quer mesmo ir parar na Sala de Emergência.

— Verdade? — Eddie olhou para ele, entre duvidoso e querendo acreditar no que ouvia.

— Tem um níquel aí?

— Tenho dez centavos. Para quê?

Ben olhou para as manchas secas e acastanhadas na camisa de Eddie.

— Entre no bar e peça um leite achocolatado. Despeje metade dele na camisa. Então, quando chegar em casa, diga para sua mãe que derramou tudo na roupa.

Os olhos de Eddie brilharam. Nos quatro anos após a morte do pai, a vista de sua mãe piorara consideravelmente. Por vaidade (e porque não sabia dirigir um carro), ela se recusava a consultar um oculista e a usar óculos. Para seus olhos, as manchas de sangue seco e de leite achocolatado pareceriam a mesma coisa. Talvez...

— Pode dar certo — disse Eddie.— Se ela descobrir, não conte que a idéia foi minha.

— Não contarei — respondeu Eddie. — Tchau, até jacaré.

— Certo.

— Não — disse Eddie, pacientemente. — Quando digo isso, você deve responder, "Até lá ou te fuzilo, crocodilo".

— Oh! Até lá ou te fuzilo, crocodilo.

— É, você morou — sorriu Eddie.

— Sabe de uma coisa? — disse Ben. — Vocês são muito legais. Eddie pareceu mais do que embaraçado; pareceu quase nervoso. Bill é — replicou, e afastou-se.

Ben o viu descer a Rua Jackson, e então se virou, começando a caminhar para casa. Três quarteirões rua acima, avistou aquele trio-tão-familiar, em pé na parede do ônibus, na esquina de Jackson com Main. Não olhavam em sua direção, o que era uma sorte infernal. Ben mergulhou rapidamente para trás de uma cerca-viva, com o coração em disparada. Cinco minutos mais tarde, o ônibus interurbano Derry-Newport-Haven parava no ponto. Henry e seus colegas embarcaram.

Ben esperou até o ônibus sumir de vista, e então seguiu rapidamente para casa.

8

Naquela noite, uma coisa terrível aconteceu a Bill Denbrough. Aconteceu pela segunda vez.

Seus pais viam televisão no térreo, sem falar muito, sentados nos extremos do sofá, como suportes de livros. Houvera época em que aquela sala, dando para a cozinha, era tão cheia de falatório e riso, às vezes tão intensos, que não se ouvia nada do que era dito na televisão. "Cale a boca, George!" gritava Bill. "Só calo, se você parar de comer toda a pipoca" replicava George. "Mé, manda Bill me dar pipoca!" "Bill, dê pipoca para ele. Não me chame de 'mé', George. Mé é um som que os carneiros fazem." Ou então, seu pai contava uma piada e todos eles riam, até mesmo mamãe. Nem sempre George entendia as piadas, Bill sabia, mas seu irmão ria também, porque todos estavam rindo.

Naquele tempo, seus pais também se sentavam no sofá como suportes de livros, mas ele e George tinham sido os livros. Após a morte do irmão, Bill ainda tentara continuar sendo um livro entre eles, enquanto viam televisão, mas fora uma idéia gelada. Os dois emitiam friagem de ambas as direções, e o descongelador de Bill não era forte o bastante para manejar aquilo. Tivera que desistir da idéia, porque aquela espécie de frio sempre o deixava com as faces congeladas e água nos olhos.

— Q-querem ouvir uma pi-piada que hoje contaram na e-e-escola?

— tentara certa vez, meses antes.

Houve silêncio das duas partes. Na televisão, um criminoso suplicava ao irmão — que era sacerdote — para escondê-lo.

O pai de Bill levantou os. u hos da revista *True* e o fitou com surpresa. Depois, voltou a concentrar-se na revista. Ali havia a foto de um caçador, estirado em um banco de neve, com os olhos fixos em enorme e rosnante urso poíar. "Atacado pelo Matador dos Gélidos Desertos Brancos" era o nome do artigo. Bill havia pensado: *Eu sei onde há desertos gélidos — aqui mesmo, neste sofá, entre meu pai e minha mãe.*

A mãe nem chegara a olhar para ele.

— É uma p-p-piada sobre q-quantos fran-franceses têm que s-se-se j-juntar para t-t-trocar uma 1-1-lâm-lâmpada — continuou Bill.

Sentiu uma camada de suor brotando na testa, como às vezes ocorria na escola, ao perceber que a professora já o ignorara por tempo suficiente e logo voltaria a atenção para ele. Bill falava alto demais, porém era impossível baixar o tom de voz. As palavras ecoavam em sua cabeça como louco bimbalhar de sinetas, martelando, confundindo, estragando tudo.

— V-V-Você sabe q-qu-quantos?

— Um para segurar a lâmpada e quatro para girar a casa — respondeu Zack Denbróugh com ar ausente, virando uma página da revista.

— Disse alguma coisa, querido? — perguntou sua mãe.

No *Teleteatro Quatro Estrelas,* o sacerdote dizia a seu irmão criminoso que entrasse e rezasse, pedindo a Deus.

Bill continuou sentado, suando frio — muito frio. Era frio assim, porque entre aqueles dois suportes ele não se sentia *realmente* o único livro; Georgie ainda estava ali, mas agora era um Georgie que ele não podia ver, um Georgie que nunca exigia pipocas e nem gritava que Bill o estava beliscando. Esta nova versão de Georgie nunca se tornava uma peste. Tratava-se de um Georgie com um só braço, empalidecido, pensativamente silencioso à claridade branco-azulada e penumbrosa da televisão.

— e talvez não fosse dos pais que provinha a grande friagem, mas de Geor-gie; talvez Georgie é que fosse o real matador dos desertos gélidos. Por fim, Bill fugira daquela geleira, daquele irmão frio e invisível. Fugira para seu quarto, lá ficando com o rosto enterrado contra a cama, chorando no travesseiro.

O quarto de George permanecia exatamente como no dia em que ele morrera. Zack tinha posto uma parte dos brinquedos do filho em uma caixa de papelão, uma ou duas semanas após o sepultamento, pretendendo enviá-la para o Exército da Salvação, o pessoal da Boa-Vontade ou coisa assim, segundo Bill imaginava. Sharon Denbrough o vira saindo com a caixa nos braços e levara as mãos à cabeça, como assustados pássaros brancos, mergulhando-as fundo entre os cabelos, onde se trancaram em punhos apertados. Bill presenciara isto e havia caído contra a parede, a força subitamente abandonando suas pernas. Sua mãe parecia tão louca como Elsa Lanchester em *A noiva de Frankenstein.*

— *Não OUSE pegar nas coisas dele!* — ela havia guinchado. Zack encolheu-se e então tornou a levar a caixa de brinquedos para o quarto de George, sem uma palavra. Inclusive, tornou a colocar aqueles brinquedos nos mesmos e exatos lugares de onde os tirara. Ao entrar, Bill viu o pai ajoelhado junto à cama de George (cujas roupas sua mãe continuava trocando, somente uma vez por semana agora, em vez de duas), com a cabeça sobre os musculosos braços peludos. Ele viu que o pai chorava e isso aumentou o seu terror. Uma possibilidade assustadora ocorreu-lhe subitamente: algumas vezes as coisas davam errado e depois se consertavam; mas era bem possível que, outras vezes, elas continuassem ficando cada vez mais erradas, até tudo virar uma desgraça total.

— P-pa-papai...

— Saia, Bill — disse seu pai. A voz dele era sufocada e trêmula. As costas subiam e desciam. Bill queria desesperadamente tocar as costas dele, ver se talvez sua mão conseguiria aquietar aquele arfar incessante, mas não teve coragem. — Saia, dê o fora!

Ele saiu e esgueirou-se ao longo do corredor superior, enquanto ouvia a mãe, que também chorava na cozinha. O som era agudo e incontido. Bill pensou: *Por que eles choram tão longe um do outro?* e então expulsou esse pensamento.

9

Na primeira noite das férias de verão, Bill entrou no quarto de George. Seu coração batia fortemente no peito, as pernas estavam rígidas e desajeitadas pela tensão. Ele ia freqüentemente ao quarto do irmão, mas isso não significava que gostasse de entrar lá. O quarto estava tão cheio da presença de George, que parecia assombrado. Bill entrou e não pôde evitar o pensamento de que a porta do armário podia abrir-se, rangendo, a qualquer momento, e lá estaria George, entre as calças e camisas ainda corretamente penduradas, um Georgie vestindo capa impermeável com salpicos vermelhos e rasgões, um impermeável com um braço amarelo pendurado. Os olhos de George seriam vidrados e terríveis, os olhos de um zumbi em um filme de terror. Quando saísse do armário, suas galochas fariam sons ciciantes, enquanto ele cruzava o quarto até a cama em que Bill se sentava, um congelado bloco de terror...

Se a energia elétrica falhasse em qualquer das noites enquanto se sentava ali, na cama de George, olhando para os retratos de George na parede ou para os modelos em cima da cômoda, certamente teria um ataque do coração, sem dúvida fatal, dentro dos primeiros dez segundos. Não obstante, ele ia lá, assim mesmo. Contrapondo-se a seu pavor do George-fantasma, havia uma ansiosa e muda necessidade — uma fome — de, de algum modo, sobrepor-se à morte de seu irmão e encontrar uma forma decente de continuar. Não esquecendo George mas, de qualquer forma, encontrando uma maneira de que ele não se tornasse tão infernalmente *incômodo*. Bill percebia que seus pais não estavam tendo grande êxito em resolver o assunto e, se tinha que agir por si mesmo, ele teria que dar um jeito naquilo *sozinho*.

Tampouco era por si só que entrava naquele quarto; ele ia lá também por Georgie. Bill amara George e, como irmãos, os dois se tinham dado perfeitamente bem. É verdade que havia os momentos irritantes — Bill soltando tapas no irmão, George delatando-o, quando ele ia para a cozinha, depois das luzes apagadas, comer o resto da cobertura da torta de limão — porém, em geral, conviviam sem dificuldade. Era horrível George ter morrido. E, para ele, transformar George em alguma espécie de monstro de terror... isso era ainda pior.

A verdade é que Bill sentia falta do irmão menor. Sentia falta da voz dele, de suas risadas — sentia falta da maneira como os olhos de George às vezes procuravam os seus confiantemente, certo de que ele teria todas as respostas que fossem necessárias. Havia ainda algo incompreensível: havia vezes em que se sentia amando George ainda mais quando estava com medo, porque mesmo amedrontado — tomado por aquelas inquietas sensações de que um George-zumbi podia estar espreitando no armário ou debaixo da cama, Bill podia recordar que amava o irmão muito mais ali, e que George o amava. Em seu esforço para reconciliar estas duas emoções — seu amor e seu terror — Bill achava que estava perto de encontrar onde jazia a aceitação final.

Tais coisas não eram algo que poderia expressar em palavras; em sua mente, as idéias não passavam de incoerente amontoado. Entretanto, seu terno e ansioso coração entendia, sendo isso apenas o que importava.

Havia ocasiões em que folheava os livros de George, en outras mexia nos brinquedos dele.

Desde o último dezembro não tocara no álbum de fotos do irmão.

Agora, naquela noite após o encontro com Ben Hanscom, ele abriu a porta do armário de George (como sempre, empedernindo-se para a visão do próprio Georgie em pé ali dentro, com seu impermeável sujo de sangue, entre as roupas penduradas nos cabides e, como sempre, esperando ver projetar-se do escuro uma pálida mão de dedos

pegajosos, querendo agarrar seu braço) e apanhou o álbum de fotografias, na prateleira de cima.

MINHAS FOTOGRAFIAS, dizia a inscrição da capa, em letras douradas. Mais abaixo, cobertas com fita adesiva transparente (agora ligeiramente amarelada e descolando), as palavras cuidadosamente impressas: GEORGE ELMER DENBROUGH, 6 ANOS. Bill levou o álbum para a cama em que George tinha dormido, com o coração disparando mais forte do que nunca. Não saberia explicar que loucura o levara a pegar novamente aquele álbum. E depois do que tinha acontecido em dezembro...

Só para ver mais uma vez. Apenas para convencer-se de que a primeira não tinha sido real. Aquela primeira vez fora apenas um truque qualquer de sua cabeça.

Bem, afinal de contas, era uma idéia.

Até que podia ser verdade. No entanto, Bill desconfiava que se tratava apenas do álbum em si. Era o álbum que, de algum modo, o fascinava tanto. O que tinha visto ou o que *pensava* ter visto...Abriu o álbum. Estava cheio de fotos que George havia ganho da mãe, do pai, dos tios e tias. Para George, pouco importava se fossem fotos de pessoas e lugares que conhecesse ou não; o importante era a idéia daquelas fotos em si. Quando ele não tinha êxito ao amolar alguém para dar-lhe novas fotos que poria no álbum, sentava-se de pernas cruzadas naquele mesma cama em que Bill se sentava agora, e ficava vendo as antigas, virando as páginas com cuidado, estudando as fotos Kodak em preto e branco. Ali estava sua mãe quando nova e linda demais; ali estava seu pai, com não mais de dezoito anos, um entre o trio de sorridentes jovens e seus rifles, em pé ao lado do cadáver de,:um alce de olhos abertos; o tio Hoyt, em pé sobre algumas rochas e segurando no alto um filhote de lúcio; a tia Fortuna, retratada na Feira Agrícola de Derry, ajoelhada orgulhosamente junto a uma cesta de tomates cultivados por ela; um antigo automóvel Buick; uma igreja; uma casa; uma estrada que vinha de algum lugar para algum lugar. Todas aquelas fotos, batidas por perdidos alguéns por perdidos motivos, agora jaziam ali, no álbum de fotografias de um menino morto.

Bill viu uma foto sua aos três anos, deitado em uma cama de hospital, com um turbante de ataduras cobrindo-lhe os cabelos. As ataduras desciam por suas faces debaixo do queixo fraturado. Fora atingido por um carro no pátio de estacionamento da A & P, na Rua Center. Lembrava-se vagamente de sua permanência no hospital; recordava apenas que lhe tinham dado milk-shakes de sorvete, através de um canudinho, e que sua cabeça doera horrivelmente durante três dias.

Ali estava a família inteira no gramado da casa, Bill em pé ao lado da mãe e dando-lhe a mão; George, apenas um bebê, dormindo nos braços de Zack. E aqui...

Não era o fim do álbum, mas era a última página que importava, porque as seguintes estavam em branco. A foto final era a de George na escola, tirada em outubro do ano anterior, menos de dez dias antes dele morrer. George usava uma blusa com gola rulê, os cabelos rebeldes haviam sido aíisados com água. Ele sorria, mostrando duas fendas vazias onde nunca mais cresceriam dentes novos — *a menos que eles continuem crescendo depois que a gente morre,* pensou Bill, e estremeceu.

Olhou fixamente para a foto por algum tempo, e ia fechar o álbum, quando aconteceu o mesmo que já acontecera em dezembro.Os olhos de George moveram-se na foto. Moveram-se para encontrar os dele. O artificial sorriso "diga-tchau" de George transformou-se em horrenda careta. Seu olho direito piscou maliciosamente: *Vejo você logo mais, Bill. No meu armário. Talvez esta noite.*

Bill jogou o álbum no outro lado do quarto. Tapou a boca com as duas mãos engalfinhadas.

O álbum bateu na parede e caiu no chão, aberto. As páginas se viraram, embora não houvesse nenhuma corrente de vento ali dentro. Sozinho, o livro se abriu na página daquela horrível foto outra vez, aquela abaixo da qual estava escrito COLEGAS DA ESCOLA — 1957-58.

O sangue começou a fluir do retrato.

Bill ficou gelado, sua língua era um pedaço inchado de carne dentro da boca, a pele arrepiou-se por inteiro, os cabelos ficaram em pé. Ele queria gritar, mas conseguiu apenas emitir sons quase inaudíveis de chorados gemidos.

O sangue escorreu da página e começou a pingar no chão.

Bill correu para fora do quarto, batendo a porta com força.

CAPÍTULO 6

Um dos desaparecidos: história do verão de 58

1

Nem todos eles foram encontrados. Não; nem todos o foram. E, de tempos em tempos, levantavam-se suposições errôneas.

2

Extraído do *News,* de Derry, 21 de junho de 1958 (primeira página):

DESAPARECIMENTO DE MENINO DESPERTA NOVOS TEMORES

Edward L. Corcoran, residente à Rua Charter, 73, em Derry, foi dado como desaparecido na noite passada por sua mãe, Monica Macklin, e seu padrasto, Richard P. Macklin. Edward tem dez anos de idade. Seu desaparecimento despertou novos temores de que as crianças de Derry estejam sendo vítimas de um homicida.

Segundo a Sra. Macklin, seu filho está desaparecido desde o dia 19 de junho, quando deixou de voltar para casa após o último dia de aulas, antes das férias de verão.

A Sra. e o Sr. Macklin evitaram comentários, ao lhes ser perguntado por que tinham demorado mais de vinte e quatro horas para comunicar a ausência do menino. O Chefe de Polícia, Richard Borton, também nada comentou, mas uma fonte do Departamento de Polícia informou ao *News* que não era bom o relacionamento do menino Corcoran com o padrasto e que, antes, ele já passara noites fora de casa. Essa fonte especulou que as notas finais do menino podem ter sido parte da culpa no caso, fazendo com que ele evitasse voltar para casa. O superintendente da Escola de Derry, Harold Metcalf, obsteve-se de fazer comentários sobre as notas do menino Corcoran, indicando que elas não eram uma questão de interesse público.

"Espero que o desaparecimento deste menino não provoque temores infundados", declarou o Chefe Borton a noite passada. "A comunidade está compreensivelmente intranqüila, mas quero enfatizar que recebemos queixas de trinta a cinqüenta pessoas menores que desaparecem, a cada ano. Em sua maioria, elas são encontradas vivas e saudáveis, dentro de uma semana após o comunicado inicial. Se Deus quiser, será também este o caso de Edward Corcoran."

Borton também reiterou sua convicção de que os assassinatos de George Denbrough, Betty Ripsom, Cheryl Lamonica, Matthew Clements e Verônica Grogan não foram obra de uma única pessoa. "Existem diferenças essenciais em cada crime", disse Borton, mas evitou alongar-se. O Chefe Borton declarou que a polícia local, trabalhando em íntima colaboração com o gabinete do Promotor Geral do Estado do Maine, continua seguindo várias pistas. Entrevistado esta noite por telefone, quando lhe perguntamos de que natureza eram essas pistas, Borton respondeu: "Elas são muito boas." Perguntado se era esperada para breve alguma prisão ligada a esses crimes, ele se recusou a responder.

Extraído do *News,* de Derry, 22 de junho de 1958 (primeira página):

TRIBUNAL ORDENA EXUMAÇÃO INESPERADA

Em singular e nova reviravolta ligada ao desaparecimento de Edward Corcoran, o Juiz do Tribunal Distrital de Derry, Erhardt K. Moulton, ordenou a exumação do irmão mais novo de Corcoran, Dorsey, às últimas horas de ontem. A ordem do tribunal atendeu a uma requisição conjunta do Promotor do Condado e do Médico-legista do Condado.

Dorsey Corcoran, que também residia com a mãe e o padrasto na Rua Charter, 73, morreu do que foi declarado como causas acidentais, em maio de 1957. O menino foi levado para o Home Hospital de Derry apresentando fraturas múltiplas, inclusive uma do crânio. Richard P. Macklin, o padrasto do menino, foi quem o levou ao hospital. Ele declarou que Dorsey Corcoran estivera brincando em uma escada de mão, na garagem, e aparentemente caíra do alto da mesma. O menino faleceu sem recuperar os sentidos, três dias mais tarde.

Edward Corcoran, de dez anos, foi dado como desaparecido quarta-feira passada. Ao lhe perguntarem se a Sra. ou o Sr. Macklin estavam sob suspeita, fosse pela morte do menino mais novo ou pelo desaparecimento do mais velho, o Chefe Richard Borton não quis fazer comentários.

Extraído do *News,* de Derry, 24 de junho de 1958 (primeira página):

PRESO MACKLIN POR ESPANCAMENTO MORTAL
Sob Suspeita em Desaparecimento Estranho

O Chefe Richard Borton, da Polícia de Derry, convocou ontem a imprensa para uma entrevista, na qual anunciou que Richard P. Macklin, residente à Rua Charter, 73, foi preso e acusado pelo assassinato de seu enteado Dorsey Corcoran. O menino Corcoran morreu no Home Hospital de Derry, supostamente por "causas acidentais", em 31 de maio do ano passado.

"O relatório do legista indica que o menino foi ferozmente espancado", disse Borton. Embora Macklin alegasse que o menino havia caído de uma escada, enquanto brincava na garagem, Borton informou que o relatório do médico legista do Condado revelava ter sido Dorsey Corcoran severamente espancado, com algum instrumento pesado. Interrogado sobre que tipo de instrumento seria, Borton falou: "Poderia ter sido um martelo. No momento, o importante é a conclusão do legista, segundo a qual o menino recebeu golpes repetidos com algum objeto duro o suficiente para fraturar-lhe os ossos. Os ferimentos, em particular os do crânio, não se ajustam aos que seriam

produzidos por uma queda. Dorsey Corcoran foi espancado até quase perder a vida, e então descarregado no pronto-socorro do hospital, a fim de morrer."

Ao ser-lhe perguntado se os médicos que cuidaram do garoto Corcoran teriam fugido ao dever, ao não denunciarem uma incidência de abuso contra uma criança ou a causa real da morte, Borton respondeu: "Eles terão que responder a sérias perguntas, quando o Sr. Macklin for levado a julgamento."

Quando pedimos sua opinião sobre a possível repercussão destes fatos no recente desaparecimento-do irmão mais velho de Dorsey Corcoran, Edward, comunicado por Richard e Monica Macklin há quatro dias, o Chefe de Polícia Borton respondeu: "Penso que a situação parece bem mais séria do que se supunha inicialmente, concordam?"

Extraído do *News,* de Derry, 25 de junho de 1958 (segunda página):

PROFESSORA DECLARA: EDWARD CORCORAN APRESENTAVA "FREQÜENTES EQUIMOSES"

Henrietta Dumont, professora do quinto grau na Escola Elementar de. Derry, na Rua Jackson, disse que Edward Corcoran, desaparecido há quase uma semana, ia freqüentemente para a escola "coberto de equimoses". A Sra. Dumont, que é professora de uma das duas classes do quinto grau desde o final da Segunda Guerra Mundial, disse que o menino Corcoran chegou à escola certo dia, umas três semanas antes de seu desaparecimento, "com os dois olhosquase fechados. Quando lhe perguntei o que acontecera, ele respondeu que seu pai 'lhe batera' por não ter comido o jantar".

Perguntada por que não denunciara um espancamento de tal gravidade, a Sra. Dumont disse: "Essa não foi a primeira vez que vi fatos semelhantes em minha carreira como professora. Nas primeiras vezes em que tive um aluno cujo pai confundia espancamento com disciplina, tentei fazer algo a respeito. Então, a dirétora-assistente da época, Gwendolyn Rayburn, aconselhou-me a ficar fora do assunto. Segundo ela, quando funcionários da escola envolviam-se em casos de suspeita de abuso contra crianças, isso sempre prejudicava a escola, chegada a época da dotação orçamentária. Procurei o diretor e ele falou que eu esquecesse aquilo ou seria repreendida. Perguntei a ele se tal repreensão constaria de minha ficha. Ele respondeu que uma repreensão não precisava constar da ficha funcional de uma professora. Eu entendi a mensagem."

Quando lhe perguntamos se a atitude no sistema escolar de Derry continuava a mesma atualmente, a Sra. Dumont respondeu: "O que acham, em vista da presente situação? Eu poderia acrescentar que agora não estaria respondendo às suas perguntas, se não fosse me aposentar no final deste ano letivo."

A Sra. Dumont continuou: "Desde que ocorreu este caso, tenho rezado de joelhos toda noite, pedindo que Eddie Corcoran apenas tenha ficado farto do animal que é seu padrasto, e fugido de casa. Em minhas orações, peço que quando ler no jornal ou souber que Macklin foi preso, Eddie volte para casa."

Em breve entrevista telefônica, Monica Macklin rejeitou calorosamente as acusações da Sra. Dumont. "Rich nunca bateu em Dorsey e tampouco em Eddie", disse ela. "Estou lhe dizendo isto agora e, quando morrer, quando estiver diante do Trono do Julgamento, olharei frente a frente para Deus e direi a Ele a mesma coisa."

Extraído do *News,* de Derry, 28 de junho de 1958 (segunda página):

"PAPAI BRIGOU COMIGO PORQUE EU SOU MAU",
CONTOU O GAROTINHO À PROFESSORA DO MATERNAL,
ANTES DA SURRA QUE O MATOU

Uma professora da escola maternal local, que não quis ser identificada, contou ontem ao repórter de *News* que o menino Dorsey Corcoran chegou à sua classe

bissemanal da escola maternal com fortes distensões no polegar direito e em três dedos dessa mão, menos de uma semana antes de sua morte em um suposto acidente de garagem.

"A dor era tanta, que o pobrezinho não conseguia colorir seu desenho", relatou a professora. "Os dedos estavam inchados como salsichas. Quandoperguntei a Dorsey o que tinha acontecido, ele disse que seu pai (o padrasto Richard P. Macklin) lhe havia dobrado os dedos para trás, porque ele pisara em um piso que a mãe acabara de lavar e encerar. 'Papai fez isso comigo porque eu sou mau' foi como ele disse. Senti vontade de chorar, ao olhar para aqueles dedinhos tão inchados. Ele queria colorir seu desenho, como as outras crianças, e então eu lhe dei aspirina infantil e Dorsey ficou colorindo, enquanto os outros passavam para a Hora de Contar Histórias. Ele adorava colorir desenhos — era o que mais gostava de fazer — e agora eu me sinto feliz por ter contribuído para dar-lhe um pouco de felicidade naquele dia.

"Quando ele morreu, jamais me passou pela cabeça que o motivo fosse outro, além de um acidente. Na ocasião, pensei que Dorsey levara a queda por não poder segurar-se bem com aquela mão. Hoje, acho que apenas não conseguia acreditar que um adulto fosse capaz de tal crueldade contra uma criança pequena. Agora posso ver mais longe e, por Deus, gostaria que não fosse assim."

O irmão mais velho de Dorsey Corcoran, Edward, com dez anos de idade, continua desaparecido. Em sua cela na prisão do Condado de Derry, Richard Macklin insiste em negar qualquer participação, fosse na morte do enteado mais novo ou no desaparecimento do mais velho.

Extraído do *News,* de Derry, 30 de junho de 1958 (quinta página):

MACKLIN INTERROGADO SOBRE AS MORTES
DE GROGAN E CLEMENTS

Segundo uma Fonte, seus Álibis São Inabaláveis

Extraído do *News,* de Derry, 6 de julho de 1958 (primeira página):

MACKLIN SERÁ ACUSADO SOMENTE PELO ASSASSINATO
DO ENTEADO DORSEY, DIZ BORTON

Edward Corcoran Continua Desaparecido

Extraído do *News,* de Derry, 24 de julho de 1958 (primeira página):

EM LÁGRIMAS, PADRASTO CONFESSA TER MATADO ENTEADO
A MARTELADAS

Em dramática reviravolta no julgamento de Richard Macklin no Tribunal Distrital, pelo assassinato de seu enteado Dorsey Corcoran, o acusado sucumbiu ante o cerrado interrogatório de Bradley Whitsun, Promotor do Condado, e admitiu que havia agredido o menino de quatro anos com um martelo, o qual enterrou no fundo da horta de sua esposa. Depois disso é que levou o menino para o pronto-socorro do Home Hospital de Derry, onde ele veio a falecer.A sala do tribunal ficou em perplexo silêncio, enquanto Macklin, entre lágrimas, narrou sua história, após ter previamente admitido que batia nos dois enteados "ocasionalmente, se eles mereciam, e para seu próprio bem".

"Não sei o que deu em mim. Vi que ele tornava a subir naquela maldita escada e então peguei o martelo, em cima da bancada. Comecei a espancá-lo, mas não pretendia matá-lo. Deus é testemunha de que nunca tive tal intenção."

"Ele disse alguma coisa, antes de perder os sentidos?" perguntou Whitsun.

"Disse: 'Pára, papai, me desculpe, eu gosto de você'", replicou Macklin.

"E o senhor parou?"

"Em seguida", respondeu Macklin. E começou a chorar de maneira tão histérica, que o juiz suspendeu a sessão.

Extraído do *News,* de Derry, 18 de setembro de 1958 (página 16):

ONDE ESTÁ EDWARD CORCORAN?

Seu padrasto, condenado a uma pena de dois a dez anos na Prisão Estadual de Shawshank pelo assassinato de seu irmão Dorsey, de quatro anos de idade, continua a afirmar que não imagina onde Edward Corcoran possa estar. A mãe de Edward, que iniciou um processo de divórcio contra Richard P. Macklin, diz achar que seu breve ex-marido esteja mentindo.

Estará mesmo?

"Pessoalmente, não creio que ele minta", declarou o Padre Ashley O'Brian, que atende aos prisioneiros católicos em Shawshank. Macklin começou a instruir-se na religião católica logo após iniciar o cumprimento de sua pena na prisão, e o Padre O'Brian passou bastante tempo com ele. "Acho-o sinceramente arrependido do que fez", disse o Padre O'Brian, acrescentando que quando perguntou ao prisioneiro por que desejava tornar-se católico, Macklin respondeu: "Soube que eles têm um ato de contrição e preciso muito disso ou irei para o inferno quando morrer."

"Ele sabe o que fez ao menino menor", disse o Padre O'Brian. "Se também fez algo ao mais velho, não se lembra disso. No tocante a Edward, ele acredita que tem as mãos limpas."

Até onde as mãos de Macklin estão limpas no caso de seu enteado Edward, é uma questão que continua preocupando os moradores de Derry, mas ele foi convincentemente inocentado quanto aos outros assassinatos de crianças aqui ocorridos. Macklin conseguiu apresentar álibis indestrutíveis em relação aos três primeiros, e estava na prisão quando foram cometidos sete outros, em junho, julho e agosto passados.

Todos os dez assassinatos permanecem sem solução.

Em uma entrevista exclusiva para o *News,* na semana passada, Macklin tornou a repetir que ignora inteiramente o paradeiro de Edward Corcoran. "Eu batia nos dois", disse ele, em penoso monólogo, freqüentemente entremeado de acessos de choro. "Eu os amava, mas batia neles. Não sei por quefazia isso, da mesma forma como não sei por que Monica me permitia que batesse ou por que me acobertou, após a morte de Dorsey. Acho que poderia ter acabado com Eddie tão facilmente como acabei com Dorsey, mas juro perante Deus e Jesus que não fiz isso. Acredito que ele apenas tenha fugido de casa. Se fugiu, aí está uma coisa pela qual eu agradeceria a Deus."

Ao perguntarmos se tem consciência de algumas falhas em sua memória — se poderia ter matado Edward e bloqueado o fato em sua mente — Mack-lin respondeu: "Não sou sujeito a nenhuma falha de memória. Sei perfeitamente o que fiz. Entreguei minha vida a Cristo e passarei os dias que me restam tentando expiar minha culpa."

Extraído do *News,* de Derry, 27 de janeiro de 1960 (primeira página):

O CORPO NÃO É DO MENINO CORCORAN, ANUNCIA BORTON

O Chefe de Polícia, Richard Borton, afirmou aos repórteres hoje de manhã que o corpo em franca decomposição de um menino aparentando a idade de Edward Corcoran, desaparecido em junho de 1958 de sua casa em Derry, decididamente não é o deste último. O corpo foi encontrado em Aynesford, Massachusetts, enterrado em uma escavação de cascalho. A princípio, a Polícia Estadual do Maine e de Massachusetts teorizou que o cadáver encontrado podia ser o do menino Corcoran, acreditando que ele

houvesse sido vítima de um molestador de crianças, após fugir de sua casa na Rua Charter, onde seu irmão caçula faleceu em conseqüência de espancamento.

Fichas dentárias provaram conclusivamente que o corpo encontrado em Aynesford não era o do garoto Corcoran, hoje desaparecido há dezenove meses.

Extraído do *Press-Herald,* de Portland, 19 de julho de 1967 (terceira página):

ASSASSINO CONDENADO SUICIDA-SE
EM FALMOUTH

Richard Macklin, condenado há nove anos atrás pelo assassinato de seu enteado de quatro anos de idade, foi encontrado morto no pequeno apartamento do terceiro andar onde reside, em Falmouth, às últimas horas da tarde de ontem. O liberado condicional, que havia morado e trabalhado quietamente em Falmouth, após ter saído da Prisão Estadual de Shawshank, em 1964, era um suicida em potencial.

"A nota que ele deixou indica um estado mental extremamente perturbado", declarou Brandon K. Roche, Chefe de Polícia Assistente, em Falmouth. Ele se recusou a divulgar o conteúdo da nota, mas uma fonte do Departamento de Polícia disse que ele consistia de duas frases: "Vi Eddie ontem à noite. Ele estava morto."

O "Eddie" mencionado no bilhete, pode ser o enteado de Macklin, irmão do menino por cujo assassinato ele foi condenado em 1958. Foi o desaparecimento de Edward Corcoran que, eventualmente, resultou na condenação de Macklin pelo espancamento que causou a morte do irmão de Edward, Dorsey. O menino mais velho está desaparecido há nove anos. Em 1966, através de breve determinação jurídica, a mãe do menino teve seu filho declarado legalmente morto, a fim de que ela pudesse entrar na posse da conta de poupança de Edward Corcoran. Seu saldo na conta era de sessenta dólares.

3

Eddie Corcoran estava morto, evidentemente.

Ele morreu na noite de 19 de junho, e seu padrasto nada teve a ver com isso. Morreu enquanto Ben Hanscom estava em casa, vendo televisão com a mãe, enquanto a mãe de Eddie Kaspbrak apalpava ansiosa a testa do filho em busca de sintomas da "febre ilusória", indisposição favorita dela, enquanto o padrasto de Beverly Marsh — indivíduo que, pelo menos em tempermento, mostrava notável semelhança com o padrasto de Eddie e Dorsey Corcoran — dava um forte pontapé no traseiro da garota, ordenando que tinha de "ir depressa enxugar os malditos pratos, como sua mãe mandou", enquanto Mike Hanlon era xingado aos berros por alguns garotos do ginásio (um dos quais, anos mais tarde, geraria aquele jovem e notável homófobo John Garton "Teia de Aranha") que passavam em um velho Dodge, no momento em que Mike arrancava ervas daninhas do jardim da pequena casa dos Hanlons, dando para a Estrada Witcham, não muito distante da fazendola do pai amalucado de Henry Bowers, enquanto Richie Tozier dava uma aspiada nas garotas semidespidas de um exemplar de *Gem,* encontrado no fundo da gaveta de meias e roupas de baixo de seu pai, com isso tendo uma usual boa ereção, e enquanto Bill Denbrough jogava o álbum de fotografias do irmão morto no outro lado do quarto, em aterrorizada incredulidade.

Embora mais tarde nenhum deles se lembrasse do que fazia, todos ergueram os olhos, no momento exato em que Eddie Corcoran morreu... como se ouvissem algum grito distante.

O *News* se mostrara absolutamente certo em uma coisa: o boletim de Eddie tinha notas ruins, o suficiente para enchê-lo de medo de voltar para casa e enfrentar o padrasto. Por outro lado, sua mãe e o maridovinham brigando muito aquele mês, o que piorava ainda mais a situação. Quando os dois "esquentavam", sua mãe gritava uma porção de acusações, incoerentes em boa maioria. O padrasto reagia a princípio com grunhidos, depois gritos para que ela se calasse e finalmente com berros irados de um urso crivado de espinhos de um porco-espinho em suas ventas. Eddie nunca vira o padrasto espancá-la, até pensava que ele não ousaria chegar a tanto. Macklin poupava os punhos para o enteado mais velho e para o mais novo, nos velhos tempos. E agora, com Dorsey morto, Eddie apanhava pelos dois.

Aquelas brigas aos gritos iam e vinham em ciclos. Tornavam-se mais freqüentes no fim do mês, quando chegavam as contas a pagar. Um policial, chamado por um vizinho, podia aparecer por lá uma ou duas vezes, quando a situação estava no auge, e dizia aos dois que baixassem de tom. Em geral, isso bastava para que parassem. Sua mãe apontava o indicador para o tira, desafiando-o a detê-la, mas seu padrasto raramente abria a boca.

Eddie achava que ele tinha medo dos tiras.

Naqueles períodos de tensão, Eddie procurava passar despercebido, o que era mais prudente. Caso contrário, era só recordar o que acontecera a Dorsey. Eddie não sabia os detalhes e nem queria saber, mas tinha sua opinião a respeito. Achava que Dorsey se encontrava no lugar errado e no momento errado: a garagem, no último dia do mês. Eles lhe tinham dito que Dorsey levara um tombo da escada de mão, na garagem — "Cansei de dizer a ele para não subir naquela escada, falei mais de sessenta vezes", havia dito seu padrasto — mas sua mãe não olhava para ele, exceto por casualidade... e quando os olhos dos dois se encontravam, Eddie vira nos dela um leve brilho amedrontado, que não lhe agradara em absoluto. O padrasto apenas ficava sentado em silêncio à mesa da cozinha, com uma cerveja à frente, espiando para o vazio, por baixo de suas espessas sobrancelhas baixas. Eddie procurava manter-se longe de seu alcance. Quando seu padrasto berrava, em geral — nem sempre, mas em geral — estava certo. Era quando parava de berrar que se precisava tomar cuidado.

Duas noites antes, ele lhe atirara uma cadeira, quando Eddie se levantara para ver o que passava no outro canal da televisão — apenas erguera no ar uma das cadeiras tubulares de alumínio da cozinha, jogara-a por cima da cabeça e a deixara voar. Eddie foi atingido no traseiro e der-rubado. Seu traseiro ainda doía, mas ele sabia que poderia ter sido pior, se fosse atingido na cabeça.

Houvera ainda a noite em que o padrasto se levantara subitamente e esfregara um punhado de purê de batatas nos cabelos do menino, sem o menor motivo como justificativa. Um dia, no último setembro, Eddie voltara da escola e, tolamente, deixara que a porta telada batesse com força ao fechar-se, enquanto o padrasto tirava uma soneca. Macklin saiu do quarto vestido em seus shorts de pugilista, o cabelo desalinhado em anéis como saca-rolhas, as faces acinzentadas pela barba dos dois dias do fim de semana, o hálito empesteado pela cerveja dos dois dias do fim de semana. "Você aí, Eddie", disse ele, "vou pegar você por deixar essa maldita porta bater." No dicionário de Rick Macklin, "pegar você" era um eufemismo por "vou esfolá-lo vivo". Foi mais ou menos o que fez. Eddie havia perdido os sentidos, quando o sujeito o atirou ao vestíbulo de entrada. Sua mãe havia pregado dois cabides baixos ali, especialmente para ele e Dorsey pendurarem os casacos. Eram cabides com dedos de aço puro, que apararam a queda de Eddie, quando a parte inferior de suas costas se chocou neles. Foi então que ele perdeu os

sentidos. Ao voltar a si, dez minutos mais tarde, ouviu a mãe gritando que ia levá-lo ao hospital e que o marido não poderia impedi-la.

— Depois do que aconteceu a Dorsey? — respondera seu padrasto. — Você quer ir para a cadeia, mulher?

Aquilo encerrara a conversa dela sobre o hospital. Ajudara Eddie a ir para o quarto, onde ele ficou tremendo na cama, a testa porejada de suor. Só saiu do quarto, nos três dias seguintes, quando os dois estavam ausentes de casa. Então, arrastava-se lentamente até a cozinha, gemendo baixinho, e apanhava a garrafa de uísque do padrasto, embaixo da pia. Alguns goles entorpeciam a dor. Por volta do quinto dia, a dor quase desaparecera, mas ele levou quase duas semanas urinando sangue.

Aliás, o martelo não estava mais na garagem.

O que me dizem *disso?* O que me dizem *disso,* amigos e vizinhos?

Oh, o martelo "Craftsman" — o martelo comum — continuava lá. Era o martelo inteiriço que desaparecera. O martelo especial de seu padrasto, aquele em que Dorsey e ele eram proibidos de tocar. "Se um de vocês puser as mãos neste martelo", avisara o padrasto, no dia em que o comprara, "irão usar as tripas como protetores de ouvido". Dorsey perguntara timidamente se o martelo era muito caro. Macklin responderaque era uma peça infernalmente especial. Dissera que o martelo era cheio de rolamentos de esferas, para não ricochetear, por mais duro que se batesse com ele.

Agora, o tal martelo havia desaparecido.

As notas de Eddie não eram das melhores, porque faltara muito às aulas após o novo casamento da mãe, porém ele nada tinha de burro. Achava que sabia o que acontecera ao martelo que não ricocheteava. Talvez seu padrasto espancara Dorsey com ele e o enterrara na horta ou o jogara no Canal. Era o tipo de coisa que acontecia regularmente nas histórias em quadrinhos de terror que Eddie lia, as que ele guardava na prateleira de cima do seu armário.

Caminhou bem próximo do Canal, cujas águas encrespavam-se entre suas laterais de concreto como seda oleosa. Uma estria de luar cintilava na superfície escura, em forma de bumerangue. Eddie sentou-se, balançando preguiçosamente os tênis contra o concreto, em um ritmo irregular de batidas. As últimas seis semanas haviam sido muito secas, e a água fluía a talvez uns três metros abaixo das solas gastas de seus tênis. Entretanto, quem observasse atentamente as laterais do Canal, poderia ler os vários níveis a que a água às vezes subia, com a maior facilidade. O concreto estava manchado de marrom-escuro logo acima do nível atual da corrente. Aquela mancha castanha desbotava lentamente para amarelo e depois para um tom quase branco, no ponto em que os calcanhares de Eddie faziam contato com o concreto.

A água corria silenciosa e maciamente para fora de um arco acimentado, de interior lajeado, passava pelo ponto em que Eddie estava sentado e descia para a ponte coberta de madeira, só para pedestres, entre o Parque Bassey e o Ginásio de Derry. As laterais da ponte e as tábuas do piso — incluindo-se até as traves sob o teto — eram cobertas por um emaranhado de iniciais entalhadas, números telefônicos e declarações. Declarações de amor; declarações de que Fulano de Tal se propunha a "chupar" ou "punhetar"; declarações de que, se descobertos, tais chupadores e punheteiros perderiam os prepúcios ou teriam os rabos entupidos com alcatrão quente; declarações excêntricas e ocasionais que desafiavam definição. Uma destas havia deixado Eddie perplexo durante toda aquela primavera. Dizia: POUPE OS JUDEUS RUSSOS: JUNTEM PRÊMIOS VALIOSOS!

Exatamente, o que significava aquilo? Teria algum significado? E que diferença fazia?Eddie não passou pela Ponte dos Beijos aquela noite; não sentia vontade de passar

para o lado do ginásio. Decidiu que talvez dormiria no parque, possivelmente nas folhas secas debaixo do coreto, mas por enquanto só queria ficar ali sentado. Gostava de ir ao parque e para lá ia freqüentemente, quando queria pensar. Às vezes havia casais agarrados, entre os maciços de árvores que pontilhavam o parque, mas Eddie os deixava em paz e eles faziam o mesmo. Já ouvira histórias incríveis no pátio de recreio da escola, a respeito das bichas que iam para o parque depois do pôr-do-sol, e aceitava tais histórias sem questionar, mas ele próprio jamais fora incomodado. O parque era um lugar tranqüilo e Eddie considerava a melhor parte exatamente aquela onde estava sentado. Gostava dali no meio do verão, quando a água estava muito baixa, mal correndo acima das pedras e realmente se dividindo em pequenos regatos isolados, que se torciam, ziguezagueavam e às vezes voltavam a unir-se. Gostava dali em fins de março ou começos de abril, logo após o degelo. Então, em certas ocasiões ele ficava em pé junto ao Canal (na época, frio demais para permitir que se sentasse; os fundilhos ficavam gelados) durante uma hora ou mais, erguido o capuz da velha *parka,* agora dois anos menor para ele, as mãos enfiadas nos bolsos, sem perceber que seu corpo mirra-do tremia e se sacudia. O Canal possuía um terrível, irresistível poder de atração, uma semana ou duas depois que o gelo se desfazia. Eddie ficava fascinado pela maneira como a água fervilhava esbranquiçadamente para fora do arco lajeado e rugia ao passar por ele, carregando gravetos, galhos, e todo o tipo de lixo humano. Algumas vezes visualizara-se caminhando ao lado do Canal em março, em companhia do padrasto, e dando um brutal empurrão no filho da mãe. Ele gritaria e cairia, os braços girando por equilíbrio. Eddie permaneceria sobre o parapeito de concreto, espiando enquanto ele era carregado corrente abaixo, a cabeça apenas uma forma negra arredondada, em meio às apressadas águas coroadas de espuma. Ele permaneceria ali, certo, poria as mãos em torno da boca e gritaria: *ISTO FOI POR DORSEY, SEU FILHO DA PUTA SUJO! QUANDO CHEGAR AO INFERNO, DIGA AO DEMÔNIO QUE A ÚLTIMA COISA QUE ME OUVIU DIZENDO, FOI PARA VOCÊ BATER EM ALGUÉM DO SEU TAMANHO!* Isso jamais aconteceria, claro está, mas era uma fantasia absolutamente deslumbrante. Um excelente sonho para sonhar, enquanto se sentava ali, junto ao Canal, um ex...

Uma mão se fechou em torno de seu pé.

Eddie estivera olhando acima do Canal, na direção da escola, esboçando um sonolento e belo sorriso, enquanto imaginava o padrasto sendo levado embora no violento ímpeto do degelo da primavera, tirado de sua vida para sempre. A pressão macia, mas ainda assim forte em seu pé, o sobressaltou tanto, que quase perdeu o equilíbrio e despencou no Canal.

Deve ser uma das bichas de que os garotos maiores estão sempre falando, pensou. Então, olhou para baixo. Ficou boquiaberto. A urina escorreu quente por suas pernas abaixo, deixando manchas negras em seu jeans, ao luar. Não era uma bicha.

Era Dorsey.

Era Dorsey, como tinha sido enterrado, Dorsey em seu blazer azul e calças cinzentas, só que agora o blazer estava em farrapos lodosos, a camisa se transformara em tiras amarelas, as calças amoldavam-se, molhadas, às pernas tão finas como cabos de vassoura. E a cabeça de Dorsey estava horrivelmente *afundada,* como se houvesse sido cavada na parte de trás e, em resultado, empurrada na parte do rosto.

Dorsey sorria.

— *Eddieeee* — grasnou seu irmão, exatamente como um daqueles mortos que sempre voltavam da sepultura, nas histórias em quadrinhos de terror.

O sorriso de Dorsey aumentou. Dentes amarelados cintilaram e, em algum ponto mais atrás, dentro daquela escuridão, havia coisas que pareciam remexer-se.

— *Eddieeee... eu vim ver você, Eddieeee...*

Eddie tentou gritar. Ondas de choque cinzento rolaram sobre ele, e teve a curiosa sensação de estar flutuando. Contudo, não era um sonho e estava bem acordado. A mão em seu ténis era tão branca como o ventre de uma truta. Os pés nus de seu irmão aderiam de algum modo ao concreto. Algo havia arrancado um dos calcanhares de Dorsey.

— *Venha, Eddieeee....*

Eddie não pôde gritar. Seus pulmões não continham ar suficiente para produzir um grito. Emitiu um curioso e agudo som de gemido. Era impossível algo mais grave. Uma coisa era certa. Em mais um ou dois segundos, sua mente saltaria e, depois disso, nada importava. A mão de Dorsey era pequena, mas implacável. As nádegas de Eddie escorregavam no concreto, para a borda do Canal.Ainda produzindo aquele gemido esganiçado, ele inclinou-se para trás e aferrou-se à borda de concreto, a fim de evitar a queda. Sentiu a mão deslizar momentaneamente, ouviu um sibilo irritado e teve tempo de pensar: *Esse aí não é Dorsey. Não sei o que é, mas não é Dorsey.* Então, a adrenalina inundou seu corpo e ele estava engatinhando para trás, tentando correr antes mesmo de ficar em pé, a respiração saindo em curtos e estridentes assobios.

Mãos brancas surgiram sobre a borda de concreto do Canal. Houve um som molhado e chapinhante. Gotas d'água voaram para cima ao luar, vindas daquela pele lívida e morta. Agora, o rosto de Dorsey emergia acima da borda. Pequenas faíscas vermelhas brilharam em seus olhos fundos. Os cabelos molhados estavam grudados ao couro cabeludo. A lama escorria em suas faces, como pintura de guerra.

O peito de Eddie finalmente perdeu o bloqueio. Ele inspirou fundo e soltou todo aquele ar em um grito. Levantando-se, começou a correr. Correu olhando para trás, por sobre o ombro, precisando ver onde Dorsey estava e, como resultado, chocou-se contra um robusto olmo.

Foi como se alguém — seu padrasto, por exemplo — houvesse disparado uma carga de dinamite em seu ombro esquerdo. Através de seu cérebro, estrelas dispararam e contorceram-se. Ele caiu na base da árvore como um animal abatido, o sangue fluindo da têmpora esquerda. Nadou nas águas da semi-inconsciência por uns noventa segundos e depois conseguiu ficar novamente em pé. Um gemido escapou de sua garganta, ao tentar erguer o braço esquerdo. O braço não queria mover-se, permaneceu entorpecido e inútil. Então, erguendo o direito, ele esfregou vigorosamente a cabeça dolorida.

De repente, Eddie recordou o motivo de haver corrido diretamente contra o olmo. Olhou em torno.

Lá estava a borda do Canal, branca como um osso e reta como um barbante esticado ao luar. Nem sinal da coisa do Canal... se é que *houvera* essa coisa. Ele continuou olhando para trás, fazendo um giro lento, até completar trezentos e sessenta graus. O Parque Bassey estava silente e imóvel como uma foto em preto e branco. Salgueiros-chorões deixavam cair seus braços tenebrosos, e qualquer coisa podia estar em pé ali, dentro de seu abraço, espreitando e insano.

Eddie começou a andar, procurando olhar para todos os lados ao mesmo tempo. Seu ombro machucado latejava em dolorosa sintonia com as pulsações cardíacas.*"Eddiee",* gemeu a brisa através das árvores. *"Você não quer me ver, Eddieee?"*

Ele sentiu dedos flácidos de cadáver acariciarem o lado de seu pescoço. Virou-se, as mãos levantando-se. Seus pés entrançaram-se e Eddie caiu, depois viu que eram apenas as frondes dos salgueiros, movendo-se à brisa.

Tornou a levantar-se. Queria correr, mas quando tentou, uma nova carga de dinamite explodiu em seu ombro, e teve que parar. De alguma forma, ele sabia que a essa

altura devia ter dominado o medo, chamando-se de bebezinho idiota, que se amedrontava com um reflexo ou que talvez houvesse dormido sem saber e tivera um pesadelo. No entanto, não era isso que acontecia, muito ao contrário. As pulsações cardíacas eram agora tão fortes, que ele não conseguia mais separá-las, tinha certeza de que seu coração em pouco explodiria de puro terror. Não podia correr, mas, ao afastar-se dos salgueiros, conseguiu andar bem depressa, mancando.

Fixou os olhos na luz da rua que assinalava o portão principal do parque. Encaminhou-se naquela direção, enquanto adquiria maior velocidade e pensava: *Tudo certo num instante, se eu chegar à luz brilhante. Tudo certo num instante, se eu chegar à luz brilhante. Luz cintilante, lá adiante, acesa a todo instante, é um calmante...*

Alguma coisa o seguia.

Eddie podia ouvi-la abrindo caminho do bosquete de salgueiros. Se virasse a cabeça, poderia vê-la. Estava ganhando terreno. Podia ouvir seus pés, arrastando-se, em largas passadas lamacentas, mas não olharia para trás, não, ficaria olhando para diante, para a luz brilhante, continuaria avante, para a luz cintilante, estava quase chegando lá, quase...

Foi o cheiro que o fez olhar para trás. O cheiro intenso, atordoante, como se houvessem deixado peixes apodrecendo em uma enorme pilha, com aquele fedor horrendo flutuando no calor do verão. Era o cheiro de um oceano morto.

Agora, não era Dorsey que o perseguia. Era a Criatura da Lagoa Negra. O focinho da coisa era comprido e franzido. Fluido esverdeado pingava de fendas negras em suas bochechas, como bocas verticais. Os olhos eram brancos e gelatinosos. Os dedos presos por membranas tinham nas pontas garras afiadas como navalhas. Sua respiração era borbulhante e rouca, o som de um mergulhador com um regulador mal ajustado. Quando ela viu Eddie espiando, seus lábios negro-esverdeados arreganharam-se, mostrando presas enormes, em um sorriso morto e vazio.A coisa rastejou atrás dele, pingando. Eddie compreendeu subitamente. Ela viera levá-lo para o Canal, ia carregá-lo para a úmida escuridão da passagem subterrânea do Canal. Para comê-lo lá dentro.

Eddie aumentou a velocidade. A luz de sódio no portão ficou mais próxima, ele já podia ver seu halo de insetos. Um caminhão passou por ali, tomou a direção da Rota 2. O motorista usava as mudanças e, pela mente desesperada, aterrada de Eddie, passou a ideia de que ele poderia estar bebendo café em um copo de papel e ouvindo uma canção de Buddy Holly no rádio, sem nem de longe adivinhar que, a menos de duzentos metros de distância, havia um garoto que podia estar morto em mais vinte segundos.

O fedor. Aquele fedor devastador da coisa. Mais forte. Envolvendo-o por completo.

Foi em um banco do parque que ele tropeçou. Alguns garotos o tinham derrubado casualmente, no início daquela noite, quando iam para casa e corriam, procurando atender ao toque de recolher... O assento do banco salientava-se uns três ou cinco centímetros para fora da grama, era um tom de verde sobre outro, quase invisível na alameda escura ao luar. A beira do banco bateu nas canelas de Eddie, provocando um iato de dor vidrada e esquisita. Suas pernas foram jogadas para trás e ele caiu na grama.

Olhando para trás, Eddie viu a Criatura agachando-se, os olhos como claras de ovo frito cintilando, as escamas gotejando limo da cor de algas marinhas, as guelras subindo e descendo em seu pescoço volumoso, as bochechas se abrindo e fechando.

—*Ai!* — grasnou Eddie. Parecia ser o único ruído que conseguia emitir. — *Ai! Ai! Ai! Ai!*

Começou a engatinhar agora, os dedos enfiando-se fundo no capim. Sua língua pendia para fora.

No segundo antes das patas coriáceas e cheirando a peixe da Criatura se fecharem em seu pescoço, Eddie ainda teve um pensamento confortador: *Isto é um sonho, tem que ser um sonho. Não existe uma Criatura* real, *uma Lagoa Negra* real *e, mesmo que existissem, não seria aqui, mas na América do Sul, nos Everglades da Flórida ou em algum lugar assim. Isto é só um sonho e vou acordar na minha cama, talvez nas folhas debaixo do coreto, e eu...*

As mãos batraquianas fecharam-se à volta de sua garganta, e os gritos roucos de Eddie foram sufocados. Quando a Criatura o virou para cima, as garras horrendas que se projetavam daquelas mãos garatujaram marcas sangrentas em seu pescoço, como caligrafia. Ele fitou aqueles olhos brancos e brilhantes. Sentiu as membranas que uniam os dedos da Criatura pressionando sua garganta como faixas constritoras de algas vivas. Sua visão acentuada pelo terror percebeu a barbatana, algo como uma crista de galo e a venenosa barbatana traseira de um peixe-gato, no alto da cabeça achatada e rombuda da Criatura. Quando as garras apertaram mais forte, tirando-lhe o ar dos pulmões, ele inclusive percebeu a maneira como a luz branca da lâmpada de sódio do portão transformava-se em verde-esfumaçada, ao filtrar-se através da crista membranosa.

Você... não... é... real — ofegou Eddie.

Entretanto, nuvens acinzentadas agora o envolviam e, vagamente, percebeu que aquilo era mesmo real, que aquela Criatura existia. Afinal de contas, ela o estava matando.

Ainda assim, persistiu certa racionalidade, mesmo no fim: enquanto a Criatura fincava as garras na carne macia de seu pescoço, enquanto a carótida expelia um jato quente e indolor que salpicou a cobertura reptiliana da coisa, as mãos de Eddie procuraram as costas dela, buscando um zíper. As mãos tornaram a cair, mas somente quando a Criatura lhe arrancou a cabeça dos ombros, com um rouco e satisfeito grunhido.

E quando a ideia de Eddie sobre o que era A Coisa começou a fanar, a Criatura imediatamente assumiu outro formato.

4

Incapaz de dormir e perseguido por pesadelos, um garoto chamado Michael Hanlon levantou-se assim que clareou o primeiro dia das férias de verão. A claridade era pálida, envolta em um baixo e espesso nevoeiro que só se ergueria pelas oito da manhã, para então haver um perfeito dia de verão.

Isso, no entanto, foi mais tarde. Por enquanto, o mundo era todo cinza e rosado, tão silencioso como um gato caminhando em um tapete. Vestindo calças de veludo cotelê e camiseta, tendo os pés calçados em ténis pretos de cano alto, Mike desceu para a cozinha e comeu uma tigelade cereal Wheaties (na realidade, ele não gostava daquela marca, porém queria o prêmio grátis oferecido na caixa — um Anel Decodificador Mágico, do Capitão Meia-Noite). Em seguida, montando sua bicicleta, pedalou para a cidade, rodando pelas calçadas, devido ao nevoeiro. O nevoeiro modificava tudo, transformando as coisas mais corriqueiras, como hidrantes de incêndio e sinais de parada, em objetos de mistério — ao mesmo tempo estranhos e algo sinistros. Uma pessoa ouvia os carros, mas não conseguia vê-los e, em vista da curiosa qualidade do nevoeiro, seria impossível avaliar se eles estavam longe ou perto, só havendo certeza quando de fato surgiam rodando de dentro do nevoeiro, com halos fantásticos de umidade circundando os faróis.

Na Rua Jackson, ele dobrou para a direita, desviando-se do centro comercial da cidade. Depois cruzou para a Rua Main pela Alameda Palmer — e durante seu curto trajeto por este pequeno desvio da extensão de um quarteirão, Mike Hanlon passou pela casa onde moraria quando adulto. Não olhou para ela; era apenas uma pequena residência de dois pavimentos, com uma garagem e um diminuto jardim. O prédio não ofereceu qualquer vibração especial ao garoto de passagem, embora ele fosse passar ali a maior parte de sua vida adulta, como proprietário e único morador.

Na Rua Main, dobrou para a direita e seguiu até o Parque Bassey, ainda pedalando a esmo, apenas passeando e apreciando a quietude do dia começando. Uma vez dentro do portão principal, desmontou da bicicleta, empurrou o descanso para baixo e caminhou na direção do Canal. Que soubesse, continuava impelido apenas pelo mais puro capricho. Sem dúvida, não lhe ocorreu pensar que seus sonhos daquela noite tivessem algo a ver com o que fazia agora; nem ao menos recordava exatamente com que havia sonhado — apenas que um sonho se seguira a outro, até seu despertar às cinco da manhã, suado e trémulo, com a ideia de que devia fazer um desjejum rápido e depois dar uma volta de bicicleta até a cidade.

Ali, no Bassey, havia no nevoeiro um odor que ele detestou: era um cheiro marinho, salgado e antigo. Já o sentira antes, claro. Em Derry, nos nevoeiros de início da manhã, sentia-se frequentemente o cheiro de mar, embora a costa ficasse a sessenta e cinco qulômetros de distância. Entretanto, o cheiro esta manhã parecia mais espesso, mais vital. Quase perigoso.Algo prendeu sua atenção. Inclinando-se, recolheu um canivete barato de bolso, com duas lâminas. Alguém riscara as iniciais E.C. no lado. Mike olhou pensativamente para ele por um breve momento e depois o guardou no bolso. Quem acha ganha, quem perde faz manha.

Olhou em torno. Ali, perto de onde encontrara o canivete, havia um banco do parque virado. Endireitou-o, recolocando os pés de ferro nos buracos que haviam feito no decorrer de meses ou anos. Além do banco, viu um pedaço de grama amassada... e, partindo dali, dois sulcos. A grama retornava à posição normal, porém os sulcos ainda eram bem nítidos. Apontavam na direção do Canal.

Também havia sangue.

(o *pássaro lembre-se do pássaro lembre-se do)*

Como ele não queria lembrar-se do pássaro, afastou tal pensamento. *Briga de cachorros, nada mais. Um deles deve ter machucado bastante o outro.* Era um pensamento convincente, mas que não o convenceu. Pensamentos sobre o pássaro insistiam em querer voltar — aquele que tinha visto na Fundição Kitchener, um que Stan Uris jamais encontraria em seu livro de aves.

Pare com isso. Dê o fora daqui.

Não obstante, em vez de dar o fora, ele seguiu os sulcos. E, enquanto os seguia, arquitetou mentalmente uma historinha. Era uma história de assassinato. Bem, aqui estava um garoto, passeando fora de hora, digamos. Já havia soado o toque de recolher. O matador o pega. E como ele se livra do corpo? Arrastando-o para o Canal e atirando-o lá, claro! Exatamente como em *Alfred Hitchcock Apresenta!*

As marcas que ele seguia *podiam* ter sido produzidas por um par de sapatos ou de ténis, arrastando-se pelo chão, segundo supôs.

Com um estremecimento, Mike olhou em torno, de maneira incerta. A história estava ficando demasiado real.

E supondo-se que não fosse um homem quem fez isso, mas um monstro... Como acontece nas histórias em quadrinhos de terror, em um livro de terror, um filme de horror ou

(um pesadelo)

um conto de fadas, coisa assim.

Mike decidiu que não gostava da história. Era uma história idiota. Tentou eliminá-la da mente, mas ela permanecia presente. E daí? Que ficasse. Era imbecil. Vir de bicicleta para a cidade esta manhã fora imbecil. Seu pai devia ter um monte de coisas para ele fazer em casa. Devia voltar e começar suas tarefas, do contrário, chegada a parte mais quente da tarde, estaria no jirau do celeiro, empilhando feno. Sim, era melhor voltar. Era justamente o que tinha a fazer.

Claro que vou voltar, pensou. *Quer apostar?*

Em vez de voltar para sua bicicleta, pedalar para casa e iniciar suas tarefas, ele continuou acompanhando os sulcos na grama. Havia mais gotas de sangue secando, aqui e ali. Não muitas, entretanto. Não na mesma quantidade encontrada naquele local onde a grama ficara amassada, perto do banco do parque que ele endireitara no lugar.

Mike podia agora ouvir o Canal, as águas correndo quietamente. Um momento mais tarde, viu a borda de concreto materializar-se no nevoeiro.

Ali havia algo mais na grama. *Céus, hoje é o seu dia de encontrar coisas,* disse sua mente, com dúbia genialidade. Então, uma gaivota grasnou em algum ponto e Mike encolheu-se, tornando a pensar na ave que vira naquele dia, um dia da atual primavera.

Seja lá o que for que haja na grama, eu nem quero olhar. A intenção era sincera, oh, muito sincera, porém ali estava ele, já agachado, as mãos fincadas pouco acima dos joelhos, querendo ver o que era.

Uma tira de tecido, manchada por uma gota de sangue.

A gaivota tornou a grasnar. Mike olhou para o pedaço de pano sujo de sangue, e recordou o que lhe sucedera na primavera.

5

Todos os anos, durante abril e maio, a fazenda Hanlon despertava de sua sonolência invernal.

Mike podia saber que a primavera havia chegado, não porque os primeiros crocos brotavam abaixo das janelas da cozinha de sua mãe e tampouco porque os garotos começavam a levar sapos ou bolas de gude para a escola ou porque os Senadores de Washington inauguravam a temporada de beisebol (em cujo processo geralmente eram derrotados), mas somente quando seu pai gritava a plenos pulmões para que ele fosse ajudá-lo a empurrar para fora do celeiro o híbrido caminhão da propriedade. A parte da frente daquele veículo era de um antigo Ford modelo A, enquanto que a de trás pertencera a uma camioneta pick-up, em que a traseira móvel da carroceria era o remanescente de uma porta do antigo galinheiro. A cabine do caminhão não tinha portas e tampouco pára-brisa. O assento era metade de um velho sofá que Will Hanlon recolhera no depósito de lixo de Derry. A alavanca de mudança era rematada por uma maçaneta de vidro.

Eles o empurravam para a estradinha, um a cada lado. Quando o caminhão ganhava boa velocidade, Will saltava para a boleia, girava o interruptor de partida, retardava a faísca, pisava fundo na embreagem e movia a alavanca de mudança para a primeira, com a manopla crispada na maçaneta. Então ele gritava: "O pior já passou!" Pisava na embreagem e o velho motor Ford tossia, engasgava, soluçava, cuspia fogo... e às vezes pegava, com dificuldade a princípio, amaciando depois. Will partia trovejando

estrada abaixo, na direção das Fazendas Rhulin, fazia a curva na entrada para carros (se fosse para o lado oposto, Butch, o pai amalucado de Henry Bowers, provavelmente lhe estouraria a cabeça com um tiro de espingarda), e trombeteava de volta, o motor sem silencioso rugindo estridentemente, enquanto Mike dava saltos de excitamento, gritando vivas, e sua mãe, parada à porta da cozinha, enxugando as mãos em um pano de pratos, simulava um aborrecimento que em realidade não sentia.

Em outras ocasiões, o caminhão não dava partida de jeito algum, e Mike tinha de esperar até que seu pai voltasse ao celeiro, trazendo a manivela e praguejando baixinho. Mike tinha certeza de que algumas daquelas palavras sussurradas eram realmente nomes feios, o que o deixava algo amedrontado com seu pai. (Só muito mais tarde, durante uma daquelas intermináveis visitas ao hospital, onde Will Hanlon agonizava, ele descobriu que seu pai praguejava porque tinha medo da manivela: uma vez ele girara perigosamente para trás, voara de seu encaixe e lhe atingira um lado da boca aberta.)

— Afaste-se, Mike! — dizia ele, introduzindo a manivela no encaixe, na base do radiador.

Então, quando o Modelo A finalmente roncava, seu pai falava que no ano seguinte ia trocá-lo por um Chevrolet, coisa que nunca fez. Aquele velho Ford-A híbrido continuava nos fundos da fazenda, com mato crescendo até a altura dos eixos e da traseira de porta de galinheiro.

Quando o motor pegava e Mike se via sentado no lugar do passageiro, sentindo o cheiro do óleo queimado e da fumaça azulada que escapava do cano de descarga, excitado pela forte brisa penetrando pelo buracosem vidro onde um dia houvera pára-brisa, pensava: *A primavera está aí novamente. Estamos todos acordando.* E, em espírito, soltava um grito silencioso de aplauso que sacudia as paredes daquele tão alegre recinto. Mike amava tudo à sua volta e principalmente seu pai, que sorria para ele e gritava:

— Segure-se bem, Mike! Vamos fazer este bichinho voar! Vamos botar os passarinhos em fuga!

Então, Will seguia pela estradinha da fazenda, as rodas traseiras do Modelo A cuspindo terra negra para trás, de mistura com pedaços cinzentos de argila, eles dois sacolejando sobre o banco-sofá na boleia aberta, rindo como dois tolos de nascença. Will dirigia o Modelo A por entre a relva alta do campo dos fundos, que era reservado ao feno, rumando fosse para o campo sul (batatas), para o campo oeste (milho e feijão) ou para o campo leste (ervilhas, abobrinhas e abóboras). À medida que prosseguiam, os pássaros irrompiam da relva diante do caminhão, guinchando de terror. Certa ocasião, uma perdiz levantou vôo para fugir, uma ave magnífica , tão marrom como os carvalhos de fim do outono, e o explosivo bater de suas asas velozes ficou audível mesmo acima do ronco do motor.

Esses trajetos feitos no caminhão, eram a porta de Mike Hanlon para a primavera.

O trabalho do ano começava pelo recolhimento de pedras. Durante uma semana, todos os dias eles saíam com o Modelo A e enchiam a carroceria de pedras que podiam quebrar uma lâmina de arado, quando chegasse a época de revirar a terra e plantar. Às vezes, o caminhão ficava atolado na terra lamacenta da primavera, e Will tornava a murmurar sombriamente... mais pragas, imaginava Mike. Ele conhecia algumas das palavras e expressões, mas havia outras, como "filho de uma prostituta", que o intrigavam. Havia encontrado a última palavra na Bíblia, mas que soubesse, prostituta era uma mulher originária de um lugar chamado Babilônia. Certa vez decidira interrogar o pai, mas o caminhão estava atolado na lama até o feixe de molas e havia nuvens carregadas nos sobrolhos paternos, de modo que ele preferiu aguardar melhor oportunidade. Mais tarde, nesse ano, terminou perguntando a Richie Tozier. Richie

respondeu que, segundo *seu* pai lhe dissera, prostituta era mulher que recebia dinheiro para ter sexo com homens. “O que é ter sexo?” perguntara Mike, mas Richie se afastara, de cabeça em pé.Certa vez, Mike perguntara ao pai por que, já que recolhiam pedras a cada abril, sempre encontravam outras, no abril seguinte.

Estavam parados no local em que descarregavam as pedras, quase ao pôr-do-sol do último dia da colheita rochosa daquele ano. Um caminho de terra batida, que nem podia ser classificado como estrada, ia do fundo do campo oeste até aquela ravina, perto da margem do Kenduskeag. A ravina era um confuso amontoado das pedras que haviam sido recolhidas na terra de Will, no correr dos anos.

Baixando os olhos para aquelas terras estéreis cobertas das pedras que ele primeiro catara sozinho e depois com ajuda do filho (em algum ponto debaixo daquelas pedras, ele sabia, estavam os remanescentes apodrecidos dos tocos de árvores que havia arrancado, um de cada vez, antes que qualquer dos campos pudesse ser cultivado), Will acendera um cigarro e respondera:

— Meu pai costumava dizer que Deus amava as pedras, moscas domésticas, ervas daninhas e gente pobre, acima de todo o resto de Sua criação, sendo por isso que fez tantas delas.

— Sim, mas a cada ano elas parecem voltar!

— E, eu creio que voltam mesmo — disse Will. — Não conheço outra maneira de explicar isso.

Um mergulhão-do-norte grasnou no outro lado do Kenduskeag, em um acinzentado crepúsculo que transformava a água em uma tonalidade fortemente alaranjada. Era um som solitário, tão solitário, que os braços cansados de Mike ficaram arrepiados.

— Eu amo você, papai — disse de repente, sentindo tão intensa onda de amor, que as lágrimas arderam em seus olhos.

— Bem, eu também o amo, filho — disse seu pai, abraçando-o apertadamente com os braços musculosos. Mike sentiu o tecido áspero da camisa de flanela de Will contra seu rosto. — E agora, o que me diz de voltarmos? Temos o tempo exato para um banho, antes que a bondosa mulher sirva o jantar.

— Hum-hum — respondeu Mike.

— Hum-hum também — disse Will Hanlon.

Os dois riram, cansados, mas sentindo-se bem, braços e pernas doloridos, mas não ao ponto da exaustão, as mãos calosas pelo manejo das pedras, mas sem doerem demais.*A primavera está aqui,* pensou Mike essa noite, entrando em sonolência no seu quarto, enquanto seus pais viam *The Honeymooners* no outro quarto. *A primavera voltou, obrigado, meu Deus, muito obrigado.* Virando-se para dormir, afundando no sono, ele tornou a ouvir o grasnido do mergulhão-do-norte, a distância dos pântanos da ave fundindo-se ao desejo de seus sonhos de menino. A primavera era um período de atividade na fazenda mas, mesmo assim, continuava sendo um bom período.

Em seguida ao recolhimento das pedras, Will estacionava o Modelo A na relva alta atrás da casa, e retirava o trator do celeiro. Chegava o momento da terra ser retirada, com seu pai dirigindo o trator, e ele sentado mais atrás, segurando-se ao assento metálico, ou então caminhando ao lado, recolhendo quaisquer pedras que tivessem ficado esquecidas no chão e jogando-as de lado. Depois vinha a semeadura e, em seguida à semeadura, os trabalhos de verão: capinar... capinar... capinar. Sua mãe tornava a preparar Larry, Moe e Curly, os três espantalhos. Mike ajudava o pai a colocar chocalhos no topo de cada cabeça recheada de palha. Um chocalho era uma lata sem os dois fundos. Amarra-se um pedaço de barbante através do meio da lata, bem esticado, fortemente

encerado e resinado; quando o vento sopra através dela, produz um som maravilhosamente espectral — uma espécie de gemente grasnido. Os pássaros devastadores de lavoura logo decidiram que Larry, Moe e Curly não apresentavam ameaças, mas os chocalhos sempre os amedrontavam e espantavam.

Começando em julho, havia a colheita, assim como a capinagem — primeiro ervilhas e rabanetes, depois a alface e os tomates, antes plantados em caixas no alpendre, depois o milho e o feijão em agosto, mais milho e feijão em setembro, seguindo-se as abóboras e abobrinhas. A certa altura, em meio a tudo isto, surgiam as novas batatas. Então, com os dias encurtando e a temperatura esfriando, ele e o pai estiravam mais os barbantes dos chocalhos (eles desapareciam em alguma época durante o inverno; parecia que sempre tinham que fazer novos, a cada primavera). No dia seguinte, Will chamava Normam Sadler (tão obtuso como o filho Moose, porém de coração infinitamente melhor), e Normie chegava com seu cava-batatas.

Durante as três semanas seguintes, todos eles trabalhavam colhendo batatas. Will ainda contratava três ou quatro garotos do ginásio para ajudar na colheita, pagando a eles vinte e cinco centavos por barrica. O Modelo A rodava lentamente, para cima e para baixo, seguindo as fileiras de batatas do campo sul, o maior deles, sempre em primeira, com a parte traseira da carroceria aberta, o piso da carroceria cheio de barricas, cada uma tendo marcado o nome da pessoa que a enchera. No fim do dia, Will abria a velha e rachada carteira, pagando em dinheiro a cada colhedor. Mike e sua mãe também recebiam; aquele dinheiro era deles, e Will Han-lon nunca lhes perguntou como o tinham gasto. Mike recebera um interesse de cinco por cento na fazenda ao fazer cinco anos — com idade suficiente, Will lhe dissera, então, para pegar uma enxada e saber a diferença entre capim e um pé de ervilha. A cada ano ele recebia mais um por cento e, a cada ano, no dia seguinte ao de Ação de Graças, Will computava os lucros da fazenda e deduzia a parte do filho... embora Mike nunca tivesse visto nada *desse* dinheiro. Tudo era depositado em sua conta para a universidade, não podendo ser tocado em nenhuma outra circunstância.

Por fim, chegava o dia em que Normie Sadler dirigia seu cava-batatas de volta a casa; a essa altura, o ar provavelmente ficara cinzento e frio. As abóboras alaranjadas e empilhadas contra o lado do celeiro estariam crestadas pela friagem. Mike ficava parado na porta, de nariz vermelho, as mãos sujas enfiadas nos bolsos do jeans, vendo o pai recolher, primeiro o trator e depois o Ford-A, para dentro do celeiro. Então, pensava: *Estamos nos preparando para dormir outra vez. A primavera... sumiu. O verão... se foi. A colheita... terminou.* Agora, resta apenas o final do outono: árvores desfolhadas, solo gelado, um rendilhado de gelo ao longo das margens do Kenduskeag. Nos campos, os corvos às vezes pousavam nos ombros de Moe, Larry e Curly, ali ficando pelo tempo que bem quisessem. Afinal, os espantalhos estavam mudos, eram inofensivos.

Mike não ficava exatamente desanimado, ao pensar em mais um fim de ano — ainda era novo demais, aos nove e dez anos, para fazer metáforas mortais — porque havia muita coisa à sua espera: andar de trenó no Parque McCarron (ou na Colina Rhulin, perto da cidade, para quem tivesse coragem, embora isso fosse mais adequado para garotos grandes), patinar no gelo, envolver-se em brigas com bolas de neve, construir fortes de neve. Havia tempo para pensar em uma árvore de Natal, que ia procurar com o pai, calçado em sapatos de neve assim como tempo para pensar nos esquis que poderia ou não ganhar no Natal. O inverno era bom... mas ver seu pai dirigir o Modelo A novamente para dentro do celeiro

(a primavera sumiu o verão se foi a colheita terminou)

sempre o deixava tristonho, a maneira como bandos de aves rumavam para o sul, por causa do inverno, também o entristecia, assim como a visão de um certo raio oblíquo de luz lhe dava vontade de chorar, sem nenhum motivo especial. *Estamos nos preparando para dormir outra vez...*

Nem tudo era escola e tarefas, tarefas e escola; Will Hanlon tinha dito várias vezes à esposa que um menino precisava de tempo para ir pescar, mesmo que não fosse pescaria o que realmente estivesse fazendo. Ao chegar da escola, a primeira coisa que Mike fazia era deixar seus livros em cima da televisão, na sala de estar. A segunda era preparar alguma coisa para comer (sua predileção particular era por sanduíches de cebola com manteiga de amendoim, algo que fazia sua mãe levantar as mãos, em impotente horror). A terceira era ler a nota deixada pelo pai, comunicando onde se encontrava e quais eram as tarefas para o filho — certas fileiras de plantas que deviam ser limpas das ervas daninhas ou colhidas, cestas a serem carregadas, produtos que deviam ser virados de posição, o celeiro para ser varrido, o que quer que fosse. Contudo, pelo menos em um dia letivo na semana — às vezes dois — não havia nenhuma nota. Era nesses dias que Mike ia pescar, mesmo que realmente não se decidisse por uma pescaria. Eram dias formidáveis... dias em que não tinha lugar algum em particular aonde ir e, portanto, não precisava apressar-se para chegar lá.

De vez em quando, seu pai lhe deixava outra espécie de nota: "Sem tarefas", uma delas poderia dizer. "Vá até Old Cape & veja os trilhos dos bondes." Mike ia até a área de Old Cape, encontrava as ruas com os trilhos ainda presos ao piso, inspecionava-os atentamente, maravilhando-se ao pensar em coisas como bondes, que tinham rodado bem no meio das ruas. Nessa noite, ele e o pai falariam a respeito deles e Will lhe mostraria fotos do seu álbum de Derry, tiradas no tempo em que os bondes existiam realmente: uma haste esquisita saía do teto do bonde, ligando-se a um fio elétrico, e havia anúncios de cigarros nas laterais. De outra vez, ele enviara Mike ao Memorial Park, onde se erguia o piezômetro, a fim de ver opequeno chafariz em que os pássaros se banhavam. Em uma ocasião, eles tinham ido juntos ao tribunal, ver uma terrível máquina que o Chefe Borton encontrara no sótão. A engenhoca tinha o nome de cadeira-de-vagabundo. Havia sido construída de ferro forjado, com algemas presas nos braços e pernas. Maçanetas arredondadassalientavam-se do encosto e assento. A peça fez Mike recordar uma foto que vira em alguns livros — uma foto da cadeira elétrica, em Sing Sing. O Chefe Borton deixou que ele se sentasse na cadeira-de-vagabundo e experimentasse as algemas.

Terminada a novidade de usar as algemas, Mike olhou inquisitiva-mente para seu pai e o Chefe Borton, não muito certo da razão por que a cadeira seria uma punição tão terrível para os "vadios" (termo que Borton empregava para eles) que surgiam na cidade nas décadas de vinte e trinta. De fato, as maçanetas tornavam a cadeira pouco confortável, enquanto que as algemas nos pulsos e tornozelos dificultavam à pessoa procurar uma posição mais cómoda, porém...

— Bem, você é apenas um garoto — disse o Chefe Borton, rindo. — Quanto deve pesar? Trinta e cinco, quarenta quilos? Nos velhos tempos, a maior parte dos vadios que o Xerife Sully prendia nessa cadeira, pesaria o dobro disso. Após cerca de uma hora, eles se sentiam um pouco desconfortáveis, após duas ou três, bastante desconfortáveis, e bem mal após quatro ou cinco. Depois de sete ou oito horas, eles começavam a gritar. Com dezesseis ou dezessete horas, a maioria estava chorando. Então, encerrado o período de vinte e quatro horas, estavam prontos a jurar perante Deus e os homens que, da próxima vez quando viessem perambular pelas estradas da Nova Inglaterra, dariam um grande desvio nas proximidades de Derry. Que eu saiba, a maioria cumpriu a promessa. Vinte e quatro horas na cadeira-de-vagabundo bastavam para convencer qualquer um.

De repente, parecia haver um número maior de maçanetas na cadeira, afundando-se mais em suas nádegas, espinha, parte inferior das costas e até na nuca.

— Posso sair agora, por favor? — pediu polidamente.

O Chefe Borton tornou a rir. Houve um momento, um aterrorizado momento, em que Mike pensou que Borton apenas agitaria a chave das algemas diante de seus olhos, dizendo: *Claro que vou deixá-lo sair... quando terminar o seu período de vinte e quatro horas.*

— Por que me levou lá, papai? — perguntou, quando voltavam para casa.

— Você saberá quando for mais velho — respondeu Will.

— Você não gosta do Chefe Borton, não é?

— Não, não gosto.Seu pai replicara em voz tão cortante, que Mike não ousou fazer novas perguntas. De qualquer modo, ele gostava da maioria dos lugares em Derry, visitados com o pai ou a mando dele. Quando Mike tinha dez anos, Will conseguiu transmitir-lhe seu próprio interesse nas demãos da história de Derry. Por vezes, como quando passeara os dedos pela superfície ligeiramente encaroçada do pedestal sustentando o pequeno chafariz para banho dos pássaros, no Memorial Park, ou quando se tinha agachado para observar melhor os trilhos de bonde que sulcavam a Rua Mont, no Old Cape, ele era invadido por um profundo senso de tempo... de tempo como algo real, como algo possuindo um peso invisível, da maneira como se supunha que a luz solar tivesse peso (alguns colegas da escola tinham rido quando a Sra. Greenguss lhes dissera isso, mas Mike ficara impressionado demais para achar graça; seu primeiro pensamento havia sido: *Luz tem* peso? *Oh, meu Deus, isso é* terrível!)... de tempo como algo que, eventualmente, haveria de sepultá-lo.

A primeira nota deixada por seu pai naquela primavera de 1958, estava garatujada nas costas de um envelope, mantida no lugar pelo peso de um saleiro de mesa. O ar tinha o toque morno da primavera, com uma indescritível doçura, e sua mãe abrira todas as janelas. *Sem tarefas,* dizia a nota. *Se quiser, vá de bicicleta até a Estrada Pasture. Você verá um bocado de paredes desmoronadas e máquinas velhas, no campo àsua esquerda. Dê uma espiada por lá, traga um souvenir para casa. Não chegue perto do buraco que dá para o porão! E volte antes do escurecer. Sabe por quê.*

Mike sabia por que, naturalmente.

Disse à mãe que ia sair e ela franziu a testa.

— Por que não vai ver se Randy Robinson quer ir com você?

— Está bem. Dou uma parada lá e pergunto a ele — disse Mike. Foi o que fez, mas Randy tinha ido a Bangor com o pai, comprar batatas brotadas. Assim, Mike pedalou sozinho sua bicicleta até a Estrada Pasture. Era um bom trajeto — mais de seis quilômetros. Seriam umas três da tarde, quando ele recostou a bicicleta contra uma antiga cerca de madeira, no lado esquerdo da Estrada Pasture, e passou para o campo além. Teria cerca de uma hora para explorar e então seria hora de começar a voltar. Em geral, sua mãe não se preocupava com suas ausências, desde que estivesse em casa às seis, quando punha o jantar na mesa, mas um episódio memorável ensinara a ele que tal não era o caso este ano.Naquela ocasião, quando chegara atrasado para jantar, encontrara-a quase histérica. Ela o recebera com um pano de pratos, batendo-lhe com ele

— Mike estava parado e boquiaberto na entrada da cozinha, tendo aos pés sua cesta de vime de pescaria, contendo uma truta arco-íris.

— *Nunca* mais me assuste assim, ouviu? — gritava ela. — *Nunca* mais! *Nunca* mais! *Nunca-nunca-nunca!*

Cada *nunca* era acentuado por outro golpe com o pano de pratos. Mike esperara que seu pai aparecesse e acabasse com aquilo, mas tal não aconteceu... Talvez Will

soubesse que, ao intrometer-se, a esposa voltaria sua raiva também contra ele. Mike tinha aprendido a lição; uma sova de pano de pratos havia sido suficiente. Em casa, antes do escurecer. Sim, mamãe, está bem.

Mike cruzou o campo, em direção as titânicas ruínas de pé em seu centro. Aquilo era, naturalmente, o que sobrara da Fundição Kitchener — ele já passara pelas ruínas, porém jamais pensara em realmente explorá-las e nunca tinha ouvido nenhum garoto dizer que o fizera. Agora, agachando-se a fim de examinar alguns tijolos caídos que formavam uma pilha desigual, pensou que entendia por quê. O campo era ofuscantemente claro, banhado pelo sol do céu de primavera (ocasionalmente, quando uma nuvem passava diante do sol, uma enorme porção de sombra viajava sem pressa através do campo), mas de qualquer forma ali havia algo de fantasmagórico — um silêncio que se estendia sobre tudo, rompido apenas pelo vento. Mike se sentiu como um explorador que houvesse encontrado os últimos remanescentes de alguma fabulosa cidade perdida.

Mais acima e à direita, ele avistou o lado arredondado de um maciço cilindro ladrilhado, brotando do alto do campo gramado. Correu para lá. Era a chaminé principal da fundição. Espiou em sua cavidade e sentiu um arrepio formigar por sua espinha. Aquilo era tão grande, que lhe permitiria entrar lá, se quisesse. Contudo, ele não queria; só Deus sabia que coisas repugnantes haveria ali dentro, aderidas aos enegrecidos ladrilhos internos, ou que insetos asquerosos, talvez ferozes, teriam escolhido aquele local como moradia. O vento soprava em lufadas. Ao passar acima da boca da chaminé desmoronada, produzia um som espectral, como ao fazer vibrarem os cordões encerados que ele e o pai colocavam nos chocalhos de espantalhos, a cada primavera. Mike recuou subitamente, nervoso, pensando no filme que ele e o pai tinham visto na noite anterior, no "Programa de Abertura". Chamava-se *Rodan.* Assitir ao filme parecera muito divertido no momento, com seu pai rindo e gritando "Pegue esse pássaro, Mikey!" a cada vez que Rodan surgia, enquanto Mike dava tiros com o dedo, até sua mãe assomar à porta e pedir que se calassem, antes que o barulho a deixasse com dor de cabeça.

Agora, contudo, já não parecia tão divertido. No filme, Rodan fora liberado das entranhas da terra por aqueles japoneses mineiros de carvão, que escavavam o túnel mais fundo do mundo. Olhando então para o buraco negro desta chaminé, era muito fácil imaginar aquele pássaro agachado no outro lado, com as membranosas asas de morcego dobradas às costas, espiando a pequena e redonda face do menino que perscrutava a escuridão, espiando, espiando, com aqueles olhos contornados de amarelo...

Mike estremeceu e recuou.

Afastou-se da chaminé, que afundara na terra até metade de sua circunferência. O terreno alterava-se ligeiramente e, movido por um impulso, Mike engatinhou com dificuldade até o topo. A chaminé era bem menos amedrontadora no exterior, com a superfície ladrilhada aquecida pelo sol. Erguendo o corpo, Mike caminhou sobre ela, de braços estendidos para os lados (em realidade, a superfície era bastante larga para que ele caminhasse por ela sem medo de cair, mas ele fingia estar andando numa corda bamba), apreciando a maneira como o vento soprava através de seus cabelos.

Quando chegou ao outro extremo, pulou para o solo e começou a examinar coisas: mais tijolos, moldes retorcidos, grandes pedaçuo de madeira, peças enferrujadas de mecanismos. *Traga um souvenirpara casa,* dizia a nota de seu pai: Mike desejava encontrar um bom *souvenir.*

Perambulou mais perto do buraco bocejante para o porão da fábrica, atento aos destroços, cuidadoso para não cortar-se nos vidros quebrados, espalhados por ali aos montes.

Mike não esquecera o buraco para o porão e nem o aviso do pai para que ficasse longe dele; tampouco esquecia a mortandade que ocorrera naquele lugar, cinquenta e tantos anos antes. Em sua opinião se havia um lugar assombrado em Derry, era aquele. Contudo, apesar disso ou por cusa disso, decidira ficar até encontrar algo realmente bom, que pudesse levar consigo para mostrar ao pai.Moveu-se devagar e cautelosamente em direção ao buraco, modificando os passos para uma trajetória paralela ao lado derruído, quando dentro dele uma voz de alerta sussurrou que estava chegando perto demais, que uma margem enfraquecida pelas chuvas da primavera podia ruir sobre seus calcanhares e fazê-lo despencar lá dentro. Então, só Deus sabia quanto de ferragens aguçadas estariam à espera para empalá-lo como um besouro, abandonado a uma morte enferrujada e torcida.

Ergueu um caixilho de janela e jogou-o a um lado. Ali estava um colherão, grande o suficiente para uma mesa de gigante, o cabo ondulado e aguçado por algum inimaginável jato de calor. Acolá havia um pistão, demasiadamente volumoso para que o empurrasse e muito menos levantasse. Passou sobre ele. Passou sobre ele e...

Ese eu achar uma caveira? pensou de repente. *A caveira de uma das crianças que foram mortas aqui, enquanto procuravam ovos de Páscoa de chocolate, em mil novecentos e não sei quantos?*

Olhou para o campo vazio banhado pelo sol, francamente chocado pela ideia. O vento soprou uma nota surda em seus ouvidos e outra sombra atravessou o campo em silêncio, como a sombra de um morcego... ou ave gigantesca. Novamente percebeu a quietude que pairava ali e como parecia estranho o campo, com suas desordenadas pilhas de entulho e suas peças de ferro ancorado, inclinando-se para este e aquele lado. Era como se ali tivesse sido travada alguma horrenda batalha, muito tempo antes.

Não seja imbecil, replicou para si mesmo, inquieto. *Eles encontraram tudo que havia para encontrar, já faz cinquenta anos. Depois do que aconteceu. E, mesmo que não encontrassem, um outro garoto qualquer — ou adulto — teria encontrado... o resto... desde então. Ou você se julga a única pessoa que já veio aqui, em busca de souvenirs?*

Não... não julgo que seja. Contudo...

Contudo, o quê? exigiu o lado racional de sua mente, e Mike decidiu que esse lado racional apenas falava um pouco alto demais, um pouco rápido demais. *Mesmo que ainda houvesse algo a encontrar, já teria apodrecido há muito tempo. Portanto... e daí?*

Mike encontrou uma gaveta de mesa com a madeira estilhaçada, no meio da erva rasteira. Olhou para ela, empurrou-a de lado e chegou um pouco mais perto do buraco do porão, onde o mato era mais espesso. Certamente encontraria alguma coisa ali.*Bem, e se houver fantasmas? Ora, é apenas suposição. E se eu avistar mãos assomando na borda daquele buraco para o porão, se elas começarem a emergir, garotos vestindo restos de suas roupas para o domingo de Páscoa, roupas apodrecidas, rasgadas e manchadas por cinquenta anos de lama da primavera, chuvas do outono e neve dura do inverno? Crianças sem cabeça* (ele soubera na escola que após a explosão uma mulher encontrara a cabeça de uma das vítimas emaranhada em uma árvore, no seu quintal), *crianças sem pernas, crianças de corpo retalhado aberto como bacalhau, crianças iguais a mim, que talvez estivessem brincando... lá embaixo, onde é escuro... debaixo de vigas torcidas de ferro e de grandes rodas de engrenagens enferrujadas...*

Oh, pare com isso, pelo amor de Deus!

Um estremecimento desceu por suas costas e ele decidiu que era tempo de pegar alguma coisa — qualquer coisa — e dar o fora dali. Abaixou-se, quase ao acaso e encontrou uma roda dentada com uns dezoito centímetros de diâmetro. Tinha um lápis no

bolso e o usou, rapidamente, para limpar a terra entre os dentes. Depois enfiou seu *souvenir* no bolso. Podia ir embora agora. E iria mesmo, claro...

No entanto, seus pés se moveram vagarosamente na direção errada, rumaram para o buraco do porão e, com uma espécie de funesto horror, percebeu que precisava olhar lá embaixo. Ele tinha que *ver.*

Agarrou-se a um esponjoso suporte de viga que se projetava da terra e inclinou-se para diante, procurando olhar para baixo e para dentro. Não conseguia. Tinha chegado a uns quatro metros e meio da borda, mas ainda ficava longe para ver o fundo do buraco. -

Pouco importa se enxergar o fundo ou não. Vou voltar agora. Já tenho o meu souvenir. Não preciso espiar para dentro de nenhum buraco velho e piolhento. E a nota de papai disse para eu ficar longe dele.

Não obstante, a curiosidade infeliz e quase febril que se apoderara dele não o abandonou. Aproximou-se do buraco, cônscio de que logo a viga de madeira estaria fora de seu alcance e que não haveria mais pontos de apoio. Estava cônscio também de que o solo ali era bastante fofo e esfarelado. Podia ver depressões em alguns pontos ao lado da borda, como sepulturas que tivessem afundado, e sabia que eram os locais de desmonoramentos anteriores.

Com o coração martelando no peito, semelhante às fortes e medidas pisadas das botas de um soldado, ele alcançou a borda e olhou para baixo.

Aninhado no buraco do porão, o pássaro olhou para cima.

A princípio Mike não teve certeza do que via. Todos os nervos e condutores de seu corpo pareceram congelar-se, incluindo aqueles que transmitiam pensamentos. Não era apenas o choque de ver um pássaro monstro, um pássaro cujo peito era alaranjado como o de um tordo e cujas penas tinham o anônimo cinza penujento das penas de um pardal; a maior parte foi o choque do absolutamente inesperado. Ele esperava ver monólitos de maquinaria, semi-submergidos em poças estagnadas e lama negra; no entanto, olhava para um ninho gigantesco, que enchia o buraco para o porão inteiramente, de ponta a ponta e de lado a lado. Tinha sido construído com capim rabo-de-rato, em quantidade suficiente para doze medas de feno, mas o capim que ele espiava agora era antigo e prateado. O pássaro assentava-se no meio do ninho, com os olhos brilhantemente orlados, tão negros como alcatrão novo e quente. Por um insano momento, antes que sua paralisia se rompesse, Mike pôde ver-se refletido em cada uma daquelas pupilas.

Então, o solo começou a repentinamente a mover-se, a deslizar sob seus pés. Ele ouviu o som de raízes ocas se rompendo, cedendo e compreendeu que estava escorregando.

Com um grito, Mike se jogou para trás, girando os braços a fim de manter o equilíbrio. Perdeu-o e caiu pesadamente no chão juncado de destroços. Um pedaço duro de metal pressionou-se dolorosamente contra suas costas e ele teve tempo de pensar na cadeira-do-vagabundo, antes de ouvir o som farfalhante e explosivo das asas do pássaro.

Mike se arrastou sobre os joelhos, engatinhou, olhou para trás por sobre o ombro e viu que o pássaro saía do buraco para o porão. Seus pés escamosos eram cinza-alaranjados. As asas em movimento, cada uma com mais de três metros de envergadura, espalharam o capim rabo-de-rato para um e outro lado, desordenadamente, como o vento gerado pelos rotores de um helicóptero. O bicharoco emitiu um grito gorgolejante e tremido. Algumas penas frouxas escaparam de suas asas e caíram em espiral dentro do buraco que ia para o porão.

Mike firmou-se nos pés novamente e começou a correr.

Partiu em desabalada carreira através do campo, agora sem olhar para trás, com medo demais para espiar. O pássaro não *parecia* Rodan, mas ele sentia que era o *espirito*

de Rodan, que se elevara do buraco parao porão da Fundição Kitchener, como um horrível pássaro-na-caixa. Ele tropeçou, caiu sobre um joelho, levantou-se e continuou correndo.

O grito trêmulo e gorgolejante, espectral, tornou a repetir-se. Uma sombra o cobriu e, ao olhar para cima, viu a coisa: tinha passado a menos de metro e meio sobre sua cabeça. O bico, de uma cor amarelo-sujo, se abria e fechava, revelando a rosada forração interna. O pássaro farfa-lhou de volta, em direção a ele. O vento que produzia bateu em seu rosto, trazendo consigo um cheiro seco e desagradável: poeira de sótão, antigüidades, almofadas putrefatas.

Ele se desviou em um salto para a esquerda, e então tornou a ver a chaminé caída. Correu para ela, em desatinada velocidade, os braços movendo-se em gestos curtos dos lados do corpo. O pássaro gritou, e Mike ouviu o bater de suas asas. Soavam como velas de barco, sacudidas pelo vento. Algo raspou a parte de trás de sua cabeça. Um fogo quente abriu caminho atrás do seu pescoço. Mike sentiu o sangue deslizar, quando começou a fluir paru a gola da camisa.

O pássaro tornou a girar, agora querendo pegá-lo com as garras e carregá-lo, como um falcão carregaria um rato-do-campo. Sem dúvida, pretendia carregá-lo para o ninho. Pretendia comê-lo.

Quando o bicho voou para ele, em linha reta para baixo, com aqueles olhos negros, horrivelmente *vivos* fixos na presa, Mike dobrou bruscamente para a direita. A ave errou o golpe — por pouco. O cheiro poeirento de suas asas era sufocante, insuportável.

Agora, Mike corria paralelo à chaminé caída, os ladrilhos passando apressada e confusamente a seu lado. Podia ver onde ela terminava. Se alcançasse o final e dobrasse para a esquerda, entrando na chaminé, estaria salvo — talvez. Refletiu que o pássaro era grande demais para entrar lá. Mike chegou a duvidar de que conseguisse pôr sua idéia em prática. O pássaro atacou novamente, as asas batendo, produzindo vento como um furacão, as garras escamosas agora em ângulo na direção dele, e descendo. Tornou a emitir seu grasnido e, desta feita, Mike julgou ouvir triunfo naquele som.

Baixou a cabeça, ergueu o braço e disparou reto para diante. As garras se fecharam e, por um momento, o pássaro capturou-lhe o braço. O aperto foi como a pressão desfechada por dedos incrivelmente fortes, terminados em unhas duras. Mordiam como dentes. As asas moventes do pássaro eram uma trovoada em seus ouvidos; ele mal tinha consciênciadas penas que caíam à sua volta, algumas roçando-lhe as faces como beijos fantasmagóricos. O pássaro elevou-se então e, por um breve momento, Mike sentiu-se puxado para cima, primeiro com o corpo empertigando-se, depois na ponta dos pés... e por um gélido segundo, sentiu que as biqueiras de seus tênis perdiam contato com o solo.

— *LARGUE-ME!* Gritou ele para a ave, torcendo o braço.

Por um momento, as garras continuaram pressionando, mas então a manga de sua camisa rasgou-se. Ele caiu de costas. O pássaro guinchou. Mike tornou a correr, passando através das penas da cauda daquela coisa, sufocando com aquele cheiro seco. Era como correr através do jato de um chuveiro, feito de penas.

Tossindo, com os olhos ardendo em lágrimas e pela horrenda poeira que cobria as penas do pássaro, ele tropeçou na chaminé caída. Agora não adiantava pensar no que poderia estar aninhado ali dentro. Ele correu para a escuridão, os soluços ofegantes produzindo um eco monótono. Correu por uns seis metros e então se virou para o círculo brilhante da luz do dia. Seu peito subia e descia, em movimentos espasmódicos. De repente, percebeu que, se houvesse julgado mal o tamanho do pássaro ou o da boca da chaminé, estaria morto tão seguramente como se houvesse encostado a espingarda do pai

à cabeça e puxasse o gatilho. Não tinha saída dali. Aquilo não era apenas uma espécie de cano, mas um beco sem saída. A outra extremidade da chaminé estava enterrada na terra.

O pássaro tornou a grasnir e, de repente, a luz no final da chaminé foi apagada, quando o bicharoco se postou no solo, diante da claridade. Ele podia ver suas pernas de escamas amareladas, cada uma tão grossa como a canela de um homem. Então, a ave baixou a cabeça e espiou no interior. Mike viu-se novamente fitando aqueles brilhantes e hediondos olhos de alcatrão fresco, com suas íris de aro de ouro. O bico do bicho se abria e fechava, abria e fechava, e a cada vez que se fechava ele ouvia um clique audível, como os percebidos pelos ouvidos ao batermos os dentes fortemente uns contra os outros. *O bico dessa coisa é afiado. Já conheci pássaro de bicos afiados, mas nunca tinha pensado nisso, até agora.*

A ave tornou a grasnar. O som era tão alto dentro da garganta ladrilhada da chaminé, que Mike tapou os ouvidos com as mãos.

Então, o bicharoco começou a forçar a entrada pela boca da chaminé.

Não! — gritou Mike. — Não, você não cabe aqui!

A claridade diminuiu um pouco mais quando o pássaro pressionouo corpo, enfiando-o no buraco. *(Oh, meu Deus, por que não pensei que ele era quase todo de penas? Por que não pensei que podia* espremer-se?). A claridade diminuiu... diminuiu... e desapareceu. Agora, havia apenas uma escuridão de breu, o sufocante cheiro de sótão da ave, o som roçagante de suas penas.

Mike caiu de joelhos e começou a sondar o piso encurvado da chaminé, as mãos bem espalhadas, tateando. Encontrou um pedaço de ladri-lho quebrado, as pontas aguçadas acolchoadas pelo que parecia musgo. Dobrou o braço e atirou o petardo. Houve um ruído surdo. A ave proferiu seu grito gorgolejante e trêmulo outra vez.

— *Saia* daqui! — gritou Mike.

Houve silêncio... e então recomeçou aquele som estalante, roçagante, quando o pássaro voltou a intrometer-se no cano. Mike tateou o solo, encontrou outros pedaços de ladrilho e se pôs a atirá-los, um após outro. Os ladrilhos atingiam o pássaro e depois caíam, tilintando na manga ladrilhada da chaminé.

Por favor, Deus, pensou Mike, incoerentemente. — *Por favor, Deus, por favor, Deus, por favor, Deus...*

Veio-lhe a idéia de que devia recuar no interior da chaminé tombada. Ele havia entrado pelo que era a base e raciocinou que ela devia estreitar-se, na direção da outra extremidade. Sim, podia recuar, claro, ouvindo aquele grave roçagar empoeirado, enquanto o pássaro abria caminho atrás dele. Podia recuar e, se tivesse sorte, chegaria além do ponto em que o tamanho da ave não lhe permitiria avançar mais.

Sim, mas e se o pássaro ficasse entalado?

Se isso acontecesse, ele e o pássaro morreriam ali dentro, juntos. Morreriam e apodreceriam juntos, ali dentro. No escuro.

Por favor, Deusl gritou, mas sem perceber em absoluto que gritara tão alto.

Jogou mais outro pedaço de ladrilho, desta vez com mais força — muito mais tarde, contaria que sentira como se *alguém* estivesse atrás dele nesse momento, e que *alguém* dera a seu braço uma tremenda potência. Desta vez, o som não foi amaciado, como se o ladrilho atingisse as penas. Foi um som de bofetada, como se a mão de uma criança batesse na superfície de uma tigela cheia de gelatina semi-solidificada . Desta vez, o pássaro gritou, não de raiva, mas de dor real. O tremular horrendo de suas asas encheu a chaminé; um ar fedorento passou por Mike como umfuracão, agitando suas roupas, fazendo-o tossir, sufocar e recuar, enquanto poeira e musgo voavam.

A luz tornou a aparecer, cinzenta e fraca a princípio, depois brilhante e aumentando à medida que o pássaro recuava pelo vão da chaminé. Mike debulhou-se em lágrimas, tornou a cair de joelhos e começou a procurar loucamente mais pedaços de ladrilho. Sem qualquer pensamento consciente, correu para diante com as duas mãos cheias de ladrilhos (àquela claridade, pôde ver que eles estavam manchados de musgo cinza-azulado e líquens, como a superfície de lousas em uma sepultura), até quase chegar à boca da chaminé. Pretendia impedir que o pássaro voltasse, se fosse possível.

O bicharoco abaixou-se, inclinando a cabeça como uma ave treinada às vezes faz em um poleiro, e Mike viu que seu último tiro acertara o alvo. O olho direito da ave quase desaparecera. Em vez daquela bolha cintilante de alcatrão fresco, havia uma cratera cheia de sangue. Uma gosma cinza-esbranquiçada pingava do canto da órbita e deslizava ao longo de um lado do bico do pássaro. Diminutos parasitas torciam-se e retorciam-se naquela descarga nojenta.

Quando o viu, o pássaro arremeteu para diante. Mike começou a jogar-lhe pedaços de ladrilho, que batiam em sua cabeça e bico. A ave imobilizou-se por um instante, depois tornou a arremeter, de bico aberto, mostrando aquela forração rósea novamente, mostrando algo que deixou Mike gelado por um momento, também de boca aberta. A língua do pássaro era prateada, de superfície tão loucamente rachada como a de um terreno vulcânico que houvesse estorricado e depois se fendido.

E sobre a língua, como estranhos montes de capim seco ali enraizados temporariamente, havia vários pufes alaranjados.

Mike jogou o último ladrilho diretamente naquela bocarra aberta e a ave recuou de novo, grasnando sua frustração, raiva e dor. Por um instante, Mike viu suas garras reptilianas... Depois as asas agitaram o ar e ela se foi.

Momentos depois, Mike ergueu o rosto — um rosto cinza-acastanhado pela terra, poeira e pedaços de musgo que o possante ventilador das asas da ave lhe tinha soprado — na direção do som estalante produzido pelas garras do bicho nos ladrilhos. Os únicos espaços limpos no rosto de Mike eram os traçados pelas lágrimas descendo.A ave caminhava de um lado para outro, sobre a superfície externa da chaminé, acima da cabeça de Mike: *Tak-tak-tak-tak.*

Mike recuou um pouco, juntou mais pedaços de ladrilho e os amontoou perto da boca da chaminé, o mais próximo que pôde. Se a coisa voltasse, ele queria atacá-la à queima-roupa. A claridade lá fora ainda era brilhante — sendo maio, ainda demoraria muito a escurecer — mas, e se o pássaro resolvesse esperar?

Mike engoliu com dificuldade, os lados ressequidos de sua garganta se roçando por um segundo.

E, mais acima: *Tak-tak-tak.*

Ele agora dispunha de uma excelente pilha de munição. A claridade penumbrosa, além do ponto onde o ângulo do sol produzia uma sombra espiralada no interior da tubulação, parecia um monte de pratos quebrados, jogados fora por uma dona-de-casa. Mike esfregou as palmas das mãos sujas nos lados do jeans e esperou para ver o que ocorreria em seguida.

Passou-se algum tempo — talvez cinco ou vinte e cinco minutos, ele não saberia dizer. Percebia apenas a ave andando de um lado para outro acima dele, como um insone pelo quarto, às três da madrugada.

Então, as asas tornaram a farfalhar. O bicharoco aterrou diante da abertura da chaminé. De joelhos, logo atrás de sua pilha de ladrilhos, Mike começou a atirar mísseis no pássaro, antes mesmo que ele baixasse a cabeça. Um deles bateu na armadura de uma perna amarela, produzindo um fluxo de sangue tão escuro, que quase tinha o negror dos

olhos da ave. Mike deu um grito de triunfo, o som abafado e quase perdido sob o gransnido furioso do pássaro.

— *Saia daqui!* — gritou Mike. — *Vou ficar atacando você até que vá embora, juro por Deus como vou!*

A ave voou para o topo da chaminé e reiniciou seu passeio.

Mike esperou.

Finalmente, asas tornaram a ruflar, quando ela abriu vôo. Mike aguardou, esperando que os pés amarelos, tão semelhantes aos de uma galinha, voltassem a aparecer. Não apareceram. Ele esperou mais tempo, convencido de que aquilo era uma espécie de truque, mas finalmente compreendendo que não havia mais motivo para esperar. Entretanto, continuou esperando, porque tinha medo de deixar a segurança de seu esconderijo.*Não vou ficar mais aqui! Não vou! Não sou nenhum coelho!*

Pegou quantos pedaços de ladrilho suas mãos puderam abarcar sem dificuldade, depois colocou mais alguns dentro da camisa. Saiu da chaminé, tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo e desejando loucamente possuir olhos na nuca. Viu apenas o campo estendendo-se à frente e em torno dele, salpicado com os espalhados remanescentes esferrujados da Fundição Kitchener. Girou, certo de que veria o pássaro empoleirado na borda da boca da chaminé, como um abutre, um abutre agora cego de um olho, esperando apenas que o menino o visse, antes de atacar pela última vez, usando aquele bico afiado para bicar, rasgar e dilacerar.

A ave, entretanto, não estava lá.

Tinha mesmo ido embora.

Os nervos de Mike explodiram.

Com um grito alucinado de medo, correu para a cerca de madeira curtida pelo vento, entre o campo e a estrada, deixando cair das mãos os últimos pedaços de ladrilho. A maioria dos outros escapou de sua camisa, quando esta se soltou da prisão do cinto. Ele pulou a cerca usando uma mão apenas, como Roy Rogers exibindo-se para Dale Evans, ao voltar do curral com Pat Brady e o resto dos vaqueiros. Agarrou os guidons de sua bicicleta e correu ao lado dela uns doze metros, estrada acima, antes de montar no selim. Depois pedalou como louco, não ousando olhar para trás, não ousando diminuir a velocidade, até chegar ao cruzamento da Estrada Pasture com a Rua Main Exterior, onde havia muitos carros indo e vindo.

Quando chegou em casa, seu pai trocava as velas do trator. Will reparou que Mike estava coberto de poeira e bolor. O menino hesitou apenas um segundo, antes de contar ao pai que levara um tombo da bicicleta quando voltava para casa, tendo caído em uma poça de lama.

— Quebrou alguma coisa, Mikey? — perguntou Will, examinando-o com mais cuidado.

— Não, senhor.

— Deslocou alguma coisa?

— Não, senhor.

— Tem certeza? Mike assentiu.

— Trouxe um *souvenir?*Mike enfiou a mão no bolso e encontrou a roda dentada. Mostrou-a ao pai. Will examinou-a brevemente e depois pegou uma diminutta migalha de ladrilho, encravada quase no sabugo da unha do polegar de Mike. Pareceu mais interessado nisto.

— É daquela velha chaminé? — perguntou. Mike assentiu.

— Você entrou nela? Mike tornou a assentir.

— Viu alguma coisa lá? — perguntou Will, e então, como que para tornar a pergunta uma piada (que não soava como piada, em absoluto), acrescentou: — Algum tesouro enterrado?

Sorrindo de leve, Mike abanou a cabeça.

— Bem, não conte para sua mãe que esteve andando por lá — disse Will. — Ela me meteria uma bala e depois outra em você. — Olhou ainda mais atentamente para o filho. — Mikey, você *está* bem?

— Como?

— Está me parecendo um tanto pálido em volta dos olhos.

— Acho que fiquei um pouco cansado — disse Mike. — São dez ou doze quilômetros indo e vindo, lembre-se. Quer que ajude com o trator, papai?

— Não. Acho que vou ficar atolado nele por toda semana. Suba e vá lavar-se.

Mike começou a afastar-se, mas então o pai tornou a chamá-lo. Ele olhou para trás.

— Não quero que volte àquele lugar outra vez — disse Will, — pelo menos, até que toda confusão fique esclarecida e peguem o homem que a está provocando... Você não viu ninguém por lá, viu? Ninguém o perseguiu nem o importunou?

— Não vi ninguém lá, papai — disse Mike. Will assentiu e acendeu um cigarro.

— Acho que foi um erro enviá-lo àquele lugar. Lugares tão antigos como esse... às vezes podem ser perigosos.

Os olhos dos dois encontraram-se brevemente.

— Está bem, papai — disse Mike. — De qualquer modo, não quero mesmo voltar lá. Parecia meio assombrado.

Will tornou a assentir.— Acho que quanto menos você falar, tanto melhor. Vá limpar-se agora. E diga a ela para preparar três ou quatro salsichas a mais.

Mike assim fez.

6

Isso agora não importa, pensou Mike Hanlon, olhando para os sulcos que chegavam até a borda de concreto do Canal e ali paravam. *Isso agora não importa, de qualquer modo podia ter sido apenas um sonho, e...*

Havia manchas de sangue seco sobre a borda do Canal.

Mike olhou para elas e depois para dentro do Canal. A água negra fluía maciamente. Faixas de suja espuma amarelada aderiam aos lados concretados, formando alças e curvas preguiçosas. Por um momento — apenas um momento — dois punhados daquela espuma se juntaram e pareceram formar um rosto de menino, os olhos virados para o alto, em uma expressão de agonia e terror.

A respiração de Mike ficou presa, como se houvesse um espinho em sua garganta.

A espuma separou-se, perdeu o sentido novamente e, nesse momento, soou um ruidoso chapinhar à direita. Mike virou a cabeça com rapidez, encolheu-se um pouco e, por um momento, julgou ter visto algo nas sombras do fluxo de água saindo do túnel, onde o Canal emergia à superfície, após seu trajeto subterrâneo através da cidade.

Então, a visão desapareceu.

Em um gesto brusco, sentindo frio e tremendo, ele enfiou a mão no bolso e pegou o canivete encontrado na grama. Jogou-o no Canal. Houve um chapinhar, uma onda que

começou como um círculo e depois ficou transformada em algo semelhante a uma flecha movida pela corrente... Em seguida, nada mais.

Nada mais, exceto o medo que de repente o sufocava e a fatal certeza de que havia alguma coisa por perto, alguma coisa que o vigiava, avaliando suas chances, ganhando tempo.

Deu meia-volta, procurando caminhar de volta à sua bicicleta — correr seria dignificar aqueles medos e indignificar a si mesmo — e então soou novamente aquele chapinhado. Um pouco mais alto, esta segunda vez. Alto demais, para ele pensar em dignidade. De súbito estava correndo o mais depressa que podia, resfolegando na direção de sua bicicleta, erguendo o descanso com um calcanhar e pedalando para a rua tão rápido quanto possível. Aquele cheiro marinho ficou de repente muito forte... forte *demais*. Estava em toda parte. E a água que escorria dos galhos molhados das árvores parecia rumorejar demasiado alto.

Algo estava vindo. Mike podia ouvi-la rastejando, arrastando as pisadas na grama.

Levantou-se sobre os pedais, movendo-os o mais rapidamente que pôde, e disparou para a Rua Main, sem olhar para trás. Foi para casa também tão depressa quanto possível, perguntando-se que diabo o tinha possuído para ir lá, em primeiro lugar... e o que atraíra àquele lugar.

Então, procurou pensar nas tarefas que o esperavam, em todas as tarefas, em nada mais que as tarefas. Após algum tempo, teve êxito nisso.

Quando viu a manchete no jornal do dia seguinte (DESAPARECIMENTO DE MENINO DESPERTA NOVOS TEMORES), pensou no canivete que atirara ao Canal — o canivete com as iniciais E.C. riscadas a um lado. Pensou no sangue que vira na grama.

E pensou também naqueles sulcos que paravam na borda do Canal.

CAPÍTULO 7

A represa nos Barrens

1

Vista da auto-estrada, às quinze para as cinco da manhã, Boston parece uma cidade dos mortos chocando sobre alguma tragédia em seu passado — talvez uma praga ou maldição. O cheiro de maresia, forte e enjoativo, vem do oceano. Faixas do nevoeiro de início da manhã obscure-cem muito daquilo que, em outras circunstâncias, poderia ser visto.

Dirigindo para o norte pela Storrow Drive, sentado ao volante do Cadillac 84 preto que ele apanhara com Butch Carrington, na firma Limousine Cape Cod, Eddie Kaspbrak pensa que a gente pode sentir a idade desta cidade; talvez não se consiga sentir a idade de nenhum outro lugar na América, além deste. Boston é um bebê,

comparada a Londres, uma criança comparada a Roma, porém, pelos padrões americanos, pelo menos, é velha, muito velha. Ela conserva seu lugar sobre essas colinas baixas há trezentos anos, quando nem se pensava ainda em impostos sobre o chá e os selos, quando Paul Rcvere e Patrick Henry nem tinham nascido.

Sua idade, seu silêncio e o cheiro nevoento do mar — todas essas coisas deixam Eddie nervoso. E, quando fica nervoso, ele procura seu aspirador. Enfia-o na boca, aperta o gatilho e uma nuvem revivificante de spray desce por sua garganta.

Nas ruas por onde ele passa há *algumas pessoas e um ou dois pedestres nas calçadas das passarelas — elas desmentem a impressão de que ele, de alguma forma, penetrou em um conto lovecraftiano de cidades condenadas, males antigos e monstros de nomes impronunciáveis. Aqui,reunidos em uma parada de ônibus com um letreiro dizendo* PRAÇA KEN*MORE — CENTRO DA CIDADE, ele vê garçonetes, enfermeiras, funcionários públicos, de rostos nus e emaciados de sono.*

Está certo, *pensa Eddie, agora passando sob um letreiro indicando* PONTE TOBIN. Está certo, prefiram os ônibus. Esqueçam os subways. Sub-ways são uma péssima idéia; eu não iria lá embaixo, se fosse vocês. De maneira nenhuma. Nada de túneis.

Não é bom pensar nisso. Se não expulsar tal idéia, ele logo estará usando seu aspirador novamente. Eddie fica feliz, ante o trânsito pesado na Ponte Tobin. Passa por uma fábrica monumental. Pintada na lateral de tijolos, há uma advertência algo inquietante: MODEREM*A ATIVIDADE! NÓS PODEMOS ESPERAR!*

Ali há um sinalizador verde luminescente, dizendo PARA A *95* MAI*NE, N. H., TODOS OS PONTOS DO NORTE DA NOVA INGLATERRA. Eddie Olha para as palavras e, de repente, um profundo estremecimento sacode seu corpo. Suas mãos soldam-se momentaneamente ao volante do Cadillac. Ele gostaria de acreditar que isto é o início de alguma doença, de uma virose ou talvez de uma das "febres fantásticas" de sua mãe, mas sabe que tal não ocorre. É a cidade atrás dele, silenciosamente pousada na borda reta que corre entre o dia e a noite, bem como o prometido por aquela sinalização à sua frente. Ele está doente, certo, não há dúvida quanto a isso, porém não por causa de um vírus ou de uma febre fantástica. Foi envenenado por suas próprias lembranças.*

Estou assustado, *pensa Eddie.* Amedrontado. Era isso que havia no fundo de tudo. Apenas com medo, eis tudo. No fim, entretanto, creio que mudamos isso em outra coisa, de algum modo. Estávamos acostumados — mas como?

Ele não pode lembrar. Pergunta a si mesmo se algum dos outros pode. Por causa de todos eles. Eddie espera sinceramente que sim.

Um caminhão atroa o ar à sua esquerda. Eddie ainda está com os faróis acesos e aumenta o brilho momentaneamente, enquanto o caminhão corre em segurança à frente. Ele faz isso sem pensar. Tornou-se uma função automática, apenas parte de dirigir como meio de vida. O motorista invisível do caminhão pisca osfaroletes em troca, rapidamente, duas vezes, agradecendo a Eddie sua grande cortesia. Se tudo pudesse ser tão simples e tão claro como isso, *pensa ele.Ele segue as indicações para a 1-95. O trânsito que vai para o norte é leve, embora ele observe que as pistas do sul, indo para a cidade, estão começando a ficar congestionadas, mesmo a hora tão matinal. Eddie conduz o enorme carro, pré-adivinhando a maioria da sinalização direcional e entrando na pista correta muito antes do que era preciso. Foram anos — literalmente anos — desde que adivinhara errado o suficiente para ultrapassar uma pista de saída que desejava. Agora, escolhe suas pistas tão automaticamente como piscou os faróis para o caminhão, tão automaticamente como uma vez encontrou o caminho certo no emaranhado de trilhas nos Barrens de Derry. O fato de nunca em sua vida ter dirigido*

para fora da cidade de Boston, uma das cidades mais confusas da América para um motorista, não parece importar absolutamente nada.

De súbito, ele recorda algo mais sobre aquele verão, algo que Bill lhe disse certo dia: "V-você t-tem uma b-b-bús-bússola na cabeça, E-E-Eddie."

Como aquilo o deixara satisfeito! Fica novamente satisfeito quando o 'Dorado 84 dispara para a est'ada de pedágio. Faz a velocidade da li-musine baixar para os noventa quilômetros horários, a gosto dos tiras, e encontra uma faixa de música sossegada no rádio. Supõe que, naquela época, seria capaz de morrer por Bill, se tal lhe fosse requerido. Se Bill lhe pedisse, ele responderia simplesmente: "Claro, Grande Bill... já decidiu para quando será?

Eddie ri disso — seu riso não emite grande coisa como som, mas mesmo sendo um resmungo, faz com que ele ria com vontade em seguida. Eddie tem rido raramente nestes últimos tempos e, sem dúvida, não espera encontrar muita graça (a palavra de Richie para significar graça, *como em: "Hoje foi dia de muita garça, Eds?") nesta negra peregrinação. Contudo, supõe que, se Deus for sujo o bastante para castigar o fiel, negando o que este mais deseja na vida, Ele talvez seja camarada o bastante para proporcionar-lhe uma ou duas boas garças ao longo da caminhada.*

"Tem achado boas garças ultimamente, Eds?" diz ele em voz alta, tornando a rir. Poxa, ele odiava quando Richie o chamava de Eds... mas também mais ou menos gostava. E a maneira como achava que Ben Hanscom passou a gostar de que Richie o chamasse de Monte de Feno. Era alguma coisa... como um nome secreto. Uma identidade *secreta. Uma forma de ser alguém que nada tivesse a ver com os medos, esperanças e constantes exigências dos pais. Richie não faria suas bem-amadas Vozes por pouca coisa, mas talvez soubesse o quanto era importante, para gente esquisita como eles, às vezes serem pessoas diferentes.*

Eddie olha para as moedas, alinhadas ordenadamente sobre o painel de instrumentos do 'Dorado — ordenar moedas é outro daqueles truques automáticos do ofício. Quando surgem as cabines do pedágio, nunca se precisa remexer os bolsos em busca da grana, nunca se descobre que a faixa é de pedágio automático e a gente não tem o troco certo.

Entre as moedas, há dois ou três dólares de prata. São moedas, reflete ele, provavelmente encontradas somente no bolso de choferes e motoristas de táxi da área de Nova York nestes dias, da mesma forma como o único lugar onde se pode ver montes de notas de dois dólares é no guichê de pagamento de uma pista de corrida de cavalos. Ele sempre deixa algumas ao alcance, porque as cestas-robô do pedágio nas pontes George Washington e Triboro os levam.

Outra daquelas luzes se acende bruscamente em sua cabeça: dólares de prata. Não estes falsos sanduíches de cobre, mas dólares de prata de verdade, *com Madame Liberdade trajando suas vestes diáfanas, impressa sobre eles. Os dólares de prata de Ben Hanscom. Sim, mas não foi Bill — ou Ben ou Beverly — que certa vez usou uma daquelas moedas de prata para salvar a vida? Ele não está bem certo disso, aliás, não tem certeza de nada... ou será que apenas não quer lembrar?*

Lá era escuro, pensa ele, subitamente. *Lembro-me bem disso. Lá era escuro.*

Boston agora está muito para trás dele, o nevoeiro está começando a desfazer-se. À frente fica o MAME, N.H., TODOS OS PONTOS DO NORTE DA NOVA INGLATERRA. Derry fica à frente, e em Derry existe algo que devia estar morto há vinte e sete anos, mas não é o que acontece. Algo com tantas caras como Lon Chaney. Ora, mas afinal de que se trata, em realidade? *Eles não acabaram vendo-o como de fato era, com todas as suas máscaras de lado?*

Ah, ele pode recordar muita coisa... mas não o suficiente.

Ele recorda que gostava de Bill Denbrough; lembra-se disso perfeitamente. Bill nunca zombou de sua asma. Bill nunca o chamou de mariquinhas. Amava Bill, como amaria um irmão mais velho... ou um pai. Bill sabia de coisas para fazer. Lugares para ir. Coisas para ver. Bill nunca dava o contra. Quando se corria com Bill, era para valer, havia gargalhadas... porém dificilmente se perdia o fôlego. E quase nunca perder ofôlego era formidável, tão *formidável, que Eddie gostaria de dizer para o mundo. Quando se estava com o Grande Bill, o dia era sempre divertido.*

"É isso aí, cara, TO-do dia era divertido", diz ele numa Voz de Richie Tozier, e torna a rir.

Tinha sido idéia de Bill construírem a represa nos Barrens e, de certo modo, foi a represa que reuniu todos eles. Ben Hanscom é que mostrara como a represa poderia ser construída — e eles a construíram tão bem, que acabaram tendo problemas com o Sr. Nell, o tira de ronda — mas a idéia pertencia a Bill. Além disso, embora todos eles, exceto Richie, houvessem visto coisas muito estranhas — coisas amedrontadoras — em Derry desde o início do ano, Bill é que primeiro encontrara coragem para dizer algo em voz alta.

Aquela represa.

Aquela maldita repressa.

Ele recordou Victor Criss: "Muito bem, garotos. Era mesmo um tanque de pirralhos, acreditem. Foi melhor ficarem sem ele."

Um dia mais tarde, Ben Hanscom sorria para eles, dizendo:

"Nós podíamos

"Nós podíamos inundar

"Nós podíamos inundar os

2

Barrens completamente, se quisermos."

Bill e Eddie olharam para Ben duvidosamente e depois para o que ele trouxera consigo: algumas tábuas (surripiadas do pátio dos fundos do Sr. McKibbon, mas tudo bem, já que o Sr. McKibbon provavelmente as apanhara de mais alguém), uma marreta e uma pá.

— Não sei como vai ser — disse Eddie, virando-se para Bill. — Quando tentamos ontem, não funcionou muito bem. A corrente levava todos os nossos pedaços de pau.

— Isto vai dar certo — replicou Ben, igualmente olhando para Bill, à espera da decisão final.

— Vamos t-t-tentar — disse Bill. — Ch-chamei R-R-R-Richie Tozier esta m-manhã. Ele v-virá mais t-ta-tarde, foi o que d-disse. Talvez ele e St-an-anley queiram aj-ajudar.

— Que Stanley? — perguntou Ben.— Uris — disse Eddie.

Olhava cautelosamente para Bill que, hoje, parecia de certa forma diferente — mais quieto, menos entusiasmado com a idéia da represa. Parecia também mais pálido. Distante.

— Stanley Uris? Acho que não conheço. Ele é da Elementar de Derry?

— Ele tem a nossa idade, mas acabou de terminar o quarto grau — explicou Eddie. — Entrou para a escola com um ano de atraso, porque esteve muito doente quando

pequeno. Se *você* pensa que ontem passou o diabo, devia ficar feliz por não ser Stan. Sempre há alguém fazendo o coitado passar maus pedaços.

— Ele é j-j-ju-judeu — disse Bill. — M-Muitos garotos não g-gostam dele porque é ju-ju-judeu.

— É mesmo? — exclamou Ben, impressionado. — Judeu, hein? Fez uma pausa, antes de dizer, cauteloso: — É como ser turco ou é mais como, vocês sabem, ser egípcio?

— A-A-cho que é mais como s-s-er tur-ur-urco — disse Bill. Ele apanhou uma das tábuas que Ben trouxera e olhou para ela. Teria uns dois metros de comprimento por um de largura. — Meu p-p-pai diz que a maioria dos j-j-judeus tem na-nariz g-g-grande e muito di-di-dinheiro, mas St-St-St...

— Stan tem um nariz comum e está sempre duro — disse Eddie.

— Isso — confirmou Bill, e sorriu pela primeira vez nesse dia. Ben sorriu.

Eddie sorriu.

Bill jogou a tábua a um lado, levantou-se e limpou o fundilho do jeans. Caminhou até a beira da corrente e os outros dois garotos se juntaram a ele. Enfiando as mãos nos bolsos traseiros, Bill suspirou fundo. Eddie tinha certeza de que ia dizer alguma coisa séria. Bill olhou para Eddie, depois para Ben, então para Eddie novamente, agora sem sorrir. Eddie ficou subitamente temeroso. No entanto, tudo o que Bill disse, foi:

— Está c-com seu a-a-aspirador, E-Eddie? Eddie bateu no bolso.

— Estou com o tanque cheio para o dia.

— Ei, como se saiu com o leite chocolatado? — perguntou Ben. Eddie riu.

— *Grande!* — exclamou.

Ele e Ben caíram na risada, enquanto Bill olhava para eles, sorrindo, mas intrigado. Eddie explicou e Bill tornou a sorrir.— A m-m-mãe de E-E-Eddie tem medo q-que ele se q-que-quebre e depois e-ela não co-co-consiga s-s-substituí-lo.

Eddie fez uma careta e fingiu que ia empurrá-lo na água.

— Alto lá, cara de bosta — disse Bill, soando curiosamente igual a Henry Bowers. — Posso torcer sua cabeça, a ponto de você poder ver quando se limpa.

Ben se dobrou em dois, gargalhando esganiçadamente. Bill olhou para ele, ainda rindo, as mãos ainda nos bolsos traseiros do jeans, rindo, claro, mas um pouco distante novamente, um tanto vago. Olhou para Eddie e apontou a cabeça para Ben.

— P-Pa-Parece uma c-cri-criancinha — disse.

— Hum-hum — concordou Eddie mas, de algum modo, sentiu que eles estavam apenas simulando divertimento. Havia algo na mente de Bill, mas ele certamente só diria o que era na hora certa. A questão era: Eddie desejaria saber? — O garoto é mentalmente retardado.

— Recauchutado — replicou Ben, ainda dando risadas.

— Vo-Você v-v-vai m-mostrar como se c-constrói uma represa ou v-v-vai fi-ficar aí o d-dia inteiro, sentado em s-seu t-traseiro ta-tamanho fa-fa-família?

Ben tornou a levantar-se. Olhou primeiro para a corrente, fluindo diante deles em velocidade moderada. O Kenduskeag não era muito largo quando chegava àquela altura dos Barrens, mas mesmo assim os derrotara na véspera. Eddie e Bill não tinham conseguido imaginar um meio de domar aquelas águas. Ben, no entanto, sorria. Era o sorriso de quem está para fazer algo novo... algo que será divertido, mas não muito trabalhoso. Eddie pensou: *Ele sabe como... Acho que ele sabe mesmo.*

— Está bem — disse ele. — Vocês aí, tirem os sapatos, porque vão ter de molhar os pezinhos.

A mãe-mente na cabeça de Eddie falou imediatamente, em voz tão rígida e autoritária, como a de um tira dirigindo o trânsito: *Não ouse fazer isso, Eddie! Não ouse!*

Pés molhados são uma forma — uma das mil *formas — de se pegar um resfriado, que pode virar pneumonia. Portanto, não faça isso!*

Bill e Ben estavam sentados na margem, tirando os tênis e meias. Ben enrolava desajeitadamente as pernas do jeans. Bill ergueu os olhos para Eddie. Olhos límpidos e cálidos, compreensivos. De repente, Eddie teve certeza de que o Grande Bill sabia exatamente o que ele estivera pensando. Ficou envergonhando.

— V-Você não v-v-vai?

— Claro que vou — replicou Eddie.

Sentou-se na margem e descalçou-se, enquanto sua mãe martelava dentro de sua cabeça... mas a voz dela estava ficando cada vez mais distante, apenas um eco, para alívio de Eddie. Era como se alguém houvesse lançado um forte anzol nas costas da blusa dela e agora a puxava pela carretilha, para longe dele, através de um compridíssimo corredor.

3

Era um daqueles dias perfeitos de verão que, em um mundo onde tudo estava andando nos trilhos, a gente nunca esquece. Uma brisa moderada, mantinha a distância as ondas maiores de mosquitos e borrachudos. O céu era de límpido e brilhante azul. A temperatura andava pelos vinte e poucos graus. Passarinhos cantavam e faziam suas tarefas de pássaros nos arbustos e arvoredos. Eddie precisou usar seu aspirador uma vez, mas então seu tórax ficou leve, a garganta pareceu dilatar-se magicamente, ficando do tamanho de uma auto-estrada. Seu aspirador passou o resto da manhã esquecido no bolso traseiro da calça.

Ben Hanscom, que na véspera se mostrara tão tímido e inseguro, agora era um confiante general, ao se ver plenamente envolvido na real construção da represa. De vez em quando, subia até a margem e ficava lá, como as mãos enlameadas na cintura, olhando para o trabalho em andamento e murmurando para si mesmo. Em outras ocasiões, passava a mão pelo cabelo que, lá pelas onze horas, transformara-se em louco penteado de cômicos espetos.

Eddie sentiu incerteza a princípio, depois um senso de satisfação e, por fim, um sentimento inteiramente novo — ao mesmo tempo esquisito, aterrador e eufórico. Era algo tão estranho ao seu costumeiro estado de ânimo, que não conseguiu classificá-lo senão à noite, quando já estava na cama, olhando para o teto e repassando o dia. *Poder.* Era isso que sentira. Poder. A represa ia dar certo, por Deus, ia dar mais certo do que ele e Bill — talvez, inclusive, o próprio Ben — poderiam ter sonhado.

Via Bill envolvendo-se também — a princípio apenas um pouco, ainda ruminando o que quer que houvesse em sua mente, mas depois, aos poucos, entregando-se por inteiro. Uma ou duas vezes deu um tapa no ombro carnudo de Ben, dizendo que ele era incrível. Ben se sentiu ruborizar de prazer em cada vez.Ben indicou a Eddie e Bill que colocassem uma das tábuas através da corrente e a mantivessem ali, enquanto ele usava a marreta para assentá-la no leito do rio.

— Pronto... está presa, mas vocês terão de segurá-la ou a corrente a afrouxará — disse a Eddie.

Assim, Eddie ficou no meio do rio, firmando a tábua, enquanto a água escorria por cima dela e tornava suas mãos como ondulantes estrelas-do-mar.

Ben e Bill colocaram uma segunda tábua a cerca de meio metro da outra, corrente abaixo. Ben tornou a usar a marreta para assentá-la, enquanto Bill a segurava. Depois, começou a encher o espaço entre as duas tábuas com terra arenosa, tirada da margem da corrente. A princípio, a terra apenas esvaiu-se em torno das extremidades das tábuas, em espessas nuvens, fazendo Eddie pensar que aquilo não ia dar certo. Entretanto, quando Ben passou a acrescentar rochas e sedimento lodoso do fundo da corrente, as nuvens de detritos escapando foram diminuindo. Em menos de vinte minutos, ele havia criado um transbordante canal marrom de terra e pedras entre as duas tábuas, no meio da corrente. Para Eddie, aquilo parecia uma ilusão de óptica.

— Se tivéssemos cimento de verdade... em vez de apenas... lama e rochas, eles teriam que mudar a cidade inteira... para cima do Old Cape, pelo meio da semana que vem — disse Ben, finalmente jogando a pá de lado.

Sentou-se na margem, até recuperar o fôlego. Bill e Eddie riram. Ben sorriu para os dois. Quando sorria, mostrava um fantasma do homem atraente que se tornaria, impresso nas linhas de seu rosto. A água começou a juntar-se agora, por trás da tábua que ficava corrente acima.

Eddie perguntou o que fariam sobre a água que escapava pelos lados.

— Ela tem que escapar. Não importa.

— Não?

— Não.

— Por que não?

— Não sei explicar direito. De qualquer modo, a gente tem que deixar a água escapar.

— Como é que você sabe?

Ben deu de ombros. *Eu apenas sei,* dizia o gesto, e Eddie ficou calado.Quando se sentiu descansado, Ben pegou uma terceira tábua — a mais grossa das quatro ou cinco que tinha carregado laboriosamente através da cidade até os Barrens — e a colocou com cuidado contra a tábua corrente abaixo, apoiando firmemente uma extremidade no leito da corrente e a outra contra a tábua que Bill estivera segurando. Assim, criou a escora que havia feito em seu pequeno desenho da véspera.

— Tudo bem — disse, recuando. Sorriu para os outros. — Vocês agora fiquem olhando. O amontoado entre as duas tábuas suportará a maioria da pressão da água. A escora suportará o resto.

— A água não vai derrubar tudo? — perguntou Eddie.

— Negativo. A água só tornará a coisa mais firme.

— E s-se não d-d-der ce-certo, nós m-m-ma-matamos v-você — disse Bill.

— Tudo bem — replicou Ben, em tom amável.

Bill e Eddie recuaram. As duas tábuas que formavam a base da represa rangeram um pouco, inclinaram-se ligeiramente... e isso foi tudo.

— Puta merda! — exclamou Eddie, excitado.

— É g-g-grande! — disse Bill, sorridente.

— Isso — replicou Ben. — Vamos comer.

4

Os três sentaram-se na margem e comeram, sem falar muito, espiando a água acumular-se atrás da represa e escorrer em tomo das extremidades das tábuas. Eddie podia ver que já tinham feito algo à geografia das margens do rio: a corrente dividida estava cavando profundas depressões nelas. Enquanto espiava, ele viu que o novo curso das águas escavara a margem oposta o bastante para provocar uma pequena avalanche.

No trecho rio acima, a água formava uma lagoa mais ou menos circular e, em um ponto, já transbordava pela margem. Regatos brilhantes e refletores insinuavam-se por entre a relva e o matagal. Eddie começou lentamente a perceber o que Ben soubera desde o início: a represa já estava construída. As falhas entre as tábuas e as margens eram canais com comportas. Ben não pudera dizer isso a Eddie, porque não conhecia o termo. Acima das tábuas, o Kenduskeag assumira uma aparência intumescida. O som rumorejante da água rasa que antes balbuciava no seu caminho sobre pedras e cascalhos, agora desaparecera; todas as pedrascorrente acima, antes da represa, estavam sob a água. De vez em quando, mais terra e areia, amolecidas pela corrente que se alargava, caíam na água com um chapinhado.

Abaixo da represa, o curso d'água estava quase vazio; regatos diminutos corriam incessantemente por seu centro, mas era tudo. As pedras que haviam estado submersas, só Deus sabia por quanto tempo, agora secavam ao sol. Eddie olhou para aquelas pedras secando, sentindo um certo espanto... e experimentando aquele outro curioso sentimento. Eles haviam feito isto. *Eles.* Viu uma rã saltando no leito quase seco do rio e pensou que talvez a Sra. Rã estivesse querendo saber o que fora feito da água, para onde ela havia ido. Eddie deu uma risada.

Ben estava guardando os envoltórios vazios de seu lanche dentro da sacola que trouxera. Eddie e Bill tinham ficado perplexos antes o tamanho do repasto que Ben devorara, com incessante eficiência: dois grandes sanduíches mistos, um outro de queijo, um ovo cozido (inteiro, com uma pitada de sal que trouxera embrulhada em um pequeno pedaço de papel impermeável), duas fatias de doce, três biscoitos grandes de chocolate e um bombom.

— O que disse sua mãe, quando viu o estado em que você chegou ontem em casa? — perguntou Eddie.

— Hmmm? — Ben ergueu os olhos da lagoa que se espraiava atrás da represa e arrotou contra o dorso da mão. — Oh! Bem, eu sabia que ela ia ao supermercado ontem à tarde, de maneira que consegui chegar primeiro em casa. Tomei um banho e lavei a cabeça. Depois, joguei fora o jeans e a camisa de algodão que usava. Não sei se ela vai perceber que estão faltando ou não. Provavelmente nem se lembrará da camisa; tenho montes de camisas de algodão, mas acho que terei de comprar uma calça nova, antes que ela comece a mexericar em minhas gavetas.

O pensamento de gastar seu dinneiro em um artigo tão pouco essencial sombreou momentaneamente o rosto de Ben.

— E o q-q-que ela di-di-disse so-sobre seus m-ma-machucados?

— Falei para ela que tinha ficado tão contente com o fim das aulas, que corri para a porta e levei um tombo na escada — disse Ben.

Ao mesmo tempo, pareceu espantado e um pouco sentido, quando Eddie e Bill começaram a rir. Bill, que estivera mastigando um pedaço de bolo feito por sua mãe, soprou um jato de migalhas e então teve um acesso de tosse. Ainda rindo ruidosamente, Eddie deu-lhe um tapa nas costas.— Bem, eu quase caí mesmo na escada — disse Ben, — mas não porque estivesse correndo. Victor Criss empurrou-me.

— Eu f-fi-ficaria quente c-como um ta-ta-tamale (*Espécie de pamonha, com carne picadinha e pimenta. - N. da T.).* em uma c-camisa g-g-gros-grossa c-como essa — disse Bill, terminando o último pedaço de seu bolo.

Ben vacilou. Por um momento, pareceu que nada diria.

— Elas são boas, quando a gente é gordo — disse finalmente. — Camisas de algodão, quero dizer.

— Por causa de seu estômago? — perguntou Eddie. Bill riu com vontade.

— Por causa de suas ma-ma-ma...

— Isso mesmo, minhas maminhas. E daí?

— Certo — replicou Bill brandamente. — E d-d-daí?

Houve um momento de embaraçoso silêncio, e então Eddie disse:

— Vejam como a água está ficando escura, quando passa em volta daquele lado da represa!

— Oh, droga! — Ben levantou-se rapidamente. — A corrente está puxando o recheio! Poxa, eu gostaria que a gente tivesse cimento!

O dano foi reparado sem perda de tempo, mas até Eddie podia ver o que aconteceria, sem alguém ali para manejar a pá constantemente, providenciando o novo recheio de terra e pedras entre as tábuas: eventualmente, a erosão faria com que a tábua corrente acima delizasse contra a outra corrente abaixo. Então, tudo desmoronaria.

— Podemos elevar os lados — disse Ben. — Isso não deteria a erosão, mas a diminuiria.

— Se usarmos areia e lama não dará no mesmo? Irá tudo por água abaixo? — perguntou Eddie.

— Usaremos torrões de relva.

Bill assentiu, sorriu, e fez um O com o polegar e o indicador da mão direita.

— V-V-Vamos em f-f-frente. Eu c-cavo os tor-torrões e v-você me m-mostra onde b-b-botar eles, Grande Ben.

À retaguarda deles, uma voz estridente e alegre bradou:

— Caramba! Alguém fez uma represa com forquilha nos Barrens, de umbigo recheado e tudo!

Eddie se virou, percebendo a maneira como Ben ficava na defensiva ao som da voz estranha, a maneira como ele comprimia os lábios. Parados acima deles, corrente acima e ainda distantes, estavam Richie Tozier e Stanley Uris.

Richie aproximou-se saltitando do rio, olhou para Ben com certo interesse e então beliscou a bochecha de Eddie.

— *Pare* com isso! Detesto quando você faz isso, Richie!

— Oh, você adora, Eds — disse Richie, e sorriu para ele. — E então, o que me diz? Está tendo boas garças por aqui?

5

Os cinco pararam por volta das quatro da tarde. Sentaram-se bem mais alto na margem — o lugar onde Bill, Ben e Eddie tinham comido o almoço estava agora submerso — e olharam para seu trabalho manual. O próprio Ben achava certa dificuldade em acreditar. Experimentava um senso de fatigada realização, misturado com inquieto temor. Viu-se pensando em *Fantasia,* quando Mickey Mouse descobriu o suficiente para mover as vassouras... mas não o bastante para fazê-las parar.

— É incrível — disse Richie Tozier maciamente, e empurrou os óculos para o nariz.

Eddie o fitou de relance, mas Richie não fazia nenhum de seus números no momento; estava pensativo, quase solene.

No outro lado da corrente, onde a terra primeiro se elevava e depois inclinava-se aos poucos, colina abaixo, eles haviam criado um novo pedaço de zona pantanosa. Samambaias e pés de azevinho estavam em trinta centímetros de água. Enquanto se achavam ali sentados, eles podiam ver o pântano enviando novos pseudópodos, espalhando-se firmemente para oeste. Atrás da represa, o Kenduskeag, raso e inofensivo até aquela manhã, se havia tornado uma quieta e volumosa faixa de água.

Por volta de duas horas, a lagoa em crescimento atrás da represa havia coberto tanta margem, que os vertedouros quase se tinham tornado rios também. Todos, exceto Ben, saíram em uma expedição de emergência, à cata de novos materiais. Ben ficou ali, metodicamente acrescentando torrões aos vazamentos. Os exploradores voltaram, não apenas com tábuas, mas trazendo também quatro pneus carecas, a porta enferrujada de um Hudson Hornet 1949 e um bom pedaço de lâmina de aço corrugado. Sob a liderança de Ben, construíram mais duas alas sobre a represa original, bloqueando o escapamento da água em torno dos lados novamente — e, com as alas fixadas em ângulo contra a corrente, a represa funcionou ainda melhor do que antes.

— Você estancou o sacana — disse Richie. — Você é um gênio, cara.

— Nem tanto assim... — sorriu Ben.

— Tenho alguns Winstons — disse Richie. — Alguém quer um? Tirou do bolso da calça um amassado maço vermelho e branco, que passou em torno. Pensando no inferno que um cigarro faria à sua asma, Eddie recusou. Stan recusou também. Bill pegou um e, após vacilar um instante, Ben pegou outro. Richie exibiu uma carteirinha de fósforos, com as palavras ROI-TAN impressas no lado fora. Acendeu primeiro o cigarro de Ben, depois o de Bill. Ia acender o seu, quando Bill soprou o fósforo.

— Muito obrigado, Denbrough, seu cretino — disse Richie. Bill sorriu, procurando justificar-se.

— T-T-Três com um f-f-fós-foro — disse. — Dá az-az-azar.

— Azar foi o de vocês quando nasceram, caras — replicou Richie, e acendeu seu cigarro com outro fósforo. Estirou-se no chão e cruzou os braços debaixo da cabeça. O cigarro ficou empinado entre seus dentes. — Winston possui o sabor que deve ter um bom cigarro. — Virou a cabeça ligeiramente e piscou para Eddie:.— Não estou certo, Eds?

Eddie percebeu que Ben olhava para Richie com uma mistura de receio e cautela, mas podia compreender isso. Ele próprio conhecia Richie Tozier havia quatro anos, mas ainda não entendera qual era a dele. Sabia que Richie tirava notas A e B em seus trabalhos escolares, mas sabia que ele tirava regularmente notas C e D em comportamento. O pai dele ficava furioso com isso e a mãe chorava sempre que Richie levava para casa aquelas notas baixas por rra conduta. Ele jurava comportar-se melhor, e talvez até conseguisse... por quinze minutos ou meia hora. O problema de Richie é que ele não ficava quieto por mais de um minuto de cada vez, além de ser-lhe impossível manter a boca fechada. Ali, nos Barrens, isso não lhe causava muitos problemas, porém os Barrens não eram a Terra do Nunca e eles não podiam ser os Valentões por mais de algumas horas corridas (a idéia de um Valentão com um aspirador no bolso traseiro fez Eddie sorrir). O problema com os Barrens era que sempre se tinha que ir embora. Lá fora, no mundo mais amplo, as tolices e cascatas de Richie sempre o deixavam em dificuldades — com adultos, o que era ruim, e com sujeitos semelhantes a Henry Bowers,

o que era ainda pior.Sua chegada junto ao grupo, naquele dia, era um perfeito exemplo. Ben Hanscom mal havia começado a dizer "olá", quando Richie caiu de joelhos aos seus pés. A seguir, iniciou uma série de gigantescas reverências, os braços estirados, as mãos batendo na margem lamacenta, a cada vez que fazia uma mesura. Ao mesmo tempo, começara a falar com uma de suas Vozes.

Richie tinha cerca de doze Vozes diferentes. Sua ambição, confidenciara a Eddie certa tarde chuvosa, quando ambos estavam no quartinho encaibrado sobre a garagem dos Kaspbrak, lendo revistas da Luluzinha, era tornar-se o maior ventríloquo do mundo. Disse que seria ainda maior do que Edgar Bergen e apareceria no programa de Ed Sullivan todas as semanas. Eddie admirava essa ambição, mas previa problemas com ela. Em primeiro lugar, todas as Vozes de Richie eram muito parecidas com a do próprio Richie. Isto não significava que Richie não podia ser muito engraçado, de quando em quando; é lógico que podia ser. No referente a ditos espirituosos e peidos ruidosos, a terminologia de Richie era a mesma: ele dizia Soltar Um Excelente, e soltava Excelente dos dois tipos com freqüência... geralmente na companhia imprópria. Em segundo lugar, quando Richie fazia ventriloquia, seus lábios se moviam. Não apenas um pouco, nas palavras com "b" e "p", mas bastante, e em todos os sons. Em terceiro lugar, quando Richie dizia que ia soltar a voz, em geral ela não chegava muito longe. A maioria de seus amigos era demasiado gentil — ou demasiado fascinada pelo charme de Richie, às vezes encantador, freqüentemente esgotante — para mencionar-lhe essas pequenas falhas.

Fazendo suas frenéticas reverências diante do espantado e embaraçado Ben Hanscom, Richie falava com o que chamava sua voz de Negro Jim.

— Deus qui mi perdoi, deve sê Calhoun Monte de Feno! — gritou Richie. — Num caia em cima de mim, sinhô Monte de Feno! Pru favo! Se fizé isso, meu recheio vai se espalha todo! Deus qui mi perdoi, Deus qui me perdoi! Cento e cinqüenta quilo de carne tremelicante, duzento centímetro de uma maminha inté a otra, Monte de Feno deve di tá fedendo cumo bosta di pantera! Já vi recheio espalhado, sinhô Monte de Feno! Já vi muito recheio! Pru favo, num cai em cima deste negrinho!

— N-Não se pre-preocupe — disse Bill. — É s-s-só Ri-Ri-Richie. Ele é m-m-maluco.

Richie empertingou-se sobre os pés.— Eu ouvi isso, Denbrough. É melhor deixar-me em paz, ou empurro este Monte de Feno em cima de você.

— A m-m-melhor pa-parte de seu re-re-recheio já esc-escorregou p-p-pelas pe-pernas de seu pa-pa-pai ab-abaixo — replicou Bill.

— Tem razão — disse Richie, — mas veja quanta coisa boa ainda sobrou! Como vai, Monte de Feno? Meu nome é Richie Tozier, cá pra nós, e meu negócio é produzir uma Voz. — Estendeu a mão e Ben a apertou, confuso.

Richie puxou a mão de volta. Ben pestanejou. Abrandando-se, Richie voltou atrás e apertou-lhe a mão.

— Meu nome é Ben Hanscom, caso lhe interesse saber — disse Ben.

— Já vi você lá pela escola — disse Richie. Apontou para a água da lagoa em aumento. — Isto deve ter sido idéia sua. Estes borra-botas aqui não acenderiam um morteiro com um lança-chamas.

— Está falando por si mesmo, Richie — replicou Eddie.

— Oh... quer dizer que foi idéia *sua,* Eds? Céus, sinto muito! Richie caiu diante de Eddie e começou novamente a fazer intempestivos salamaleques.

— Levante-se e pare com isso! Está me jogando lama! — gritou Eddie. Richie levantou-se pela segunda vez e beliscou a face de Eddie.

— Gracinha, gracinha, *gracinha!* — exclamou.

— Pare com isso, eu *detesto* isso!

— Falando sério, Eds... quem construiu a represa?

— B-B-Ben nos ens-ens-ensinou como fa-fazer — respondeu Bill.

— Uma grande idéia. — Virando-se, Richie descobriu Stanley Uris, de pé atrás dele, as mãos nos bolsos, apreciando quietamente, enquanto ele apresentava seu espetáculo. — Este aqui é Stan, o Homem Uris — disse Richie a Ben. — Stan é judeu. Aliás, ele matou Cristo. Pelo menos, foi o que Victor Criss me disse, certo dia. Desde então, não saí mais de perto de Stan. Imagino que, se ele é tão velho assim, devia ser capaz de comprar-nos alguma cerveja. Não é mesmo, Stan?

— Acho que deve ter sido meu pai — respondeu Stan, em uma voz grave e agradável, que provocou as gargalhadas de todos eles.

Ben também riu com prazer. Eddie ria tanto, que ficou ofegando as-maticamente, com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Um Excelente! — exclamou Richie, caminhando em círculos, com os braços acima da cabeça, como um juiz de futebol indicando que o ponto extra foi válido. — Stan, o Cara, Solta Um Excelente! Grandes Momentos na História! Oba Oba Oba!

— Olá — disse Stan para Ben, como se não desse a menor importância a Richie.

— Olá — replicou Ben. — Estivemos na mesma classe, no segundo grau. Você era o garoto que...

— ...nunca dizia nada — terminou Stan, sorrindo ligeiramente.

— Certo.

— Stan não diria merda, se estivesse com a boca cheia dela — falou Richie. — *O que* acontece free-qüentemente com ele — Oba Oba Ob!...

— C-C-Cale essa b-b-boca, Richie — disse Bill.

— Tudo bem, mas primeiro tenho que dizer uma coisinha mais a vocês, embora não goste. Acho que estão perdendo seu tempo. O vale ficará inundado, meus chapas. Que as mulheres e as crianças se salvem primeiro.

Então, sem ao menos preocupar-se em enrolar as pernas da calça — ou mesmo tirar os tênis — Richie pulou para a água e começou a jogar torrões de relva sobre a ala mais próxima da represa, onde a corrente teimosa insistia em levar consigo o que fora posto ali. Havia um pedaço de fita adesiva da Cruz Vermelha enrolado em torno de uma haste de seus óculos, e a extremidade solta batia contra seu malar, enquanto ele trabalhava. Bill captou o olhar de Eddie, sorriu um pouco e deu de ombros. Era apenas Richie. Ele podia deixar uma pessoa furiosa... mas ainda assim era bom tê-lo por perto.

Eles trabalharam na represa durante aproximadamente mais uma hora. Richie aceitou as ordens de Ben — o que o tinha tornado algo cauteloso novamente, com mais dois garotos para comandar — com perfeita boa vontade, seguindo-as em um ritmo maníaco. Quando cada missão era encerrada, ele se voltava para Ben esperando novas ordens, fazia uma continência britânica e batia os calcanhares dos tênis enlameados. De vez em quando, começava a infernizar os outros com uma de suas Vozes: o Comandante Germânico, Toodles, o Mordomo Inglês, o Senador Sulista (que soava bem semelhante a uma ruidosa galinha legorne e que, no correr do tempo, evoluiria para a voz de um personavem denominado Bu-ford Beijo Molhado), o locutor do Cinejornai Movietone.

O trabalho não se limitou a ir em frente; ele *saltou* para diante. E agora, pouco antes das cinco da tarde, enquanto descansavam sentadosna margem, parecia que Richie tinha dito uma verdade: eles haviam estancado o sacana. A porta do carro, o pedaço de aço corrugado e os pneus velhos ficaram transformados no segundo estágio da represa e ela fora detida por uma volumosa montanha íngreme de terra e pedras. Bill, Ben e Richie fumavam; Stan jazia deitado de costas. Um estranho pensaria que ele apenas olhava o

céu, mas Eddie sabia melhor. Stan espiava para as árvores no outro lado do rio, à procura de um ou dois pássaros sobre os quais escreveria em seu caderno de notas essa noite. Eddie estava sentado de pernas cruzadas, sentindo-se agradavelmente cansado e um tanto emocionado. Naquele momento, os outros lhe pareciam os melhores companheiros de grupo que um garoto pudesse desejar. Sentiam-se *bem,* quando juntos; uns ajustavam-se às arestas dos outros. Ele não sabia de explicação melhor do que esta e nem acnava necessidade de qualquer explicação. Decidiu que era assim, e pronto.

Olhou para Ben, que segurava desajeitadamente o cigarro meio fumado, cuspindo a todo instante, como se não apreciasse muito o sabor. Enquanto Eddie olhava, Ben o jogou fora e cobriu o comprido toco com terra.

Erguendo os olhos, Ben viu que Eddie o espiava e desviou o rosto, embaraçado.

Olhando para Bill, Eddie viu algo no rosto dele, algo de que não gostou. Bill espiava para as árvores e arbustos no outro lado da corrente, com pensativos olhos cinzentos. Aquela expressão cismadora voltara a seu rosto. Eddie achou que ele parecia quase assombrado.

Como se lesse tal pensamento, Bill se virou para ele. Eddie sorriu, mas Bill permaneceu sério. Jogou o cigarro fora, depois olhou para os outros. O próprio Richie ficara calado com seus pensamentos, um evento que ocorria tão raramente como um eclipse lunar.

Eddie sabia que Bill nunca dizia uma coisa importante sem a devida calma, já que tinha tanta dificuldade para expressar-se. E, de repente, desejou ter qualquer coisa para dizer ou que Richie começasse a exibir uma de suas Vozes. Subitamente, teve certeza de que Bill ia abrir a boca e dizer algo terrível, algo que modificaria tudo. Eddie estendeu a mão automaticamente para seu aspirador, tirou-o do bolso traseiro e o ficou segurando. Fez isso, sem mesmo perceber que o fazia.

— P-P-Posso dizer uma c-c-coisa a vocês, c-caras? — perguntou Bill.Olharam todos para ele. *Solte uma piada, Richie!* pensou Eddie. *Solte uma piada, diga qualquer coisa realmente asquerosa, deixe-o embaraçado, eu não estou ligando, apenas faça ele calar a boca. Seja o que for, eu não quero ouvir, não quero que nada mude, não quero ficar com medo.*

Em sua mente, uma voz tenebrosa e grasnante sussurrou: *Eu faria isso por dez centavos.*

Eddie estremeceu e tentou expulsar aquela voz, juntamente com a súbita imagem que ela evocava em sua cabeça: a casa da Rua Neibolt, com o jardim sufocado por ervas daninhas, girassóis gigantescos oscilando para um lado, naquele trecho de terra malcuidada.

— Claro, Grande Bill — disse Richie. — De que se trata?

Bill abriu a boca (mais ansiedade da parte de Eddie), tornou a fechá-la (abençoado alívio para Eddie) e a abriu novamente (renovada ansiedade).

— S-Se ri-ri-rirem, eu nu-nunca mais a-a-ando c-c-com vo-vocês — disse Bill. — É uma co-coisa l-louca, mas eu juro que não es-estou men-mentindo. Ac-Ac-Aconteceu mesmo.

— A gente não vai rir — disse Ben. Olhou para os outros. — Não é mesmo?

Stan sacudiu a cabeça. Richie fez o mesmo.

Eddie queria dizer: *Sim, a gente vai rir, Billy. Vamos todos morrer de rir e dizer que você é um idiota; então, por que não cala essa boca imediatamente?*Entretanto, claro está, ele não podia dizer tal coisa. Afinal de contas, tratava-se do Grande Bill. Eddie meneou a cabeça, angus-tiadamente. Não, ele não riria. Nunca sentira menos vontade de rir em toda a sua vida.

Estavam sentados acima da represa que Ben lhes mostrara como fazer, olhando do rosto de Bill para a lagoa que se expandia, para o pântano que também se expandia além dela, e depois novamente para o rosto de Bill. Ficaram calados, ouvindo, enquanto ele contava o que acontecera ao abrir o álbum de fotografias de George: como a foto escolar de seu irmão virará a cabeça e piscara para ele, como o livro havia sangrado quando o lançara ao outro lado do quarto. Foi um longo e penoso recital e, ao terminar, Bill tinha o rosto vermelho e suado. Eddie nunca o vira gaguejar tanto.

Finalmente, a história foi contada. Bill olhou para os outros, desafiador e temeroso ao mesmo tempo. Eddie viu uma expressão idênticano rostos de Ben, Richie e Stan. Era um medo solene, reverente. Não havia o menor toque de descrença. De repente, sentiu uma ânsia súbita, uma ânsia de levantar-se e gritar: *Que história mais doida! Vocês não vão acreditar nessa história louca, vão? E, mesmo acreditando, não acham que nós acreditamos, certo? Fotos de escola não piscam os olhos! Livros não sangram! Você ficou de miolo mole, Grande Bill!*

Contudo, era impossível fazer isso, porque aquela solene expressão de medo estava também impressa em seu rosto. Eddie não podia vê-la, mas podia senti-la.

Volte aqui, garoto, sussurrou a voz enrouquecida. *Você terá uma chupada de graça!*

Não, gemeu Eddie para ela. *Por favor, vá embora, eu não quero pensar nisso.*

Volte aqui, garoto!

Então, Eddie viu algo mais — não no rosto de Richie, pelo menos — foi o que pensou — mas no de Stan e no de Ben, com certeza. Ficou sabendo o que esse algo também era; soube, porque a mesma expressão estava igualmente em seu rosto.

Recognição.

Eu chupo você de graça.

A casa número 29, da Rua Neibolt, ficava bem ao lado do pátio ferroviário de Derry. Era velha e arruinada, com a varanda gradualmente afundando no solo, para trás, o gramado um campo coberto de mato crescido. Um velho triciclo, enferrujado e virado, escondido naquele capinzal, tinha uma roda de banda, apontando para cima.

No lado esquerdo da varanda, contudo, havia um grande trecho des-matado do jardim, permitindo que se visse as sujas janelas da adega, encravadas nos arruinados alicerces de tijolos da casa. Em uma daquelas janelas é que Eddie Kaspbrak vira o rosto do leproso, seis semanas antes.

6

Nos sábados, quando não encontrava ninguém com quem brincar, Eddie costumava ir até o pátio ferroviário. Não havia nenhum motivo para essa preferência — ele apenas gostava de ir lá.

Seguia em sua bicicleta pela Rua Witcham e depois dobrava para noroeste pela Rota 2, onde ela cruzava a Witcham. A Escola da Igreja da Olharam todos para ele. *Solte uma piada, Richie!* pensou Eddie. *Solte uma piada, diga qualquer coisa realmente asquerosa, deixe-o embaraçado, eu não estou ligando, apenas faça ele calar a boca. Seja o que for, eu não quero ouvir, não quero que nada mude, não quero ficar com medo.*

Em sua mente, uma voz tenebrosa e grasnante sussurrou: *Eu faria isso por dez centavos.*

Eddie estremeceu e tentou expulsar aquela voz, juntamente com a súbita imagem que ela evocava em sua cabeça: a casa da Rua Neibolt, com o jardim sufocado por ervas daninhas, girassóis gigantescos oscilando para um lado, naquele trecho de terra malcuidada.

— Claro, Grande Bill — disse Richie. — De que se trata?

Bill abriu a boca (mais ansiedade da parte de Eddie), tornou a fechá-la (abençoado alívio para Eddie) e a abriu novamente (renovada ansiedade).

— S-Se ri-ri-rirem, eu nu-nunca mais a-a-ando c-c-com vo-vocês — disse Bill. — E uma co-coisa 1-louca, mas eu juro que não es-estou men-mentindo. Ac-Ac-Aconteceu mesmo.

— A gente não vai rir — disse Ben. Olhou para os outros. — Não é mesmo?

Stan sacudiu a cabeça. Richie fez o mesmo.

Eddie queria dizer: *Sim, a gente vai rir, Billy. Vamos todos morrer de rir e dizer que você é um idiota; então, por que não cala essa boca imediatamente?* Entretanto, claro está, ele não podia dizer tal coisa. Afinal de contas, tratava-se do Grande Bill. Eddie meneou a cabeça, angus-tiadamente. Não, ele não riria. Nunca sentira menos vontade de rir em toda a sua vida.

Estavam sentados acima da represa que Ben lhes mostrara como fazer, olhando do rosto de Bill para a lagoa que se expandia, para o pântano que também se expandia além dela, e depois novamente para o rosto de Bill. Ficaram calados, ouvindo, enquanto ele contava o que acontecera ao abrir o álbum de fotografias de George: como a foto escolar de seu irmão virará a cabeça e piscara para ele, como o livro havia sangrado quando o lançara ao outro lado do quarto. Foi um longo e penoso recital e, ao terminar, Bill tinha o rosto vermelho e suado. Eddie nunca o vira gaguejar tanto.

Finalmente, a história foi contada. Bill olhou para os outros, desafiador e temeroso ao mesmo tempo. Eddie viu uma expressão idênticanos rostos de Ben, Richie e Stan. Era um medo solene, reverente. Não havia o menor toque de descrença. De repente, sentiu uma ânsia súbita, uma ânsia de levantar-se e gritar: *Que história mais doida! Vocês não vão acreditar nessa história louca, vão? E, mesmo acreditando, não acham que nós acreditamos, certo? Fotos de escola não piscam os olhos! Livros não sangram! Você ficou de miolo mole, Grande Bill!*

Contudo, era impossível fazer isso, porque aquela solene expressão de medo estava também impressa em seu rosto. Eddie não podia vê-la, mas podia senti-la.

Volte aqui, garoto, sussurrou a voz enrouquecida. *Você terá uma chupada de graça!*

Não, gemeu Eddie para ela. *Por favor, vá embora, eu não quero pensar nisso.*

Volte aqui, garoto!

Então, Eddie viu algo mais — não no rosto de Richie, pelo menos — foi o que pensou — mas no de Stan e no de Ben, com certeza. Ficou sabendo o que esse algo também era; soube, porque a mesma expressão estava igualmente em seu rosto.

Recognição.

Eu chupo você de graça.

A casa número 29, da Rua Neibolt, ficava bem ao lado do pátio ferroviário de Derry. Era velha e arruinada, com a varanda gradualmente afundando no solo, para trás, o gramado um campo coberto de mato crescido. Um velho triciclo, enferrujado e virado, escondido naquele capinzal, tinha uma roda de banda, apontando para cima.

No lado esquerdo da varanda, contudo, havia um grande trecho des-matado do jardim, permitindo que se visse as sujas janelas da adega, encravadas nos arruinados

alicerces de tijolos da casa. Em uma daquelas janelas é que Eddie Kaspbrak vira o rosto do leproso, seis semanas antes.

Nos sábados, quando não encontrava ninguém com quem brincar, Eddie costumava ir até o pátio ferroviário. Não havia nenhum motivo para essa preferência — ele apenas gostava de ir lá.

Seguia em sua bicicleta pela Rua Witcham e depois dobrava para noroeste pela Rota 2, onde ela cruzava a Witcham. A Escola da Igreja da Rua Neibolt ficava na esquina da Rota 2 e Rua Neibolt, uns dois quilômetros mais adiante. Era um prédio surrado, em estrutura de madeira, com uma grande cruz no topo e, acima da porta principal, em letras douradas de meio metro de altura, estavam escritas as palavras VINDE A MIM COMO AS CRIANCINHAS. Às vezes, nos sábados, Eddie ouvia música e cantos vindos do interior. Era música religiosa, mas quem tocava o piano soava mais como Jerry Lee Lewis do que como um pianista de igreja. Eddie tampouco achava os cânticos muito religiosos, embora neles houvesse muitas repetições sobre "bela Sion", "lavado no sangue do cordeiro" e "que amigo temos em Jesus". As pessoas que cantavam pareciam divertir-se à grande, na opinião de Eddie, para que aquilo fosse realmente uma função sagrada. Entretanto, ele gostava do som da música assim mesmo — da maneira como gostava de ouvir Jerri Lee berrando "Vamo caí todos na dança". Por vezes, ele parava um pouco no outro lado da rua, inclinava a bicicleta contra uma árvore e fingia olhar para a grama, embora de fato estivesse marcando o ritmo da música.

Em outfos sábados, a Escola da Igreja estava fechada e silenciosa. Então, ele continuava para o pátio ferroviário, sem fazer aquela parada, direto ao ponto em que a Rua Neibolt terminava em um pátio de estacionamento, com ervas daninhas crescendo pelas rachaduras do asfalto. Lá, ele encostava a bicicleta no muro de madeira e ficava espiando a passagem dos trens. Havia muitos aos sábados. Sua mãe contava que, nos velhos tempos, era possível pegar-se um trem de passageiros da GS&WM no que então era a Estação da Rua Neibolt, mas eles haviam parado de trafegar na época em que começava a guerra na Coréia. "Quem queria viajar para o norte, tinha que ir à Estação Brownsville", dizia ela. "De Brownsville, pegava-se um trem que podia ir até o Canadá, se o viajante quisesse, seguindo até o Pacífico. O trem para o sul seguia até Portland e de lá até Boston. A partir da Estação Sul, o país era todo do viajante. Contudo, os trens de passageiros tiveram o mesmo destino que as linhas de bondes agora, imagino. Ninguém prefere tomar um trem, se pode entrar em um Ford e seguir em frente. É possível que você nunca chegue a viajar em um."

Entretanto, compridos cargueiros ainda passavam por Derry. Encaminhavam-se para o sul, carregados de polpa de madeira, papel e batatas. Quando iam para o norte, levavam artigos fabricados naquelas cidades às vezes chamadas pelos moradores do Maine de Big Northern — Bangor, Millinocket, Machias, Presque Isle, Houlton. Particularmente, Eddie gostava de espiar os transportadores de carros que iam para o norte, levando cargas de reluzentes Fords e Chevrolets. *Um dia, terei um carro como um desses,* prometia a si mesmo. *Como um desses ou ainda melhor. Talvez até um Cadillac!*

Havia seis faixas de trilhos ao todo, emaranhando-se na estação como fios de uma teia de aranha, assentados na direção do centro: vindo do norte, Bangor e a Great Northern Lines; do oeste, a Great Southern e a Western Maine; do sul, a Boston e a Maine; do leste, a Southern Seacoast.

Dois anos antes, certo dia em que Eddie estivera parado perto desta última linha, espiando a passagem de um trem, um ferroviário embriagado jogara para ele um caixote, de um vagão que se movia devagar. Eddie agachou-se a saltou para trás, embora o caixote aterrasse em um monte de cinzas, a três metros de distância. Havia coisas dentro

dele, coisa vivas, que se entrechocavam e moviam. "Última viagem, garoto!" havia gritado o empregado do trem. O homem tirara um achatado frasco marrom de um bolso do blusão de brim, erguera-o, bebera e depois o atirara às cinzas. Então, apontou para o caixote. "Leve para sua mãe! Com os cumprimentos da Fodida-Linha Southern-Seacoast-Rumando-para-a-Aposentadoria!" Ele se inclinara para fora, ao gritar as últimas palavras, porque o trem começava a ganhar velocidade. Por um alarmante momento, Eddie pensou que o homem ia cair.

Depois que o trem se foi, ele caminhou até o caixote e inclinou-se cautelosamente sobre ele. Tinha medo de chegar muito perto. As coisas lá dentro coleavam e rastejavam. Se o ferroviário gritasse que c caixote era para ele, Eddie o deixaria ali mesmo. No entanto, o homem dissera que o levasse para casa, para sua mãe — e, como Ben, quando alguém falava em mamãe, Eddie saltava.

Arranjou um pedaço de corda em um dos depósitos metálicos e vazios, com o qual amarrou o caixote ao porta-bagagem de sua bicicleta. Sua mãe espiara dentro do caixote, ainda mais temerosa do que ele, mas então deu um grito — mais de contentamento, do que de terror. Havia quatro lagostas no caixote, um quilo de lagostas, com as pinças presas. Ela as cozinhou para o jantar e ficou francamente irritada quando Eddie nem quis prová-las.— O que acha que os Rockefellers estão comendo esta noite em seu palácio de Bar Harbor? — perguntou, indignada. — O que pensa que os ricos estão comendo no Vinte-e-Um e no Sardi's, na Cidade de Nova York? Sanduíches de geléia e manteiga de amendoim? Eles estão comendo *lagosta,* Eddie, como nós! Agora, vamos... prove um pedacinho!

Eddie, no estanto, não quis — pelo menos, foi o que disse sua mãe. Talvez fosse verdade, porém, que no fundo ele queria, mas não podia. Ficou pensando na maneira como as lagostas rastejavam no caixote, no som tamborilante de suas pinças. Ela ficou repetindo o quanto eram deliciosas e que petisco o filho perdia, até ele começar a ofegar por problemas de respiração e ter que usar seu aspirador. Só então ela o deixou em paz.

Eddie foi para seu quarto e ficou lendo. Sua mãe ligou para a amiga Eleanor Dunton. Eleanor veio, e as duas leram velhos exemplares de *Photoplay* e *Screen Secrets,* dando risadinhas nas colunas de mexericos e deliciando-se com a salada fria de lagosta. Quando Eddie se levantou para a escola, na manhã seguinte, sua mãe ainda estava na cama, roncando e soltando peidos freqüentes, que soavam como prolongadas e brandas notas de cornetim (Richie teria dito que ela estava Soltando Um Excelente). Nada restara na tigela da salada de lagosta, exceto alguns diminutos pingos de maionese.

Aquele foi o último trem da Southern Seacoast que Eddie viu e, quando mais tarde esteve com o Sr. Braddock, o chefe-de-trem em Derry, perguntou-lhe, hesitantemente, o que acontecera.

— A companhia quebrou — disse o Sr. Braddock. — Foi o que aconteceu. Não lê os jornais? Está acontecendo por todo o maldito país. E agora, dê o fora daqui. Isto não é lugar para crianças.

Depois disso, Eddie às vezes caminhava ao longo da linha férrea número 4, que tinha sida a do Southern Seacoast e, como um maquinista imaginário, ouvia dentro da cabeça os nomes cantados, desfiados em bela monotonia suleste, aqueles nomes, aqueles nomes mágicos: Camden, Rockland, Bar Harbor (pronunciado Baa Haabaa), Wiscasset, Bath, Portland, Ogunquit, os Berwiks. Ele seguia pela linha 4, na direção leste, até ficar cansando, entristecido pelas ervas daninhas crescendo entre os dor-mentes. Certa vez, olhando para cima, viu gaivotas (provavelmente apenas gordas e velhas gaivotas melancólicas, que pouco ligavam se nunca tivessem visto o mar, mas isso ainda não

ocorrera a ele na época) voandoem círculos e grasnando acima dele. O som de seus grasnidos também o tinha feito chorar um pouco.

Anteriormente, houvera um portão na entrada para o pátio ferroviário, mas uma tempestade com forte ventania o derrubara e ninguém se dera ao trabalho de substituí-lo. Eddie entrava e saía de lá à vontade, embora o Sr. Braddock o expulsasse quando o via (aliás, ele e qualquer outro garoto). Havia motoristas de caminhão que às vezes perseguiam os meninos (embora sem grande empenho), pensando que eles perambulavam, por ali na esperança de afanar alguma coisa — o que por vezes ocorria.

Via de regra, no entanto, o local era quieto. Havia uma guarita, mas sempre vazia, com as vidraças quebradas por pedradas. A partir de mais ou menos 1950, não houvera mais segurança em tempo integral. O Sr. Braddock expulsava os meninos durante o dia e um vigia noturno fazia a segurança rodando por ali quatro ou cinco vezes por noite, em um velho Studebaker com um refletor montado fora e ao lado da vidraça quebra-vento, mas era tudo.

Ainda assim, por vezes havia vagabundos e andarilhos. Se houvesse alguma coisa no pátio ferroviário que assustava Eddie, eram eles — homens de barbas crescidas, pele rachada, bolhas nas mãos e feridas nos lábios. Viajavam clandestinos nos trens por algum tempo, desembarcavam também por algum tempo, assentavam-se em Derry por um período e depois embarcavam em outro trem, indo para qualquer lugar. Às vezes faltavam dedos em suas mãos. Em geral, estavam bêbados e queriam um cigarro.

Um desses indivíduos rastejara de debaixo da varanda da casa 29 da Rua Neibolt, certo dia, oferecendo-se a Eddie para dar-lhe uma chupada por vinte e cinco centavos. Eddie recuara, a pele gelada, a boca seca como bolas de algodão. Uma das narinas do vagabundo desaparecera. A gente espiava diretamente para o canal vermelho e escarificado.

— Não tenho vinte e cinco centavos — respondeu Eddie, caminhando para sua bicicleta.

— Faço por dez centavos — grasnou o vagabundo, aproximando-se. Usava velhas calças de flanela verde. Vômito amarelado endurecera a frente das calças. Ele abriu o zíper e enfiou a mão no interior. Estava tentando sorrir. Seu nariz era um horror vermelho.

— Eu... eu também não tenho dez centavos — disse Eddie.Subitamente, ele pensou: *Oh, meu Deus, ele é leproso! Se me tocar, passa lepra para mim!* Seu controle desmoronou e Eddie começou a correr. Ouviu o vagabundo que também corria atrás dele, os velhos calçados amarrados com barbante e sacolejando sobre a grama desordenada e crescida da casa abandonada.

Volte aqui, garoto! Eu chupo você de graça. Volte aqui!

Eddie saltara para a bicicleta, tremendo, sentindo a garganta apertar-se. Seu tórax ficara pesado. Os pés tocaram os pedais e estava começando a ganhar velocidade, quando uma das mãos do vagabundo bateu no bagageiro. A bicicleta oscilou. Espiando sobre o ombro, Eddie viu o homem correndo ao lado da roda traseira *(GANHANDO!!!),* os lábios repuxados sobre os tocos negros dos dentes, em uma expressão que tanto podia ser de desespero como de fúria.

A despeito das pedras que faziam peso em seu peito, Eddie pedalara ainda mais depressa, esperando que uma das mãos escarificadas do vagabundo se fechassse em torno de seu braço a qualquer momento, puxando-o de sua Raleigh e derrubando-o ao chão, onde só Deus sabia o que poderia acontecer-lhe. Não ousara olhar, senão quando passou velozmente pela Escola da Igreja e cruzamento da Rota 2. O vagabundo desaparecera.

Eddie guardou dentro de si esta terrível história por quase uma semana, antes de confiá-la a Richie Tozier e Bill Denbrough, certo dia em que liam histórias em quadrinhos, em cima da garagem.

— Ele não era leproso, seu burro — disse Richie. — Tinha sif. Eddie olhou para Bill, a fim de ver se Richie não estava debochando dele — nunca ouvira falar em alguma doença chamada Sift. Soava como algo que Richie acabara de inventar.

— Existe alguma coisa chamada Sift, Bill? Bill assentiu gravemente.

— Só que não é s-s-sift, mas sif. Ab-abreviatura para sífilis.

— O que é isso?

— É uma doença que a gente pega quando fode — disse Richie. — Você sabe o que é foder, não sabe, Eds?

— Claro — disse Eddie.

Esperava não ter ficado vermelho. Sabia que, quando um garoto ficava mais velho, saía uma coisa do pênis, se este estava duro. Vincent Taliendo "Meleca" o informara a respeito, durante um recreio na escola. O que a gente fazia quando fodia, segundo Meleca, era esfregar o paucontra a barriga de uma garota, até endurecer (o pau, não a barriga dela). Depois, a gente esfregava mais, até "ter a sensação". Quando Eddie perguntou o que isso significava, Meleca apenas sacudira a cabeça, de modo misterioso. Segundo ele, era uma coisa que não se podia descrever, mas que se ficava sabendo, tão logo acontecia. Meleca acrescentou que se podia praticar, deitado na banheira e esfregando o pau com sabonete (Eddie tentara, mas a única sensação obtida fora a vontade de urinar, após algum tempo). De qualquer modo, prosseguira Meleca, depois que você "tem a sensação", saía aquela coisa do pênis. Meleca disse que a maioria dos garotos chamava isso de esporrar, mas que a verdadeira palavra científica para o caso era gozar. Então, quando se "tem a sensação", a gente agarra o pau e faz pontaria bem depressa, para esguichar o gozo no ventre da garota, assim que ele saía. Depois, o gozo penetrava no estômago dela e lá fazia um bebê.

"Garotas gostam disso?" perguntara Eddie a Taliendo Meleca.

O próprio Taliendo ficara um tanto indeciso.

"*Acho que gostam",* replicara, ainda indeciso.

— Agora, escute aqui, Eds — disse Richie, — porque talvez haja perguntas mais tarde. Algumas mulheres têm essa doença. Alguns homens também, mas em geral são as mulheres. Um cara pode pegá-la de uma mulher...

— Ou de outro c-c-cara, se eles forem b-bi-bichas — aduziu Bill.

— Certo. O importante é que você pega a sif quando trepa com alguém que já a pegou.

— O que é que ela faz? — perguntou Eddie.

— Deixa a gente podre — replicou Richie simplesmente. Eddie olhou ele, horrorizado.

— É duro, eu sei, mas é verdade — disse Richie. — O nariz é a primeira coisa que se vai. O nariz de alguns caras com a sif caem inteiros. Depois, caem os paus.

— Cas-cas-cascata — disse Bill. — Eu não ac-ac-acredito.

— Ei, cara, isto é ciência! — exclamou Richie.

— E qual é a diferença entre lepra e sif? — perguntou Eddie.

— Ninguém pega lepra trepando — replicou Richie prontamente. Em seguida, teve um acesso de riso, que deixou Bill e Eddie desorientados.

7

Daquele dia em diante, a casa 29 da Rua Neibolt assumiu uma espécie de intensidade na imaginação de Eddie. Ao olhar para seu jardim infestado de mato, sua varanda adernada e as tábuas pregadas contra as janelas, ele sentia uma mórbida fascinação invadi-lo por completo. Seis semanas atrás, ele estacionara a bicicleta na borda de cascalhos da rua (a calçada terminava quatro casas antes) e cruzou o antigo jardim, na direção da varanda daquela casa.

Seu coração batia com força no peito e a boca estava com aquele gosto seco novamente — após ouvir a história de Bill sobre o álbum de fotos, sabia que, ao aproximar-se daquela casa, sentia o mesmo que seu amigo quando fora ao quarto de George. Não era como se fosse dono de seus atos. Ele estava sendo *impelido.*

Seus pés não pareciam mover-se; era a casa, casmurra e silenciosa, que parecia aproximar-se de onde ele estava.

Pôde ouvir o ruído distante de um motor diesel no pátio ferroviário — isso e o clangor líquido-metálico de acoplamentos. Eles estavam levando alguns vagões para as laterais, recolhendo outros. Formando um trem.

Sua mão aferrou o aspirador mas, curiosamente, a asma não o atacou, como no dia em que fugira do leproso com o nariz carcomido. Havia apenas aquele senso de ficar quieto, espiando a casa deslizar pouco a pouco para ele, como se sobre trilhos escondidos.

Eddie espiou debaixo da varanda. Não havia ninguém lá, o que não chegava a surpreender. Era primavera, e os vagabundos surgiam em Derry com mais regularidade em fins de setembro, até inícios de novembro. Durante aquelas seis semanas, mais ou menos, um homem podia arranjar trabalho diário nas fazendas circunvizinhas, se tivesse uma aparência meio decente. Havia batatas e maçãs para colher, anteparos contra a neve para firmar, tetos de celeiro e depósitos que precisavam ser remendados, antes que dezembro chegasse, com os ventos assobiantes do inverno.

Não havia vagabundos debaixo da varanda, mas indícios numerosos de que haviam estado ali. Latas vazias de cerveja, garrafas vazias de cerveja, garrafas vazias de bebida. Uma manta incrustada de sujeira jazia contra os alicerces de tijolos, como um cão morto. Havia montes de jor-nais amassados, um sapato velho e um cheiro semelhante ao de lixo. Ali embaixo havia espessas camadas de folhas mortas.

Não querendo, mas incapaz de resistir, Eddie rastejara para baixo da varanda. Podia sentir as batidas do coração agora latejando em sua cabeça, enviando pontos brancos de luz em seu campo visual.

O cheiro era pior ali embaixo — bebida, suor e o perfume castanho-escuro de folhas apodrecendo. As folhas velhas não estalavam sob suas mãos e joelhos. Elas e os jornais velhos apenas suspiravam.

Sou um vagabundo, pensou Eddie, incoerentemente. *Sou um vagabundo e ando de carona em trens cargueiros. É isso que eu faço. Não tenho dinheiro, não tenho casa, mas consigo uma garrafa, um dólar e um lugar para dormir. Se colher maçãs esta semana e batatas na semana que vem, quando a neve trancar o solo como dinheiro dentro de um cofre de banco, muito bem, é só pegar um cargueiro da GS&WM cheirando a açúcar de beterraba e me ajeito a um canto, puxo um pouco de palha para cima de mim, se houver alguma, tomo alguma bebida, mastigo qualquer coisa e, cedo ou tarde, chegarei a Portland ou Beantown. Se não for apanhado por nenhum detetive da segurança da estrada, pego um daqueles cargueiros da 'Bama Star e vou para o sul. Quando chegar lá, colho limões, limas ou laranjas. Se encontrar trabalho, vou construir estradas para*

turistas passearem. Diabo, já fiz isso antes, não fiz? Sou apenas um velho vagabundo solitário, não tenho dinheiro, não tenho casa, mas consegui uma coisa; arranjei uma doença que está me comendo. Minha pele está rachando, meus dentes estão caindo e, sabe de uma coisa? Posso sentir-me apodrecendo como uma maçã que vai ficando mole, posso sentir *isso acontecer, me comendo de dentro para fora, me comendo, comendo e comendo.*

Eddie puxou a manta endurecida para um lado, pegando-a com o polegar e o indicador, fazendo uma careta, ante o que lhe transmitia o tato. Uma daquelas janelas baixas do porão ficava diretamente atrás da manta, com uma vidraça quebrada, a outra opaca de sujeira. Eddie inclinou-se para diante, agora quase hipnotizado. Chegou perto da janela, bem perto da escuridão do porão, respirando aquele cheiro de idade, mofo e secura putrefata, cada vez mais perto do escuro, e certamente o leproso o teria agarrado, se sua asma não escolhesse aquele exato momento para atacar. Ela lhe entorpeceu os pulmões com um peso que eraindolor, mas amedrontador; sua respiração imediatamente assumiu aquele odioso e familiar som sibilante.

Ele recuou, e foi quando o rosto apareceu. Sua chegada foi tão repentina, tão sobressaltante (e, ao mesmo tempo, tão *esperada),* que Eddie não teria gritado, mesmo se não estivesse sofrendo um ataque de asma. Seus olhos esbugalharam-se. Sua boca ficou inteiramente aberta. Não era o vagabundo com o nariz defeituoso, mas havia semelhanças. Terríveis semelhanças. No entanto... esta coisa não podia ser humana. Nada poderia estar tão comido e permanecer vivo.

A pele da testa se abrira. Através da abertura, o osso branco coberto por uma membrana amarela e com muco, espiava como as lentes de lacrimejante lanterna. O nariz era uma ponte de cartilagem crua, acima de dois vermelhos e tremeluzentes canais. Um olho era de um jubiloso azul. A outra órbita estava cheia de uma massa esponjosa de tecido negro-acastanhado. O lábio inferior do leproso pendia como um pedaço de fígado. Ele não possuía o lábio superior, em absoluto; seus dentes exibiam-se, com aspecto escarnecedor.

Ele enfiou uma mão pela vidraça quebrada. Depois a outra, através do vidro sujo à esquerda, estilhaçando-o em pedacinhos. As mãos tateantes, engalfinhadas, rastejaram, cobertas de pústulas. Insetos arrastavam-se e moviam-se pesadamente, de um lado para outro.

Encurralado e ofegante, Eddie recuou, agachado. Mal podia respirar. Seu coração era um motor trabalhando em alta velocidade dentro do peito. O leproso parecia estar usando os esfarrapados remanescentes de um traje prateado. Havia coisas rastejando nas mechas de seu cabelo castanho.

— Que tal uma chupada, Eddie? — grasnou a aparição, sorrindo com o que lhe restara de boca. — Bobby faz isso por dez centavos — cantarolou, — fará a qualquer hora, quinze centavos por prorrogação. — O sujeito piscou. — Sou eu, Eddie — Bob Gray. E agora que já fomos devidamente apresentados...

Uma das mãos caiu sobre o ombro direito de Eddie, que gritou agudamente.

— Está tudo bem — disse o leproso.

Com um terror que parecia em sonhos, Eddie viu que ele rastejava para fora da janela. A armadura óssea atrás de sua testa sem pele quebrou a fina tira de madeira entre as duas vidraças. Suas mãos enclavinha-ram-se sobre a terra bolorenta, coberta de folhas. Os ombros prateadosde seu traje... sua fantasia... fosse o que fosse... começaram a passar pela abertura. Aquele cintilante e único olho azul não abandonava o rosto de Eddie.

— Aqui vou eu, Eddie, está tudo bem — grasnou a coisa. — Você vai gostar de ficar aqui embaixo conosco. Alguns amigos seus estão aqui.

A mão estendeu-se novamente e, em alguma canto de sua mente ululante, enlouquecida pelo pânico, Eddie teve a súbita e fria certeza de que se aquela coisa tocasse sua pele nua, ele também começaria a apodrecer. O pensamento interrompeu sua paralisia. Ele engatinhou para trás, depois se virou e mergulhou para o outro lado da varanda. A luz do sol, caindo em estreitos raios empoeirados através das fendas entre as tábuas da varanda, listrava seu rosto de momento a momento. Sua cabeça avançou, através de poeirentas teias de aranha que aderiam aos cabelos. Olhando para trás, sobre o ombro, ele viu que o leproso já passara metade do corpo pela abertura.

Não vai adiantar nada você correr, Eddie!

Eddie chegara ao extremo do alpendre. Ali havia um anteparo em madeira trabalhada como treliça. O sol brilhava através dela, imprimindo losangos de luz em suas faces e testa. Ele baixou a cabeça e avançou, sem a menor hesitação, destroçando toda a treliça, entre guinchos de pregos enferrujados. Havia um emaranhado de roseiras em seguida, mas ele passou entre as plantas, ao mesmo tempo em que ficava de pé, sem sentir os espinhos que riscavam cortes rasos, a torto e a direito, em seus braços, faces e pecoço.

Virando-se, recuou sobre pernas trêmulas, enquanto tirava o aspirador do bolso e premia o gatilho. Teria tudo aquilo acontecido realmente? Ele estivera pensando naquele vagabundo, e sua mente havia... bem, havia apenas

(produzido um espetáculo)

exibido um filme, um filme de terror, como um daqueles na matinê dos sábados, com Frankenstein e o Lobisomen, que eles às vezes viam no Bijou, no Gem ou no Aladdin. Claro, tinha sido isso! Ele se assustara! Que debilóide!

Ainda houve tempo de soltar uma trêmula risada ante a insuspeitada nitidez de sua imaginação. Foi então que as mãos carcomidas arremeteram de sob a varanda, engalfinhando-se nas roseiras com incrível ferocidade, puxando-as, arrancando-as, deixando gotas de sangue sobre elas.Eddie gritou estridentemente.

O leproso arrastava-se para fora. Usava um traje de palhaço, Eddie podia ver agora — uma roupa de palhaço com grandes botões alaranja-dos na parte da frente. O palhaço viu Eddie e sorriu. Sua meia boca se abriu e a língua estirou-se para fora. Eddie tornou a guinchar, mas ninguém ouviria aquele grito assustado e esganiçado do menino, amortecido pelo ruído do motor diesel no pátio ferroviário. A língua do leproso não apenas pendia de sua boca; teria pelo menos um metro de comprimento e desenrolava-se como os apitos de brinquedo em uma festa infantil. Sua extremidade em ponta de flecha chegava até o chão. Uma espuma espessa, pegajosa e amarelada corria por ela. Insetos rastejavam na língua, subindo e descendo.

As roseiras, que mostravam os primeiros toques verdes da primavera quando Eddie irrompera entre elas, agora estavam mortas, em um emaranhado negro.

— Chupada — sussurrou o leproso, ficando em pé.

Eddie disparou para sua bicicleta. Foi a mesma corrida de antes, somente agora havia uma qualidade de pesadelo, em que os movimentos são da mais agonizante lentidão, por mais que se tente acelerar... e em tais pesadelos sempre não ouvimos ou sentimos algo, alguma Coisa, ganhando a corrida? Sempre não sentimos o cheiro da respiração fedorenta da Coisa, como Eddie sentia agora?

Por um instante ele sentiu uma louca esperança: talvez aquilo *fosse* realmente um pesadelo. Talvez ele terminasse acordando em sua cama, molhado de suor, tremendo, inclusive chorando... mas vivo. *A salvo.* Então, rejeitou o pensamento, pois tinha um encanto mortal, um conforto fatal.

Não tentou saltar imediatamente para a bicicleta. Preferiu correr com ela, de cabeça baixa, empurrando-a pelo guidom. Tinha a sensação de estar se afogando, não na água, mas dentro do próprio peito.

— Chupada — tornou a sussurrar o leproso. — Volte quando quiser, Eddie. Traga seus amigos.

Os dedos putrefatos pareceram tocar-lhe a nuca, mas talvez fosse apenas algum fiapo de teia de aranha do alpendre, agarrada em seus cabelos e roçando sua carne encolhida. Eddie saltou para a bicicleta e começou a pedalar, pouco ligando se sua garganta estava novamente fechada, sem se importar o mínimo com a asma, não olhando para trás. Só olhou quando estava quase em casa e, naturalmente, atrás dele nada havia, ao finalmente espiar, além de dois garotos rumando para o parque, onde jogariam bola.

Nessa noite, estirado na cama tão reto como um atiçador, uma das mãos segurando apertadamente o aspirador, fitando as sombras, ele ouviu o leproso sussurrar: *Não vai adiantar nada você correr, Eddie.*

8

— Uau! — exclamou Richie, em tom de respeito.

Era a primeira coisa que algum deles dizia, desde que Bill Denbrough terminara sua história.

— V-Você tem ou-ou-outro c-c-cigarro, R-R-Richie?

Richie deu-lhe o último do maço que surripiara, quase vazio, da gaveta da secretária de seu pai. Chegou a acendê-lo para Bill.

— Será que não sonhou tudo isso, Bill? — perguntou Stan, de súbito. Bill meneou a cabeça.

— N-N-Não f-f-foi s-s-sonho.

— Foi real — disse Eddie, em voz baixa. Bill olhou vivamente para ele.

— O q-q-quê?

— Eu disse que foi real. — Eddie olhou para ele, quase ressentido. — Aconteceu mesmo. Foi *real.*

E antes que pudesse impedir-se — antes mesmo que soubesse o que ia fazer — Eddie viu-se contando a história do leproso que tinha rastejado para fora do porão do número 29 da Rua Neibolt. Pelo meio do relato, ele começou o ofegar e precisou usar o aspirador. No final prorrompeu em um choro esganiçado, com o corpo tremendo.

Os outros olharam desconfortavelmente para ele, e então Stan pousou uma mão em suas costas. Bill o abraçou, meio sem jeito, enquanto os demais desviavam os olhos, embaraçados.

— Es-está t-t-tudo bem, E-Eddie. Tu-Tudo b-b-bem.

— Eu também vi — disse Ben Hanscom subitamente, em voz melancólica, sombria e assustada.

Eddie ergueu os olhos, o rosto ainda lavado de lágrimas, os olhos vermelhos, como que em carne viva.

— O quê?— Eu vi o palhaço — disse Ben. — Só que ele não era como você falou — pelo menos, não quando eu o vi. Não era tão pegajoso. Estava... estava seco. — Fez uma pausa, baixou a cabeça e olhou para as mãos, abandonadas em suas coxas elefantinas. — Acho que ele era a múmia.

— Como nos filmes? — perguntou Eddie.

— Certo, mas *não* bem assim — replicou Ben lentamente. — Nos filmes, ela parece falsa. Mete medo, mas a gente pode dizer que foi produzida para aquele papel, entendem? Todas aquelas ataduras... parecem tão limpas e arrumadas... No entanto, aquele sujeito... era como uma múmia verdadeira deveria parecer, eu acho. Se a gente realmente encontrar uma, em um aposento sob uma pirâmide, quero dizer. Exceto pela roupa.

— Que-que-que-que r-roupa? Ben olhou para Eddie.

— Uma roupa prateada, com enormes botões alaranjados na frente. Eddie ficou boquiaberto. Fechou a boca, e então disse:

— Você deve estar brincando! Eu ainda... ainda sonho com aquele cara debaixo da varanda.

— Não é brincadeira — respondeu Ben, começando a contar a história.

Fez um lento relato, iniciando com seu oferecimento para ajudar a Sra. Douglas a contar e guardar livros, terminando com seus próprios pesadelos. Falou vagarosamente, sem olhar para os outros. Falou como se muitíssimo envergonhado de seu comportamento. Só ergueu a cabeça ao terminar.

— Você deve ter sonhado isso — falou Richie por fim. Viu Ben piscar e acrescentou prontamente: — Não leve isso como nada pessoal, Grande Bill, mas qualquer um sabe que balões não podem flutuar contra o vento...

— Retratos também não piscam — replicou Ben.

Richie olhou de Ben para Bill, perturbado. Acusar Ben de sonhar acordado era uma coisa; acusar Bill, era bem diferente. Bill era o líder do grupo, o sujeito a quem todos seguiam. Ninguém expressou isso em voz alta, e nem era preciso. No entanto, Bill era o homem das idéias, capaz de imaginar o que fazerem em um dia monótono, era quem recordava brincadeiras que os outros haviam esquecido. E, de certa maneira curiosa, todos sentiam algo confortadoramente adulto em Bill — talvez fosseum senso de confiabilidade, a certeza de que ele arcaria com a responsabilidade, se isso fosse preciso. A verdade é que Richie acreditava na história dele, por mais louca que fosse — e possivelmente não quisesse acreditar na de Ben... ou de Eddie.

— Nada parecido já aconteceu com você, hein? perguntou Eddie a Richie.

Richie fez uma pausa, começou a dizer algo, sacudiu a cabeça, fez nova pausa e então disse:

— A coisa mais assustadora que vi ultimamente, foi Mark Prenderlist dando uma mijada no Parque McCarron. Nunca vi cacete mais feio.

— E você, Stan? — perguntou Ben.

— Não houve nada — respondeu Stan rapidamente, virando o rosto para outro lado.

Seu rosto miúdo estava pálido, os lábios tão comprimidos que tinham ficado brancos.

— Hou-Hou-Houve alg-alguma c-c-coisa, St-St-Stan? — perguntou Bill.

— Não, já falei!

Stan levantou-se e caminhou até a margem, com as mãos nos bolsos. Ficou olhando a água passar por cima da represa original e amontoar-se atrás da segunda comporta.

— Ora, vamos, Stanley! — disse Richie, em agudo falsete.

Aquela era outra de suas Vozes: Vovó Resmungona. Quando se expressava em sua Voz Vovó Resmungona, Richie mancava, com um punho fincado no final das costas, dando repetidas risadinhas casquinadas. No entanto, soava mais como Richie Tozier do que nunca.

— Anime-se, Stanley, conte pra sua velha vovó sobre o palhaço *malvaaaado,* e eu lhe darei um biscoito. Basta dizer...

— *Cale a boca!* — gritou Stan subitamente, investindo contra Richie, que recuou um ou dois passos, espantado. — *Cale essa boca!*

— Oba, chefe — disse Richie, e sentou-se.

Olhou desconfiadamente para Stan Uris. Nas faces de Stan ainda havia manchas vermelhas, porém ele continuava parecendo mais assustado do que biruta.

— Está bem — disse Eddie, quietamente. — Não se preocupe, Stan.

— Não era um palhaço — falou Stan.Seus olhos pularam pelos rostos à sua frente, de um em um. Ele parecia lutar consigo mesmo.

— Vo-Vo-Você pode c-c-contar — disse Bill, também falando quietamente. — N-N-Nós c-c-contamos.

— Não era um palhaço. Era...

Foi então que a voz do Sr. Nell, alvoroçada, enrouquecida pelo uísque, interrompeu o que Stan dizia, fazendo todos eles saltarem, como se tivessem sido baleados:

— *Jeisus* Cristo, montado em uma muleta metida a carruagem! Vejam só que bagunça! Jeisus Cristo!

CAPÍTULO 8

O quarto de Georgie e a casa da Rua Neibolt

1

Richard Tozier desliga o rádio, que estava berrando "Like a Virgin", com Madonna, na WZON (uma estação que se declara ser a "Roqueira estéreo AM de Bangor!" com uma espécie de histérica regularidade), manobra para o acostamento da estrada, desliga o motor do Mustang que alugou na locadora Avis, no International de Bangor, e sai do carro. Ouve a inalação e exalação da própria respiração em seus ouvidos. Avistou uma sinalização que fez apele de suas costas eriçar-se em duras pregas arrepiadas.

Caminha até a frente do carro e pousa uma da mãos no capo. Ouve o motor tiquetaqueando suavemente para si mesmo, enquanto esfria., Ouve um gaio pipilar brevemente e depois calar-se. Há grilos. Pelo menos, tão distantes, até onde vai o fundo musical.

Ele avistou a sinalização, passou por ela e, de repente, está de novo em Derry. Após vinte e cinco anos, Richie Tozier "Boca de lixo", volta para casa. Ele...

Uma agonia ardente queima seus olhos de súbito, interrompendo-lhe os pensamentos, fazendo-o proferir um grito estrangulado. As mãos correm para o rosto. A única vez que sentiu algo ainda que remotamente parecido a esta dor incandescente, foi

quando teve um cílio preso sob uma de suas lentes de contato na universidade, mas foi apenas em um dos olhos. Esta dor terrível arde em ambos.

Com as mãos ainda a meio caminho para o rosto, a dor some.Ele torna a baixá-las, lenta e pensativamente. Observa a Rota 7. Deixou a estrada de pedágio na saída de Etna-Haven por um motivo que não compreende, sem querer prosseguir pela auto-estrada, que continuava sendo construída na área de Derry quando ele e seus velhos sacudiram dos pés a poeira daquela cidadezinha estranha e seguiram para o Meio-Oeste. Não. Seguir pela auto-estrada seria mais rápido, porém teria sido errado.

Assim, ele tinha rodado pela Rota 9, através do sonolento ninho de edificações que era Haven Village, passando depois para a Rota 7. E, à medida que prosseguia, o dia ficava mais e mais brilhante.

Agora, esta sinalização. Era do mesmo tipo que marcava os limites de mais de seiscentas cidades do Maine, mas como esta comprimiu seu coração!

Condado de
Penobscot
D
E
R
R
Y
Maine

Mais além, um anúncio dos Elks; um anúncio do Rotary Club; e, para completar a trindade, um anúncio proclamando o fato de que o LIONS DE DERRY RUGE PELO FUNDO UNIDO*! Depois, resta apenas a Rota 7 outra vez, continuando em uma reta entre volumosas margens de pinheiros e espruces. Nesta claridade silenciosa, enquanto o dia se firma, aquelas árvores parecem tão sonhadoras como a fumaça cinza-azulada de um cigarro vagando no ar imóvel de um aposento fechado.*

Derry, *pensa ele.* Derry, que Deus me ajude. Que nojo!

Aqui está ele, na Rota 7*. Oito quilômetros adiante, se o tempo ou os tornados não a eliminaram nos anos intermediários, surgirão as Fazendas Rhu-lin, onde sua mãe comprava ovos e a maioria das verduras de que precisavam. Três quilômetros e meio além, aquela Rota 7 transforma-se na Estrada Witcham e, naturalmente, a Estrada Witcham acabará transformando-se na Rua Witcham, pode gritar-me aleluia, mundo sem fim, e amém. Em algum ponto entre as Fazendas Rhulin e a cidade ele passará pela propriedade dos Bowers e depois pela dos Hanlon. Uns dois quilômetros após as terras dos Hanlon, ele verá o primeiro brilho do Kenduskeag e a primeira emaranhada, verdejante, expansão venenosa de matagal. As exuberantes terras baixas que, por algum motivo, tinham ficado conhecidas como os Barrens.*

Sinceramente, não sei se poderei enfrentar tudo isso, *pensa Richie.* Quero dizer, contemos a verdade aqui, chapas. Não sei se eu posso.

Para ele, toda a noite anterior foi passada em um sonho. Enquanto continuou viajando, seguindo para diante, devorando quilômetros, o sonho prosseguiu. Agora, no entanto, parou — ou, melhor, a sinalização o parou, — e ele despertou para uma singular verdade: o sonho era a realidade. Derry *é a realidade.*

Parece que, simplesmente, não consegue parar de recordar, ele acha que, com o tempo, as lembranças o enlouquecerão, e agora morde o lábio e junta as mãos, palma contra palma, apertadamente, como para impedir que ele se desintegre, *em pouco tempo. Nele, parece existir uma parte demente que, de fato, anseia pelo que talvez vá*

acontecer, mas a maior parte dele apenas se pergunta como conseguirá atravessar os dias seguintes. Ele...

Seus pensamentos voltam a interromper-se.

Um alce está caminhando para a estrada. Ele pode ouvir o leve baque surdo de seus cascos amaciados pela primavera, batendo no asfalto.

A respiração de Richie é suspensa em meio a uma exalação, depois recomeça lentamente. Fica espiando, atoleimado, parte dele pensando que jamais viu algo semelhante a isto *em Rodeo Drive. Não — ele tinha que voltar atrás, para ver uma coisa daquelas.*

É uma corça ("Corça, a fêmea do alce", cantarola alegremente uma Voz em sua cabeça.) Ela sai do mato à direita a pára no meio da Rota 7, as patas dianteiras em um lado da interrompida linha branca, as traseiras no outro. Seus olhos escuros fitam Rich Tozier com brandura. Ele lê interesse naqueles olhos, nenhum medo.

Richie fica olhando para ela com admiração, imaginando-a um augúrio, um portento, alguma sorte do tipo baboseira Madame Azonka. E então, inesperadamente, surge em seu cérebro uma recordação do Sr. Nell. Que susto pregara neles aquele dia, quando estavam na esteira das história de Bill, de Ben e de Eddie! O grupinho inteiro quase se fora para o Paraíso.Agora, olhando para a corça, Rich respira fundo e vê-se falando com uma de suas Vozes... mas pela primeira vez, em vinte e cinco anos ou mais, é a Voz do Tira Irlandês, a que ele havia incorporado ao seu repertório após aquele dia memorável. Ela sai rolando para o silêncio da manhã, como enorme bola de boliche — é mais alta e maior do que ele imaginaria.

"Jeisus Cristo, montado em uma muleta metida a carruagem! O que uma linda corrça como você está fazendo neste deserrto, garrota! Jeisus Cristo! É melhor que volte parra casa, antes que eu chame o Padre O'Staggers parra cuidar de você!"

Antes que os ecos morressem, antes que o primeiro espantado gaio comece a censurá-lo por seu sacrilégio, a corça abana a cauda para ele, como uma bandeira de armistício e desaparece entre os pinheiros de aparência enfumaçada do lado esquerdo da estrada, deixando para trás apenas uma pequena pilha de estrume fresco e fumegante, a fim de mostrar que, mesmo aos trinta e sete, Richie Tozier ainda é capaz de Soltar Um Excelente de quando em quando.

Richie começa a rir. A princípio, é apenas uma risadinha, mas então é atingido pela própria hilaridade — parado ali, à luz de uma manhã do Maine, a cinco mil e quinhentos quilômetros de casa, gritando para uma corça com o sotaque de um tira irlandês. As risadinhas transformam-se em risos encadeados, os risos transformam-se em gargalhadas, as gargalhadas em uivos e, finalmente, precisa amparar-se ao carro, enquanto lágrimas escorrem por seu rosto e ele se pergunta, vagamente, se não irá molhar as calças ou algo assim. A cada vez que começa a controlar-se, seus olhos se fixam naquele pequeno monte de fezes e recomeçam as sonoras gargalhadas.

Rindo reprimidamente e bufando, ele afinal torna a sentar-se ao volante e liga o motor do Mustang. Um caminhão Orinco, com fertilizante químico, passa roncando, em uma rajada de vento. Depois que o caminhão o ultrapassa, Rich parte, encaminhando-se novamente para Derry. Sente-se melhor agora, controlado... ou talvez seja apenas porque está rodando outra vez, comendo quilômetros, reinstalado o sonho.

Ele volta a pensar no Sr. Nell — o Sr. Nell e aquele dia, junto à represa. O Sr. Nell perguntara de quem fora a idéia daquela truquezinho. Richie podia ver eles cinco entreolhando-se inquietamente e recorda como Ben por fim se adiantou, de faces pálidas e olhos baixos, o rosto tremendo, enquanto lutava para não balbuciar. Pobre garoto, sem dúvida pensou que ia pegar de cinco a dez anos em Shawshank, por fazer os esgotos

refluírem na Rua Witcham, pensa Rich agora. Não obstante, Ben se responsabilizara. E, agindo assim, forçara os companheiros a lhe darem apoio. Seria isso ou todos passariam por vilões. Covardes. Todas as coisas que seus heróis da TV não eram. E isso os unira, para o melhor ou o pior. Aparentemente, unira-os durante os últimos vinte e sete anos. Por vezes, os eventos são como dominós. O primeiro derruba o segundo, o segundo derruba o terceiro, e assim por diante.

Quando foi, Richie gostaria de saber, que ficou tarde demais para voltarem atrás? Quando ele e Stan apareceram e se envolveram, ajudando na construção da represa? Quando Bill contou a eles como a foto escolar do irmão virará a cabeça e piscara? Talvez... mas para Rich Tozier, os dominós tinham de fato começado a cair quando Ben Hanscom se levantou e disse: "Eu mostrei a eles

2

como fazer. A culpa foi minha."

O Sr. Nell apenas ficou parado, olhando para ele, os lábios apertados, as mãos sobre seu cinto negro de couro rachado. Olhava de Ben para a lagoa que se espalhava atrás da represa, para Ben outra vez, com a expressão de quem não acredita no que vê. Era um irlandês corpulento, de cabelos prematuramente brancos, penteados para trás em ondas arrumadas, abaixo do bicudo quepe azul. Os olhos eram muito azuis, o nariz de um vermelho vivo. Em suas faces havia pequenos ninhos de rebentos capilares. Teria altura mediana, mas para os cinco garotos à sua frente parecia ter pelo menos quase dois metros de altura.

O Sr. Nell abriu a boca para falar, mas antes que dissesse alguma coisa, Bill Denbrough se postou ao lado de Ben.

— A i-i-idéia f-fo-foi min-min-minha — conseguiu dizer finalmente.

Bill aspirou um gigantesco bocado de ar e, enquanto o Sr. Nell permanecia parado, fitando-o impassivelmente, o sol produzindo imperiais reflexos em seu distintivo, Bill conseguiu gaguejar o resto do que precisava dizer: não fora culpa de Ben; ele apenas surgira por ali e lhes mostrara como fazer melhor o que já estavam fazendo, de maneira errada.— Eu também — disse Eddie bruscamente, postando-se do outro lado de Ben.

— O que é isto de "eu também"? — perguntou o Sr. Nell. — É o seu nome ou seu endereço, vaqueiro?

Eddie enrubesceu vivamente — a vermelhidão chegando à raiz de seu cabelo.

— Eu estava com Bill, antes de Ben aparecer — disse. — Foi o que eu quis dizer.

Richie colocou-se perto de Eddie. A idéia de que uma ou duas Vozes alegrassem o Sr. Nell um pouco, dando-lhe pensamentos agradáveis, saltou em sua cabeça. Depois pensou melhor (e pensamentos melhores eram para Richie coisas extremamente raras e admiráveis), decidindo que uma ou duas Vozes poderiam apenas piorar a situação. O Sr. Nell não parecia estar com ânimo para o que Richie às vezes pensava como "agradabilida-des". De fato, ele dava a impressão de que gracinhas eram a última coisa em sua mente. Portanto, limitou-se a dizer em voz baixa:

— Eu também estava nisso — e calou a boca.

— E eu — declarou Stan, postando-se ao lado de Bill..

Agora, os cinco encontravam-se parados diante do Sr. Nell, enfileirados. Ben olhou de um lado para o outro, mais do que espantado — estava estupefato pelo apoio

dos outros. Por um momento, Richie pensou que o velho Monte de Feno ia debulhar-se em lágrimas de gratidão.

— Jeisus — repetiu o Sr. Nell e, embora parecesse profundamente aborrecido, seu rosto de repente deu a impressão de que ia começar a rir. — Um triste bando de guris como nunca vi. Se seus velhos soubessem onde estiveram, aposto que esta noite haveria alguns fundilhos quentes. Aliás, é bem possível que haja.

Richie não pôde conter-se mais; sua boca simplesmente se abriu e as palavras foram escorrendo, como acontecia como tanta freqüência.

— Como vão as coisas na velha pátria, Sr. Nell? — buzinou. — Ah, o senhor é uma visão para olhos cansados, certamente, um prêmio, o senhor, tão simpático, um crédito para a velha Ir...

— Serei um crédito para o assento de suas calças em três segundos, meu caro amiguinho — disse o Sr. Nell secamente.

Bill se virou para Richie, rosnando:

— P-P-Pelo am-amor de D-Deus, R-R-Richie, c-ca-cale a B-BOCA!

— Um bom conselho, senhor William Denbrough — disse o Sr. Nell.— Aposto como Zack não sabe que você está aqui, nos Barrens, brincando nos esgostos da cidade, hein?

Bill baixou os olhos e abanou a cabeça. Rosas vivas queimaram em suas bochechas. O Sr. Nell olhou para Ben.

— Não recordo o seu nome, filho.

— Ben Hanscom, senhor — sussurrou Ben.

O Sr. Nell assentiu e tornou a olhar para a represa.

— Isso foi idéia sua?

— Como construí-la, sim — sussurrou Ben, agora quase inaudível.

— Ben, você é um diabo de engenheiro, garotão, mas não entende nada, nadinha, sobre o sistema de esgotos daqui dos Barrens ou de Derry, certo?

Ben negou com a cabeça. Sem carrancismo, o Sr. Nell falou:

— O sistema tem duas partes. Uma delas carrega detritos humanos sólidos — merda, se não estou ofendendo seus ouvidos delicados. A outra leva água suja — água saída de toaletes ou que vem pelos canos, desde as pias, máquinas de lavar e chuveiros; é também a água que corre para os esgotos da cidade.

"Bem, você não causou problemas com os detritos sólidos, graças a Deus — tudo isso é bombeado para o Kenduskeag, um pouco mais abaixo. Provavelmente, nesse quilômetro abaixo, deve haver uma boa extensão deles secando ao sol, graças ao que você fez, mas pode ter certeza absoluta de que, por causa disso, não há merda nenhuma colada ao teto de ninguém.

"No entanto, sobre a água suja... bem, não há bombas para a água suja. Tudo corre ladeira abaixo, pelo que os engenheiros adultos chamam de esgotos de gravidade. E aposto como você sabe aonde terminam todos esses encanamentos de gravidade, não sabe, garotão?"

— Lá em cima — disse Ben.

Apontou para a área atrás da represa, aquela que havia submergido em grande parte. Fez isso sem erguer os olhos. Enormes lágrimas começavam a escorrer lentamente por sua faces. O Sr. Nell fingiu não perceber.

— Exatamente, meu grande e jovem amigo. Todas as tubulações de gravidade desembocam em correntes que, por sua vez, desembocam na parte superior dos Barrens. De fato, muitas dessas pequenas correntes que vêm escorrendo para cá são de água usada, nada mais do que água usada, escapando de canos que a gente nem vê, tão enterrados

estão debaixodo matagal. A merda vai para um lado e o resto vai para outro, louvada seja a mente inteligente do homem, e não chegou a passar por suas cabeças que levaram este dia inteirinho brincando na velha água suja e nas mijadas de Derry?

Eddie subitamente começou a ofegar e precisou usar o aspirador.

— O que vocês fizeram, foi mandar água de volta para seis dos oito tanques de receptação centrais que servem as Ruas Witcham, Jackson e Kansas, além de mais quatro ou cinco ruazinhas entre elas. — O Sr. Nell fixou em Bill Denbrough um olhar duro. — Um deles é o que recebe água de sua própria casa, jovem senhor Denbrough. Portanto, aí estamos nós, com pias que não escoam a água, máquinas de lavar que também não escoam, canos expelindo água suja alegremente em adegas...

Ben deixou escapar um soluço seco. Os outros se viraram para ele e depois desviaram os olhos. O Sr. Nell pousou uma manopla no ombro do garoto. Era dura e calosa mas, naquele momento, também quase suave.

— Vamos, vamos. Não precisa ficar assim, garotão. Talvez a coisa não esteja tão ruim, pelo menos por enquanto; eu posso ter exagerado um pouquinho, para entenderem o que quero dizer. Fui mandado aqui embaixo, a fim de verificar se alguma árvore tombada caíra através da corrente. Isso acontece de tempos em tempos. Ninguém mais, além de mim e de vocês cinco, precisará ficar sabendo o que realmente aconteceu. Ultimamente, temos coisas mais importantes preocupando nesta cidade, do que um pouco de água mandada de volta pelos canos. Direi em meu relatório que localizei a árvore caída e que alguns garotos me ajudaram a retirá-la, para que a água continuasse correndo como deve. Não que vá mencionar vocês pelo nome. Não receberão qualquer citação por construção de uma represa nos Barrens.

O Sr. Nell supervisionou os cinco garotos. Ben enxugava os olhos furiosamente com seu lenço; Bill olhava pensativo para a represa; Eddie aferrava o aspirador; Stan ficou perto de Richie, com uma mão no braço dele e pronto a apertá-lo — com força — se Richie demonstrasse a menor intenção de dizer algo além de "muito obrigado".

— Vocês, garotos, não têm nada a fazer em um lugar sujo como este — prosseguiu o Sr. Nell. — Provavelmente, há umas sessenta espécies diferentes de doenças proliferando aqui nestes baixios. A sujeira escorrendo para cá, correntes cheias de urina e água suja, imundície e despejos, insetos e matagal... Vocês não têm nada que fazer em um lugar sujocomo este. A cidade com quatro parques limpos para brincarem o dia inteiro, e eu apanho vocês aqui embaixo. Jeisus Cristo!

— N-N-Nós g-g-gostamos d-d-daqui — disse Bill, de repente, em tom desafiante. — Q-Q-Quando a ge-gente v-v-vem para cá, ni-ni-ninguém nos d-dá ne-ne-nenhum f-f-fora.

— O que foi que ele disse? — o Sr. Nell perguntou a Eddie.

— Ele disse que quando a gente vem para cá, ninguém nos dá nenhum fora — respondeu Eddie. Sua voz era fina a sibilante, mas também indiscutivelmente firme. — E ele está certo. Quando garotos como nós vão ao parque e dizem que querem jogar beisebol, os outros nos dizem: claro, querem ficar como reservas?

Richie casquinou uma risada.

— Eddie Consegue Um Excelente! Um! E... *Olá você aí!*

O Sr. Nell girou a cabeça para fitá-lo. Richie deu de ombros.

— Desculpe. Bem, ele está certo. Nós gostamos dos Barrens. Richie pensou que o Sr. Nell ia ficar zangado ao ouvi-lo, mas o tira de cabelos brancos o surpreendeu — surpreendeu todos eles — com um sorriso.

— Concordo — falou ele. — Eu também gostava daqui quando era menino, gostava mesmo. E não proíbo vocês de virem. Contudo, escutem bem o que vou dizer

agora. — O policial apontou um dedo para eles e todos o fitaram com seriedade. — Se vierem brincar aqui embaixo, venham em grupo, como estão agora. Juntos. Entenderam?

Os garotos assentiram.

— Isto que dizer juntos *o tempo todo.* Nada de brincadeiras de esconde-esconde, em que cada um vai para um lado. Todos vocês sabem o que está acontecendo nesta cidade. De qualquer modo, não vou proibir que venham, porque viriam assim mesmo. Só que, para seu próprio bem, seja aqui ou em qualquer lugar dos arredores, andem sempre em grupo. — Ele olhou para Bill. — Discorda de mim, senhor Bill Denbrough?

— N-N-Não, senhor — respondeu Bill. — N-Nós fi-ficaremos j-j-jun...

— Isso é o bastante para mim — disse o Sr. Nell. — Estenda a mão. Bill estendeu a mão e o Sr. Nell apertou-a.

Richie libertou-se de Stan e deu um passo em frente.

— Um viva para o senhor, Sr. Nell! O senhor é um príncipe entre os homens, se é! Um grande[1] homem! Um grande, grande homem! — declarou, caprichando no que imaginava um sotaque irlandês.Estendeu a mão, agarrou a manopla do irlandês e a sacudiu furiosamente, sorrindo o tempo todo. Ao estupidifiçado Sr. Nell, o garoto assemelhava-se a uma hedionda paródia de Franklin D. Roosevelt.

— Obrigado, garoto — disse o Sr. Nell, soltando a mão. — Vai precisar caprichar nisso mais um pouco. No momento, soa tão irlandês como Groucho Marx.

Os outros garotos riram, principalmente de alívio. E, enquanto ainda ria, Stan olhou para Richie com ar desaprovador: *Cresça, Richie!*

O Sr. Nell apertou a mão de todos eles, deixando Ben para o fim.

Não tem de que se envergonhar, exceto por mau julgamento, garotão. E quanto àquilo ali... foi em um livro que viu como fazer?

Ben abanou a cabeça.

— Apenas imaginou?

— Sim, senhor.

— Bem, isso é impressionante! Você fará grandes coisas um dia, não duvido. Contudo, os Barrens não são o lugar mais apropriado para isso. — Ele olhou em torno, pensativamente. — Nada de grandioso será feito por aqui. Lugar horrendo. — Suspirou. — Destruam a coisa, garotos. Botem tudo abaixo. Acho que vou ficar aqui, à sombra deste arbusto, tomando um gole, enquanto fazem o serviço.

Ao falar, o Sr. Nell olhou ironicamente para Richie, como se o incitasse a outra maníaca explosão.

— Sim, senhor — disse Richie humildemente, e foi tudo.

O Sr. Nell assentiu, satisfeito, e os meninos atiraram-se ao trabalho, novamente se voltando para Ben — desta vez para que ele indicasse a maneira mais rápida de destruírem o que ensinara a construir. Nesse ínterim, o Sr. Nell tirou um frasco marrom de dentro da túnica, do qual sorveu um prolongado gole. Tossiu, depois exalou a respiração em um suspiro explosivo, fitando os garotos com olhos benignos e aquosos.

— O que terá o senhor nesse frasco? — perguntou Richie de onde estava, mergulhado na água até os joelhos.

— Será que não pode calar essa boca, Richie? — sibilou Eddie.

— Isto? — O Sr. Nell olhou para Richie com certa surpresa e depois novamente para o frasco, que não mostrava qualquer rótulo pregado. — Isto é o remédio dos deuses para tosse, meu garoto. Agora, vejamos se você pode baixar as costas em qualquer lugar, tão depressa quanto movimenta sua língua!

3

Mais tarde, Bill e Richie subiam a Rua Witcham caminhando. Bill empurrava Silver; após primeiro construir a represa e depois destruí-la, ele simplesmente não tinha mais energias para colocar Silver em velocidade de cruzeiro. Os dois garotos estavam sujos, descabelados e exaustos.

Stan perguntara se queriam ir até sua casa para jogar Monopólio, Parcheesi ou qualquer coisa, mas nenhum deles quis. Estava ficando tarde. Parecendo cansado e deprimido, Ben disse que ia para casa, ver se alguém devolvera os livros que apanhara na biblioteca. Esperava que devolvessem, uma vez que a Biblioteca de Derry insistia em anotar, no cartão de registro de cada livro, não apenas o endereço, mas também o nome de quem o apanhara. Eddie disse que queria ver o *Programa de Rock* na televisão, porque iam apresentar Neil Sedaka e ele desejava ver se Neil Sedaka era negro. Stan lhe disse que não fosse tão idiota; Neil Sedaka era branco, qualquer um saberia disso, só em ouvi-lo. Eddie replicou que ninguém podia afirmar tal coisa, apenas ouvindo uma pessoa; até o ano anterior, ele podia jurar que Chuck Berry era branco, mas quando *ele* apareceu em *Bandstand,* ficou claro que era negro.

— Minha mãe *continua* pensando que ele é branco, aliás, uma boa coisa — disse Eddie. — Se descobrir que é negro, talvez não me deixe mais ouvir as canções dele.

Stan apostou quatro revistas em quadrinhos, com Eddie, como Neil Sedaka era branco. Em seguida, os dois partiram para a casa de Eddie, onde a questão seria esclarecida.

Restaram Bill e Richie, os dois caminhando em uma direção que os levaria à casa do primeiro após algum tempo, nenhum deles falando muito. Richie viu-se pensando na história de Bill sobre o retrato que tinha virado a cabeça e piscado. E, a despeito de seu cansaço, teve uma idéia. Era uma idéia louca... mas também provida de certa atração.

— Billy, meu garoto — disse ele. — Vamos dar uma paradinha. Cinco minutos. Eu estou morto.

— N-N-Não t-t-tenho ta-tanta s-s-sorte — disse Bill.

Parou, deitou Silver cuidadosamente na borda do verdejante gramado do Seminário Teológico, e os dois garotos sentaram-se nos largos degraus de pedra que subiam para a atarracada estrutura vitoriana.— Que d-d-dia! — suspirou Bill, taciturno. Havia manchas arroxea-das sob seus olhos, o rosto estava pálido e tenso. — É melhor ligar para sua casa, quando ch-ch-chegarmos à mi-minha. Assim, seus p-p-pais não ficarão p-p-preocupados.

— Certo. Eu ligo. Escute, Bill...

Richie fez uma breve pausa, pensando na múmia de Ben, no leproso de Eddie e no que quer que Stan quase lhes contara. Por um momento, algo bailou em sua mente, algo sobre aquela estátua de Paul Bunyan, junto ao City Center. Contudo, pelo amor de Deus, aquilo tinha sido apenas um *sonho*.

Expulsando tão irrelevantes pensamentos, ele disparou:

— Vamos até sua casa, o que me diz? Dar uma espiada no quarto de Georgie. Quero ver aquele retrato.

Bill olhou para ele, estupefato. Tentou falar, mas não pôde; sua tensão era demasiada. Ficou sacudindo a cabeça com violência.

— Você ouviu a história de Eddie — insistiu Richie. — E a de Ben. Acredita no que eles contaram?

— Eu n-n-não s-sei. Ach-Acho q-que eles de-devem t-t-ter v-visto algu-algu-alguma coisa.

— Hã-hã. Eu também acho. Aliás, todos os garotos que foram mortos por aqui, bem, eu penso que *todos* eles teriam histórias para contar. A única diferença entre Ben, Eddie e esses outros garotos, é que Ben e Eddie não foram apanhados.

Bill ergueu as sobrancelhas, mas sem mostrar grande surpresa. Richie achava que ele também já chegara à mesma conclusão. Embora não conseguindo expressar-se bem, ele nada tinha de idiota.

— Então, agora reflita nisso um pouco, Grande Bill — disse Richie. — Um cara poderia vestir uma roupa de palhaço e matar crianças. Não imagino por que ele faria isso, mas ninguém pode explicar por que gente maluca faz coisas, certo?

— Ce-Ce-Ce...

— Certo. Não é muito diferente do Coringa, em uma história do Batman.

Richie excitava-se, apenas em ouvir as próprias idéias expressas em palavras. Perguntou-se brevemente se, de fato, tentava provar algo ou apenas lançava uma cortina de fumaça falada, a fim de poder ver aquelequarto, aqpela foto. No fim, talvez não importasse. No fim, talvez fosse suficiente ver os olhos de Bill cintilarem com o excitamento de ambos.

— M-M-Mas on-onde é q-q-que o retrato se enc-encaixa?

— O que *você* acha, Billy?

Em voz baixa, sem olhar para Richie, Bill disse não achar que aquilo tivesse algo a ver com os assassinatos.

— P-P-Para mi-mim, foi ap-apenas o f-fantasma de Ge-Ge-Georgie.

— Um fantasma em um *retrato!* Bill assentiu.

Richie refletiu nisso. A idéia de fantasmas não era problema algum para sua mente de menino, pois tinha certeza da existência de tais coisas. Seus pais eram metodistas, Richie ia à igreja aos domingos e, nas quintas-feiras à noite, comparecia às reuniões da Congregação de Jovens Metodistas. Já conhecia muita coisa da Bíblia, e sabia que a Bíblia acreditava em todos os tipos de histórias estranhas. Segundo ela, o próprio Deus era, pelo menos, um terço Fantasma, (*Ghost, no original. Em inglês, a terceira pessoa da Santíssima Trindade, venerada pelos cristãos — Espírito Santo — tem a denominação de Holy Ghost que, em tradução literal, eqüivaleria a "Fantasma Santo".- N. da T.)* e isto apenas para começar. Era viável dizer-se que a Bíblia acreditava em demônios, porque Jesus expulsara um bando deles para fora do corpo de um cara. Aliás, eram demônios bem engraçados, aqueles. Quando Jesus perguntou ao sujeito que os tinha, como é que se chamava, os demônios responderam, dizendo a Ele que se juntasse à Legião Estrangeira. Ou algo parecido. A Bíblia acreditava em feiticeiras, porque do contrário, por que diria "Não deveras permitir que uma feiticeira viva?" Certas histórias contidas na Bíblia, eram ainda melhores do que as contidas nas histórias de terror em quadrinhos. Pessoas sendo fervidas em óleo ou enforcando-se, como Judas Iscariotes; havia a história de como o perverso Rei Ahaz caiu da torre e todos os cães vieram lamber o seu sangue; a do assassinato em massa de criancinhas, quando dos nascimentos de Moisés e de Jesus Cristo; indivíduos que saíam das sepulturas ou voavam pelos ares; soldados que derrubavam muralhas; profetas que viam o futuro e lutavam contra monstros. Tudo isso estava na Bíblia e cada palavra era verdadeira — pois assim dizia o Reverendo Craig, assim dizia os pais de Richie e assim dizia o próprio Richie. Ele estava inteiramente propenso a aceitar a possibilidade da explicação de Bill; a lógica é que o perturbava.

— Ora, mas você disse que ficou com medo. Por que o fantasma de George desejaria meter-lhe medo, Bill?

Bill enxugou a boca com a mão. Sua mão tremia ligeiramente.

— T-T-Talvez ele es-teja d-d-danado da vi-vida c-c-comigo. Por p-p-provocar a sua mo-morte. A c-c-culpa f-f-foi mi-minha. Eu o ma-ma-mandei p-p-para a r-ru-rua c-c-com o ba-ba-bar...

Incapaz de pronunciar a palavra, Bill esmurrou o ar em vez disso. Richie assentiu, para mostrar que entendia o que ele quisera dizer... mas não para indicar concordância.

— Não acredito assim — replicou. — Se você o apunhalasse pelas costas ou o baleasse à traição, seria diferente. Ou, veja bem, se você lhe entregasse uma arma de seu pai para ele brincar, uma arma carregada, e George baleasse a si mesmo... Entretanto, não foi uma arma, foi apenas um barco de papel. Você não queria prejudicá-lo; na verdade — Richie ergueu um dedo e o sacudiu para Bill, como um advogado — você queria apenas que o garoto se divertisse um pouco, certo?

Bill pensou nisso — pensou com desesperada firmeza. O que Richie acabava de dizer fazia com que ele se sentisse melhor sobre a morte de George — pela primeira vez em muitos meses — mas havia uma parte dele insistindo com quieta segurança que *não devia* sentir-se melhor. *Claro* que a culpa foi sua, insistia essa parte; não inteiramente, é possível, mas pelo menos parcialmente.

Caso contrário, por que haveria aquele lugar no sofá, entre seu pai e sua mãe? Caso contrário, por que ninguém conversa mais à mesa, na hora do jantar? Hoje, só se ouve o barulho de facas e garfos, até você não poder suportar mais isso e perguntar se lhe dão li-li-licença para levantar-se, por favor.

Era como se *ele* fosse o fantasma, uma presença que falava e se movia, mas que não era inteiramente vista ou ouvida, uma coisa sentida vagamente, mas ainda assim, não aceita como real.

Bill não gostava da idéia de que era culpado, mas a única alternativa em que podia pensar para explicar o comportamento deles, era muito pior: que todo o amor e atenção recebidos antes dos pais, de certa forma tinham sido um resultado da presença de George. Então, desaparecido George, nada mais sobrara para ele... e tudo isso acontecera ao acaso, semnenhum motivo, em absoluto. E quando se colava o ouvido *àquela* porta, era possível ouvir os ventos de loucura que sopravam lá í ara.

Assim, ele recapitulou o que havia feito, sentido e dito no dia em que Georgie morrera, parte dele ansiando para que fosse verdade o dito por Richie, parte dele ansiando com a mesma intensidade para que não fosse. De fato, como irmão mais velho de Georgie, ele não fora nenhum santo. Os dois brigavam, brigavam bastante. Teria havido alguma briga naquele dia?

Não. Nenhuma briga. Antes de mais nada, Bill estivera demasiado indisposto pela gripe, para ter uma briga das boas com George. Havia dormido, sonhado alguma coisa, sonhado com algum

(tartaruga)

animalzinho engraçado, não podia recordar qual, tendo despertado com o som da chuva que diminuía lá fora e George resmungando desani-madamente para si mesmo na sala de refeições. Ele perguntou a George o que havia de errado. George entrou em seu quarto e disse que estava tentando fazer um barco de papel, seguindo as indicações do *Livro de Atividades,* mas que tinha saído errado. Bill lhe pediu que trouxesse o livro. E, sentado perto de Richie, nos degraus que levavam ao Seminário, ele recordou como os olhos de Georgie brilharam ao ver que o barco saíra de acordo com as instruções. Disse a Richie como se sentira feliz ao ver a expressão no rosto do irmão, como Georgie o considerava legal, um irmão bacana, aquele que sabia fazer tudo direito. Resumindo, aquilo o fizera sentir-se como um irmão mais velho.

O barco matara George, mas Richie estava certo — não fora como entregar ao irmão uma arma carregada para ele brincar. Bill não podia saber o que ia acontecer. De maneira alguma.

Ele respirou fundo, tremulamente, sentindo que algo como uma pedra — algo de cuja existência nem mesmo suspeitara — saía rolando de seu peito. Imediatamente sentiu-se melhor, melhor sobre tudo.

Abriu a boca para dizer isto a Richie, mas só conseguiu debulhar-se em lágrimas.

Alarmado, Richie passou um braço pelos ombros dele (após um rápido olhar em torno, para certificar-se de que ninguém estivesse olhando e pudesse imaginá-los uma dupla de bichas).

— Está tudo bem com você — disse. — Tudo bem, Billy, certo? Desligue a cachoeira.— *Eu não q-q-queria que e-e-ele fo-fo-fosse m-m-morto! — soluçou Bill. — IS-SSO NU-NU-NUNCA M-M-ME PA-PA-PASSOUP-P-PELA CA-CABEÇA!*

— Cristo, Billy, eu sei que não passou — disse Richie. — Se você quisesse fazer alguma coisa com ele, era só empurrá-lo pela escada ou coisa assim! — Richie bateu desajeitadamente no ombro de Billy e o apertou com força por um breve instante, depois retirando o braço. — Vamos, pare de chorar, está bem? Você parece um bebê.

Bill parou, pouco a pouco. Ainda sofria, mas agora seu sofrimento parecia mais limpo, como se houvesse aberto algo em si mesmo e expelido alguma coisa que o carcomia por dentro. E o sentimento de alívio continuava presente.

— Eu não que-queria q-q-que ele f-f-fosse m-m-morto — repetiu, — e s-s-se vo-você c-c-contar a alguém q-que ch-chorei, qu-quebro o s-seu na-na-nariz!

— Eu não vou contar — prometeu Richie. — Fique sossegado. Ele era seu irmão, afinal de contas. Se meu irmão fosse morto, eu me desmancharia em lágrimas.

— Vo-Você n-não tem n-n-nenhum i-i-irmão.

— Eu sei, mas falei se tivesse.

— V-V-Você ch-ch-choraria?

— É claro. — Richie fez uma pausa, fitando Bill com preocupação, procurando decidir se ele encerrara mesmo o choro, pois ainda enxugava os olhos vermelhos com o lenço. Decidiu que a crise terminara. — Eu só quis dizer que não entendia por que George iria assombrá-lo. Então, talvez o retrato tenha alguma coisa a ver com... bem, com aquilo. O palhaço.

— T-T-Talvez G-G-George n-não s-s-saiba. Talvez e-ele p-p-pense...

— Richie entendeu o que ele queria dizer, e discordou.

— Depois que uma pessoa morre, fica sabendo tudo que os outros pensam dela, Grande Bill. — Richie expressava-se com o ar de um grande professor, corrigindo as tolas idéias de um caipira. — Está na Bíblia. E lá diz: "Sim, mesmo que não possamos ver muito no espelho, neste momento, veremos através dele como se fosse uma janela, depois de morrermos." Fica em Tessalonicenses Primeiro ou Babilônios Segundo, esqueci qual. Significa que...

— Eu e-e-entendo o que si-si-significa — respondeu Bill.— E então, o que me diz?

— Quê?

— Vamos até o quarto dele, dar uma espiada. Talvez tenhamos uma pista sobre quem matou todas as crianças.

— Eu t-t-tenho m-m-medo de ir lá.

— Eu também — disse Richie.

Ao falar, Richie pensava que eram apenas palavras ocas, qualquer coisa a dizer para colocar Bill em movimento, mas então algo pesado se revirou no meio de seu corpo e ele descobriu a verdade: estava verde de medo.

4

Os dois garotos esgueiraram-se para o interior da casa dos Denbrough como fantasmas.

O pai de Bill ainda estava trabalhando. Sharon Denbrough encontrava-se na cozinha, sentada à mesa, lendo um jornal. O cheiro do jantar — bacalhau — impregnava o ar, chegando ao vestíbulo de entrada. Richie telefonou para casa, a fim de sua mãe saber que não estava morto, mas apenas na residência de Bill.

— Tem alguém aí? — perguntou a Sra. Denbrough, quando Richie desligou o telefone.

Os dois ficaram gelados, entreolhando-se culpadamente.

— S-Sou eu, mãe — disse Bill. E R-R-R-R-R...

— Richie Tozier, senhora! — gritou Richie.

— Olá, Richie! — respondeu a Sra. Denbrough, em voz desligada e quase inexpressiva. — Quer ficar para o jantar?

— Obrigado, senhora, mas minha mãe virá me apanhar, dentro de uma meia hora.

— Dê lembranças a ela em meu nome, está bem?

— Sim, senhora, eu darei.

— V-Vamos — sussurrou Bill. — C-Chega de fa-fa-falação!

Os dois subiram a escada e seguiram pelo corredor, diretos ao quarto de Bill. Para o quarto de um garoto, estava mais ou menos arrumado, isto significando que daria à mãe dele apenas uma dor de cabeça branda, quando o examinasse. As prateleiras estavam entupidas de uma heterogênea quantidade de livros e revistas em quadrinhos. Na mesa havia mais revistas em quadrinhos, brinquedos comuns e outros montados. Havia ainda uma antiga máquina de escrever Underwood, modelo escritório. Bill a ganhara dos pais no Natal de dois anos antes e, às vezes, escrevia histórias nela. Fazia isso um tanto mais regularmente, após a morte de George, o que parecia aquietar-lhe a mente um pouco mais.

No chão, perto da cama, havia uma vitrola com uma pilha de roupas dobradas em cima da tampa. Bill guardou as roupas nas gavetas de sua cômoda e depois pegou os discos na mesa. Escolheu seis entre eles. Colocou-os no pino do prato da vitrola e ligou-a. Os Fleetwoods começaram a cantar “Come Softly Darling”.

Richie ergueu o nariz no ar. Bill sorriu, a despeito das batidas disparadas de seu coração.

— E-Eles n-não go-go-gostam de rock and r-roll — disse. - M-me de-deram is-isso d-d-e ani-aniversário. Também g-ganhei dois discos d-d-de P-Pat B-B-Boone e de To-To-Tommy Sands. D-D-Deixo para t-tocar L-L-Little Rich-Richard e Scuh-hreamin J-Jay Hawkins quando eles não es-estão em c-casa. Mas, se ela ouvir a m-m-música, vai p-pensar que estamos em m-meu qu-quarto. V-V-Vamos.

O quarto de George ficava no outro lado do corredor. A porta estava fechada. Richie olhou para ela e passou a língua sobre os lábios.

— Eles não o deixam trancado? — sussurrou para Bill.

De repente, via-se desejando que *estivesse* trancado. De repente, ficava perturbado, acreditando que a idéia fora sua.

Com o rosto pálido, Bill meneou a cabeça e girou a maçaneta. Entrou no quarto e se virou para Richie. Após um momento, Richie o seguiu. Bill trancou a porta atrás deles, amortecendo o som dos Fleetwoods. Richie assustou-se ligeiramente, ao som macio do trinco entrando na fechadura.

Olhou em torno, temeroso e intensamente curioso ao mesmo tempo. A primeira coisa que sentiu foi o cheiro seco de bolor pairando no ar. *Há muito tempo ninguém abre uma janela aqui,* pensou. *Irrk! Ninguém* respirou *aqui dentro há muito tempo. Pelo menos, é o que parece.* Estremeceu um pouco ao pensar nisso e tornou a lamber os lábios.

Seus olhos caíram na cama de George, e ele pensou em George dormindo agora sob um edredom de terra, no Cemitério de Mount Hope. Apodrecendo lá. As mãos dele não se cruzavam sobre o peito, porque eram necessárias duas mãos para o velho ritual — e George fora enterrado com apenas uma.Um pequeno som escapou da garganta de Richie. Bill se virou e olhou para ele, inquisitivamente.

— Você tem razão — disse Richie em voz rouca. — Aqui dentro é assombrado. Não sei como agüentou entrar aqui sozinho.

— E-Ele era meu ir-irmão — disse Bill simplesmente. — Às vezes eu q-q-quero vir a-aqui, s-s-só is-isso.

Havia posters nas paredes — posters de garotinho. Um deles mostrava Tom Terrific, o personagem de desenho animado no programa do Capitão Canguru. Tom saltava sobre a cabeça e as mãos engalfinhadas de Crabby Appleton que, naturalmente, estava em Péssimo Estado. Outro mostrava os três sobrinhos do Pato Donald marchando para a floresta com seus bonés de pele de *racoon.* Um terceiro, colorido pelo próprio George, mostrava Mr. Faça Assim interrompendo o trânsito, a fim de que um bando de criancinhas indo para a escola pudesse atravessar a rua. Abaixo, havia o letreiro: MR. FAÇA ASSIM DIZ PARA VOCÊ ESPERAR PELO GUARDA DO CRUZAMENTO!

O garoto não sabia colorir direito dentro das linhas do desenho, pensou Richie, e então estremeceu. De fato, o garoto nunca teria chance de aperfeiçoar-se neste sentido. Richie olhou para a mesa perto da janela. A Sra. Denbrough deixara ali todos os boletins de George, entreabertos. Ao olhar para eles, sabendo que nunca haveria outros, sabendo que a vida do menininho terminara irrevogável e eternamente com apenas aqueles poucos boletins do jardim de infância e primeiro grau, toda a idiota verdade da morte atingiu Richie em cheio, pela primeira vez. Era como se um enorme cofre de ferro houvesse caído dentro de seu cérebro e lá se enterrasse. *Eu posso morrer!* gritou sua mente para ele, de súbito, em tons de evidente terror. *Todo mundo pode! Todo mundo pode!*

— Cara, oh, cara! — exclamou, em voz trêmula, não podendo suportar mais.

— Hum — disse Bill, em um quase sussurro. Sentou-se na cama de George. — Veja.

Richie seguiu o dedo que Bill apontava e viu o álbum de fotos, jazendo fechado no chão. MINHAS FOTOGRAFIAS, leu ele. GEORGE ELMER DENBROUGH, 6 ANOS.

6 anos! guinchou sua mente, naqueles mesmos tons de estridente revelação. *6 anos para sempre! Todo mundo pode! Merda! Todo mundo, que merda!*

— Ele estava a-a-aberto — disse Bill. — A-Antes.

— Então, ele mesmo se fechou — respondeu Richie, inquieto. Sentou-se na cama ao lado de Bill e olhou para o álbum. — Muitos livros se fecham sozinhos.

— As *p-p-páginas,* talvez, mas n-não a *ca-ca-capa.* Ela s-se fe-fechou sozinha. — Olhou para Richie solenemente, os olhos muito escuros no rosto pálido e cansado. — M-Mas ele q-quer que a g-g-gente abra e-e-ele outra vez. É o que eu a-a-cho.

Levantando-se, Richie caminhou lentamente até o álbum de fotografias, caído abaixo de uma janela velada por cortinas leves. Olhando para fora, ele pôde ver a macieira no quintal dos Denbrough. Um balanço oscilando lentamente, indo e vindo, pendurado a um galho negro, retorcido.

Richie tornou a olhar para o álbum de George.

Na metade do livro, havia uma mancha castanha e seca. Podia ter sido catchup antigo. Claro; era fácil imaginar George olhando para as fotos em seu álbum, enquanto comia um cachorro-quente ou um grande hambúrguer bem molhado; bastaria uma boa dentada e um pouco de catchup espirraria para o álbum. Garotinhos estão sempre fazendo idiotices semelhantes. Podia ser catchup. Contudo, Richie sabia que não era.

Tocou o álbum de leve e então afastou a mão. O toque era gélido. Estivera caído em um lugar onde o forte sol do verão, filtrado apenas ligeiramente por aquelas cortinas leves, bateria nele o dia inteiro. No entanto, estava frio.

Bem, não quero saber, pensou Richie. *Não quero ver o que há nesse álbum idiota, ver um bando de gente que nem conheço. É melhor dizer a Bill que mudei de idéia e iremos para o seu quarto ler histórias em quadrinhos por algum tempo. Depois, vou para casa, janto e vou cedo para a cama, porque estou morto de cansado. Quando acordar, amanhã de manhã, terei certeza de que isso aí foi apenas catchup. É isso que vou fazer.*

Então, abriu o álbum com mãos que pareciam a mil quilômetros de distância dele, nas pontas de compridos braços de plástico, e olhou para os rostos e lugares no álbum de George, as tias, tios, os bebês, as casas, os antigos Ford e Studebaker, as linhas telefônicas, as caixas de correspondência, as cercas de estacas pontiagudas, os sulcos de rodas cheios de água lamacenta empoçada, a roda-gigante da feira do condado, o piezômetro, as ruínas da Fundição Kitchener...Seus dedos folhearam cada vez mais depressa e, de repente, as páginas estavam em branco. Ele voltou atrás, não querendo, mas incapaz de conter-se. Ali havia uma foto do centro comercial de Derry, comas ruas Main e Canal, como eram por volta de 1930. Depois dessa foto não havia nenhuma outra.

— Aqui não há nenhum retrato escolar de George — disse Richie. Olhou para Bill, com uma mescla de alívio e exasperação. — Que história foi essa que me contou, Grande Bill?

— Q-Q-Quê?

— Esta foto da cidade nos velhos tempos é a última do álbum. As páginas seguintes não tem nada.

Bill levantou-se da cama e foi até Richie. Olhou para a foto da área comercial de Derry, como havia sido trinta anos antes, com carros e caminhões antigos, antigos postes de luz com montes de globos parecendo um cacho de grandes uvas brancas, pedestres caminhando ao longo do Canal, apanhados na metade de um passo pelo clique do obturador. Virou a página e, como dissera Richie, láinão havia nada.

Um momento — não *inteiramente* nada. Havia uma cantoneira de estúdio, do tipo que se usa para firmar fotos.

— *E-E-Estava* aqui — disse ele, batendo um dedo na cantoneira. — V-Veja!

— Nossa! O que acha que aconteceu com a foto?

— Eu n-não s-s-sei.

Bill apanhara o álbum das mãos de Richie e agora o sustentava no colo. Folheou as páginas ao contrário, procurando o retrato de George. Desistiu após um minuto, mas as páginas, não. Elas continuaram a virar-se, viravam-se devagar mas firmemente, produzindo fortes sons roçagan-tes. Bill e Richie entreolharam-se, de olhos arregalados, e depois tornaram a fitar o álbum.

As folhas chegaram novamente à última foto e então pararam. Ali estava a zona comercial de Derry, fotografada em tons de sépia, mostrando como tinha sido a cidade muito antes de Bill ou Richie terem nascido.

— Ei! — exclamou Richie de repente, tomando o álbum de Bill. Agora não havia medo em sua voz e, subitamente, seu rosto estava tomado de espanto. — Puta merda!

— O q-q-quê? O que f-f-foi?— *Nós!* É o que foi! Meu Deus do céu, *olhe!*

Bill pegou um lado do álbum. Inclinando-se, partilhando-o, eles pareciam meninos praticando no coro. Bill aspirou ar bruscamente e Richie percebeu que ele também vira.

Capturados sob a brilhante superfície daquela antiga foto em preto e branco, dois meninos caminhavam ao longo da Rua Main, em direção ao ponto onde ela se cruzava com a Center — o ponto em que o Canal corria por baixo da terra, durante um quilômetro e meio ou dois. Os meninos sobressaíam nitidamente contra o muro baixo de concreto, ao longo do Canal. Um deles usava calças presas abaixo dos joelhos. O outro vestia algo semelhante a um traje marinheiro. Tinha na cabeça um boné de *tweed.* Estavam com os rostos em três-quartos de perfil, voltados para a máquina fotográfica e olhando para algo no outro lado da rua. O menino de calças abaixo dos joelhos era Richie Tozier, sem sombra de dúvida. E o que vestia roupa à marinheira, com o boné de *tweed* era Bill Gaguinho.

Ficaram olhando para si mesmos, em uma foto com quase três vezes a idade deles, como que hipnotizados. O interior da boca de Richie ficou repentinamente tão seco como poeira e tão liso como vidro. Alguns passos à frente dos meninos, na foto, havia um homem segurando a aba do chapéu de feltro, o sobretudo congelado para sempre, ao agitar-se atrás dele, movido por uma rajada de vento. Havia Modelos T na rua, um Pierce-Arrow e Chevrolets com estribo.

— E-E-E-Eu não ac-ac-ac-acredito... — começou Bill, e foi quando a foto passou a mover-se.

O Modelo T, que deveria ter permanecido eternamente no meio do cruzamento (ou, pelo menos, até que os produtos químicos da antiga fotografia finalmente se dissolvessem por completo), atravessou-o, com um jato de fumaça escapando do cano de descarga. Prosseguiu em direção à Colina Milha Acima. Uma pequena mão branca assomou ao lado da janela do motorista, indicando que ia dobrar à esquerda. O carro entrou na Rua Court, ultrapassou o limite branco da beira da foto e desapareceu.

O Pierce-Arrow, os Chevrolets e Packards — todos começaram a rodar, abrindo caminhos separados através do cruzamento. Após cerca de vinte e oito anos, a barra do sobretudo do homem finalmente terminou de esvoaçar. Ele firmou melhor o chapéu na cabeça e prosseguiu em sua caminhada.Os dois meninos completaram seu giro de cabeça, agora surgindo de rosto inteiro. Um momento mais tarde, Richie viu que os dois espiavam para um cão sarnento que trotava através da Rua Center. O menino vestido à marinheira — Bill — levou dois dedos aos cantos da boca e assobiou. Aparvalhado além de qualquer capacidade para mover-se ou pensar, Richie percebeu que podia *ouvir* o assobio, podia *ouvir* os irregulares ruídos de máquina de costura daqueles carros. Os sons eram fracos, como que ouvidos através de vidro grosso, mas estavam *lá.*

O cão olhou para os dois meninos e continuou trotando. Os meninos entreolharam-se e riram como doidos. Começaram a andar, e então o Richie de calças nos joelhos agarrou o braço de Bill e apontou para o Canal. Ambos olharam naquela direção e foram para lá.

Não, pensou Richie, *não faça isso, não...*

Chegaram até o muro baixo de concreto e, de repente, o palhaço irrompeu acima da borda, como um boneco de uma terrível caixa de surpresas, um palhaço com o rosto de

Georgie Denbrough, os cabelos puxados para trás, a boca um riso hediondo cheio de sangrenta pintura para teatro, os olhos apenas buracos negros. Uma das mãos segurava três balões de gás em um cordel. A outra ele esticava para o menino vestido à marinheira e agarrava-lhe o pescoço.

— *N-N-NÃO!* — gritou Bill, e estendeu a mão para a foto.

— *Pare com isso, Bill!* — bradou Richie, e o agarrou.

Foi quase tarde demais. Ele viu as pontas dos dedos de Bill atravessarem a superfície da fotografia e penetrarem naquele outro mundo. Viu as pontas dos dedos passarem do quente rosado de carne viva para a cor cremosa e mumificada que compunha a tonalidade branca em fotos antigas. Ao mesmo tempo, aqueles dedos ficaram diminutos e desligados. Era como a peculiar ilusão de óptica que se vê ao enfiarmos a mão em uma tigela com água: a parte submersa parece flutuar, descorporificada, centímetros além da parte ainda fora da água.

Uma série de cortes diagonais surgiu nos dedos de Bill, no ponto em que deixavam de ser seus dedos e se tornavam dedos de foto; era como se ele houvesse enfiado a mão entre as lâminas de um ventilador, em vez de no interior de uma fotografia.

Richie agarrou-lhe o braço e puxou com um safanão. Os dois caíram. O álbum de George escorregou para o chão e se fechou, com um barulho seco. Bill meteu os dedos na boca. Lágrimas de dor lhe surgiram nos olhos. Richie pôde ver sangue escorrendo em débeis filetes, da palma até o pulso.

— Deixe-me ver isso — falou.

— E-E-Está d-d-doendo — disse Bill.

Estendeu a mão para Richie, com a palma virada para baixo. Os cortes pareciam degraus de uma escada de mão, subindo por seu indicador, médio e anular. O mínimo mal tocara a superfície da foto (se é que ela *possuía* alguma superfície) e, embora não estivesse cortado, mais tarde Richie contou a Bill que a unha havia sido perfeitamente aparada, como que por tesouras de manicure.

— Jesus, Bill! — exclamou Richie. Band-Aids. Era tudo em que podia pensar. Céus, eles haviam tido sorte — se não houvesse puxado o braço de Bill como puxara, os dedos dele teriam sido amputados, em vez de apenas seriamente cortados. — Temos que pôr um curativo nisso. Sua mãe pode..

— N-N-Não en-envolva m-minha m-m-mãe nis-nisso — disse Bill. Tornou a pegar o álbum, pingando gotas de sangue no chão.

— Não abra isso outra vez! — exclamou Richie, agarrando o ombro de Bill freneticamente. — Meu Deus do céu, Bill, você quase perdeu os *dedosl*

Bill libertou-se dele. Folheou as páginas e havia uma taciturna determinação em seu rosto, algo que deixou Richie mais assustado do que nunca. Os olhos de Bill quase pareciam os de um louco. Seus dedos feridos imprimiram o álbum de George com sangue novo — ainda não tinha a aparência de catchup, mas teria dentro de algum tempo, quando secasse. Claro que teria.

E ali estava a cena da área comercial da cidade outra vez.

O Modelo T estava parado no meio do cruzamento. Os outros carros permaneciam congelados nos lugares em que haviam estado antes. O homem caminhando para o cruzamento firmava a aba do chapéu de feltro; seu sobretudo novamente esvoaçava para trás.

Os dois meninos haviam desaparecido.

Na foto não havia meninos em lugar algum. Mas...

— Veja — sussurrou Richie, apontando.

Tomava o cuidado de manter a ponta do dedo bem distante da foto. Um arco surgia pouco acima do muro baixo de concreto, na borda do Canal — o topo de algo redondo.Algo parecido a um balão.

5

Os dois saíram do quarto de George bem a tempo. A mãe de Bill era uma voz ao pé da escada e uma sombra projetada na parede.

— Vocês estiveram lutando? — perguntou ela bruscamente. — Ouvi o barulho de um tombo.

— S-Só um p-p-pouquinho, m-mãe!

Bill lançou um olhar agudo para Richie. Um olhar que dizia, *Fique calado!*

— Bem, quero que parem com isso. Pensei que o teto ia cair bem em cima da minha cabeça.

— J-já pa-pa-paramos.

Ouviram quando ela voltou para a frente da casa. Bill enrolara o lenço em torno da mão que sangrava; o tecido estava ficando vermelho e, a qualquer momento, começaria a pingar. Os dois foram até o banheiro, e Bill manteve a mão debaixo da torneira, até o sangramento parar. Depois de limpos, os cortes pareciam pequenos, mas eram cruelmente fundos. Olhar para as bordas brancas e para a carne vermelha logo no interior, fez com que Richie sentisse vontade de vomitar. Envolveu os cortes em Band-Aids, o mais depressa que pôde.

— D-D-Dói c-como o d-diabo — disse Bill.

— Bem, por que tinha de enfiar a mão lá, seu mijão?

— Bill olhou solenemente para os anéis de Band-Aids em seus dedos, depois para Richie.

— E-E-Era o pa-palhaço — disse. — E-Era o palhaço, fingindo ser Ge-Ge-George.

— Certo — respondeu Richie. — Como era o palhaço fingindo ser a múmia, quando Ben o viu. Como era o palhaço fingindo ser aquele cara doente que Eddie viu.

— O lep-lep-leproso.

— Exato.

— Mas aq-aquilo é r-r-realmente um pa-pa-palhaço?

— É um monstro — declarou Richie francamente. — Algum tipo de monstro. Algum tipo de monstro bem aqui, em Derry. E está matando crianças.

6

Em um sábado, não muito depois do incidente com a represa nos Barrens, do Sr. Nell e da foto que se movia, Richie, Ben e Beverly Marsh viram-se frente a frente com não apenas um monstro, mas dois — e pagaram por isso. Richie pagou, pelo menos. Os monstros eram assustadores, mas sem perigo; liquidavam suas vítimas na tela do Cinema Aladdin, enquanto Richie, Ben e Bev assistiam, sentados nas galerias.

Um dos monstros era um lobisomem, desempenhado por Michael Landon, mas não metia medo porque, mesmo quando virava lobisomem, continuava com um corte de cabelo semelhante ao traseiro de um pato. O outro era seu deformado motorista de um carro envenenado, protagonizado por Gary Conway. Ele havia sido trazido à vida por um descendente de Victor Frankestein, que alimentava um bando de crocodilos, mantidos no porão, com as partes inaproveitáveis. Havia ainda na sessão: Um Noticiário MovieTone, apresentando a última moda em Paris e as últimas explosões de foguetes Vanguard, em Cabo Canaveral, dois desenhos animados da Warner Brothers, um do Popeye, outro de Chilly Willy (por algum motivo, o chapéu que Chilly Willy usava sempre incomodava Richie) e TRAILERS DAS PRÓXIMAS ATRAÇÕES. AS próximas atrações incluíam dois filmes, que Richie imediatamente colocou em sua lista de tenho-que-ver: *Casei-me com um monstro espacial* e *A pústula.*

Ben permaneceu muito calado durante a sessão. O velho Monte de Feno quase havia sido localizado por Henry, Arroto e Victor pouco antes, levando Richie a presumir que isso era tudo que o perturbava. Ben, no entanto, esquecera inteiramente o medo (eles estavam sentados bem perto da tela, lá embaixo, jogando caixas de pipocas uns para os outros e gritando). O motivo de seu silêncio era Beverly. A proximidade dela era tão envolvente, que ele quase se sentia mal com isso. Todo o seu corpo se arrepiava e, se por acaso Beverly se mexesse na cadeira, a pele dele ficava ardendo de quente, como que atacado de alguma febre tropical. Quando a mão dela roçou a sua, a fim de apanhar a pipoca, ele tremeu de exaltação. Mais tarde, concluiu que aquelas três horas no escuro, perto de Beverly, tinham sido as mais longas e mais curtas de sua vida.

Sem perceber que Ben estertorava de amor juvenil, Richie se sentia ótimo. Em seu caderninho, a única coisa melhor do que dois filmes de Francis, a Mula Falante, eram dois filmes de terror em um cinema cheiode garotada, todos gritando e urrando nas partes mais fortes. Evidentemente, não relacionou coisa alguma no conteúdo dos dois filmes de baixo orçamento da American-International que estavam vendo, com o que ocorria na cidade... pelo menos, no momento.

Na manhã de sexta-feira, tinha visto o anúncio do Programa Choque Duplo na Matinê do Sábado, no *News,* e quase imediatamente esquecera o quão mal dormira aquela noite — e como acabara levantando para acender a luz de seu banheiro, um truque próprio de bebês, claro, mas não conseguira pregar os olhos enquanto não fizera isso. Na manhã seguinte, contudo, as coisas pareceram normais outra vez... bem, quase. Ele começou a pensar que era muito possível ele e Bill terem sido vítimas de uma alucinação a dois. Naturalmente, os cortes nos dedos de Bill nada tinham de alucinação, mas talvez fossem cortes produzidos pelas bordas afiadas das folhas do álbum de George. Eram folhas de papel grosso. Enfim, poderia ser isso. Talvez. Por outro lado, não havia nenhuma lei dizendo que ele devia passar os próximos dez anos matutando a respeito, havia? Negativo.

E assim, em seguimento a uma experiência que bem poderia enviar um adulto em disparada para o analista mais próximo, Richie Tozier saiu da cama, devorou uma panqueca gigantesca no café da manhã, viu o anúncio dos dois filmes de terror na página Entretenimentos do jornal, conferiu seus fundos, achou-os algo baixos (bem... "não-existentes" talvez fosse o termo mais adequado) e começou a infernizar o pai para dar-lhe tarefas.

Seu pai, que já descia para o desjejum usando a bata branca de dentista, deixou a um lado a página Esportes e serviu-se de uma segunda xícara de café. Era um homem de aparência agradável, com um rosto algo afilado. Usava óculos de aros metálicos,

começava a apresentar um início de calvície atrás da cabeça e morreria de câncer da laringe em 1973. Olhou para o anúncio que Richie apontava.

— Filmes de terror — disse Wentworth Tozier.

— Hum-hum — sorriu Richie.

— Parece que você quer vê-los — disse Wenfworth Tozier.

— Acertou!

— Parece que você provavelmente morrerá em convulsões de desapontamento, se não for assistir a esses dois filmes ordinários.

— Isso mesmo, eu morreria! Sei que morreria! *Graaag!* — Richie caiu de sua cadeira ao chão, agarrando a garganta, com a língua para fora.Aquela era a sua maneira peculiar, admitidamente, de procurar seduzir os outros.

— Oh, Deus, Richie, quer parar com isso? — exclamou sua mãe, à frente do fogão onde fritava dois ovos para cobrirem as panquecas.

— Vamos, Richie — disse seu pai, quando ele retornou à cadeira. — Acho que devo ter esquecido de pagar sua mesada na segunda-feira. É o único motivo em que posso pensar, para vê-lo precisando de mais dinheiro na sexta.

— Bem...

— Acabou?

— Bem...

— Eis aí um tema extremamente profundo para um garoto de mente tão superficial — disse Wentworth Tozier. Fincou um cotovelo na mesa e depois segurou o queixo na palma da mão, encarando seu único filho com o que parecia absoluta fascinação. — Para onde foi o dinheiro?

Richie adotou imediatamente a Voz de Toodles, o Mordomo Inglês.

— Bem, eu o gastei, não gastei, senhor? Até loguinho, adeus, e tudo se foi! Minha parte no esforço de guerra. Todos temos que colaborar para manter os carniceiros hunos a distância, não temos? Uns centavos aqui, outros acolá, entende? Mais um pouco além e...

— Mais um pouco, um monte de besteiras! — disse Went amistosamente, estendendo a mão para a conserva de morangos.

— Poupem-me vulgaridades à mesa do café, por favor. — Maggie Tozier dirigia-se ao marido, enquanto trazia à mesa os ovos para Richie. E ao filho: — Não entendo por que quer encher sua cabeça com esse lixo horrível!

— Oh, mãe...

Richie encolheu-se externamente, mas por dentro estava eufórico. Podia ler em seus pais como se fossem livros — livros muito gastos e muito amados — daí ter certeza absoluta de conseguir o que pretendia: tarefas a cumprir e permissão para ver o filme da tarde de sábado.

Went inclinou-se para diante, na direção do filho, e sorriu amplamente.

— Acho que o peguei direitinho onde quero — falou.

— É mesmo, pai? — disse Richie, também sorrindo... mas algo inquieto.— Oh, sim! Você conhece o nosso gramado, Richie? Está familiarizado com ele?

— Claro que estou, patrão — respondeu Richie, voltando a ser Toodles outra vez — ou tentando. — Um bocado crescido, certo, certo?

— Certo, certo — concordou Went. — E você remediará essa situação.

— Eu?

— Você mesmo. Apare-o, Richie.

— Tudo bem, papai, claro.

Uma terrível suspeita desabrochou subitamente no cérebro de Richie. Talvez seu pai não se referisse apenas ao gramado da frente. O sorriso de Wentworth Tozier ampliou-se para um predador riso de tubarão.

— *Todo* ele, ó filho idiota de meus rins! A parte da frente. Dos fundos. E dos lados. Quando terminar, porei em sua palma dois pedaços verdes de papel, com a imagem de George Washington em um lado e o desenho de uma pirâmide do outro, encimada pelo Olho que Tudo Vê.

— Acho que não entendi, papai — disse Richie, mas receava ter entendido.

— Duas pratas.

— Duas pratas pelo *gramado inteiro?* — exclamou Richie, genuinamente ofendido. — É o maior gramado do *quarteirão!* Poxa, papai!

Went suspirou e tornou a pegar o jornal. Richie pôde ler o cabeça-lho da primeira página: DESAPARECIMENTO DE MENINO DESPERTA NOVOS TEMORES. Pensou brevemente no estranho álbum de fotos de George Denbrough — bem, aquilo sem dúvida fora uma alucinação... e mesmo que não tivesse sido, acontecera ontem, e isto era hoje.

— Acho que você não tem tanta vontade de ver aqueles filmes como pensava — disse Went, por trás do jornal.

Um momento mais tarde, seus olhos surgiram acima das páginas, estudando Richie. Estudando-o um tanto disfarçadamente, verdade seja dita. À maneira do homem que, com quatro cartas do mesmo naipe, estuda seu oponente no pôquer, acima do leque das próprias cartas.

— Quando os gêmeos Clark apararam toda a grama, você deu dois dólares a *cada um* deles!

— É verdade — admitiu Went. — No entanto, que me conste, *eles* não queriam ir ao cinema amanhã. E, se querem, devem ter fundos suficientes para a ocasião, porque não apareceram para checar o estado domatagal em volta de nosso domicílio, ultimamente. Você, por outro lado, *quer* ir e não tem fundos para a despesa. A pressão que sente no meio do corpo, deve ser devido às cinco panquecas e dois ovos que comeu no desjejum, Richie, ou então por causa do problema em que o coloquei. Certo, certo?

Os olhos de Went mergulharam novamente atrás do jornal.

— Ele está me chantageando — disse Richie para a mãe, que estava comendo torrada pura, porque tentava perder peso de novo. — Isto é chantagem, só espero que você perceba.

— Sim, querido, eu percebo — replicou sua mãe. — Há ovo em seu queixo.

Richie limpou o ovo do queixo.

— Três pratas, se eu tiver tudo aparado, quando você voltar para casa de noite? — perguntou ao jornal.

Os olhos de seu pai reapareceram ligeiramente. Duas e cinqüenta.

— Oh, poxa! — exclamou Richie. — Você e Jack Benny!

— Meu ídolo — respondeu Went, de trás do jornal. — Decida-se logo, Richie. Eu quero ler estes escores do boxe.

— Negócio fechado — disse Richie, com um suspiro.

Quando os pais da gente nos têm seguros pelos colhões, eles realmente sabem como espremer. Depois, quando se refletia nisso, havia até muita graça na coisa.

Enquanto aparava a grama, ele praticou suas Vozes.

7

Por volta das três da tarde de sexta-feira, ele terminou tudo: frente, fundos e lados — e começou o sábado com dois dólares e cinqüenta centavos no jeans. Quase uma fortuna. Ligou para Bill, mas Bill disse sombriamente que tinha de ir a Bangor, fazer uma espécie de teste sobre terapia da fala.

Richie se mostrou compreensivo e acrescentou, em sua melhor Voz Bill Gaguinho:

— A-A-Acabe com a r-r-raça de-deles, B-B-B-Bi-Bill!

— Sua c-c-cara e meu t-t-tra-traseiro, T-T-Tozier — respondeu Bill, e desligou.Richie ligou então para Eddie Kaspbrak, mas Eddie parecia ainda mais deprimido do que Bill — sua mãe conseguira passes de ônibus para o dia inteiro, explicou, de maneira que iam visitar suas tias em Haven, Bangor e Hampden. Todas as três eram gordas, como a Sra. Kaspbrak, e todas as três eram solteiras.

— Elas beliscam minha bochecha e dizem como estou crescido — lamentou-se Eddie.

— Porque sabem que você é uma gracinha, Eds — como eu sei. Vi como era bonito, assim que o conheci.

— Às vezes, você é realmente uma merda, Richie.

— É preciso ser uma para conhecer uma, Eds, e você conhece todas elas. Vai ao Barrens na semana que vem?

— Acho que sim, se vocês forem. Que tal brincarmos com armas?

— Pode ser, mas... acho que eu e o Grande Bill temos uma coisa para contar a você.

— O quê?

— Na verdade, é uma história de Bill. Até lá. Divirta-se com suas tias.

— Engraçadinho!

O terceiro telefonema foi para Stan, o Homem, mas Stan perdera as boas graças dos pais por quebrar uma janela-vitral. Estivera brincando de disco-voador com uma travessa para torta, e errara a pontaria. Crash! Agora, tinha tarefas para fazer por todo o fim de semana e provavelmente no fim de semana seguinte também. Richie lamentou sua má sorte e então perguntou se ele iria aos Barrens na semana seguinte. Stan respondeu que talvez fosse, caso o pai não decidisse prendê-lo ou coisa assim.

— Poxa, Stan, foi apenas uma janela! — exclamou Richie.

— Sim, mas era uma janela *grande* — respondeu Stan, e desligou.

Richie ia sair da sala de estar, quando pensou em Ben Hanscom. Folheou o catálogo telefônico e encontrou um número para Arlene Hanscom. Uma vez que era a única senhora Hanscom entre as quatro registradas, Richie imaginou que devia ser o número da casa de Ben e discou para lá.

— Eu gostaria de ir, mas já gastei minha mesada — disse Ben.

Parecia deprimido e envergonhado com a confissão — de fato, gastara tudo em doces, refrigerantes, batatas fritas e churrasquinhos. Como estava nadando em dinheiro (e não gostava de ver os filmes sozinho), Richie respondeu:— Eu tenho dinheiro suficiente. Pode me fazer um vale.

— É mesmo? Fala sério? Você faria isso?

— Claro — disse Richie, perplexo. — Por que não?

— Certo! — exclamou Ben, eufórico. — Certo, vai ser grande! Dois filmes de terror! Você disse que era um filme de lobisomem?

— Hum-hum.

— Poxa, *adoro* filmes de lobisomens!

— Caramba, Monte de Feno, não vá molhar as calças. Ben deu uma risada.

— Encontro você na frente do Aladdin, certo?

— Certo.

Richie desligou e fitou o telefone pensativãmente. De repente, ocorreu-lhe que Ben Hanscom era um solitário, o que, em troca, o fez sentir-se mais ou menos um herói. Estava assobiando ao subir a escada correndo a fim de ler algumas revistas de histórias em quadrinhos, antes do cinema.

8

Era um dia ensolarado, havia uma pequena brisa e estava fresco. Richie vagou ao longo da Rua Center, encaminhando-se para o Aladdin, enquanto estalava os dedos e cantava "Rockin' Robin" baixinho. Sentia-se bem. Ir ao cinema sempre o deixava assim — ele adorava aquele mundo mágico, aqueles sonhos mágicos. Lamentava todos aqueles que tinham obrigações monótonas a cumprir em um dia semelhante — Bill, com sua terapia da fala, Eddie, visitando as tias, o pobre Stan, o Homem, que passaria a tarde areando os degraus da varanda da frente da casa ou varrendo a garagem, só porque uma travessa de torta que atirava aos ares tinha ido para a direita, quando deveria ir para a esquerda.

Richie tinha seu ioiô no bolso traseiro. Apanhou-o e tentou novamente fazê-lo dormir. Era uma habilidade que ansiava adquirir, mas até agora, nem sombra disso. O maldito filho da mãe se recusava a fazer-lhe a vontade. Quando não ia para baixo e voltava para cima, descia e ficava parado na ponta de seu cordel.

Na metade da ladeira da Rua Center, ele avistou uma garota de saia bege pregueada e blusa branca sem mangas, sentada em um banco diante da Shook's Drug Store. Ela tomava o que parecia ser um sorvete de pistache na casquinha. Os brilhantes cabelos: castanho-arruivados, com reflexos que ora pareciam acobreados, ora alourados, caíam-lhe até as omoplatas. Richie só conhecia uma garota com aquele tom particular de cabelos: Beverly Marsh.

Richie gostava um bocado dela. Bem, gostava, mas não *daquele* jeito. Admirava sua aparência (e sabia não ser o único — garotas como Sally Mueller e Greta Bowie tinham um ódio ferrenho de Beverly, sendo ainda muito novas para entenderem como podiam ter tudo tão facilmente... e ainda serem forçadas a competir, em questão de aparência, com uma garota que morava em um daqueles apartamentos reles na parte baixa da Rua Main), mas acima de tudo, gostava dela porque era durona e, de fato, tinha um excelente senso de humor. Além disso, em geral Beverly tinha cigarros. Resumindo, Richie gostava dela porque era uma grande garota. Não obstante, por uma ou duas vezes se apanhara desejando saber qual a cor das roupas íntimas que ela usava sob sua pequena coleção de saias algo desbotadas — e isso não era o tipo de coisa que se procura saber sobre garotos, não?

Além do mais, ele tinha que admitir, Bev era bonita como quê.

Aproximando-se do banco onde ela tomava o sorvete, Richie abotoou um sobretudo invisível na altura do estômago, tirou da cabeça um invisível chapéu de aba mole e fingiu ser Humphrey Bogart. Acrescentando a Voz correta, ele se *tornou* Humphrey Bogart — pelo menos para si mesmo. Para os outros, soaria como Richie Tozier, atacado por um resfriado brando de cabeça.

— Olá, doçura — disse, deslizando para o banco onde ela estava e contemplando o trânsito. — Não faz sentido esperar um ônibus aqui. Os nazistas nos cortaram a retirada. O último avião parte à meia-noite. Você estará nele. *Terá* que ir, doçura. Eu também... mas darei um jeito.

— Oi, Richie — disse Bev.

Ao virar-se para ele, Richie viu uma equimose negro-arroxeada em sua face direita, como a sombra da asa de um corvo. Sentiu novamente o peso da incrível beleza dela... mas, somente agora, ocorreu-lhe que ela realmente podia ser linda. Nunca pensara nisso até então, nunca pensara que podia haver garotas belas fora dos filmes ou que ele próprio conhecesse uma. Talvez fosse a equimose que lhe permitia ver a possibilidade daquela beleza — um contraste essencial, uma falha particular que chamava a atenção, depois de algum modo definindo o resto: olhos cinza-azulados, lábios naturalmente vermelhos, pele cremosa e imaculada como a de uma criança. Havia um ligeiro salpico de sardas sobre o nariz.

— Viu alguma coisa verde? — perguntou ela, jogando a cabeça impudentemente.

— Você, doçura — replicou Richie. — Você ficou verde como queijo limberger. Entretanto, quando sair de Casablanca, irá para o melhor hospital que o dinheiro possa pagar. Nós a tornaremos branca outra vez. Juro pelo nome de minha mãe!

— Você é um bobalhão, Richie. Não parece Humphrey Bogart nem um pouquinho — disse ela, mas sorriu ao falar.

Richie sentou-se ao seu lado.

— Vai ao cinema?

— Não tenho dinheiro. Posso ver seu ioiô? Richie entregou-lhe o ioiô.

— Eu devia devolvê-lo — disse Richie. — Supõe-se que devia dormir, mas ele não dorme. Fui enrolado.

Ela enfiou o dedo na alça do cordel e Richie puxou os óculos para a ponta do nariz, a fim de ver se Bev faria melhor. Ela virou a mão, com a palma voltada para o céu, o ioiô bem aninhado no vale de carne formado pela mão encolhida. Deixou o ioiô cair, rolando por seu dedo indicador. Ele desceu até o fim do cordel e ficou dormindo. Quando Bev apertou os dedos, em um gesto de "venha cá", ele prontamente despertou e subiu pelo cordel, até a palma dela outra vez.

— Caramba! Vejam só que coisa! — exclamou Richie.

— É brincadeira de criança — respondeu Bev. — Veja isto. Tornou a fazer o ioiô cair. Deixou-o dormir por um instante e, em seguida, o fez caminhar como um cachorrinho, saltitante, até chamá-lo de volta novamente à palma da mão.

— Oh, pare com isso — disse Richie. — Detesto exibições.

— E que tal agora? — perguntou Bev, sorrindo docemente.

Fez o ioiô ir para diante e para trás, espichado no cordel, tornando a madeira vermelha da armação semelhante a um brinquedo Salteador, que Richie tivera um dia. Bev encerrou com duas Voltas ao Mundo (quase atingindo uma senhora idosa, de andar arrastado, que os fuzilou com o olhar). O ioiô terminou em sua palma encurvada, o cordel perfeitamente enrolado em redor do eixo. Bev o devolveu a Richie e tornou a sentar-seno banco. Ele a fitava boquiaberto, com a mais sincera admiração. Be-verly olhou para ele e riu.

— Feche a boca ou comerá moscas. Richie fechou a boca prontamente.

— Se quer saber, aquela última parte foi pura sorte. Pela primeira vez na vida, fiz duas Voltas ao Mundo seguidas, sem errar.

Garotos e garotas passavam por eles agora, a caminho do cinema. Peter Gordon com Mareia Fadden. Dizia-se que estavam saindo juntos, mas Richie achava que era

apenas por serem vizinhos na West Broadway, os dois tão imbecis que um precisava do apoio e atenção do outro. Peter Gordon começava a exibir uma boa coleção de espinhas, embora tivesse apenas doze anos. Por vezes perambulava com Bowers, Criss e Huggins, mas não tinha coragem bastante para tentar algo por conta própria.

Vendo Richie e Bev sentados juntos no banco, ele cantarolou:

— Richie e Beverly conversando! Be-e-i-jota-a-ene-de-o! Primeiro namorando, depois já se casando...

— ... e aí vem o Richie, um bercinho empurrando! — terminou Mareia, dando uma risada.

— Sentem aqui, benzinhos! — disse Beverly, mostrando a eles um dedo esticado.

Mareia virou o rosto, vexada, como se não acreditasse que alguém pudesse ser tão grosseiro. Gordon passou um braço em torno dela e, por sobre o ombro, soltou para Richie:

— Talvez eu o procure mais tarde, quatro-olhos!

— Talvez você procure a cinta de sua mãe! — respondeu Richie sagazmente (embora não fazendo muito sentido).

Beverly teve um acesso de riso. Recostou-se ao ombro de Richie por um momento, e ele teve apenas tempo para refletir que aquele contato, a sensação de seu peso ligeiramente contra ele, não eram exatamente desagradáveis. Em seguida, ela tornou a sentar-se direito.

— Que dupla de idiotas — disse ela.

— Hum-hum. Acho que Mareia Fadden urina água-de-rosas — comentou Richie, e Beverly voltou às risadas.

— Chanel Nº 5. — disse ela, a voz sufocada, porque tinha as mãos sobre a boca.

— Pode apostar — replicou Richie, que não fazia a menor idéia do que fosse Chanel Nº 5. — Bev?— O quê?

— Pode me ensinar como fazer o ioiô dormir?

— Acho que posso, mas nunca ensinei a ninguém.

— Como foi que aprendeu? Quem ensinou? Ela o fitou com desdém.

— Ninguém me *ensinou.* Eu apenas imaginei como seria. É como girar um bastão. Sou boa nisso...

— Não há orgulho em *sua* família — disse Richie, revirando os olhos.

— Bem, eu *tenho* — respondeu ela. — Só que não foi com aulas ou coisa assim.

— Você consegue mesmo girar? Girar um bastão?

— Claro.

— Provavelmente, será animadora de torcida no ginásio, hein?

Beverly sorriu. Era o tipo de sorriso que Richie nunca vira antes. Tinha algo de sábio, cínico e triste, tudo ao mesmo tempo. Ele recuou um pouco, ante o poder desconhecido daquela sorriso, como recuara ante a foto do centro da cidade no álbum de George, quando ela começara a mover-se.

— Isso é para garotas como Mareia Fadden — disse ela. — Mareia, e Sally Mueller. E Greta Bowie. Garotas que urinam água-de-rosas. Seus pais ajudam a comprar o equipamento e uniformes esportivos. São gente bem. Eu nunca serei animadora de torcida.

— Poxa, Bev, essa não é uma atitude muito...

— Claro que é, se for verdade. — Ela deu de ombros. — Não me importo. Aliás, quem quer ficar dando pulinhos e mostrar a roupa de baixo para um milhão de pessoas? Muito bem, Richie. Veja isto.

Durante uns dez minutos, ela esforçou-se em mostrar a Richie como fazer o ioiô dormir. Por fim, ele começou a pegar o jeito da coisa, embora geralmente só conseguisse fazer o ioiô percorrer metade do cordel, e então acordar.

— O problema é que você não está fechando os dedos direito — disse ela.

Richie ergueu os olhos para o relógio no Consórcio Merrill, do outro lado da rua, e sobressaltou-se. Enfiou o ioiô no bolso traseiro.

— Ei, tenho que ir andando, Bev. Preciso encontrar o velho Monte de Feno. Ele pode pensar que mudei de idéia ou coisa assim.

— Quem é Monte de Feno?— Oh, Ben Hanscom, embora eu o chame de Monte de Feno. Sabe, como Calhoun Monte de Feno, o lutador.

Bev franziu a testa.

— Isso não é muito gentil. Eu gosto de Ben.

— Não me bata, dona! — guinchou Richie, em sua Voz de Negrinho Escravo, girando os olhos e sacudindo as mãos. — Não me bata! Juro que vou ser um bom crioulinho, dona, juro...

— Richie — disse Bev, baixinho. Richie desistiu.

— Eu também gosto dele — falou. — Fizemos uma represa nos Barrens, há uns dois dias e...

— Vocês vão lá embaixo? Você e Ben brincam lá?

— Claro. Um bando de garotos faz isso. É bacana aquele lugar. — Richie tornou a olhar para o relógio. — Tenho que me retirar de cena. Ben deve estar esperando.

— Tudo bem.

Ele fez uma pausa, pensou e disse:

— Se não está fazendo nada, por que não vem comigo?

— Já lhe disse. Estou sem dinheiro.

— Eu pago sua entrada. Arranjei duas pratas.

Ela jogou o resto da casquinha de sorvete em um depósito para lixo perto do banco. Seus olhos, aquela límpida coloração cinza-azulada, ergueram-se para ele. Estavam calmamente divertidos. Ela fingiu afofar os cabelos e perguntou:

— Oh, céus, estou sendo convidada para sair?

Por um momento, Richie sentiu uma inquietação que não lhe era natural. De fato, sentiu um rubor subir-lhe ao rosto. Fizera a oferta de um modo perfeitamente indiferente, como fizera a Ben... mas... não dissera a Ben algo sobre um vale? Exato. A Beverly não insinuara nada disso.

De repente, Richie sentiu-se algo esquisito. Baixou os olhos, evitando o olhar divertido de Bev, e percebeu que a saia dela se erguera um pouquinho, quando se virará para deitar fora o cone de sorvete no depósito de lixo, permitindo que ele lhe visse os joelhos. Ergueu os olhos, mas pouco adiantou; agora, olhava para os seios que começavam a despontar.

Como sempre fazia em seus momentos de confusão, Richie refugiou-se no absurdo.— Sim! Urri convite para sair! — gritou, ajoelhando-se diante dela e erguendo as mãos entrelaçadas. — Por favor, aceite! Aceite, por favor! Eu me matarei se recusar! Certo? Certo, certo?

— Oh, Richie, você parece maluco — disse ela, dando risadinhas novamente... mas não estava também um pouco ruborizada? Se estava, isso a tornava ainda mais bonita. — Levante-se, antes que seja preso!

Ele se levantou, sentando-se novamente ao lado dela. Parecia que seu equilíbrio voltara. Um acesso de tolice sempre ajudava, quando a pessoa se sentia fora do prumo, na opinião dele.

— Você quer ir? — perguntou.

— Claro — disse ela. — Muito obrigada. Pense nisto! Meu primeiro convite para sair! Espere só até eu anotar em meu diário, esta noite!

Ela entrelaçou os dedos entre os seios pequeninos, bateu as pestanas rapidamente e depois riu.

— Eu gostaria que não falasse nisso de "convite para sair". Ela suspirou.

— Você não tem um espírito muito romântico.

— Ainda bem!

De qualquer modo, Richie se sentia satisfeito consigo mesmo. O mundo pareceu repentinamente muito claro, muito amistoso. Ele se viu olhando-a de esguelha, volta e meia. Ela espiava as vitrines — para os vestidos e camisolas na Cornell-Hopley's, para as toalhas e vasos na Loja de Descontos e, enquanto isso, ele podia olhar à vontade para seus cabelos, a linha de seu maxilar. Observou a maneira como os braços nus de Bev emergiam dos buracos redondos da blusa. Viu a borda de seu sutiã. Todas essas coisas o deliciavam. Não sabia dizer o motivo, mas o que ocorrera no quarto de George Denbrough nunca lhe parecera mais distante do que nesse momento. Estava na hora de ir, na hora de encontrar Ben, mas Richie ficaria ali um pouco mais, enquanto os olhos dela percorriam as vitrines, porque era bom olhar para ela e estar com ela.

9

A garotada fazia fila para pagar os vinte e cinco centavos da entrada no guichê do cinema, depois passando para o saguão. Olhando através das portas envidraçadas, Richie podia ver uma multidão em torno da bon-bonnière. A máquina de pipocas trabalhava a pleno vapor, espirrandojatos de material, a tampa gordurosa de molas saltando para cima e para baixo. Ele não viu Ben em parte alguma. Perguntou a Beverly se o localizara. Ela negou com a cabeça.

— Talvez ele já tenha entrado.

— Ben me disse que não tinha dinheiro. E a Filha de Frankenstein nunca o deixaria passar sem uma entrada na mão.

Richie apontou um polegar para a Sra. Cole, bilheteira no Aladdin desde algum tempo antes da existência de filmes falados. Seus cabelos, pintados de vermelho berrante, eram tão ralos que se via o couro cabeludo sob eles. Tinha enormes lábios pendentes, que pintava com batom cor de ameixa. Furiosas placas de ruge lhe cobriam as faces. As sobrancelhas, eram traçadas com lápis negro. A Sra. Cole era uma perfeita democrata. Odiava todas as crianças igualmente.

— Poxa, eu não queria entrar sem ele, mas a sessão vai começar disse Richie. — Por onde andará o cara?

— Você pode comprar uma entrada para ele e deixar no guichê — sugeriu Bev. — Então, quando Ben chegar...

Nesse exato momento, Ben dobrou a esquina das Ruas Center e Mack-lin. Vinha ofegando e sua pança oscilava por baixo da camisa de algodão. Avistou Richie e ergueu uma mão para acenar. Então, viu Bev e o aceno parou a meio. Seus olhos arregalaram-se momentaneamente. Terminou o aceno e depois caminhou lentamente para onde os dois estavam, sob a marquise do cinema.

— Oi, Richie — disse, e olhou brevemente para Beverly, como se temesse que um olhar mais prolongado resultasse em um incêndio. — Oi, Bev.

— Olá, Ben.

Um silêncio estranho caiu entre os dois — não era precisamente constrangido; era, pensou Richie, quase *poderoso*. Ele sentiu uma vaga ponta de ciúme, porque algo havia passado entre ambos e, fosse o que fosse, sentira-se excluído disso.

— Olá, Monte de Feno! — exclamou Richie. — Pensei que ia me dar o bolo. Estes filmes vão acabar com cinco quilos de suas banhas. Oh, estou dizendo, oh, estou dizendo, eles o deixarão de cabelos brancos, garoto! Quando sair deste cinema, você precisará de um ajudante para conduzi-lo pelo corredor, de tal maneira estará tremendo!

Richie deu alguns passos para o guichê e Ben tocou-lhe o braço. Começou a falar, olhou para Bev que lhe sorria, e precisou começar tudo outra vez.

— Eu estava aqui — explicou, — mas subi a rua e dobrei a esquina, quando aqueles caras apareceram.

— Que caras? — perguntou Richie, mas achava que já sabia.

— Henry Bowers, Victor Criss, Arroto Huggins e mais outros. Richie assobiou.

— Eles já devem ter entrado. Não os vejo na bonbonnière.

— Sim, acho que já entraram.

— Se eu fosse eles, não me daria ao trabalho de pagar para ver dois filmes de terror — disse Richie. — Bastaria ficar em casa e olhar-me ao espelho. Economizaria alguma grana.

Bev riu alegremente com isso, mas Ben apenas sorriu. Naquele dia da semana anterior, Henry Bowers começara querendo apenas machucá-lo, mas terminara dando a entender que o mataria. Ben tinha certeza disso.

— Escute uma coisa — disse Richie. — Iremos para a galeria. Eles todos estarão sentados na segunda ou terceira fila, com os pés para cima.

— Tem certeza? — perguntou Ben.

Não sabia se Richie compreendia bem o quanto eram perversos aqueles garotos... com Henry, naturalmente, sendo o pior do bando. Richie, no entanto, tendo escapado por pouco de uma boa surra nas mãos de Henry e seus amigos alucinados, três meses antes (conseguira lográ-los refugiando-se no departamento de brinquedos da Loja de Departamentos Freese's entre todos os lugares possíveis), entendia mais de Henry e seu alegre bando do que Ben imaginaria.

— Seu eu não tivesse certeza, não entraria — respondeu. — Quero ver estes filmes, Monte de Feno, mas não quero, digamos, *morrer* por eles.

— Além do mais, se eles nos derem algum problema, basta pedirmos a Foxy para expulsá-los — disse Bev.

Foxy era o Sr. Foxworth, o esquálido, pálido e soturno homem que dirigia o Aladdin. No momento, ele vendia doces e pipocas, cantarolando sua litania de "Esperem a sua vez, esperem a sua vez, esperem a sua vez." Em seu smoking surrado e camisa amarelada de tantas fervuras, ele parecia um agente funerário na época das vacas magras.

Ben olhou dubitativamente de Bev para Foxy e para Richie.

— Não pode deixar que eles governem sua vida, homem — disse Richie suavemente. — Não sabia disso?— Acho que tem razão — respondeu Ben, e suspirou.

Em realidade, ele ignorava tal coisa... mas a presença de Beverly produzira uma doida guinada na equação. Se ela não tivesse vindo, ele tentaria convencer Richie a irem ao cinema em outro dia. Se Richie insistisse, ele talvez fosse embora. No entanto, Bev *estava* ali. Não queria parecer uma galinha diante dela. Pensou também em ficarem

próximos, nas galerias, no escuro (mesmo que Richie ficasse entre eles, o que provavelmente aconteceria) e isso era uma fortíssima atração.

— Muito bem, podemos esperar que a sessão comece, e então a gente entra — disse Richie. Sorriu e cutucou o braço de Ben. — Que merda, Monte de Feno, você quer viver eternamente?

Ben franziu as sobrancelhas e então começou a rir. Richie riu também. Olhando para eles, Beverly aderiu aos risos.

Richie tornou a aproximar-se do guichê. Cole "Lábios de Fígado" olhou casmurramente para ele.

— Boa tarde, cara senhora — disse Richie, em sua melhor Voz de Baron Butthole, — estou necessitando de três entradas para apreciar os seus bons e velhos filmes americanos.

— Corte as asneiras e diga logo o que quer, garoto! — latiu Lábios de Fígado, através do buraco redondo no vidro.

Alguma coisa naquelas sobrancelhas pintadas, subindo e descendo, deixaram Richie tão nervoso, que ele simplesmente empurrou uma nota amarrotada de um dólar pela fenda, murmurando:

— Três, por favor.

Três entradas escorregaram pela fenda. Richie as pegou. Lábios de Fígado empurrou-lhe uma moeda de vinte e cinco centavos.

— Não banque o engraçadinho, não atire caixas de pipoca, não grite, não corra no saguão e nem tampouco nos corredores!

Perfeitamente, senhora.

Richie voltou para onde Ben e Bev esperavam e disse a eles:

— Sempre me aquece o coração ver um peido velho como aquele, que parece gostar tanto da garotada.

Ficaram do lado de fora mais algum tempo, esperando que a sessão começasse. Lábios de Fígado olhou para eles com desconfiança, de sua gaiola envidraçada. Richie regalou Bev com a história da represa nos Bar-rens, trombeteando as falas do Sr. Nell em sua nova Voz do Tira Irlandês. Dentro em pouco, ela dava risadinhas, que logo se transformaramem gargalhadas. O próprio Ben sorria um pouco, embora seus olhos ficassem vagando, fosse para as portas de vidro do Aladdin ou para o rosto de Beverly.

10

As galerias eram ótimas. Durante o primeiro rolo de *Fui um Fran-kenstein adolescente* Richie localizou Henry Bowers e seus repugnantes amigos, sentados embaixo, na segunda fila, exatamente como imaginara que estariam. Havia cinco ou seis deles ao todo — alunos do quinto, sexto e sétimo graus, todos eles com as pesadas botas descansando sobre o encosto dos assentos dianteiros. Foxy ia até lá e dizia para porem os pés no chão. Eles punham. Foxy ia embora. As botas voltavam para o alto novamente, assim que ele virava as costas. Cinco ou dez minutos mais tarde, Foxy voltava e recomeçava tudo de novo. Foxy não tinha coragem para expulsá-los dali, e eles sabiam disso.

Os filmes eram formidáveis. O Frankenstein adolescente era adequadamente corpulento. O Lobisomem adolescente era algo mais assustador, contudo... mas talvez por parecer um pouco triste. O que acontecera não fora culpa sua. Havia aquele hipnotizador

que o desgraçara, mas fizera isso apenas porque o garoto que virava lobisomem estava transbordante de raiva e maus sentimentos. Richie viu-se perguntando se no mundo haveria muita gente escondendo maus sentimentos dessa maneira. Henry Bowers também transbordava de maus sentimentos, porém não se dava ao menor trabalho de escondê-los.

Beverly sentou-se entre eles, comeu pipoca de suas caixas, gritou, tapou os olhos, às vezes riu. Quando o Lobisomem estava perseguindo a jovem que se exercitava no ginásio após as aulas, ela apertou o rosto contra o braço de Ben — e Richie ouviu o ofegar de surpresa de Ben, mesmo acima da gritaria das duzentas crianças abaixo deles.

Por fim, o Lobisomem era morto. Na última cena, um tira dizia solenemente a outro que isso devia ensinar as pessoas a não se envolverem com coisas que seriam melhor entregues aos cuidados de Deus. As cortinas desceram e as luzes acenderam-se. Houve aplausos. Richie se sentia plenamente satisfeito, embora com uma ligeira dor de cabeça. Provavelmente logo teria que voltar ao oculista e mandar trocar as lentes outravez. Sombriamente, pensou que estaria usando fundos de garrafa de Coca sobre os olhos, chegada a época de ir para o ginásio. Ben o puxou pela manga.

— Eles nos viram, Richie — disse, em voz seca e desanimada.

— Quê?

— Bowers e Criss. Olharam cá para cima quando saíam. Eles nos *viraml*

— Tudo bem, tudo bem — disse Richie. — Fique calmo, Monte de Feno. Apenas, fique *caaalmo.* A gente pode sair pela porta lateral. Não há nada com que se preocupar.

Desceram a escada, Richie à frente, Beverly no meio e Ben atrás, olhando por sobre o ombro a cada dois degraus descidos.

— Aqueles caras estão mesmo atrás de você, Ben? — perguntou Bev.

— Sim, acho que estão — respondeu Ben. — Tive uma briga com Henry Bowers, no último dia de aula.

— Ele o surrou?

— Não tanto quanto queria — disse Ben. — Daí o motivo de ainda estar fulo da vida, creio eu.

— O velho Hank, o Tanque, também perdeu uma boa quantidade de pele — murmurou Richie. — Pelo menos, foi o que ouvi dizer. Não acredito que ele também ficasse muito satisfeito com isso.

Empurrou a porta de saída e os três passaram para o beco entre o cinema e a Lanchonete Nan's. Um gato que estivera explorando uma lata de lixo sibilou e correu por eles, beco abaixo, até o final bloqueado por uma parede de tábuas. O gato subiu por ela e desapareceu no outro lado. Uma tampa de lata de lixo caiu com estrondo. Bev levou um susto, agarrou o braço de Richie e depois riu, nervosa.

— Acho que os filmes me deixaram amedrontada — disse.

— Você não... — começou Henry.

— Olá, cara de merda — disse Henry Bowers, atrás deles. Sobressaltados, os três deram meia-volta. Henry, Victor e Arroto estavam parados à entrada do beco. Havia mais dois atrás deles.

— Oh, *merda,* eu sabia que isto ia acontecer — gemeu Ben. Richie se virou rapidamente para retornar ao Aladdin, mas a porta de saída fora fechada atrás deles e não era possível abri-la por fora.

— Diga olá, cara de bosta — falou Henry, e de repente correu para cima de Ben.

O que aconteceu em seguida pareceu a Richie, naquele momento e depois mais tarde, como algo saído de um filme — porque essas coisas simplesmente não acontecem na vida real. Na vida real, garotos de pouca idade levam surras, perdem e vão para casa.

Não foi assim que aconteceu desta vez.

Beverly avançou e ficou a um lado, quase como se pretendesse ir ao encontro de Henry, talvez para apertar-lhe a mão. Richie podia ouvir o ruído dos cravos das botas dele contra o solo. Victor e Arroto seguiam Henry, enquanto que os outros dois permaneciam à entrada do beco, guardando-a.

— Deixem ele em paz! — gritou Beverly. — Peguem alguém do seu tamanho!

— Ele é tão grande como um fodido caminhão Mack, sua cadela — rosnou Henry, sem nenhum cavalheirismo. — E agora, saia da minha...

Richie fez pé firme. Não era a sua intenção esticá-lo em seguida, mas foi o que fez. Seu pé avançou, da mesma forma como os ditos inoportunos e perigosos à sua saúde às vezes emergiam, por conta própria, escapulindo da boca. Henry tropeçou naquele pé e caiu. A superfície de tijolos do beco estava escorregadia pelo lixo derrubado das latas transbor-dantes, vindas da lanchonete. Henry continuou deslizando, como que sobre patins.

Começou a levantar-se, a camisa manchada de pó de café usado e restos de alface.

— Oh*, seus caras, vocês vão MORRER!* — berrou.

Até então, Ben ficara terrificado. De repente, algo nele explodiu. Soltou um urro e pegou uma das latas de lixo. Por um momento, ao erguê-la, o lixo espalhou-se por toda parte, e *ele parecia* realmente Calhoun Monte de Feno. Tinha o rosto pálido e furioso. Atirou a lata de lixo. Ela colidiu com o meio das costas de Henry e tornou a derrubá-lo no chão.

— Vamos dar o fora daqui! — gritou Richie.

Correram para a entrada do beco. Victor Criss saltou diante deles. Com um berro, Ben agachou a cabeça e enterrou-a no meio do corpo dele. *"Puuuf!"* Victor emitiu um grunhido e caiu sentado.

Arroto aferrou um punhado de rabo-de-cavalo de Beverly e a sacudiu violentamente contra a parede de tijolos do prédio do cinema. Ela ricocheteou e desceu o beco correndo, enquanto esfregava o braço. Richie correu atrás dela, de passagem agarrando uma tampa de lata de lixo.Arroto Huggins investiu contra ele, mostrando um punho do tamanho de um presunto. Richie girou a tampa de aço galvanizado, que foi ao encontro daquele punho. Houve um forte bonnnggl — um som quase musical. Richie sentiu o choque viajar por todo o comprimento de seu braço, até o ombro. Arroto gritou, começando a saltar, segurando a mão inchada.

— Além fica a tenda de meu pai —" disse Richie confidencialmente, fazendo uma Voz Tony Curtis bastante passável.

Então, correu atrás de Ben e Beverly. Um dos garotos à entrada do beco tinha agarrado Bev. Ben estava engalfinhado com ele. O outro garoto começou a dar pequenos socos no final das costas de Ben. Richie girou o pé, que foi parar nas nádegas do socador. O garoto uivou de dor. Richie agarrou o braço de Beverly em uma das mãos, o de Ben na outra.

— *Corram*! — bradou.

O garoto com quem Ben se engalfinhara soltou Beverly e conseguiu esmurrar Richie. Seu ouvido explodiu com uma dor momentânea, depois ficou entorpecido e muito quente. Um assobio alto começou a soar dentro de sua cabeça. Era como o ruído que se ouve quando a enfermeira escolar coloca os fones de ouvido na gente, a fim de testar nossa audição.

Os três correram pela Rua Center abaixo. As pessoas se viraram para observá-los. O enorme estômago de Ben sacudia-se para cima e para baixo. O rabo-de-cavalo de Beverly oscilava de um lado para outro. Richie soltou Ben e firmou os óculos contra a testa com o polegar esquerdo, a fim de não perdê-los. Sua cabeça ainda tilintava e ele

achava que a orelha ia inchar, mas se sentia maravilhosamente bem. Começou a rir. Beverly se juntou a ele. Em pouco, Ben estava rindo também.

Dobraram para a Riia Court e caíram sentados em um banco.à frente do posto policial; naquele momento, parecia o único lugar em Derry onde ficariam a salvo. Beverly passou um braço pelo pescoço de Ben e de Richie. Depois, abraçou-os com força.

— Foi grande! — exclamou, com olhos faiscantes. — Vocês viram aqueles caras? Viram?

— Eu os vi muito bem — ofegou Ben. — E nunca mais quero tornar a vê-los.

Os três desataram em novo acesso de risadas histéricas. Richie ainda esperava que o bando de Henry surgisse na esquina para a Rua Court atrásdeles, com ou sem posto policial. Mesmo assim, não conseguia parar de rir. Beverly tinha razão. Havia sido grande.

— O Clube dos Perdedores Faz Um Excelente! — gritou Richie, exuberantemente. — Oba-oba-oba! — Pôs as mãos em concha ao redor da boca e fez sua Voz Ben Bernie:- Oba! Oba! Oba, crianças!

A cabeça de um tira assomou em uma janela do segundo andar e ele gritou:

— Ei, vocês, garotos, caiam fora! Imediatamente! Andando! Richie abriu a boca para responder algo brilhante — possivelmente

em sua Voz do Tira Irlandês, há pouco descoberta — e Ben lhe chutou o pé.

— Cale a boca, Richie — disse e, no mesmo instante ficou em apuros, imaginando como tivera tamanha ousadia.

— Isso mesmo, Richie — disse Bev, fitando-o carinhosamente. — Agora é bip-bip.

— Certo — replicou Richie. — E vocês, o que querem fazer? Vamos procurar Henry Bowers e perguntar a ele se quer resolver o assunto em um jogo de Monopólio?

— Morda a língua — respondeu Bev. Como? O que significa isso?

— Não importa — respondeu ela. — Há caras que são muito ignorantes.

Hesitando, enrubescendo furiosamente, Ben perguntou:

— Aquele sujeito machucou seus cabelos, Beverly?

Ela lhe sorriu com gentileza e, naquele momento, teve certeza de algo que antes apenas adivinhara — havia sido Ben Hanscom quem lhe enviara aquele cartão-postal com o lindo haicai escrito.

— Não deu para impressionar — respondeu.

— Vamos até os Barrens — propôs Richie.

E assim, lá foram eles... ou foi esta a maneira de escaparem. Richie refletiria mais tarde que isso estabelecera um padrão para o restante do verão. Os Barrens tornaram-se o seu lugar. Beverly, como Ben no dia daquele primeiro encontro com os garotos maiores, nunca descera até lá antes. Ela caminhou entre eles dois, quando os três caminharam em fila indiana pela trilha. Sua saia oscilava lindamente e, olhando para ela, Ben percebia ondas de sensação, tão fortes como cãibras de estômago. Ela usava o bracelete de tornozelo, que despedia reflexos ao sol da tarde.

Cruzaram o braço do Kenduskeag, onde os garotos haviam feito arepresa (a corrente dividia-se uns setenta metros acima, ao longo de seu curso, tornando a unir-se a cerca de duzentos mais adiante, na direção da cidade). Para vadeá-lo, foram pisando sobre as pedras abaixo do ponto em que ficara a represa, encontraram outra trilha e, eventualmente, chegaram à margem da forquilha leste da corrente, muito mais ampla do que a anterior. Ela cintilava à claridade vespertina. À esquerda, Ben podia ver dois daqueles cilindros de concreto, com as bocas cobertas no topo. Abaixo deles, salientando-

se acima da corrente, havia grandes mani-lhas de concreto. Finas correntes de água lodosa escorriam dos lábios das manilhas, caindo no Kenduskeag. Alguém faz cocô na cidade, e é aqui que ele vem sair, pensou Ben, recordando a explicação do Sr. Nell sobre o sistema de esgotos de Derry. Sentiu-se invadir por uma espécie de raiva surda e impotente. Um dia, certamente houvera peixes naquele rio. Agora, as chances de pegar-se uma truta não seriam tão certas. O mais provável é que se pescasse um bolo de papel sanitário usado. É tão bonito aqui! — suspirou Bev.

— Sim, não é ruim — concordou Richie. — Os borrachudos se foram e há brisa suficiente para manter a distância os outros mosquitos. — Olhou esperançosamente para ela. — Tem algum cigarro?

— Não — respondeu Bev. — Eu tinha dois, mas os fumei ontem.

— Uma pena — disse Richie.

O ar se encheu com o barulho de um apito, e eles ficaram espiando, enquanto um comprido trem cargueiro rodava do aterro, no outro lado dos Barrens, rumando para o pátio ferroviário. Poxa, se fosse um trem de passageiros, eles teriam uma grande paisagem para ver, pensou Richie. Primeiro, as casas do pessoal pobre em Old Cape, depois os pântanos cobertos de bambus no outro lado do Kenduskeag e, finalmente, antes de sair dos Barrens, a lixeira da cidade, queimando lentamente e soltando fumaça para os ares.

Por um momento, ele tornou a pensar na história de Eddie — o leproso sob a casa abandonada da Rua Neibolt. Expulsou o pensamento e virou-se para Ben.

— De que você gostou mais, Monte de Feno?

— Quê? — perguntou Ben, virando-se culpadamente para fitá-lo. Enquanto Bev olhava para a outra margem do Kenduskeag, perdida em pensamentos íntimos, ele estivera contemplando seu perfil... e a equi-mose em seu maxilar.— Estou falando dos filmes, bobão. De que gostou mais?

— Ah! Foi quando o Dr. Frankenstein começou a atirar os corpos para os crocodilos, debaixo de sua casa — disse Ben. — Para mim, foi a melhor parte.

— Aquilo foi horrível — disse Beverly, e estremeceu. — Odeio coisas assim. Crocodilos, piranhas e tubarões.

— Quê? O que são piranhas? perguntou Richie, imediatamente interessado.

— Peixinhos achatados — disse Beverly. — Com uma porção de den-tinhos, todos terrivelmente afiados. Quando alguém entra em um rio onde haja piranhas, elas comem toda a carne, deixando apenas os ossos.

— Uau!

— Vi esse filme uma vez, e aqueles nativos queriam cruzar um rio, mas a pinguela estava caída — explicou ela. — Então, eles puseram uma vaca no rio, com uma corda, e o cruzaram, enquanto as piranhas devoravam a vaca. Quando puxaram a corda, a vaca era apenas um esqueleto. Tive pesadelos durante uma semana.

— Poxa, eu gostaria de ter um desses peixes — disse Richie, satisfeito. — Só para botá-lo na banheira de Henry Bowers.

Ben começou a rir.

— Será que ele toma banho?

— Não sei nada sobre isso, mas sei que é melhor tomarmos cuidado com esses caras — disse Beverly. Seus dedos tocaram a equimose no queixo. — Meu pai anteontem me esquentou o lado da cabeça, porque quebrei uma pilha de pratos. Acho que basta por uma semana.

Houve um momento de silêncio que poderia ter sido embaraçoso, mas não foi. Richie o quebrou, dizendo que, em sua opinião, a melhor parte do filme havia sido

quando o Lobisomem Adolescente pegara o hipnotizador malvado. Começaram a comentar os filmes — e outros filmes de terror que tinham visto, bem como Alfred Hitchcook apresenta, na TV — por cerca de uma hora. Bev descobriu margaridas crescendo na margem do rio e colheu uma. Depois a manteve primeiro debaixo do queixo de Richie e depois do queixo de Ben, para ver se eles gostavam de manteiga. Disse que ambos gostavam. E, enquanto ela sustinha a flor sob seus queixos, ambos tiveram consciência do ligeiro contato com os ombros da menina e do cheiro limpo de seus cabelos. O rosto dela ficou perto do de Ben apenas por um breve momento, porém nessa noite ele sonhou com a expressão dos olhos dela durante aquele rápido e interminável período.A conversa diminuía um pouco, quando eles ouviram os sons de pessoas aproximando-se pela trilha. Os três se viraram rapidamente naquela direção e, de súbito, Richie percebeu que o rio lhes ficava às costas. Não tinham lugar para onde fugir.

As vozes ficaram mais perto. Eles se levantaram, Richie e Ben mo vendo-se um pouco para a frente de Beverly, sem mesmo terem consciência disso.

A cobertura de folhagens no final da trilha agitou-se — e, de repente, Bill Denbrough emergiu. Havia outro garoto com ele, conhecido por Richie apenas de passagem. Seu nome era Bradley qualquer coisa, e ciciava terrivelmente. Talvez houvesse ido a Bangor com Bill, para aquele negócio de terapia da fala, pensou Richie.

— Grande Bill! — exclamou, e depois na Voz de Toodles: — Ficamos muito satisfeitos em vê-lo, patrão Sr. Denbrough.

Bill olhou para eles e sorriu — e uma peculiar certeza penetrou na mente de Richie, enquanto Bill olhava dele para Ben, depois para Beverly e então para Bradley Sei-Lá-Como-Se-Chama. Beverly era uma parte deles, assim diziam os olhos de Bill. Bradley Sei-Lá-Como-Se-Chama não era. Ele poderia ficar no grupo algum tempo, durante aquele dia, poderia mesmo tornar a descer aos Barrens — ninguém lhe diria para não ir, perdão, mas não há mais vagas para membros no Clube dos Perdedores, isso já consta dos estatutos — mas ele não fazia parte. Não era parte deles.

Tal pensamento conduziu a um medo súbito e irracional. Por um momento, foi como se houvesse percebido, de repente, que nadara longe demais da margem e não dava mais pé. Houve um lampejar intuitivo: Fomos atraídos para alguma coisa. Apontados e escolhidos. Nada disto é acidental. Já estaremos todos aqui?

A seguir, a intuição transformou-se em desconexo amontoado de pensamentos — como uma vidraça caindo em um piso de pedra. Por outro lado, não fazia diferença. Bill estava ali e conteria a situação; ele não deixaria as coisas fugirem ao controle. Era o mais alto deles e, sem dúvida, o mais atraente. A Richie bastava fitar de esguelha os olhos de Bev grudados em Bill e, mais além, os olhos de Ben grudados no rosto dela, sabedores e infelizes, para então compreender tudo. Bill era também o mais forte deles — e não apenas fisicamente. Nele havia muito mais do que isso, porém como Richie ignorava a palavra carisma ou o pleno significado da palavra magnetismo, sentia apenas que a força de Bill era intensa, manifestando-se em inúmeros sentidos, alguns deles provavelmente ines-perados. Além disso, Richie desconfiava que, se Beverly gostasse dele — "tivesse uma queda por ele" ou fosse lá que nome dessem a isso — Ben não sentiria ciúmes como eu sentiria, pensou Richie, se ela tivesse uma queda por mim)'; Ben aceitaria aquilo como algo muito natural. Havia ainda algo mais: Bill era bom. Era idiotice pensar tal coisa (de fato, ele não pensava nisso precisamente; ele sentia isso), mas era a verdade. Bondade e força pareciam irradiar-se de Bill. Ele era como um cavaleiro em um filme antigo, um filme ultrapassado, mas que fazia a pessoa chorar, alegrar-se e aplaudir no final. Forte e bom. E cinco anos mais tarde, após suas lembranças do ocorrido em Derry durante e

antes daquele verão começarem a desbotar rapidamente, ocorreria a Richie Tozier, em meados da adolescência, que John Kennedy o fazia recordar Bill Gaguinho.

Quem? — perguntaria sua mente.

Ele ergueria os olhos, ligeiramente aturdido e sacudindo a cabeça. Certo sujeito que conheci, pensaria, expulsando uma vaga inquietude ao empurrar os óculos para o alto do nariz e concentrar-se novamente em seu dever de casa. Um sujeito que conheci faz muito tempo.

Bill Denbrough pôs as mãos na cintura, sorriu radiosamente e disse:

— B-B-Bem, c-cá est-estamos... o q-q-que v-v-vamos fa-fazer?

— Você tem cigarros? — perguntou Richie, esperançoso.

11

Cinco dias mais tarde, quando junho ia chegando ao fim, Bill disse a Richie que pretendia descer a Rua Neibolt e investigar debaixo da varanda, onde Eddie tinha visto o leproso.

Tinham acabado de chegar à casa de Richie, e Bill caminhava empurrando Silver. Dera carona a Richie na maioria do trajeto para casa, em uma gloriosa viagem a toda velocidade através de Derry, mas tomara o cuidado de deixar Richie desmontar um quarteirão antes da casa dele. Se a mãe de Richie o visse dando carona ao filho, na certa teria um ataque.

A cesta aramada de Silver estava cheia de revólveres de brinquedo para seis tiros, dois pertencentes a Bill e três a Richie. Os garotos haviam passado a maior parte da tarde nos Barrens, brincando de dar tiros. Beverly Marsh aparecera por volta das três horas, usando um jeans desbotado e levando um rifle de ar comprimido muito velho, que perdera a maior parte da pressão — quando se puxava o gatilho envolto em fita adesiva,ele proferia um assobio que a Richie parecia mais o som de alguém sentando em uma almofada muito velha, do que o de um tiro de rifle. A especialidade dela era o "japonês de tocaia". Bev era muito boa para trepar em árvore e disparar contra os incautos que passassem abaixo. A es-quimose em seu queixo havia desbotado para um amarelo-pálido.

— O que foi que disse? — perguntou Richie. Estava pasmo... mas também algo intrigado.

— Q-Q-Quero dar uma es-es-espiada debaixo daq-daquela va-varanda

— disse Bill.

Seu tom era teimoso, mas ele não olhou para Richie. Havia um forte ponto ruborizado no alto de seus malares. Tinham chegado em frente à casa de Richie. Maggie Tozier estava na varanda, lendo um livro. Acenou para eles, perguntando:

— Olá, garotos, querem um pouco de chá gelado?

— Vamos entrar logo, mamãe — disse Richie. Acrescentou para Bill:

— Não vai encontrar nada por lá. Ele com certeza viu apenas um vagabundo e distorceu as coisas, pelo amor de Deus! Sabe como é Eddie.

— S-Sim, eu s-s-s-ei como é E-E-Eddie, m-mas esq-esqueceu o r-r-retrato no á-álbum?

Richie moveu os pés, desconfortável. Bill ergueu a mão direita. Não havia mais Band-Aids, mas Richie pôde ver os pequenos círculos formados pelas cicatrizes nos primeiros três dedos do outro.

— Não esqueci, mas...

— E-E-Escute — disse Bill.

Começou a falar muito lentamente, mantendo os olhos de Richie fixos nos seus. Tornou a relatar as similaridades entre a história de Ben e a de Eddie... ligando-as ao que tinham visto na foto que se movia. Sugeriu novamente que o palhaço tinha assassinado os meninos e meninas que haviam sido encontrados mortos em Derry, desde o dezembro anterior.

— E t-t-talvez n-não te-tenha s-s-sido apenas e-eles — terminou Bill. O q-que m-m-me diz d-dos q-que de-de-desapareceram? O q-q-que m-me diz de E-E-Eddie C-C-Corcoran?

— Droga, ele ficou com medo do padrasto e caiu fora — disse Richie.

— É p-p-possível, m-mas p-p-pode t-t-er s-s-s-sido outra c-coisa — disse Bill. — Eu o c-c-conheci um p-pouco e s-s-sei que o p-padrasto b-batia n-ne-nele. T-Também s-s-sabia que ele c-c-ostumava p-passar n-noites fora, às v-vezes, p-para fi-ficar lo-longe d-d-dele.— Então, talvez o palhaço o tenha agarrado enquanto estava fora de casa — comentou Richie, pensativo. — Não acha?

Bill assentiu.

— E o que você quer então? O autógrafo dele?

— Se o pa-pa-palhaço matou os o-o-outros, t-t-também ma-matou Ge-Georgie — disse Bill. Seus olhos captaram os de Richie. Eram acerados e duros, ferozes, inflexíveis, — Eu q-quero m-m-matá-lo.

— Deus do céu! — exclamou Richie, amedrontado. — E como vai fazer isso?

— M-Meu p-pai tem uma pi-pi-pistola — disse Bill. Uma gotícula de saliva escapou-lhe dos lábios, porém Richie mal a percebeu. — E-Ele não s-s-sabe que eu s-s-ei, mas eu s-sei. E-Está na p-p-prateleira de c-c-cima em seu ar-ar-armário de r-r-roupas.

— Ótimo, se o palhaço for um homem — disse Richie. — E se pudermos encontrá-lo sentado sobre um monte de ossos de crianças...

— Já fiz o chá, meninos! — anunciou alegremente a mãe de Richie. — É melhor virem logo!

— Já vamos, mamãe! — tornou a gritar Richie, oferecendo-lhe um enorme e falso sorriso. O sorriso sumiu de repente, quando ele se virou de novo para Bill. — Porque eu não atiraria em um cara só porque estivesse usando uma roupa de palhaço, Billy. Você é meu melhor amigo, mas eu não faria isso e não deixarei que *você* faça, se puder impedir.

— E-s-s-se f-f-fosse mesmo um m-monte de os-os-ossos?

Richie lambeu os lábios e nada disse por um momento. Então, perguntou a Bill:

— O que fará se ele não for um homem, Billy? E se ele for realmente alguma espécie de monstro? E se tais coisas existirem mesmo? Ben Hans-com disse que ele era a múmia, que os balões de gás flutuavam contra o vento e que não havia sombras. A foto no álbum de Georgie... bem, nós imaginamos aquilo ou foi mágica. Então, eu quero lhe dizer, cara, não acho que apenas imaginamos aquilo. Seus dedos, por certo, não imaginaram, imaginaram?

Bill meneou a cabeça.

— Então, o que faremos se ele não for um homem, Billy?

— E-Então, t-t-temos que i-i-imaginar uma o-outra c-c-coisa.

— Oh, claro! — exclamou Richie. — Já posso imaginar. Depois que você o balear quatro ou cinco vezes, e ele continuar avançando para nós,como o Lobisomem Adolescente no filme que eu, Ben e Bev vimos, você pode experimentar sua atiradeira para atingi-lo. E se ela falha, jogo meu rape em cima dele. E se a coisa continuar avançando depois *disso,* bastará pedirmos tempo e dizer: “Ei, calma aí. Isto não está

dando certo, Sr. Monstro. Escute, preciso ler a respeito na biblioteca. Voltarei logo. Com licença." É isso que vai dizer, Grande Bill?

Olhou para o amigo, a cabeça latejando rapidamente. Parte dele queria que Bill insistisse na idéia de examinar debaixo da varanda daquela casa velha, mas outra parte queria — queria *desesperadamente* — que Bill desistisse da idéia. Em vários sentidos, era como haver penetrado em alguns daqueles filmes de terror das tardes de sábado, no Aladdin, mas em outro — um sentido crucial — não era nada disso. Porque a situação não era segura como um filme, onde se sabe que tudo terminará bem, mesmo que o espectador passe pelos piores sustos. A foto no quarto de Georgie não fora como um filme. Richie pensava que havia esquecido aquilo mas, aparentemente, apenas estivera enganando-se, porque agora podia ver aqueles cortes cicatrizados em torno dos dedos de Billy. Se não houvesse puxado Bill...

Incrivelmente, Bill estava sorrindo. *Sorrindo* mesmo.

— V-V-Você q-quis q-q-que eu o d-d-deixasse v-ver aq-aquela f-f-foto — disse ele. — A-Agora, q-quero q-que v-você v-v-veja a-aquela c-casa. U-Uma c-coisa p-p-pela o-outra!

— Você não tem medo? — disse Richie, e os dois riram com vontade.

— A-Amanhã de m-m-manhã — disse Bill, como se o assunto estivesse resolvido.

— E se for um monstro? — perguntou Richie, fitando-o nos olhos. — E se a arma de seu pai não conseguir pará-lo, Grande Bill? Se a coisa continuar avançando?

— A g-gente p-p-pensa em outra c-c-coisa — repetiu Bill. — T-temos q-que p-p-pensar.

Jogou a cabeça para trás e riu como um mergulhão. Após um momento, Richie riu também. Era impossível ficar sério.

Os dois subiram a alameda de ladrilhos irregulares para a varanda da casa de Richie. Maggie deixara lá grandes copos de chá gelado, enfeitados com galhinhos de hortelã, e um prato de biscoitos de baunilha.

— V-Você t-topa?

— Bem, não — disse Richie, — mas vou com você.Bill lhe bateu nas costas e isso pareceu tornar o medo suportável — embora Richie ficasse subitamente certo (e não se enganara) de que o sono custaria muito a chegar nessa noite.

— Vocês pareceram ter tido uma conversa séria lá fora, meninos — disse a Sra. Tozier, sentando-se com o livro em uma das mãos e um copo de chá gelado na outra.

Ela ficou olhando para os dois, esperando o que diriam.

— Oh, Bill teve uma idéia maluca de que os Red Sox vão terminar na primeira divisão — disse Richie.

— E-Eu e meu p-p-pai ach-achamos que eles t-têm ch-chance p-para um t-t-terceiro 1-lugar — disse Bill, e tomou um gole do chá gelado. — Is-Isto e-está m-muito g-gostoso, Sra. T-Tozier.

— Obrigada, Bill.

— O ano em que os Sox terminarem na primeira divisão, será o ano em que você vai parar de gaguejar, seu boca-frouxa — disse Richie.

— *Richie!* — exclamou a Sra. Tozier, chocada, quase deixando cair seu copo de chá.

Richie e Bill Denbrough, no entanto, riam às gargalhadas, como verdadeiros histéricos. Ela olhou do filho para Bill, novamente para o filho, tomada de um espanto que era sobretudo simples perplexidade, mas parcialmente um medo tão afiado e agudo, que lhe chegou ao fundo do coração e lá ficou vibrando, como um diapasão feito de puro gelo.

Não compreendo nenhum deles, pensou. *Não sei onde vão, o que fazem, o que querem... ou o que se tornarão. Às vezes, oh, às vezes seus olhos ficam alucinados, e às vezes sinto medo por eles, às vezes sinto medo* deles...

A Sra. Tozier se viu pensando, não pela primeira vez, em como seria ótimo ela e Went terem tido também uma filha, uma menininha loura, a quem ela pudesse pôr vestidinhos com laços de fita combinando nos cabelos e sapatinhos de couro preto aos domingos. Uma linda garotinha que pedisse para assar bolinhos depois das aulas, que gostasse de bonecas, em vez de livros sobre ventriloquia e modelos de carros Revell que rodavam velozmente.

Ela teria compreendido uma menininha.

12

— Está com você? — perguntou Richie ansiosamente.

Os dois subiam a Rua Kansas ao lado dos Barrens, empurrando suas bicicletas, às dez horas da manhã seguinte. O céu era de um cinzento fosco. Fora prevista chuva para aquela tarde. Richie só conseguira dormir depois da meia-noite e pensava que Denbrough tinha o ar de quem também tivera uma noite péssima; o velho Grande Bill estava com duas olheiras fortes.

— E-Está — disse Bill e bateu no blusão verde que usava.

— Deixe-me ver — pediu Richie, fascinado.

— Agora, não — respondeu Bill, depois sorrindo. — A-Alguém m-mais p-podia ver. M-Mas o-olhe o q-q-que eu t-trouxe.

Enfiou a mão debaixo do blusão, na parte de trás, e puxou a atira-deira do bolso traseiro.

— Oh, merda, estamos em apuros — disse Richie, começando a rir. Bill ganhara a cara atiradeira de alumínio em seu seu aniversário do ano anterior. Fora a promessa de Zack, entre o .22 que o filho queria e a férrea recusa da mãe em mesmo considerar uma arma de fogo como um presente a um menino da idade dele. O livreto de instruções dizia que uma atiradeira podia ser uma excelente arma de caça, desde que se aprendesse a usá-la. "Nas mãos certas, sua Atiradeira Tiro-certo é tão mortífera e eficiente como uma flecha ou uma arma de fogo", proclamava o livreto. Após expor tais predicados, o livreto alertava que uma atiradeira podia ser perigosa; seu dono só deveria disparar, contra uma pessoa, uma das vinte balas, semelhantes a rolamentos, que a acompanhavam.

Bill ainda não era muito bom na atiradeira (e, particularmente, pensava que jamais seria), mas achava que o anunciado no livreto dizia a verdade — o espesso elástico da atiradeira tinha um empuxe violento e, acertada uma lata de folha, produzia nela um diabo de buraco.

— Já melhorou nela, Grande Bill? — perguntou Richie.

— Um p-p-pouco — respondeu Bill.

Era parcialmente verdade. Após intenso estudo das ilustrações no livreto (que eram legendadas *figs.*, como em fig. 1, fig. 2, e assim por diante) e ter praticado no Parque Derry o suficiente para ficar com o braço dolorido, conseguira acertar o alvo de papel que *também* vinha com a atira-deira, talvez três vezes em cada dez tentativas. E, certa vez, atingira o centro do alvo. Ou quase.

Richie puxou a atiradeira pelo elástico, simulou fazer pontaria e depois a devolveu. Nada disse, mas tinha dúvidas; aquela atiradeira deveria salvar tanto quanto a arma de Zack Denbrough, chegada a hora de matar monstros.

— Muito bem, você trouxe sua atiradeira, foi uma grande coisa — disse Richie, — mas veja só o que *eu* trouxe, Denbrough!

Do bolso do blusão, tirou uma caixinha ostentando o desenho de um homem careca dizendo *At-CHIM!* enquanto suas bochechas estufavam-se como as de Dizzy Gillespie. RAPE DO DR. EXCÊNTRICO, dizia a caixa, o MELHOR DIVERTIMENTO!

Os dois entreolharam-se por um longo momento e então explodiram em risadas, um batendo nas costas do outro.

— E-E-Estamos p-p-preparados para tu-tudo — disse Bill finalmente, ainda rindo e enxugando os olhos com a manga do blusão.

— Sua cara e meu traseiro, Bill Gaguinho — disse Richie.

— P-Pensei q-q-que f-fosse o c-contrário — replicou Bill. — Agora, escute. V-Vamos d-deixar sua bi-bicicleta lá nos B-Barrens. O-Onde eu d-deixo Silver, quando brincamos. V-Você v-vem de c-carona co-comigo, para o caso de t-termos de fa-fazer uma retirada r-r-rápida.

Richie assentiu, sem vontade de discutir. Sua Raleigh de vinte e duas polegadas (ele às vezes batia com as rótulas no guidom, quando pedalava depressa), parecia uma bicicleta de pigmeu, ao lado do desconjuntado e gigantesco edifício que era Silver. Ele sabia que Bill era mais forte e Silver mais veloz.

Chegaram à pontezinha e Bill ajudou Richie a guardar a bicicleta debaixo dela. Depois se sentaram e, com o ruído ocasional do trânsito acima de suas cabeças, Bill puxou o zíper do blusão e tirou a pistola do pai.

— É b-bom t-tomar cu-cuidado — disse Bill, passando-lhe a arma, depois de Richie ter assobiado sua franca aprovação. N-Não há s-s-segurança em uma pi-pistola como essa.

— Está carregada? — perguntou Richie, reverente.

A arma, uma PPK-Walther, que Zack Denbrough recolhera durante a Ocupação, parecia incrivelmente pesada.

— A-Ainda n-não — respondeu Bill. Bateu com a mão no bolso. — T-Tenho al-algumas b-balas aqui, mas meu p-pai diz que às v-v-vezes ag-g-gente olha b-bem, p-pensa que a a-arma es-está descarregada, m-mas e-e-então ela se ca-carrega s-s-sozinha. E p-pode disparar na g-gente.

Surgiu em seu rosto um estranho sorriso, dizendo que, embora ele não acreditasse em algo tão tolo, ao mesmo tempo acreditava inteiramente. Richie compreendeu. Havia uma confinada intransponibilidade na coisa, algo que nunca sentira nos .22, .30-.30 de seu pai, ou mesmo no rifle (embora também houvesse qualquer coisa naquele rifle, não? — qualquer coisa na maneira como jazia recostado, mudo e azeitado, no canto do armário da garagem; era como se ele pudesse dizer *Eu poderia ser mau, se quisesse; muito mau, fique certo,* caso tivesse o dom da fala). Entretanto, esta pistola, esta Walther... era como se houvesse sido feita expressamente para balear pessoas. Com um arrepio, Richie compreendeu que para isso é que *tinha* sido fabricada. O que mais se poderia fazer com uma pistola? Acender cigarros?

Virou o cano para ele, tomando o cuidado de manter as mãos bem afastadas do gatilho. Uma espiada no olho negro e sem bordas da Walther o fez compreender perfeitamente o peculiar sorriso de Bill. Recordou seu pai dizendo: *Se você se lembrar de que não existe isso de uma arma descarregada, sempre levará a melhor com armas de fogo a vida inteira, Richie.* Ele devolveu a pistola a Bill, satisfeito em livrar-se dela.

Bill tornou a guardá-la dentro do blusão. De repente, a casa na Rua Neibolt pareceu a Richie menos amedrontadora... mas a possibilidade de que, de fato, pudesse haver derramamento de sangue — bem, isso lhe pareceu muito mais forte.

Olhou para Bill, talvez querendo discutir a idéia novamente, porem viu o rosto do outro, leu nele e disse apenas:

— Você está pronto?

13

Como sempre, quando Bill por fim tirava o segundo pé do contato do solo, Richie ficou certo de que iriam esborrachar-se, partindo seus crânios idiotas na dureza do cimento. A enorme bicicleta oscilava loucamente de um lado para outro. As cartas de baralho, presas aos raios das rodas, pareciam dar tiros isolados a princípio, depois transformando-se em uma rajada de metralhadora. Os gingados bêbados da bicicleta tornaram-se mais pronunciados. Richie fechou os olhos e esperou o inevitável.Então, Bill gritou:

— *Hi-yo Silver, VAAAAMOOOS!*

A bicicleta ganhou mais velocidade, e finalmente parou o gingado lado a lado que causava vertigens. Richie afrouxou a pressão no meio do corpo de Bill e segurou-se à frente do bagageiro sobre a roda traseira. Bill cruzou a Rua Kansas como um foguete, passou em disparada por pedestres em um ritmo ainda mais alucinante e encaminhou-se para a Wit-cham, como que apostando corrida, através de um conjunto de estágios geográficos. Chegaram como bólides à Rua Strapham e entraram na Witcham em desabalada arremetida. Bill deixou Silver inclinar-se perigosamente para um lado e tornou a gritar *"Hi-yo Silver!"*

— A toda, Grande Bill! — gritou Richie, tão assustado que estava quase sujando o jeans, mas rindo loucamente ao mesmo tempo. — *Levante-se* na bichinha!

Bill juntou a ação à palavra, ergueu-se sobre os pedais e, inclinado para os guidons, bombeou a movimentação dos pés em lunática rapidez. Olhando para as costas de Bill, que eram espantosamente largas para um garoto de onze para doze anos, vendo-as trabalhar sob o blusão, os ombros inclinando-se primeiro para um lado e depois para o outro, enquanto ele desviava o peso para um e outro pedal, Richie subitamente teve a certeza de que eram invulneráveis... de que viveriam para sempre e sempre. Bem... talvez não *eles,* mas Bill. Bill não tinha idéia do quanto era forte, do quanto era seguro e perfeito.

Continuaram em alta velocidade, as casas agora rareando um pouco, as ruas cruzando a Witcham em intervalos mais longos.

— *Hi-yo Silver!* — gritou Bill.

Por sua vez, Richie gritou em sua Voz do Negro Jim, alta e aguda:

— Hi-yo Silva, sinhô, que rapideis! O sinhô *sabe* cumo dirigi essa bicicleta! Jesuis Cristo! Hi-yo Silva, *VAAMOOO!*

Agora passava por campos verdes que pareciam achatados e sem profundidade sob o céu acinzentado. Richie podia ver a velha estação ferroviária de tijolos erguendo-se na distância. Para a direita, os prédios dos armazéns passavam por eles como enfileirados. Silver saltou sobre um par de trilhos, depois sobre outro.

E ali estava a Rua Neibolt, estendendo-se para a direita. Abaixo da placa indicadora da rua, um letreiro azul dizia PÁTIO FERROVIÁRIO DE DERRY. Estava enferrujado e

pendia de banda. Abaixo deste, havia umindicador muito maior, com letras negras em fundo amarelo. Era quase como uma indicação do próprio pátio ferroviário: FIM DA LINHA, dizia. Bill dobrou para a Rua Neibolt, manobrou para junto da calçada e baixou o pé.

— D-Daqui em di-diante, v-v-vamos a-andando.

Richie escorregou do bagageiro, com sentimentos mesclados de alívio e pesar.

— Certo — disse.

Caminharam pela calçada de piso rachado, com mato crescendo nas fendas. Mais adiante, no pátio ferroviário, um motor diesel funcionava lentamente; baixou de tom e então tudo recomeçou. Por uma ou duas vezes, ouviram a música metálica de vagões sendo acoplados.

— Está com medo? — Richie perguntou a Bill.

Levando Silver pelo guidom, Bill olhou brevemente para Richie e depois assentiu:

— E-Estou. E v-você?

— Claro que estou — respondeu Richie.

Bill contou a Richie que interrogara o pai, na noite anterior, a respeito da Rua Neibolt. Ele lhe dissera que muitos ferroviários tinham morado por ali até o final da Segunda Guerra Mundial — maquinistas, condutores, sinaleiros, trabalhadores do pátio, carregadores de bagagens. A rua fora declinando ao mesmo tempo em que o pátio ferroviário e, à medida que Bill e Richie avançavam, as casa ficavam mais separadas, infestadas pelo mato e mais sujas. As últimas três ou quatro dos dois lados estavam vazias, as portas e janelas pregadas com tábuas, os antigos jardins invadidos por mato alto. Um aviso À VENDA balançava-se melancolicamente à entrada de uma delas. Para Richie, aquele aviso parecia ter mil anos de idade. A calçada terminou e agora eles caminhavam por uma trilha batida, na qual as ervas daninhas cresciam sem muito entusiasmo.

Bill parou e apontou.

— É e-esta — disse baixinho.

Outrora, o número 29 da Rua Neibolt havia sido pintado de vermelho. Talvez, pensou Richie, ali morasse um maquinista, um homem solteiro que só usava calças jeans, com montes daquelas luvas de canos duros e quatro ou cinco fronhas para os travesseiros — um sujeito que só viria para casa uma ou duas vezes ao mês, durante suas folgas de três ouquatro dias, ouvindo rádio enquanto cuidava do jardim; um sujeito que geralmente comeria frituras (mas *nenhuma* verdura, embora as cultivasse para os amigos) e que, em noites de ventania, pensaria na Garota Que Deixara Para Trás.

Agora, a tinta vermelha da fachada desbotara para um rosa fanado, já descascando em feios retalhos semelhantes a feridas. As janelas eram olhos cegos, cobertos de tábuas. A maioria das persianas se fora. O matagal crescia desordenado em ambos os lados da casa e seu antigo gramado estava coberto pela primeira explosão de dentes-de-leão da temporada. À esquerda, um alto muro de tábuas, talvez um dia branco, mas agora desbotado para um cinza monótono que quase se nivelava ao do céu carregado, seguia por entre a espessa vegetação tombando para um e outro lado como um bêbado. Mais ou menos na metade da extensão do muro, Richie pôde ver um monstruoso maciço de girassóis — os maiores parecendo ter um metro e meio ou mais de altura. Tinha uma aparência in-tumescida, repugnante, que não lhe agradou. Uma brisa os balançava e eles pareciam afirmar, em uníssono: *Os garotos estão aqui, não é formidável? Mais garotos.* Nossos *garotos*. Richie estremeceu.

Enquanto Bill recostava Silver cuidadosamente contra um olmo, Richie observou a casa. Viu uma roda apontando da espessura do matagal, perto da varanda, e a apontou para Bill. Bill assentiu; era o triciclo tombado, que Eddie havia mencionado.

Olharam para os dois lados da Rua Neibolt. O ruído do motor a diesel aumentava, baixava, depois recomeçava. O som parecia pairar no ar, como um encantamento. A rua estava absolutamente deserta. Richie podia ouvir carros ocasionais passando na Rota 2, mas não os via.

O motor a diesel roncou e fungou, roncou e fungou.

Os enormes girassóis assentiam sabiamente em coro. *Garotos novos. Bons garotos.* Nossos *garotos.*

— E-E-Está p-p-pronto? — perguntou Bill. Richie sobressaltou-se ligeiramente.

— Sabe de uma coisa? Eu estava pensando que talvez tenha que devolver hoje os últimos livros que peguei na biblioteca — disse. — Acho que devia ir...

— F-Fora de di-discussão, R-R-Richie. E-Está p-pronto ou n-não?

— Acho que estou — respondeu Richie, sabendo que não estava pronto nem decidido, em absoluto — *ele jamais* estaria pronto para aquilo.Os dois cruzaram o gramado infestado de mato, em direção à varanda.

— V-V-Veja a-a-aquilo — disse Bill.

No final do lado esquerdo, a grade de treliça da varanda inclinava-se para fora, contra um emaranhado de arbustos. Os dois garotos puderam ver os pregos enferrujados que tinham sido empurrados dos seus lugares. Ali havia velhas roseiras e, enquanto as que ficavam à esquerda e à direita da parte tombada da treliça desabrochavam com indiferença, as diretamente em torno e à frente da mesma estavam mortas, esqueléticas.

Bill e Richie entreolharam-se sombriamente. Tudo quanto Eddie havia dito parecia verdade; sete semanas mais tarde, as evidências continuavam ali.

— Você não está realmente querendo entrar na varanda, está? — perguntou Richie, quase em tom de súplica.

— Nã-Nã-Não e-e-estou — disse Bill, — m-mas v-vou en-en-entrar!

Com o coração opresso, Richie percebeu que ele estava mesmo decidido. Havia novamente em seus olhos aquela luz acerada, brilhando com firmeza. Nas linhas de seu rosto surgira uma férrea determinação, que o fazia parecer mais velho. Richie pensou: *Acho que ele quer mesmo matar essa coisa, caso ela ainda esteja por aqui. Ele vai matá-la e talvez cortar-lhe a cabeça, que levará para o pai, dizendo: "Veja, foi isto que matou Georgie, agora você tornará a conversar comigo de noite, talvez apenas para contar-me como foi o seu dia ou quem perdeu quando apostavam para saber quem ia pagar o café da manhã."*

— Bill... — começou, mas Bill já não se achava ali.

Bill caminhava em torno do lado direito da varanda, por onde Eddie devia ter rastejado para baixo dela. Richie correu atrás dele e quase tropeçou no triciclo oculto pelo mato e enferrujando lentamente no chão.

Alcançou-o quando ele se agachava, espiando debaixo da varanda. Não havia grade de treliça naquela parte; alguém — algum vagabundo — a arrancara muito antes, para ganhar acesso àquele abrigo, fugindo à neve de janeiro, à chuva fria de novembro ou a uma tempestade de verão.

Richie agachou-se ao lado dele, o coração batendo como um tambor. Nada havia debaixo da varanda, além de folhas apodrecendo, jornais amarelados e sombras. Sombras demais.

— Bill — repetiu.— O q-q-que é?

Bill agora estava segurando novamente a Walther de seu pai. Havia puxado com cuidado a trava da empunhadura e tirava quatro balas do bolso das calças. Carregou a arma, colocando uma bala de cada vez. Ri-chie espiava, fascinado, depois tornou a olhar debaixo da varanda. Agora via algo mais. Vidro quebrado. Estilhaços brilhando fracamente. Seu estômago contorceu-se. Não era um menino idiota e compreendeu que aquilo vinha confirmar por completo a história de Eddie. Estilhaços de vidro sobre as folhas apodrecidas debaixo da varanda significavam que a janela tinha sido quebrada de dentro para fora. De dentro do porão.

— *O q-q-que é?* — tornou a perguntar Bill, olhando para ele. Seu rosto estava taciturno e pálido. Olhando para aquela face decidida, Richie atirou a toalha mentalmente.

— Nada — respondeu.

— V-Você v-v-vem?

— Vou.

Os dois engatinharam para baixo da varanda.

O cheiro de folhas putrefatas sempre agradara a Richie, mas aquele que aspirava ali embaixo nada tinha de agradável. As folhas tinham um toque esponjoso sob suas mãos e joelhos, dando-lhe a impressão de que poderia afundar nelas por cinqüenta centímetros ou um metro. De repente, perguntou-se o que faria se uma mão ou garra brotasse daquelas folhas e o agarrasse.

Bill examinava a janela partida. Havia pedaços de vidro espalhados por todo canto. A ripa de madeira que existira entre as vidraças jazia quebrada em dois pedaços, sob os degraus da varanda. O alto da moldura da janela saltara dos encaixes, como um osso quebrado.

— Alguma coisa bateu nesta merda aqui com muita força — ofegou Richie.

Bill espiava para o interior — ou tentava espiar — e assentiu. Richie ficou a seu lado, a fim de poder espiar também. O porão era um sombrio amontoado de caixas e caixotes. O piso era de terra e, como as folhas, irradiava um aroma úmido e mofado. Uma fornalha avolumava-se à esquerda, enviando redondos canos enferrujados para o teto baixo. Além dela, no fim do porão, Richie pôde distinguir uma comprida baia, com laterais de madeira. Uma baia para cavalos, foi seu primeiro pensamento, mas quem manteria cavalos naquele horrendo porão? Então, perce-beu que em uma casa tão antiga como aquela, a fornalha devia ter queimado carvão, em vez de óleo. Ninguém se dera ao trabalho de modificá-la, porque ninguém queria a casa. Assim, aquela coisa com laterais era um depósito de carvão. Na extrema direita, ele avistou um lance de degraus subindo para o nível do chão.

Agora, Bill se sentava... inclinava-se para diante... e antes de Richie perceber o que ele pretendia, as pernas de seu amigo desapareciam na janela do porão.

— Bill! Pelo amor de Deus! — sibilou. — O que você está *fazendo!* Saia *daí!*

Bill não respondeu. Escorregou pela abertura, fazendo com que o blusão se levantasse no fim de suas costas, passando rente a um pedaço de vidro que poderia tê-lo cortado fundo. Um segundo depois, Richie ouviu o ruído dos tênis dele batendo contra a terra dura do piso do porão.

— Que merda! — murmurou Richie para si mesmo, frenético, olhando para o quadrado de escuridão em que seu amigo desaparecera. — Bill, você perdeu o *juízo?*

A voz de Bill chegou até ele:

— P-P-Pode f-ficar aí f-f-fora se q-q-quiser, Ri-Ri-Richie. Mon-Montando g-g-guarda.

Em vez de ficar ali, Richie rolou a barriga e enfiou as pernas pela janela do porão, antes que a coragem o abandonasse, esperando não cortar as mãos ou o estômago nas pontas do vidro quebrado.

Algo o agarrou pelas pernas. Richie gritou.

— S-S-Sou eu — sussurrou Bill. Um momento mais tarde, Richie estava em pé ao lado dele, no porão, ajeitando a camisa e o blusão. -Q-quem p-p-pensou q-que f-fosse?

— O bicho-papão — disse, e riu tremulamente.

— V-V-Você v-vai por a-ali, que e-eu v-v-vou... p-por...

— Uma ova que vou — replicou Richie. Podia ouvir o coração martelando em sua voz, fazendo-a soar saltitante e irregular, subindo e descendo. — Vou ficar grudado em você, Grande Bill.

Os dois moveram-se primeiro para o depósito de carvão. Bill ligeiramente à frente, empunhando a arma, Richie colado a seus calcanhares, tentando espiar para todos os lados ao mesmo tempo. Bill parou além das laterais de madeira do depósito, ficou ali um instante, e em seguida girou subitamente em torno dele, apontando a arma com as duas mãos.

Richie apertou os olhos com força, enrijecendo-se para a explosão. Não houve nada. Ele tornou a abrir os olhos, cautelosamente.

— A-Aqui s-s-só t-tem ca-ca-carvão — disse Bill, e riu nervosamente. Richie chegou ao lado dele e espiou. Ainda havia um resto de carvão velho ali dentro, empilhado quase até o teto nos fundos do depósito, e via-se um pedaço ou dois junto aos pés deles. Era negro como breu.

— Vamos... — começou Richie.

Então, a porta acima dos degraus do porão foi aberta com violência, batendo estrondosamente contra a parede e jogando uma leve claridade do dia sobre a escada.

Os dois garotos gritaram.

Richie ouvia sons de rosnados. Eram muito altos — como os sons emitidos por um animal selvagem em uma jaula. Viram tênis descendo os degraus. Jeans desbotados acima deles... mãos oscilando...

Só que não eram mãos... eram garras. Garras enormes, deformadas.

— *Su-Su-Suba no c-c-carvão!*

Bill estava gritando, mas Richie permaneceu congelado, de repente sabendo o que vinha ao encontro deles, o que ia matá-los naquele porão fedendo a terra úmida e a vinho barato que fora derramado nos cantos. Sabendo, mas precisando ver.

— *Há uma ja-ja-janela no a-a-alto do c-c-carvão!*

As garras eram cobertas de denso pêlo marrom, retorcido e enrolado como arame; havia unhas pontudas nos dedos. Richie viu agora um blusão de seda. Era negro, com debruns amarelos — as cores do Ginásio de Derry.

— *V-V-Va!* — gritou Bill, dando em Richie um gigantesco empurrão.

Richie saltou para o carvão e começou a escalá-lo penosamente. Arestas e cantos agudos dos torrões e machucavam e ele respirava através da poeira que se erguia dali. Mas carvão caiu em avalanche sobre suas mãos. Aquele rosnado louco não cessava.

O pânico envolveu toda a mente de Richie.

Mal percebendo o que fazia, conseguiu chegar ao alto da montanha de carvão, ganhando terreno, tornando a escorregar para trás, subindo novamente e gritando, enquanto se movia. A janela do alto estava negra da poeira do carvão, sem deixar filtrar qualquer claridade. Estava fechada com um trinco. Richie pegou o trinco, que era do tipo de girar, jogan-do todo o seu peso contra ele. O trinco não se moveu um milímetro. Os rosnados agora estavam mais próximos.

A arma detonou abaixo dele, com um som quase ensurdecedor naquele recinto fechado. A fumaça da pólvora, acre e pungente, atingiu suas narinas. Isso o fez voltar um pouco à realidade e percebeu que estivera tentando girar o trinco para o lado errado. Inverteu a direção da força que aplicava, e o trinco cedeu, com um guincho enferrujado. O pó do carvão assentou em suas mãos como pimenta pulverizada.

Houve uma segunda e ensurdecedora detonação. Bill Denbrough gritou:

— VOCÊ MATOU MEU IRMÃO, SEU DESGRAÇADO!

Por um momento, a criatura que descera os degraus pareceu rir, pareceu falar — como se um cão maligno de repente começasse a latir palavras confusas e, por um momento, Richie pensou que aquela coisa vestindo o blusão do ginásio havia rosnado: *Eu também vou matar você.*

— *Richie!* — gritou Bill então.

Richie ouviu o carvão se entrechocando e caindo novamente, enquanto Bill escalava aquela montanha. Os rosnados e rugidos continuaram. Houve um ruído de madeira estilhaçada. Havia latidos e uivos — sons escapados de um pesadelo horrendo.

Richie deu um tremendo empurrão na janela, pouco ligando se o vidro se quebrasse e lhe cortasse as mãos em tiras. Estava além de qualquer preocupação. Ela não se quebrou: girou para fora, abrindo-se com um guincho acerado e velho, de mistura com ferrugem. Mais pó de carvão se elevou, agora no rosto de Richie. Ele se contorceu para o pátio lateral como uma enguia, ansiando por ar fresco, sentido a grama crescida chicotear-lhe as faces. Mal percebia que estava chovendo. Podia ver os talos grossos dos girassóis, verdes e peludos.

A Walther detonou uma terceira vez, e a fera no porão gritou, um som primitivo de pura fúria. Em seguida, foi Bill quem gritou:

— F-Fui ap-apanhado, Richie! Socorro! A c-c-coisa me p-p-pegou!

Richie se virou sobre as mãos e os joelhos. Viu o círculo aterrorizado do rosto do amigo, virado para o quadrado da grande janela do porão, através da qual uma carga de carvão para o inverno havia sido, noutros tempos, despejada a cada outubro.

Bill jazia esparramado no carvão. Suas mãos agitavam-se e esticavam-se inutilmente para a moldura da janela, que ficava quase ao seu alcance.Sua camisa e o blusão estavam enrolados até quase o osso esterno. E ele escorregava para trás... não, estava sendo *puxado* para trás, por algo que Richie mal conseguia ver. Era uma sombra móvel e volumosa atrás de Bill. Uma sombra que rosnava, balbuciava de modo incoerente, soando quase humana.

Richie não precisava vê-la. Já a tinha visto no sábado anterior, na tela do Cinema Aladdin. Era loucura total, mas, mesmo assim, a ele não ocorreu duvidar da própria sanidade ou da conclusão a que chegara.

O Lobisomem Adolecescente pegara Bill Denbrough. Só que, agora, não era mais aquele sujeito Michael Landon, com um bocado de maqui-lagem cobrindo o rosto e um bocado de pêlo. Era *real.*

E, como que para provar isso, Bill tornou a gritar.

Richie esticou o braço e agarrou as mãos dele. A Walther continuava em uma delas e, pela segunda vez nesse dia, Richie se viu espiando para seu olho negro... com a diferença de que, agora, a arma estava carregada.

Eles lutaram por Bill — Richie aferrando-lhe as mãos, o Lobisomem agarrado a seus tornozelos.

— *V-V-Vá embora d-d-daqui, Richie!* — gritou Bill. — *V-Vá...*

O rosto do Lobisomem destacou-se subitamente da escuridão. Sua testa era baixa e prognata, coberta de pêlo ralo. As faces eram fundas e peludas. Tinha olhos castanho-

escuros, cheios de horrível inteligência, horrível percepção. A boca se abriu, quando começou a rosnar. Uma espuma branca corria dos cantos do grosso lábio inferior, em duas correntes que lhe pingavam do queixo. Na cabeça, os pêlos tinham sido repuxa-dos para trás, em uma grotesca paródia do penteado de um adolescente. Ele jogava a cabeça atrás e rugia, seus olhos nunca largando os de Richie.

Bill esforçou-se em escalar o monte de carvão. Richie o agarrou pelos braços e puxou. Por um momento, pensou que fosse levar a melhor, mas então o Lobisomem aferrou novamente as pernas de Bill, e tornou a puxar para trás, para a escuridão. Aquela coisa era mais forte. Apoderara-se de Bill e queria tê-lo.

Então, sem pensar em absoluto no que fazia ou por que o fazia, Richie ouviu a Voz do Tira Irlandês saindo de sua boca, a voz do Sr. Nell Entretanto, não era Richie Tozier fazendo uma imitação ruim; nem mesmo era precisamente o Sr. Nell. Era a Voz de cada tira de ronda irlandês que já existiu e girou um cassetete por sua corda de couro cru, enquanto experimentava as portas de lojas fechadas, após a meia-noite:*Largue ele, sujeito, ou rebento sua cabeça dura! Juro por Jeisus! Largue ele agora mesmo ou farei você comer seu próprio traseiro em uma bandeja!*

A criatura no porão soltou um urro de fúria de lascar os tímpanos... mas pareceu a Richie que havia outra nota naquele berro. Ali também havia medo. Ou dor.

Deu mais um tremendo puxão, e Bill voou pela janela, indo cair sobre a relva. Ele ergueu para Richie os olhos escuros de pavor. A frente de seu blusão era uma mancha negra de pó de carvão.

— D-D-depressa! — ofegou Bill, quase gemendo. Agarrou a camisa de Richie. — N-N-Nós t-t-temos q-que...

Richie podia ouvir o carvão movendo-se e caindo em avalanche no porão. Um momento mais tarde, a cara do Lobisomem encheu a janela do porão. A criatura rosnou para eles. Suas garras aferraram a relva rala.

Bill continuava com a Walther — não a largara durante tudo aquilo. Agora, empunhando-a nas duas mãos, com os olhos formando fendas, ele puxou o gatilho. Houve outro tiro ensurdecedor. Richie viu um pedaço do crânio do Lobisomem soltar-se, enquanto uma torrente de sangue escorria pelo lado de sua face, misturando-se ao pêlo daquela parte e encharcando a gola do blusão escolar que vestia.

Rugindo, o Lobisomem começou a trepar na janela.

Movendo-se lentamente, como que em sonhos, Richie meteu a mão debaixo do casaco e dentro do bolso traseiro. Pegou a caixa com a figura do homem espirrando. Abriu-a, enquanto a criatura sangrenta se empurrava, rugindo, para fora da janela, forçando passagem, as garras fincando-se fundo na terra. Richie rasgou o envelope dentro da caixa e o comprimiu.

— *Volte para seu lugar, sujeito!* — ordenou, na Voz do Tira Irlandês. Uma nuvem esbranquiçada saltou para a cara do Lobisomem. Os rugidos cessaram de súbito. A coisa olhou para Richie com surpresa quase cômica e emitiu um sufocado som sibilante. Seus olhos, avermelhados e lacrimosos, giraram para o menino e pareceram marcá-lo, de uma vez para sempre.

Então, o Lobisomem começou a espirrar.

Espirrou, espirrou e espirrou. Filetes de saliva escorreram-lhe das beiçolas. Das narinas soltaram-se blocos de muco negro-esverdeado. Um deles espirrou para a pele de Richie, queimando o lugar como ácido. Ele limpou o muco, com um grito de dor e de nojo.Ainda havia raiva na cara da coisa, mas também dor — isso era indiscutível. Bill poderia ter ferido o Lobisomem com a pistola de seu pai, mas Richie o ferira mais... primeiro, com a voz do Tira Irlandês, depois com o rape.

Poxa, se eu tivesse algum pó que dá coceira e também um que desse cócegas, talvez pudesse matar essa coisa, pensou Richie.

Então, Bill o agarrou pela gola do blusão e o puxou para trás. Bem na hora, porque o Lobisomem parou de espirrar tão subitamente como havia começado e mergulhou para Richie. Foi um movimento rápido — incrivelmente rápido.

Richie talvez houvesse ficado ali, com o envelope vazio do Rape do Dr. Excêntrico em uma das mãos, olhando para o Lobisomem com uma espécie de drogado espanto, pensando em como era marrom o pêlo dele, como era vermelho o seu sangue, como nada era em preto e branco na vida real. Talvez ficasse ali, até que as garras da criatura se fechassem à volta de seu pescoço e as unhas compridas lhe dilacerassem a garganta, se Bill não o tivesse agarrado e posto em pé.

Richie saiu aos tropeções atrás dele. Os dois correram para a frente da casa, enquanto Richie pensava: *Essa coisa não ousará perseguir-nos mais, agora estamos na rua, ela não ousará perseguir-nos, não ousará, não ousará...*

A coisa, entretanto, não desistira. Richie podia ouvi-la atrás deles, balbuciando incoerentemente, rosnando, fazendo ruídos.

Lá estava Silver, ainda recostada contra a árvore. Bill pulou para o selim e jogou a pistola do pai na cesta-bagageira, onde havia carregado tantas armas de brinquedo. Richie aventurou um olhar para trás, quando saltou para o porta-bagagem traseiro, e viu o Lobisomem cruzando o desleixado jardim em direção a eles, agora a menos de dez metros de distância. Sangue e baba misturavam-se em seu blusão ginasiano. Osso branco cintilava através de sua pele, na altura da têmpora direita. Havia restos brancos do pó de rape nos lados de seu nariz. Richie viu ainda mais dois detalhes, que pareceram completar o seu horror. Não havia zíper no blusão da coisa; em vez disso, ele viu grandes e fofos botões alaranjados, como pompons. O outro detalhe era ainda pior. Foi essa outra coisa que lhe deu a sensação de que poderia desmaiar ou simplesmente entregar os pontos, deixar que o Lobisomem o matasse. Havia um nome bordadono blusão, bordado em fios dourados, do tipo que se poderia comprar na loja Machen's por uma prata.

Bordadas no sangrento lado esquerdo do peito do blusão da coisa, manchadas, mas ainda legíveis, estavam as palavras RICHIE TOZIER.

O Lobisomem investiu contra eles.

— *Vá, Bill!* — gritou Richie.

Silver começou a mover-se, mas lentamente — demasiado lentamente. Bill demorava ainda algum tempo para colocar a bicicleta em boa velocidade...

O Lobisomem cruzou a trilha de terra batida, no momento exato em que Bill pedalava para o meio da Rua Neibolt. O sangue pingava do jeans desbotado e, olhando sobre o ombro, tomado de uma espécie de terrível, ininterrupta fascinação próxima da hipnose, Richie reparou que a bainha nas pernas do jeans pendia em alguns pontos, formando buracos pelos quais apareciam tufos de pêlo castanho.

Silver gingou loucamente de um lado para outro. Bill estava ereto sobre os pedais, agarrando os guidons pela parte de baixo, a cabeça virada para o céu nublado, os tendões salientando-se no pescoço. E as cartas de baralho ainda estavam apenas emitindo o ruído de tiros isolados.

Uma garra estendeu-se para Richie. Ele soltou um grito de agonia e mergulhou para evitá-la. O Lobisomem rosnou e sorriu. Estava tão perto que Richie pôde ver-lhe as cómeas amareladas dos olhos, pôde sentir o adocicado fedor de podre em seu hálito. Os dentes eram presas contorcidas.

Richie tornou a gritar quando a coisa estendeu novamente a pata em sua direção. Estava certo de que o Lobisomem lhe arrancaria a cabeça — mas a garra passou à sua

frente, deixando de acertá-lo por questão de meros centímetros. A força do vento deslocado pela patada fez com que o cabelo suado se deslocasse de sua testa.

— *Hi-yo Silver, VAAAMOOOS!* — gritou Bill, com toda a força dos pulmões.

Tinha alcançado o topo de uma pequena elevação. Não era grande coisa, mas o suficiente para Silver ganhar velocidade. As cartas de baralho giraram mais velozes, começando a emitir tiros emendados. Bill pedalou como louco. Silver parou de ziguezaguear e iniciou uma corrida em linha reta pela Rua Neibolt abaixo, em direção à Rota 2.

Graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus, pensou Richie incoerentemente. *Graças a...*O Lobisomem tornou a rugir — *oh, meu Deus, parece que ele está BEM AO MEU LADO* — e a respiração de Richie foi cortada, quando a camisa e o blusão que vestia foram jogados contra sua traquéia. Ele emitiu um som gorgolejante, sufocado, conseguindo agarrar-se ao meio do corpo de Bill, pouco antes de ser puxado com força da bicicleta. Bill pendeu para trás, mas se segurou firme nos guidons. Por um momento, Richie pensou que a enorme bicicleta simplesmente rodopiaria, atirando os dois pela traseira. Foi quando seu blusão, que de qualquer modo já estava no ponto de ser enviado como donativo aos necessitados, rasgou-se nas costas ruidosamente, com um som forte, semelhante a um grande peido. Richie pôde respirar de novo.

Espiou em torno e olhou diretamente para aquelas pupilas assassinas.

"Bill!" ele tentou gritar, mas a palavra não tinha força e nenhum som.

Não obstante, foi como se Bill o tivesse ouvido, porque pedalou ainda com mais sanha, mais empenho do que jamais tivera na vida. Toda a sua coragem parecia emergir, em plena liberdade. Ele podia sentir um gosto espesso e acobreado de sangue, no fundo da garganta. Seus olhos avolumavam-se das órbitas. A boca pendia aberta, ansiando por ar. E um senso louco, inelutável de euforia — algo que era impetuoso e livre, que era apenas seu. Um desejo. Levantou-se sobre os pedais, insistiu neles; usou-os à vontade.

Silver continuou ganhando velocidade. Bill começava agora a sentir a estrada, começava a voar. Podia sentir-se ganhando terreno.

— *Hi-yo Silver!* — tornou a gritar. — *Hi-yo Silver, VAAAMOOOS!*

Richie podia ouvir o rumor apressado das batidas de tênis no maca-dame. Virou-se. A pata do Lobisomem atingiu-o acima dos olhos, com força espantosa, e por um instante ele pensou que a parte superior de sua cabeça fora arrancada. De repente, tudo parecia esmaecer, perder a importância. Os sons aumentavam e diminuíam. A cor desapareceu do mundo. Ele se virou de novo, aferrando-se a Bill com desespero. Um sangue quente correu de seu olho direito, ardendo.

A pata girou novamente, agora atingindo o pára-lama traseiro. Richie sentiu a bicicleta gingar loucamente, quase caindo, por fim tornando a endireitar-se. Bill voltou a gritar *Hi-yo Silver, VAMOS!* mas o grito também foi distante, como um eco ouvido pouco antes de morrer.

Fechando os olhos, Richie se manteve agarrado a Bill e esperou o fim.

14

Bill também ouviu os passos que corriam e compreendeu que o palhaço ainda não desistira, mas não ousara virar-se e espiar. Se a coisa os agarrasse e derrubasse, ele saberia no mesmo instante. Afinal, era tudo o que realmente precisava saber.

Vamos, bichinha, pensou. *Dê tudo o que pode agora! Tudo o que pode agora! Vamos Silver! VAMOS!*

Assim, mais uma vez Bill Denbrough se viu disputando uma corrida para derrotar o demônio, só que agora o demônio era um palhaço he-diondamente sorridente, cujo rosto suava tinta branca de maquilagem, cuja boca se encurvava em torcido e vermelho sorriso de vampiro, cujos olhos eram brilhantes moedas de prata. Um palhaço que, por algum lunático motivo, usava um blusão do Ginásio de Derry sobre seu traje prateado de gola alaranjada e alaranjados botões à maneira de pompons.

Vamos, bichinha, vamos — o que me diz, Silver?

A Rua Neibolt passou por ele como um borrão. Silver começava a cantarolar com vontade agora. Aquelas pisadas correndo não tinham ficado um pouquinho mais distantes? Ele ainda não ousava se virar para ver. Richie o apertava com tremenda força, tolhia sua respiração. Bill queria dizer-lhe que afrouxasse um pouco, mas não ousava perder alento com isso.

Lá, mais à frente, como um belo sonho, estava o sinal de trânsito marcando o cruzamento na Rua Neibolt com a Rota 2. Havia certos carros passando de um lado para outro na Witcham. Em seu estado de exaurido terror, isto parecia, de certa forma, um milagre para Bill.

Agora, porque precisava usar os freios um momento (ou fazer algo *realmente* inventivo), ele arriscou uma espiada sobre o ombro.

O que viu fez com que invertesse as pedaladas, em um só movimento brusco. Silver derrapou, queimando borracha com o pneu traseiro bloqueado, e a cabeça de Richie bateu dolorosamente no ombro direito de Bill.

A rua estava totalmente vazia.

Entretanto, a uns vinte metros atrás deles, junto à primeira das casas abandonadas que formavam uma espécie de cortejo fúnebre levando ao pátio ferroviário, houve um vivido lampejo alaranjado. Jazia perto de um bueiro, situado ao lado do meio-fio.— Uhhhh...

Quase tarde demais, Bill percebeu que Richie escorregava de Silver pela traseira. Ele tinha os olhos revirados, deixando ver apenas a borda inferior das íris, abaixo das pestanas. A haste emendada de seus óculos pendia torta. Havia sangue fluindo lentamente de sua testa.

Bill o agarrou pelo braço, os dois escorregaram para a direita e Silver perdeu o equilíbrio. Tombaram ambos na rua, em uma confusão de braços e pernas, Bill caiu sobre um cotovelo, o que lhe provocou um grito de dor. Os olhos de Richie tremularam com o som.

— Eu lhe mostro como chegar ao tesouro, senhorr, mas esse sujeito Dobbs é muito perigoso — disse Richie, ofegando enrouquecidamente.

Era a sua Voz Pancho Vanilla, mas Bill ficou muito assustado ao perceber como flutuava, como parecia desligada. Viu vários pêlos ásperos e castanhos aderidos ao raso ferimento na testa de Richie. Eram ligeiramente espiralados, como os pêlos púbicos de seu pai. Aquilo o deixou mais amedrontado ainda, e deu um forte tapa no lado da cabeça do amigo.

— *Aiffl* — gritou Richie. Suas pálpebras tremeram, depois ele abriu os olhos inteiramente. — Com que está me batendo, Grande Bill? Vai acabar quebrando meus óculos. Já não estão em perfeito estado, caso ainda não tenha percebido.

— Eu p-p-p-pensei que v-você es-estivesse mor-mor-morrendo ou c-coisa as-assim — respondeu Bill.

Richie sentou-se lentamente na rua e levou uma mão à cabeça. Gemeu, com um resmungo.

— O que ac...

Então, recordou. Seus olhos dilataram-se subitamente, de choque e terror. Conseguiu ficar de joelhos, ofegando com dificuldade.

— N-N-Não há n-nada — disse Bill. — E-E-Ele s-se f-f-foi, R-R-Richie. Já s-s-se f-f-foi!

Richie viu a rua vazia, onde nada se movia, e de repente debulhou-se em lágrimas. Bill o fitou por um instante e então o enlaçou com os braços, apertando forte. Richie agarrou-se ao seu pescoço e o abraçou também. Queria dizer algo inteligente, algo sobre como Bill deveria ter tentado a atiradeira contra o Lobisomem, porém nada lhe ocorria. E nada conseguia fazer, exceto soluçar.

— C-C-Calma, R-Richie — disse Bill. — C-C-Cal...— Então, também ele prorrompeu em soluços. Os dois ficaram ajoelhados e abraçados na rua, ao lado da bicicleta caída de Bill, suas lágrimas riscando listras limpas nas faces inteiramente cobertas de pó de carvão.

CAPÍTULO 9

A Limpeza

1

Em algum ponto nas alturas acima do Estado de Nova York, na tarde de 29 de maio de 1985, Beverly Rogan começa a rir novamente. Tenta sufocar o riso com as duas mãos, receando que alguém a julgue louca, mas é impossível contê-lo de todo.

A gente ria um bocado naquele tempo, *pensa ela. Isso é algo mais, outra luz na escuridão.* Tínhamos medo o tempo todo, mas não podíamos parar de rir, como agora também não consigo.

O sujeito sentado perto dela, na poltrona junto ao corredor, é jovem, cabeludo, de boa aparência. Dirigiu-lhe vários olhares apreciativos desde que o avião levantou vôo em Milwaukee, às duas e meia da tarde (quase duas horas e meia atrás, agora, com uma parada em Cleveland e outra em Filadélfia), mas respeitou seu claro desejo de não querer conversar; após umas duas frases superficiais, que ela respondeu com palavras polidas, mas apenas isso, ele abre sua sacola de viagem e tira uma novela de Robert Ludlum.

Agora ele fecha o livro, marcando a página com um dedo, e fala, mostrando certa preocupação:

— Tudo bem com você?

Ela assente, tentando mostrar uma expressão séria, mas logo recomeça a rir. Ele ri um pouco, perplexo, inquisitivo.

— Não é nada — diz ela, tentando de novo ficar séria.

De qualquer modo, não adianta; quanto mais procura ficar séria, mais seu rosto quer explodir de riso. Como nos velhos tempos.— Acontece apenas — explica, — que

percebi que não sabia em que linha aérea estava viajando. Vi somente que havia um grande p-p-pato no l-l-lado...

Quando pensa nisso, é demais. Ela torna a explodir em jatos de gargalhadas. Viajantes mais próximos viram-se em sua direção, alguns franzindo a testa.

— Republic — diz ele.

— Como?

— Você está varando os ares a quatrocentos e setenta e seis quilômetros horários, cortesia da Republic Airlines. Consta do folheto KYAG, na bolsa da poltrona.

— KYAG?

Ele tira o folheto (que realmente exibe o logotipo da Republic na capa) da bolsa da poltrona. Ali está explicado onde ficam as saídas de emergência, onde estão os dispositivos para flutuar, como usar as máscaras de oxigênio, como o passageiro deve ficar na posição para pouso acidentado.

— É o folheto "kiss-your-ass-goodbye" ("Dê adeus a seu traseiro". Em inglês, as iniciais da frase formam o termo Kyag. - N. da T.) *— diz ele e, desta vez, os dois explodem em risadas.*

De fato, ele é *muito atraente, pensa ela de súbito — é um pensamento novo, de certa forma límpido, do tipo que esperamos ter quando acordamos, quando nossa mente não está toda confusa. O rapaz usa um pulôver de mangas compridas ejeans desbotados. Os cabelos louro-escuros estão amarrados atrás da cabeça com um pedaço de couro cru, o que a faz pensar no rabo-de-cavalo que sempre usava quando menina. Ela pensa:* Aposto como ele tem um bom e polido cacete de universitário. Comprido o bastante para trepar e não grosso o suficiente para ser muito arrogante.

Começa a rir de novo, incapaz de conter-se. Percebe que nem mesmo tem um lenço para enxugar os olhos lacrimosos, o que aumenta sua hilaridade.

— É melhor controlar-se ou a comissária de bordo a jogará para fora do avião — diz ele solenemente.

Ela apenas sacode a cabeça, rindo; suas costelas e o estômago começam a doer.

Ele lhe passa um lenço branco, que ela usa. De algum modo, isso a ajuda a finalmente parar de rir. Não pára inopinadamente, contudo. O riso vai diminuindo para pequenos soluços entre respirações curtas. De vez em quando, ela torna a pensar no grande pato na fuselagem do avião e solta outra fieira de risadinhas sufocadas.

Após algum tempo, devolve o lenço.

— Obrigada.

— Céus, o que aconteceu com sua mão?

Ele lhe segura a mão por um instante, preocupado. Ela olha e vê as unhas quebradas, as que quebrou ao virar rapidamente o toucador em cima de Tom. A lembrança de ter feito isso machuca mais do que as próprias unhas e lhe estanca o riso para sempre. Ela retira a mão que o rapaz segura, mas com gentileza.

— Machuquei quando bati a porta do carro, no aeroporto — diz. Enquanto isso, pensa em todas as vezes que mentiu sobre coisas que

Tom lhe fazia, em todas as vezes que mentiu sobre as equimoses que seu pai lhe produzia. Será esta a última vez, a última mentira? Que bom que fosse... é quase bom demais para crer. Pensa em um médico examinando um paciente com câncer terminal e dizendo: os raios-X mostram que o tumor está se reduzindo. Não imaginamos por que, mas é a verdade.

— Deve doer como o diabo — diz ele.

— Tomei uma aspirina.

Ela torna a abrir a revista que encontrou a bordo, embora provavelmente seu companheiro de poltrona saiba que já a folheou duas vezes.

— Para onde vai?

Ela fecha a revista, olha para ele, sorri.

— Você é muito gentil — diz, — mas não estou com disposição para conversar. Está bem?

— Está bem — responde ele, sorrindo de volta, — mas se quiser beber um drinque à saúde do patão no lado do avião, quando chegarmos a Boston, é minha convidada.

— Obrigada, mas tenho que pegar outro avião.

— Caramba, meu horóscopo estava inteiramente errado esta manhã — diz ele, tornando a abrir sua novela. — De qualquer modo, fica muito bem quando ri. Um cara poderia apaixonar-se.

Ela abre a revista outra vez, mas percebe que está examinando as unhas partidas, em vez de ler o artigo sobre as diversões de Nova Orleãs. Há bolhas de sangue pisado sob duas delas. Em sua mente, ouve Tom gritando para o vão da escada: "Eu mato você, sua cadela! Sua cadela *fodida! Ela estremece, sente frio. Uma cadela para Tom, uma cadela para as costureiras que davam mancadas antes de desfiles importantes e levavam broncas de Beverly Rogan por isso, uma cadela para seu pai, muito antes de Tom ou das desafortunadas costureiras fazerem parte de suas vidas.*

Uma cadela.

Sua cadela.

Sua cadela fodida.

Ela fecha os olhos momentaneamente.

Seu pé, cortado em um caco de vidro de perfume quando ela fugia do quarto, lateja mais do que os dedos. Kay lhe deu um Band-Aid, um par de sapatos e um cheque de mil dólares, que Beverly descontou prontamente às nove da manhã, no First Bank of Chicago da Praça Watertower.

Entre protestos de Kay, Beverly lhe preenche um cheque de mil dólares, em uma folha em branco de papel para datilografia.

— Certa vez, li que eles têm de aceitar um cheque, não importa em que esteja escrito — disse a Kay. Sua voz parecia estar vindo de outro lugar. De um rádio em algum aposento, talvez. — Houve alguém que descontou um cheque redigido em uma granada de artilharia. Acho que li isso no Livro de Curiosidades, *creio. — Fez uma pausa, depois riu sem jeito. Kay a fitou com ar sério, até solenemente. — De qualquer modo, em seu lugar eu o descontaria logo, antes que Tom pense em bloquear as contas bancárias.*

Embora não pareça cansada (não obstante, percebe *que, a essa altura, deve estar funcionando apenas à base dos nervos e do café preto de Kay), a noite anterior lhe dá a impressão de algo sonhado.*

Pode recordar que foi seguida por três adolescentes que a chamavam e assobiavam, mas sem ousar abordá-la. Recorda o alívio sentido quando avistou a claridade branca das luzes fluorescentes de uma loja, derramando-se na calçada de uma esquina. Beverly entra e deixa que um balconista de rosto com espinhas espie pelo decote de sua blusa velha, enquanto pede a ele os quarenta centavos para o telefone público. Não foi difícil, em vista do quadro que o sujeito apreciou.

Ligou primeiro para Kay MacCall, discando o número de cor. O telefone tocou umas doze vezes, levando-a a temer que Kay estivesse em Nova York. A voz sonolenta de Kay finalmente murmurou, quando ela já ia desligar:

— Seja você quem for, é melhor que seja uma boa noticia.

— Sou eu, Bev, Kay — respondeu, hesitante, mas depois soltou: — Preciso de ajuda.

Houve um momento de silêncio, e então Kay tornou a falar, agora parecendo plenamente desperta.

— Onde é que você está? O que aconteceu?

— Estou em uma loja "Seven-Eleven", na esquina da Avenida Streyland com outra rua qualquer. Eu... Kay, eu abandonei Tom.

Kay rapidamente parece enfática, excitada:

— Ótimo! Afinal! Viva! Vou aí apanhar você! Aquele filho da mãe! Aquele pedaço de bosta! Vou aí pegar você, no fodido Mercedes! Vou contratar uma banda de quarenta músicos! Vou...

— Eu pego um táxi — disse Bev, segurando as outras duas moedas em uma palma suada. No espelho redondo dos fundos da loja pode ver o balconista espinhento olhando para seu traseiro, com profunda e sonhadora concentração. — Só que você terá de pagar a corrida quando eu chegar aí. Não tenho dinheiro nenhum comigo. Nem um centavo.

— Darei uma gorjeta de cinco pratas ao bastardo! — exclamou Kay. Esta é a melhor porra de notícia, desde que Nixon renunciou! Mova seu traseiro para cá, garota. E... — Ela fez uma pausa, e quando tornou a falar, sua voz era séria, tão impregnada de gentileza e amizade, que Beverly sentiu vontade de chorar! — Graças a Deus por você finalmente decidir-se, Bev. Falo sério. Graças a Deus!

Kay McCall é uma ex-desenhista que casou já rica, divorciou-se ainda mais rica e descobriu a política feminista em 1972, uns três anos antes de Beverly conhecê-la. Na época de sua maior popularidade/controvérsia, foi acusada de ter abraçado o feminismo após usar leis arcaicas e chau-vinistas para arrancar do marido fabricante cada centavo que legalmente poderia extorquir.

— Cascata pura! — exclamara Kay certa vez para Beverly. — Aquelas pessoas que dizem isso nunca tiveram que ir para a cama com Sam Chacowicz. Duas estocadas, uma coceirinha e um espirro, era o lema do velho Samy. A única vez em que conseguia segurar-se por mais de setentasegundos, era quando se masturbava na banheira. Não o roubei; apenas recebi retroativamente meu soldo de combate.

Ela escreveu três livros — um sobre feminismo e a mulher que trabalha, um sobre feminismo e a família, outro sobre feminismo e espiritualidade. Os dois primeiros foram muito populares. Nos três anos após a publicação do último, Kay se tornara mais ou menos ultrapassada e, na opinião de Beverly, sentira-se aliviada com isso. Seus investimentos tinham rendido bastante ("feminismo e capitalismo não são mutuamente exclusivos, graças a Deus", ela dissera um dia a Bev) e agora era uma mulher rica, com uma casa na cidade, uma propriedade no campo e dois ou três amantes viris o bastante para demorarem com ela na cama, porém não tão viris para a derrotarem no tênis.

— Quando chegam a ficar tão peritos assim, eu me desfaço deles imediatamente — afirmou e, embora fizesse disso uma piada, Beverly perguntava-se se não seria verdade.

Beverly ligou pedindo um táxi e, quando ele chegou, acomodou-se no banco traseiro com sua mala, feliz por afastar-se dos olhares do balconista. Então, deu ao motorista o endereço de Kay.

Kay a esperava no início de sua entrada para carros, usando o casaco de vison sobre uma camisola deflanela. Calçava fofas e felpudas pantufas cor-de-rosa, com enormespompons. Não pompons alaranjados, graças a Deus — isso poderia novamente

enviar Beverly aos gritos, dentro da noite. A corrida até a residência de Kay fora muito estranha: coisas retornavam à memória de Bev, as lembranças surgiam tão depressa e nítidas, que a situação chegara a ser amedrontadora. Era como se alguém fizesse funcionar um enorme trator em sua cabeça e começasse a escavar uma sepultura mental que ela ignorava existir ali. Apenas, eram nomes, em vez de corpos, que iam emergindo, nomes em que não pensara durante anos: Ben Hanscom, Richie Tozier, Greta Bowie, Henry Bowers, EddieKaspbrak... BillDenbrough. Especialmente Bill — Bill Gaguinho, era como o chamavam, com aquela franqueza infantil que às vezes tem o nome de candura, outras o de crueldade. Ele lhe parecera tão alto, tão perfeito (bem, até abrir a boca e começar a falar).

Nomes... lugares... coisas que tinham acontecido.

Sentindo frio e calor alternadamente, ela recordara as vozes que saíam do ralo... e o sangue. Havia gritado e o pai lhe batera. Seu pai... Tom...As lágrimas queriam surgir... e então Kay estava pagando ao motorista, dando-lhe uma gorjeta tão polpuda, que ele exclamou, apalermado: "Obrigado, senhora! Uau!"

Kay a levou para dentro, botou-a no chuveiro, deu-lhe um robe ao terminar o banho, fez café, examinou seus machucados. Passou mercurocromo no corte de seu pé e colocou um Band-Aid sobre ele. Despejou uma dose generosa de brandy na segunda xícara de café para Bev e ordenou-lhe que bebesse até a última gota. Depois fritou dois bons bifes para ambas e preparou cogumelos frescos, sautée, para acompanhá-los.

— Muito bem — disse então. — O que aconteceu? Devemos chamar os tiras ou apenas enviá-la a Reno, para cumprir seu período de residência?

— Não vou chegar a tanto — disse Beverly. — Pareceria demasiado louco. Afinal, a maior parte da culpa foi minha e...

Kay bateu com a mão na mesa. O som sobre a polida superfície de mogno pareceu um tiro de pistola de pequeno calibre. Bev saltou.

— Não fale assim! — exclamou Kay. Suas faces estavam vermelhas e os olhos castanhos falseavam. — Há quanto tempo somos amigas? Nove anos? Dez? Se ouvi-la dizer mais uma só vez que a culpa foi sua, fique certa de que vomito. *Não foi sua culpa desta vez, da última, da penúltima e nem de* nenhuma *das outras. Não sabe que, na opinião da maioria de seus amigos, ele mais cedo ou mais tarde a deixaria engessada de corpo inteiro ou talvez até mesmo a matasse?*

Beverly a fitava de olhos arregalados.

— Isso *é que queria culpa sua, pelo menos em parte, por ficar lá, esperando que acontecesse. Bem, agora você o deixou. Graças a Deus por pequenos favores. Entretanto, não fique aí sentada, com metade das unhas partidas, um pé ferido e marcas de cinto nos ombros, me dizendo que a culpa foi sua.*

— Ele não me bateu com o cinto — disse Bev.

A mentira era automática... e também a profunda vergonha, que levou um infeliz fluxo de sangue às suas faces.

— Se *terminou com Tom, devia terminar também com as mentiras — disse Kay em voz suave, fitando-a tão demoradamente e com tanta amizade, que Bev teve de baixar os olhos. Podia sentir o salgado das lágrimas no fundo da garganta. — A quem pensou que enganava? — perguntou Kay, ainda falando no mesmo tom de voz. Por sobre a mesa, segurou as mãos de Bev. — Os óculos escuros, as blusas de gola alta e mangas compridas... talvez pudesse enganar a um ou dois compradores, mas não a seus amigos, Bev. Não às pessoas que gostam de você.*

Então Beverly chorou, longa e dolorosamente, enquanto Kay a abraçava. Mais tarde, pouco antes de ir para a cama, contou à amiga o que pôde; disse-lhe que um

velho amigo de Derry, no Maine, onde se criara, havia telefonado, recordando-lhe uma promessa que fizera muito tempo atrás. Ele havia dito que chegara o momento de cumprir aquela promessa. Ela iria? Ela respondera que iria. Então, começaram aí os problemas com Tom.

— E que promessa era? — perguntou Kay. Beverly abanou a cabeça lentamente.

— Não posso dizer-lhe, Kay. Por mais que o desejasse. Kay aceitou a resposta, depois assentiu.

— Tudo bem. É justo. O que vai fazer em relação a Tom, após voltar do Maine?

E Bev, que começara a sentir cada vez mais que não voltaria mais de Derry, nunca, disse apenas:

— Primeiro virei procurá-la e decidiremos juntas. Certo?

— Certíssimo — respondeu Kay. — Também é uma promessa?

— Tão logo eu esteja de volta — declarou Bev com firmeza, — pode contar com isso.

Em seguida, deu um forte abraço em Kay.

Com o cheque de Kay descontado e os sapatos de Kay nos pés, ela tomara um ônibus Greyhound para o norte, direto a Milwaukee, receando que Tom pudesse ter ido ao aeroporto O'Hare à sua procura. Kay, que a acompanhara ao banco e depois à estação rodoviária, tentou dissuadi-la.

— O O'Hare fervilha de seguranças, querida — disse. — Não terá de preocupar-se com ele. Se chegar perto de você, basta começar a gritar a plenos pulmões.

Beverly meneou a cabeça.

— Quero evitar qualquer contato com ele e esta será a maneira. Kay a fitou agudamente.

— Tem medo de que a convença a voltar, não é?

Beverly pensou neles sete, em pé no meio da corrente, em Stanley e seu caco de garrafa de Coca cintilando ao sol; pensou na ligeira dor que sentira quando ele lhe dera um talho leve na palma, pensou nelesdando-se as mãos, em um círculo infantil, prometendo voltar se aquilo recomeçasse... voltar e exterminá-lo para sempre.

— Não — respondeu. — Ele não me convenceria a voltar, jamais me faria desistir disto. Entretanto, poderia ferir-me, com ousem guardas de segurança. Você não o viu à noite passada. Kay.

— Já vi o suficiente dele em outras ocasiões — respondeu Kay, e suas sobrancelhas se uniram. — O ânus que caminha como um homem.

— Ele estava louco — disse Bev. — Guardas de segurança não o deteriam. Assim é melhor, acredite, Kay.

— Está bem — replicou Kay, com relutância.

Um tanto divertida, Bev pensou que ela ficara desapontada por não haver nenhum confronto, nenhuma briga que precipitaria o final glorioso.

— Desconte o cheque o quanto antes — Beverly tornou a lembrar. — Antes que ele pense em congelar as contas. Ele fará isso, você sabe.

— Claro — respondeu Kay. — Só que, se fizer isso, iremos procurar o filho da puta com um chicote e o tiraremos de circulação.

— Fique longe dele — disse Beverly vivamente. — Tom é perigoso. Kay. Acredite no que lhe digo. Ele parecia... — Parecia meu pai, *tremulou em seus lábios. Em vez disso, ela falou: — Ele parecia um louco varrido.*

Está bem — respondeu Kay. — E não se preocupe, minha querida. Vá cumprir sua promessa. Enquanto isso, pense no que virá mais tarde.

— Pensarei — disse Bev, mas era mentira.

Havia muito mais coisas em que pensar: o que acontecera no verão em que tinha onze anos, por exemplo. Mostrar a Richie Tozier como fazer o seu ioiô dormir, por exemplo. Vozes vindas pelo ralo, por exemplo. E algo que tinha visto, algo tão horrível, que mesmo agora, abraçando Kay pela última vez, junto à comprida lataria prateada do rosnante ônibus Greyhound, sua mente não lhe permitia ver direito.

Agora, enquanto o avião com o pato na fuselagem inicia sua longa descida para a área de Boston, a mente de Beverly volta àquilo novamente... a Stan Uris... a um poema sem assinatura, escrito em um cartão-postal... às vozes... e àqueles poucos segundos, quando estivera frente a frente com algo que talvez fosse infinito.

Ela olha pela janela, espia para baixo e pensa que a malignidade de Tom é uma coisa pequenina, insignificante, comparada à malignidade que a espera em Derry. Se há uma compensação, é a de que Bill Denbrough estará lá... e houve uma época em que uma garota de onze anos chamada Beverly Marsh amou Bill Denbrough. Ela recorda o cartão-postal com o adorável poema escrito nas costas, recorda que um dia soube quem o escrevera. Não consegue recordar mais nada, como não se lembra exatamente do que dizia o poema... porém pensa que o remetente podia ter sido Bill. Sim, podia perfeitamente ser coisa de Bill Denbrough Gaguinho.

De repente, pensa em como se aprontou para ir dormir, na noite daquele dia em que Richie e Ben a tinham levado para ver aqueles dois filmes de terror. Ia dormir, após ter sido convidada para sair com um garoto pela primeira vez. Havia pilheriado com Richie a respeito — naqueles tempos, era esta a sua defesa quando estava na rua — porém uma parte dela ficara emocionada e excitada, além de um pouco amedrontada. De fato, tinha sido a sua primeira saída, embora fossem dois garotos, em vez de um. Richie tinha pago sua entrada e tudo, como em um verdadeiro encontro a dois. Então, mais tarde, houvera garotos que o perseguiam... e depois tinham passado o resto da tarde nos Barrens... e Bill Denbrough chegara com outro garoto, ela não recordava quem, mas recordava a maneira como os olhos de Bill haviam pousado nos seus por um momento, o choque elétrico que ela sentira... o choque e um rubor que parecia aquecer seu corpo inteiro.

Ela recorda tudo isso agora e também quando vestia a camisola e ia para o banheiro, lavar o rosto e escovar os dentes. Recorda ter pensado que iria demorar muito a dormir essa noite, porque havia tanto em que pensar... e pensar naquilo em um bom sentido, porque eles pareciam bons garotos, garotos com quem se pode brincar e talvez ate confiar neles um pouco. Isso seria ótimo. Isso seria... bem, como o paraíso.

Então, pensando nessas coisas, ela pegou sua esponja para lavar o rosto, inclinou-se sobre a pia por causa da água, quando a voz

2

chegou pelo cano do ralo, sussurando:

— Socorro...

Beverly recuou, assustada, a esponja seca se soltando de suas mãos, caindo ao chão. Sacudiu de leve a cabeça, como que para arejá-la, e então tornou a inclinar-se sobre a pia, olhando curiosamente para o ralo de escoamento. O banheiro ficava nos fundos de seu apartamento de quatro peças. Vagamente, ela podia ouvir um programa de faroeste passando na televisão. Quando o programa terminasse, seu pai talvez ligasse para um jogo de beisebol ou para as lutas de boxe, acabando adormecido em sua poltrona.

O papel de parede do banheiro era um padrão hediondo de rãs sobre folhas de nenúfar. Empolava-se e intumescia acima do reboco encaroça-do que lhe ficava por baixo. Estava marcado pela água em alguns pontos e realmente descascando em outros. A banheira tinha marcas de ferrugem, o assento da privada estava rachado. Uma lâmpada nua de 40 velas pendia de um soquete de porcelana, acima da pia. Beverly podia recordar — fracamente — um lustre que já houvera ali, mas que se quebrara anos antes e nunca tinha sido substituído. O chão era forrado de linóleo cujo desenho desbotara, exceto por um pequeno trecho debaixo da pia.

Não era um aposento muito aconchegante, mas Beverly o usara por tanto tempo que deixara de reparar como era sua aparência.

A pia também mostrava manchas provocadas pela água. O ralo era apenas uma cruzeta dentro de um círculo metálico, com uns cinco centímetros de diâmetro. Certa vez houvera um acabamento cromado, mas também há muito já se fora. Um tampão de borracha, preso a uma corrente, desenrolava-se molemente da torneira marcada F. O buraco do ralo era um cano escuro e, ao inclinar-se sobre ele, Beverly percebeu, pela primeira vez, que dali se exalava um cheiro fraco e desagradável — um ligeiro odor de peixe. Franziu o nariz, algo repugnada.

— Socorro...

Ela ofegou. Aquilo *era* uma voz. Imaginara algum chocalhar nos canos... talvez apenas imaginação... qualquer lembrança daqueles filmes...

— Socorro, Beverly...

Ondas alternadas de frio e calor passaram por seu corpo. Ela havia retirado a tira de borracha que lhe prendia os cabelos, agora espalhados sobre os ombros, em vivida cascata. Podia sentir as raízes tentando enrijecer.

Não percebendo ao certo o que dizia, tornou a inclinar-se sobre a pia e perguntou, em um meio sussurro:

— Olá? Tem alguém aí?

A voz que vinha pelo cano fora a de uma criança muito nova, que talvez houvesse aprendido recentemente a falar. E, a despeito da pele arrepiada dos braços, a mente de Beverly procurou alguma explicação racional. Aquele era um prédio de apartamentos. Os Marsh moravam no pavimento térreo, no apartamento dos fundos. Havia mais quatro outros. Talvez alguma criança do prédio quisesse divertir-se, falando pelo cano. Então, por algum truque sonoro...

— Tem alguém aí? — tornou a perguntar para o cano da pia, agora em tom mais alto.

De repente, ocorreu-lhe que seu pai podia julgá-la maluca, se aparecesse ali nesse momento. Não houve resposta vinda do cano, porém aquele cheiro desagradável parecia mais forte. Fazia-a pensar no trecho do bambuzal nos Barrens e no pântano além dele; evocava imagens de fumaças lerdas e acres, de lama negra que procurava arrancar-lhe os calçados dos pés.

Naquele prédio não havia crianças pequeninas, isto era um fato. Os Tremont haviam tido um garotinho de cinco anos e menininhas com três anos, uma delas, a outra com seis meses. Entretanto, o Sr. Tremont perdera o emprego na sapataria da Avenida Tracker, ficou atrasado no aluguel e, um dia, não muito antes do encerramento das aulas, eles simplesmente haviam desaparecido no velho e enferrujado Buick Power-Flite do Sr. Tremont. Havia Skipper Bolton, que morava no apartamento de frente do quarto andar, mas ele tinha quatorze anos.

— *Todos nós queremos conhecer você, Beverly...*

Ela levou a mão à boca e arregalou os olhos, horrorizada. Por um momento... apenas por um momento... acreditou que vira algo *movendo-se* lá embaixo. Ficou subitamente cônscia de que seus cabelos agora pendiam pelos ombros em duas espessas madeixas, chegando perto — muito perto — daquele ralo. Algum nítido instinto a fez empertigar-se rapidamente e afastar a cabeleira dali.

Olhou em torno. A porta do banheiro estava firmemente trancada. Podia ouvir na televisão, fracamente, Cheyenne Bodie dizendo ao bandido que baixasse a arma, antes que alguém se ferisse. Estava sozinha. Exceto, naturalmente, por aquela voz.

— Quem é você? — perguntou para a pia, baixando o tom.

— Matthew Clements — sussurrou a voz. — O palhaço me trouxe aqui para baixo, nos encanamentos, e eu morri. Logo ele irá buscar você, Beverly, e Ben Hanscom, Bill Denbrough e Eddie...

As mãos dela voaram para as faces e ali se fecharam. Seus olhos dilataram-se, dilataram-se. Sentiu que seu corpo ia ficando gelado. Agora, as voz soava sufocada e velha... mas também carregada de pervertida alegria.

— *Você flutuará aqui embaixo com seus amigos, Beverly, todos nós flutuamos aqui embaixo, diga a Bill que Georgie manda lembranças, diga a ele que Georgie sente saudades, mas que logo estarão juntos, diga-lhe que Georgie estará no armário de roupas qualquer noite, com um pedaço de corda aramada de piano, para enfiar-lhe nos olhos, diga-lhe que...*

A voz estrangulou-se em uma série de sufocados soluços e, de repente, uma brilhante bolha vermelha subiu pelo cano e explodiu, espalhando gotas de sangue sobre a porcelana manchada.

A voz sufocada agora falou rapidamente e, nisto, mudara de novo para a vozinha de uma criança, a mesma que ela ouvira antes, depois passou para a de uma adolescente — foi terrível — tornou-se a voz de uma menina que Beverly conhecera... Verônica Grogan. No entanto, Verônica estava morta, seu corpo tinha sido encontrado em um bueiro de esgoto...

Eu sou Matthew... Eu sou Betty... Eu sou Verônica... Agora moramos aqui embaixo... com o palhaço... a criatura... a múmia... o lobisomem... Você, Beverly, logo estará aqui conosco, e nós flutuamos, nós mudamos...

Um jato de sangue foi subitamente expelido do cano, salpicando a pia, o espelho e o papel de parede com seu padrão de rãs-e-nenúfares. Beverly gritou, súbita e agudamente. Recuou da pia, chocou-se contra a porta, ricocheteou, escancarou-a e correu para a sala de estar, onde seu pai acabava de levantar-se.

— Diabo, o que há de errado com *você!* — perguntou ele, franzindo as sobrancelhas.

Os dois estavam sozinhos essa noite, porque a mãe de Bev tinha ido trabalhar no turno de três da tarde às onze da noite, no Green's Farm, o melhor restaurante de Derry.

— O banheiro! — gritou, histericamente. — O banheiro, papai, no banheiro...

— Havia alguém espionando você, Beverly? Hein?

Ele esticou a mão e aferrou-lhe o braço duramente, enfiando os dedos na carne. Havia preocupação em seu rosto, mas era uma preocupação predadora, de certo modo amedrontando mais do que confortando.

— Não... a pia... na pia... as... as...

Ela prorrompeu em lágrimas histéricas, sem conseguir dizer mais nada. Seu coração batia tão forte no peito, que Beverly se julgou a ponto de asfixiar-se.

Al Marsh empurrou-a para um lado, com uma expressão de "Oh, céus, o que será desta vez?" impressa no rosto, e entrou no banheiro. Ficou tanto tempo lá dentro, que Beverly sentiu medo outra vez.

— *Beverly!* — gritou ele então. — *Venha cá, menina!*

Não havia questão quanto a desobedecer. Se eles dois estivessem em pé na borda de um alto penhasco e o pai lhe dissesse para saltar — *já,* menina — a obediência instintiva certamente a forçaria a saltar, antes que a mente racional interferisse.

A porta do banheiro estava aberta. Seu pai permanecia em pé lá dentro, um homenzarrão que agora perdia o cabelo arruivado que transmitira à filha. Ainda usava as calças cinzentas do trabalho e a camisa da mesma cor (ele era zelador no Home Hospital de Derry) e olhava para Beverly com expressão dura. Não bebia, não fumava, não perseguia mulheres. *Tenho em casa todas as mulheres de que preciso,* costumava dizer, esboçando um peculiar e enigmático sorriso — algo que não esclarecia o assunto, muito pelo contrário. Ver aquele sorriso, era como ver a sombra de uma nuvem viajando rapidamente por um terreno rochoso. *Elas cuidam de mim e eu delas, havendo necessidade.*

— Agora, diga-me, por que esse diabo de tolice? — perguntou ele, quando Beverly entrou.

Ela teve a sensação de que tinha a garganta forrada de ladrilhos. Seu coração disparava no peito. Pensou que logo começaria a vomitar. Havia sangue no espelho, escorrendo em compridos filetes. Havia manchas de sangue na lâmpada acima da pia; Beverly podia *sentir o cheiro* daquele sangue cozinhando sobre a lâmpada de 40 velas. Mais sangue escorria pelos lados da pia de porcelana, caindo no piso de linóleo em gordas gotas.

— Papai... — sussurrou foscamente.

Ele se virou, irritado com ela (como acontecia com tanta freqüência) e começou a lavar casualmente as mãos, na pia sangrenta.

Santo Deus, menina, fale de uma vez! Você quase me mata de susto! Explique-se, pelo amor de Deus!

Ele lavava as mãos na pia, Bev podia ver sangue manchando o tecido cinza das calças, onde elas roçaram contra a beirada da pia. Se a testadele tocasse o espelho (estava bem próxima), também haveria sangue em sua *pele.* Um ruido sufocado escapou-lhe da garganta.

Ele fechou a torneira, pegou uma toalha para a qual haviam saltado dois salpicos do sangue do ralo, e começou a enxugar as mãos. Beverly ficou olhando, quase estonteada, enquanto seu pai espalhava sangue pelos grandes nós dos dedos e linhas das palmas. Ela pôde ver sangue também nos sabugos das unhas, como marcas de culpa.

— E então? Estou esperando — disse ele, jogando a toalha suja de sangue no porta-toalhas.

Havia sangue... sangue por toda parte... *e seu pai não o via!*

— Papai...

Beverly não imaginava o que ocorreria em seguida, mas o pai a interrompeu.

— Fico preocupado com você — disse Al Marsh. — Acho que nunca amadurecerá, Bèverly. Fica perambulando por aí, mal faz alguma coisa aqui em casa, não sabe cozinhar, não sabe costurar. Metade do tempo desaparece em algum lugar escuro, com o nariz enterrado em um livro. A outra metade está deprimida e melancólica. Eu meu preocupo com isso.

A mão dele girou subitamente e caiu com força nas nádegas da filha. Beverly deu um grito, com os olhos fixos nos dele. Havia uma gotícula de sangue presa à espessa

sobrancelha do olho direito de seu pai. *Se eu ficar olhando bastante para ela, vou acabar doida e nada disto importará,* pensou alheadamente.

— Eu me preocupo *um bocado* — disse ele, tornando a bater-lhe. Agora, atingiu duramente o braço, acima do cotovelo. O braço doeu fundo e então pareceu ficar entorpecido. No dia seguinte, ela teria ali uma enorme equimose amarelo-arroxeada.

— *Um bocado*\ — repetiu ele.

Deu-lhe um soco no estômago. Diminuiu a força do soco no último segundo, fazendo-a perder apenas metade do ar que tinha nos pulmões. Beverly encolheu-se para diante, ofegando, as lágrimas brotando dos olhos. Seu pai a fitava impassivelmente. Enfiou as mãos sujas de sangue nos bolsos das calças.

— Você tem que crescer, Beverly — disse, e agora sua voz era delicada, magnânima. — Não é?

Ela assentiu. Sua cabeça latejava. Chorou, mas em silêncio. Se chorasse em voz alta — começando o que seu pai chamava de "choradeirade bebê", ele podia continuar a espancá-la. Al Marsh vivera sempre em Derry e dizia a quem perguntasse (e às vezes, também a quem não perguntasse) que pretendia ser enterrado ali — esperando que fosse aos cento e dez anos.

— Não há motivos para que não viva tanto — costumava dizer a Roger Aurlette, que lhe cortava o cabelo uma vez por mês. — Eu não tenho vícios.

Agora, virando-se para Beverly, ordenou:

— Vamos, explique-se — e depressa!

— Havia... — Ela engoliu em seco, com dificuldade, porque não existia umidade em sua garganta. — Havia uma aranha. Uma aranha preta e gorda. Ela... ela saiu do ralo da pia e... bem, acho que voltou para lá.

— *Oh!* — Ele lhe sorriu ligeiramente agora, como que satisfeito pela explicação. — Foi *isso!* Droga! Por que não disse logo. Beverly? Então, eu não lhe teria batido. Todas as garotas têm medo de aranhas. Diabo! Por que não falou?

Ele se inclinou sobre a pia, e Beverly precisou morder o lábio para não gritar e alertá-lo... quando uma outra voz falou muito fundo dentro dela, uma voz terrível, que não podia partir dela, que certamente era a do próprio demônio: *Deixe que a coisa o pegue, se ela o quiser. Deixe-a puxá-lo para baixo, Boa-maldita-viagem!*

Beverly procurou não ouvir aquela voz, aterrada. Permitir que semelhante pensamento ocupasse sua cabeça mesmo por um rápido instante, certamente a condenaria ao inferno.

Ele espiou no buraco do cano. Suas mãos esparramavam-se sobre o sangue nas beiradas da pia. Beverly lutou tenazmente contra uma onda de vômito. A barriga lhe doía, onde o pai a atingira.

— Não vejo nada — disse ele. — Todos estes prédios são muito antigos, Bev. Possuem canos de esgoto do tamanho de auto-estradas, sabia? Na época em que eu era zelador no velho ginásio, de vez em quando costumávamos tirar ratos afogados da bacia das privadas. Isso deixava as meninas apavoradas. — Ele riu aprazivelmentelà idéia de tais fricotes femininos. — Principalmente quando o Kenduskeag estava cheio. Contudo, passou a haver menos animais nos encanamentos depois que instalaram o novo sistema de esgotos.

Passou um braço em torno dela e apertou-a.

— Escute: agora, vá para a cama e não pense mais nisso. Certo? Berverly sentiu amor por ele. *Só bato em você quando merece, Beverly,* dissera certa vez, quando ela se queixou, entre lágrimas, de que o castigo fora injusto. E, sem dúvida, isso devia ser verdade, porque ele *era* capaz de amar. Às vezes passava um dia inteiro com ela,

mostrando-lhe como fazer coisas ou apenas explicando, ou passeando pela cidade em sua companhia. Quando se mostrava tão gentil, Beverly pensava que seu coração incharia tanto de felicidade, que acabaria matando-a. Ela amava o pai, tentava compreender que ele precisava corrigi-la com freqüência, porque isto era (conforme ele dizia) a tarefa que Deus lhe dera. *Filhas,* dizia Al Marsh, *precisam de mais corretivos do que filhos.* Não tinha filhos e, vagamente, Beverly achava-se em parte também culpada disso.

— Está bem, papai. Não pensarei.

Caminharam juntos até o pequeno dormitório dela. O braço direito de Beverly agora doía terrivelmente com a pancada recebida. Olhou por sobre o ombro e viu a pia ensagüentada, o espelho ensangüentado, a parede ensangüentada, o piso ensangüentado. A toalha ensangüentada que o pai tinha usado agora pendia casualmente do porta-toalhas. Pensou: *Como é que tornarei a entrar lá para lavar-me? Por favor, Deus, querido Deus, sinto muito ter tido um mau pensamento sobre meu pai e pode punir-me por isto, se quiser. Eu mereço ser castigada, faça com que eu caia e me machuque ou faça com que eu tenha uma gripe igual à do inverno passado, quando tossia tanto, que uma vez vomitei. Mas, por favor, Deus, faça esse sangue ter desaparecido amanhã cedo, por favor, meu Deus, está bem? Está bem?*

O pai a botou na cama e a cobriu, como sempre fazia, depois beijando-a na testa. Ficou lá apenas um instante, no que ela sempre pensaria como o jeito "dele" de ficar, talvez de ser: inclinado ligeiramente para diante, com as mãos enfiadas bem fundo nos bolsos — até acima dos punhos — os brilhantes olhos azuis, no rosto soturno de sabujo-basset, voltados para baixo, fitando-a de cima. Em anos posteriores, muito após haver parado inteiramente de pensar em Derry, ela veria em um indivíduo sentado no ônibus ou talvez parado em uma esquina, com a marmita do almoço na mão, formas, oh, formas de homens, por vezes entrevistas quando o dia terminava, em outras vistas através da Praça Watertower, ao meio-dia de um límpido e ventoso dia de outono, formas de homens, regulamentos de homens, desejos de homens: ou Tom, tão semelhantea seu pai, quando tirava a camisa e ficava levemente inclinado diante do espelho do banheiro, para fazer a barba. Formas de homens.

— Às vezes, fico preocupado com você, Bev — disse ele.

Contudo, agora não havia perigo ou raiva em sua voz. Ele lhe tocou os cabelos suavemente, alisando-os para trás de sua testa.

O banheiro está cheio de sangue, papai! ela quase gritou então. *Será que não viu? Há sangue por toda parte! Cozinhando na lâmpada em cima da pia, até lá! Você não VIU?*

Entretanto, ficou calada, enquanto ele saía e fechava a porta do quarto, enchendo o aposento de sombras. Beverly continuava acordada, continuava fitando a escurdião, quando sua mãe chegou às onze e meia daquela noite. Então, a televisão foi desligada. Ela ouviu os pais entrarem em seu quarto e ouviu as molas da cama rangendo regularmente enquanto eles executavam o seu número sexual. Sem querer, Beverly ouvira Greta Bowie contando a Sally Mueller que o ato sexual doía como fogo e que nenhuma garota decente queria fazê-lo. ("E quando o homem termina, enche a gente de mijo", disse Greta, e Sally tinha exclamado: "Oh! brrr! *Nunca* vou deixar um garoto fazer isso comigo!"). Se doía tanto como Greta dizia, então a mãe de Bev guardava a dor para si mesma; Bev a ouvira gritar uma ou duas vezes em voz baixa, mas aquilo não soara absolutamente como um grito de dor.

O rangido lento das molas acelerou para um ritmo tão rápido, que chegava a ser frenético, e então parou. Houve um período de silêncio, depois algum diálogo em voz

baixa, e o som das pisadas de sua mãe, quando foi ao banheiro, Beverly conteve a respiração, esperando ouvir se ela gritava ou não.

Não houve grito algum — apenas o som de água correndo, seguido pelo que ela fazia ao lavar-se, sem muito ruído. Em seguida, a água escorreu pelo ralo, com seu familiar som gorgolejante. Sua mãe agora escovava os dentes. Momentos depois, as molas da cama no quarto de seus pais tornaram a ranger, quando sua mãe se deitou novamente.

Mais alguns minutos, e seu pai começou a roncar.

Um medo negro envolveu seu coração e fechou-lhe a garganta. Bev ficou receosa à idéia de virar o corpo para o lado direito — sua posição predileta para dormir — porque podia ver alguma coisa espiando-ã pela janela. Então, permaneceu deitada de costas, rígida como um atiçador, espiando para o teto de zinco prensado. Algum tempo mais tarde — minutos ou horas, seria impossível dizer — ela mergulhou em um sono leve e agitado.

3

Beverly sempre acordava quando o despertador tocava no quarto dos pais. Tinha que ser rápida, porque mal o alarma soava, seu pai o desligava. Ela se vestiu depressa, enquanto ele usava o banheiro. Fez uma breve pausa (como agora fazia quase sempre), a fim de olhar para seu busto no espelho, procurando decidir se seus seios haviam crescido mais durante a noite. Haviam começado a despontar em fins do ano anterior. A princípio, Bev sentira uma leve dor, mas isso agora desaparecera. Eram muito pequenos ainda — de fato, não muito maiores do que maçãs da primavera — mas estavam *ali.* Era verdade; a infância terminaria e ela seria uma mulher.

Sorriu para sua imagem no espelho e colocou uma mão atrás da cabeça, empinando o tórax para fora. Deu uma risadinha, o pequeno riso sufocado e sem afetação de uma menina... quando recordou de repente o sangue que brotara do ralo da pia do banheiro, na noite anterior. As risadinhas cessaram abruptamente.

Bev olhou para o braço e viu a equimose ali formada durante aquela noite — uma feia marca entre o ombro e o cotovelo, uma mancha com muitos dedos impressos.

Ouviu o ruído da tampa da privada caindo, e depois o da descarga.

Movendo-se com presteza, não querendo que o pai se enfurecesse com ela essa manhã (não querendo nem mesmo que ele a *percebesse* essa manhã), enfiou as calças jeans e sua blusa de algodão do Ginásio de Derry. Então, porque não podia mais adiar, saiu do quarto e foi para o banheiro. O pai passou por ela no corredor, a caminho do quarto, a fim de vestir-se. O pijama azul pendia frouxamente em torno dele. Al Marsh lhe grunhiu algo que ela não entendeu.

— Certo, papai — respondeu assim mesmo.

Parou um instante à frente da porta fechada do banheiro, tentando preparar a mente para o que poderia ver lá dentro. *Afinal, é dia claro,* pensou, o que lhe trouxe certo alívio. Não muito, mas algum. Agarrou a maçaneta, girou-a e entrou.

4

Aquela foi uma manhã movimentada para Beverly. Preparou o desjejum do pai — suco de laranja, ovos fritos e a versão de Al Marsh sobre torradas (pão quente, mas não tostado). Ele sentou-se àmesa, barricou-se atrás do *News* e comeu tudo.

— Onde está o bacon?

— Não tem mais. Acabou ontem, papai.

— Faça-me um hambúrguer.

— Sobrou apenas um pouquinho de carne e...

O jornal farfalhou, depois caiu. Os olhos azuis dele caíram sobre ela como um peso.

— O que foi que disse? — perguntou maciamente.

— Eu disse que é só um instante, papai.

Ele a fitou por um momento mais. O jornal tornou a levantar-se e Beverly apressou-se para a geladeira, a fim de apanhar a carne. Fez um hambúrguer para ele, esticando o mais possível o restinho de carne que ficara na geladeira, a fim de que parecesse maior. Ele o comeu, lendo a página esportiva, enquanto Beverly lhe preparava o almoço — dois sanduíches de geléia com manteiga de amendoim, um grande pedaço de bolo que sua mãe trouxera do Green's Farm na noite anterior e uma garrafa térmica de café, fortemente açucarado.

— Fale para sua mãe que quero uma faxina hoje nesta casa — disse ele, pegando a marmita do almoço. — Isto aqui parece um maldito chiqueiro, que diabo! Passo o dia inteiro limpando as sujeiras do hospital e não quero voltar para uma casa que é um chiqueiro. Preste bem atenção, Beverly.

— Está bem, papai. Direi a ela.

Ele lhe beijou o rosto, deu-lhe um abraço rápido e saiu. Como fazia sempre, Beverly foi à janela de seu quarto e o observou descendo a rua. E, como acontecia sempre, sentiu um perverso alívio ao vê-lo dobrar a esquina... ao mesmo tempo em que se odiava por isso.

Lavou os pratos e depois foi para os degraus dos fundos com o livro que vinha lendo, para distrair-se um pouco. Lars Theramenius, de compridos cabelos louros que brilhavam com sua própria e serena luminosidade interior, veio do prédio vizinho, caminhando com seus passos vacilantes, a fim de mostrar-lhe seu caminhão novo e as novas esfoladuras dos joelhos. Beverly examinou as duas coisas. Então, ouviu a mãe chamá-la.

As duas arrumaram as respectivas camas, lavaram os pisos e enceraram o linóleo da cozinha. Sua mãe encerou o piso do banheiro, pelo que ela lhe ficou profundamente grata. Elfrida Marsh era uma mulher miúda, de cabelos ficando grisalhos e expressão taciturna. O rosto sulcado dizia ao mundo que estivera por ali algum tempo e pretendia ficar um pouco mais... Também dizia ao mundo que nada lhe tinha sido fácil e que ela não esperava uma prematura mudança nesse estado de coisas.

— Quer limpar as janelas da sala de estar, Beverly? — pediu ela, retornando à cozinha. Havia vestido seu uniforme de garçonete. — Tenho que ir ao Saint Joe's, em Bangor, visitar Cheryl Tarrent. Ela quebrou a perna esta noite.

— Pode deixar, eu limpo — respondeu Beverly. — O que houve com a Sra. Tarrent? Levou uma queda?

Cheryl Tarrent era uma mulher com quem Elfrida trabalhava no restaurante.

— Ela e a porcaria do homem com quem se casou sofreram um acidente de carro — disse Elfrida lugubremente. — Ele tinha bebido. Agradeça a Deus, em suas orações, por ter um pai que não bebe, Bevvie.

— Eu agradeço — respondeu Bev, e era verdade.

— Ela vai acabar perdendo o emprego e ele não consegue ficar em um. — Novos tons de sombrio horror crepitaram na voz de Elfrida. — Talvez tenham que apelar para o condado.

Era a pior coisa que Elfrida podia imaginar. Perder um filho ou descobrir-se com um câncer não tinham tanta importância. Uma pessoa podia ser pobre; podia passar ávida fazendo o que ela chamava de "mourejar". No fundo de tudo, entretanto, abaixo ainda da sarjeta, havia um momento quando era preciso *apelar para o condado* e beber como uma dádiva o suor do trabalho que outros faziam. Isto, ela sabia, era a perspectiva que Cheryl Tarrent agora enfrentava.

— Depois que lavar as janelas e levar o lixo para fora, pode sair e brincar um pouco, se quiser. Hoje é a noite de boliche do seu pai, de modo que não terá de preparar-lhe o jantar. No entanto, quero você em casa antes do escurecer. Sabe bem por quê.

— Tudo bem, mamãe.— Meu Deus, você está crescendo depressa! — suspirou Elfrida. Observou por um momento os montículos sob a blusa da filha. Seu olhar era amoroso, mas duro. — Não sei como me arranjarei por aqui, quando você casar e tiver sua casa.

— Estarei sempre por perto — disse Beverly, sorrindo.

A mãe abraçou-a brevemente e lhe beijou o canto da boca, com seus lábios quentes e secos.

— Sei o que estou dizendo — falou, — mas eu a amo, Bevvie.

— Também a amo, mamãe.

— Cuidado para não deixar fiapos naquelas vidraças, quando terminar de limpá-las — disse ela, pegando a bolsa e caminhando para a porta. — Se esquecer, vai passar um cortado com seu pai.

— Serei cuidadosa. — Quando a mãe abriu a porta para sair, Beverly perguntou, em um tom que esperava soasse casual: — Viu alguma coisa esquisita no banheiro, mamãe?

Elfrida se virou para ela, franzindo um pouco a testa.

— Esquisita?

— Bem... Vi uma aranha lá esta noite. Ela saiu do ralo da pia. Papai não lhe contou?

— Seu pai brigou com você esta noite, Bevvie?

— Não! De jeito nenhum! Falei a ele que uma aranha rastejara para fora do ralo e me assustara. Ele contou que, às vezes, costumavam encontrar ratos afogados dentro das privadas do ginásio velho. Por causa dos encanamentos. Ele não lhe falou sobre a aranha que eu vi?

— Não.

— Oh... Bem, não faz mal. Eu só queria saber se você a tinha visto também.

— Não vi aranha nenhuma. Eu gostaria que pudéssemos separar algum dinheiro e comprar um linóleo para o chão daquele banheiro. — Ela observou o céu, azul e sem nuvens. — Dizem que, quando se mata uma aranha, isso traz chuva. Você não a matou, hein?

— Não — respondeu Beverly. — Não a matei. A mãe tornou a fitá-la, apertando tanto os lábios, que era como se não existissem.

— Xem *certeza* de que seu pai não se irritou com você esta noite?

— É claro, mamãe!

— Escute, Bevvie, ele a tocou alguma vez?— O quê? — exclamou Beverley, olhando para a mãe com total perplexidade. Céus, seu pai a tocava todos os *dias.* — Não sei o que você...

— Não importa — replicou Elfrida, lacônica. — Não vá esquecer o lixo. E se limpar bem aquelas janelas, não passará nenhum cortado com seu *pai.*

— Eu não vou

(ele a tocou alguma vez)

esquecer.

— E esteja em casa antes do escurecer.

— Estarei.

(ele a)

(muito preocupado)

Elfrida saiu. Beverly voltou a seu quarto, para vê-la afastar-se e dobrar a esquina, como fizera com seu pai. Então, quando ficou certa de que a mãe estava bem a caminho para a parada do ônibus, pegou o balde para limpar o chão, o detergente e alguns trapos debaixo da pia. Foi para a sala de estar e começou a trabalhar nas janelas. O apartamento estava muito quieto. A cada vez que o chão estalava ou uma porta batia, ela levava um pequeno susto. Quando ouviu o ruído da descarga no banheiro dos Bolton, residentes no apartamento sobre o dela, deixou escapar um gemido que era quase um grito.

Enquanto limpava as janelas, olhava a todo instante para a porta fechada do banheiro.

Por fim, foi até lá, abriu a porta e espiou para dentro. Sua mãe fizera a faxina ali esta manhã e a maioria do sangue empoçado debaixo da pia desaparecera. Como desaparecera o que manchava as beiradas da pia. Contudo, ainda havia listras acastanhadas secando na própria pia, pontos e salpicos no espelho e papel de parede.

Beverly olhou para seu pálido reflexo no espelho e, com um súbito e supersticioso terror, percebeu que o sangue ali salpicado dava a impressão de que *suas* faces sangravam. Tornou a pensar: *O que vou fazer sobre isto? Será que fiquei maluca? Estarei imaginando tudo?*

De repente, o ralo da pia emitiu uma espécie de risonho arroto.

Beverly gritou e correu dali, batendo a porta. Cinco minutos depois, suas mãos ainda tremiam tanto que quase derrubou a caixa do detergente para vidros enquanto limpava as janelas da sala de estar.

5

Por volta das três daquela tarde, com o apartamento trancado e a chave extra aconchegantemente enfiada no bolso de seu jeans, Beverly Marsh dobrou para o Beco de Richard, uma estreita passagem ligando a Rua Main à Center, e se deparou com Ben Hanscom, Eddie Kaspbrak e um garoto chamado Bradley Donovan, jogando moedas.

— Oi, Bev! — disse Eddie. — Teve algum pesadelo por causa daqueles filmes?

— Nenhum — respondeu ela, abaixando-se para apreciar o jogo. — Como é que sabe disso?

— Monte de Feno me contou — disse Eddie, apontando um polegar para Ben, que havia enrubescido furiosamente, sem que ela entendesse o motivo.

— Que filmes? — perguntou Bradley.

Beverly pôde então identificá-lo: ele tinha ido aos Barrens uma semana atrás, com Bill Denbrough. Os dois freqüentavam as mesmas sessões de terapia da fala, em Bangor. Beverly expulsou-o mais ou menos da mente. Se interrogada, diria que, de certa forma, ele lhe parecera menos importante do que Ben e Eddie — menos importante *ali,* naquele lugar.

— Dois filmes de monstros — respondeu ela, agachando-se mais, até ficar entre Ben e Eddie. — É você que joga?

— Sou — disse Ben. Olhou rapidamente para ela e logo desviou o rosto.

— Quem está ganhando?

— Eddie — respondeu Ben. — Ele é bom nisso.

Beverly olhou para Eddie, que lustrava as unhas solenemente na fralda da camisa, e então deu uma risadinha.

— Posso jogar também?

— Por mim, tudo bem — disse Eddie. — Você tem moedas? Ela apalpou o bolso e encontrou três *pence.*

— Poxa, como ousa sair de casa com essa fortuna? — exclamou Eddie. — Eu ficaria com medo.

Ben e Bradley Donovan riram.

— Garotas também têm que ser corajosas — disse Beverly com gravidade e, um momento depois, todos eles riram.Bradley atirou primeiro, depois Ben, em seguida Beverly. Como estava ganhando, Eddie era o último. Atiravam os *pennies* contra a parede dos fundos da Drogaria da Rua Center. Às vezes as moedas não chegavam à parede, outras batiam nela e ricocheteavam de volta. No fim de cada rodada, o atirador com a moeda mais perto da parede recolhia todas as quatro. Cinco minutos depois, Beverly tinha vinte e quatro centavos. Perdera apenas uma rodada.

— Você roubou! — exclamou Bradley, aborrecido, levantando-se para ir embora. Seu bom humor desaparecera e agora fitava Beverly com raiva e humilhação. — Garotas deviam ser proibidas de...

Ben ficou em pé rapidamente. Era surpreendente a reação terrível de Ben Hanscom:

— Retire o que disse!

Bradley olhou para ele, com a boca aberta.

— O quê?

— *Retire* o que disse! Ela não roubou!

Bradley olhou para Ben, depois para Eddie, e então para Beverly, que ainda estava de joelhos. Seus olhos pousaram novamente em Ben.

— Quer ficar de beiçoss inchadoss para combinar com o ressto de voccê, sseu idiota?

— Quero — disse Ben, e um sorriso lhe cruzou o rosto subitamente. Algo naquele sorriso fez Bradley dar um surpreso e inquieto passo para trás. Talvez o que visse fosse o simples fato de que, após enfrentar Henry Bowers e sair-se bem, não uma, porém duas vezes, Ben Hanscom não ia ficar com medo do velho e magricela Bradley Donovan (que tinha verrugas no dorso das duas mãos, bem como aquele ciciar cataclísmico).

— Ssim, e depois vocêss todoss vão cair na minha pele! — disse Bradley, recuando outro passo. Sua voz tremulava e brotaram lágrimas em seus olhos. — Vocêss ssão um bando de *ladrõess!*

— Retire o que disse sobre ela — disse Ben.

— Não se incomode, Ben — disse Beverly. Estendeu um punhado de moedas a Bradley. — Tome o que é seu. Afinal, eu não estava jogando para ganhar...

Lágrimas de humilhação correram dos olhos de Bradley. Ele apanhou as moedas da mão de Beverly e correu para o fim do beco que dava para a Rua Center. Os outros ficaram olhando para ele, boquiabertos. Quando chegou a uma distância segura, Bradley se virou e gritou:— Voccê é uma cadelinha, ouviu ladrona! Ladrona! Ssua mãe é uma *prosstituta!*

Beverly engoliu em seco. Ben correu pelo beco na direção de Bra-dley, mas tropeçou em um caixote vazio e caiu. Enquanto isso, Bradley desaparecia de vista, e Ben decidiu que não o alcançaria. Virou-se para Beverly, a fim de saber se estava tudo bem com ela. A palavra o deixara tão chocado quanto a ela.

Beverly viu a preocupação no rosto dele. Abriu a boca para dizer que estava tudo bem, não se preocupe, palavras-de-baixo-não-me-atingem... e aquela curiosa pergunta feita por sua mãe

(ele a tocou alguma vez)

brotou-lhe na mente. Uma pergunta curiosa, sim — tão simples, mas ainda assim sem sentido, cheia de perigosos subtons, espessa como café velho. Em vez de dizer que nomes feios jamais a magoariam, ela debulhou-se em lágrimas.

Eddie a fitou desconfortavelmente, tirou o aspirador do bolso da calça e começou a usá-lo. Depois, inclinando-se, foi recolhendo as moedas caídas no chão. Enquanto fazia isso, havia em seu rosto uma expressão meticulosa e cuidadosa.

Ben moveu-se instintivamente para ela, querendo abraçá-la e consolá-la, mas então parou. Beverly era tão bonita! Diante de toda aquela beleza, ele se sentia impotente.

— Anime-se — disse, sabendo o quanto era tolo falar isso, porém incapaz de pensar em algo mais útil. Tocou-lhe os ombros ligeiramente (ela cobrira as faces com as mãos, a fim de esconder os olhos molhados e o rosto vermelho), mas então recuou, como se estivessem quentes demais para suportar o contato. Ben ficara tão ruborizado que parecia apoplético. — Anime-se, Beverly.

Baixando as mãos, ela gritou em voz estridente e furiosa:

— Minha mãe não é uma prostituta! Ela é... é uma *garçonete!* Suas palavras foram acolhidas por um silêncio absoluto. Ben a fitou com o queixo caído. Eddie ergueu o rosto da superfície lajeada da alameda, com as mãos cheias de moedas. E, de repente, os três estavam rindo histericamente.

— *Uma garçonete!* — cacarejou Eddie. Tinha apenas uma noção muito vaga do que seria uma prostituta, mas algo na comparação o deixou deliciado. — *É o que* ela é!— Sim, ela é uma garçonete! — ofegou Beverly, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Ben ria tanto, que não conseguia parar. Sentou-se pesadamente em uma lata de lixo. Seu volume fez a tampa enfiar-se na lata e, perdendo o equilíbrio, viu-se atirado ao chão. Eddie apontou para Ben e uivou de tanto rir. Beverly o ajudou a levantar-se.

Uma janela se abriu acima deles e uma mulher gritou:

— Ei, crianças, dêem o fora daí! Aqui mora gente que trabalha no turno da noite, ouviram? Caiam fora!

Sem pensar, os três deram-se as mãos, com Beverly no meio, e correram para a Rua Center. Ainda riam com vontade.

6

Juntando o dinheiro, eles descobriram que tinham quarenta centavos, suficientes para dois frapês de sorvete na drugstore. Como o velho Sr. Keene era um chato, não permitindo que crianças com menos de doze anos ocupassem as banquetas do balcão (ele alegava que as máquinas de *pinball,* na sala dos fundos, poderia corrompê-las), os três levaram os frapês em dois enormes recipientes impermeáveis para o Parque Bassey e sentaram-se na grama para bebê-los. O de Ben era sabor café, o de Eddie, morango. Sentada entre eles dois, Beverly provava de um e de outro através de um canudinho, como uma abelha nas flores. Sentia-se novamente bem, pela primeira vez desde que o ralo da pia cuspira aquele jato de sangue na noite anterior — cansada e emocionalmente exaurida, mas bem, em paz consigo mesma. Por enquanto, pelo menos.

— Não sei o que há de errado com Bradley — comentou Eddie finalmente, num tom de desajeitada desculpa. — Ele nunca agiu assim antes.

— Você se levantou em minha defesa — disse Beverly e, de repente, beijou Ben no rosto. — Obrigada.

Ben ficou outra vez escarlate.

— Você não estava roubando — murmurou.

De súbito, ele bebeu metade do seu frapê de café, em três goles gigantes. Isto foi seguido por um arroto, tão alto quanto um tiro.

— Alguma coisa o preocupa, amigão? — perguntou Eddie. Beverly teve um acesso de riso, apertando o estômago com as mãos.— Chega! — pediu, entre risos. — Minha barriga está doendo. Por favor, parem com isso!

Ben sorria. Nessa noite, antes de dormir, evocaria aquele momento, e mentalmente representaria uma cena em que Beverly o beijava sem cessar.

— Você está mesmo bem agora? — perguntou. Ela assentiu.

— Não foi por causa *dele.* Enfim, não foi bem o que ele falou sobre minha mãe, mas por causa de uma coisa que aconteceu esta noite. — Ela vacilou, olhou de Ben para Eddie e tornou a fitar Ben. — Eu... eu tenho de contar para alguém. Ou mostrar para alguém. Qualquer coisa. Acho que chorei porque senti medo de ficar doida.

— O que está havendo por aqui? — perguntou uma nova voz.

Era Stanley Uris. Como sempre, parecia miúdo, magro e esquisitamente arrumado — arrumado e limpo demais para um garoto com ape nas onze anos. Em sua camisa branca, perfeitamente enfiada dentro do jeans limpo à volta de toda a cintura, os cabelos penteados, as biqueiras dos tênis de cano alto imaculadamente brancas, ele tinha a aparência do menor adulto do mundo. Então sorriu, e a ilusão se desfez.

Ela vai calar o que ia dizer, pensou Eddie, *porque ele não estava lá quando Bradley chamou a mãe dela por aquele nome.*

Entretanto, após vacilar um momento, Beverly contou. Porque, de certo modo, Stanley era diferente de Bradley — ele estava *lá,* de uma forma que Bradley não estivera.

Stanley é um de nós, pensou Beverly, perguntando-se por que isso deixara seus braços subitamente arrepiados. Se *contar, não estarei fazendo favor nenhum a eles. Nem a eles ou tampouco a mim.*

Entretanto, era tarde demais. Ela já estava falando. Stan sentou-se na grama também, com o rosto imóvel e grave. Eddie ofereceu-lhe o resto de seu frapê de morango, mas Stan apenas abanou a cabeça, continuando com os olhos fixos no rosto de Beverly. Nenhum dos garotos falou.

Ela lhes contou sobre as vozes. Disse que reconhecera a voz de Ron-nie Grogan. Sabia que Ronnie estava morta, mas a voz era dela assim mesmo. Falou sobre o sangue,

sobre como seu pai não o vira e sobre como sua mãe também não o tinha visto esta manhã.

Quando terminou, passou os olhos pelos rostos deles, temendo o que pudesse ver impresso... mas não viu descrédito. Viu terror, mas não descrédito.Por fim, Ben disse: — Vamos lá para ver.

7

Entraram pela porta dos fundos, não apenas porque a chave no bolso de Beverly era daquela fechadura, mas por ela avisar que o pai a mataria se a Sra. Bolton a visse entrando no apartamento com três meninos, enquanto seus pais estavam fora.

— Por quê? — perguntou Eddie.

— Você não ia entender, bobão — disse Stan. — Cale a boca. Eddie ia responder, mas olhou novamente para o rosto branco e tenso de Stan, vendo nele algo que o fez calar-se.

A porta dava para a cozinha, que estava cheia do sol de fim de tarde e silêncio do verão. Os pratos do desjejum cintilavam no secador. Os quatro pararam junto à mesa da cozinha, muito juntos. Quando uma porta bateu no pavimento de cima, todos eles saltaram e riram nervosamente.

— Onde é? — perguntou Ben, em um sussurro.

Com o coração latejando nas têmporas, Beverly os conduziu através do pequeno corredor, com a porta do quarto de seus pais a um lado e a do banheiro, fechada, no final. Abriu-a, entrou rapidamente e empurrou a corrente em cima da pia. Depois tornou a recuar, ficando entre Ben e Eddie. O sangue secara para manchas marrons no espelho, na bacia da pia e no papel de parede. Beverly olhou para o sangue porque, de repente, era mais fácií do que olhar para eles. Em voz muito baixa, que mal reconhecia como sua, perguntou:

— Vocês estão vendo? *Algum* de vocês? É mesmo verdade?

Ben adiantou-se e ela novamente percebeu o quanto se movia delicadamente, para um garoto tão gordo. Ele tocou uma das manchas de sangue; depois uma segunda; em seguida, um comprido filete no espelho.

— Aqui. Aqui. Aqui — disse, em voz categórica e autoritária.

— Poxa! Parece que alguém matou um porco aqui dentro! — exclamou Stan, levemente temoroso.

— Saiu tudo do ralo? — perguntou Eddie.

Ver aquele sangue o deixava indisposto. Sua respiração diminuía. Ele agarrou o aspirador. Beverly precisava esforçar-se para não prorromper em novas lágrimas. Não queria chorar; receava que, se chorasse, eles aconsiderassem apenas como outra garota. Entretanto, precisou agarrar-se à maçaneta, aliviada de alto a baixo, sentindo um alívio que a envolveu em uma onda de atemorizante força. Até então, não percebera o quanto tinha certeza de que estava ficando doida, tendo alucinações, qualquer coisa.

— E sua; mãe, seu pai, não viram nada! — exclamou Ben, maravilhado. Tocou uma mancha de sangue que secara dentro da pia, depois puxou a mão e a enxugou na fralda da camisa. — Isso é apavorante.

— Não sei como vou poder entrar aqui novamente — disse Beverly.

— Para lavar o rosto, escovar os dentes ou... vocês entendem.

— Bem, por que não limpamos tudo? — perguntou Stanley subitamente.

Beverly olhou para ele.

— Limpar tudo?

— Claro. Talvez não consigamos muita coisa com o papel de parede

— Afinal, ele parece nas últimas, — porém limparíamos o resto. Você tem alguns panos de limpeza por aí?

— Sim, debaixo da pia da cozinha — disse Beverly, — mas minha mãe vai querer saber para onde foram, se nós os usarmos.

— Eu tenho cinqüenta centavos — disse Stan, quietamente. Seus olhos não se desviavam do sangue que se espalhara em torno da pia. — Limparemos o melhor que pudermos e depois levaremos os panos de limpeza àquela lavanderia automática que fica no caminho por onde viemos. Lá, os panos serão lavados e secados. Depois voltarão para baixo da pia, antes que seus velhos cheguem em casa.

— Minha mãe diz que não se pode limpar o sangue de um pano — objetou Eddie. — Ela disse que o sangue se entranha no tecido.

Ben deu uma risadinha histérica.

— Pouco importa se ele sair ou não dos panos de limpeza — comentou. — *Eles* não podem vê-lo.

Ninguém lhe perguntou a quem se referia com "eles".

— Tudo bem — disse Beverly. — Vamos tentar.

8

Durante a meia hora seguinte, os quatro atiraram-se à limpeza como gnomos taciturnos, e o sangue ia desaparecendo das paredes, do espelhoe da pia de porcelana, fazendo com que o coração de Beverly ficasse cada vez mais leve. Ben e Eddie ocuparam-se da pia e do espelho, enquanto ela esfregava o chão. Stan dedicou-se ao papel de parede com estudioso cuidado, usando um pedaço de pano quase seco. Por fim, eliminaram quase tudo. Ben deu o último retoque, trocando a lâmpada acima da pia por outra da caixa de lâmpadas na despensa. Havia muitas: Elfrida Marsh comprara um suprimento para dois anos, com os Lions de Derry, durante a liquidação anual de lâmpadas que faziam, esta última no outono anterior.

Usaram o balde de limpeza de Elfrida, seu Ajax e bastante água quente. Mudavam a água com freqüência, porque nenhum deles queria mergulhar as mãos nela, assim que se tornava rosada.

— Acho que foi o melhor que pudemos fazer — disse.

Por fim, Stan recuou e observou o banheiro com o olho crítico de um garoto para quem limpeza e ordem não são apenas incutidas, mas inatas.

Ainda havia manchas de sangue no papel de parede, à esquerda da pia, onde o papel era tão fino e surrado que Stan ousou somente esfregá-lo com suavidade. Ainda assim, o sangue perdera sua anterior força omi-nosa; agora era pouco mais do que uma sombra pastel sem significado.

— Obrigada — disse Beverly a todos eles. Que se lembrasse, nunca sentira uma gratidão tão profunda. — Obrigada a vocês todos.

— Tudo bem — replicou Ben, naturalmente, tornando a ruborizar-se.

— Claro — disse Eddie.

— Agora, vamos dar um jeito nesses panos — decidiu Stanley. Seu rosto estava sério, quase tenso. Mais tarde, Beverly pensaria que talvez somente Stanley percebera que haviam dado outro passo em direção a algum inconcebível confronto.

9

Eles mediram uma xícara do sabão em pó da Sra. Marsh e o colocaram em um pote de maionese vazio. Bev encontrou uma sacola de compras de papel para os panos sujos de sangue e, em seguida, os quatro desceram a rua em direção à Lavanderia Kleen-Kloze, na esquina das Ruas Main e Cony. Dois quarteirões adiante, podiam ver o Canal, cintilando com um vivo azul à claridade do sol da tarde.Na Kleen-Kloze havia apenas uma mulher com o uniforme branco de enfermeira, esperando que sua secadora desligasse. Ela olhou desconfiadamente para os quatro e depois retornou à sua brochura de *Peyton Place.*

— Água fria — disse Ben, em voz baixa. — Minha mãe diz que se deve lavar sangue em água fria.

Enfiaram os panos de limpeza na lavadora, enquanto Stan trocava suas duas moedas de vinte e cinco centavos por quatro de dez e duas de cinco. Ele voltou e ficou espiando, vendo que Bev despejava o sabão em pó sobre os panos a serem lavados e fechava a portinhola da máquina. Então, introduziu duas moedas de dez centavos na fenda apropriada, e girou o botão de ligar.

Beverly havia gasto com os frapês a maioria das moedas que ganhara no jogo, mas encontrou quatro sobreviventes bem no fundo do bolso esquerdo do jeans. Pescou-as e as ofereceu a Stan, que pareceu magoado.

— Poxa — disse ele, — marco encontro com uma garota em uma lavanderia, e imediatamente ela quer colaborar na despesa.

Beverly riu um pouco.

— Tem certeza?

— Tenho — replicou ele, em sua maneira seca. — Isto é, fico de coração partido por desistir dessa fortuna, Beverly, mas tenho certeza.

Os quatro sentaram-se nas cadeiras de plástico enfileiradas contra a parede cimentada da Lavanderia, sem falar. A Maytag continuou trabalhando, jogando os panos de limpeza de um lado para outro em seu interior. Leques de espuma batiam contra o vidro espesso de sua portinhola redonda. A princípio, a espuma era avermelhada. Beverly ficou algo enojada ao olhar para aquilo, mas era difícil desviar os olhos. A espuma sangrenta possuía uma terrível espécie de fascínio. A mulher vestida de enfermeira cada vez olhava mais para eles, por sobre a borda de seu livro. Talvez receasse que fizessem desordem, mas agora era o próprio silêncio dos quatro que a enervava. Quando sua secadeira parou de trabalhar, ela retirou as roupas, dobrou-as, enfiou-as dentro de uma sacola de lavanderia em plástico azul e foi embora, dirigindo a eles um último e perplexo olhar, enquanto caminhava para a saída.

Assim que ela se foi, Ben falou, de modo abrupto e quase duro:

— Você não foi a única.

— Quê? — exclamou Beverly.

— Você não foi a única — repetiu Ben. — Entenda... Interrompeu-se e olhou para Eddie, que assentiu. Olhou para Stan, que pareceu desgostoso... mas que, após um momento, deu de ombros, assentindo também.

— Ora, mas de que é que está falando? — perguntou Beverly. Estava farta de pessoas dizendo-lhe coisas inexplicáveis naquele dia. Agarrou o antebraço de Ben. — Se sabe alguma coisa sobre isto, quero que me conte!

— Você quer contar? — Ben perguntou a Eddie.

Eddie sacudiu a cabeça. Tirou o aspirador do bolso e o sugou, em uma inalação monstruosa.

Falando devagar, escolhendo as palavras, Ben contou a Beverly como encontrara Bill Denbrough e Eddie Kaspbrak nos Barrens, após o último dia de aula — isso acontecera quase uma semana antes, por mais incrível que parecesse. Falou sobre como haviam construído a represa nos Barrens, no dia seguinte. Relatou a história de Bill a respeito da foto escolar do irmão morto, a foto que virava a cabeça e piscava. Depois contou sua própria história sobre a múmia que tinha caminhado sobre o Canal gelado, em pleno rigor do inverno, com balões de gás que flutuavam contra o vento. Beverly ouviu tudo, com crescente horror. Podia sentir os olhos esbugalhando-se, as mãos ficando cada vez mais frias.

Ben parou de falar e olhou para Eddie. Eddie tornou a usar o aspirador e então repetiu a história do leproso, expressando-se tão depressa quanto Ben fora lento, as palavras atropelando-se, na ânsia de escaparem e desaparecerem. Encerrou com um meio soluço aspirado, porém desta vez não chorou.

— E você? — perguntou ela, olhando para Stan Uris.

— Eu...

Houve um silêncio súbito, deixando-os tão sobressaltados como se tivesse havido uma explosão repentina.

— A lavagem terminou — disse Stan.

Eles o viram levantar-se — pequeno, parcimonioso, grácil — e abrir a lavadeira. Puxou os panos de limpeza para fora, agora embolados entre si, e os examinou.

Ficou ainda uma leve mancha — disse, — mas dá para passar. Parece de suco de uva-do-monte.Mostrou a eles e todos assentiram gravemente, como se reportando a documentos importantes. Beverly sentiu o mesmo alívio de quando vira o banheiro limpo outra vez. Podia suportar a desbotada mancha pastel no papel de parede se soltando, como podia suportar a leve mancha avermelhada nos panos de limpeza de sua mãe. Haviam *feito* algo a respeito, e isso era o que importava. Talvez não houvesse funcionado inteiramente, mas ela descobriu que funcionara o suficiente para dar-lhe paz no coração e, irmão, isso era bom o bastante para Beverly, a filha de Al Marsh.

Stan jogou os panos dentro de uma das secadoras em forma de tambor, colocando duas moedas na fenda. A secadora começou a girar, ele voltou e retomou seu assento, entre Eddie e Ben.

Por um momento, os quatro tornaram a ficar em silêncio, vendo os panos de limpeza girando e caindo, girando e caindo. O ruído da secadora a gás era calmante, quase soporífera. Uma mulher passou junto à porta, mantida aberta por um calço, empurrando um carrinho de compras. Olhou. Olhou para eles, no interior da lavanderia, e seguiu em frente.

— Eu vi uma coisa — disse Stan de repente. — Não queria falar a respeito, porque prefiro pensar que foi um sonho ou algo assim. Talvez até mesmo um ataque, como aconteceu com aquele garoto Stavier. Algum de vocês o conhece?

Ben e Bev abanaram a cabeça.

— Aquele garoto que tem epilepsia? — disse Eddie.

— Exato. Por aí vêem como a coisa foi ruim. Eu preferia imaginar que tive algo parecido, do que ter visto algo... absolutamente real.

— O que foi? — perguntou Bev.

Não obstante, no fundo estava incerta quanto a querer ou não ouvir o que ele tinha para contar. Aquilo não era como ficar ouvindo histórias de fantasmas em torno de uma fogueira de acampamento, comendo salsichas em pãezinhos torrados e marshmallows assados nas chamas até ficarem negros e crocantes. Estavam sentados naquela lavanderia formal, ela podia ver grandes montes de poeira debaixo das lavadoras (bostas-de-

fantasma, como os chamava seu pai), via partículas de poeira dançando nas quentes faixas de sol que penetravam pelas vidraças sujas da lavanderia, podia ver revistas velhas de capais rasgadas. Eram todas coisas normais. Corretas, normais e tediosas. No entanto, estava com medo. Com um medo terrível. Porque, percebia, nenhuma daquelas histórias era inventada, com monstros também inventados: a múmia de Ben, o leprosode Eddie... cada um deles, ou ambos, podiam surgir aquela noite, quando o sol se pusesse. Ou o irmão de Bill Denbrough, com um só braço e implacável, cruzando através das negras tubulações de esgoto da cidade, com moedas de prata em vez de olhos.

No entanto, como Stan não respondesse logo, ela repetiu:

— O que foi?

Falando cautelosamente, ele disse:

— Eu estive lá naquele parquinho onde fica o piezômetro...

— Oh, céus, eu detesto aquele lugar! — disse Eddie, lugubremente. — Se há um prédio assombrado em Derry, é aquele.

— *Como!* — perguntou Stan vivamente. — O que disse?

— Você *não sabe* sobre aquele lugar? — perguntou Eddie. Minha mãe não me deixava ir lá perto, mesmo antes das crianças começarem a ser mortas. Ela... ela se preocupa muito comigo. — Ofereceu aos outros um sorriso inquieto e segurou com mais força o aspirador em seu colo. — Entendam, alguns garotos afogaram-se lá. Três ou quatro. Eles... Stan? Stan, você está bem?

O rosto de Stan Uris tinha adquirido um tom acinzentado. Sua boca se movia, sem nada dizer. Os olhos giraram, até os outros verem apenas a parte mais inferior das íris. Uma das mãos dele tentou agarrar fracamente o ar, mas tornou a cair sobre a coxa.

Eddie fez a única coisa em que pôde pensar. Inclinando-se, passou um braço fino em torno dos ombros arriados de Stan, enfiou seu aspirador na boca do outro e pressionou o gatilho para um grande jato de medicamento.

Stan começou a tossir, engasgado e sufocado. Sentou-se ereto, os olhos novamente em foco. Tossiu nas mãos em concha. Por fim, expeliu uma ampla e ruidosa exalação, tornando a cair contra o encosto da cadeira,

— O que foi isso? — conseguiu finalmente perguntar.

— Meu remédio para asma — disse Eddie, em tom de desculpas.

— Poxa, tem um gosto de bosta de cachorro!

Riram todos ao ouvi-lo, mas foi um riso nervoso. Todos olhavam apreensivos para ele. Havia agora um começo de cor em suas faces.

— Tem razão, o gosto é terrível — disse Eddie, com certo orgulho.

— Certo, mas será *kosherl* — perguntou Stan.

Todos riram novamente, embora nenhum deles (incluindo Stan), soubesse realmente o que significava “kosher”. Foi ele o primeiro a parar de rir e olhou intencionalmente para Eddie.— Conte-me o que sabe sobre o piezometro — pediu.

Eddie começou a contar, mas Ben e Beverly também contribuíram. O piezometro de Derry levantava-se na Rua Kansas, uns dois quilômetros a oeste da zona comercial da cidade, perto da borda sul dos Barrens. Em certa época, perto do final do século anterior, fornecera toda a água de Derry, contendo um milhão, setecentos e cinqüenta mil galões. Como a galeria circular e aberta, logo abaixo do teto do piezometro, oferecesse uma vista espetacular para a cidade e campos circundantes, havia sido um lugar popular até mais ou menos 1930. Quando o tempo era bom, nas tardes de sábado e domingo as famílias iam ao pequeno Memorial Park, subiam os cento e sessenta degraus que levavam à galeria, no interior do piezometro, e de lá apreciavam o panorama. Em geral, abriam as toalhas e almoçavam em piquenique, enquanto faziam isso.

Os degraus da escada ficavam entre a parte externa do piezometro, sarrafeada e ofuscantemente branca, e sua manga interna, um grande cilindro de aço inoxidável, com a altura de trinta e dois metros. Aquela escada chegava ao topo, em estreia espiral.

Logo abaixo do nível da galeria, uma grossa porta de madeira no envoltório interno do piezometro dava para uma plataforma situada acima da própria água do reservatório — um pequeno lago negro, suavemente marulhante, iluminado por lâmpadas nuas de magnésio, aparafu-sadas em coifas refletoras de lata. Quando o reservatório estava cheio, a água tinha exatamente 30 metros de profundidade.

— De onde vinha a água? — perguntou Ben.

Bev, Eddie e Stan entreolharam-se. Nenhum deles sabia.

— Bem, e sobre as crianças que se afogaram?

Quanto a isso, eles foram apenas um pouco mais esclarecedores. Parecia que naquele tempo ("velhos tempos", disse Ben solenemente, quando assumiu sua parte na história) a porta que levava jà plataforma acimada água sempre era deixada sem tranca. Certa noite, dois garotos... ou talvez apenas um... ou no máximo três... encontraram a porta ao nível do solo também destrancada. Resolveram aventurar-se e subir. Por engano, acabaram indo parar na plataforma acima da água, em vez de na galeria. Estava muito escuro e acabaram caindo pela borda antes de saberem direito onde estavam.

— Ouvi esta história daquele garoto, Vic Crumly, que disse ter sabido dela, por seu pai — falou Beverly, — de modo que talvez seja verdadeira. Vic disse que seu pai contou que, tendo caído na água, era comose aqueles garotos já estivessem mortos, porque não havia onde se segurarem. A plataformava ficava no alto, fora de alcance. Vic disse que eles ficaram lá, nadando em círculos, gritando por socorro, provavelmente a noite inteira. Só que ninguém ouvia, e então ficaram cada vez mais cansados, até que...

A voz de Beverly extinguiu-se, enquanto ela sentia o horror da situação. Mentalmente, via os meninos, reais ou imaginados, debatendo-se na água como cãezinhos encharcados. Afundando e tornando a emergir, gorgolejando. Debatendo-se mais e nadando menos, como em filmada cena de pânico. Os tênis ensopados na água. Dedos estirando-se na busca inútil de um ponto qualquer de apoio nas paredes lisas do reservatório de aço. Podia sentir o gosto da água que teriam engolido. Podia ouvir a qualidade monótona, ecoante, de seus gritos de socorro. Por quanto tempo? Quinze minutos? Meia hora? Por quanto tempo os gritos haviam cessado e eles, simplesmente, ficaram flutuando de barriga para baixo, como estranhos peixes que o zelador iria encontrar na manhã seguinte?

— Meu Deus! — exclamou Stan secamente.

— Ouvi dizer que também houve uma mulher que perdeu o filhinho

— falou Eddie, de repente. — Foi quando eles fecharam o lugar para sempre. Pelo menos, ouvi assim. Eles costumavam deixar as pessoas subirem lá, sei disso. Então, houve o caso dessa senhora e seu filho. Não sei que idade tinha a criança. E aquela plataforma, bem, parece que se projeta bem para cima da água. A senhora chegou até o gradil e, sabem, estava segurando a criança. A mãe deve ter caído ou então o filho apenas se contorceu. Soube que um cara tentou salvar a criança. Bancar o herói, vocês sabem. Ele pulou para a água, mas ela já havia sumido. Talvez o cara estivesse usando um blusão ou coisa assim. Sabem como é quando as roupas da gente ficam molhadas, elas puxam para abaixo.

Eddie levou bruscamente a mão ao bolso e tirou de lá um pequeno frasco castanho. Abriu-o, pegou duas pílulas brancas e as engoliu em seco.

— O que é isso? — perguntou Beverly.

— Aspirina. Fiquei com dor de cabeça.

Eddie olhou para ela defensivamente, mas Beverly nada mais disse. Ben encerrou o relato. Após o incidente com a criancinha (ele disse ter sabido que era realmente uma criança pequena, uma garotinha com uns três anos), o Conselho da Cidade votou pelo fechamento do piezômetro — tanto na parte inferior como na superior), suspendendo também ospasseios durante o dia e piqueniques na galeria. O piezômetro ficara fechado desde então. Oh, o zelador entrava e saía, os homens da manutenção iam lá de vez em quando, e em cada estação havia uma época certa para excursões dirigidas. Os cidadãos interessados podiam seguir uma senhora da Sociedade Histórica e subiam a escada em caracol até o alto, para a galeria, onde podiam soltar exclamações pela beleza da vista e tirar fotos de Kodak para mostrar aos amigos. Contudo, a porta interna que dava para o reservatório circular estava agora sempre trancada.

— E ele continua cheio d'água? — perguntou Stan.

— Acho que sim — respondeu Ben. — Durante a temporada em que o mato ressequido se incendeia, já vi carros de bombeiros abastecendo-se lá. Eles adaptam uma mangueira ao cano na parte de baixo do reservatório e enchem os carros-pipa.

Stanley estava olhando novamente para a secadora, espiando os panos que giravam e giravam lá dentro. O bolo se havia desfeito e alguns dos trapos flutuavam como pára-quedas.

— O que foi que você viu lá? — perguntou-lhe Bev suavemente.

Por um momento, pareceu que ele não daria qualquer resposta. Então, aspirando trêmula e profundamente, Stan disse algo que, a princípio, pareceu aos outros completamente fora do assunto.

— Deram àquele lugar o nome de Memorial Park, por causa do 23? Regimento do Maine, na Guerra Civil. Os Azuis de Derry, como eram chamados. Lá já existiu uma estátua, mas que se partiu durante uma tempestade, nos anos quarenta. Não havia dinheiro suficiente para o conserto da estátua, e então, no lugar dela, colocaram um chafariz para os pássaros se banharem. Um grande chafariz de pedra.

Os outros olhavam para ele. Stan engoliu em seco. Houve um clique audível em sua garganta.

— Eu observo pássaros, entendam. Tenho um álbum, um binóculo da marca Zeiss-Ikon e tudo o mais. — Ele olhou para Eddie. — Ainda tem aspirinas?

Eddie estendeu-lhe o frasco. Stan pegou duas pílulas, hesitou e depois pegou outra. Devolveu o frasco e engoliu as pílulas, uma após outra, careteando. Depois, prosseguiu com sua história.

10

O encontro de Stan acontecera em um chuvoso entardecer de abril, dois meses antes. Ele vestiu seu impermeável, colocou seu livro de pássaros e o binóculo em um saco à prova d'água, franzido por um cordão na parte superior, e partiu para o Memorial Park. Ele e o pai costumavam ir lá juntos, mas havia um "trabalho extraordinário" no serviço do pai essa noite e ele telefonara especialmente na hora do jantar, a fim de falar com o filho.

Um de seus clientes, outro observador de pássaros, havia localizado o que acreditava ser um cardeal macho — *Fringillidae Richmondena* — bebendo no chafariz do Memorial Park, disse ele para Stan. Os pássaros gostavam de comer, beber e banhar-se por volta do crepúsculo. Era muito raro localizar-se um cardeal, naquela região tão ao

norte de Massa-chusetts. Stan gostaria de ir até lá e ver se podia confirmar? Sabia que o tempo estava uma droga, mas...

Stan concordara alegremente. A mãe o fizera prometer que permaneceria com o capuz do impermeável na cabeça, mas Stam faria isso de qualquer jeito. Era um garoto meticuloso. Nunca houvera discussões quanto a ter de usar galochas ou calças de neve no inverno.

Ele fez o trajeto de dois quilômetros até o Memorial Park sob uma chuvinha fina e vacilante, que nem chegava a ser chuvisco; era mais uma constante névoa suspensa. O ar estava mudo, mas de algum modo continuava excitante. A despeito das últimas e minguadas pilhas de neve debaixo dos arbustos e maciços de árvores (a Stan, assemelhavam-se a montes de fronhas esperando lavagem), pairava no ar um odor de algo novo em crescimento. Olhando para os ramos dos olmos, bordos e carvalhos contra o céu chumbo-esbranquiçado, ele achava que suas silhuetas pareciam misteriosamente mais grossas. Elas explodiriam e brotariam em uma ou duas semanas, exibindo folhas de um verde delicado, quase transparente.

O ar *tem cheiro de verde esta tarde,* pensou, sorrindo um pouco.

Caminhou rapidamente, porque a claridade se extinguiria dentro de uma hora, talvez menos. Stan era tão meticuloso em suas observações dos pássaros, como no trajar e hábitos de estudo. A menos que houvesse claridade suficiente para ter certeza absoluta, não registraria o cardeal, mesmo se, no fundo, soubesse que realmente o vira.Atravessou o Memorial Park em diagonal. O piezômetro era uma forma branca e volumosa à sua esquerda. Stan mal olhou para lá. Não tinha nenhum interesse no piezômetro.

O Memorial Park tinha a forma aproximada de um retângulo, na encosta da colina. A grama (branca e morta àquela época do ano) era mantida perfeitamente podada no verão e havia canteiros circulares de flores. Contudo, ali não havia qualquer instalação para playground. O local era considerado um parque para adultos.

No extremo oposto, o declive amenizava-se, antes de cair bruscamente na direção da Rua Kansas e, mais além, na dos Barrens. O chafariz para aves que o pai mencionara ficava naquela área aplainada. Era um prato raso de pedra, instalado em um atarracado pedestal de alvenaria, na realidade grande damais para a humilde função que preenchia. O pai de Stan lhe havia contado que, antes do dinheiro faltar, eles haviam desejado recolocar ali a estátua do soldado.

— Gosto mais do chafariz dos pássaros, papai — respondera Stan. O Sr. Uris lhe desmanchara os cabelos.

— Eu também, filho — havia dito. — Mais banhos e menos balas, este é o meu lema.

Um lema também havia sido esculpido na pedra, no topo daquele pedestal. Stan o tinha lido, mas sem entender; o único latim que compreendia eram as classificações de gêneros de aves em seu livro.

Apparebat eidolon senex.
— Plínio

dizia a inscrição.

Stan sentou-se num banco, tirou seu álbum de pássaros da sacola e o folheou mais uma vez, até a foto do cardeal. Estudou-a, a fim de familiarizar-se com os sinais identificatórios. Seria difícil confundir um cardeal macho com algo mais — era vermelho como um carro de bombeiros, se não tão grande — mas Stan era uma pessoa acostumada a hábitos e convenções; estas coisas o confortavam e reforçavam-lhe o senso de estar no

mundo e a ele pertencer. Assim, dedicou à foto uns bons três minutos de estudo, antes de fechar o livro (a umidade no ar fazia com que os cantos das páginas se enrolassem) e recolocá-lo na sacola. Tirou o binóculo do estojo e o levou aos olhos. Não precisava ajustar o campode focalização, porque da última vez que o usara estivera sentado naquele mesmo banco, vigiando o mesmo chafariz dos pássaros.

Garoto meticuloso, garoto paciente. Ele não se entediou. Não se levantou e caminhou em torno, não girou o binóculo de cá para lá, a fim de verificar se havia algo mais, digno de ser visto. Sentou-se imóvel, com o binóculo apontado para o chafariz e a névoa acumulada em gordas gotas sobre o impermeável amarelo.

Realmente, não estava entediado. Observava o equivalente ao ponto de uma convenção aviaria. Quatro pardais castanhos ficaram lá por algum tempo, mergulhando os bicos na água, sacudindo gotículas que caíam casualmente em seus ombros e costas. Então, surgiu um gaio, invadindo o lugar como um tira Ínterropendo um ajuntamento de barulhentos vadios. No binóculo de Stan, o gaio era grande como uma casa, seus pios rixentos parecendo absurdamente pequenos por comparação (após olhar-se fixamente pelo binóculo por algum tempo, as aves amplificadas que se viam não pareciam mais estranhas, e sim perfeitamente corretas). Os pardais fugiram. Agora dono da situação, o gaio pavoneou-se, banhou-se, entediou-se e foi embora. Os pardais voltaram e tornaram a fugir quando chegaram dois papos-roxos para banhar-se e (talvez) discutir assuntos de importância para ambos. O pai de Stan achara graça na vacilante sugestão do filho de que talvez os pássaros falassem, e ele estava certo de que seu pai tinha razão ao replicar que os pássaros não tinham inteligência suficiente para conversar — que tinham um cérebro pequeno demais — porém, por Deus, eles davam a *impressão* de estar conversando. Uma nova ave se juntou a eles. Era vermelha. Stan ajustou precipitadamente o foco do binóculo, apenas um pouquinho. Seria...? Oh, não. Era um sanhaço vermelho, um bom pássaro, mas não o cardeal que procurava. Um pica-pau se juntou a ele, um visitante freqüente do chafariz do Memorial Park. Stan o identificou pela esfiapada asa direita. Como sempre, especulou sobre como aquilo podia ter acontecido — e a explicação mais provável era um perigoso encontro com algum gato. Outros pássaros chegaram e se foram. Stan viu um melro, tão desajeitado e feio como um vagão cargueiro, um azulão, outro pica-pau. Finalmente, foi recompensado com a visão de um novo pássaro — não o cardeal, mas um pássaro negro do gênero *Molothrus,* parecendo grande e branco nas lentes do binóculo. Stan deixou o binóculo lhe cair contra o peito e tirou novamente da sacola o livro de pássaros, esperando que o Molothrus não fosse em-bora, antes que pudesse confirmar o que via. Pelos menos, teria *algo* a levar para o pai. E já era tempo de ir andando. A claridade diminuía rapidamente. Ele se sentia frio e úmido. Checou o livro, depois tornou a espiar pelo binóculo. O pássaro continuava lá, não se banhando, mas apenas empoleirado na borda do chafariz, com ar pateta. Sem a menor dúvida, era um Molothrus. Não havia marcas distintivas — pelo menos, nenhuma que pudesse captar a tal distância — e à claridade vacilante, era difícil ter cem por cento de certeza, mas talvez houvesse tempo e luz suficientes para checar mais uma vez. Voltou a estudar a figura no livro, observando-a com a testa fortemente franzida em concentração. Depois tornou a pegar o binóculo. Mal o havia focalizado sobre o pássaro, quando um oco e retumbante *buuml* enviou o Molothrus — se realmente era um — voando em fuga. Stan tentou segui-lo com o binóculo, sabendo o quanto eram mínimas as suas chances de visualizá-lo outra vez. Perdeu-o e emitiu um som sibilante de aborrecimento entre os dentes. Bem, se ele viera uma vez, talvez ainda voltasse. E era apenas um Molothrus.

(provavelmente um Molothrus)

afinal de contas, não uma águia real ou uma grande torda-mergulheira.

Stan tornou a guardar o binóculo no estojo e guardou também o livro de pássaros. Então, levantando-se, olhou em torno, procurando descobrir o que provocara aquele súbito e estrondoso ruído. Não soara como um disparo de arma de fogo ou escapamento de um carro. Parecia mais uma porta sendo escancarada com violência em um filme de terror, com castelos e masmorras... completo com arrepiantes efeitos de eco.

Não pôde ver nada.

Começou a caminhar em direção à ladeira que levava à Rua Kansas. O piezômetro agora ficava à sua direita, um cilindro alvo como giz, fantasmagórico à neblina e crescente escuridão. Parecia quase... flutuar.

Era um esquisito pensamento aquele. Stan supôs que devia ter brotado de sua cabeça — de onde mais viria um pensamento? — mas, de certo modo, não parecia em absoluto ser um pensamento seu.

Olhou mais detidamente para o piezômetro e então encaminhou-se naquela direção, quase sem perceber o que fazia. Havia janelas circundando a edificação em intervalos, subindo espiraladamente à volta dela, o que fez Stan evocar o poste de barbeiro diante da barbearia do Sr. Aur-íette, onde ele e o pai cortavam o cabelo. As ripas, alvas como ossos, avolumavam-se acima de cada uma das janelas escuras, como sobrancelhas sobre olhos. *É curioso como eles fizeram isso,* pensou Stan — não com o mesmo interesse que Ben Hanscom demonstraria, mas apenas algum — e foi quando reparou que havia um espaço muito maior de escuridão ao pé do piezômetro — um nítido oblongo na base circular.

Stan parou, de testa franzida, refletindo que aquele era um lugar muito esquisito para uma janela, pois ficava inteiramente fora de simetria em relação às outras. Então, percebeu que não era janela, mas uma porta.

O barulho que ouvi, pensou. *Foi daquela porta, batendo com força ao escancarar-se.*

Olhou em torno. Um crepúsculo sombrio e prematuro cercava tudo. O céu branco agora se tornava de um opaco púrpura-acinzentado, com a névoa espessando-se um pouco mais para a chuva firme que cairia pela maior parte da noite. Crepúsculo e névoa, mas sem qualquer vento.

Bem... se a porta não se escancarara sozinha, teria sido aberta por alguém? Por quê? Afinal, parecia uma porta terrivelmente maciça, para que a abrissem com tamanha violência, capaz de produzir um ruído tão forte. Então Stan supôs que devia ser uma pessoa muito corpulenta... talvez...

Curioso, caminhou até lá, para uma observação mais acurada.

A porta era maior do que a princípio imaginara — dois metros de altura e sessenta centímetros de largura. Tiras de latão uniam as tábuas que a formavam. Stan a fez girar, até ficar meio fechada. Ela se moveu macia e facilmente sobre os gonzos, a despeito do tamanho. Também se moveu silenciosamente — não houve o menor chiado. Ele a movera, para ver quanto dano causara às ripas, abrindo-se com tanta força. Não havia dano algum, nem mesmo uma única marca. Esquisitérrimo, como diria Richie.

Bem, o barulho que ouvi não foi produzido pela porta, eis tudo, pensou ele. *Talvez algum jato vindo de Loring rompeu a barreira do som acima de Derry, qualquer coisa assim. Sem dúvida, a porta foi aberta por...*

Seu pé tropeçou em algo. Baixando os olhos, Stan viu que era um cadeado... bem, não tanto. Era o que *sobrara* de um cadeado. Havia sido arrebentado. De fato, parecia que alguém enchera a fechadura de pólvora e depois acendera um fósforo no orifício. Flores de metal, mortal-mente aguçadas, expandiam-se do corpo do cadeado em pontas rígidas. Stan pôde ver as camadas internas de aço. A grossa argola do ferrolho pendia

torta, presa a um parafuso que tivera três quartos do corpo arrancado da madeira. Os outros três ferrolhos jaziam na relva molhada, torcidos como biscoitos.

De cenho franzido, Stan tornou a abrir a porta e espiou no interior.

Degraus estreitos levavam para o alto, fazendo um círculo em torno e desaparecendo de vista. A parede externa da escada era de madeira nua, suportada por vigas gigantescas, mais unidas por cavilhas do que por pregos. A Stan, algumas das cavilhas pareciam mais grossas que a parte superior de seu braço. A parede interna era de aço, dela sobressaindo gigantescos rebites, inchados como bolhas.

— Tem alguém aí? — perguntou Stan.

Não houve resposta.

Ele vacilou, depois entrou, a fim de ver um pouco melhor a estreita garganta da escadaria. Nada. Ali era negro como breu. Negrérrimo, como *também* diria Richie. Ele se virou para ir embora... e ouviu música.

Era um som fraco, mas ainda assim, instantaneamente identificável.

Música de órgão a vapor.

Ladeou a cabeça, ouvindo, o cenho franzido começando a desmanchar-se um pouco. Música de órgão a vapor, sem dúvida, a música das fileiras e parques de diversões do condado. Ela evocou lembranças tão deliciosas quanto efêmeras: pipoca, algodão-doce, biscoitos fritando em banha quente, o estrépito dos brinquedos movidos por engrenagens dentadas, como o Chicote, Bicho-da-seda, Xícaras Rolantes...

Agora, o cenho franzido era substituído por um início de sorriso. Stan subiu um degrau, depois outros dois, com a cabeça ainda de banda. Tornou a parar. Era como se pensar em feiras pudesse realmente criar uma; ele agora sentia de fato o *cheiro* de pipoca, algodão-doce, ros-quinhas... e ainda mais! Amendoim torrado, cachorro-quente com chili, fumaça de cigarro e serragem. Havia o cheiro acre do vinagre branco, do tipo que se pode espalhar nas batatas fritas por um furo na tampa de lata. Ele podia sentir o cheiro da mostarda, amarela e forte, e ardendo de quente, que se espalha no cachorro-quente com uma pazinha de madeira.

Aquilo era espantoso... incrível... irresistível!

Subiu mais um degrau, e foi quando ouviu as pisadas farfalhantese ansiosas acima dele, descendo os degraus. Stan tornou a inclinar a cabeça. A música do órgão ficara subitamente mais alta, como que para mascarar o som das pisadas. Ele agora identificava a música — era "Corridas de Camptown".

Pisadas, sem dúvidas: mas seriam exatamente pisadas farfalhantes? Em realidade, elas produziam um som dando a impressão de... *mole e úmido,* não era mesmo? *Plaft. Plaft.* Como se a pessoa usasse galochas cheias de água.

Damas de Camptown, cantem esta canção, la-la-la la-la-la
(Plaft-plaft)
A pista de Camptown tem quinze quilômetros, la-la-la la-la-la
(Plaft-plaft — mais perto agora)
É cavalgada a noite inteira
É cavalgada o dia inteiro...

Agora havia sombras oscilando na parede, acima dele.

O terror aferrou a garganta de Stan imediatamente — era como engolir algo quente e horrível, um remédio ruim, que de repente galvaniza a pessoa como eletricidade. As sombras é que faziam isso.

Ele as viu por um instante apenas. Tivera somente uma fração de segundo para observar que eram duas, que eram encurvadas e, de algum modo, inaturais. Teve apenas aquele instante, porque a claridade ali estava esmorecendo, esmorecendo muito depressa

e, enquanto ele se virava, a pesada porta do piezômetro girou ponderosamente, fechando-se ás suas costas.

Stanley desceu os degraus correndo (sem saber como, havia subido mais de uma dúzia, embora só recordasse que subira dois, três no máximo), agora com muito medo. Estava demasiado escuro para enxergar qualquer coisa. Podia ouvir a própria respiração, podia ouvir a música do órgão a vapor, saltitando em algum ponto acima dele

(o que estará fazendo semelhante música aqui no escuro? e quem a tocaria?)

e podia ouvir aquelas pisadas molhadas. Aproximando-se dele agora. Chegando mais perto.

Colidiu na porta com as mãos abertas à frente do corpo, chocou-se nela duramente, com força bastante para enviar cintilantes fagulhas de dor até os cotovelos. Ela girava com tanta facilidade antes... mas agora não se movia em absoluto!Não... não era bem assim. A princípio, ela se movera apenas um pouco, apenas o bastante para que ele visse uma zombeteira faixa de claridade acinzentada, correndo verticalmente no lado esquerdo da porta. Então se fechara de novo. Como se alguém, do lado de fora, a estivesse firmando e mantendo-a fechada.

Ofegante, aterrorizado, Stan empurrou a porta com todas as forças. Podia sentir os prendedores de latão fazendo pressão contra suas mãos. Nada aconteceu.

Ele girou, agora apertando a porta com as costas e as palmas abertas. Podia sentir o suor, quente e oleoso, escorrendo por sua testa. A música ficara ainda mais alta, infiltrando-se e ecoando pela escada em caracol. Nela nada havia de alegre agora. Tinha mudado. Tornara-se um canto fúnebre. Gritava como vento e água. Mentalmente, Stan viu uma feira de condado no fim do outono, com vento e chuva varrendo uma aléia central deserta, bandeirolas murchas, tendas inflando-se e emurchecendo, caindo, arrastadas como morcegos de lona. Viu brinquedos vazios, silhuetando-se contra o céu como cadafalsos; o vento tamborilava e pisoteava os esquisitos ângulos de seus tirantes. De repente, compreendeu que a morte estava naquele lugar com ele, que a morte vinha para ele, brotando da escuridão, e que lhe era impossível fugir.

Um jato súbito de água escorreu pelos degraus. Agora não era o cheiro de pipoca, de rosquinhas e algodão-doce que ele sentia, mas de podridão molhada, o fedor do porco morto que explodiu em uma fúria de larvas, em um lugar escondido do sol.

— *Quem está aí?*— gritou, em voz aguda e trêmula. Respondeu-lhe uma voz rouca e gorgolejante, que parecia sufocada em lama e água estagnada.

— Os mortos, Stanley. Somos os mortos. Nós afundamos, mas agora flutuamos... e você flutuará também.

Ele podia sentir a água escorrendo em torno dos pés. Encolheu-se contra a porta, em uma agonia de medo. Eles estavam bem perto agora. Stan podia sentir-lhes a proximidade. Podia sentir o *cheiro* deles. Alguma coisa estava afundando em seu quadril, ao apertar-se contra a porta, incessantemente, em um esforço irracional e inútil para fugir dali.

— Estamos mortos mas às vezes andamos um pouco por aí como palhaços, Stanley. Às vezes...

Era o seu livro de pássaros.Sem pensar, Stan tentou pegá-lo. Estava preso no bolso de sua capa e não queria sair. Um *deles* chegara embaixo agora; Stan podia ouvi-lo arrastando os pés sobre o pequeno recinto forrado de pedras, por onde havia entrado ali. Estaria em cima dele dentro de um instante, seria possível sentir a carne fria daquela coisa.

Stan deu mais um furioso puxão, e o livro de pássaros estava em sua mão. Ergueu-o na frente do corpo, como um frágil escudo, sem pensar no que fazia, mas, subitamente, certo de que aquilo era o *correto*.

— Papos-roxos! — gritou dentro da escuridão.

Por um momento, a coisa aproximando-se (seguramente, agora estava a menos de cinco passos de distância) vacilou — Stan quase teve certeza disso. E, por um instante, não sentira ceder ligeiramente a porta contra a qual se apertava?

Bem, ele *não* a estava apertando mais. Estava em pé, ereto na escuridão. Quando é que aquilo tinha acontecido? Não havia tempo para raciocinar. Passando a língua pelos lábios secos, ele cantou:

— Papos-roxos! Garças-cinzentas! Mergulhões-do-norte! Sanhaços vermelhos 1 Melros! Pica-paus-martelos! Pica-paus-de-cabeça-vermelhai Chapins! Cambaxirras! Peli....

A porta se abriu com um grito de protesto e Stan deu um gigantesco passo atrás, penetrando no rarefeito ar enevoado. Caiu esparramado sobre a relva morta. Havia quase dobrado seu livro de pássaros ao meio e, mais tarde nessa noite, veria as claras marcas de seus dedos impressas fundamente na capa.

Não tentou levantar-se. Em vez disso, seus calcanhares é que escavavam o solo, os pés marcando sulcos através da grama fanada. Seus lábios repuxavam-se sobre os dentes. No interior daquele oblongo penumbro-so, ele divisou dois pares de pernas abaixo da linha de sombra diagonal formada pela porta, que agora permanecia meio aberta. Pôde ver jeans que haviam apodrecido para um tom negro-purpúreo. Fios alaranjados jaziam flacidamente colados contra as bainhas e delas pingava água, formando poças em torno dos sapatos quase completamente furados, de todo, revelando artelhos inchados e arroxeados em seu interior.

As mãos deles pendiam flácidas aos lados do corpo, compridas demais, de uma exagerada cor branco-cera. Pendurado em cada dedo havia um pequeno pompom laranja.Segurando o entortado livro de pássaros diante do corpo, com o rosto molhado de névoa, suor e lágrimas, Stan sussurrou, em fosco tom monótono:

— Filhotes de falcão... bicudos... beija-flores... albatrozes... quivis... Uma daquelas mãos se virou, mostrando uma palma na qual a água incessante erodira todas as linhas, deixando-a tão idiotamente lisa como a mão de um manequim em loja de departamentos.

Um dedo esticou-se... depois encolheu-se. O pompom saltou e balançou, saltou e balançou.

O dedo o chamava.

Stan Uris, que morreria em uma banheira com cortes desferidos em seus antebraços vinte e sete anos mais tarde, ficou de joelhos, depois levantou-se e então correu. Correu através da Rua Kansas, sem olhar para ver a direção do trânsito e sem parar, ofegando, até a outra calçada, onde então fez uma pausa e espiou para trás.

Daquele ângulo, não podia ver a porta na base do piezômetro; via apenas o próprio piezômetro, grosso, mas ainda assim gracioso, elevando-se no escuro.

— Eles estavam mortos — murmurou Stan para si mesmo, chocado. Deu meia-volta subitamente, e correu para casa.

11

A secadora havia parado. Stan também parará de falar.

Os outros três apenas ficaram olhando para ele, por um longo momento. A pele de Stan estava quase tão acinzentada como o anoitecer de abril que acabara de narrar.

— Uau! — exclamou Ben finalmente, deixando a respiração escapar em um entrecortado e sibilante suspiro.

— Foi verdade — disse Stan em voz baixa. — Juro por Deus.

— Acredito em você — respondeu Beverly. — Depois do que aconteceu em minha casa, acredito em *qualquer coisa.*

Ela se ergueu subitamente, quase derrubando a cadeira, e caminhou para a secadora. Começou a retirar os panos de limpeza, um a um, dobrando-os em seguida. Estava virada de costas, mas Ben desconfiou que chorava. Sentia vontade de aproximar-se dela, mas não tinha coragem.— Precisamos contar isto a Bill — disse Eddie. — Ele saberá o que fazer.

— Fazer? — exclamou Stan, virando-se para ele. — O que quer dizer com *fazerl*

Eddie olhou para ele, desconfortável.

— Bem... — começou.

— Eu não quero *fazer* nada a respeito — replicou Stan. Fitava Eddie com tal dureza, tal firmeza, que o outro remexeu-se na cadeira. — O que eu quero é *esquecer* isso. É tudo quanto quero *fazer.*

— Não é tão fácil assim — disse Beverly quietamente, virando-se. Ben acertara: a quente luz do sol que se filtrava pelas janelas sujas da lavanderia acentuaram linhas brilhantes em suas faces, linhas formadas pelas lágrimas. — Não se trata de *nós* apenas. Eu ouvi Ronnie Grogan. E o menininho que ouvi primeiro... acho que talvez seja o garotinho dos Clement. Aquele que desapareceu de seu velocípede.

— E *dai?* — exclamou Stan, em voz desafiante.

— Ainda pergunta? E se houver mais? — replicou ela. — Se a tal coisa pegar mais crianças?

Os olhos dele, de quente tonalidade castanha, prenderam-se aos azuis de Beverly, respondendo à questão sem falar: *E daí se ela pegar?*

Bev, no entanto, não baixou os olhos nem os desviou. Foi ele que finalmente baixou os seus... talvez somente porque ela ainda chorava, mas talvez porque a preocupação dela a tornava, de certa forma, a pessoa mais forte.

— Eddie tem razão — disse Beverly. — Devíamos contar a Bill. Então, talvez ao Chefe de Polícia...

— Está bem — disse Stan. Se tentava parecer irado, não funcionou. Sua voz tinha apenas um tom cansado. — Crianças mortas no piezôme-tro. Sangue que adultos não enxergam, mas apenas crianças. Palhaços caminhando no Canal. Balões de gás que flutuam contra o vento. Múmias. Leprosos debaixo de varandas. O Chefe Borton vai morrer de rir... e depois nos bota no hospício.

— Se todos nós o procurarmos — disse Ben, perturbado. — Se formos juntos...

— Certo — disse Stan. — Muito bem. Conte-me mais, Monte de Feno. Escreva-me um livro.Stan levantou-se e foi até a janela, com as mãos enfiadas nos bolsos, parecendo irritado, transtornado e assustado. Espiou para fora por um instante, com os ombros duros e empertigados sob a camisa bem arrumada. Daquela posição, sem se virar para eles, repetiu:

— Escreva-me um *livro!* Um livro assustador!

— Não — respondeu Ben, em voz baixa. — Bill é que irá escrever os livros.

Stan deu meia-volta, surpreso. Os outros olharam para ele. Havia uma expressão chocada no rosto de Ben Hanscom, como se súbita e inesperadamente, houvesse dado uma bofetada em si mesmo.

Bev dobrou o último pano de limpeza.

— Pássaros... — murmurou Eddie.

— O quê? — perguntaram Bev e Ben ao mesmo tempo. Eddie estava olhando para Stan.

— Você conseguiu livrar-se, gritando nomes de pássaros para eles?

— É possível — disse Stan, com relutância. — Enfim, talvez a porta apenas estivesse emperrada e finalmente se abriu.

— Sem que você a tocasse? — perguntou Bev.

Stan deu de ombros. Não foi um gesto de indiferença; significava apenas que ele não sabia.

— Acho que foi por causa dos nomes de pássaros que você gritou para eles — disse Eddie. — Só que, por quê? Nos filmes, a gente ergue uma cruz...

— ...ou reza o Pai-Nosso... — acrescentou Ben.

— ... ou o Salmo 23 — interveio Bev.

— Conheço o Salmo 23 — replicou Ben, irritado, — mas creio que não me sairia muito bem com a velha história do crucifixo. Sou judeu, lembram-se?

Os três desviaram o rosto, embaraçados, fosse por ele ter nascido daquele jeito ou porque tinham esquecido o detalhe.

— Pássaros — repetiu Eddie. — Meu Deus!

Tornou a olhar culpadamente para Stan, mas este espiava melancolicamente para o outro lado da rua, onde ficavam os escritórios da Hidro de Bangor.

— Bill saberá o que fazer — declarou Ben de súbito, como que finalmente concordando com Bev e Eddie. — Aposto qualquer coisa. Aposto qualquer dinheiro.— Ouçam — disse Stan, olhando para todos eles francamente. — Por mim, tudo bem. Podemos falar com Bill, se é o que vocês querem. No entanto, é aí que as coisas param para mim. Podem chamar-me de galinha ou de covarde, que não me importo. Acho que não sou covarde. Acontece apenas que aquelas coisas, lá no piezômetro...

— Se você não ficasse com medo ou coisa assim, tinha que estar louco, Stan — disse Beverly suavemente.

— Sim, eu fiquei com *medo,* mas não é esse o problema — respondeu Stan, acalorado. — Nem é sobre isso que estou falando. Será que não *entendem*...

Os três olhavam para ele, expectantes, os olhos perturbados e ao mesmo tempo vagamente esperançosos, mas Stan descobriu que não conseguiria explicar como se sentia. As palavras lhe faltavam. Dentro dele havia uma pedra de sensação, quase o asfixiando, sem que pudesse arrancá-la da garganta. Apesar de sua meticulosidade, de sua firmeza, continuava sendo apenas um garoto de onze anos, que nesse ano terminara o quarto grau.

Stan gostaria de dizer a eles que havia coisas ainda piores do que ficar com medo. A gente pode ter medo de coisas como quase ser atropelado por um carro enquanto pedala uma bicicleta ou, antes da vacina Salk, de pegar paralisia infantil. Era possível ter-se medo daquele louco chamado Khrushchev ou de morrer afogado, quando a água não dava mais pé. Uma pessoa podia sentir medo de tudo isso, mas continuar funcionando.

Entretanto, sobre aquelas coisas no piezômetro...

Ele gostaria de contar-lhes que aqueles garotos mortos, os que tinham descido cambaleando e penosamente aquela escada em caracol, haviam feito algo pior do que amedrontá-lo: eles o tinham *insultado.*

Insultado, exatamente. Era a única palavra em que podia pensar, mas se a usasse, seus amigos ririam. Stan sabia que gostavam dele, que o tinham aceito como um do grupo, mas mesmo assim, ririam. Dava no mesmo; havia coisas que, supostamente, não deviam *ser.* Eles tinham insultado o senso de ordem de qualquer pessoa lúcida, insultado a idéia central de que Deus dera à terra inclinação final em seu eixo, a fim de que o crepúsculo durasse apenas cerca de doze minutos no equador e demorasse uma hora ou mais onde os esquimós construíam seus iglus, de que Ele havia feito isso e então dissera a respeito: "Certo, se você pode conceber a inclinação, pode conceber qualquer maldita coisa que escolher. Porque inclusive a luz tem peso e, quando a nota de um apito de trem cai, trata-se do efeito de Doppler, e quando um avião rompe a barreira do som, o estouro não significa o aplauso dos anjos ou a flatulência de demônios, mas apenas o ar acomodando-se de volta ao lugar. Eu lhes dei a inclinação, e depois fiquei sentado na metade do auditório, a fim de apreciar o espetáculo. Nada mais tenho a dizer, exceto que dois e dois são quatro, que luzes no céu são estrelas, se há sangue que adultos podem ver tão bem quanto crianças, e crianças mortas que ficam mortas." Acho que se pode viver com medo, diria Stan, se pudesse. Talvez não para sempre, mas durante muito e muito tempo. É com o *insulto* que não se pode viver, porque ele abre uma fenda em nosso pensamento. Então, olhando para dentro de nós, veremos que lá há coisas vivas, coisas com olhinhos amarelos que não piscam. Veremos que naquela escuridão há um fedor e, após algum tempo, pensaremos que lá talvez exista todo um outro universo, um universo onde uma lua quadrada anda no céu, estrelas riem em vozes geladas e alguns dos triângulos possuem quatro lados, alguns deles cinco e outros possuem cinco elevado à quinta potência dos lados. Em tal universo, talvez cresçam rosas que cantem. Tudo leva a tudo, ele diria aos outros, se pudesse. Vão à sua igreja e ouçam suas histórias sobre Jesus caminhando sobre a água, mas se eu vir um cara fazendo isso, vou gritar, gritar e gritar. Porque, para mim, não pareceria um milagre. Seria como um *insulto.*

Como ele não poderia dizer nada disso, apenas insistiu:

— Ficar assustado não é o problema. Apenas não quero ser envolvido em algo que me levará ao nada.

— Então, pelo menos irá conosco, falar com ele? — perguntou Bev. — Ouviria o que Bill tem a dizer?

— Claro — disse Stan, e depois riu. — Talvez eu deva levar meu livro de pássaros.

Riram-se todos, e o ambiente ficou mais descontraído.

12

Beverly separou-se deles diante da lavanderia Kleen-Kloze e voltou sozinha para casa, levando os panos de limpeza. O apartamento conti-nuava vazio. Ela guardou os panos debaixo do armário da pia e fechou a porta. Depois, levantando-se, olhou na direção do banheiro.

Eu não vou lá, pensou. *Vou ver* Bandstand *na televisão.*

Assim, foi para a sala de estar e ligou a TV. Cinco minutos mais tarde, Beverly desligava o aparelho, quando Dick Clark mostrava quanta oleosidade *apenas um* tampão medicinal Stri-Dex retirava do rosto do adolescente comum ("Se você pensa que pode limpar sua pele com água e sabão apenas", dizia Dick, erguendo o tampão sujo até o

vidrado olho da câmara, a fim de que todo adolescente americano lhe desse uma boa espiada, "devia olhar bem para isto").

Ela retornou ao armário debaixo da pia da cozinha, onde seu pai guardava ferramentas. Entre estas, havia uma trena de bolso, do tipo que solta uma comprida fita amarela, dividida em centímetros. Beverly a segurou na mão fria e voltou ao banheiro.

O banheiro estava reluzentemente limpo, silencioso. Em algum ponto, muito distante segundo parecia, ela podia ouvir a Sra. Doyon gritando para seu filho Jim sair da rua, *imediatamente.*

Beverly chegou até a pia e olhou para o buraco escuro do ralo.

Ficou parada ali algum tempo, as pernas frias como mármore dentro do jeans, os mamilos duros e rígidos o suficiente para cortar papel, os lábios gelados e secos. Esperou pelas vozes.

Nada aconteceu.

Um leve suspiro trêmulo brotou de sua garganta, e Beverly começou a introduzir a estreita fita de aço da trena dentro do ralo. Ela descia suavemente como uma espada na garganta de algum engolidor de espadas na feira do condado. Quinze centímetros, vinte, vinte e cinco. A fita parou e Beverly supôs que houvesse ficado engasgada na curva do sifão, debaixo da pia. Torceu-a, puxando ao mesmo tempo com suavidade e, pouco depois, ela voltava a ser engolida pelo ralo. Quarenta centímetros agora, então cinqüenta, noventa a seguir.

Beverly espiava a fita amarela deslizando para fora do estojo de aço cromado, gasto nos lados pela mão grande do pai. Mentalmente, podia vê-la insinuando-se nas entranhas negras do cano, recolhendo sujeira aderida, arrancando lascas de ferrugem. Lá no fundo, onde o sol nunca brilha e a noite nunca cessa, pensou.

Imaginou a ponta da fita, com seu pequeno acabamento de aço, não maior do que uma unha da mão, escorregando mais e mais na escuridão.Parte de sua mente gritava. *O que você está fazendo?* Beverly não ignorou essa voz... mas era impossível ceder ao que lhe dizia. Viu a extremidade da fita descendo reta agora, indo para o porão. Viu-a tocando o cano de esgoto... e, nesse momento, a fita tornou a ricochetear.

Beverly a torceu novamente, e a fita, muito fina em sua estrutura, produziu um som fraco e espectral, fazendo-a recordar os de um serrote, quando encurvado de um lado para outro, posto em cima das pernas.

Era possível imaginar a extremidade da fita, retorcendo-se contra o fundo daquele cano maior, uma manilha com superfície de cerâmica. Beverly podia vê-la inclinando-se... e então conseguiu empurrá-la para diante outra vez.

Dois metros. Dois metros e dez. Dois e meio...

Subitamente, a fita começou a deslizar por entre suas mãos, sozinha, como se algo lá embaixo estivesse puxando a outra extremidade. Não apenas puxando: *correndo* com ela. Beverly ficou espiando a fita que se desenrolava velozmente, de olhos arregalados, a boca formando um frouxo O de medo — de medo, sim, mas não de surpresa. Elayá *não sabial* Não *sabia* antes que algo assim ia acontecer?

A fita desenrolou-se até o fim. Cinco metros e setenta, praticamente seis metros.

Uma risadinha branda e amortecida viajou pelo cano, seguida por um sussurro muito baixo, que era quase uma censura: *"Beverly, Beverly, Beverly... Você não pode lutar contra nós... morrerá se tentar... morrerá se tentar... morrerá se tentar... Beverly... Beverly... Beverly... ly-ly-ly..."*

Houve um clique dentro do estojo da fita e, de repente, ela começou a girar rapidamente de volta, os números e marcações embaciando-se ante a velocidade. Quase no final — o último metro e meio ou dois — o amarelo se tornou um escuro e gotejante

vermelho. Beverly gritou, deixando a trena cair ao chão, como se a fita houvesse subitamente virado uma serpente viva.

A porcelana branca e limpa da pia ficou salpicada de sangue fresco, que escorreu para o grande olho do ralo. Agora soluçando, o medo como um peso congelante no estômago, Beverly abaixou-se e recolheu a trena. Pegou-a entre o polegador e o indicador da mão direita, como uma pinça. Então, mantendo-a diante do corpo, levou-a para a cozinha. Enquanto caminhava, o sangue pingava da fita para o desbotado linóleo do corredor e da cozinha.Procurou controlar-se, pensando no que seu pai diria — ou no que lhe *faria* — se descobrisse que ela deixara sua trena toda ensangüentada. Naturalmente, ele não seria capaz de ver o sangue, mas pensar nisso ajudava.

Apanhou um dos panos de limpeza recém-lavados — ainda tão quente como pão fresco, após sair da secadora — e voltou ao banheiro. Antes de começar a limpar, fechou o ralo com o tampão de borracha dura, cerrando aquele olho. O sangue era fresco, pôde limpá-lo sem dificuldade. Em seguida, acompanhou seu trajeto anterior para a cozinha, limpando as gotas do tamanho de uma pequena moeda sobre o linóleo. Depois lavou o pano, torceu-o e o deixou de lado.

Apanhou um segundo pano de limpeza e o usou para limpar a fita da trena de seu pai. O sangue era espesso e viscoso. Em dois lugares havia um acúmulo daquele material, negro e esponjoso.

Embora o sangue só ocupasse o último metro e meio ou dois da fita, ela a limpou em todo o comprimento, removendo também todos os vestígios de sujeira retirada do cano. Feito isto, Beverly tornou a guardar a trena no armário debaixo da pia da cozinha e levou os dois panos manchados para os fundos do apartamento. A Sra. Doyon gritava novamente com Jim. Sua voz era clara, quase como o soar de um sino, na quente calmaria do fim de tarde.

No pátio dos fundos, que em sua maioria era terra nua, ervas daninhas e varais de secar roupa, havia um incinerador enferrujado. Beverly jogou os panos dentro dele e depois sentou-se nos degraus que davam para aquele pátio. As lágrimas brotaram de repente, com surpreendente violência, mas desta vez ela não fez qualquer esforço para contê-las.

Dobrou os braços sobre os joelhos, colocou a cabeça entre os braços e chorou, enquanto a Sra. Doyon gritava para Jim sair do meio daquela rua, ele queria ser atropelado por um carro e morrer?

DERRY:

O SEGUNDO INTERLÚDIO

“Quaeque ipsa miserrima vidi,
Et quorum pars magna fui.”

— Virgílio

“Não se dá rasteiras no infinito.'

— Ruas miseráveis

14 de fevereiro de 1985
Dia dos Namorados

Mais dois desaparecimentos na semana passada — ambos de crianças. Logo quando eu começava a relaxar. Uma delas, um garoto de dezesseis anos, chamado Dennis Torrio, a outra uma menininha de apenas cinco, que brincava em um trenó nos fundos de sua casa, na Broadway Oeste. A mãe histérica encontrou o trenó da filha, um daqueles discos-voadores de plástico azul, e nada mais. Nevara na noite anterior — uma camada de mais ou menos dez centímetros. Não havia outras pegadas além das dela, disse o Chefe Rademacher, quando liguei para ele. Rademacher está ficando francamente irritado comigo, creio eu. Não que isso vá me fazer perder o sono de noite; tenho coisas piores me preocupando, não tenho?

Perguntei-lhe se eu podia ver as fotos da polícia. Ele recusou.

Perguntei-lhe se as pegadas da menina seguiam na direção de algum ralo ou bueiro. Houve um prolongado silêncio. Então, Rademacher disse:

— Começo a pensar que talvez fosse bom você procurar um médico, Hanlon. Daquele tipo que remexe por dentro da cabeça da gente. A menina foi seqüestrada pelo pai. Nâo leu os jornais?

— O menino Torrio foi seqüestrado pelo pai? — perguntei. Outra prolongada pausa.

— Esqueça isso, Hanlon — disse ele. — E *me* esqueça! Rademacher desligou.

É claro que li os jornais — não sou quem, pessoalmente, os leva para a Sala de Leitura da Biblioteca Pública, todas as manhãs? A garoti-nha, Laurie Ann Winterbarger, fora entregue à custódia materna, em seguida a um litigjoso processo de divórcio, na primavera de 1982. A polícia está trabalhando a teoria de que Horst Winterbarger, supostamente trabalhando como encarregado da manutenção de maquinaria em algum lugar da Flórida, viajou de carro para o Maine, a fim de raptar a filha. Eles vão além: teorizam que o homem estacionou o carro ao lado da casa e chamou a filha, que foi ao seu encontro — daí a falta de outras pegadas que não as dela. A polícia tem menos a dizer sobre o fato de que, desde os dois anos, a menina não via o pai. Parte da profunda amargura que acompanhou o divórcio do casal Winterbarger, originou-se das alegações da Sra. Winterbarger de que, em duas ocasiões, seu marido molestara a criança sexualmente. Ela solicitou ao tribunal que negasse a ele qualquer direito de visita, no que foi atendida, apesar das calorosas negativas de Horst Winterbarger. Rademacher alega que a decisão do tribunal, separando-o inteiramente de sua única filha, pode tê-lo instigado a seqüestrá-la. Isto, pelo menos, tem uma vaga plausibilidade, mas façam uma pergunta a si mesmo: a pequena Laurie Ann teria reconhecido o pai após três anos, teria ido ao encontro quando ele a chamara? Rademacher acha que sim, embora ela tivesse apenas dois anos, na última vez em que o vira. Eu não penso assim. Além disso, a mãe de Laurie Ann afirma que treinara bem a filha contra aproximar-se de estranhos ou falar com eles, uma lição que a maioria das crianças de Derry aprende cedo e muito bem. Rademacher diz que pediu à polícia do Estado da Flórida para encontrar Winterbarger e que sua responsabilidade termina aí.

"Questões sobre custódia são uma atividade mais para advogados do que para a polícia", declarou este pomposo e obeso cretino, conforme cita o *News* de Derry, em sua edição da última sexta-feira.

Em relação ao garoto Torrio... bem, aí há algo mais. Uma feliz vida doméstica. Jogava futebol nos Tigers de Derry. Aluno que figurava no Quadro de Honra. Aprovado com louvor nas Aulas de Sobrevivência no Mundo Exterior, no verão de 84. Sem

histórico de uso de drogas. Tinha uma namorada por quem parecia apaixonado. Possuía tudo para levar uma vida invejável. Tudo para fazê-lo permanecer em Derry, pelo menos nos próximos dois anos.

Ainda assim, ele sumiu.

O que aconteceu ao garoto? Um desejo súbito de perambular pelo mundo? Um motorista embriagado, que talvez o tenha atropelado, matado e enterrado? Ou estará ainda em Derry, talvez no lado noturno de Derry, fazendo companhia a Betty Ripsom, Patrick Hockstetter, Eddie Corcoran e o resto do grupo? Será

(mais tarde)

estou na mesma outra vez. Girando e girando no mesmo terreno, sem nada fazer de construtivo, apenas desconjuntando-me, chegando ao ponto de prorromper em gritos. Pulo de susto, quando os degras de ferro que levam às prateleiras estalam. Pulo de susto com as sombras. Fico me perguntando o que faria, se estivesse arrumando livros, lá em cima das prateleiras, e então uma mão saísse do meio de duas fileiras de livros, uma mão querendo agarrar-me...

Senti novamente um desejo quase insuportável de começar a telefonar para eles, esta tarde. A certa altura, cheguei mesmo a discar 404, o código da área de Atlanta, com o número de Stanley Uris à minha frente. Então, apenas fiquei com o fone colado ao ouvido, perguntando-me se desejava ligar para eles por estar certo — cem por cento *certo* — ou apenas por estar agora tão apavorado, que não suporto ficar sozinho. Poderia ainda ser possível que eu tenha de falar com alguém que saiba (ou saberá) por que estou apavorado.

Por um momento, pude ouvir Richie dizendo: *Morcegos? MORCEGOS? Não precisamos de nenhum morcego fedorento, senhorr!* em sua voz de Pancho Vanilla, tão claramente como se ele estivesse ao meu lado... e desliguei o telefone. Porque quando se quer tão ansiosamente ver alguém como eu queria ver Richie — ou qualquer deles — naquele momento, não podemos confiar em nossas motivações pessoais. Mentimos melhor quando mentimos para nos próprios. O fato é que não tenho cem por cento de certeza. Se aparecer outro corpo, telefonarei... mas por enquanto devo supor que mesmo um idiota tão pomposo como Radema-cher possa estar certo. Ela *talvez* se lembrasse do pai; sem dúvida, existem muitas fotos dele. E imagino que um adulto realmente persuasivo poderia convencer uma criança a çntrar em seu carro, pouco importando o que houvessem incutido nessa criança.

A outro medo que me persegue. Rademacher sugeriu que eu poderia estar ficando louco. Não acredito, mas se telefonar para eles agora, *eles* podem achar que estou louco. Pior ainda: e se não se lembrarem de mim?*Mike Hanlon? Quem? Não me lembro de nenhum Mike Hanlon. Não me recordo do senhor, em absoluto. Promessa? Que promessa?*

Pressinto que chegará a hora certa de telefonar para eles... e, chegada essa hora, *saberei* que será a certa. Os circuitos de todos eles abrir-se-ão ao mesmo tempo. É como se houvesse duas enormes rodas, girando lentamente, aproximando-se uma da outra, em alguma espécie de potente convergência: eu e o resto de Derry em uma delas e, na outra, todos os meus amigos de infância.

Quando chegar a hora, eles ouvirão a voz da Tartaruga.

Assim, vou esperar e, cedo ou tarde, ficarei sabendo. Deixo de acreditar que seja uma questão de telefonar ou não para eles.

Será apenas uma questão de *quando.*

20 de fevereiro de 1985

O incêndio no Ponto Negro.

O velho Albert Carson me teria dito, provavelmente dando uma risadinha cacarejante: E um perfeito exemplo de como a Câmara de Comércio tentará reescrever a história, Mike. Eles tentarão e, algumas vezes, quase se saem bem... mas as pessoas dos tempos antigos recordarão como é que as coisas realmente aconteceram. Elas sempre lembram. E, por vezes, também contam, se o sujeito souber como interrogá-las.

Há gente que mora em Derry há vinte anos e não sabe que antigamente existiu uma caserna "especial" para oficiais subalternos, na Base do Corpo da Força Aérea Auxiliar em Derry, uma caserna que ficava a um bom quilômetro do restante da base. Em meados de fevereiro, com a temperatura por volta de zero e um vento a mais de sessenta quilômetros por hora, uivando através daquelas pistas aplainadas, provocando gripes tão fortes que mal se acreditaria, aquele quilômetro a mais se tornava algo que podia congelar uma pessoa, inclusive matá-la.

As outras sete casernas tinham aquecimento a óleo, janelas contra tempestades e calefação. Eram aquecidas e aconchegantes. A caserna "especial", que abrigava os vinte e sete homens da Companhia E, era aquecida apenas por uma velha e desconjuntada fornalha a lenha. Conseguir suprimento de madeira para lá, era algo semelhante a uma luta livre. Como calefação, havia somente a pilha de ramos de pinheiros e abetos que os homens punham em torno do exterior. Certo dia, um deles promoveu um conjunto completo de janelas contra a tempestade, mas os vinte e sete residentes da caserna "especial" foram levados a Bangor, nesse mesmo dia, para ajudar em alguns trabalhos na base de lá. Quando voltaram nessa noite, cansados e com frio, todas aquelas janelas tinham sido quebradas. Uma por uma.

Isto foi em 1930, quando metade da força aérea americana ainda consistia de biplanos. Em Washington, Billy Mitchell tinha sido levado à corte marcial e rebaixado ao serviço burocrático, por causa de sua pertinaz insistência em tentar produzir uma força aérea mais moderna. Isso acabara irritando seus superiores, o suficiente para lhe baixarem a crista. Não muito tempo depois, Mitchell pediria dispensa da força.

Assim, bem poucos vôos eram feitos na base de Derry, a despeito de suas três pistas (uma delas realmente pavimentada). A maioria dos soldados que ia para lá era do tipo trabalhador braçal.

Um dos soldados da Companhia E que voltaram para Derry após seu tempo de serviço chegar ao fim, em 1937, foi meu pai. Ele me contou esta história:

— Um dia, na primavera de 1930 — isto foi cerca de seis meses antes do fogo no Ponto Negro — eu voltava com quatro companheiros, após três dias de folga que havíamos passado em Boston.

"Quando cruzamos o portão, lá estava aquele sujeito grandalhão, logo depois do posto de identificação, inclinado sobre uma pá e exibindo a coloração dos fundilhos de seu uniforme. Era um sargento de qualquer lugar do sul. Cabelos vermelho-cenoura. Dentes estragados. Espinhas. Pouco mais do que um macaco, sem o corpo peludo, se sabe o que quero dizer. Havia um bando deles no exército, durante a Depressão.

Então, lá fomos nós, quatro jovens voltando de uns dias de folga, todos nós ainda muito satisfeitos da vida, mas podíamos ver nos olhos dele que estava apenas procurando um motivo para cair na nossa pele. Assim, nós nos perfilamos e fizemos continência para o sujeito, como se ele fosse o próprio General Black Jack Pershing. Acho que tudo terminaria ali, mas era um lindo dia de fins de abril, com um sol ainda brilhando no céu, e

eu tive que dar com a língua. Uma boa tarde para o senhor, Sargento Wilson, falei, e ele me veio com quatro pedras na mão.

"Eu lhe dei alguma permissão para falar comigo?" - perguntou.

"Não, senhor', repondi."Ele olhou para os outros rapazes — Trevor Dawson, Carl Roone e Henry Whitsun, que morreu no incêndio, aquele outono — e disse para eles: 'Este crioulo esperto aqui presente está de piadinha comigo. Se vocês aí, seus negros, não querem fazer-lhe companhia em um trabalho duro nesta merda de tarde sigam para sua caserna, arrumem-se bonitinhos e movam os traseiros até o O. D. (*Oficial de Dia. - N. da T.*) Entendido?'

"Bem eles saíram andando, e Wilson berrou:'Passo acelerado, seus fodidos! Quero ver as solas de seus batebutes!"

"Assim, eles seguiram em passo acelerado, e Wilson foi comigo até um dos galpões de equipamento. Mandou que eu pegasse uma pá e então me levou para o grande campo que ficava exatamente onde hoje é o terminal da Northeast Airlines Airbus. Ali ele olha para mim, parecendo sorrir, e aponta para o chão. Pergunta: 'Está vendo esse buraco aí, negro?'

"Não havia buraco nenhum mas achei que seria melhor para mim concordar com o que ele dissesse. Então, olhei para o chão, para onde o cara apontava e disse que claro, estava vendo. Ele me deu um soco no nariz, derrubou-me e caí no chão, com sangue escorrendo na última camisa limpa que eu tinha.

"Você não pode ver o buraco, porque algum beiçola filho da puta o encheu! ele gritou para mim, e estava com duas manchas vermelhas, enormes, em cima das bochechas. Só que estava sorrindo, ao mesmo tempo, e qualquer um podia ver que estava também se divertindo. Portanto, o que você tem a fazer, Sr. Uma Boa Tarde para o Senhor, o que tem para fazer é tirar a terra do meu buraco. Acelerado!"

"Ele mandou, eu fiz. Cavei por duas horas e logo estava enterrado naquele buraco até o queixo. O último meio metro era de argila e, quando terminei, estava com água pelos tornozelos, as botinhas encharcadas.

"Saia daí, Hanlon', disse o Sargento Wilson. Ele estava lá, sentado na relva, fumando um cigarro. Não me deu a menor ajuda. Eu estava sujo de terra e lama, dos pés à cabeça, para não falar no sangue secando na camisa do uniforme. Ele se levantou e chegou perto. Apontou para o buraco.

"O que está vendo aí, negro?", perguntou.

"O seu buraco, Sargento Wilson", respondi.

"Pois muito bem, agora decidi que não quero mais esse buraco, ele falou. 'Não quero um buraco cavado por um negro. Ponha minha terra de volta dentro dele, Soldado Hanlon."

"Então, tornei a encher o buraco de terra. Quando terminei, o sol já se escondia e estava ficando frio. Ele chegou perto e espiou, quando acabei de encher o buraco e alisava a última camada de terra, com as costas da pá."

"E agora, o que este vendo aí, negro?"- pergunta ele.

"Um bocado de terra, senhor." falei, e ele tornou a me esmurrar. Por Deus, Mike, estive a ponto de saltar em cima do sujeito e rachar-lhe a cabeça com aquela pá. Só que não fiz nada disso, certo de que nunca mais tornaria a olhar para o céu, exceto através das grades. Ainda assim, houve vezes em que pensei se não valeria a pena. De qualquer modo, consegui manter o controle.

"Isso não é um bocado de terra, seu negro burro, brigão de rua - ele grita para mim, o cuspo voando dos lábios: "É o *MEU BURACO* e acho bom que o esvazie imediatamente! Acelerado!"

"Assim, tirei toda a terra que enchia o buraco dele. Depois tornei a enchê-lo, quando ele mandou. Então, ele me pergunta por que eu tinha enchido o seu buraco, quando já se preparava para cagar nele. Tornei a escavar o buraco e o sujeito arria a calças e baixa a bunda magra, com sua fenda racista, acima do buraco. Olha para cima, sorri para mim, enquanto cumpre o prometido.

"Como é que está se sentindo, Hanlon?"

"Muito bem, senhor", respondo, porque decidi que não desistiria até perder os sentidos ou cair morto. Eu não ia perder as estribeiras.

"Bem, vou dar um jeito nisso", diz ele. 'Para começar é melhor encher esse buraco, Soldado, Hanlon. E quero ver um pouco de entusiasmo. Você está ficando lerdo.

"Eu tornei a encher o buraco e, pela maneira como o sujeito sorria, pude ver que estava apenas começando. Foi então que um amigo dele cruzou o campo com esforço, trazendo uma lanterna a gás, e lhe disse que tinha havido uma inspeção de surpresa e que Wilson esta em maus lençóis por encontrar-se ausente no momento. Meus amigos me deram cobertura e comigo ficou tudo bem, mas os amigos de Wilson — se é que tinha algum — não se deram ao trabalho de acobertá-lo.

"Ele então me deixou ir embora e, no dia seguinte, esperei para ver se seu nome constava da Lista de Castigo, mas nada aconteceu. Imagino que o sujeito devia ter dito ao tenente que faltara à inspeção porque estava ensinando a um negro falador quem era o dono de todos os buracos na base de Derry — os que tinham sido escavados e os que anida não tinham sido. É provável que lhe tenham dado uma medalha, em vez de batatas para descascar. Era como funcionavam as coisas para a Companhia E, aqui em Derry.

Foi bem por volta de 1958 que meu pai me contou a história, e acho que ele andava na casa dos cinqüenta, embora minha mãe tivesse apenas uns quarenta. Perguntei-lhe por que voltara, se Derry era desse jeito.

— Bem, eu só tinha dezesseis anos quando me juntei ao exército, Mikey — respondeu ele. — Enganei a idade para entrar. Aliás, a idéia não foi minha. Quem me disse para fazer isso foi minha mãe. Eu era grandalhão e acho que foi este o único motivo da mentira colar. Nasci e me criei em Burgaw, Carolina do Norte, e a única vez que víamos carne era logo depois da temporada do tabaco ou algumas vezes no inverno, quando meu pai baleava um racoon ou um gambá. A única coisa boa que recordo de Burgaw, é torta de gambá com bolinhos de milho em volta, o prato mais gostoso que se poderia querer.

"Assim, quando meu pai morreu em um acidente com uma máquina qualquer da fazenda, minha mãe disse que ia levar Philly Loubird para Corinth, onde ela possuía parentes. Philly Loubird era o caçula da família.

— Está falando de meu tio Phil? — perguntei, sorrindo ao pensar que alguém pudesse chamá-lo de Philly Loubird.

Meu tio Phil era advogado em Tucson, no Arizona, tendo permanecido seis anos no Conselho da Cidade local. Quando eu era criança, pensava que tio Phil era rico. Para um negro, em 1958, suponho que fosse. Ele fazia vinte mil dólares por ano.

— É dele mesmo que estou falando — disse meu pai. — Só que, naquele tempo, era um garoto de apenas doze anos, que usava um chapéu de marinheiro feito de papel-de-arroz, camisolões remendados e não tinha sapatos. Era o mais novo e eu o segundo mais novo. Todos os outros já se tinham ido — dois mortos, dois casados, um na cadeia. Esse foi Howard. Ele nunca prestou.

"Você vai pro exército', sua avó Shirley me disse. Não sei se eles vão lhe pagar um dinheiro logo de saída mas assim que começarem a pagar, você vai mandar um

quinhão pra mim, todo mês. Odeio me separarde você, filho, mas se você não cuidar de mim e mais o Philly, não sei o que vai ser da gente.'

"Ela me entregou minha certidão de nascimento para ser mostrada ao recrutador, e reparei que dera um jeito de emendar o ano que tinham registrado nela, para me passar por dezoito anos.

"Assim, fui ao tribunal onde ficava o recrutador do exército, e pedi para alistar-me. Ele me mostrou os papéis e a linha onde eu devia pôr a minha marca.

"Eu sei assinar meu nome", falei, e ele riu, como se não acreditasse.

"Muito bem, pois então assine, negrinho", diz o recrutador.

"Espere um momento", respondo. "Quero lhe fazer duas perguntas."

"Desembuche." - diz ele. "Posso responder a tudo que perguntar."

"No exército eles dão carne duas vezes por semana?" perguntei. "Minha mãe diz que sim, mas está muito empenhada em que eu me aliste.'

"Não, eles não dão carne duas vezes por semana", diz ele.

"Bem, foi o que imaginei', respondo, pensando que o homem parece mesmo uma meleca mas, pelo menos, é uma meleca *honesta.*

"Então ele diz: 'Eles dão carne todas as noites", o que me fez pensar como podia ter achado que o sujeito era honesto.

"O senhor deve me achar um idiota e tanto", eu digo.

"Você acertou em cheio", negrinho, diz ele.

"Bem, se eu me alistar, tenho que fazer uma coisa para minha mãe e Philly Loubird", eu digo. "Mamãe disse que é um quinhão."

"É este papel aqui", indica ele, e me empurra o formulário para a dotação. "E agora, o que mais quer saber?"

"Bem', eu digo", e quanto a treinamento para ser oficial?'

"Ele jogou a cabeça para trás, quando eu disse isso, e riu até me fazer pensar que ia sufocar na própria saliva. Então, ele me diz: filho, o dia em que eles tiverem oficiais negros no exército deste país, será aquele em que você verá Jesus Cristo ensangüentado dançando o charleston no País dos Desmiolados."

"Então eu assinei, vi o sujeito grampear o formulário da dotação ao restante dos meus papéis, e em seguida ele me fez prestar o juramento. Depois disso, eu já era um soldado. Pensei que iam me mandar para Nova Jersey, onde o exército construía pontes, porque não havia guerras onde lutar. Em vez disso, fui para a Companhia E, em Derry, no Maine."

Meu pai suspirou e remexeu-se na cadeira, um homem corpulento, de cabelos brancos que se enrodilhavam colados ao couro cabeludo. Naquela época, tínhamos uma das maiores fazendas em Derry e, provavelmente, a melhor produção de beira de estrada, ao sul de Bangor. Nós três trabalhávamos duro, meu pai precisava contratar empregados na época da colheita, e assim fomos progredindo.

— Eu voltei — disse ele, — porque vi o Sul e vi o Norte, percebi que o ódio era o mesmo nos dois lugares. Não foi o Sargento Wilson quem me convenceu disso. Ele não passava de um branquela pobre da Geórgia, e levava o Sul consigo, para onde quer que fosse. Não precisava ser do sul da linha Mason-Dixon (*Limite entre os Estados de Maryland e Pennsylvania, considerado como linha divisória entre os estados escravagistas e abolicionistas, antes da Guerra Civil. -N. da T.*) para odiar a gente de cor. Ele apenas a *odiava.* Não, o que me convenceu foi o incêndio do Ponto Negro. Você sabe, Mikey, de certa forma...

Ele olhou de relance para minha mãe, que estava tricotando. Ela não espiava para nós, mas eu sabia que ouvia atentamente — e creio que meu pai também sabia.

De certa forma, foi o incêndio que me tornou homem. Foram sessenta pessoas mortas naquele fogo, dezoito delas da Companhia E. Aliás, depois de terminado o incêndio, não sobrara qualquer Companhia. Henry Whistsun... Stork Anson... Alan Snopes... Everett McCaslin... Horton Sartoris... todos eles meus amigos, todos mortos naquele fogaréu. E aquele incêndio não foi ateado pelo velho Sarja Wilson e seus amigos sulistas comedores de canjica. Foi ateado pela seção de Derry da Legião da Decência Branca do Maine. Os pais de alguns garotos com que vai à escola, filho, acenderam os fósforos que incendiaram o Ponto Negro. E não estou falando dos garotos pobres.

— Por quê, papai? Por que eles fizeram isso?

— Bem, parte da coisa foi apenas Derry — disse meu pai, franzindo as sobrancelhas. Ele acendeu o cachimbo lentamente e jogou o fósforo de madeira. — Não sei por que aconteceu aqui; não posso explicar, porém, ao mesmo tempo, não é algo que me *surpreenda.*

"A legião da Decência Branca era a versão nortista da Ku Klux Klan, entenda. Eles adotavam os mesmos lençóis brancos como trajes, queimavam as mesmas cruzes e escreviam as mesmas notas de ódio para negros que, na opinião deles, estavam subindo mais na vida do que deveriam ou tinham empregos destinados a homens brancos. Nas igrejas onde os pregadores falavam sobre a igualdade para os negros, eles às vezes colocavam cargas de dinamite. A maioria dos livros de história fala mais sobre a KKK do que sobre a Legião da Decência Branca, e muita gente nem sabe que existiu tal coisa. Imagino que talvez seja porque a maioria das histórias foi escrita por nortistas e eles se sintam envergonhados.

"Ela ficou mais popular nas cidades grandes e nas zonas manufatu-reiras. Nova York, Nova Jersey, Detroit, Baltimore, Boston, Portsmouth — todas possuíam seus capítulos. Tentaram organizá-la no Maine, porém o único lugar onde conseguiram algum sucesso real foi em Derry. Oh, por algum tempo houve um capítulo muito bom em Lewiston — mais ou menos na época do incêndio do Ponto Negro — mas eles não se preocupavam com negros estuprando mulheres brancas ou tomando empregos que deviam ter pertencido a homens brancos porque, afinal de contas, lá praticamente nem havia negros. Em Lewiston, a preocupação era com vagabundos, andarilhos e a possível união do que chamavam o exército dos veteranos' com o que chamavam o exército da ralé comunista, com isto significando qualquer homem desempregado. A Legião da Decência costumava mandar esses sujeitos para fora da cidade, tão depressa quanto entravam nela. Às vezes, enchiam de hera venenosa os fundilhos de suas calças. Em outras, incendiavam suas camisas.

Bem, a Legião exauriu-se por aqui, após o incêndio do Ponto Negro. Eles perderam o controle da situação, entenda. Da maneira como, às vezes, as coisas parecem acontecer nesta cidade.

Meu pai fez uma pausa para usar o cachimbo.

— É como se a Legião da Decência Branca não passasse de uma semente, Mikey. Uma semente que aqui encontrou terra boa e fértil. Era um clube freqüentado por homens ricos. Depois do incêndio, eles apenas deixaram seus lençóis de lado, entocaram-se uns com os outros e a coisa foi abaíada. — Em sua voz havia uma espécie de rancoroso ódio, que fez minha mãe erguer os olhos, de cenho franzido. — Afinal de contas, quem foi morto? Dezoito negros do exército, quatorze ou quinze negros da cidade, quatro membros negros de uma banda de jazz... e um punhado de apreciadores de negros. Que importância tinha isso?

— Will — disse minha mãe suavemente. — Já basta.

— Não, eu quero ouvir! — exclamei.— Está na hora de ir para a cama, Mikey — disse ele, esfregando meu cabelo com sua mão grande e calosa. — Só quero lhe dizer mais uma coisa, mesmo sem saber se você entenderá, porque também não tenho certeza de que entendo. O que aconteceu aquela noite no Ponto Negro, embora fosse terrível... em realidade não creio que tenha acontecido porque éramos negros. Nem mesmo porque o Ponto ficava logo atrás da Broadway Oeste, onde moravam os brancos ricos de Derry e continuam morando ainda hoje. Também não acredito que a Legião da Decência Branca tenha se dado tão bem aqui porque em Derry eles odiassem mais os negros e vagabundos do que em Portland, Lewiston ou Brunswick. É por causa deste solo. Parece que coisas ruins e prejudiciais se dão bem no solo desta cidade. Tenho pensado e pensado nisso, no correr dos anos. Não sei por que deveria ser assim... mas é.

"No entanto, aqui também há boa gente e houve boa gente ainda naquela época. Na ocasião dos funerais, depois do incêndio, apareceram milhares de pessoas, não só por causa dos negros, mas igualmente por causa dos brancos. As casas comerciais ficaram fechadas mais de uma semana. Os hospitais cuidaram dos feridos sem cobrar. Houve cestas de mantimentos e cartas de condolência que expressavam sinceridade. Também surgiram os que se prontificaram a ajudar. Conheci meu amigo De-wey Conroy durante essa época, e você sabe que ele é tão branco como sorvete de baunilha. No entanto, para mim, é como se fosse meu irmão. Eu morreria por Devvey, se ele me pedisse, e embora nenhum homem conheça realmente o coração de outro, acredito que ele também morreria por mim, se fosse preciso.

"De qualquer modo, o exército dispensou aqueles de nós que sobraram após o incêndio, como se eles estivessem envergonhados... e acho que estavam mesmo. Fui enviado para Fort Hood e lá fiquei por seis anos. Foi onde conheci sua mãe e nos casamos em Galveston, na casa dos pais dela. No entanto, durante aqueles anos, eu nunca esquecia Derry. Então, depois da guerra, trouxe sua mãe para cá. E você nasceu. E aqui estamos, a menos de cinco quilômetros de onde ficava o Ponto Negro em 1930. Muito bem, acho que está na hora de você ir para a cama, filho.

— Quero ouvir sobre o incêndio! — gritei. — Conte-me tudo, papai!

Ele olhou para mim, daquele jeito cenhudo que sempre me fazia silenciar... talvez porque não fizesse isso freqüentemente. Em geral, meu pai era um homem risonho.— Aquilo não é história para um garoto — disse ele. — Em outra ocasião, Mikey. Quando nós dois tivermos caminhado alguns anos mais.

Então, nós dois caminhamos mais quatro anos, antes que eu pudesse ouvir a história do que aconteceu no Ponto Negro aquela noite, e quando os dias de caminhada haviam terminado para meu pai. Ele me contou, deitado em sua cama de hospital, completamente dopado por remédios, entrando e saindo da realidade, enquanto o câncer lavrava dentro de seus intestinos, comendo-o vivo.

26 de fevereiro de 1985

Li o que estive escrevendo por último neste caderno de notas e me surpreendi chorando por meu pai, agora morto há vinte e três anos. Posso recordar quanto durou o meu pesar — eu o chorei por quase dois anos. Então, quando me diplomei no ginásio, em 1965, minha mãe olhou para mim, dizendo: "Como seu pai teria ficado orgulhoso!" Choramos nos braços um do outro e pensei que isso tinha sido o fim, que havíamos encerrado o trabalho de enterrá-lo com aquelas últimas lágrimas. Entretanto, quem sabe

dizer o quanto pode durar o luto? Não será possível que, mesmo trinta ou quarenta anos após a morte de um filho, de um irmão ou irmã, a gente pense vagamente naquela pessoa, com o mesmo vazio perdido, aquela sensação de lugares que nunca poderão ser preenchidos... talvez nem mesmo na morte?

Ele deixou o exército em 1937, com uma pensão por incapacidade física. Por volta desse ano, no entanto, o exército de meu pai se transformara em algo muito mais belicoso; qualquer um com meio olho, segundo me disse ele certa vez, podia ver, então, que logo todas as armas estariam sendo novamente retiradas dos depósitos. Nesse ínterim, ele chegara ao posto de sargento e perdera a maior parte do pé esquerdo, quando um recruta calouro, apavorado a ponto de quase borrar as calças, puxou o pino de uma granada de mão e a deixou cair, em vez de atirá-la a distância. Ela rolou até junto de meu pai e explodiu com um som, conforme ele contou, que parecia um acesso de tosse no meio da noite.

Uma boa parte do equipamento com que os soldados de antigamente treinavam, quando não estava defeituosa, ficara esquecida tanto tempo nos depósitos, que perdera a eficiência. Eles lidavam com balas que não disparavam e rifles que às vezes lhes explodiam nas mãos, quando as balas funcionavam. Os navios tinham torpedos que geralmente não iampara onde eram apontados e que não explodiam, se atingiam o alvo. O Corpo Aéreo do Exército e o Corpo Aéreo da Marinha tinham aviões cujas asas se desprendiam, se o pouso era duro. Li que, em Pensacola, no ano de 1939, um oficial de abastecimento descobriu que toda uma frota de caminhões do governo não podia rodar, porque baratas haviam comido inteiramente a borracha de suas correias de ventilador.

Desta maneira, a vida de meu pai foi salva (incluindo-se, naturalmente, a parte dele que se tornaria mais tarde o Seu Criado Obrigado Mi-chael Hanlon) por uma combinação burocrática de migalhas destinadas a finalidades políticas e equipamento defeituoso. A granada explodiu apenas pela metade, de maneira que ele perdeu apenas parte de um pé, em vez de tudo, do osso esterno para baixo.

Graças ao dinheiro que recebia pela incapacidade física, ele pôde casar com minha mãe um ano antes do que planejara. Os dois não foram imediatamente para Derry; mudaram-se para Houston e lá trabalharam no esforço de guerra até 1945. Meu pai era capataz de uma fábrica que fazia invólucros para bombas. Minha mãe era rebitadora. No entanto, como me contou naquela noite, quando eu tinha onze anos, a lembrança de Derry nunca lhe saía da mente. Hoje me pergunto se essa coisa cega não podia ter estado funcionando, já então, arrastando-o para cá, a fim de que eu preenchesse meu lugar na roda que fizemos nos Barrens, naquele entardecer de agosto. Se os giros do universo são verdadeiros, então o bem sempre compensa o mal — embora um possa ser tão terrível quanto o outro.

Meu pai mantinha uma assinatura do *News,* de Derry, e estava sempre de olho em anúncios de terras à venda. Eles haviam economizado uma boa soma em dinheiro. Por fim, um dia leu um, anunciando a venda de uma fazenda, que parecia uma boa proposta... pelo menos no jornal. Os dois partiram do Texas em um ônibus da Trailways, deram uma espiada nas terras e as compraram no mesmo dia. O First Merchants, banco do Condado de Penobscot, fez uma hipoteca de dez anos para meu pai, e o casal instalou-se.

— Tivemos alguns problemas no início — contou meu pai, em outra ocasião. — Havia pessoas que não queriam negros na vizinhança. Nós sabíamos que ia ser assim — eu não tinha esquecido o Ponto Negro — e então nos limitamos a ficar quietos, a esperar. Surgiam crianças que jogavam pedras ou latas de cerveja. No primeiro ano, tive que trocar vin-te janelas. Aliás, alguns dos que vinham por aqui nem eram crianças. Certo dia, quando nos levantamos, vimos uma suástica pintada na lateral do galinheiro e todas as

galinhas tinham sido mortas. Alguém pusera veneno em sua comida. Foram as últimas galinhas que tentei criar.

"O xerife do condado, no entanto — naquele tempo, em Derry ainda não havia chefe de polícia, porque não era uma cidade grande o suficiente — começou a trabalhar no caso, e trabalhou duro. Eis aí o que quero dizer, Mikey, quando falo que aqui tanto há bons como maus. Para aquele xerife Sullivan, nenhuma diferença fazia a cor de minha pele e meu cabelo encarapinhado. Ele se pôs em campo meia dúzia de vezes, falou com pessoas e finalmente descobriu quem tinha feito aquilo. E quem você acha que foi? Pode tentar três nome, e os dois primeiros não contam!

— Não sei — respondi.

Meu pai riu até as lágrimas lhe saltarem dos olhos. Tirou então um grande lenço branco do bolso e as enxugou.

— Ora, mas foi Butch Bowers, quem mais poderia ser? O pai do garoto que você diz ser o maior brigão de sua escola. O pai é um monte de bosta e o filho é um peidinho.

— Alguns garotos da escola dizem que o pai de Henry é maluco — falei.

Creio que na época eu estava no quarto grau — tempo suficiente para já ter sido chutado algumas vezes por Henry Bowers, entre outras coisas... e agora que penso nisso, a maioria dos termos pejorativos para "negro" ou "preto" que já ouvi, saiu da boca de Henry Bowers, entre o primeiro e o quarto graus.

— Bem, pois eu lhe digo — falou meu pai, — que a idéia de Butch Bowers ser doido não está muito longe da verdade. Dizem que ele nunca mais foi o mesmo, ao voltar do Pacífico. Butch esteve nos Fuzileiros. De qualquer modo, o xerife o levou sob custódia e Butch berrava que aquilo era uma trama contra ele, que todos não passavam de um bando de apreciadores de negros. Oh, ele ia processar todo mundo. Parece que tinha uma lista de nomes, tão grande que se estenderia daqui à Rua Witcham. Duvido que Butch possuísse uma única ceroula de fundilho perfeito, mas ia processar a mim, o xerife Sullivan, a cidade de Derry, o condado de Penobscot e só Deus sabe quem mais.

"E quanto ao que aconteceu em seguida... bem, não posso jurar que seja verdade, mas foi como ouvi de Dewey Conroy. Dewey disse que oxerife foi ver Butch, na cadeia de Bangor. E o xerife lhe disse: 'É hora de você fechar a boca e pensar um pouco, Butch. Aquele sujeito de cor, bem, ele não quer apresentar denúncia. Não quer enviá-lo para Shaws-hank. Ele só quer o valor das galinhas que perdeu. Ele acha que duzentos dólares compensariam.'

"Butch responde ao xerife que pode enfiar seus duzentos dólares onde o sol não brilha. O xerife Sullivan lhe diz então: 'Eles têm uma mina de cal lá na Shank, Butch, e me disseram que depois do cara trabalhar nela dois anos, fica com a língua tão verde como uma bala de limão. Agora, você escolhe. Dois anos na mina ou duzentos dólares. O que acha?"

"Nenhum júri do Maine me condenará', responde Butch, 'não por matar as galinhas de um negro!"

"Eu sei disso", diz Sullivan.

"Então, diabo, de que estamos falando?" - pergunta Butch.

"É melhor você acordar, Butch. Eles não o mandarão para lá por causa das galinhas, mas por causa da *suástica* que pintou na porta, depois de matá-las."

"Bem, Dewey me contou que Butch ficou de queixo caído e Sullivan foi embora, para deixá-lo refletir. Três dias mais tarde, Butch disse ao irmão, aquele que morreu congelado uns dois anos mais tarde, quando caçava embriagado, para vender seu Mercury novo. Butch tinha comprado o carro com seu dinheiro recebido ao dar baixa e tinha muito orgulho dele. Assim, recebi meus duzentos dólares e Butch jurou que me queimaria.

Andou por aí contando isso a todos os amigos. Então, emparelhei com ele certa tarde. Butch tinha comprado um velho Ford de antes da guerra para substituir o Mercury, e eu tinha a minha camioneta. Cortei-lhe o caminho na Rua Witcham, perto do pátio ferroviário, e saí com meu rifle Winchester.

"Banque o engraçadinho para cima de mim, e terá um negro perverso furando sua pele, cavalo velho', falei para ele.

"Não pode falar comigo desse modo, negro', disse ele, mas estava bem perto da divisa entre ficar furioso e amedrontado. 'Não pode falar a um branco desse jeito, não um crioulo como você!'

"Bem, eu estava farto daquela história, Mikey. Sabia que se não metesse medo nele de uma vez por todas, nunca ficaria livre. Não havia ninguém por perto. Enfiei a mão dentro daquele Ford e o agarrei pelos cabelos. Coloquei a coronha de meu rifle contra a fivela de meu cinto e o cano bem debaixo do queixo dele. Falei: 'Da próxima vez que me chamar de negro ou crioulo, seus miolos vão salpicar o teto da boléia de seu carro. E pode acreditar, Butch: meta-se em meu caminho e estarei atrás de você para meter-lhe chumbo quente. Sem falar em sua mulher, seu filho e também aquele imbecil do seu irmão. Você já foi longe demais. Agora, chega!'

"Então, ele começou a *chorar* e nunca vi nada mais feio na vida. 'Veja a que ponto chegam as coisas', ele disse, 'quando um neg... quando um cri... quando um sujeito aponta uma arma para a cabeça de um homem trabalhador, em plena luz do dia, no meio de uma rua!'

"Sim, o mundo deve estar indo para o beleléu, quando uma coisa dessas pode acontecer', concordei. 'Contudo, isso não vem ao caso agora. No momento, importa apenas que tenhamos um entendimento aqui. Ou prefere ver se aprende como respirar através da testa?'

"Ele consentiu em termos um entendimento e foi o último problema que já tive com Butch Bowers. Exceto, talvez, pela morte de seu cão Mr. Chips, mas não tenho provas de que foi coisa de Bowers. Chippy bem podia ter comido uma isca envenenada ou coisa assim.

"Desde aquele dia ficamos em paz, cada qual no seu caminho. Quando penso nisso, não tenho muito a lamentar. Levamos uma boa vida aqui e, se há noites em que sonho com aquele incêndio... Bem, acho que ninguém pode levar uma vida natural, sem alguns fortes pesadelos."

28 de fevereiro de 1985

Há dias em que me sento para escrever a história do incêndio no Ponto Negro, conforme contado por meu pai, mas ainda não consegui. Creio que está em *O senhor dos anéis,* onde um dos personagens diz que ' 'um caminho leva a outro"; isso de que se pode iniciar uma caminhada, levando a nenhures, mais fantástica do que dos degraus de casa à calçada, daí a gente podendo ir... bem, a qualquer lugar. O mesmo ocorre com histórias. Uma leva à outra, à seguinte e à seguinte; talvez elas sigam na direção que queremos, mas talvez não sigam. No fim, possivelmente o que importa seja a voz que conta as histórias, mais do que as histórias em si.

Certamente, é da voz dele que me lembro: da voz de meu pai, lenta e lenta, da maneira como dava risadinhas ou ria francamente. Recordo as pausas para acender o cachimbo, para assoar o nariz ou pegar na gela-deira uma lata de cerveja Narragansett

(Nojenta Gansett, como a chamava). Aquela voz, de certa forma, é para mim a voz das vozes, a voz de todos os anos, a voz definitiva deste lugar — uma voz que não está em nenhuma entrevista de Ives, nem em qualquer das tristes histórias deste lugar... ou tampouco em qualquer de minhas fitas gravadas.

A voz de meu pai.

São dez da noite agora, a biblioteca foi fechada faz uma hora. Lá fora, um respeitável e velho calhambeque ganha vida, movido por sua manivela. Posso ouvir pequenas partículas de gelo batendo nas janelas, aqui e no corredor envidraçado que leva à Biblioteca Infantil. Posso também ouvir outros sons — estalos e pancadas furtivas, além do círculo de luz onde estou sentado, escrevendo nas pautadas folhas amarelas de um bloco oficial. Digo para mim mesmo que são apenas os sons de um prédio velho se acomodando... mas fico intrigado, interrogo-me. Como me interrogo se, em algum lugar lá fora, nesta tempestade, há um palhaço vendendo balões de gás esta noite.

Bem... não importa. Acho que finalmente encontrei o caminho para a última história de meu pai. Eu a ouvi em seu quarto de hospital, não mais do que seis semanas antes dele morrer.

Eu ia vê-lo com minha mãe, todas as tardes depois das aulas. Depois ia lá sozinho, a cada anoitecer. Então, minha mãe precisava ficar em casa trabalhando, mas insistia para que eu fosse. Eu ia de bicicleta. Ela não me deixava pegar caronas, nem mesmo quatro anos após haverem terminado os assassinatos.

Foram seis duras semanas para um garoto de apenas quinze anos. Eu amava meu pai, mas cheguei a odiar aquelas visitas à noitinha — vendo-o encolher-se e franzir-se, vendo as linhas de dor que cada vez ficavam mais fundas em seu rosto. Ele às vezes chorava, apesar dos esforços em contrário. Quando eu voltava para casa estava ficando escuro, e pensava no verão de 1958, tinha medo de olhar para trás, porque o palhaço podia estar lá... ou o lobisomem... ou a múmia de Benny... ou o meu pássaro. Meu medo maior, no entanto, era de que A Coisa teria o rosto de meu pai, devastado pelo câncer, pouco importando o formato, que Ela assumisse. Assim, pedalava o mais depressa que podia, sem ligar para o coração trovejando no peito. Chegava ofegante, de cabelo suado, sem fôlego, e minha mãe perguntava: “Por que pedala tão depressa, Mikey? Vai acabar ficando doente!” e eu respondia, “É porque queria chegar logo,para ajudá-la nas tarefas.” Ela então me abraçava, me beijava e dizia que eu era um bom menino.

Com o tempo passando, crescia a minha dificuldade para pensar em coisas que conversaria com ele. Ao ir para a cidade, espremia os miolos à procura de assuntos, detestando o momento em que nós dois ficaríamos sem nada a dizer. Vê-lo morrer aos poucos me deixava assustado e enraivecido, mas também *constrangido;* naquele tempo, como agora, eu achava — e acho — que quando um homem ou uma mulher estão para morrer, o processo devia ser uma coisa rápida. Aquele câncer fazia mais do que matá-lo. Ele o estava degradando, aviltando.

Nunca falamos do câncer e, em alguns daqueles silêncios, pensei que *devíamos* conversar a respeito, porque nada mais havia e ficaríamos abobalhados, como crianças apanhadas sem lugar para sentar, quando o piano pára na brincadeira de cadeiras musicais. Eu ficava quase frenético, procurando pensar em alguma coisa — qualquer coisa! — para dizer, a fim de não precisarmos enfrentar aquilo que agora estava destruindo o meu pai, o homem que um dia agarrara Butch Bowers pelos cabelos, que lhe enfiara o rifle debaixo do queixo, exigindo que ele o deixasse em paz. Seríamos forçados a falar naquilo, e então eu choraria. Não poderia suportar. Aos quinze anos, a idéia de chorar diante de meu pai me apavorava e angustiava mais do que qualquer outra coisa.

Foi durante uma daquelas intermináveis e assustadoras pausas, que tornei a interrogar meu pai sobre o incêndio no Ponto Negro. Naquela noite, eles o tinham enchido de entorpecentes, porque a dor era muito forte. Ele entrava e saía da realidade, às vezes falava com clareza, outras expressava-se com uma linguagem estranha, que me fazia pensar em um sonâmbulo. Em certos momentos, eu sabia que ele falava comigo. Em outros, no entanto, dava a impressão de confundir-me com seu irmão Phil. Perguntei-lhe sobre o Ponto Negro, sem nenhum motivo real; foi algo que me surgiu na mente e que não deixei escapar.

Os olhos dele aguçaram-se e sorriu um pouco.

— Você nunca esqueceu isso, hein, Mikey?

— Não, senhor — respondi, embora há três ou mais anos não houvesse pensado naquilo. Acrescentei algo que ele às vezes dizia: — É uma coisa que nunca me saiu da cabeça.

— Pois bem, eu lhe contarei agora — disse ele. — Acho que quinze anos são uma idade suficiente, e sua mãe não está aqui para interromper-me. Por outro lado, você precisava saber. Penso que uma coisa dessas só podia acontecer em Derry, e você tem que saber disso também. A fim de que se acautele. As condições para tais coisas sempre pareceram as certas aqui. Você vai tomar cuidado, não vai, Mikey?

— Sim, senhor — respondi.

— Bom — disse ele, e sua cabeça tornou a cair sobre o travesseiro.

— Isso é bom.

Pensei que ele fosse escapar novamente para a irrealidade — seus olhos se tinham fechado — mas em vez disso, começou a falar.

— Quando estive na base do exército aqui, em 1929 e 30 — disse ele,

— havia um Clube de Oficiais Subalternos lá colina, onde agora está o Colégio Comunitário de Derry. Ficava logo atrás do PX, (*Estabelecimento comercial do governo, situado em uma base militar e vendendo artigos para militares, a preços geralmente mais baixos do que os do varejo em qualquer outro lugar. - N. da T.)* onde se podia conseguir um maço de cigarros Lucky Strike Greens por sete centavos. O Clube dos Oficiais Subalternos não passava de uma velha cabana pré-fabricada, embora a tivessem ajeitado muito bem por dentro, com tapete no chão, cabines ao longo das paredes e vitrola automática. Ali serviam refrigerantes nos fins de semana... para os brancos, é claro. Havia bandas na maioria das noites de sábado, sendo um lugar e tanto para alguém freqüentar. No bar serviam apenas bebidas fracas, pois era a época da Proibição, embora tivéssemos sabido que se podia arranjar coisa mais forte, o sujeito querendo... e desde que ostentasse uma pequena estrela verde em seu cartão do exército. Era como um sinal secreto entre eles. Em geral, a cerveja era apenas produto caseiro, porém às vezes aparecia algo mais forte nos fins de semana. É claro, desde que o bebedor fosse branco.

"Nós, os rapazes da Companhia E, não podíamos nem chegar perto daquele lugar. Naqueles tempos, Derry continuava mais ou menos uma cidade madeireira, com oito ou dez bares, quase todos em uma zona conhecida como 'Meio-acre do Inferno'. Tais bares, aliás, nem chegava a ser botequins e pertenciam à espécie que o povo chama de 'porcos cegos'. Um termo bem empregado porque, em sua maioria, os clientes agiam como porcos, quando estavam lá dentro, e encontravam-se praticamente cegos, ao serem postos de lá para fora. O xerife sabia, os tiras também, mas esses estabelecimentos alvoroçavam pela noite a fora, como alvorocavam desde os dias madeireiros da década de 90. Imagino que houvesse dinheiro besuntando mãos, mas talvez nem tanto ou para tantos, como se imaginaria; em Derry, as pessoas têm um jeito seu de fechar os olhos. Alguns bares também serviam bebidas alcoólicas fortes, além de cerveja e, a julgar por tudo quanto

ouvi, o artigo conseguido na cidade era tão bom quanto o uísque zurrapa e a lavagem que era o gim vendidos no Cos dos brancos, nas noites de sexta-feira e sábado. A garapa da zona baixa da cidade, entretanto, vinha da fronteira do Canadá, em caminhões transportadores de madeira, a maioria das garrafas realmente contendo o que seus rótulos diziam. O artigo bom custava caro, mas havia igualmente muito arrebenta-peito capaz de derrubar um cara, embora não o matasse. Podia também deixá-lo *cego,* mas a cegueira não durava muito. Em certas noites, a gente tinha que abaixar a cabeça, quando garrafas começavam a voar. Havia o Nan's, o Paraíso, o Balneário do Wally, o Dólar de Prata... Em um deles, o Polvorinho, às vezes conseguia-se uma prostituta. Oh, era possível arranjar uma mulher em qualquer 'porco' e o sujeito nem precisava esforçar-se muito — havia muitos querendo descobrir se o petisco cobiçado era diferente — mas para garotos como eu, Trevor Dawson e Carl Roone, meus amigos daqueles tempos, a idéia de uma prostituta paga — uma prostituta *branca* — era algo que devia ser longamente meditado."

Como já contei, meu pai estava fortemente dopado aquela noite. Não acredito que houvesse comentado tal assunto — não para seu filho de apenas quinze anos — se fosse o contrário.

— Bem, não demorou muito, e um representante do Conselho da Cidade procurou o Major Fuller. Disse que queria falar sobre "alguns problemas entre moradores da cidade e homens alistados", assim como "preocupações do eleitorado" e "questões de moralidade", mas o que ele realmente procurava fazer com que Fuller tomasse conhecimento era tão claro quanto uma vidraça. A verdade é que não queriam negros do exército em seus 'porcos', perturbando mulheres brancas e bebendo álcool contrabandeado, em bares onde se supunha permitida apenas a presença de homens brancos bebendo álcool contrabandeado.

"Tudo uma piada, claro. A nata do mulherio branco com que tanto se preocupavam, em sua maioria era um bando de coroas, a caminho de ficarem do jeito dos homens — a idade crítica, se me entende...! Bem, posso apenas dizer que nunca vi um membro do Conselho da Cidade de Derry lá no Dólar de Prata ou no Polvorinho. Os homens que bebiam naqueles botecos eram madeireiros, usando aqueles grandes blusões de xadrez preto e vermelho dos lenhadores, mãos cobertas de calos e cicatrizes, alguns deles sem um olho ou dedos, todos sem a maioria dos dentes e todos cheirando a aparas de madeira, serragem e resina de pinheiro. Usavam calças de flanela verde e botas de borracha também verdes. Traziam tanta neve nos pés, que deixavam o chão preto. Todos fediam, caminhavam com estrondo e falavam aos berros. Eram grandalhões *em tudo,* Mikey. Certa noite, eu estava no Balneário do Wally quando vi um sujeito rasgar a manga da camisa, enquanto praticava jogo de braço com outro. A camisa não se *rasgou* simplesmente — você talvez imagine que foi o que eu quis dizer, mas não é bem assim. A manga da camisa dele quase explodiu — foi como se *explodisse* em seu muque, ficando em tiras. Todos gritaram e aplaudiram. Alguém me bateu nas costas, dizendo: 'Isto é o que se chamaria um peido de queda de braço, cara preta!'

"Estou querendo explicar é que, se os homens que iam àqueles 'porcos cegos' nas noites de sexta-feira e sábado, quando deixavam as florestas para beber uísque e foder mulheres, em vez de nós de madeira furados, untados com toucinho — se aqueles homens não nos quisessem lá, eles nos derrubariam sobre nossos traseiros. No entanto, Mikey, a verdade é que eles pouco ligavam para nossa presença.

"Um deles me chamou de lado certa noite — media um e oitenta, o que era um bocado de altura para a época — e estava caindo de bêbado. Fedia como uma cesta de pêssegos com um mês de colhidos. Se tirasse as roupas, acho que elas ficariam em pé

sozinhas. Olhando para mim, ele perguntou: ‘Amigo, querro lhe fazerr uma pergunta. Você é um negrro?’

“Exatamente, - respondi.

“*Commen’ ça va!* - exclamou ele, no francês do Vale Saint John, que soa quase como a fala de descendentes dos colonizadores franceses da Louisiana. Sorriu tão amplamente, que vi todos os seus quatro dentes. ‘Eu sabia que você erra, sabia! Ei! Vi um negrro em um livrro, cerrta vez! Tinha os mesmos...’

“Ele não sabia expressar o que pensava. Então, estendeu a mão e tocou minha boca.

“Lábios grandes’, falei.” ‘Isso, isso!’, esclamou ele, rindo como uma criança. ‘Lábios grandes! *Épais lèvres!* Lábios grrandes! Vou lhe pagarr uma cerrveja, eu vou!’

“Eu aceito’, respondi, não querendo provocá-lo.

“Ele tornou a rir e me bateu nas costas — quase me derrubando — depois abriu caminho até o bar de tábuas, onde devia haver uns setenta homens e talvez quinze mulheres enfileirados.

“Quero duas cervejas ou quebro tudo isto!’, gritou ele para o atendente, um homenzarrão de nariz quebrado, chamado Romeo Dupree. ‘Uma parra mim e outrra *pour 1’homme avec les épais lèvres!’*

“Todos riram como o diabo ao ouvi-lo, mas não era um riso de deboche, Mikey. As cervejas foram trazidas, ele empurrou uma para mim.

“Como é seu nome? Não querro chamarr você de Lábios Grrandes, eu não querro. Não me parrece bem.’

“William Hanlon’, falei.

“Bem, à sua saúde, Weelyum Anlon’, disse ele.

“Não, à *sua’,* respondi. ‘Você é o primeiro branco que já me pagou uma cerveja’, acrescentei, e era verdade.

“Bebemos aquela cerveja e depois mais duas. Então, ele perguntou:

“Tem cerrteza de que é um negrro? Tirrando os lábios *épais,* você parrece apenas um brranco com pele marrom, parra mim”.

Meu pai começou a rir com isto, e eu ri também. Ele riu tanto, que seu estômago começou a doer, forçando-o a segurá-lo, entre caretas, os olhos virados para cima, a dentadura superior caída sobre o lábio inferior.”

— Quer que eu chame a enfermeira, papai? — perguntei assustado.

— Não... não. Logo estarei melhor. O pior disto, Mikey, é que a gente nem mesmo pode rir mais, quando tem vontade. O que é bem raro.

Meu pai ficou calado por um momento e percebi ter sido aquela a única vez em que quase comentamos o que o estava matando. Talvez houvesse sido melhor — para nós dois — se continuássemos comentando.

Ele bebeu um gole d’água e prosseguiu.

— De qualquer modo, não foram as poucas mulheres que transitavam pelos “porcos” e também não foram os madeireiros que compunham a clientela principal, aqueles que nos queriam ver fora dali. Foram os cinco velhos do Conselho da Cidade que realmente insultaram — eles e mais uns doze outros por trás deles — os veteranos, a velha-guarda de Derry, como queira. Nenhum de seu bando já pusera um pé dentro do Paraísoou do Balneário do Wally; eles tomavam suas bebedeiras no *country club,* que então ficava na parte alta de Derry. Mesmo assim, queriam ter certeza de que aquelas coroas pelancudas ou os lenhadores broncos não fossem poluídos pelos negros da Companhia E.

"Assim, o Major Fuller disse: 'Antes de mais nada, nunca fui a favor da presença deles aqui. Continuo achando que foi um equívoco e que deviam ser mandados de volta para o sul ou talvez para Nova Jersey.'

"O problema não é meu', replicou aquele peido velho — Mueller, acho que seu nome era...

— O pai de *Sally* Mueller? — perguntei, espantado.

Sally Mueller estava na mesma classe do ginásio que eu. Meu pai esboçou um leve e torcido sorriso forçado.

— Não, este devia ser tio dela. O pai de Sally Mueller estava em alguma universidade, fora daqui. Enfim, se ele estivesse em Derry, garanto como apareceria lá, sustentando as idéias do irmão. E caso você esteja perguntando até onde é verdadeira esta parte da história, posso apenas dizer que a conversa foi repetida para mim por Trevor Dawson, que nesse dia esfregava o chão no clube dos oficiais e ouviu tudo.

"Para onde o governo envia os rapazes negros é problema seu, não meu', respondeu Mueller ao Major Fuller. 'Meu problema é aonde o senhor deixa os negros irem nas noites de sexta-feira e sábado. Se continuarem aparecendo para badernas na cidade baixa, vamos ter dificuldades. Nesta cidade temos a Legião, como sabe.'

"Bem, aí é que fico um pouco entalado, Sr. Mueller'. respondeu o major. 'Não posso permitir que eles bebam no Clube COS. Além de ser contra o regulamento que negros bebam com brancos, eles não poderiam mesmo ir iá. Aquilo é um clube para oficiais subalternos, entende? E cada um desses rapazes negros não passa de mero soldado.'

"O problema também não é meu. Apenas espero que o senhor cuide do assunto. A responsabilidade acompanha a patente.'

"Ele foi embora e, bem, Fuller resolveu o problema. A Base do Exército de Derry abrangia um bocado de terra naqueles tempos, mais de duzentos acres, é o que todos dizem. Indo para o norte, terminava bem atrás da Broadway Oeste, onde foi plantada uma espécie de cinturão verde. O Ponto Negro ficava onde hoje é o Memorial Park.

"No início de 1930 era apenas um velho galpão requisitado, quando tudo isto aconteceu. No entanto, o Major Fuller convocou a Companhia E e anunciou para nós que aquele ia ser o 'nosso' clube. Bancou uma espécie de Papai Noel e talvez até se sentisse assim, presenteando um bando de rapazes negros com seu próprio lugar, mesmo que não passasse de um galpão. Então acrescentou, como se não fosse nada, que os 'porcos' da cidade baixa estavam proibidos para nós.

"Houve muita amargura por causa disso, mas o que se podia fazer? Não tínhamos nenhum poder real. Foi aquele rapazinho, um soldado de primeira classe chamado Dick Haliorann, cozinheiro da cantina, quem sugeriu que a gente podia dar um jeito no galpão, se tivesse mesmo vontade."

"Foi o que fizemos. Pusemos nossa vontade funcionando. E, consideradas todas as coisas, tivemos êxito. Primeiro, um grupo nosso foi lá, espiar o galpão, mas a visita se revelou deprimente. O lugar era escuro e fedorento, cheio de ferramentas velhas e caixas de papelão mofadas. Só havia duas janelinhas. Nada de eletricidade. O chão era de terra. Recordo que Carl Roone deu uma risada amarga e disse: 'Que príncipe foi o velho major, hein? Ele nos deu um clube só para nós. *Poxa!'*

"E George Brannock, que também morreria no incêndio aquele outono, disse: 'Nossa, mas isto aqui é um verdadeiro ponto negro!' E o no-•ifiè" pegou.

"Haliorann, no entanto, continuou insistindo... Haliorann, Carl e eu. Bem, acho que Deus nos perdoará pelo que fizemos — porque Ele sabe que a gente não tinha a menor idéia de como aquilo terminaria.

"Algum tempo depois, os outros rapazes também aderiram. Com a maior parte de Derry proibida para a gente, não havia muito que pudéssemos fazer. Martelamos, pregamos e limpamos. Trev Dawson era um ótimo carpinteiro amador e nos mostrou como fazer janelas na parte lateral. Alan Snopes, sei lá como, apareceu com vidraças para elas, embora de cores diferentes — uma espécie de cruzamento entre vidraças de parques de diversão e o tipo que se vê nas janelas de igrejas.

"Onde foi que arranjou isto?' perguntei a ele.

"Alan era o mais velho entre nós; teria uns quarenta e dois anos, idade bastante para que quase todos os chamássemos de Papai Snopes. Ele enfiou um Camel na boca e me deu uma piscadela.

"Requisições da Meia-noite', falou, e não disse mais nada.

"Assim, o lugar foi ficando muito bom e, em meados do verão, nós já o estávamos usando. Trev Dawson e alguns outros fizeram uma pare-de divisória na parte dos fundos do galpão e lá instalaram uma pequena cozinha, apenas uma grelha e duas trempes para frituras, para o caso de querermos um hambúrguer e batatas fritas. Havia um bar a um lado, mas apenas para sodas e bebidas como *Virgin Marys* — droga, a gente conhecia o nosso lugar. Não nos tinham ensinado qual era? Se quiséssemos bebidas fortes, teria que ser às escondidas.

"O piso continuava de terra, mas nós o mantínhamos bem oleado. Trev e Papai Snopes montaram uma fiação elétrica — mais Requisições da Meia-noite, imagino. Por volta de julho, você podia ir lá em uma noite de sábado, sentava-se e tinha uma cola e um hambúrguer — ou uma salada de repolho. Estava tudo ótimo. Em realidade, os melhoramentos não chegaram a terminar — ainda estávamos dando duro quando o incêndio deitou tudo abaixo. Aquilo passou a ser uma espécie de *hobby*... ou uma maneira de empinarmos o nariz para Fuller, Mueller e o Conselho da Cidade. Contudo, penso que soubemos que aquilo era nosso, quando eu e Ev McCaslin colocamos uma tabuleta em uma noite de sexta-feira, dizendo AO PONTO NEGRO e, mais abaixo, COMPANHIA E CONVIDADOS. Veja só como éramos exclusivos!

"Aquilo ficou tão bom, que os rapazes brancos começaram a resmungar de despeito. Logo depois, o COS dos brancos mostrava uma aparência mais bonita do que nunca. Eles estavam acrescentando um salão especial e uma pequena cafeteria. Era como se quisessem apostar uma corrida conosco. Só que nunca quisemos entrar nessa."

Meu pai sorriu para mim, de sua cama de hospital.

Éramos todos jovens, com exceção de Snopes, mas nada tínhamos de tolos. Sabíamos que os rapazes brancos nos deixariam entrar na corrida, mas se déssemos a impressão de estar à frente, bem, surgiria alguém para quebrar nossas pernas, impedindo que corrêssemos tão depressa quanto eles. Já tínhamos o que queríamos e isso bastava. E então... aconteceu algo."

Meu pai ficou em silêncio, de cenho franzido.

— O que aconteceu, papai?

— Descobrimos que tínhamos uma banda de jazz bastante boa entre nós — disse ele lentamente. — Martin Devereaux, que era cabo, tocava bateria. Ace Stevenson tocava cornetim e Papai Snopes dava um bom pianista de botequim. Não era dos melhores, mas tampouco dos piores. Havia outro sujeito que tocava clarinete e George Brannock ficava com o saxofone. Surgiram outros entre nós que, de vez em quando, tocavam guitarra, acordeão, gaita de boca ou até mesmo um pente coberto por papel encerado.

"Nada disto aconteceu de repente, entenda, mas no final daquele agosto tínhamos uma pequena banda de jazz tocando nos moldes sulistas, soltando nos ares sua música apimentada nas noites de sexta e sábado. Os músicos entrosaram-se ainda mais durante o

outono e, embora nunca chegassem a excelentes — não quero que fique com essa impressão — eles tocavam de um modo diferente... sua música era mais quente... era..."

Ele agitou a mão emagrecida acima dos lençóis.

— Uma música atrevida — sugeri, sorrindo.

— Isto! — exclamou ele, sorrindo também. — Você entendeu! Tocavam um atrevido jazz de Nova Orleãs. E o que aconteceu em seguida, se quer saber, foi que a gente da cidade começou a aparecer em *nosso* clube. Inclusive alguns soldados brancos da base, a ponto do lugar começar a ficar apinhado nos fins de semana. Bem, isso tampouco aconteceu da noite para o dia. A princípio, aquelas caras brancas pareciam salpicos de sal em um pote de pimenta-do-reino, porém mais e mais foram surgindo, à medida que passava o tempo.

"Quando esses brancos surgiram, é que esquecemos de tomar cuidado. Eles traziam sua própria bebida em sacos de papel pardo, bebida de primeira, quero dizer — da qualidade que fazia a servida nos 'porcos' da cidade baixa parecer refrigerante. Era bebida de *country club,* entenda, Mikey. Coisa de gente rica. Chivas. Glenfiddich. O tipo de champanha servido para passageiros de primeira classe nos transatlânticos, *'Champers',* era como alguns deles o chamavam, o mesmo nome que dávamos em casa às mulas teimosas. Devíamos ter encontrado um jeito de parar com aquilo, mas não sabíamos como. Eles eram a *cidade!* Que diabo, eles eram *brancos!*

"Além do mais, como falei, éramos jovens e orgulhosos do que tínhamos feito. Não pensamos no que poderia resultar disso. Sabíamos todos que Mueller e seus amigos deviam estar a par do que sucedia, mas acho que nenhum de nós imaginou como isso os deixava loucos — e a palavra é mesmo esta: *loucos.* Lá estavam eles, em suas grandes e antigas moradias vitorianas da Broadway Oeste, a menos de meio quilômetro de onde estávamos *nós,* ouvindo coisas como 'Blues da tia Hagar' e 'Colhendo minhas batatas'. Isso era ruim. Muito pior era saberem que sua gente jovem também estava lá, compartilhando alegria com os negros. Porque não eram apenas os madeireiros e as prostitutas coroas que estavam aparecendo, quando setembro passou para outubro. Era a cidade que comparecia. Os jovens chegavam para beber e dançar à música de uma banda de jazz anônima, até uma da madrugada, quando a festa acabava. Aliás, não era só gente de Derry que ia lá. O pessoal vinha de Ban-gor, Newport, Haven, Cleaves Mills, Old Town e todos os vilarejos dos arredores. Você podia ver rapazes pertencentes à fraternidade da Universidade do Maine, em Orono, saracoteando com namoradas também da fraternidade. Quando a banda aprendeu a tocar uma versão em ragtime da 'Canção da caneca de cerveja do Maine Veles, fluase faziam o teto vir abaixo. Claro que, oficialmente, aquele era um clube de homens alistados e proibido a civis que não tinham sido convidados. No entanto, Mikey, a verdade é que apenas abríamos a porta às sete e a deixávamos aberta até uma da madrugada. Em meados de outubro, a coisa chegou a tal ponto, que quem ia para a pista de dança ficava quadril com quadril com mais seis outras pessoas. Não havendo mais espaço para dançar, a pessoa só podia ficar parada no mesmo lugar e remexer-se... mas se alguém não gostou, nunca eu soube que tivesse reclamado. Por volta de meia-noite, aquilo era como um vagão cargueiro vazio, gingando e tremendo em uma corrida expressa."

Meu pai fez uma pausa, tomou mais um gole d'água e prosseguiu. Seus olhos brilhavam.

— Bem, bem, Fuller poria um fim àquilo, mais cedo ou mais tarde. Se tivesse sido mais cedo, muito menos pessoas morreriam. Bastaria ele enviar alguns PMs, que confiscariam todas as garrafas de bebida que os visitantes tinham trazido. Isso seria o suficiente — de fato, apenas o que ele queria. Isso fecharia nosso clube para sempre.

Haveria cortes marciais e cadeia para alguns de nós em Rye, e transferências para os restantes. No entanto, Fuller demorou. Acho que ele receava o mesmo que alguns de nós — que certos moradores da cidade estivessem loucos. Mueller não tornara a procurá-lo e acho que o Major Fuller temia ir à cidade para vê-lo. Fuller falava grosso, sem dúvida, mas por dentro era pura gelatina.

"Assim, em vez da coisa ser encerrada de comum acordo pelas partes envolvidas, o que pelo menos deixaria vivos todos os que se queima-ram naquela noite, a Legião da Decência é que entrou em cena. Eles chegaram envoltos em seus lençóis brancos no início daquele novembro, e prepararam um churrasco para si mesmos."

Meu pai tornou a calar-se, agora sem beber água, apenas fitando-me lancolicamente o canto mais distante do quarto, enquanto lá fora uma cigarra zumbia com suavidade em alguma parte e uma enfermeira passava diante da porta aberta, com as solas dos sapatos rangendo sobre o linóleo. Eu podia ouvir uma televisão em algum lugar, um rádio também em algum outro lugar. Recordo que podia ainda ouvir o vento soprando no exterior, fustigando a lateral do prédio. E, embora fosse agosto, aquele vento produzia um som frio. Eu nada sabia sobre *Cain 's Hundred* na televisão ou os Four Seasons cantando 'Caminhe como um homem', no rádio."

Alguns deles atravessaram o cinturão verde entre a base e a Broadway Oeste — recomeçou meu pai finalmente. — Deviam ter-se reunido na casa de alguém por ali, talvez no porão, onde conseguiram os lençóis e fizeram as tochas que usavam.

"Ouvi dizer que outros chegaram diretamente à base pela Estrada Ridgeline, que então era a via principal para lá. Também ouvi dizer — e não contarei onde — que eles chegaram em um automóvel Packard novo em folha, vestindo os lençóis brancos, com os brancos chapéus pontu-dos no colo e as tochas no piso. As tochas eram do tipp *Louisville Sluggers,* que queimam lentamente, com grandes nacos de estopa fixados às partes mais grossas com juntas de vedação de borracha vermelha, da espécie que as mulheres usam quando preparam potes de conservas. Havia uma guarita, onde a Estrada Ridgeline se bifurcava da Witcham e seguia para a base, mas o oficial de dia deixou aquele Packard passar sem problemas.

"Era noite de sábado e o nosso clube saltitava, girando e girando. Acho que havia umas duzentas pessoas lá, talvez trezentas. Eis que surgem aqueles homens brancos, seis ou oito em seu Packard verde-garrafa, e outros mais chegando por entre as árvores que faziam a divisa da base com as casas elegantes da Broadway Oeste. Não eram jovens em sua maioria e, às vezes, eu me pergunto quantos casos de angina e de sangramento de úlceras terão havido no dia seguinte. Espero que tenham sido muitos. Aqueles filhos da mãe, assassinos covardes!"O Packard estacionou no alto da colina e piscou os faróis duas vezes. Uns quatro homens saíram dele e se juntaram aos demais. Alguns traziam latas de gasolina de dois galões, do tipo que se podia comprar nos postos de gasolina da época. Todos eles tinham tochas. Um ficoii.ao volante daquele Packard. Mueller tinha um Packard, compreenda. Sim, tinha mesmo. Um Packard verde.

"Eles se reuniram nos fundos do Ponto Negro e encharcaram as tochas na gasolina. Talvez quisessem apenas assustar-nos. Ouvi o caso contado de duas maneiras. Prefiro acreditar nesta última hipótese, porque não consigo, até hoje, pensar no pior.

"É possível que a gasolina escorresse para as empunhaduras de algumas daquelas tochas e, ao serem acesas, bem, quem as segurava apavorou-se, então atirando-as em qualquer direção, apenas para se ver livre delas. Seja como for, de repente aquela escura noite de novembro ficou iluminada por tochas. Alguns homens as levantavam e giravam, enquanto pequenos pedaços incandescentes de estopa caíam ao chão. Outros deles riam. Contudo, segundo falei, houve homens que chegaram bem perto e atiraram suas tochas

pelas janelas dos fundos, dentro do que era a nossa cozinha. Em um minuto e meio, o lugar virou um inferno, ardendo alegremente.

"Lá fora, todos os homens usavam seus capuzes pontudos. Alguns cantarolavam: 'Saiam, negros! Saiam, negros! Saiam, negros!' Talvez alguns cantarolassem para amedrontar-nos, mas prefiro acreditar que a maioria tentava avisar-nos — como prefiro acreditar que aquelas tochas, caindo na cozinha como caíram, poderiam ser acidentais.

"De qualquer maneira, isso não importava muito. A banda estava tocando mais alto do que um apito de fábrica. Todos saracoteavam e se divertiam à grande. No interior, ninguém percebia nada de errado, até que Gerry McCrew, naquela noite bancando o ajudante de cozinha, abriu a porta que dava para a cozinha e praticamente virou uma tocha. As chamas saltaram a três metros, queimando sua bata de cozinheiro no ato. A maior parte do seu cabelo também foi queimada.

"Eu estava sentado a meio caminho para a parede leste, com Trev Dawson e Dick Hallorann, quando isso aconteceu. A princípio, pensei que a fornalha de gasolina explodira. Levantei-me, mas fui imediatamente derrubado pelas pessoas que corriam para a porta. Umas duas dúzias fugiram correndo por cima de minhas costas e, durante tudo aquilo, creioter sido essa a única vez em que senti medo de verdade. Podia ouvir as pessoas gritando, umas berrando para as outras que tinham que sair dali, que o lugar estava pegando fogo. No entanto, a cada vez que eu procurava ficar em pé, alguém tornava a chutar-me para baixo. Uma pessoa aterrou seu enorme sapato bem sobre minha nuca, fazendo-me ver estrelas. Meu nariz ficou esmagado contra aquele chão untado, eu aspirei terra e comecei a tossir, enquanto espirrava ao mesmo tempo. Outra pessoa me pisou no final da espinha. Senti o salto alto de uma mulher afundar-se entre as bochechas de meu trazeiro e, filho, jamais quero experimentar outra meia lavagem anal como aquela. Se os fundilhos de meu uniforme se rasgassem, acho que estaria sangrando até este dia!

"A coisa agora parece engraçada, mas quase morri naquele estouro de boiada. Fui sacudido, pisoteado, caminhado e chutado em tantos lugares, que no dia seguinte não conseguia dar um passo. Eu gritava, mas ninguém lá em cima me ouvia ou me dava qualquer atenção.

Foi Trev quem me salvou. Vi sua grande mão marrom à minha frente e agarrei-a, como um homem afogando-se agarraria um salva-vidas. Agarrei-a, ele me puxou para cima, e lá fui eu. O pé de alguém atingiu-me no lado do pescoço, bem aqui..."

Ele massageou o ponto em que o maxilar se eleva para junto do ouvido, e eu assenti.

— ... e doeu tanto, que talvez eu tenha ficado um minuto inconsciente. Entretanto, não larguei a mão de Trev e ele continuou segurando a minha. Finalmente consegui levantar-me, no momento exato em que a parede dividindo a cozinha, feita por nós, desmoronou com um estrondo. Ela fez um barulhão como *flump!* — o mesmo que faz uma poça de gasolina, quando a incendiamos. Eu a vi cair em meio a um enorme punhado de fagulhas, e vi pessoas correndo para sair de seu caminho, quando a parede tombou. Algumas delas conseguiram. Outras não. Um dos caras de fora — acho que podia ter sido Hort Sartoris — ficou enterrado debaixo dela e, por apenas um segundo, avistei sua mão sob aquelas brasas vivas, se abrindo e fechando. Houve uma moça branca — não teria mais de vinte anos — que ficou sem as costas do vestido. Estava com um universitário e a ouvi gritando para ele, pedindo que a ajudasse. O rapaz deu apenas dois passos em sua direção, mas depois correu para fora com os outros. Ela ficou lá, gritando, enquanto o vestido pegava fogo inteiramente."Onde havia sido a cozinha, transformou-se em verdadeiro inferno. As chamas eram tão brilhantes, que não se podia olhar para elas.

O calor era tremendo, aquilo parecia um forno na temperatura mais alta, Mikey. A gente podia sentir a pele ficar reluzindo. Podia sentir os cabelos enroscando-se na cabeça.

"Nós temos que sair daqui!', gritou Trev, começando a puxar-me ao longo da parede. 'Venha!'

"Então, Dick Hallorann o agarrou. Dick não teria mais do que dezenove anos, seus olhos estavam esbugalhados, do tamanho de bolas de bilhar, mas ele mantinha a cabeça mais fria do que nós. Foi quem salvou nossas vidas. 'Por aqui, não!', gritou. 'Por *ali'* Então, apontou para o tablado onde a banda ficava... na direção do fogo, se me entende.

"Você está louco?' gritou Trevor. Era dono de um vozeirão, mas quase não se fazia ouvir, entre o trovejar do fogo e a gritaria das pessoas. 'Morra, se quiser, mas eu e Willy vamos cair fora!'

' 'Ele ainda me agarrava pela mão e começou a puxar-me para a porta novamente, embora ela estivesse com tanta gente amontoada em volta, que não se conseguia enxergá-la. Eu o teria acompanhado. Estava tão artudido, que mal sabia o que fazer. Sabia apenas que não queria ser assado como um peru humano.

"Dick agarrou Trev pelos cabelos, o mais firme que pôde. Quando Trev se virou, ele o esbofetou. Vi a cabeça dele ricochetear contra a parede e pensei que Dick tinha enlouquecido. Então, ele berrou na cara de Trev: 'Se for por aí, você vai morrer! Eles estão engasgados naquela porta, negro!'

"Você não sabe o que diz!', berrou Trev de volta, e então houve aquele estrondoso *BANG!* como um fogo de artifício, mas era o calor explodindo o bombo de Marty Devereaux. O fogo agora corria ao longo das vigas do teto, e o óleo que passávamos no chão também começava a incendiar-se.

"Sei muito bem!", respondeu Dick aos berros. 'Sei muito bem!'

"Ele me agarrou a outra mão e, por um minuto, senti-me como a corda, em um jogo de cabo-de-guerra. Então, Trev viu direito como a porta estava impedida e fez a vontade de Dick. Dick os levou até abaixo de uma janela e pegou uma cadeira para quebrá-la, mas antes mesmo de erguê-la no ar, o calor a explodiu para ele. Agarrando Trev Dawson pe-los fundilhos, Dick o levantou. 'Suba!' gritou. *'Suba,* filho da mãe!' Trev subiu, passando para fora sobre o peitoril da janela.

"Dick me suspendeu em seguida e eu subi. Agarrei os lados da janela, para içar o corpo. No dia seguinte, havia um monte de bolhas em minhas palmas: aquela madeira já soltava fumaça. Atirei-me de cabeça e, se Trev não me agarrasse, eu poderia ter quebrado o pescoço.

"Nós nos viramos, e aquilo era como algo saído do pior pesadelo que se poderia ter, Mikey. Aquela janela era apenas um quadrado incandescente de luz amarela. As chamas saltavam para fora, através do teto de zinco, em uma dúzia de lugares. Ouvíamos gente gritando lá dentro.

"Vi duas mãos castanhas agitando-se à frente do fogo — eram as mãos de Dick. Trev Dawson fez um degrau para mim, com as mãos entrelaçadas, e cheguei até aquela janela alta. Agarrei Dick. Quando suspendi seu peso, minha barriga encostou-se ao lado do prédio e foi como encostá-lo a uma estufa que está começando a atingir o ponto ideal de calor. O rosto de Dick elevou-se até onde eu estava e, por alguns segundos, pensei que não conseguiria tirá-lo dali. Ele aspirara muita fumaça, estava quase desmaiando. Tinha os lábios inteiramente rachados. As costas de sua camisa estorricavam-se".

"Então, quase o soltei, porque podia sentir o cheiro das pessoas torrando lá dentro. Ouvi dizer que é um cheiro como o de churrasco de costeletas de porco, mas não é bem assim. Parece mais o cheiro sentido depois que se castra cavalos. Faz-se uma grande

fogueira e toda aquela bosta é atirada no fogo. Quando o calor fica bem forte, a gente ouve as bolas dos cavalos estourando como castanhas. É o mesmo cheiro que as pessoas desprendem quando começam a cozinhar dentro das roupas. Eu cheirava aquilo e sabia que não suportaria por muito tempo mais, de maneira que dei um forte puxão e consegui içar Dick. Ele perdeu um sapato".

"Desequilibrei-me das mãos de Trev e caí. Dick caiu por cima de mim, e posso afirmar que a cabeça daquele negro era *dura.* O ar me escapou inteiramente dos pulmões e fiquei alguns segundos rolando na terra, de um lado para outro, apertando as tripas".

"Pouco depois, pude ficar de joelhos e em seguida sobre os pés. Então, vi aquelas formas, correndo na direção do cinturão verde. A princípio pensei que fossem fantasmas, até ver os sapatos. Àquela altura, a claridade era tamanha, em torno do Ponto Negro, que parecia dia. Quando vi os sapatos, compreendi que eram homens envoltos em lençóis. Um deles havia ficado mais atrasado que os outros, e então vi... Ele deixou a frase no ar e passou a língua nos lábios".

— O que foi que viu, papai? — perguntei.

— Não vem ao caso — respondeu ele. — Pegue minha água, Mikey. Obedeci. Ele bebeu a maior parte da água e começou a tossir. Uma enfermeira que passava perguntou:

— Precisa de alguma coisa, Sr. Hanlon?

— Intestinos novos — disse meu pai. — Tem alguns por aí, Rhoda? Ela esboçou um sorriso nervoso e incerto, recomeçando a andar. Meu pai devolveu-me o copo, que tornei a colocar em sua mesa.

— Contar demora mais do que lembrar — disse ele. — Quer tornar a encher o copo para mim, arues de ir embora?

— Claro, papai.

— Será que esta historia lhe dará pesadelos, Mikey?

Abri a boca para mentir, mas pensei melhor. Hoje, acho que se houvesse mentido, ele interromperia o relato na hora. Meu pai estava perto da morte, mas talvez não tão perto assim.

— Sim, acho que dará — respondi.

— Não é uma coisa tão ruim — disse ele. — Nos pesadelos a gente pode pensar o pior. Acho que foram feitos para isso.

Estendeu a mão, eu a segurei e assim permanecemos enquanto ele terminava de contar.

— Olhei em torno, bem a tempo de ver Trev e Dick dando a volta para a frente do galpão. Corri atrás deles, ainda procurando recuperar o fôlego. Lá havia umas quarenta ou cinqüenta pessoas, umas chorando, outras vomitando, outras gritando e algumas parecendo fazer as três coisas ao mesmo tempo. Havia as que jaziam sobre a relva, desmaiadas por causa da fumaça. A porta estava trancada, ouvíamos as pessoas gritarem do outro lado, gritarem para que as deixassem sair, pelo amor de Deus, porque estavam ardendo.

"Aquela era a única porta, além da existente na cozinha, esta dando para onde ficavam as latas de lixo e outras coisas mais, compreenda. Quem queria entrar, empurrava a porta para dentro. Quem queria sair, tinha de puxá-la.

"Algumas pessoas haviam saído e amontoaram-se diante daquela porta, puxando-a para fora. A porta se fechou. Os que continuavam no interior continuaram a empurrá-la, ansiosos em fugir do fogo, enquanto mais gente se juntava a eles. Os que ficaram bem à frente foram esmagados. Não havia meio de abrirem aquela porta, com o peso de tantas pessoas atrás dela. Assim, ficaram lá dentro, encurraladas, enquanto o incêndio lavrava.

"Foi Trev Dawson quem deu um jeito na situação, de maneira que somente umas oitenta pessoas morreram, em vez de cem ou talvez duzen-tas. E o que ele recebeu em troca, não foi uma medalha, mas dois anos na prisão de Rye. Bem, foi nesse momento que chegou aquele velho caminhão transportador e estacionou. E quem estava ao volante, senão o meu velho amigo Sargento Wilson, o sujeito que era dono de todos os buracos lá da base?".

"Ele saiu do caminhão e começou a gritar ordens que não faziam muito sentido e que, aliás, ninguém podia ouvir. Trev agarrou meu braço e corremos até ele. Então, eu me perdera de Dick Hallorann, só voltando a vê-lo no dia seguinte.

"Sargento, temos que usar seu caminhão!', gritou Trev na cara dele.

"Saia da minha frente, negro!', berrou Wilson, empurrando-o.

"Então, ele começou a gritar todas aquelas asneiras novamente. Como ninguém lhe desse atenção, ele não demorou muito nisso, mesmo porque Trevor Dawson saltou diante dele como um boneco de molas e o derrubou.

"Trev tinha um soco que era um coice de mula e quase qualquer outro homem ficaria caído, mas aquele infeliz tinha a cabeça dura. Levantou-se, com sangue escorrendo da boca e do nariz, gritando: 'Vou matar você pelo que fez!' Bem, Trev esmurrou-lhe o estômago com toda a força que pôde e, quando o sargento se dobrou para diante, eu juntei as mãos e as deixei cair em sua nuca, também com *toda* a força que pude. Foi covardia, atacar um homem pelas costas daquele jeito, mas momentos de desespero exigem medidas desesperadas. E eu estaria mentindo, Mikey, se não lhe confessasse que agredir aquele boca-suja filho da puta me deu um prazer e tanto.

"Ele caiu, como um bezerro atingido com um porrete. Trev correu para o caminhão, ligou o motor e o manobrou de maneira a ficar de frente para o Ponto Negro, mas à esquerda da porta. Ele mandou uma primeira, pisou na embreagem daquela velharia, e lá se foi!" *'Cuidado!',* berrei para a multidão espalhada por ali. *'Cuidado com esse caminhão!'*

As pessoas correram para todos os lados, e foi um milagre Trev não atingir nenhuma delas. Chocou-se contra o lado do galpão a talvez uns cinqüenta por hora, e seu rosto bateu forte contra o volante do caminhão. Vi o sangue voar de seu nariz, quando sacudiu a cabeça para livrar-se dele. Deu marcha à ré, recuou uns cinqüenta metros e voltou à carga. *BAAM!* O Ponto Negro era apenas lataria corrugada, de maneira que a segunda batida foi suficiente. O lado inteiro daquela estufa desmoronou e as chamas escaparam para fora, rugindo. Não sei como *alguma coisa* podia continuar viva lá dentro, mas assim foi. As pessoas são muito mais duras do que a gente imagina, Mikey, e se não acredita, basta olhar para mim, que descasquei a pele do mundo com as unhas. Aquele lugar era como uma fornalha derretendo, um inferno de chamas e fumaça, mas as pessoas saíram correndo para fora, em uma torrente regular. Eram tantas, que Trev não ousou fazer o caminhão recuar, temendo atingir algumas delas. Assim, saiu da boléia e voltou para junto de mim, deixando-o onde estava.

"Ficamos lá, espiando o final. Aquilo não durara cinco minutos, mas era como se fosse uma eternidade. As cerca de doze últimas pessoas que saíram, estavam em fogo. Outras as agarraram e as fizeram rolar pelo solo, tentando apagá-las. Olhando para dentro do galpão, vimos que havia mais gente tentando sair, mas sabíamos que aquelas pessoas jamais o conseguiriam.

"Trev agarrou minha mão e apertei a dele, com duas vezes mais força. Então ficamos lá, de mãos dadas, como estamos agora, Mikey, ele com o nariz quebrado e o sangue escorrendo pelo rosto, os olhos quase fechados, tão inchados estavam. Espiamos a cena. Aquelas pessoas *eram* os verdadeiros fantasmas que vimos nessa noite, nada mais

que bruxuleios em forma de homens e mulheres naquele incêndio, caminhando para a abertura que Trev fizera usando o caminhão do Sargento Wilson. Algumas delas estendiam os braços, como se esperassem que alguém as salvasse. Outras apenas caminhavam, andavam sem rumo certo. Suas roupas ardiam. Seus rostos mudavam de cor. E uma após outra apenas caíam, não tornando a ser vistas.

"A última foi uma mulher. Seu vestido se queimara inteiramente eestava apenas de combinação. Ardia como uma vela. No fim, pareceu olhar diretamente para mim, e vi que seus cílios estavam pegando fogo.

"Quando ela caiu, tudo terminou. O lugar inteiro transformou-se em um pilar de fogo. Quando os caminhões de incêndio da base chegaram lá, juntamente com mais dois do posto de bombeiros da Rua Main, o galpão já quase se queimara por completo. Esse foi o incêndio no Ponto Negro, Mikey."

Meu pai bebeu o resto que sobrara da água e entregou-me o copo, para que o enchesse novamente no bebedouro do corredor.

— Acho que esta noite vou urinar na cama, Mikey — disse.

Beijei-lhe o rosto e saí ao corredor, a fim de encher o copo. Ao voltar, ele tornara a mergulhar na irrealidade, os olhos vidrados e contemplativos. Quando depositei o copo sobre a mesa-de-cabeceira, ele murmurou um obrigado que mal entendi. Olhei para o Westclox sobre a me-sinha, e vi que eram quase oito da noite. Hora de ir para casa.

Inclinei-me para dar-lhe o beijo de despedida... mas em vez disto, me ouvi sussurrando uma pergunta:

— O que foi que você viu?

Seus olhos começavam a fechar-se vagarosamente e mal se viraram para mim. Ele talvez soubesse que era eu, mas também podia ter pensado que ouvia a voz dos próprios pensamentos.

— Hummm...?

— A coisa que você viu — sussurrei.

Eu não queria, mas *tinha* que ouvir. Sentia calor e frio ao mesmo tempo, meus olhos ardiam, as mãos gelavam. No entanto, era preciso. Como suponho que a mulher de Ló sentisse necessidade de se virar e olhar para trás, para a destruição de Sodoma.

— Havia um pássaro — disse ele. — Bem acima daquele último homem que corria. Um falcão, talvez. O que chamam de francelho. Era grande, muito grande. Nunca contei para ninguém. Seria preso. Aquele pássaro mediria uns vinte metros de uma ponta da asa à outra ponta. Tinha o tamanho de um Zero japonês. No entanto, eu vi... vi seus olhos... e acho... que ele também me viu...

A cabeça de meu pai deslizou para o lado, na direção da janela, de onde vinha a escuridão.

— O pássaro voou para baixo como uma flecha, e suspendeu aquele último homem. Agarrou-o bem pelo lençol, foi isso... e eu ouvi o somdaquelas asas... O som era como fogo... e ele pairou... mas então pensei: Pássaros não podem pairar... só que aquele podia, porque... porque...

Ele silenciou.

Por quê, papai? — sussurrei. — Por que ele pairava?

Aquele pássaro não pairava — disse ele.

Fiquei quieto e silencioso, pensando que agora ele mergulhara de fato no sono. Jamais sentira tanto medo na vida... porque quatro anos antes eu tinha visto aquela ave. De algum modo, de certa forma inimaginável, quase esquecera tal pesadelo. Meu pai é que o trouxera de volta.

— Ele não pairou — disse meu pai. — Ele flutuava. Flutuava. Havia enormes punhados de balões de gás amarrados a cada asa, e ele flutuava.

Meu pai adormeceu.

1º de março de 1985

A coisa virá outra vez. Agora eu sei. Vou esperar, mas, no fundo do coração, tenho certeza. Não sei se poderei suportar. Quando criança, era capaz de manejar isto, mas crianças são diferentes. De certo modo fundamental, elas são diferentes.

Escrevi tudo isto em uma espécie de frenesi, durante esta noite — afinal, eu não poderia mesmo ir para casa. Derry foi amortalhada em espessa camada de gelo e, embora tenha surgido esta manhã, não há nada se movendo.

Escrevi até bem depois de três da madrugada, com a caneta deslizando cada vez mais depressa, tentando abranger tudo em meu relato. Já me esquecera de que tinha visto o pássaro gigante, quando estava com meus onze anos. Foi a história de meu pai que o trouxe de volta... e nunca mais tornarei a esquecer. Nem nada disto. De algum modo, suponho que foi o seu presente derradeiro para mim. Um presente terrível, diriam vocês, porém maravilhoso, à sua maneira.

Dormi aqui mesmo onde me encontrava, com a cabeça nos braços, o caderno de notas e a caneta à minha frente. Acordei esta manhã com o traseiro entorpecido e as costas doloridas, mas de algum modo sentindo-me livre... de algum modo achando que expiara aquela antiga história.

Então, percebi que tivera visitas à noite, enquanto dormia.

As pegadas, secando para leves impressões lamacentas, vinham da porta da frente da biblioteca (que eu havia trancado; sempre a tranco) até a mesa onde eu dormia.Não havia pegadas de retorno.

Seja lá o que for, aproximou-se de mim durante a noite, deixou o seu talismã... e então, simplesmente desapareceu.

Atado ao meu abajur de leitura havia um solitário balão de gás. Insuflado com hélio, flutuando em um raio de sol matinal que se infiltrava por uma das altas janelas da biblioteca.

Nele havia um desenho de meu rosto, sem olhos, com sangue escorrendo das órbitas vazias, um sorriso distorcendo a boca sobre a fina e dilatada película de borracha do balão.

Olhei para aquilo e gritei. O grito ecoou através da biblioteca, ricocheteou de volta e vibrou desde a escada de ferro em caracol que leva às estantes de livros.

O balão estourou ruidosamente.

TERCEIRA PARTE

ADULTOS

"A descida
composta de desesperos
e sem concretização
percebe um novo despertar :
que é um inverso
do desespero.

Pelo que não podemos concretizar,
o que é negado ao amor,
o que perdemos na antecipação
segue-se uma descida,
interminável e indestrutível."

— William Carlos Williams, Paterson

"Isso não o faz querer ir para casa, ora?
Não o faz querer ir para casa?
Todos os filhos de Deus se cansam quando perambulam,
Isso não o faz querer ir para casa?
Não o faz querer ir para casa?

— Joe South

CAPÍTULO 10

A reunião

1

Bill Denbrough toma um táxi

O telefone estava tocando e o acordou de um sono profundo demais para ambos. Tateou para pegar o fone, sem abrir os olhos, estando apenas meio desperto. Se os toques houvessem parado nesse momento, ele tornaria a deslizar pelas encostas cobertas de neve do Parque McCarron, em seu Voador Flexível. A gente corre com o trenó, joga-se sobre ele e lá se vai — aparentemente à velocidade do som. Um adulto não pode fazer isso; os colhões passam o diabo.

Os dedos passearam pelo disco do telefone, escorregaram, tornaram a escalá-lo. Ele tinha uma vaga premonição, de que seria Mike Hanlon. Mike Hanlon ligando de Derry, dizendo-lhe que era preciso voltar, dizendo-lhe que precisava recordar, dizendo-lhe que eles haviam feito uma promessa, que Stan Uris lhes cortara as palmas com um caco de garrafa de Coca e que haviam prometido...

Exceto que tudo isso já acontecera.

Ele havia chegado no final da tarde da véspera — em realidade, pouco antes das seis horas. Supunha que, se houvesse sido o último convocado na lista de Mike, todos os outros já teriam chegado, em horas variadas; alguns até poderiam ter passado ali a maior parte do dia. Ele ainda não vira os demais, não sentia nenhuma urgência em vê-los. Simplesmente registrara-se no hotel, subira para seu quarto, pedira que lhe servissem uma refeição ali mesmo — percebendo-se incapaz de comê-la, ao ser pos-ta à sua frente — e então se jogara na cama, para um sono sem sonhos até aquele momento.

Abrindo um olho a meio, Bill estendeu a mão para o fone. Este escorregou para fora da mesa e ele estendeu o braço para pegá-lo, abrindo o outro olho. Sentia-se com a cabeça inteiramente vazia, totalmente desligada, funcionando a pilhas.

Por fim, pescou o fone. Ergueu-se sobre um cotovelo e o levou ao ouvido.

— Alô?

— Bill?

Era a voz de Mike Hanlon — pelo menos, havia esta certeza. Na semana anterior nem ao menos se lembrava de Mike, mas agora bastara uma palavra e conseguira identificá-lo. Algo maravilhoso... mas de um sentido terrível.

— Eu mesmo, Mike.

— Acordei você, hein?

— Certo, acordou. Tudo bem. — Na parede, acima da televisão, havia uma pintura abismai de pescadores de lagostas, com impermeáveis amarelos e capuzes na cabeça, colocando armadilhas para capturá-las. Ao olhar para aquilo, Bill recordou onde estava: no Hotel Town House, de Derry, na Rua Main Superior. Oitocentos metros acima e do outro lado da rua, ficavam o Parque Bassey... a Ponte dos Beijos... o Canal. — Que horas são, Mike?

— Dez e quinze da manhã.

— De que dia?

— Dia 30 — replicou Mike, parecendo algo divertido.

— Certo. Você me derrubou.

— Combinei uma pequena reunião — disse Mike, agora parecendo embaraçado.

— Verdade? — Bill girou as pernas para fora da cama. — Todos eles já chegaram?

— Todos, menos Stan Uris — disse Mike. Agora, na voz dele havia algo que Bill não conseguiu decifrar. — Bev foi a última. Chegou ontem, já à noite.

— Por que diz que ela foi a última, Mike? Stan ainda pode chegar hoje.

— Bill, Stan está morto.— O quê? Como foi? Seu avião...?

— Nada disso — respondeu Mike. — Escute, se não faz diferença para você, acho que isso podia esperar até estarmos todos juntos. Seria melhor eu contar ao grupo no mesmo momento.

— Tem algo a ver com isto?

— Bem, acho que sim. — Mike fez uma breve pausa. — Tenho certeza.

Bill tornou a sentir o peso familiar do medo em torno de seu coração — seria então algo com que nos acostumamos tão depressa? Ou ele carregara aquilo o tempo todo, apenas latente e esquecido, como o fato inevitável da própria morte?

Estendeu a mão para os cigarros, acendeu um e apagou o fósforo com a primeira baforada de fumaça.

— Nenhum deles encontrou-se com outro ontem?

— Não... acho que não.

— Então, você ainda não viu nenhum de nós.

— Não. Apenas falei ao telefone.

— Muito bem — disse Bill. — E onde é a reunião?

— Lembra-se de onde ficava a antiga Fundição?

— Estrada Pasture, claro.

— Está atrasado, meu chapa. Atualmente, aquilo é a Estrada Mail. Uma avenida arborizada, dedicada ao comércio. Nela, temos a terceira maior área comercial do estado. Quarenta e Oito Mercados Diversificados Sob o Mesmo Teto, para Sua Maior Conveniência.

— De fato, soa muito a-a-americano.

— Bill?

— Diga.

— Está tudo bem com você?

— Claro.

Não obstante, seu coração batia depressa demais, a ponto do cigarro tremer um pouco. Ele havia gaguejado. Mike ouvira isso. Houve um momento de silêncio, e então Mike falou:

— Logo depois do centro comercial, há um restaurante chamado Jade do Oriente. Eles têm aposentos particulares para reuniões. Providenciei um deles ontem. Podemos ocupá-lo a tarde inteira, se quisermos.

— Acha que pode demorar tanto assim?

— Francamente, não sei dizer.— Um táxi saberá como chegar lá?

— Sem dúvida.

— Tudo bem — disse Bill. Anotou o nome do restaurante no bloco ao lado do telefone. — Por que lá?

— Acho que porque é novo — respondeu Mike lentamente. — Imaginei que seria... oh, como posso saber?

— Um terreno neutro? — sugeriu Bill.

— Sim, acho que foi isso.

— A comida vale a pena?

— Não sei — replicou Mike. — Como está seu apetite?

Bill expeliu fumaça, deu uma meia risada, uma meia tossida.

— Não anda nada bom, meu velho.

— Certo — disse Mike. — Darei um jeito nisso.

— Meio-dia?

— Mais para uma da tarde, acho. Vamos deixar que Beverly durma um pouquinho mais.

Bill sugou o cigarro.

— Ela está casada? Mike tornou a hesitar.

— Ficaremos sabendo de tudo mais tarde — respondeu.

— Exatamente como irmos a uma reunião do ginásio, dez anos mais tarde, hein? — disse Bill. — Então, veremos quem engordou, quem ficou calvo, quem teve f-filhos...

— Eu gostaria que fosse assim —- disse Mike.

— Certo. Eu também, Mikey. Eu também!

Bill desligou o telefone, tomou uma ducha demorada e pediu um desjejum, que rejeitou, após apenas beliscá-lo. Sim; seu apetite não estava nada bom.

Bill discou para a Companhia Big Yellow Cab e pediu que um táxi viesse apanhá-lo às quinze para uma da tarde, pensando que quinze minutos seriam suficientes para deixá-lo na Estrada Pasture (viu-se inteiramente incapaz de pensar nela como Estrada Mall, mesmo quando viu com seus olhos o centro comercial), mas havia subestimado o fluxo de trânsito na hora do almoço... e ignorava o quanto Derry havia crescido.

Em 1958, tinha sido uma cidade mediana, nada mais que isso. Haveria uns trinta mil habitantes residindo dentro dos limites da cidade e talvez mais uns sete mil além disso, nos arrabaldes circunjacentes.

Agora, Derry se tornara uma grande cidade — muito pequena, comparada a Londres ou Nova York, mas bem importante, pelos padrões do Maine, onde Portland, a maior do estado, mal podia vangloriar-se de trezentos mil habitantes.

À medida que o táxi se movia lentamente, descia a Rua Main *(estamos agora sobre o Canal,* pensou Bill; *não posso vê-lo, mas está aqui embaixo, correndo na escuridão)* e depois entrava na Center, seu primeiro pensamento foi bastante previsível: quanto tudo ali havia mudado. Entretanto, o pensamento previsível foi acompanhado de uma profunda melancolia, que ele nunca julgara possível. Recordava sua infância ali como uma época nervosa, amedrontada... não somente por causa do verão de 1958, quando eles sete haviam enfrentado o terror, mas devido à morte de George, ao sono profundo em que seus pais pareciam ter mergulhado em decorrência dessa morte, às discussões constantes sobre sua gagueira, a Bowers, Huggins e Criss, permanentemente atrás deles, após a briga nos Barrens

(Bowers, Huggins e Criss, oh, céus! Bowers, Huggins e Criss, oh, céus!)

e a apenas uma impressão de que Derry era uma cidade fria, que Derry era empedernida, que Derry pouco estava ligando se alguns deles vivessem ou morressem, mas que seria o contrário, se eles tivessem êxito contra Parcimonioso, o Palhaço. Os

moradores de Derry tinham vivido com Parcimonioso, em seus variados disfarces, por um longo tempo... e talvez, de certa louca maneira, tinham mesmo chegado a compreendê-lo. A gostar dele, a precisar dele. A *amá-lo?* Talvez. Sim, talvez isso também.

Então, por que a melancolia?

Possivelmente, apenas porque a mudança parecia tão *deprimente.* Ou então, porque Derry parecia ter perdido sua face essencial para ele.

O Cinema Bijou se fora, substituído por um pátio de estacionamento (APENAS AUTORIZADO, anunciava o cartaz acima da rampa; INFRATORES SUJEITOS A REBOQUE). A sapataria Shoeboat e o Bailley's Lunch, que ficavam em seguida a ele, também tinham desaparecido. Em seu lugar, agora, erguia-se uma sucursal do Northern National Bank. Um mostra-dor digital, salientando-se à frente da leve estrutura concretada, indicava a hora e a temperatura — esta última, tanto em graus Fahrenheit comoem Centígrados. A drogaria da Rua Center, covil do Sr. Keene e onde Bill providenciara o remédio para a asma de Eddie, naquele dia, também não existia mais. Beco de Richard transformara-se em um estranho híbrido chamado *"mini-mall".* Espiando para lá, enquanto o táxi esperava em um sinal vermelho, Bill divisou uma loja de discos, uma de alimentos naturais e outra de brinquedos e jogos que anunciava uma liquidação de TODOS OS DRAGÕES E MASMORRAS EM ESTOQUE. O táxi avançou com um solavanco.

— Vai demorar um pouco — disse o motorista. — Eu gostaria que todos esses bancos de merda fizessem um revezamento em suas horas de almoço. Desculpe o palavrão, se o senhor é religioso.

— Tudo bem — respondeu Bill.

O ar estava carregado lá fora e alguns pingos de chuva salpicaram o pára-brisa do carro. O rádio murmurava sobre um paciente mental que escapara de algum lugar, acrescentando que o sujeito era considerado muito perigoso. Depois passou a murmurar que os jogadores do Red Sox não o eram. Chuva no começo do dia, depois céu claro. Quando Barry Mani-low começou a gemer sobre Mandy, que vinha e dava sem tomar, o motorista desligou o rádio.

— Quando é que eles começaram?

— Quem? Está falando dos bancos?

— Hum-hum.

— Oh, a maioria em fins dos anos sessenta, começo dos setenta — informou o motorista. Era um homem corpulento, de pescoço grosso. Usava um blusão de caçador, em xadrez vermelho e preto. Um quepe laranja-metálico estava enterrado em sua cabeça, manchado de óleo de motor. — Eles conseguiram dinheiro para uma renovação urbana. Diziam que era Imposto Partilhado. Então, o que partilharam foi botando tudo abaixo. Foi como os bancos surgiram. Acho que o dinheiro não dava para investirem em outras coisas. Enfim, o que se pode fazer? Renovação urbana, dizem eles. Merda para o jantar, digo eu. Desculpe o palavrão, se o senhor é religioso. Houve muito falatório sobre como iam revitalizar a zona comercial da cidade. Poxa, eles souberam mesmo revitalizá-la! Botaram abaixo a maioria dos prédios velhos e levantaram um bocado de bancos e lotes de estacionamento. E sabe que a gente não encontra uma fodida vaga para estacionar o carro? Deviam amarrar todos os membros do Conselho da Cidade pelos cacetes. Exceto pela tal Polock, que tam-bém é membro. Tinham que amarrá-la pelas maminhas. Bem, pensando melhor, acho que ela não tem nada disso. É chata como uma fodida tábua. Desculpe o palavrão, se o senhor é religioso.

— Eu sou — disse Bill, sorrindo.

— Então, saia do meu táxi e entre em uma fodida igreja — disse o motorista, e os dois explodiram em risadas.

— Mora aqui há muito tempo? — perguntou Bill.

— A vida inteira. Nasci no Home Hospital de Derry e vão enterrar meus restos fodidos no Cemitério de Mount Hope.

— É uma boa idéia — disse Bill.

— Sim, eu acho — replicou o motorista. Pigarreou, desceu o vidro do seu lado e jogou no ar chuvoso uma extremamente longa cusparada verde-amarelada. Sua atitude contraditória, mas de certa forma atraente — quase satírica — era de sombrio bom humor. — O sujeito que ficar com isso levará uma semana sem ter de comprar nenhuma fodida goma de mascar. Desculpe o palavrão, se o senhor é religioso.

— Isso não mudou nada — disse Bill. O deprimente desfile de bancos e pátios de estacionamentos ia ficando para trás, quando subiram a Rua Center. Alcançaram o topo e, passado o First National, começaram a ganhar certa velocidade. — O Aladdin continua lá.

— Certo — concedeu o motorista, — mas quase se foi. Os otários também tentaram derrubá-lo.

— Para outro banco? — perguntou Bill.

Uma parte sua achou divertido descobrir que outra parte era contrária àquela idéia. Era difícil acreditar que alguém, em seu juízo perfeito, quisesse deitar abaixo aquele majestático palácio de diversões, com seu cintilante candelabro de cristal, suas graciosas escadas, à direita e à esquerda, espiralando para as galerias, e sua cortina gigantesca de palco, que não simplesmente deslizava para os lados quando começava o espetáculo, mas subia em mágicas dobras, franzidos e apanhados, exibidos à claridade mortiça de fabulosas tonalidades em vermelho e azul, amarelo e verde, enquanto polias nos bastidores giravam e gemiam. *Não o Aladdin!* gritou essa sua parte chocada. *Como poderiam chegar a pensar em derrubar o Aladdin para dar lugar a um BANCO?*

— Oh, sim, para um banco — disse o motorista. — Uma bosta! Desculpe o palavrão, se o senhor é religioso. Foi o First Merchants, do Condado de Penobscot, que estava de olho no ‘laddin. Queriam arrasá-loe levantar o que chamavam de uma “avenida bancária completa”. Providenciaram a papelada com o Conselho da Cidade, e o Aladdin foi condenado. Então, um punhado de caras formou um comitê — caras que tinham morado aqui por muito tempo — e eles apresentaram petições, desfilaram, berraram e finalmente tiveram uma reunião pública do Conselho da Cidade sobre o assunto. Então, Hanlon botou aqueles otários para correr — finalizou o motorista, parecendo extremamente satisfeito.

— Hanlon? — perguntou Bill, admirado. — *Mike* Hanlon?

— Ele mesmo — confirmou o motorista. Virou-se rapidamente para fitar Bill, revelando um rosto redondo e marcado, usando óculos de aros de chifre, com antigos salpicos de tinta branca nas hastes. — Bibliotecário. Um cara negro. O senhor o conhece?

— Conheci — disse Bill, recordando como conhecera Mike, em julho de 1958. Por causa de Bowers, Huggins e Criss novamente... claro. Bowers, Huggins e Criss

(oh, céus)

a cada vez, desempenhando seu próprio papel, engrenagens inconscientes, movendo-se para reunir eles sete — unindo-os e unindo-os, mais e mais apertadamente. — Brincávamos juntos quando crianças. Antes que eu me mudasse daqui.

— Muito interessante — comentou o motorista. — Este é um pequeno e fodido mundo, desculpe o...

— ... palavrão, se você é religioso — terminou Bill por ele.

— Muito interessante — repetiu o homem, bem à vontade. Rodaram em silêncio por algum tempo, antes dele dizer: — Isto mudou muito, Derry mudou mas, oh, ainda ficou muita coisa por aqui. O Town House, onde peguei o senhor. O piezômetro, no Memorial Park. Lembra-se daquele lugar, chefe? Quando éramos crianças, costumávamos achar que aquilo lá era assombrado.

— Sim, eu me lembro — disse Bill.

— Veja, aí está o hospital. Dá para reconhecer?

Passavam agora diante do Home Hospital de Derry. Atrás dele, o Penobscot fluía para seu ponto de encontro com o Kenduskeag. Sob o chuvoso céu de primavera, o rio tinha uma opaca tonalidade estanhada. O hospital que Bill recordava — um prédio branco em estrutura de madeira, com duas alas e três pavimentos de altura — continuava lá, porém agora estava circundado, minimizado, por todo um complexo de edifícios, talvez uma dúzia ao todo. Ele pôde ver um pátio de estacionamento à esquerda e talvez mais de quinhentos carros, ali estacionados.

— Meu Deus, isso não é um hospital, é um fodido campus universitário!

O motorista deu uma risadinha cacarejada.

— Não sendo religioso, desculpo seu palavrão. Sim, é quase tão grande como a Eastern Maine, agora lá em Bangor. Eles têm laboratórios para radiação, um centro de terapia, seiscentos quartos, lavanderia própria e só Deus sabe mais o quê. O antigo hospital continua em pé, mas agora é ocupado apenas pelo setor administrativo.

Bill experimentou uma esquisita sensação de desdobramento mental, da espécie que recordava ter sentido a primeira vez, quando vira um filme em 3-D. Tentando unir duas imagens que não se ajustavam direito. Pode-se iludir os olhos e o cérebro nesse truque, recordou, mas a pessoa talvez terminasse com um diabo de dor de cabeça... e ele podia perceber sua própria dor de cabeça começando agora. A nova Derry — excelente. Entretanto, a velha Derry continuava presente, como o prédio de madeira do Home Hospital. Em sua maioria, a velha Derry estava sepultada sob todas as novas construções... mas de algum modo, os olhos eram ir-resistivelmente atraídos a buscá-la... a procurar *por* ela.

— O pátio ferroviário sem dúvida acabou, não? — perguntou Bill. O motorista tornou a rir, deliciado.

— Para alguém que foi embora daqui ainda criança, tem uma memória muito boa, chefe. — Bill pensou: *Devia ter-me visto a semana passada, meu amigo apreciador de palavrões.* — Fique sabendo que continua lá, embora hoje não passe de ruínas e trilhos enferrujados. Os trens cargueiros nem param mais aqui. Um sujeito quis comprar a terra e botar lá todo um negócio de divertimentos de beira de estrada — jogo de malha, espaço para treino de beisebol, pista para minicarros, minigolfe, karts, um pequeno galpão cheio de videogames, sei mais lá o que — mas parece que há uma grande confusão sobre quem agora é o dono da terra. Acho que ele acabará ganhando — é um sujeito teimoso — mas no momento, a coisa anda pelos tribunais.

— E o Canal... — murmurou Bill, quando saíram da Rua Center Exterior e entraram na Estrada Pasture — que, como Mike dissera, agora exibia uma sinalização rodoviária verde, anunciando ESTRADA MALL. — O canal continua aqui...— Certo — disse o motorista. — E acho que vai continuar sempre,

Agora, o Mall de Derry ficava à esquerda de Bill e, enquanto rodavam por ele, voltou aquela curiosa sensação de desdobramento. Em seu tempo de criança, tudo aquilo havia sido um grande e comprido campo, coberto de capim alto e gigantescos girassóis que assentiam, um ponto que delimitava o final do nordeste dos Barrens. Mais atrás, na direção oeste, ficava o conjunto habitacional de Old Cape, para moradores de baixa

renda. Bill podia recordar-se explorando aquele campo com os companheiros, tomando cuidado para não cair no esgoelado buraco para o porão da Fundição Kitchener. que explodira no domingo de Páscoa, no ano de 1906. O campo ficara repleto de relíquias, e eles as tinham desenterrado com todo o solene interesse de arqueólogos explorando ruínas egípcias: tijolos, colherões, pedaços de ferro com parafusos enferrujados pendentes, cacos de vidraças, garrafas cheias de anônimas coisas viscosas e fedorentas como o pior veneno do mundo... Ali perto também acontecera qualquer coisa ruim, na cascalheira próxima ao vertedouro de lixo, porém ele ainda não recordava o que fora. Lembrava-se apenas de um nome, Patrick Humboldt, e isso estava ligado a uma geladeira. Havia ainda algo a respeito de uma ave que perseguira Mike Hanlon. O quê?

Bill sacudiu a cabeça. Fragmentos. Folhas ao vento. Era tudo.

Aquele campo agora desaparecera, como também os remanescentes da Fundição. De repente, Bill se lembrou da grande chaminé da Fundição. Forrada de ladrilhos, coberta de negro da fuligem nos últimos três metros de comprimento, ela jazera caída no capim alto, como um cano gigantesco. Eles tinham conseguido escalá-la de algum modo, haviam caminhado sobre a extensão da chaminé, de braços estendidos para os lados, como se o topo ladrilhado fosse uma corda bamba, rindo...

Bill tornou a sacudir a cabeça, como que para expulsar a miragem daquela nova avenida comercial, uma feia coleção de prédios, com cartazes anunciando SEARS, J.C. PENNEY, WOOLWORTH'S, CVS, YORK'S STEAK HOUSE e WALDENBOOKS, além de dúzias de outros mais. Vias de trânsito entravam e saíam dos pátios de estacionamento. Entretanto, a avenida comercial não se desfez, pois não era nenhuma miragem. A Fundição Kitchener desaparecera, e com ela o campo que se estendia em torno de suas ruínas. O *mall,* aquela avenida de agora, era a realidade, não as lembranças.

Entretanto, de alguma forma, ele não acreditou nisso.— Pronto, aqui estamos, chefe — disse o motorista. Freou no pátio de estacionamento de um prédio que parecia um grande pagode de plástico. — Demoramos um pouco, mas antes tarde do que nunca, certo?

— Certíssimo — respondeu Bill. Passou uma nota de cinco para o motorista. — Guarde o troco.

— Grande! Que diabo de negócio! — exclamou o homem, satisfeito. — Se precisar de um táxi, ligue para a *Big Yellow* e pergunte por Dave. É o meu nome.

— Perguntarei pelo cara religioso — disse Bill, sorrindo. — Aquele que já escolheu seu pedaço de terra no Mount Hope.

— Exato — riu Dave. — Tenha um bom dia, chefe!

— Você também, Dave.

Bill ficou parado no chuvisco por um instante, espiando o táxi afastar-' se. Refletiu que quisera fazer mais uma pergunta ao motorista e tinha esquecido — talvez de propósito.

Desejaria ter-lhe perguntado se *gostava* de morar em Derry.

Virando-se abruptamente, Bill Denbrough entrou no Jade do Oriente. Mike Hanlon estava no saguão, sentado em uma poltrona de vime com um enorme e fantasioso encosto. Quando ele se levantou, Bill sentiu uma profunda onda de irrealidade — *varando-o.* A sensação de desdobramento retornava, só que agora era pior, muito pior.

Recordava um menino que teria cerca de um metro e cinqüenta de altura, bem aprumado e ágil. À sua frente, estava um homem com cerca de um metro e setenta. Muito magro. Com roupas que pareciam dançar à volta do corpo. As linhas do rosto dizendo que estava no lado mais sombrio dos quarenta anos, ao invés de apenas uns trinta e oito.

O choque de Bill devia ter transparecido em seu rosto, porque Mike disse suavemente:

— Sei bem qual é a minha aparência. Bill enrubesceu.

— Não está tão ruim assim, Mike — falou. — Apenas... Bem, eu me lembrava de você como um garoto. Só isso.

— Só mesmo?

— Você parece um pouco cansado.

— Eu *estou* um pouco cansado — replicou Mike, — mas posso dar um jeito nisso. Acho que posso.Mike sorriu, e seu sorriso iluminou-lhe o rosto. Foi quando Bill reconheceu o menino de vinte e sete anos atrás. Assim como ficara aturdido pelos edifícios modernos de vidro e concreto cercando a antiga estrutura de madeira do Home Hospital, também o menino que ele conhecera o deixara perplexo, ao apresentar-se com os inevitáveis acessórios de homem adulto. Havia rugas em sua testa, linhas marcando sulcos indo dos cantos da boca até quase o queixo, o cabelo ficando grisalho nos dois lados acima das orelhas. Entretanto, como o velho hospital, apesar do atur-dimento, continuando em pé no mesmo lugar, ainda visível, também acontecia o mesmo com aquele menino que Bill conhecera. Mike estendeu a mão para ele.

— Seja bem-vindo em sua volta a Derry, Grande Bill.

Bill ignorou a mão e abraçou-o. Mike devolveu o abraço com força, e Bill pôde sentir seu cabelo, duro e encarapinhado, roçando-lhe o ombro e o lado do pescoço.

— Seja lá o que for que estiver errado, Mike, nós daremos um jeito — disse Bill. Ouviu o som áspero das lágrimas em sua garganta, mas não se incomodou. — Já vencemos uma vez, e podemos v-vencer o-outra v-v-vez.

Mike desligou-se dele, mantendo-o à distância do braço. E, embora ainda sorrisse, havia brilho demais em seus olhos. Tirou um lenço e enxugou-os.

— Claro, Bill — disse. — Pode apostar.

— Os cavalheiros poderiam acompanhar-me? — perguntou a recepcionista.

Era uma sorridente mulher oriental trajando um delicado quimono rosa, sobre o qual um dragão contorcia-se e encurvava a cauda escamosa. Os cabelos negros estavam puxados para o alto da cabeça e presos por pentes de marfim.

— Eu sei o caminho, Rose — disse Mike.

— Perfeitamente, Sr. Hanlon. — Ela sorriu para ambos. — Espero que se tenham encontrado em boa amizade — desejou.

— Creio que foi bem isso — disse Mike. — Por aqui, Bill.

Conduziu-o por uma penumbrosa passagem, os dois cruzaram o refeitório principal e encaminharam-se para uma porta de onde pendia uma cortina de contas.

— E os outros...? — começou Bill.— Já estão aqui — respondeu Mike. — Todos os que puderam vir. Bill vacilou um instante à frente da porta, subitamente receoso. Não era o desconhecido que o assustava, não o sobrenatural; era a mera certeza de estar quase quarenta centímetros mais alto do que em 1958 e de que havia perdido a maior parte do cabelo. De repente ficou nervoso — quase aterrorizado — ao pensar em ver todos eles outra vez, seus rostos de criança quase desaparecidos, quase sepultados sob a mudança, como es-tivera sepultado o velho hospital. Com bancos erigidos dentro de suas cabeças, onde outrora havia apenas mágicos palácios de filmes.

Ficamos adultos, pensou. *Não pensávamos que isso acontecesse, não naquela época, não conosco. No entanto, aconteceu e, se eu entrar aí, isso será real; somos todos adultos agora.*

Olhou para Mike, repentinamente apalermado e tímido.

— Qual é a aparência deles? — ouviu-se perguntar, em voz hesitante. — Mike... qual é a aparência deles?

— Entre e veja você mesmo — disse Mike com gentileza, e conduziu Bill à pequena sala privada.

2

Bill Denbrough faz uma inspeção

A ilusão poderia ter sido causada simplesmente pela parca iluminação do aposento, tendo durado apenas um rápido instante, porém Bill mais tarde se perguntaria se aquilo não fora uma espécie de mensagem, dirigida estritamente a ele: que o destino também pode ser gentil.

Naquele breve momento, a ele pareceu que *nenhum* deles crescera, que seus amigos, de certa forma, tinham desempenhado um papel de Peter Pan e todos ainda continuavam crianças.

Richie Tozier inclinara-se para trás na cadeira, de modo que se re-costava contra a parede, surpreendido no ato de dizer algo a Beverly Marsh, que punha uma das mãos em concha sobre a boca, para enconder o riso; Richie tinha no rosto um sorriso maroto, que era perfeitamente familiar. E lá estava Eddie Kaspbrak, sentado à esquerda de Beverly, e sobre a mesa à frente dele, perto de seu copo d'água, um frasco plástico de compressão, com uma empunhadura em forma de cabo de pistola, saindo do topo e inclinando-se para baixo. O modelo era um pouco mais moderno, mas a finalidade era evidentemente a mesma: aquilo não passava de um aspirador. Sentado à cabeceira da mesa, fitando o trio com uma expressão de mesclada ansiedade, concentração e divertimento, estava Ben Hanscom.

Bill percebeu a própria mão querendo subir à cabeça, e com uma lamentável espécie de satisfação descobriu que, naquele segundo, quase levara os dedos ao couro cabeludo para verificar se seu cabelo retornara como por encanto — aquele ruivo e belo cabelo que começara a perder já ao entrar para a universidade.

Isso estourou a bolha. Ele viu que Richie não usava óculos e pensou: *Agora certamente usa lentes de contato — Richie faria isso. Porque odiava os óculos que usava em criança.* As camisetas e calças de brim que vestia habitualmente, agora tinham sido substituídas por um terno que não fora comprado em nenhuma loja masculina. Bill deduziu que olhava para um terno valendo novecentos dólares, feito sob medida, em alfaiate.

Beverly Marsh (caso seu nome *ainda* fosse Marsh) transformara-se em uma mulher de fascinante beleza. Em vez do rabo-de-cavalo costumeiro, seus cabelos — que eram quase exatamente da mesma cor que os dele tinham sido — estavam soltos sobre os ombros de sua singela Iblusa Ship'n Shore, em uma torrente de cor suavizada. À pouca claridade da sala, eles apenas brilhavam amortecidos, como um leito de brasas agonizando. À luz do dia, mesmo de um dia de céu carregado como aquele, Bill imaginou que eles chamejariam. Então, viu-se imaginando o que sentiria se mergulhasse as mãos naquela cabeleira exuberante. *A mais antiga história do mundo,* pensou taciturnamente. *Amo minha esposa, mas você, oh, garota!...*

Eddie — coisa estranha, mas real — ao ficar adulto tornara-se bastante parecido com Anthony Perkins. Seu rosto estava prematuramente sulcado (embora em seus movimentos parecesse um tanto mais jovem do que Richie ou Ben) e lhe dava uma aparência mais velha, acentuada pelos óculos sem aro que usava — óculos que se imaginaria no rosto de um advogado britânico, ao aproximar-se da mesa do juiz ou folhear um sumário judicial. Tinha os cabelos cortados curtos, em um estilo ultrapassado que fora conhecido como *Ivy League,* em fins dos anos cinqüenta e início dos sessenta. Usava um paletó esporte xadrez, que parecia retirado do cabide de Saldos para os Necessitados em alguma loja de roupas masculinas, uma peça que logo estaria fora de moda... mas o relógio emseu pulso era um Patek Philippe e o anel no dedo mínimo da mão direta ostentava um rubi. A pedra era volumosamente vulgar e demasiado espalhafatosa para não ser verdadeira.

Ben era o único que realmente mudara e, tornando a olhar para ele, Bill sentiu-se novamente envolto pela irrealidade. O rosto dele era o mesmo e os cabelos, embora ficando grisalhos e mais compridos, mostravam a mesma incomum linha divisória no lado direito. Ben, no entanto, emagrecera. Sentava-se com facilidade em sua poltrona. O colete de couro e sem enfeites estava aberto, deixando ver a camisa de trabalho em cambraia azul. Usava calças Levi's de pernas retas, botas de vaqueiro e um largo cinturão com fivela de prata trabalhada. Eram roupas que se adaptavam sem dificuldade a um corpo esguio, de quadris estreitos. Em um dos pulsos, ele tinha braceletes de pesadas cadeias — não cadeias de ouro, mas de cobre. *Ele emagreceu,* pensou Bill. *Ficou uma sombra do que era, por assim dizer... O velho Ben ficou magro. Os milagres nunca cessam.*

Entre os seis houve um momento de silêncio que desafiava qualquer descrição. Foi um dos mais estranhos momentos que Bill Denbrough atravessou em sua vida. Stan não se achava presente, porém um sétimo comparecera assim mesmo. Ali, naquela sala privada de refeições em um restaurante, Bill sentiu tão plenamente sua presença, que era quase como se estivesse personificado — não como um velho de vestes brancas e uma foice ao ombro. Era o ponto branco no mapa, jazendo entre 1958 e 1985, uma área a que um explorador daria o nome de Grande Não Sei. Bill perguntou-se o que, exatamente, haveria nela. Beverly Marsh, em uma saia curta que mostrava a maior parte de suas pernas compridas, suas pernas de potro, uma Beverly Marsh de botinhas brancas, cabelos partidos ao meio e ondulados? Richie Tozier, carregando um cartaz que dizia PAREM A GUERRA em um lado e TIREM O ROTC (*Iniciais de Reserve Officers' Training Corps - Corpo de Treinamento de Oficiais da Reserva. - N. da T.*) DO CAMPUS no outro? Ben Hascom, de cartola amarela tendo à frente o decalque de uma bandeira, dirigindo um trator com toldo de lona, a camisa aberta, mostrando um estômago que se projetava cada vez menos do cós da calça? Seria negra esta sétima criatura? Sem qualquer relação com H. Rap Brown ou o Grão-mestre Flash — não este sujeito. Este sujeito costumava usar camisas brancas simples e slacks J.C. Penney desbotados pelo trabalho em madeira e isolava-se em um pequeno gabinete da biblioteca da Universidade do Maine, escrevendo trabalhos sobre a origem das notas de rodapé e as possíveis vantagens dos números ISBN (*Iniciais de International Standard Book Number - Numeração padronizada internacional para livros. - N.da T.*) na catalogação de livros. Enquanto isso, protestadores desfilavam lá fora, Phil Ochs cantava "Richard Nixon, encontre outro lugar a que pertencer" e homens morriam com intestinos à mostra, por aldeias cujos nomes nem conseguiam pronunciar. E ele continuava lá, estudiosamente debruçado sobre o seu trabalho (Bill o *via),* que jazia em um raio oblíquo de vivida e branca luminosidade in-vernal, o rosto sério e concentrado, sabendo que ser bibliotecário era o mais próximo que qualquer ser humano poderia

chegar para assentar-se no trono máximo da maquinaria da eternidade. Seria ele o sétimo? Ou seria um jovem parado diante de seu espelho, observando a maneira como sua testa aumentava, vendo um pente repleto de cabelos ruivos caídos, olhando para uma pilha de blocos de notas universitários sobre a mesa refletida no espelho, blocos de notas que continham o terminado mas confuso primeiro rascunho de um romance intitulado *Joanna,* a ser publicado um ano mais tarde?

Algum dos acima mencionados, todos eles, nenhum deles.

De fato, não importava. O sétimo estava ali e, naquele momento, todos eles o sentiam... e talvez compreendiam melhor o tremendo poder daquilo que os trouxera de volta. *A Coisa vive,* pensou Bill, gelado em suas roupas. *Olho do tritão, cauda do dragão, Mão da Glória... o que quer que seja a Coisa, está aqui novamente, em Derry. A Coisa.*

Subitamente, ele sentiu que a Coisa era o sétimo; que a Coisa e o tempo eram, de certo modo, intercambiáveis, que a Coisa usava todos os rostos deles, assim como os milhares de outros com que havia aterrorizado e matado... e a idéia de que a *Coisa* pudesse ser *eles,* de alguma forma era a mais aterradora de todas. *Quanto de nós ficou para trás, aqui?* pensou ele, com súbito e crescente terror. *Quanto de nós nunca abandonou os canos e esgotos onde a Coisa viveu... e se alimentou? Será por isso que esquecemos? Porque parte de cada um de nós jamais teve qualquer futuro, jamais cresceu, jamais deixou Derry? Será este o motivo?*

Não viu respostas no rosto dos outros... apenas suas perguntas, ricocheteando e voltando para ele.

Pensamentos ganham forma e desfilam em questão de segundos ou milionésimos de segundo, criando suas próprias estruturas-tempo. E tudo isto passou pela mente de Bill Denbrough no espaço de não mais do que cinco segundos.

Então, reclinando-se contra a parede, Richie Tozier tornou a sorrir e disse:

— Oh, mas vejam só isto... Bill Denbrough adotou o estilo abóbada cromada! Há quanto tempo vem polindo a cabeça com cera Tartaruga, Grande Bill?

E Bill, que não tinha idéia do que respondera, abriu a boca e se ouviu dizendo:

— Fodam-se, você e o cavalo que está montando, Boca de Lixo! Houve um momento de silêncio — e então o aposento explodiu em gargalhadas. Bill caminhou até eles e começou a apertar mãos. E, mesmo havendo algo horrível no que sentia agora, havia também algo confortador nisso: aquela sensação de ter voltado a casa para sempre.

3

Ben Hanscom fica magro

Mike Hanlon pediu bebidas e, como para compensarem o silêncio anterior, todos começaram a falar ao mesmo tempo. Em resultado, ficou-se sabendo que Beverly Marsh agora era Beverly Rogan. Ela disse que se casara com um homem maravilhoso em Chicago, o qual transformara sua vida inteira e que, como por algum espetacular passe de mágica, pudera tornar o simples talento da esposa para a costura em um vitorioso negócio de confecções. Eddie Kaspbrak era dono de uma companhia de limusines em Nova York.

— Pelo que sei, minha esposa poderia estar na cama com Al Pacino, neste exato momento — disse, sorrindo de leve, e as gargalhadas voltaram.

Todos ali sabiam o que fora feito de Bill e Ben. Entretanto, Bill tinha uma peculiar sensação de que não existia qualquer relacionamento pessoal de seus nomes — Ben como arquiteto, ele como escritor — com criaturas que haviam conhecido em crianças, até muito, muito recentemente. Beverly possuía cópias de capa mole de *Joanna* e *The Black Rapids* na bolsa, tendo pedido a ele para autografá-las. Bill acedeu, enquantofazia isso percebendo que os livros pareciam novos em folha — como se houvessem sido comprados no quiosque de jornais do aeroporto, quando ela desembarcara do avião.

No mesmo estilo, Richie disse a Ben o quanto havia admirado o centro de comunicações da BBC em Londres... mas em seus olhos havia um certo brilho de perplexidade, como se não conseguisse reconciliar inteiramente aquela construção com este homem... ou com o gordo e ansioso garoto que ensinara a eles a maneira de inundarem metade dos Barrens com tábuas afanadas e uma porta enferrujada de carro.

Richie era *discjockey* na Califórnia. Contou a eles que era conhecido como Homem das Mil Vozes, e Bill grunhiu:

— Meu Deus, Richie, suas Vozes eram sempre tão *incríveis!*...

— A lisonja não o levará a lugar algum, chefe — replicou Richie, arrogantemente.

Quando Beverly perguntou se ele agora usava lentes de contato, Richie disse, em voz baixa:

— Chegue um pouco mais perto, meu bem. Veja em meus olhos.

Ela assim fez, soltando uma exclamação deliciada quando Richie deitou ligeiramente a cabeça de lado, permitindo-lhe ver as bordas inferiores das lentes macias Hydromist que usava.

— A biblioteca ainda é a mesma coisa? — perguntou Ben a Mike.

Mike tirou a carteira e dela retirou um instantâneo da biblioteca, batido do alto. Exibiu-o com o ar orgulhoso do homem mostrando instantâneos dos filhos, quando interrogado sobre sua família.

— Um cara bateu a foto de avião — disse, enquanto o instantâneo passava de mão em mão. — Estive tentando conseguir do Conselho da Cidade ou de algum particular endinheirado a soma suficiente para ampliá-la em tamanho de mural, que ficaria na Biblioteca Infantil. Até agora, nem promessa... Enfim, é uma boa foto, não?

Todos concordaram. Ben examinou-a por mais tempo, olhando fixamente para ela. Por fim, bateu com o dedo no corredor envidraçado que ligava os dois prédios.

— Já viu isto em mais algum lugar, Mike? — perguntou. Mike sorriu.

— Claro. No seu centro de comunicações — respondeu Mike, e todos eles riram com vontade.

As bebidas chegaram. Sentaram-se à mesa. Aquele silêncio, súbito,constrangedor e intrigante, tomou conta novamente. Os seis entreolharam-se.

— E então? — perguntou Beverly, em sua voz doce, ligeiramente rouca. — A que brindamos?

— A nós — disse Richie subitamente.

Ele agora não sorria. Seus olhos encontraram os de Bill e, com uma força tão grande que mal conseguia manejá-la, Bill recordou o momento em que ele e Richie, no meio da Rua Neibolt, após a coisa que poderia ter sido um palhaço ou um lobisomem haver desaparecido, abraçavam-se e choravam. Quando ergueu o copo, sua mão tremia e salpicou um pouco de bebida na toalha da mesa.

Richie ficou lentamente em pé e, um por um, os outros o imitaram: Bill primeiro, depois Ben e Eddie, Beverly, e finalmente Mike Hanlon.

— A nós — disse Richie e, como a mão de Bill, sua voz tremia um pouco. — Ao Clube dos Perdedores de 1958.

— Aos Perdedores — disse Beverly, um tanto divertida.

— Aos Perdedores — disse Eddie, mostrando um rosto pálido e envelhecido atrás dos óculos sem aros.

— Aos Perdedores — acrescentou Ben, com um leve e dolorido sorriso bailando nos cantos de sua boca.

— Aos Perdedores — disse Mike Hanlon suavemente.

— Aos Perdedores — encerrou Bill. Os copos se tocaram. Eles beberam.

O silêncio voltou a imperar e, desta vez, Richie não o quebrou. Agora, aquele silêncio parecia necessário. Sentaram-se novamente, e então Bill falou:

— Vamos, Mike, desembuche! Diga-nos o que vem acontecendo aqui e o que podemos fazer.

— Almocemos primeiro — sugeriu Mike. — Depois conversaremos.

Assim, eles almoçaram... lauta e demoradamente. Como aquela antiga piada sobre o homem condenado, refletiu Bill, mas notava que seu próprio apetite estava melhor do que em anos e anos... desde que era criança, foi tentado a pensar. A comida não era inexcedível, porém estava longe de ser ruim, tendo sido servida em quantidade. Os seis começaram a trocar petiscos de cá para lá — costeletas de porco, *moo goo gai pan,* asas de galinha enroladas em bacon, tirinhas de carne enfiadas em espetos de madeira.

Começaram com travessas *de pu-pu,* mas Richie teimou, pueril e alegremente, em tostar tudo um pouco mais nas chamas do recipiente colocado no centro da travessa que partilhava com Beverly — incluindo metade de um rocambole de ovo e alguns feijões roxos.

— *Flambé* em minha mesa... eu adoro isso — comentou para Ben. — Seria capaz de comer merda no espeto, se houvesse *flambé* em minha mesa.

— E provavelmente já comeu — disse Bill.

Beverly riu tanto, que precisou cuspir no guardanapo tudo o que estava mastigando.

— Oh, Deus, acho que vou pôr as tripas para fora! — exclamou Richie, em uma fantástica e exata imitação de Don Pardo.

O riso de Beverly aumentou e uma viva vermelhidão surgiu em suas faces.

— Pare com isso, Richie! — disse ela. — Estou avisando!

— O aviso foi aceito — respondeu Richie. — Coma bem, querida.

A própria Rose lhes trouxe a sobremesa — um grande Alaska assado, em forma de colina, que ela flambou à cabeceira da mesa, onde Mike se sentava.

— Mais *flambé* em minha mesa — disse Richie, com a voz do homem que morreu e foi para o céu. — Esta deve ser a melhor refeição que já provei na vida.

— Naturalmente — disse Rose, com modéstia.

— Se eu soprar isso, meu desejo será satisfeito? — perguntou ele.

— No Jade do Oriente, todos os desejos são satisfeitos, senhor — respondeu Rose.

O sorriso de Richie vacilou subitamente.

— Aplaudo a intenção — disse, — mas, compreenda, duvido da veracidade.

Eles quase demoliram o Alaska assado. Quando Bill recostou-se na cadeira, com o estômago comprimindo-se na cintura da calça, reparou nos copos em cima da mesa. Parecia haver centenas deles. Sorriu de leve, percebendo que ele próprio esvaziara dois martinis antes do almoço e Deus sabia quantas mais garrafas de cerveja Kirin com eles. Os outros tinham feito o mesmo. No estado em que se encontravam, pedaços fritos de pinos de boliche certamente teriam um sabor divino. Contudo, ele não se sentia embriagado.— Não como assim desde criança — disse Ben. Os outros olharam para ele e

um leve rubor coloriu-lhe as faces. — Falo literalmente. Esta deve ser a maior refeição que já comi, desde meu segundo ano de universidade.

— Você fez dieta? — perguntou Eddie.

— Claro — disse Ben. — Fiz. A Dieta Libertadora Ben Hanscom.

— Como conseguiu? — perguntou Richie.

— Oh, vocês não vão querer ouvir essa velha história... — replicou Ben, remexando-se desconfortavelmente em sua cadeira.

— Não respondo pelos outros — disse Bill, — mas eu gostaria de ouvir. Vamos, Ben. Conte. O que transformou Calhoun Monte de Feno no modelo esguio que hoje temos à nossa frente?

Richie emitiu um grunhido.

— Monte de Feno... É verdade. Eu tinha esquecido isso.

— Não chega a ser uma história — disse Ben. — Aliás, não é uma história. Depois daquele verão — depois de 1958 — ficamos mais dois anos em Derry. Então, minha mãe perdeu o emprego e acabamos nos mudando para Nebraska. Uma irmã dela morava lá e ofereceu-se para ficar conosco, até que minha mãe ajeitasse a vida novamente. Afinal, não foi tão bom assim. A irmã dela, minha tia Jean, era uma cadela mesquinha, sempre repetindo qual era o lugar de cada um no grande esquema das coisas, como éramos felizes por minha mãe ter uma irmã que a acolhia por caridade, como éramos felizes por não estarmos vivendo da beneficência pública, esse tipo de coisas. Eu estava tão gordo, que a deixava irritada. Ela não me dava sossego. "Ben, você devia fazer mais exercício. Ben, você vai ter um ataque do coração antes dos quarenta, se não perder peso. Ben, com tantas criancinhas passando fome no mundo, devia envergonhar-se de si mesmo."

Ben fez uma ligeira pausa e bebeu um pouco d'água.

— A questão é que ela *também* mencionava as criancinhas famintas se eu não limpasse meu prato.

Richie riu e assentiu.

— De qualquer modo, o país estava saindo de uma recessão e minha mãe levou quase um ano para encontrar um emprego fixo. Quando nos mudamos da casa de minha tia Jean, em La Vista, e fomos para a nossa, em Omaha, eu tinha mais quarenta e cinco quilos do que quando vocês me conheceram. Acho que engordei todos eles só para irritar minha tia Jean.Eddie assobiou.

— Isso quer dizer que você ficou com uns...

— Uns cento e cinco quilos — disse Ben gravemente. — Enfim, eu estava freqüentando o Ginásio East Side, em Omaha, e as aulas de educação eram... bem, nada agradáveis. Os outros garotos me chamavam de Barrica. Isso pode dar-lhes uma idéia.

"A coisa prosseguiu por uns sete meses. Então, certo dia, quando trocávamos de roupa no vestiário, após a ginástica, dois ou três daqueles caras começaram a... como direi? A dar tapas em meu estômago. Diziam que era 'malhação da banha'. Logo, mais dois ou três se juntaram a eles. Depois, quatro ou cinco mais. Em pouco, todos estavam me perseguindo pelo vestiário e então no corredor, batendo em minha barriga, meu traseiro, minhas costas, minhas pernas... Fiquei com medo e comecei a gritar. Isto os deixou rindo feito loucos.

"Se querem saber — disse ele, olhando para baixo e arrumando cuidadosamente os seus talheres, — foi a última vez que me lembro de ter pensado em Henry Bowers, até receber o telefonema de Mike, dois dias atrás. O garoto que começou aquilo era um filho de fazendeiro, com aquelas familiares mãos enormes. Enquanto me perseguiam, recordo

ter pensado que Henry havia voltado. Acho — não, *sei*— que foi quando entrei em pânico.

"Eles me caçaram corredor acima, passando pelo vestiário onde os que praticam esportes guardavam seu material. Eu estava nu e vermelho como uma lagosta. Havia perdido qualquer senso de dignidade ou... ou de mim mesmo, acho que posso dizer assim. De onde me encontrava. Eu gritava por socorro. E lá vinham eles atrás de mim, gritando *'Malhação da banha! Malhação da banha! Malhação da banha!'* Havia um banco..."

— Ben, você não precisa estar recordando toda essa provação — falou Beverly de repente.

Ela estava muito páüda e brincava com seu copo d'água, quase o entornando.

— Deixe-o terminar — disse Bill.

Ben o fitou por um instante e assentiu.

— Havia um banco no fim do corredor. Caí em cima dele e bati com a cabeça. Em mais um ou dois minutos, todos eles estariam à minha volta, mas então ouvi uma voz: 'Muito bem, já chega. Vocês aí, vão trocar de roupa.'"Era o treinador, parado à porta, usando suas calças azuis de ginástica, com tiras brancas nos lados, e sua camiseta branca. Eu não saberia dizer há quanto tempo ele estava ali. Olharam todos para o treinador, alguns rindo, outros com ar culpado, alguns apenas apáticos. Foram embora. Eu prorrompi em choro.

"O treinador continuou parado na porta que dava para o ginásio, olhando para mim, observando aquele garoto gordo e pelado, com a pele toda vermelha pelos tapas recebidos. Espiava para o garoto gordo que chorava, encolhido no chão.

"Por fim, ele disse: 'Benny, quer fechar essa fodida torneira?'

"Fiquei tão chocado por ouvir um professor usar aquela palavra, que parei de chorar. Ergui os olhos para ele, que então se aproximou e sentou-se no banco que me derrubara. Inclinou-se para mim, e o apito pendurado em seu pescoço balançou, batendo-me na testa. Por um segundo, pensei que ele ia me beijar ou coisa assim, de maneira que me encolhi ainda mais. No entanto, ele apenas agarrou minhas maminhas, uma em cada mão, e apertou. Depois, afastando as mãos, esfregou-as nas calças, como se houvesse tocado algo sujo.

"Está pensando que vou consolá-lo?' perguntou. 'Pois não vou. Você os enoja e enojou a mim também. Por motivos diferentes, já que eles são garotos, e eu não. Eles não sabem por que você os enoja. Eu sei. É porque o vejo sepultando o bom corpo que Deus lhe deu debaixo de uma gigantesca porção de banha. É muita auto-indulgência idiota, faz com que eu sinta vontade de vomitar. E agora, ouça uma coisa, Benny, porque será a única vez que a direi a você. Sou treinador de um time de futebol, de basquete e de corrida, além de natação. Portanto, direi apenas uma vez. Você é gordo aqui.' Ele bateu de leve em minha testa, justamente onde o apito havia batido. 'É onde fica a gordura de todo mundo. Se enfiar nos ouvidos que precisa fazer uma dieta,' perderá peso. Entretanto, caras como você nunca fazem isso.' "

— Que *filho da mãe!* — exclamou Beverly, indignada.

— Sem dúvida — disse Ben, sorrindo, — mas sendo tão pateta, *ignorava* que fosse um filho da mãe. Provavelmente, tinha visto Jack Webb umas sessenta vezes naquele filme *O promotor* e, de fato, achava que estava me prestando um favor. Afinal de contas, estava mesmo. Porque pensei em algo, ali mesmo. Pensei...Ele desviou os olhos, de cenho franzido — e Bill teve a curiosa sensação de saber o que Ben ia dizer em seguida.

— Como disse, a última vez que recordo ter pensado em Henry Bowers foi quando os outros garotos me perseguiam e batiam. Bem, quando o treinador começava a

levantar-se, creio ter sido então a última vez que, de fato, pensei no que havíamos feito, naquele verão de 58. Pensei...

Ele tornou a vacilar, pousando os olhos em cada um dos outros, como se perscrutasse seus rostos. Prosseguiu então, cuidadosamente.

— Pensei em como era *bom* estarmos juntos. Pensei no que tínhamos feito e em como o fizemos. De repente, acudiu-me a idéia de que o treinador jamais enfrentara algo semelhante e que, se tivesse de enfrentar, seus cabelos embranqueceriam na hora, seu coração pararia de estalo no peito, como um relógio velho. Não era justo, claro, mas ele tampouco fora justo comigo. O que aconteceu, não podia ser mais simples...

— Você perdeu a cabeça — disse Bill. Ben sorriu.

— Sim, foi isso mesmo. Eu o chamei: "Treinador!"

"Ele se virou e olhou para mim. 'Você disse que treina uma equipe de corrida, não?' perguntei a ele.

"Isso mesmo', respondeu o treinador, 'mas não que signifique algo para você.'

"Pois então, ouça uma coisa, seu cabeça de bagre idiota, seu filho da puta', falei, e ele de queixo caído, de olhos esbugalhados. 'Em março, estarei fazendo parte da equipe de corrida. O que acha disso?-'

"Acho melhor calar sua boca, antes que ela o deixe em grandes apuros,' replicou ele.

"Vou derrotar todos os seus pupilos', falei. 'Vou derrotar o melhor deles. E então, quero ouvir seu fodido pedido de desculpas!'

"Ele fechou os punhos e, por um minuto, pensei que ia chegar perto de mim e esmurrar-me. Então, tornou a abrir as mãos. 'Você só sabe falar, gorducho', disse maciamente. 'Tem a língua comprida. Pois escute: no dia em que derrotar meu melhor corredor, peço demissão deste lugar e vou ser colhedor de milho!' Dito isto, ele se foi."

— E você perdeu peso? — perguntou Richie.

— Bem, perdi — respondeu Ben. — Só que o treinador estava enganado. A coisa toda não começava em minha cabeça. Tinha começado comminha mãe. Fui para casa essa noite e disse a ela que queria perder um pouco de peso. Terminamos tendo um diabo de discussão, com ambos chorando. Ela me veio com a mesma velha história: Eu não era realmente *gordo,* apenas tinha *ossatura grande,* e um garoto grande que ia ser um homem grande precisava comer muito, para ficar alimentado. Isso era... bem, creio que algo capaz de dar-lhe segurança. Para minha mãe, era assustador criar um filho sozinha. Não tinha instrução e nenhuma especialidade, apenas uma tendência para trabalhar duro. E quando podia me servir um segundo prato... ou quando me olhava no outro lado da mesa e via que eu estava parecendo sólido...

— Ela sentia que estava ganhando a batalha — disse Mike.

— Hã-hã. — Ben sorveu seu último gole de cerveja e limpou um pequeno bigode de espuma em seu lábio superior, usando o dorso da mão. — Assim, a luta maior não foi com minha cabeça; foi com minha mãe. Ela não aceitou a idéia, não, durante meses. Não apertava minhas roupas e não me comprava outras. Então, eu estava correndo, corria por toda parte, e às vezes meu coração batia tão forte, que me julgava a ponto de desmaiar. Quando corri meu primeiro quilômetro e meio, acabei vomitando e depois perdendo os sentidos. Então, por algum tempo, passei apenas a vomitar. Decorrido um certo período, precisava segurar as calças enquanto corria.

"Consegui ser entregador de jornais e corria com a sacola pendurada ao pescoço, batendo contra meu peito, enquanto eu segurava as calças. Minhas camisas começaram a parecer velas de barco. De noite, quando chegava em casa e comia apenas metade do que ela punha em meu prato... Bem, minha mãe debulhava-se em lágrimas, dizia que eu me

matava de fome, acabaria morrendo, não gostava mais dela, não ligava por trabalhar tanto por mim."

— Céus! — murmurou Richie, acendendo um cigarro. — Não sei como pôde agüentar, Ben.

— Eu apenas mantinha a cara do treinador à minha frente — disse Ben. — Bastava lembrar a maneira como me olhara, depois de agarrar-me as maminhas, aquela vez, no corredor para o vestiário da turma. Foi como agüentei. Com o dinheiro ganho pela entrega dos jornais, comprei um jeans novo para mim e outras roupas. O velho que morava no apartamento do primeiro andar costumava usar seu furador para fazer novos buracos em meu cinto — cerca de cinco, se me lembro bem. Creio quedevo ter recordado a outra vez em que precisei comprar jeans novos — foi quando Henry empurrou-me para os Barrens aquele dia. Minhas calças ficaram praticamente em tiras.

— Isso mesmo — disse Eddie, sorrindo. — E você me falou sobre o leite chocolatado. Lembra-se?

Ben assentiu.

— Contudo, se recordei — prosseguiu ele, — foi apenas por um segundo, logo esquecendo. Mais ou menos nessa época, comecei a ter aulas de Saúde e Nutrição na escola. Descobri que a gente podia comer toda a verdura que quisesse e não ganhar peso. Assim, uma noite minha mãe preparou uma salada de alface com espinafre cru, pedaços de maçã e talvez umas poucas sobras de presunto. Bem, eu nunca fui muito apreciador desse tipo de comida para coelho, mas devorei três pratos e fiquei insistindo com minha mãe, sobre o quanto aquilo era gostoso.

"Isso ajudou muito na solução do problema. Ela não se preocupava tanto com *o que* eu comia, desde que fosse *bastante.* Enterrou-me em saladas. Eu as comi durante os três anos seguintes. Houve vezes em que precisei olhar-me ao espelho, para ter certeza de que meu nariz não estava encolhendo.

— E o que aconteceu com o treinador? — perguntou Eddie. — Você chegou a correr na equipe?

Ao falar, Eddie tocou seu aspirador, como se a idéia de correr o fizesse recordá-lo.

— Oh, claro que corri! — disse Ben. — Disputei os duzentos e os quatrocentos metros. A essa altura, já tinha perdido trinta e cinco quilos e crescera cinco centímetros, de maneira que os restantes ficaram melhor distribuídos. No primeiro dia de provas, venci a corrida dos duzentos por seis corpos e a de quatrocentos por oito. Então, fui ao treinador, que parecia furioso o suficiente para mastigar pregos e cuspir tachinhas. Disse para ele: "Parece que chegou a hora de ir fazendo sua trouxa e começar a colher milho. Quando se porá a caminho do Kansas?"

"A princípio, ele não disse nada — apenas girou o braço e me derrubou ao comprido. Depois me mandou sair de campo. Disse que não queria um filho da mãe de língua comprida como eu em sua equipe de corredores.

"Eu não faria parte dela, nem por indicação do Presidente Ken-nedy', respondi, enxugando o sangue do canto da boca. 'E como foi vocêquem me estimulou ao movimento, não vou acusá-lo por isto... mas da próxima vez em que estiver sentado diante de um bom prato de espigas de milho, pense um pouquinho em mim.'

"Ele respondeu que se eu não saísse imediatamente, acabaria com a minha raça." Ben sorria de leve... mas seu sorriso nada tinha de agradável e, sem a menor dúvida, nada de nostálgico. "Foram as suas exatas palavras. Todos olhavam para nós, inclusive os garotos a quem eu vencera. Pareciam bastante constrangidos. Então, falei apenas: 'Quero lhe dizer uma coisa, treinador. Não vou revidar, porque você é um perdedor despeitado, e já velho demais para aprender melhor. No entanto, encoste um dedo em mim outra vez, e

farei o possível para que perca o emprego. Não sei se conseguirei, mas posso tentar. Perdi peso para poder ter um pouco de dignidade e um pouco de paz. São coisas pelas quais vale a pena lutar.' "

— Tudo isso soa formidável, Ben — disse Bill. — No entanto... o escritor em mim gostaria de saber se algum garoto diria tais palavras.

Ben inclinou a cabeça em assentimento, ainda exibindo aquele peculiar sorriso.

— E eu duvido que algum garoto as dissesse, sem haver enfrentado as coisas que nós enfrentamos — respondeu. — Pois eu as disse... e falava sério.

Bill refletiu nisso e assentiu.

— Tudo bem.

— O treinador recuou, com as mãos na cintura — prosseguiu Ben. — Abriu a boca e tornou a fechá-la. Ninguém disse nada. Fui embora dali e aquela foi a última vez que tive algo a ver com o treinador Woodleigh. Quando meu supervisor escolar entregou-me o histórico daquele período letivo, alguém datilografara a palavra *dispensado,* ao lado de ed. fís., e ele pusera sua rubrica.

— Você o venceu! — exclamou Richie, sacudindo as mãos entrelaçadas acima da cabeça. — Assim é que se faz, Ben!

Ben deu de ombros.

— Penso que o que fiz foi vencer uma parte de mim mesmo. O treinador espicaçou-me, imagino... mas eu pensava em vocês, os caras que me fizeram crer que realmente seria capaz. Fiz o que pude.

Ben deu de ombros sedutoramente, porém Bill julgou ver finas gotas de suor na raiz dos seus cabelos.— Fim das Confissões Verídicas. Acho que eu bem tomaria mais uma cerveja. Falar deixa a gente com a garganta seca.

Mike fez sinal para a garçonete.

Todos os seis terminaram pedindo outra rodada e ficaram conversando sobre trivialidades, até as bebidas chegarem. Bill contemplou sua cerveja, observando a maneira como as bolhas engatinhavam pelos lados do copo. Estava entretido e consternado ao mesmo tempo, por esperar que alguém mais iniciasse a história sobre os anos intermediários — que Beverly lhes falasse sobre o homem maravilhoso com quem se casara (mesmo que fosse um sujeito chato, como a maioria dos homens maravilhosos), que Richie Tozier começasse d narrar Incidentes Divertidos do Estúdio de Radiodifusão, que Eddie Kaspbrak contasse como era realmente Teddy Kennedy, quanto de gorjeta dava Robert Redford... ou talvez oferecesse alguns *insights* sobre como Ben conseguira livrar-se dos quilos a mais, enquanto ele continuava ligado a seu aspirador.

O fato é que Mike começará a falar a qualquer momento, pensou, *e não estou certo de querer ouvir o que ele tem a dizer. O fato é que meu coração está batendo com certa rapidez e tenho as mãos um pouco frias demais. O fato é que estou cerca de vinte e cinco anos mais velho, para ficar tão amedrontado. Todos nós estamos. Então, que alguém diga alguma coisa. Falemos de carreiras e esposos ou esposas, e do que significa olharmos para nossos velhos companheiros de infância e perceber que o tempo, em si, teve algumas boas coisas a oferecer-nos. Falemos sobre sexo, beisebol, o preço da gasolina, o futuro das nações do Pacto de Varsóvia. Qualquer coisa, exceto aquilo que viemos discutir aqui. Portanto, que alguém diga alguma coisa!*

Alguém disse. Foi Eddie Kaspbrak. Contudo, não falou para contar como era Teddy Kennedy realmente ou quanto Robert Redford dava de gorjeta, muito menos por que achara necessário conservar o que Richie às vezes chamava de "pulmão-otário de Eddie", nos velhos tempos. Ele perguntou a Mike quando Stan Uris havia morrido.

— Anteontem à noite. Quando dei os telefonemas.

— E sua morte teve algo a ver com... com o motivo de estarmos todos aqui?

— Eu poderia fugir à pergunta e dizer que, como ele não deixou qualquer nota explicativa, ninguém pode ter certeza — respondeu Mike. —No entanto, como isso aconteceu quase imediatamente após meu telefonema, penso que a suposição é correta.

— Ele se matou, não foi? — perguntou Beverly, em tom fosco. — Oh, céus... pobre Stan!

Os outros olhavam para Mike. Ele terminou seu drinque e só então respondeu.

— Sim, foi suicídio. Aparentemente, ele foi para o banheiro logo depois que telefonei, encheu a banheira, entrou nela e cortou os pulsos.

Bill baixou os olhos para a mesa, que repentinamente parecia contornada por rostos pálidos e chocados — não corpos, apenas aqueles rostos, como círculos brancos. Como pequenos balões, balões redondos, presos ali por uma antiga promessa, que há muito devia ter caducado.

— Como foi que ficou sabendo? — perguntou Richie. — A notícia apareceu nos jornais daqui?

— Não. Já faz algum tempo, mantenho assinaturas dos jornais daquelas cidades mais próximas a todos vocês. Tenho feito anotações, no correr dos anos.

— Eu, Espião. — O rosto de Richie ficara rabugento. — Obrigado, Mike.

— Era o meu trabalho — declarou Mike com simplicidade.

— Pobre Stan — repetiu Beverly. Parecia aturdida, incapaz de digerir a notícia. — Naqueles tempos, era tão corajoso! Tão... decidido!

— As pessoas mudam — disse Eddie.

— Será? — exclamou Bill. — Stan era... — Ele moveu as mãos sobre a toalha da mesa, procurando encontrar as palavras certas. — Era uma pessoa meticulosa. O tipo de pessoa que precisa ter seus livros separados em ficção e não-ficção nas estantes... e depois quer cada seção em ordem alfabética. Posso recordar uma coisa que ele disse certa vez — não sei onde estávamos e nem o que fazíamos, pelo menos por enquanto, mas creio que foi já no final das coisas. Ele disse que podia suportar ter medo, mas que odiava ficar sujo. Para mim, era a essência de Stan. Talvez a perspectiva fosse demasiada para ele, quando Mike telefonou. Ele encarava suas coisas como sendo apenas duas: permaneça vivo e fique sujo ou morra limpo. É possível que as pessoas não mudem tanto quanto pensamos. Talvez elas apenas... talvez apenas enrijeçam.

Houve um momento de silêncio. Então, Richie disse:

— Muito bem, Mike. O que está acontecendo em Derry? Conte-nos.— Poderei contar-lhes alguma coisa — respondeu Mike. — Por exemplo, o que está acontecendo agora — e também algo sobre vocês mesmos. Contudo, não poderia contar a totalidade do que aconteceu naquele verão de 1985. Aliás, penso que jamais conseguirei. Eventualmente, vocês acabarão recordando sozinhos. Acredito que, se lhes contar demais, antes que suas mentes estejam prontas para recordar, o que aconteceu a Stan...

— Poderia acontecer conosco? — perguntou Ben quietamente. Mike assentiu.

— Sim. É isso justamente o que receio.

— Então, conte-nos o que puder, Mike — pediu Bill.

— Está bem — disse Mike. — Eu contarei.

4

Os Perdedores a par das novidades

— Os assassinatos recomeçaram — declarou Mike, de chofre. Seus olhos percorreram a mesa, acima e abaixo, para depois se fixarem nos de Bill.

— O primeiro dos "novos assassinatos" — se me permitem este conceito tão horrendo — começou na ponte da Rua Main e terminou debaixo dela. A vítima foi um sujeito gay e algo infantilizado, de nome Adrian Mellon. Ele sofria de um caso sério de asma.

A mão de Eddie se moveu e tocou o lado de seu aspirador.

— Aconteceu a 21 de julho do verão passado, na última noite dos Dias de Festival do Canal, que foi uma espécie de comemoração, um... um...

— Um ritual de Derry — completou Bill, em voz baixa.

Seus dedos compridos massageavam as têmporas lentamente e qualquer um podia adivinhar que ele pensava no irmão George... George que, quase com certeza, iniciara o ciclo da última vez que isso acontecera.

— Um ritual — repetiu Mike, em voz baixa. — Isso mesmo.

A seguir, contou para eles a história do que acontecera a Adrian Mellon, rapidamente, vendo sem nenhum-prazer, como os olhos dos outros cada vez ficavam mais arregalados. Contou o que fora e o que não fora publicado pelo *News*... nesta última parte incluindo o testemunho de DonHagarty e Christopher Unwin sobre um certo palhaço que estivera debaixo da ponte, como o gigante na história-fábula de antanho, um palhaço que parecia um cruzamento entre Ronald McDonald e Bozo, nas palavras de Hagarty.

— Era ele! — disse Ben, em voz rouca e enojada. — Aquele fodido Parcimonioso!

— Há mais uma coisa — disse Mike, olhando para Bill. — Um dos agentes investigadores — o que realmente tirou Adrian Mellon do Canal — era um tira da cidade, chamado Harold Gardener.

— Meu Deus! — suspirou Bill, em voz fraca e lacrimosa.

— Bill? — Beverly olhou para ele, depois pousou a mão em seu braço. Perguntou, preocupada: — Bill, o que há de errado?

— Naquele tempo, Harold teria uns cinco anos — disse Bill, seus olhos aturdidos procurando confirmação no rosto de Mike.

— Exatamente.

— O que foi, Bill? — perguntou Richie.

— H-H-Harold Gardener era o f-filho de Dave Gardener — disse Bill. — Dave morava mais abaixo, na mesma rua que nós, naquela época, quando George foi m-morto. Ele é que encontrou Ge-Ge-... meu irmão e o trouxe para nossa casa, enrolado em uma c-coberta.

Os outros ficaram quietos e silenciosos. Beverly pousou brevemente uma das mãos sobre os olhos.

— Tudo se encaixa muito bem, não? — disse Mike finalmente.

— Conforme falei, permaneci atento a vocês no correr dos anos — prosseguiu Mike, — mas só então comecei a entender por que estivera fazendo isso e que tudo tinha um propósito, real e concreto. Ainda assim, continuei quieto, esperando para ver como se desenvolveria a situação. Compreendam, eu achava que precisava ter absoluta certeza,

antes de... perturbar suas vidas. Não noventa por cento, nem noventa e cinco por cento. Tinha que ser cem por cento de certeza.

"Em dezembro do ano passado, um menino de oito anos, chamado Steven Johnson, foi encontrado morto no Memorial Park. Como Adrian Mellon, havia sido brutalmente mutilado, pouco antes ou após sua morte. No entanto, dava a impressão de que morrera apenas de puro e simples medo.

— Foi violentado sexualmente? — perguntou Eddie.

— Não. Simplesmente mutilado.

— Quantos foram ao todo? — perguntou Eddie, dando a impressão de que não queria realmente saber a resposta.

— Uma triste situação — disse Mike.

— Quantos? — repetiu Bill.

— Nove. Por enquanto.

— Não pode ser! — exclamou Beverly. — Eu teria lido no jornal... veria nos noticiários! Quando aquele tira louco matou essas mulheres em Castle Rock, no Maine... e aquelas crianças que foram assassinadas em Atlanta, eu...

— Oh, isso... — falou Mike. — Pensei muito a respeito. De fato, é o correlativo mais aproximado do que está acontecendo aqui, porém Bev está certa: realmente, era uma notícia para ser divulgada de costa a costa. Em alguns sentidos, a comparação com Atlanta é o que mais me assusta. O assassinato de nove crianças... teríamos correspondentes dos noticiários televisados por aqui, psíquicos de fancaria, repórteres de *The Atlantic Monthly* e *Rolling Stone*... em resumo, todo o circo da mídia.

— Só que nada disso aconteceu — falou Bill.

— Exato — replicou Mike. — Nada disso aconteceu. Oh, houve uma nota a respeito em um suplemento dominical no *Telegram* do domingo, em Portland e outra no *Globe* de Boston, após as últimas duas mortes. Um programa de televisão baseado em Boston, chamado *Bom Dia!,* neste fevereiro incluiu um segmento sobre assassinatos insolvidos e um dos expertos mencionou as mortes em Derry, mas apenas de passagem... e certamente não deu a menor indicação de saber que houve um monte de assassinatos similares em 1957-58 e outro em 1929-30.

"Existem algumas razões ostensivas, claro. Atlanta, Nova York, Chicago, Detroit... bem, constituem cidades de grande mídia e, em cidades deste quilate, quando acontece alguma coisa, o choque é enorme. Não existe uma só estação de rádio ou televisão em Derry, a menos que contemos a pequena FM, dirigida pelo Departamento de Inglês e Expressão no ginásio. Bangor é que abocanha uma pequena fatia do mercado, em se tratando da mídia.

— Exceto pelo *News* de Derry — disse Eddie, e todos eles riram.

— Contudo, todos sabemos que isso não combina com a forma pela qual o mundo é hoje. A rede de comunicação está aí e, em algum ponto, a história se teria alastrado em níveis nacionais. E não foi assim. Pessoalmente, acredito que a razão seja apenas uma: A Coisa não quer que seja.

— A Coisa — murmurou Bill, quase para si mesmo.

— A Coisa — concordou Mike. — Se tivermos que dar-lhe um nome, seria bom acostumar-nos a este. A Coisa. Compreendam, comecei a pensar que A Coisa já permanecera aqui tanto tempo... o que quer que seja essa Coisa... que se tornou uma parte de Derry, tão integrante da cidade, como o piezômetro, o Canal, o Parque Bassey ou a biblioteca. Apenas, A Coisa não é uma questão de geografia externa, espero que me entendam. Talvez o tivesse sido um dia, mas agora A Coisa está... interna. De alguma forma, ficou interiorizada. É a única forma que encontro para explicar todas as coisas

terríveis que têm acontecido aqui — o nominalmente explicável, assim como o totalmente inexplicável. Houve um incêndio em um clube noturno negro, chamado Ponto Negro, em 1930. Um ano antes, um bando de foras-da-lei mais ou menos espertos da Depressão foi baleado na Rua Canal, em pleno meio da tarde.

— A Quadrilha Bradley — disse Bill. — O FBI os pegou, certo?

— Isso é o que dizem as histórias, embora não seja precisamente verdadeiro. Até onde pude descobrir — e daria tudo para não acreditar nisso, porque amo esta cidade — todos os sete membros da Quadrilha Bradley foram realmente mortos a tiros pelos bons cidadãos de Derry. Em outro momento, falarei mais a respeito.

"Houve a explosão na Fundição Kitchener, durante uma caça aos ovos de Páscoa, em 1906. No mesmo ano, tivemos uma série terrível de mutilações de animais. As investigações acabaram conduzindo a Andrew Rhulin, o tio-avô do homem que hoje dirige as Fazendas Rhulin. Aparentemente, ele foi morto a cacetadas pelos três comissários de polícia que deveriam trazê-lo. E jamais algum desses comissários foi levado a julgamento.

Mike Hanlon tirou um pequeno bloco de notas de um bolso interno. Começou a folheá-lo, enquanto falava sem erguer os olhos.

— Em 1877, houve quatro linchamentos dentro dos limites incorporados à cidade. Um dos que ficaram pendurados a uma corda foi o pregador leigo da Igreja Metodista que, aparentemente, afogara todos os seus quatro filhos na banheira, como se fossem gatinhos, em seguida matando a esposa com um tiro na cabeça. Ele colocou a arma na mão dela, para dar a impressão de suicídio, mas não iludiu ninguém. Um ano antes, houve aqueles quatro madeireiros encontrados mortos em uma cabana, corrente abaixo no Kenduskeag, literalmente esquartejados. Desaparecimentos de crianças, de famílias inteiras, ficaram registrados em extratos de antigos diários... porém não em qualquer documento público. O negócio continua e continua, mas talvez vocês já tenham percebido qual a idéia.

— Sim, eu percebi — disse Ben. — Há algo acontecendo aqui, mas de forma privada.

Mike fechou o bloquinho, tornou a guardá-lo no mesmo bolso e encarou os companheiros sobriamente.

— Se eu fosse um vendedor de seguros, em vez de bibliotecário, poderia traçar um gráfico para vocês. Esse gráfico apontaria um percentual anormalmente alto de todos os crimes violentos que se possa imaginar, sem exclusão de estupro, incesto, invasão de domicílio, roubo de carros, abuso contra crianças, abuso contra esposas e assalto.

"Há no Texas uma cidade de tamanho médio, onde a taxa de crimes violentos fica muito abaixo do que se esperaria, em uma localidade de seu tamanho e com sua miscigenação racial. A extraordinária placidez dos que residem lá é atribuída a algo existente na água... um tranqüilizante natural de alguma espécie. O oposto exato pode ser verdadeiro, aqui em Derry. Esta é uma cidade violenta para morar-se, mesmo em anos comuns. No entanto, a cada vinte e sete anos — embora o ciclo nunca tenha sido absolutamente preciso — essa violência desenvolve uma escalada de fúria... e *jamais* apareceu no noticiário nacional.

— Você quer dizer que aqui há um câncer em andamento — disse Beverly.

— Não exatamente. Um câncer não tratado, mata invariavelmente. Derry não morreu, pelo contrário. Floresceu... sem aparatosidade, de maneira despercebida, claro está. Trata-se apenas de uma pequena cidade mais ou menos próspera, em um estado de relativamente baixo índice populacional, onde ocorrem coisas ruins com demasiada

freqüência... e onde coisas horrendas acontecem a cada quarto de século, aproximadamente.

— Isso é verdadeiro, em uma linha retrospectiva? — perguntou Ben. Mike assentiu.

— A questão corre linha abaixo. 1715-16, 1740, até mais ou menos 1743 — esse deve ter sido um ciclo dos piores — 1769-70, e por aí vai. Até os nossos dias. Tenho a impressão de que isso vem piorando fixamente, talvez porque ao final de cada ciclo houvesse mais moradores em Derry. Também pode haver outro motivo. E, em 1958, o ciclo parece ter chegado a um final prematuro. Pelo que fomos os responsáveis.

Bill Denbrough inclinou-se para a frente, com os olhos subitamente brilhantes:

— Você tem certeza disso? Tem *certeza?*

— Tenho — replicou Mike. — Todos os demais ciclos atingiram o auge por volta de setembro, encerrando-se então em grande estilo. Em geral, a vida recupera seu tom mais ou menos normal pelo Natal... ou até a Páscoa, no máximo. Em outras palavras, houve "anos" ruins de quatorze a vinte meses, a cada vinte e sete anos. Contudo, o ano ruim que começou quando seu irmão foi morto, em outubro de 1957, terminou abruptamente em agosto de 1958.

— Por quê? — perguntou Eddie, ansioso. Sua respiração rareava; Bill recordou aquele silvo agudo quando Eddie inspirava, e sabia que ele logo estaria apelando para o velho pulmão-otário. — O que foi que *fizemos?*

A pergunta pairou no ar. Mike pareceu considerá-la... e por fim abanou a cabeça.

— Você se lembrará — disse. — Com o tempo, acabará lembrando.

— E se não lembrarmos? perguntou Ben.

— Então, que Deus tenha piedade de todos nós.

— Nove crianças mortas este ano! — suspirou Rich. — Céus!

— Lisa Albrecht e Steven Johnson, em fins de 1984 — disse Mike. — Em fevereiro desapareceu um menino chamado Dennis Torrio. Aluno do ginásio. Seu corpo foi encontrado em meados de março, nos Barrens. Mutilado. Havia isto perto dele.

Mike tirou uma fotografia do mesmo bolso onde guardara o bloco de anotações. A foto percorreu a mesa. Beverly e Eddie olharam para ela intrigados, mas Richie Tozier reagiu violentamente. Deixou-a cair, como se lhe queimasse os dedos.

— Meu Deus! Meu Deus, Mike!

Ergueu os olhos, arregalados e chocados. Um momento depois, passou a foto para Bill. Ao olhar para ela, Bill teve a sensação de que o mundo adquiria tons acinzentados à sua volta. Por um instante, ficou certo de que desmaiaria. Largou a foto.

— O que foi? — ouviu Beverly perguntar. — O que essa foto significa, Bill?

— É a foto escolar de meu irmão — disse Bill finalmente. — É de Ge-Georgie. Uma foto de seu álbum. Aquela que se moveu. Aquela que piscou o olho.

Os outros tornaram a pegá-la, enquanto Bill permanecia à cabeceira da mesa, imóvel como uma estátua de pedra, os olhos fixos no espaço. Era a fotografia de uma foto. O retrato mostrava uma surrada foto escolar, batida contra um fundo branco — lábios sorridentes entreabertos, mostrando dois espaços vazios, onde novos dentes nunca tinham crescido *(a menos que cresçam em seu caixão,* pensou Bill, e estremeceu). Na margem, abaixo do retrato de George, estavam as palavras COLEGAS DA ESCOLA-1957-58.

— Esta foto foi encontrada *este ano?* — tornou a perguntar Beverly. Mike assentiu, e então ela se virou para Bill. — Quando foi que a viu pela última vez, Bill?

Ele passou a língua pelos lábios secos e tentou falar, mas não emitiu qualquer som. Tentou novamente, ouvindo as palavras ecoarem na sua cabeça, e cônscio da gagueira que retornava, lutou contra ela, lutou contra o terror.

— Não vejo essa foto desde 1958. Desde aquela primavera, um ano depois da morte de George. Quando tentei mostrá-la a Richie, tinha d-desaparecido.

Houve um explosivo som arquejante, que fez todos olharem em torno. Eddie tornava a colocar seu aspirador novamente em cima da mesa e parecia ligeiramente embaraçado.

— Eddie Kaspbrak em evidência! — exclamou Richie alegremente. Então, de maneira súbita e estranha, a Voz do Locutor Noticiarista MovieTone saiu da boca: — Hejerem Derry, toda uma cidade se volta para o Desfile dos Asmáticos, e o astro do espetáculo é o Grande Ed, o Encatarrado, conhecido em toda a Nova Inglaterra como...

Richie interrompeu-se subitamente e levou uma mão ao rosto, como se fosse cobrir os olhos. Bill pensou de súbito: *Não... não, não é bem isso. Ele não pretende cobrir os olhos, mas empurrar os óculos para o alto do nariz. Óculos que nem mesmo existem mais. Oh, meu Deus, o que está acontecendo aqui?*

— Eddie, sinto muito — disse Rich. — Isso foi cruel. Não sei que diabo eu estava pensando.Olhou para os outros à volta da mesa, com ar perplexo. Mike Hanlon rompeu o silêncio.

— Depois de encontrado o corpo de Steven Johnson, prometi a mim mesmo que, se acontecesse mais alguma coisa — se houvesse mais um caso evidente — daria os telefonemas, tendo esperado mais dois meses para dá-los. Era como se eu estivesse hipnotizado pelo que estava ocorrendo, pelo *conhecimento* disso — pela *intencionalidade* disso. A foto de George foi encontrada perto de um tronco caído, a menos de três metros do corpo do garoto Torrio. Não estava escondida, pelo contrário. Era como se o assassino quisesse que a encontrassem. E tenho certeza de que ele queria isso.

— Como obteve a foto da polícia, Mike? — perguntou Ben. — Porque foi batida pela polícia, não?

— Exatamente, foi. Há um sujeito no Departamento de Polícia que não é contrário a ganhar um dinheirinho extra. Pago-lhe vinte pratas mensais — tudo que minhas posses permitem. É um informante.

"O corpo de Dawn Roy foi encontrado quatro dias após o de Torrio. No Parque McCarron. Treze anos de idade. O corpo fora decapitado.

"23 de abril deste ano. Adam Terrault. Dezesseis anos. Desaparecimento comunicado, quando não voltou para casa após o ensaio com a banda de música. Encontrado no dia seguinte, nas imediações do caminho que passa através do cinturão verde, atrás da Broadway Oeste. Também decapitado.

"6 de maio. Frederick Cowan. Dois anos e meio. Encontrado em um banheiro do andar de cima, afogado no vaso sanitário.

— Oh, Mike! — exclamou Beverly.

— Sim, é horrível — disse ele, quase enfurecido. — Acha que não sei disso?

— A polícia ficou convencida de que isso não podia ter sido... bem, algum tipo de acidente? — perguntou Bev.

— A mãe dele pendurava roupas no varal do pátio dos fundos. Ouviu sons de luta — ouviu o filho gritar. Correu o mais depressa que pôde. Quando subia a escada, disse que ouviu o som repetido de descarga no vaso sanitário — isso, e alguém rindo. Segundo ela, não parecia humano.

— E não chegou a ver nada? — perguntou Eddie.

— Viu o filho — replicou Mike, com simplicidade. — Ele tinha as costas quebradas, o crânio fraturado. A porta de vidro do boxe do chuveiro estava quebrada. Havia sangue por toda parte. Atualmente, a mãe está internada no Instituto de Saúde

Mental de Bangor. Minha... minha fonte no Departamento de Polícia diz que está praticamente louca.

— Merda! Não é de admirar — disse Richie, em voz rouca. — Alguém tem um cigarro?

Beverly passou-lhe um. Richie o acendeu com mãos muito trêmulas.

— A opinião da polícia é que o assassino entrou pela porta da frente, enquanto a mãe do menino pendurava as roupas no pátio dos fundos. Então, quando ela subiu correndo pela escada traseira, ele supostamente pulou pela janela do banheiro para o pátio que a mulher acabara de deixar, e escapou. Entretanto, a janela é um daqueles tipos de meio tamanho; um garoto de sete anos precisaria estrebuchar para passar por ela. E a queda era de oito metros, até um pátio calçado de pedras. Radema-cher não gosta de comentar o assunto, e ninguém da imprensa — evidentemente, ninguém do *News* — o pressionou sobre isso.

Mike tomou um gole d'água e depois passou outra foto aos companheiros. Não era uma foto batida pela polícia, mas sim do tipo escolar. Mostrava um menino sorridente, com uns treze anos de idade. Vestira-se a capricho para tirar o retrato escolar, as mãos estavam limpas e entrelaçadas ordeiramente no colo... mas em seus olhos havia um pequeno brilho travesso. Era negro.

— Jeffrey Holly — disse Mike. — 13 de maio. Uma semana depois que o menino Cowan foi morto. Dilacerado. Foi encontrado no Parque Bassey, perto do Canal.

"Nove dias mais tarde, a 22 de maio, um aluno do quinto grau, de nome John Feury, foi encontrado morto na Rua Neibolt...

Eddie proferiu um grito agudo e trêmulo. Sua mão voou para o aspirador, derrubando-o da mesa. O aparelho rolou até Bill, que o recolheu. O rosto de Eddie assumira doentia coloração amarelada. Sua respiração sibilava friamente na garganta.

— Dêem-lhe alguma coisa para beber! — rugiu Ben. — Que alguém o leve..;

Eddie, no entanto, sacudia a cabeça. Acionou o aspirador, despejando um jato do medicamento na garganta. Seu peito inflou-se, quando ele respirou fundo. Tornou a usar o aspirador e então recostou-se na cadeira, ofegante, com os olhos semicerrados.

— Vou melhorar — arquejou. — Só mais um minuto, estarei bem.— Tem certeza, Eddie? — perguntou Beverly. — Talvez devesse deitar-se um pouco e...

— Logo estarei bem — insistiu ele, teimosamente. — Foi apenas... o choque. Entendam. Foi o choque. Eu tinha esquecido tudo sobre a Rua Neibolt.

Ninguém respondeu e nem era preciso. Bill pensou: *A gente acha que já atingiu o limite da capacidade, mas então Mike fornece outro nome, e depois mais outro, como um mago negro com uma batelada de truques perversos, e então somos novamente derrubados sobre o traseiro.*

Era demasiado para enfrentarem de uma só vez, um fluxo exagerado de inexplicável violência, de certa forma dirigido especialmente às seis pessoas ali reunidas — ou, pelo menos, era o que parecia sugerir a fotografia de George.

— As duas pernas de John Feury tinham desparecido — prosseguiu Mike suavemente, — porém, na opinião do legista, isso ocorreu após a morte do garoto. Seu coração não resistiu. Segundo parece, ele literalmente morreu de medo. Foi encontrado pelo carteiro, que viu uma das mãos apontando debaixo da varanda...

— Foi no número 29, não? — perguntou Rich, e Bill olhou para ele rapidamente. Rich devolveu-lhe o olhar, assentiu ligeiramente e então tornou a fitar Mike. — O número 29 da Rua Neibolt.

— Oh, sim — disse Mike, na mesma voz calma. — Era o número 29. — Ele bebeu mais água. — Você está mesmo melhor, Eddie?

Eddie assentiu. Sua respiração ficara normalizada.

— Rademacher efetuou uma prisão, no dia seguinte àquele em que o corpo de Feury foi descoberto — disse Mike. — Incidentalmente, nesse mesmo dia houve um editorial de primeira página no *News,* pedindo sua demissão.

— Após oito assassinatos? — exclamou Ben. — Não acha que foi muito radicalismo da parte deles?

Beverly quis saber quem tinha sido preso.

Um sujeito que mora em uma pequena cabana, nos arredores da Rota 7, mais ou menos nos limites da cidade e com Newport — disse Mike. — Uma espécie de ermitão. Queima gravetos em seu fogão, fez seu telhado de tabuinhas apanhadas aqui e ali, de mistura com calotas de carros. Chama-se Harold Earl. Provavelmente, não vê duzentos dólares em dinheiro no correr de todo um ano. Alguém que passou de carro o viu parado à porta, olhando para o céu, no dia em que o corpo de John Feury foi descoberto. Ele estava com as roupas cobertas de sangue.

— Então, talvez... — começou Rich, esperançoso.

— Ele tinha três alces esquartejados em seu galpão — disse Mike. — Estivera caçando pelos lados de Haven. O sangue em suas roupas era dos animais. Rademacher perguntou se ele matara John Feury, e supõe-se que Earl respondeu: "Oh, bem, eu matei um bocado de gente. Matei a maioria deles na guerra." Ele também disse que via coisas na floresta, à noite. Às vezes eram luzes azuis, flutuando a poucos centímetros do chão. Luzes de cadáveres, como as chamou. E também de Pé Grande.

"Eles o mandaram para o Saúde Mental de Bangor. Segundo o relatório médico, seu fígado praticamente desapareceu. Earl andava bebendo solvente de tintas...

— Oh, meu Deus! — exclamou Beverly.

— ... e é propenso a alucinações. Eles o seguraram por lá e, até três dias atrás, Rademacher insistia em sua idéia de que Earl era o suspeito número um. Mandou oito sujeitos para escavações em volta da cabana, em busca de cabeças desaparecidas, abajures feitos de pele humana e Deus sabe o que mais.

Mike fez uma pausa e baixou a cabeça, antes de prosseguir. Agora sua voz era ligeiramente rouca.

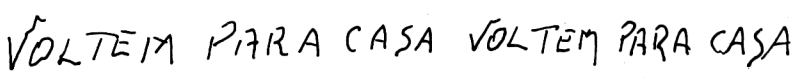
— Eu fui me contendo e contendo... No entanto, quando vi este último, achei que não podia adiar mais, e então dei os telefonemas. E, francamente, como desejaria ter feito as ligações mais cedo!

— Continue — pediu Ben abruptamente.

— A vítima foi outro aluno do quinto grau — disse Mike. — Colega do garoto Feury. Encontraram seu corpo junto à Rua Kansas, perto do lugar onde Bill costumava esconder sua bicicleta, quando estávamos nos Barrens. Chamava-se Jerry Bellwood. Foi inteiramente dilacerado. O que... o que sobrou dele foi encontrado ao pé de uma parede retentora de cimento, colocada há uns vinte anos ao longo da Rua Kansas, a fim de conter a erosão do solo. Esta foto policial, mostrando o setor daquela parede onde encontraram Bellwood, foi tirada menos de meia hora após a remoção do corpo. Vejam.

Mike passou a foto para Rich Tozier, que a examinou e entregou a Beverly. Ela a olhou de relance, pestanejou e a passou a Eddie. Este acontemplou longa e fascinadamente, antes de estendê-la a Ben. Ben a entregou a Bill, após dar-lhe uma rápida espiada.

Eram letras de imprensa, desenhadas irregularmente na parede retentora de concreto. Diziam:



Bill olhou taciturnamente para Mike. Estivera perplexo e amedrontado, mas agora sentia as primeiras pontadas de ódio. Isso o deixou contente. Não que ódio fosse um sentimento agradável, porém era bem melhor do que o choque, bem melhor do que o medo miserável.

— Isto foi escrito com o que estou pensando, não foi?

— Exatamente — respondeu Mike. — Com o sangue de Jerry Bellwood.

5

Bip-bip para Richie

Mike tinha recuperado suas fotografias. Pensara que Bill lhe pediria aquele último retrato escolar de George, mas tal não aconteceu. Tornou a guardar as fotos no bolso interno e, quando ficaram fora de vista, todos eles — inclusive Mike — experimentaram um senso de alívio.

— Nove crianças — murmurava Beverly. — Não consigo acreditar! Aliás... posso acreditar, mas também *não* posso. Nove crianças e nada? Absolutamente *nada?*

— Não é bem assim — replicou Mike. — As pessoas estão enraivecidas, estão amedrontadas... ou assim parece. De fato, é totalmente impossível saber quais as que de fato sentem ou estão apenas fingindo.

— *Fingindo?*

— Ora, Beverly, lembra-se do homem — quando éramos crianças — que apenas dobrou o jornal e entrou em casa, enquanto você gritava para ele, pedindo socorro? Por um instante, algo pareceu brotar nos olhos dela, deixando-a aterrorizada e cônscia do que havia ocorrido. Depois, pareceu apenas intrigada.

— Não, não me lembro... Quando foi isso, Mike?

— Não vem ao caso. Com o tempo, você recordará. Por ora, digo apenas que tudo, em Derry, está parecendo como deveria ser. Ao se defrontarem com essa terrível onda de assassinatos, as pessoas estão fazendo exatamente as mesmas coisas que se esperaria — em geral, idênticas às que foram postas em prática em 1958, por ocasião do desaparecimento e morte daquelas crianças. O Comitê para Salvar Nossas Crianças está tendo reuniões novamente, só que agora na Escola Elementar de Derry, em vez de no ginásio, como antes. Na cidade há dezesseis detetives do gabinete do Promotor Geral do Estado e também um contingente de agentes do FBI — não sei quantos e, embora Rademacher fale grosso, acho que ele também não sabe. O toque de recolher voltou...

— Oh, sim, o toque de recolher... — Ben friccionava o lado do pescoço, lenta e deliberadamente. — Isso fez maravilhas em 58. Lembro-me muito bem.

— ... e temos os Grupos de Mães Acompanhantes, os quais providenciam para que cada criança em idade escolar, do jardim de infância ao oitavo grau, seja acompanhada na volta para casa. O *News* recebeu mais de duas mil cartas exigindo uma solução, apenas nas três últimas semanas. E, naturalmente, recomeçaram as mudanças para fora. Às vezes, penso que seja esta a única maneira de *realmente* dizer quem é

sincero em seu desejo de que isto cesse, e quem não é. Os realmente sinceros ficam amedrontados e mudam-se de Derry.

— As pessoas estão mesmo indo embora? — perguntou Richie.

— É o que acontece sempre que começa um ciclo. Seria impossível dizer quanta gente se mudou, porque o ciclo não tem caído exatamente em um ano de recenseamento, desde 1850 mais ou menos. Contudo, é um número bastante razoável. As pessoas fogem como crianças, após descobrirem que a casa estava mesmo assombrada.

— Voltem para casa, voltem para casa, voltem para casa... — disse Beverly suavemente. Quando parou de observar as próprias mãos, foi para Bill qu olhou, não para Mike. — A Coisa *queria* que *voltássemos.* Por quê?

— *Talvez* ela nos quisesse de volta — replicou Mike, um tanto enigmaticamente. — Claro. *Talvez.* Pode querer vingar-se. Afinal de contas, já frustramos A Coisa uma vez.

— Por vingança... ou apenas para pormos as coisas em ordem — disse Bill.

Mike assentiu.

Conforme sabem, com vocês as coisas também estavam enguiçadas. Nenhum foi embora de Derry intocado... sem levar consigo a marca da Coisa. Todos esqueceram o que aconteceu aqui, e são somente fragmentárias as suas recordações do ocorrido naquele verão. De passagem, além disso há o curioso fato de que todos enriqueceram.

— Ora, vamos! — exclamou Richie. — Isso dificilmente...

— Calma, calma! — pediu Mike, erguendo as mãos e sorrindo debilmente. — Não os estou acusando de nada, apenas tento pôr os fatos na mesa. Vocês estão ricos, comparados aos padrões de um bibliotecário de cidade pequena, que faz pouco menos de onze mil anuais, deduzidos os impostos, certo?

Rich encolheu os ombros desconfortavelmente, por baixo do terno de alto preço. Ben pareceu profundamente absorvido em puxar fiapos da beira de seu guardanapo. Ninguém olhava de frente para Mike, exceto Bill.

— Nenhum de vocês alcançou a categoria de um H.L. Hunt, evidentemente — prosseguiu Mike, — mas então bem de vida, mesmo pelos padrões da classe média alta americana. Estamos entre amigos aqui, portanto sejamos francos: se algum de vocês declarou menos de noventa mil dólares em seu imposto de renda de 1984, que levante a mão.

Os outros entreolharam-se quase furtivamente, constrangidos, como sempre parecem ficar os americanos ante a crua realidade do próprio sucesso, como se dinheiro fosse ovos cozidos e a riqueza os arrotos que se se seguem inevitavelmente após uma ingestão demasiada desses ovos. Bill sentiu o sangue subir-lhe ao rosto e não conseguiu impedir a vermelhidão em suas faces. Recebera dez mil mais que a soma mencionada por Mike apenas para fazer o rascunho inicial de *Recinto do sótão.* Haviam-lhe prometido vinte mil dólares adicionais para cada dois novos rascunhos da peça, se necessário. Sem falar nos direitos autorais... e no gordo adiantamento por um contrato para dois livros, acabado de assinar... Quanto ele *declarara* em seu imposto de renda de 84? Cerca de oitocentos mil dólares, não? Afinal, o suficiente para parecer quase monstruoso, em comparação à declarada renda de Mike Hanlon — pouco menos de onze mil dólares ao ano.

Então, é tudo que lhe pagam para fazer o seu trabalho, Mike, meu velho, pensou Bill. *Oh, céus, em algum ponto, ao longo da caminhada, você devia ter exigido um aumento!*

Mike prosseguiu:

— Bill Denbrough, um escritor vitorioso em uma sociedade onde existem apenas uns poucos romancistas, e menos ainda com sorte bastante para viverem da profissão.

Beverly Rogan, no comércio das confecções, onde muitos são chamados e bem poucos os escolhidos. De fato, no momento ela é a desenhista de modas mais solicitada entre os três melhores do país.

— Oh, não sou *eu!* — exclamou Beverly. Deu uma risadinha nervosa e acendeu um novo cigarro na ponta do que acabara de fumar. — É Tom. Ele, sim. Sem ele, eu ainda estaria reformando saias e suspendendo bainhas. Afinal de contas, não tenho o menor senso comercial, o próprio Tom diz isso. Trata-se apenas... compreendam, de Tom. E de sorte também.

Ela tragou fundo o cigarro e depois soprou uma baforada.

— Eu achar que senhorra protestar demais — disse Richie timidamente.

Beverly se virou com rapidez na cadeira e dirigiu a ele um olhar duro, com o rosto ruborizado.

— Afinal, o que significa isso, Richie Tozier?

— Num me bata, senhorita Scaulett! — exclamou Richie, em uma voz aguda e trêmula de negrinho do Sul. Naquele momento, Bill viu com fantástica nitidez o garoto que conhecera; não era apenas uma presença rejeitada, jazendo sob o exterior adulto de Rich Tozier, mas uma criatura quase mais real do que o homem em si. — Num me bata! Vou li trazê otro refresco de hortelã, senhorita Scaulett! A senhorita vai vê, vou trazê ele bem fresquinho! Num bata no seu negrinho!

— Você é impossível, Richie — disse Beverly friamente. — Devia crescer!

Richie olhou para ela, seu sorriso desfazendo-se lentamente em incerteza.

— Até voltar para cá — disse ele, — eu pensei que tinha crescido.

Rich, você talvez seja o *disc* jockey mais bem sucedido dos Estados Unidos — disse Mike. — Sem dúvida, tem Los Angeles na palma da mão. Além disso, conta com dois programas transmitidos em cadeia, um deles encimando a lista dos quarenta melhores, o outro, algo chamado *Os quarenta notáveis...*

— É bom você tomar cuidado, seu tolo — disse Richie, em uma irritada Voz de Mr. T, mas tinha enrubescido. — Farei sua frente e suas costas mudarem de lugar. Farei em você uma cirurgia cerebral a socos. Farei...

— Eddie — continuou Mike, ignorando Richie, — você possui um rendoso serviço de limusines em uma metrópole onde temos que abi a-minho a cotoveladas entre compridos carros negros, quando cru nos a rua. Na Grande Maçã, duas companhias de limusines iriam à faic cia dentro de uma semana, porém você vem se saindo muito bem.

"Quanto a você, Ben, deve ser o arquiteto jovem mais bem sucedido do mundo.

Ben abriu a boca, talvez para protestar, mas tornou a fechá-la abruptamente. Mike sorriu para eles, estendendo as mãos.

— Não pretendo constranger ninguém, quero apenas ter todas as cartas na mesa. Há pessoas que vencem na vida ainda jovens, como existem aquelas que vencem em profissões altamente especializadas. Não fosse isso, eu acho que todo mundo entregaria os pontos. Enfim, se apenas um ou dois de vocês fossem os vitoriosos, poderíamos aceitar o fato como mera coincidência. No entanto, não foram um ou dois somente; foram *todos* vocês, e aqui estou incluindo Stan Uris, que foi o contabilista jovem mais bem-sucedido de Atlanta... isto significando o Sul inteiro. Minha conclusão é que o sucesso de vocês origjnou-se do que aconteceu aqui, há vinte e sete anos. Se, naquela época, tivessem sido expostos a asbestos e, a esta altura, houvessem desenvolvido câncer pulmonar, o correlativo não seria menos claro ou convincente. Algum de vocês quei discordar?

Mike olhou para ele. Ninguém respondeu.

— Todos nós... exceto você — disse Bill. — O que houve com você, Mikey?

— Não salta aos olhos? — Mike sorriu. — Eu fiquei aqui.

— Você manteve a lanterna acesa — comentou Ben. — Ficou aqui, fazendo o trabalho sujo. — Bill se virou bruscamente e o fitou com espanto, mas Ben olhava firme para Mike e nada viu. — Isso faz com que não me sinta nada bem, Mike. De fato, sinto-me uma espécie de monte de bosta.— Amém — disse Beverly.

Mike abanou a cabeça, pacientemente.

— Não tem de que se culpar. Aliás, nenhum de vocês. Acham que ficar aqui foi escolha minha, mais do que a escolha de vocês — de qualquer de vocês — em partir? Diabo, nós éramos *crianças*l Por um ou outro motivo, seus pais se mudaram e vocês eram parte da bagagem que eles levaram. Os meus ficaram. E, em realidade, foi decisão deles — de qualquer *deles?* Não acredito. Como ficou decidido quem iria e quem ficaria? Pela sorte? Destino? A Coisa? Alguma Outra? Eu não sei. O único certo é que não foi vontade nossa, caras. Portanto, esqueçam isso.

— Você não está... está amargo? — perguntou Eddie timidamente.

— Estive ocupado demais para ficar amargo — respondeu Mike. — Fiquei um longo tempo observando e esperando... Observava e esperava, antes mesmo de saber que fazia isso, creio, mas durante mais ou menos os últimos cinco anos, permaneci no que poderiam chamar de alerta vermelho. Venho mantendo um diário desde a passagem de ano. E quando um homem escreve, fatalmente tem que pensar mais... ou talvez, apenas mais especificamente. Um dos temas sobre os quais gastei tempo escrevendo e pensando, é sobre a natureza da Coisa. Ela sofre transformações, nós sabemos disso. Penso que A Coisa também manipula, deixando suas marcas nas pessoas, apenas em decorrência da própria natureza que a constitui. É como a gente ficar cheirando a gambá, mesmo após um banho demorado, caso ele esguiche seu fedor muito perto de nós. É como um gafanhoto que cospe sua seiva em nossa palma, se o pegarmos na mão.

Mike desabotoou lentamente a camisa e a abriu para os lados. Todos eles puderam ver as marcas rosadas de cicatriz na pele lisa e castanha de seu tórax, entre os mamilos.

— É como cicatrizes deixadas por garras — disse ele.

— O lobisomem! — Richie quase gemeu. — Oh, céus, Grande Bill, o lobisomem! Quando voltamos à Rua Neibolt!

— O quê? — perguntou Bill. Sua voz era como a de um homem despertado enquanto sonhava. — O que, Richie?

— Você não se *lembra?*

— Não... e você?

— Eu... eu quase me lembro...

Parecendo confuso e assustado, Richie se calou.— Está querendo dizer que estas coisas não são malignas? — perguntou Eddie a Mike, abruptamente, enquanto fitava as cicatrizes como que hipnotizado. Que são apenas parte da... da ordem natural?

— A Coisa não faz parte da ordem natural, como a entendemos ou justificamos — disse Mike, tornando a abotoar a camisa. — Aliás, não vejo motivo para operarmos sob qualquer outra base, além daquela que *nós* entendemos: que A Coisa mata, que mata crianças e que isso é errado. Bill compreendeu a situação, antes de qualquer de nós. Lembra-se,. Bill?

— Lembro-me de que queria matar A Coisa — disse Bill, e pela primeira vez (ou mesmo depois), ouviu o substantivo comum adquirir status de nome próprio em sua própria voz. — Contudo, eu não tinha um ponto de vista muito mundano a respeito, se entende o que quero dizer — eu apenas queria matar A Coisa porque ela matara George.

— E ainda quer?

Bill considerou a pergunta cuidadosamente. Baixou os olhos para as mãos espalmadas sobre a mesa e recordou George em seu impermeável amarelo, o capuz na cabeça, tendo na mão o barco de papel com a leve camada lustrosa de parafina. Ergueu os olhos para Mike.

— M-M-Mais do que nunca — respondeu.

Mike assentiu, como se fosse aquilo exatamente o que esperava.

— A Coisa deixou sua marca em nós. Fez sua vontade prevalecer, como tem feito com toda esta cidade, dia a dia, mesmo durante aqueles longos períodos em que está adormecida, hibernando ou seja lá o que for, entre seus períodos mais... mais agitados.

Mike ergueu um dedo.

— Bem, se a Coisa fez sua vontade prevalecer em relação a nós, em algum ponto, de certa maneira, *nós também fizemos a nossa prevalecer sobre a dela.* Nós a detivemos, antes que A Coisa encerrasse seu ciclo — sei que a detivemos. Será que a enfraquecemos? Que a machucamos? Que, de fato, quase a matamos? Creio que sim. Acho que estivemos tão perto de matar A Coisa, que fomos embora achando que havíamos conseguido.

— Contudo, você tampouco se lembra dessa parte, certo? — perguntou Ben.

— Certo. Posso recordar com nitidez quase perfeita tudo que aconteceu até 15 de agosto de 1958, mas daí a mais ou menos 4 de setembro, ao recomeçarem as aulas, o ocorrido é um branco total. Não que me re-corde vaga ou confusamente; esqueci absolutamente tudo. Com uma exceção: parece-me recordar Bill gritando sobre algo a que chamava de postigos.

O braço de Bill estremeceu convulsivãmente. Bateu contra uma das garrafas vazias de cerveja e ela caiu ao chão, estilhaçando-se com o ruído de uma bomba.

— Você se cortou? — perguntou Beverly, soerguendo-se do assento.

— Não — respondeu ele, em voz ríspida e seca.

Seu braço ficara inteiramente arrepiado. Tinha a sensação de que seu crânio aumentara de alguma forma; podia senti-lo fazendo pressão

(os postigos)

contra a pele estirada de seu rosto, em firmes e entorpecidas palpitações.

— Vou catar os...

— Não, fique onde está.

Bill queria olhar para ela, mas não pôde. Era impossível afastar os olhos do rosto de Mike.

— Lembra-se dos postigos, Bill? — perguntou Mike suavemente.

— Não — respondeu ele.

Sua boca dava-lhe a sensação de ter ido ao dentista e este haver ficado um pouco entusiasmado na aplicação de novocaína.

— Você se lembrará.

— Deus permita que não!

— Lembrará assim mesmo — disse Mike. — Por enquanto... não. Nem eu tampouco. Algum de vocês se lembra?

Um por um, todos abanaram a cabeça.

— Entretanto, nós fizemos *algo* — disse Mike, em voz calma. — Em algum ponto, conseguimos exercitar certa espécie de vontade de grupo. Em algum ponto, adquirimos alguma compreensão ou conhecimento especial, consciente ou inconsciente. — Ele se remexeu na cadeira, inquieto. — Oh, Deus, eu gostaria que Stan estivesse aqui! Tenho a impressão de que, com sua mente meticulosa, ele poderia ter alguma idéia do que houve.

— Talvez tivesse mesmo — disse Beverly. — Talvez seja por isso que se suicidou. Talvez compreendesse que, se houve algo mágico, não funcionaria para adultos.

— Eu acho que poderia funcionar — replicou Mike. — Porque háoutra coisa que nós seis temos em comum. Será que algum de vocês já notou?

Agora, foi Bill quem abriu a boca e tornou a fechá-la.

— Prossiga — disse Mike. — Você sabe o que é. Posso ver no seu rosto.

— Não tenho *certeza* de que saiba — respondeu Mike, — mas *creio* que seja o fato de n-nenhum de nós ter filhos. É is-isso?

Houve um momento de chocado silêncio.

— Exatamente — disse Mike. — Isso mesmo.

— Deus Todo-poderoso! — exclamou Eddie, indignadamente. — O que, diabo, tem *isso* a ver com o preço do feijão no Peru? O que lhe deu a idéia de que todos, neste mundo, têm que ter filhos? Isso é besteira!

— Você e sua esposa têm filhos? — perguntou Mike.

— Se esteve nos seguindo por todo este tempo, como falou, então, droga, sabe muito bem que não temos! Ainda assim, continuo achando que isso não significa porcaria nenhuma!

— Vocês *tentaram* ter filhos?

— Não apelamos para o controle de natalidade, se é o que pretende dizer. — Eddie expressou-se com uma dignidade estranhamente comovente, mas suas faces ficaram vermelhas. — Acontece que minha esposa é um pouquinho... Oh, inferno! Ela é *muito* gorda. Procuramos uma médica e ela nos disse que minha esposa jamais teria filhos, se não perdesse algum peso. Isso nos torna criminosos, por acaso?

— Acalme-se, Eds — disse Richie, inclinando-se para ele.

— Não me venha chamar de Eds e não *ouse* beliscar-me as bochechas! — exclamou Eddie, virando-se para Richie. — Sabe que detesto isso! *Sempre* detestei!

Richie encolheu-se, pestanejando.

— Beverly? — perguntou Mike. — E quanto a você e Tom?

— Sem filhos — respondeu ela. — E também sem controle de natalidade. Tom quer filhos... e eu também, é claro — acrescentou rapidamente, relanceando os olhos à volta da mesa. Bill achou que os olhos dela estavam demasiado bilhantes, como os de uma atriz representando bem um papel. — Acontece apenas que ainda não houve nada.

— Fizeram aqueles exames? — perguntou-lhe Ben.

— Oh, mas claro que fiz! — respondeu ela, com uma risadinha breve, que era quase um riso sufocado.Em um daqueles saltos de percepção que às vezes ocorrem com pessoas dotadas de curiosidade e *insight* ao mesmo tempo, Bill de repente compreendeu muita coisa sobre Beverly e seu marido Tom, aliás, o Maior Homem do Mundo. *Beverly* se submetera a exames de fertilidade. Bill supunha que o Maior Homem do Mundo se recusara a acalentar, mesmo por um momento, a idéia de que podia haver algo de errado com os es-permatozóides sendo fabricados nos Sagrados Sacos.

E quanto a você e sua esposa, Grande Bill? — perguntou Rich. — Estão tentando?

Todos olharam curiosamente para ele... porque sua esposa era alguém que conheciam. Evidentemente, Audra não era a atriz mais conhecida ou mais amada do mundo, mas certamente fazia parte dos abrangidos pela palavra “celebridade”, que na última metade do século XX havia, de certo modo, substituído o talento como meio de troca. A revista *People* estampara sua foto quando ela havia passado a usar os cabelos curtos e, durante uma permanência particularmente tediosa em Nova York (a peça que Audra pretendia levar em cena *offBroadway* dera em nada), fizera um pequeno papel em *Hollywood Squares,* com uma semana de duração, contra as firmes objeções de seu

agente. Audra era uma estranha, cujo maravilhoso rosto eles conheciam. Bill reparou que Beverly parecia particularmente curiosa. ‘ .

— Nos últimos seis anos, estivemos tentando e evitando alternadamente — disse Bill. — Durante os oito meses passados, as tentativas foram suspensas, em vista do filme que estamos fazendo — chama-se *O recinto do sótão.*

— Ouçam — disse Richie, — dirigimos uma pequena agência de diversões, todos o dias, das cinco e quinze da tarde até cinco e meia. Chama-se “Vendo estrelas”. Essa agência distribuiu um artigo sobre esse maldito filme, justamente a semana passada — algo como “Marido e mulher trabalhando juntos e felizes”. Eram mencionados os nomes de vocês dois, mas nunca fiz a conexão. Engraçado, não é mesmo?

— Muito — disse Bill. — Audra disse que seria muito falta de sorte engravidar enquanto estávamos na pré-produção e depois ela ter que trabalhar dez semanas, representando arduamente e tendo enjôos matinais ao mesmo tempo. Contudo, é claro que queremos filhos. E estivemos tentando de verdade.

— Fizeram testes de fertilidade? — perguntou Ben.— Hum-hum. Há quatro anos, em Nova York, Os médicos descobriram um pequeno tumor benigno no útero de Audra e declararam que havia sido uma sorte porque, embora não a impedisse de engravidar, poderia provocar uma gravidez tubária. De qualquer modo, nós dois somos férteis.

Eddie repetiu, teimosamente:

— Isto não *prova* droga nenhuma!

— Contudo, é sugestivo — murmurou Ben.

— Nenhum pequeno acidente ameaçando o seu *front,* Ben? — perguntou Bill, chocado e divertido ao perceber que sua boca quase pronunciara Ben Monte de Feno.

— Nunca me casei, sempre fui cuidadoso e não houve nenhum processo de paternidade — respondeu Ben. — Fora isso, não sei o que mais poderia dizer.

— Querem ouvir uma história engraçada? — perguntou Richie, sorrindo, embora não houvesse qualquer sorriso em seus olhos.

— Claro — disse Bill. — Você sempre foi bom em coisas engraçadas, Richie.

— Sua cara e meu traseiro, garoto — disse Richie, na Voz do Tira Irlandês.

Era uma *excelente* Voz do Tira Irlandês. *Você melhorou além de qualquer expectativa, Richie,* pensou Bill. *Em criança, não conseguia imitar nenhum tira irlandês, por mais que espremesse os miolos. Exceto uma vez... ou duas... quando*

(os postigos)

quando o quê?

— Sua cara e meu traseiro. Não esqueça da com-pa-ra-ção, meu caro garoto — disse Richie.

Bem Hanscon tapou subitamente o nariz e gritou, em uma voz trêmula e aguda, quase infantil:

— Bip-bip, Richie! Bip-bip! Bip-bip!

Após um momento, rindo, Eddie também tapou o nariz e imitou Ben. Beverly fez o mesmo.

— Está bem! Está bem! — exclamou Richie, também rindo. — Está bem, eu desisto! Pelo amor de Deus!

— Oh, cara! — disse Eddie. Recostara-se na cadeira, rindo tanto, que estava quase chorando. — Conseguimos desta vez, Boca de Lixo! Boa idéia a sua, Ben!Ben sorria, mas parecia um pouco aturdido.

— Bip-bip — disse Bev, e desandou em risadinhas reprimidas. — Eu tinha esquecido *tudo* sobre isso. Nós sempre gritávemos bip-bip para você, Richie!

— A verdade é que vocês nunca apreciaram o verdadeiro talento — replicou Richie, muito à vontade. Como nos velhos tempos, era possível alguém fazê-lo tropeçar, porém ele era como um daqueles joões-teimosos infláveis, com areia na base — bonecos que, derrubados, voltavam a ficar de pé quase imediatamente. — Essa foi uma de suas contribuiçõezinhas para o Clube dos Perdedores, não foi, Monte de Feno?

— Sim, acho que foi.

— Que homem! — exclamou Richie, em uma voz trêmula e reverente, começando a fazer mesuras sobre a mesa e quase enfiando o nariz em sua xícara de chá a cada vez que se abaixava. — Que homem! Céus, que homem!

— Bip-bip, Richie — disse Ben, quase solenemente, para então explodir em uma saudável gargalhada de barítono, muito diferente daquela voz anterior, trêmula e infantil. — Você não tem jeito mesmo!

— Afinal, caras, querem ou não ouvir minha história? — perguntou Richie. — Vou logo avisando que não é grande coisa, em um sentido ou no outro. Podem me vaiar com seus bips, se quiserem. Estou pronto para suportá-lo. Abusem de mim à vontade. Quero dizer, vocês estão olhando para um homem que certa vez entrevistou Ozzy Osbourne.

— Conte sua história — disse Bill.

Olhou de relance para Mike e notou que ele parecia mais feliz — ou mais tranqüilo — desde que começara o almoço. Seria por ver a quase inconsciente tecedura unindo peças, algo que estava acontecendo naqueles momentos, a espécie de retorno fácil aos antigos papéis, o que quase nunca acontecia quando velhos amigos se reuniam? Bill pensou também: *Se há certas precondições para crermos em magia, tornando possível o uso dessa magia, então talvez essas precondições serão inevitavelmente produzidas por si mesmas.* Não era um pensamento muito confortador. Fazia-o sentir-se como o homem preso à ogiva de um míssil teleguiado.

Realmente, bip-bip.

— Bem — estava dizendo Richie, — eu podia tornar isto longo e triste ou dar-lhes a versão da história em quadrinhos Belinda e Dagoberto, mas vou ficar no meio-termo. No ano seguinte àquele em que me mudei paraa Califórnia, conheci uma garota, e uma paixão brutal surgiu de ambas as partes. Passamos a morar juntos. Ela primeiro usou a pílula, mas sentia-se indisposta o tempo todo. Falou em colocar um DIU, mas eu tinha prevenção contra isso — as primeiras histórias sobre como talvez não fossem plenamente seguros começavam a sair nos jornais.

"Falávamos muito sobre filhos e terminamos decidindo não querê-los, mesmo se resolvêssemos legalizar o relacionamento. Comentávamos a irresponsabilidade de criar-se filhos em uma bosta de mundo perigoso e superpovoado... esse falatório todo: vamos sair e colocar uma bomba no lavatório dos homens no Banco da América, depois voltamos aos nossos aposentos temporários, fumamos um pouco de maconha e discutimos a diferença entre maoísmo e trotskismo, se entendem o que quero dizer.

"Bem, eu talvez esteja sendo severo demais, ao falar assim sobre nós dois. Merda, éramos jovens e razoavelmente idealistas. Conclusão, mandei cortar meus fios, como diz o pessoal de Beverly Hills, com sua infalível e vulgar elegância. A operação correu sem problemas e não houve efeitos adversos posteriores. Tais efeitos podem acontecer, se não sabem. Tive um amigo cujas bolas incharam até ficarem do tamanho dos pneus de um Cadillac 1959. Eu ia dar-lhe como presente de aniversário um par de seus suspensores e dois cilindros — uma espécie de cueca especial, — mas as bolas desincharam antes disso.

— Tudo feito com seu costumeiro tato, com sua dignidade de sempre — comentou Bill.

Beverly recomeçou a rir. Richie exibiu um amplo e sincero sorriso.

— Obrigado pelas palavras de apoio, Bill. A palavra foder foi usada duzentas e seis vezes em seu último livro. Eu contei.

— Bip-bip, Boca de Lixo — disse Bill solenemente.

Todos eles riram, e Bill achou quase impossível acreditar que estivessem falando sobre crianças mortas, menos de dez minutos antes.

— Vamos em frente, Richie — disse Ben. — Está ficando tarde.

— Eu e Sandy vivemos juntos por dois anos e meio — prosseguiu Richie. — Estivemos perto do casamento por duas vezes. De qualquer modo, penso que poupei a nós dois muita dor de cotovelo e toda essa cascata de bens meio a meio, mantendo a nossa união sem qualquer vínculo legal. Ela recebeu uma oferta para juntar-se a uma firma de advocacia em Washington, mais ou menos quando a KLAD ofereceu-me trabalho como *discjockey* de fim de semana — não era grande coisa, mas sig-nificava o primeiro degrau. Ela me disse que aquela seria a sua grande oportunidade e que eu só podia ser o mais insensível macho chauvinista do país inteiro, caso a contrariasse. Além do mais, estava farta da Califórnia. Respondi que *também* tivera uma oportunidade. Assim, rejeitamos a vida a dois, um rejeitou o outro e, após toda essa rejeição e agressão, Sandy foi embora.

Há coisa de um ano, resolvi que queria uma inversão da vasectomia. Não tinha motivo algum para isso e, por tudo quanto já lera, as chances de sucesso eram muito remotas, mas... ora, que diabo!

— Estava tendo algum caso firme com alguém? — perguntou Bill.

— Não — e aí está o curioso — respondeu Richie, de cenho franzido. — Um belo dia, acordei com essa... sei lá, essa idéia fixa de anular a vasectomia.

— Você só podia estar biruta — disse Eddie. — Anestesia geral em vez de local? Cirurgia? Talvez uma semana mofando no hospital?

— O médico me abriu os olhos para tudo isso — replicou Richie. — Respondi que queria assim mesmo. Sei lá por quê! Ele perguntou se eu compreendia que o pós-operatório certamente seria doloroso, ao passo que o resultado podia ser como jogar uma moeda para o ar. Falei que compreendia. Ele disse: tudo bem. Perguntei quando poderia ser — pois achava que quanto mais cedo melhor, sabem como é. O médico então disse: vamos com calma, filho, vamos com calma! O primeiro passo é examinarmos uma amostra de esperma, apenas para haver certeza de ser necessária uma inversão da cirurgia. Respondi: "Ora, fiz o exame, após a vasectomia. A operação deu certo. Ele explicou que as chances eram muito pequenas — realmente infinitesimais — porém, em se tratando de uma operação séria, devíamos primeiro ter uma confirmação. Assim, tranquei-me no banheiro dos homens, com uma revista pornográfica editada em Hollywood, masturbei-me e gozei dentro de um recipiente semelhante a uma xícara...

— Bip-bip, Richie — disse Beverly.

— Certo, certo, você tem razão — disse Richie. — A parte sobre a revista pornô é mentira — a gente nunca encontra algo tão bom em um consultório médico. De qualquer modo, ele me ligou três dias mais tarde e perguntou o que eu queria saber primeiro, se as boas ou as más notícias.

"Quero primeiro as boas notícias', falei.

"A boa nova é que sua operação não será necessária', disse ele. 'A máé que andou levando para a cama nos últimos dois ou três anos poderá perfeitamente mover-lhe uma ação de paternidade.'

"Está dizendo o que imagino que esteja?' perguntei.

"Estou dizendo que seus tiros estão perfeitos e estiveram assim por bastante tempo até agora', disse ele. 'Há milhões de coisinhas coleantes em sua amostra de esperma. Seus dias de andar cavalgando alegremente em pêlo, sem perguntas a responder, chegaram temporariamente ao fim, Richard.'

"Agradeci e desliguei. Então telefonei para Sandy, em Washington.

"Rich!' exclamou ela para mim", e a voz de Richie *se tornou* subitamente a daquela Sandy que nenhum deles conhecia. Não era uma imitação e nem mesmo uma semelhança, exatamente; parecia uma pintura falada. " 'Que bom ter notícias suas! Eu me casei!'

"Oh, mas isso é ótimo', respondi. Você devia ter mandado dizer. Eu lhe enviaria um liqüidificador de presente.

"Ela disse: 'O mesmo velho Richie, sempre com piadinhas!'

"Então, falei: 'Sim o mesmo velho Richie, sempre com piadinhas. Por falar nisso, Sandy, você não teve um bebê ou coisa assim, depois que foi de Los Angeles, teve? Nem algum aborto imprevisto?'

"A piada já não está tão engraçada, Rich', respondeu ela, e tive a sensação de que Sandy ia desligar na minha cara, de modo que lhe contei o ocorrido. Ela começou a rir, só que agora ria mesmo com vontade — estava rindo como costumávamos rir juntos, caras, como se alguém lhe houvesse contado a maior piada do mundo. Assim, quando finalmente começou a controlar-se, perguntei-lhe o que acontecera de tão engraçado. 'É simplesmente tão maravilhoso!' exclamou Sandy. 'Desta vez, a piada é você. Após todos estes anos, finalmente a piada é Tozier Discos. Quantos bastardos já pôs no mundo depois que vim para o leste, Rich?'

"Está querendo dizer que ainda não experimentou as alegrias da maternidade?' perguntei.

"Devo ser mãe em julho', respondeu ela. Mais perguntas?

"Só mais uma', falei. 'Quando foi que mudou de idéia sobre a imoralidade de criar filhos em um mundo que é uma merda?'

"Quando finalmente encontrei um homem que não é uma merda', respondeu ela, e desligou.

Bill começou a rir. Riu tanto, que as lágrimas lhe rolaram pelo rosto.

— Sim... — disse Richie. — Creio que ela desligou tão depressa sópara ter a última palavra, mas por mim, poderia ter ficado pendurada ao telefone o dia inteiro. Sei quando sou derrotado. Voltei ao médico uma semana mais tarde e perguntei se podia ser um pouco mais claro quanto às probabilidades naquela espécie de regeneração espontânea. Ele disse que falara com alguns a respeito. Resumindo: naquele período de três anos indo de 1980 a 1982, a sucursal californiana da Associação Médica Americana recebera vinte e três relatos de regeneração espontânea. Seis delas eram simplesmente o resultado de cirurgias malfeitas. Seis outras haviam sido golpes ou falcatruas — sujeitos querendo dar uma dentada na conta bancária de algum médico. Assim... em três anos houvera apenas onze verídicas.

— Onze... entre quantas? — perguntou Beverly.

— Vinte e oito mil, seiscentos e dezoito — disse Richie calmamente. Houve silêncio em torno da mesa.

— Desta maneira, minhas probabilidades foram menores do que a de ganhar-se o Sweepstake Irlandês — disse Richie, — mas ainda não. tinha nenhum filho para exibir. Isso não lhe provoca algumas boas garças, Eds?

Eddie começou, teimosamente:

— Isso ainda não *prova...*

— Sim — disse Bill, — Não prova coisa alguma, mas sem dúvida sugere um elo. A questão é: o que fazemos agora? Já pensou nisso, Mike?

— Pensei, claro — respondeu Mike, — mas era impossível decidir qualquer coisa enquanto vocês não se reunissem novamente e falassem, da maneira como fizeram. Não havia maneira de prever como seria esta reunião, até que ela realmente acontecesse.

Mike fez uma prolongada pausa, fitando-os pensativamente.

— Tive uma idéia — disse por fim, — mas antes de dizer o que é, acho que devíamos saber se temos ou não algo a fazer aqui. Queremos repetir o que já tentamos uma vez antes? Queremos tentar matar A Coisa novamente? Ou vamos apenas dividir a conta em seis e voltar para os lugares de onde viemos?

— Dá a impressão de que... — começou Beverly.

Mike, entretanto, abanou a cabeça para ela. Ainda não terminara.

— Vocês precisam entender que não se pode saber, antecipadamente, que chances temos de sucesso. Sei que não são boas, como sei que seriam um pouco melhores se Stan também estivesse aqui. Não seriam inteiramente boas, apenas melhores. Sem Stan, desfez-se o círculo que fizemos aquele dia. Em realidade, não acredito que possamos destruir A Coisa, ou mesmo afugentá-la por algum tempo, como fizemos antes, com o círculo desfeito. Acho que A Coisa nos matará, um por um, provavelmente de forma bastante terrível. Quando crianças, fizemos um círculo completo, de alguma forma que até hoje não compreendo. Penso que, se concordarmos em prosseguir, devemos tentar formar um círculo menor. Ignoro se isso pode ser feito. Creio que seria possível *imaginar* que o fizemos, apenas para descobrir — quando for demasiado tarde, — bem... que era demasiado tarde.

Mike tornou a fitá-los, os olhos fundos e cansados em seu rosto marrom.

— Desta maneira, creio que devemos voltar. Ficar e tentar novamente ou voltar para casa. São estas as escolhas. Eu os trouxe para cá pelo poder de uma antiga promessa que talvez até houvessem esquecido. Entretanto, não posso retê-los aqui, pela força da mesma promessa. O resultado disso podia ser pior... mais do que pior.

Mike olhou para Bill e, nesse momento, Bill entendeu o que estava para vir. Temia aquilo, era impotente para detê-lo, mas então, com o mesmo senso de alívio que imaginava invadir um suicida quando tira as mãos do volante do carro em alta velocidade e as usa apenas para cobrir os olhos, aceitou-o. Mike os atraíra para lá, Mike preparara tudo ordenadamente para eles... e agora passava adiante o bastão da liderança. Pretendia que o bastão voltasse para quem o usara em 1958.

— O que responde, Grande Bill? Inicie o debate. Faça a pergunta.

— Antes disso — respondeu Bill, — t-todos aqui *compreendem* bem o que vamos tratar? Você ia dizer qualquer coisa, Bev.

Ela sacudiu a cabeça.

— Muito bem. Acho que a pergunta é: vamos ficar e lutar ou vamos esquecer tudo isto? Aqueles em favor de ficarmos?

Ninguém à volta da mesa se moveu durante uns cinco segundos, fazendo Bill recordar leilões a que comparecera, onde o preço de um item de repente subia à estratosfera. Então, os que não queriam fazer lances permaneciam quase literalmente como estátuas; tinha-se medo de cocar uma comichão na pele ou espantar uma mosca pousada no nariz, porque o leiloeiro poderia considerar o gesto como significando mais cinco ou vinte e cinco mil.Bill pensou em Georgie. Georgie, que nunca fizera mal a ninguém, que apenas quisera sair de casa, onde a chuva o prendera uma semana. Georgie, corado de excitamento, segurando o barco de papel em uma das mãos, enquanto abotoava

o impermeável amarelo com a outra. Georgie agradecendo a ele... depois inclinando-se para beijar a face febril de Bill: *Obrigado, Bill. É um barco e tanto.*

Sentiu ferver dentro de si a raiva antiga, porém agora era mais velho, suas perspectivas se tinham tornado mais amplas. Agora não se tratava de Georgie apenas. Uma horrenda procissão de nomes desfilou por sua cabeça: Betty Ripsom, encontrada congelada no chão, Cheryl Lamo-nica, pescada no Kenduskeag, Matthew Clements, arrancado de seu triciclo, Verônica Grogan, de nove anos, encontrada em um bueiro, Steven Johnson, Lisa Albrecht, todos os outros, e só Deus sabia quantos dos desaparecidos.

Erguendo a mão lentamente, ele disse:

— Vamos matar A Coisa. Desta vez precisamos matá-la realmente. Por um instante, sua mão erguida foi a única, como a mão do garoto que, na sala de aula, é o único a saber a resposta certa, o único odiado por todos os colegas. Então, com um suspiro, Richie também ergueu a mão.

— Que diabo! — exclamou. — Não pode ser muito pior do que entrevistar Ozzy Osbourne!

Beverly levantou a mão. Sua cor retornara, porém, em trechos desordenados, ao longo dos malares. Parecia tremendamente excitada, mas também com uin medo mortal.

Mike levantou a mão.

Ben ergueu a dele.

Eddie Kaspbrak recostou-se na cadeira, dando a impressão de que desejaria fundir-se nela e assim desaparecer. Seu rosto, fino e de aparência delicada, estava miseravelmente amedrontado, quando primeiro olhou para a direita e esquerda, depois para Bill. Por um momento, Bill pensou que Eddie ia simplesmente empurrar a cadeira para trás, levantar-se e sair depressa da sala, sem voltar os olhos. Então, ele ergueu uma das mãos no ar e aferrou apertadamente seu aspirador na outra.

— Muito bem, Eds — disse Richie. — Aposto como desta vez teremos realmente algumas boas garças.

— Bip-bip, Richie — replicou Eddie, em voz hesitante.

6

Os Perdedores ganham sobremesa

— Muito bem, qual é a sua idéia, Mike? — perguntou Bill.

O estado de ânimo no ambiente fora rompido por Rose, a recepcionista, que entrara com uma travessa de biscoitos da sorte. Ela olhou para as seis pessoas que tinham as mãos erguidas no ar, com uma falta de curiosidade cuidadosamente polida. Eles baixaram as mãos apressadamente e ninguém falou nada, até ela ir embora.

— É bastante simples — respondeu Mike, — porém poderia ser também extremamente perigoso.

— Desembuche — disse Richie.

— Acho que devemos separar-nos pelo resto do dia. Penso que cada um de nós devia voltar ao lugar em Derry do qual mais se lembra... excetuando-se os Barrens, é

claro. Não creio que algum de nós devesse ir lá — pelo menos, por enquanto. Pensem em uma série de excursões a pé, se preferirem.

— Com que finalidade, Mike? — perguntou Ben.

— Não estou muito certo. Compreendam, nisto estou me deixando levar muito pela intuição...

— Mas isso tem dado certo e você insiste — disse Richie. Os outros sorriam. Mike permaneceu sério e assentiu.

— É um meio tão bom de explicar, como qualquer outro. Seguir a intuição eisso mesmo. Como dançar ao ritmo de algo. Usar a intuição é difícil para adultos; eis o motivo principal por que acho que seria o certo para fazermos. Afinal de contas, crianças agem por intuição em cerca de oitenta por cento das vezes, pelo menos até os quatorze anos aproximadamente.

— Está falando em recriarmos a situação — disse Eddie.

— Creio que sim. De qualquer modo, essa é a minha idéia. Se não lhes ocorrer nenhum lugar específico, sigam seus pés, vejam aonde eles os levam. Então nos encontraremos à noite, na biblioteca, para conversarmos sobre o que aconteceu.

— Se *acontecer* alguma coisa — acentuou Ben.

— Oh, acho que coisas acontecem.

— Que tipo de coisas? — perguntou Bill. Mike abanou a cabeça.

— Não sei. O que quer que aconteça, ein minha opinião tenderá ao desagradável. Creio ser mesmo possível que algum de nós não apareça na biblioteca esta noite. Não há motivos para pensar assim... mas é aquele negócio de intuição novamente.

O silêncio acolheu suas palavras.

— Por que sozinhos? — perguntou Beverly finalmente. — Se íamos fazer isto como um grupo, por que deseja que comecemos sozinhos, Mike? Especialmente se o risco terminar sendo tão alto como imagina que possa ser?

— Creio que a isso eu respondo — disse Bill.

— Vá em frente, Bill — falou Mike.

— Tudo *começou* para cada um de nós quando estávamos sozinhos

— disse Bill para Beverly. — Não me lembro desse tudo — ainda não

— mas posso recordar pelo menos esse detalhe. A foto no quarto de George, que se moveu. A múmia de Ben. O leproso que Eddie viu debaixo da varanda, na Rua Neibolt. Mike encontrando o sangue sobre a relva, perto do Canal, no Parque Bassey. E o pássaro... havia algo sobre um pássaro, não, Mike?

Mike assentiu soturnamente.

— Um pássaro enorme.

— Certo, mas não tão amistoso como o de *Vila Sésamo.* Richie deu uma selvagem risada esganiçada.

— A resposta de Derry a "James Brown Solta um Excelente!" Oh, crianças, que bem-aventurados somos!

— Bip-bip, Richie — disse Mike, e Richie calou-se.

— Para você, foi a voz que surgiu do cano e o sangue que saiu do ralo — disse a Beverly. — E para Richie...

Neste ponto, Bill interrompeu-se, intrigado.

— Devo ser a exceção da regra, Grande Bill — disse Richie. — A primeira vez naquele verão que entrei em contato com algo que fosse estranho — estou falando super-superestranho — foi no quarto de Geor-ge, com você. Quando fomos à sua casa aquele dia e espiamos o álbum de fotos de seu irmão. O retrato da Rua Center, perto do Canal,

começou a mover-se. Lembra-se?— Sim, eu me lembro — respondeu Bill. — Tem certeza de que não aconteceu nada antes disso, Richie? Absolutamente nada?

— Eu... —Algo crepitou nos olhos de Richie. Ele disse, lentamente:

— Bem, houve o dia em que Henry e seus amigos me perseguiram — antes do encerramento das aulas, quero dizer, e eu fugi deles, embrenhando-me na seção de brinquedos da loja Freese's. Depois subi até o City Center e sentei-me em um banco de parque por algum tempo. Penso ter visto... Oh, quero dizer, aquilo foi apenas algo que *sonhei.*

— O que era? — perguntou Beverly.

— Nada — respondeu Richie, quase rispidamente. — Um sonho. Realmente. — Ele olhou para Mike. — Enfim, não me importo de dar uma caminhada. Servirá para passar a tarde. Revendo a cidade natal.

— Quer dizer que concordamos? — perguntou Bill. Todos assentiram.

— Depois, haverá o encontro na biblioteca esta noite, às... Que horas sugere, Mike?

— Sete horas. Toquem a cigarra, se chegarem atrasados. A biblioteca é fechada às sete da noite, nos dias de semana, até que comecem as férias de verão para as crianças.

— Muito bem, sete da noite — disse Bill, e seus olhos percorreram os outros gravemente. — Sejam cautelosos. Lembrem-se de que nenhum de nós sabe, de fato, o que estamos f-f-fazendo. Pensem nisto como uma espécie de exploração. Se virem alguma coisa, não lutem contra ela. Fujam!

— Sou um apaixonado, não um lutador — disse Richie, em sonhadora Voz de Michael Jackson.

— Bem, se temos que fazer isso, devemos ir andando — disse Ben. Um ligeiro sorriso repuxou-lhe os cantos da boca. Era mais amargo do que divertido. — Embora, raios me partam se neste exato minuto sei para onde irei, já que os Barrens estão de fora. Aquilo lá foi o melhor para mim — ir até lá, juntamente com vocês, caras. — Seus olhos se moveram para Beverly, pausaram um instante, desviaram-se em seguida. — Não posso imaginar outro lugar com tanto significado para mim. Talvez apenas perambule por aí durante umas duas horas, olhando para os prédios e molhando os pés.

— Você encontrará um lugar para ir, Monte de Feno — disse Richie.

— Visite algumas das suas antigas lojas de doces e encha-se.

Ben deu uma risada.— Minha capacidade alimentar baixou muito, após ter feito os onze anos. Estou tão cheio, depois deste almoço, que vocês talvez precisem rolar-me, para eu sair daqui.

— Bem, estou pronto — disse Eddie.

— Um momento! — exclamou Beverly, quando já começavam a empurrar as cadeiras para trás. — Os biscoitos da sorte! Não vamos esquecê-los!

— Exato — disse Richie. — Já posso até ver o meu. VOCÊ LOGO SERÁ DEVORADO POR UM ENORME MONSTRO. TENHA UM DIA AGRADÁVEL.

Os outros riram, e Mike passou a pequena travessa de biscoitos para Richie, que pegou um deles e estendeu a travessa ao vizinho. Bill reparou que ninguém partiu seu biscoito enquanto os demais não se serviram; ficaram todos quietos, com os pequenos biscoitos em forma de chapéu diante deles ou em suas mãos. Quando Beverly, ainda sorrindo, pegou o dela, Bill sentiu um grito crescendo em sua garganta: *Não! Não faça isso, é parte da coisa, largue-o, não o abra!*

Tarde demais. Beverly já abrira seu biscoito. Ben fazia o mesmo, Eddie cortava o seu com a beira do garfo e, pouco antes do sorriso de Beverly transformar-se em uma careta de horror, Bill teve tempo para pensar: *Nós sabíamos,* sabíamos *de algum modo,*

porque ninguém simplesmente mordeu o seu biscoito da sorte. Isso seria o procedimento normal, mas ninguém agiu assim. De alguma forma, certa parte de nós continua recordando... tudo.

Para Bill, esse insensato subconhecimento parecia a percepção mais terrível de todas; falava com mais eloqüência do que Mike teria falado sobre o quanto segura e profundamente A Coisa tocara cada um deles... e como seu toque continuava a marcá-los.

O sangue jorrou do biscoito da sorte de Beverly, como de uma artéria seccionada. Jorrou sobre sua mão e depois sujou a toalha branca que cobria a mesa, manchando-a de um vermelho-vivo que a impregnou e em seguida expandiu-se em ansiosos dedos róseos.

Eddie Kaspbrak proferiu um grito estrangulado e recuou da mesa, em tão súbita confusão revoltada de braços e pernas, que sua cadeira quase caiu para trás. Um enorme besouro, com a carapaça quitinosa em feio tom amarelo-acastanhado, esgueirava-se do interior do biscoito da sorte, como de um casulo. Seus olhos de obsidiana fixavam-se cegamente à frente. Quando colidiu no prato de pão e manteiga de Eddie, migalhas de bis-coito soltaram-se de seu dorso, em um pequeno chuveiro que Bill ouviu nitidamente e que o perseguiu em sonhos, quando mais tarde, nessa mesma tarde, ele dormiu durante algum tempo. Enquanto se libertava, o be-souro esfregava as finas pernas traseiras, produzindo um seco zumbido esganiçado, deixando Bill perceber que era alguma espécie de grilo horrivelmente mutante. Ele trepou à beira do prato e depois tombou de costas na toalha da mesa.

— Oh, céus! — exclamou Richie, em voz sufocada. — Meu Deus, Grande Bill, isso é um olho, pelo amor de Deus, um maldito *olho*...

A cabeça de Bill se virou rapidamente e ele viu Richie contemplando seu biscoito da sorte, com os lábios repuxados para trás, mostrando uma espécie de careta repugnada. Um pedaço da superfície vidrada de seu biscoito caíra sobre a toalha da mesa, revelando um buraco de onde uma pupila humana fitava com também vidrada intensidade. Migalhas de biscoito espalhavam-se através de sua parada íris castanha e embebiam-se em sua esclerótica.

Ben Hanscom atirou o seu — hão em um gesto calculado, mas a espantada reação de alguém inteiramente surpreso ante algo desagradável. Ao rolar através da mesa, o biscoito mostrou a Bill dois dentes em sua parte oca interior, as raízes escurecidas de sangue coagulado. Os dentes chocalharam entre si, como sementes em uma cabeça oca.

Olhando para Beverly, viu que ela continha a respiração para não gritar. Os olhos dela fixavam-se na coisa que rastejara para fora do biscoito de Eddie, a coisa que agora esperneava com as patas finas, enquanto jazia caída de costas na mesa.

Bill se moveu. Ele não pensava, apenas reagia. *Intuição,* recordou loucamente, quando mergulhou de sua cadeira e colocou a mão sobre a boca de Beverly, antes que ela pudesse gritar. *Aqui estou eu, agindo por intuição. Mike devia orgulhar-se de mim.*

O que saiu a boca de Beverly não foi um grito, mas um estrangulado *"Mmmmfff".*

Eddie produzia aqueles sons sibilantes, que Bill recordava tão bem. Ali não havia problema, bastava uma boa buzinada do velho "pulmão-otário" e Eddie ficaria bem novamente. *Tão certo como dois e dois,* teria dito Freddie Firestone, e Bill perguntou-se — não pela primeira vez — como era possível alguém ter pensamentos tão esquisitos em momentos semelhantes.

Seus olhos giraram impetuosamente para os outros, e o que saiu foi algo mais daquele verão, algo que tanto soava impossivelmente arcaico, como exatamente certo:

— Bico fechado! Vocês todos! Nem mais um som! *Bico fechado!* Rich passou a mão sobre a boca. A compleição de Mike adquirira uma terrosa tonalidade acinzentada, mas ele assentiu para Bill. Todos eles afastaram-se da mesa. Bill ainda não abrira seu

biscoito da sorte, mas agora via que os lados se mexiam lentamente, para dentro e para fora — inchando e desinchando, inchando e desinchando, inchando e desin-chando — enquanto seu hóspede tentava escapar.

— *Mmmmmff!* — fez Beverly novamente contra a mão dele, o hálito dando-lhe cócegas na palma.

— Feche o bico, Bev! — disse ele, e retirou a mão.

O rosto dela parecia ser inteiramente olhos. A boca tremia.

— Bill... Bill... você viu...

Os olhos dela voltaram ao grilo sobre a mesa e ali se fixaram. O grilo parecia estar morrendo. Seus olhos encrespados a fitaram de volta e, logo em seguida, Beverly começou a gemer.

— A-A-Acabem com isso! — exclamou Bill, carrancudo. — Voltem todos para a mesa!

— Eu não posso, Billy, não posso chegar perto dessa coi...

— Você pode! *Tem* que p-p-poder!

Bill ouviu passos, ligeiros e leves, chegando pelo curto corredor no outro lado da cortina de contas. Olhou para os companheiros.

— Todos vocês! Aproximem-se da mesa! Conversem! Sejam naturais!

Beverly o fitou com olhos suplicantes, mas Bill abanou a cabeça. Sentando-se, puxou a cadeira para perto, tentando não olhar para o biscoito da sorte em seu prato. O biscoito tinha inchado como uma bolha inimaginável que estivesse se enchendo de pus. Uma bolha que continuava pulsando lentamente, para dentro e para fora. *E eu podia ter mordido isso,* pensou ele, apavorado.

Eddie usou novamente o aspirador na garganta, aspirando o medicamento para os pulmões, em um prolongado e agudo som.

— Muito bem, quem acham que ficará com o primeiro lugar? — perguntou Bill a Mike, sorrindo insanamente.Rose passou através da cortina nesse instante, exibindo um ar educadamente questionador. Pelo canto do olho, Bill viu que Bev voltara a aproximar-se da mesa. *Boa garota,* pensou.

— Acho que os Ursos de Chicago têm muita chance — replicou Mike.

— Está tudo bem? — perguntou Rose.

— Tudo ó-ótimo — disse Bill. Apontou um polegar para Eddie. — Nosso amigo teve um acesso de asma. Já se medicou e agora está melhor.

Rose olhou para Eddie, preocupada.

— Melhor — arquejou Eddie.

— Querem que eu limpe tudo agora?

— Daqui a pouco — disse Mike, oferecendo-lhe um vasto e falso sorriso.

— Estava bom?

Os olhos dela supervisionaram a mesa outra vez, com um leve toque de dúvida pairando acima de um profundo poço de serenidade. Ela não viu o grilo, o olho, os dentes ou a maneira como o biscoito da sorte que coubera a Bill parecia estar respirando. Da mesma forma, seus olhos passaram pela mancha de sangue em cima da toalha, sem parecerem vê-la.

— Tudo estava *muito* bom — disse Beverly, e sorriu — um sorriso mais natural do que o de Bill ou de Mike.

Aquilo pareceu tranqüilizar Rose, convencendo-a de que se ali houvera algo errado, não fora por culpa sua e nem de sua cozinha. *A garota tem um bocado de coragem,* pensou Bill.

— Os biscoitos da sorte estavam bons? — perguntou Rose.

— Bem — disse Richie, — não sei sobre o dos outros, mas eu tive uma boa olhadela do meu.

Bill ouviu um diminuto som estalante. Olhando para seu prato viu uma perna tateando às cegas para fora de seu biscoito da sorte, em seguida arranhando o fundo do prato.

Eu podia ter mordido isso, tornou a pensar, mas ainda sorrindo.

— Estava excelente — disse para Rose.

Richie observava o prato de Bill. Uma enorme mosca negro-acinzentada, nascia lentamente dos restos esfarelados do biscoito. Ela zumbiu fracamente. Uma gosma amarelada fluiu do biscoito e empoçou-se na tolha da mesa. Agora havia um cheiro, o cheiro brando e espesso de um ferimento infectado.

— Bem, se eu puder ajudá-los em alguma coisa...— Mais tarde — disse Ben. — Foi uma refeição maravilhosa. Bastante... bastante incomum.

— Sendo assim, vou deixá-los — disse ela.

Rose fez uma mesura e tornou a sair, passando pela cortina de contas. E as contas ainda oscilavam, batendo umas nas outras, quando todos eles tornaram a recuar da mesa.

— O que é isso? — perguntou Ben foscamente, olhando para a coisa no prato de Bill.

— Uma mosca — disse Bill. — Uma mosca mutante. Cortesia de um escritor chamado George Langlahan, imagino. Ele escreveu uma história chamada ‘ ‘A mosca’’. Foi aproveitada para um filme — não dos melhores. Entretanto a história me deixou de cabelos em pé. São os velhos truques da Coisa, sem dúvida. Aliás, esse negócio de mosca não me tem saído da cabeça ultimamente, porque ando planejando uma novela. Pensei em chamá-la *Insetos ambulantes.* Sei que o título parece m-muito idiota mas, compreendam...

— Com licença — disse Beverly, em voz distante, — mas acho que preciso vomitar.

Ela saiu da mesa, antes que qualquer dos homens se levantasse.

Bill abriu seu guardanapo com uma sacudidela e o jogou sobre a mosca, que era do tamanho de um filhote de pardal. Nada tão grande poderia provir de algo tão pequeno como um biscoito da sorte chinês... mas assim fora. Ela zumbiu duas vezes debaixo do guardanapo e então silenciou.

— Meus Deus! — exclamou Eddie fracamente.

— Vamos dar o fora desta merda de lugar o quanto antes — sugeriu Mike. — Podemos encontrar Bev no saguão.

Beverly acabava de sair do toalete das mulheres, quando eles se reuniram junto ao caixa. Parecia pálida, mas composta. Mike pagou a contas beijou Rose no rosto e então saíram todos para a tarde chuvosa.

— Isto modifica a decisão de alguém? — perguntou Mike.

— Não creio que modifique a minha — replicou Ben.

— Nem a minha — disse Eddie.

— *Que* decisão? — perguntou Richie.

Bill meneou a cabeça e então olhou para Beverly.

— Eu fico — disse ela. — Bill, o que queria dar a entender quando disse: São os velhos truques da Coisa?— Eu estava pensando em escrever uma história sobre insetos — explicou ele. — A novela de Langlahan impregnou meu pensamento. Então, eu vi uma mosca. Com você foi sangue, Beverly. Por que pensava em sangue?

— Acho que foi por causa do sangue que esguichou do ralo — respondeu ela prontamente. — O sangue que saiu da pia do banheiro, no apartamento antigo, quando eu tinha onze anos.

Seria isso mesmo? Ela não tinha tanta certeza. Porque quando o sangue lhe sujara os dedos, em um jato quente, ela imediatamente havia pensado na pegada sanguinolenta que deixara para trás, após ter pisado no caco do vidro de perfume. Tom. E

(Bevvie, às vezes fico muito *preocupado)*

seu pai.

— Você também arranjou um inseto — disse Bill para Eddie. — Por quê?

— Não foi apenas um inseto — replicou Eddie. — Foi um *grilo.* Há grilos em nosso porão. Uma casa de duzentos mil dólares e não conseguimos livrar-nos dos grilos! Eles nos deixam loucos à noite. Duas noites antes de Mike telefonar, tive um pesadelo terrível. Sonhei que havia acordado e minha cama estava repleta de grilos. Eu tentava matá-los com jatos de meu aspirador, mas quando o acionava, ele apenas dava estalos. Pouco antes de acordar de fato, percebi que *ele* também estava cheio de grilos.

— A recepcionista não viu nada disso — falou Ben. Olhou para Beverly. — Como seus pais não viram o sangue que saiu do ralo, embora estivesse por toda a parte.

— Sim — disse ela.

Eles entreolharam-se, sob o fino chuvisco de primavera. Mike consultou seu relógio.

— Há um ônibus dentro de uns vinte minutos — disse. — Posso levar quatro de vocês em meu carro, se nos espremermos. Aliás, podem chamar alguns táxis. Como preferirem.

— Acho que irei caminhando mesmo — disse Bill. — Não sei para onde vou, mas no momento um pouco de ar fresco me parece uma grande idéia.

— Prefiro chamar um táxi — disse Ben.

— Irei com você, se me deixar antes do centro da cidade — sugeriu Richie.— Tudo bem. Para onde vai? Richie deu de ombros.

— Ainda não sei ao certo.

Os outros preferiram esperar o ônibus.

— Às sete da noite — recordou Mike. — E tomem cuidado, todos! Todos concordaram em tomar cuidado, embora Bill ignorasse como seria possível, ao lidar com tamanho conjunto de fatores desconhecidos. Ia começar a dizer isso, mas ao olhar para os outros, percebeu que já sabiam.

Então, começou a andar, fazendo um breve gesto de despedida. O ar enevoado era gostoso contra seu rosto. Seria uma longa caminhada até a cidade, mas não importava, porque havia muito em que pensar. Bill estava satisfeito com o fim da reunião e o início das atividades.

CAPÍTULO 11

Excursões a pé

1

Ben Hanscom faz uma retirada

Richie Tozier desceu do táxi no tríplice cruzamento das Ruas Kansas, Center e Main. Ben fez o mesmo quando chegou ao alto da Colina Milha Acima. O motorista era o "cara religioso" de Bill, mas Richie e Ben não sabiam disso: Dave caíra em insociável silêncio. Ben refletiu que podia ter abandonado o táxi ao mesmo tempo que Richie, mas de certo modo parecia melhor que cada um começasse seu passeio sozinho.

Ficou parado na esquina da Rua Kansas e Daltrey Close, vendo o táxi misturar-se ao trânsito. Com as mãos enfiadas fundo nos bolsos, procurava expulsar da mente o término hediondo daquele almoço. Era impossível; os pensamentos continuavam voltando àquela mosca negro-cinza que rastejava para fora do biscoito da sorte, no prato de Bill, com as asas estriadas coladas ao dorso. Tentava desviar a mente daquela imagem repugnante, achava que conseguiria, mas cinco minutos depois percebia que voltara a ela.

De algum modo, estou tentando justificar o fato, pensou, sem nenhuma inclinação para o sentido moral, mas sim para o matemático. Edifícios são construídos pela observância de certas leis naturais; leis naturais podem ser expressas por equações; equações devem ser justificadas. Onde estava a justificação para o ocorrido menos de meia hora atrás?

Esqueça, disse a si mesmo, não pela primeira vez. *Já que não conseguirá uma justificativa, então esqueça.*Um conselho muito bom; o problema é que não podia aceitá-lo. Recordou que um dia após ter visto a múmia no Canal gelado sua vida prosseguira da forma costumeira. Sabia que aquilo — o que quer que fosse — estivera perto de capturá-lo, mas sua vida prosseguira: tinhji ido à escola, fizera uma prova de aritmética, fora à biblioteca depois das aulas e comera com a voracidade de sempre. Simplesmente, incorporara a coisa vista no Canal à sua vida, e se quase havia sido morto por ela... bem, as crianças estão sempre quase sendo mortas. Atravessam ruas correndo sem olhar para os lados, ficam brincando no lago e, de repente, percebem que flutuaram muito além do que deveriam, em suas balsas de borracha, precisando remar para a margem, caem sentadas nos traseiros ao despencarem de barras de trepar, e sobre as cabeças ao caírem de árvores.

Agora, parado ali em meio ao chuvisco, diante de uma loja de ferragens (a Loja de Ferragens Confiança) que havia sido uma casa de penhores em 1958 (Irmãos Frati, recordou Ben, com as vitrines duplas sempre repletas de pistolas, rifles, navalhas de barba e guitarras, estas penduradas pelo pescoço, como animais exóticos), ocorreu-lhe que crianças se saíam melhor quando quase morriam e também quando incorporavam o inexplicável a suas vidas. Elas acreditavam implicitamente no mundo invisível. Milagres, fossem bons ou ruins, deviam ser levados em conta, sem dúvida, porém de maneira alguma paravam o mundo. Uma subleva-ção repentina de beleza ou terror às dez horas, não impossibilitava um ou dois sanduíches de queijo a mais para o almoço ao meio-dia.

Quando a criança cresce, no entanto, tudo isso muda. Ela não fica mais acordada na cama, certa de que havia algo se mexendo no armário ou arranhando a janela... mas quando algo *acontece,* algo além da explicação racional, os circuitos ficam sobrecarregados. Os axônios e dendritos se aquecem. O sujeito começa a tremer, começa a chocalhar, a imaginação anda aos saltos e transmite coisas incríveis a todos os nervos. Não lhe é possível incorporar o ocorrido à sua experiência de vida. Não é digerível. A mente fica voltando àquilo; apalpando o fato de leve, como um gatinho com um novelo de linha... até que, eventualmente, claro, o sujeito fica louco ou vai para um lugar onde lhe é impossível atuar.

Ese isso acontecer, pensou Ben, *A Coisa me derrotará. A nós. O fim.*

Começou a subir a Rua Kansas, não cônscio de encaminhar-se para algum local em particular. Pensou de repente: *O que fizemos com o dólar de prata?*Era impossível recordar.

O dólar de prata, Ben... Beverly salvou sua vida com ele. Sua vida... talvez a dos outros... e especialmente a de Bill. A Coisa quase me estripou, antes que Beverly fizesse... o quê? O que foi que ela fez? E como pôde funcionar? Beverly desistiu e todos nós a ajudamos... mas como?

Uma palavra lhe veio de súbito à mente, uma palavra que não significava absolutamente nada, mas que retesou sua carne: *Chüd.*

Baixou os olhos para a calçada e, por um momento, viu nela a forma de uma tartaruga, desenhada a giz. O mundo pareceu rodar diante de seu olhos. Fechou-os apertadamente e, ao tornar a abri-los, viu que não era uma tartaruga; apenas os traços riscados para um jogo de amarelinha, meio apagados pela chuva leve.

Chüd.

O que significava aquilo?

— Não sei — disse em voz alta.

Quando olhou em torno rapidamente, a fim de verificar se alguém o ouvira falando sozinho, reparou que dobrara a Rua Kansas para a Avenida Costello. No almoço, dissera aos outros que os Barrens eram o único lugar em Derry onde se sentira feliz em criança... mas isso não era bem verdade, era? Houvera um outro lugar. Acidental ou inconscientemente, ele se tinha encaminhado para lá: a Biblioteca Pública de Derry.

Ficou parado diante dela por um ou dois minutos, as mãos ainda enfiadas nos bolsos. A biblioteca não mudara; Ben admirou suas linhas agora, como as admirara quando menino. À semelhança de tantos edifícios de pedra bem desenhados, aquele conseguia confundir o olho observador muito próximo com algumas contradições: sua solidez pétrea era equilibrada pela delicadeza dos arcos e das esguias colunas; parecia acha-parrado como um cofre de banco mas, ao mesmo tempo, harmonioso e esguio (bem, aquele prédio *era* esguio, como os outros da cidade, em especial os erigidos por volta da virada do século, e as janelas, entrecruza-das por estreitas tiras de ferro, eram graciosas e arredondadas). Essas contradições o salvavam da feiúra, e Ben hão ficou de todo surpreso ao sentir uma onda de amor pelo edifício.

Nada mudara muito na Avenida Costello. Espiando ao longo da rua, ele pôde ver a Casa Comunitária de Derry e percebeu que se perguntava se o Mercado da Avenida Costello continuava lá, no ponto em que a avenida, que era semicircular, tornava a unir-se à Rua Kansas.Cruzou o gramado da biblioteca, mal percebendo que suas botas finas estava ficando molhadas, com idéia de dar uma espiada naquele corredor envidraçado que ligava o setor dos adultos à Biblioteca Infantil. Continuava também sem modificações e, dali, parado bem ao lado dos ramos caídos de um salgueiro-chorão, ele podia ver pessoas indo e vindo. O antigo prazer o invadiu e chegou a esquecer

inteiramente o ocorrido no final do almoço do grupo antigo, pela primeira vez. Podia recordar-se caminhando até aquele exato lugar quando criança, somente no inverno, abrindo caminho através da neve que quase lhe chegava aos quadris, para então ficar ali, parado, por uns longos quinze minutos. Recordou que tornava a voltar no crepúsculo e, novamente, eram os contrastes que o atraíam e mantinham ali, com as pontas dos dedos ficando entorpecidos e a neve derretendo dentro de suas botas de borracha verde. Então, estaria bastante escuro no lugar em que se encontrava, o mundo ficando púrpura com as sombras precoces do inverno, o céu acinzentado no leste e avermelhado no oeste. Fazia uns dez graus negativos naquele ponto, um frio tremendo, que ficava ainda mais frio se houvesse vento soprando através da gelidez dos Barrens, como tantas vezes acontecia.

E lá, a menos de quarenta metros de onde se encontrava, as pessoas iam de um lado para outro, em mangas de camisa. Lá, a menos de quarenta metros de onde ele estava, estendia-se uma passagem em forma de túnel, inundada de ofuscante luz branca jogada pelas lâmpadas fluorescentes do alto. Crianças pequenas davam risadinhas juntas, namorados ginasianos caminhavam de mãos dadas (e se a bibliotecária os visse, mandaria que parassem com aquilo). De certo modo, tudo era mágico, mágico no bom sentido de ser ele ainda novo demais para pensar em coisas tão mundanas como energia elétrica e aquecimento a óleo. Magia era aquele ofuscante cilindro de luz e vida, ligando os dois prédios escuros como uma corda salva-vidas. A magia consistia em ver as pessoas usarem a passagem envidraçada e luminosa, cruzando-a através do escuro campo nevado, intocadas pela escuridão ou pelo frio. Aquilo as tornava adoráveis e semelhantes a deuses.

Eventualmente, ele ia embora (como estava fazendo agora) e contornava o prédio até a porta principal (como estava fazendo agora), mas sempre parava e olhava para trás uma vez (como estava fazendo agora), antes que a volumosa esquina de pedra da biblioteca dos adultos lhe cortasse a visão daquele delicado cordão umbilical.Pezarosamente divertido com a dor da nostalgia que lhe apertava o coração, Ben subiu os degraus para a porta da biblioteca dos adultos e parou um instante na estreita varanda além dos pilares, sempre tão alta e fresca, mesmo nos dias mais quentes. Então, empurrou a porta unida com ferro, tendo em sua espessura uma fenda para a passagem de livros, e entrou na quietude.

A força da memória quase o entonteceu por um momento, quando caminhou para a luz suave dos globos de vidro pendurados ao teto. A força não era física — não como um chute ou um tapa no queixo. Era mais semelhante à estranha sensação do tempo desdobrando-se para trás sobre si mesmo, àquilo que as pessoas chamam de *déjà-vu,* por falta de um termo melhor. Ben tivera tal sensação antes, mas ela nunca o atingira com tão desorientadora potência; nos segundos em que ficou parado junto à porta, foi como se estivesse literalmente perdido no tempo, não muito certo de qual a sua idade. Teria trinta e oito ou onze anos?

Ali estava a mesma quietude murmurante, rompida apenas por algum sussurro ocasional, o golpe surdo de um bibliotecário carimbando livros ou comunicados de empréstimos vencidos, o folhear roçagante de páginas de jornais ou revistas sendo viradas. Ele amou a qualidade da luz, tanto agora como outrora. Uma luz que penetrava em diagonal pelas janelas altas, cinzenta como asa de pombo naquela tarde chuvosa, uma claridade que, de certo modo, era sonolenta e preguiçosa.

Ben cruzou o piso amplo, com seu linóleo em padrão vermelho e preto já quase inteiramente gasto, tentando, como sempre fizera, amortecer os sons de suas pisadas — a biblioteca dos adultos subia até uma abóbada no meio do prédio, e todos os sons eram amplificados.

Viu que as escadas de ferro em caracol, levando às prateleiras de livros, continuavam no mesmo lugar, uma a cada lado da mesa principal em formato de ferradura, mas também viu que fora acrescentado um pequenino elevador semelhante a uma gaiola, em algum ponto dos vinte e cinco anos, desde que ele e sua mãe tinham ido embora da cidade. O detalhe foi uma espécie de alívio — amenizava um pouco a sufocante sensação de *déjà-vu.*

Sentiu-se como um invasor atravessando o piso amplo, um espião de outro país. Ficou esperando que a bibliotecária sentada à mesa erguesse a cabeça, olhasse para ele, e então o desafiasse, em tons claros e vibrantes que desfariam a concentração de cada leitor presente e focaliza-riam cada olho em sua pessoa: *"Você! Sim, você! O que veio fazer aqui? Não tem nada afazer neste lugar! Você é de Fora! Você é de Antes! Volte para o lugar de onde veio! Volte já, imediatamente, antes que eu chame a polícia!"*

Ela ergueu os olhos. Era jovem e bonita. Por um absurdo momento, Ben pensou que sua fantasia se tornaria realidade. O coração pulsou em sua garganta, quando os olhos azul-pálidos da moça encontraram os seus. Então, desviaram-se com indiferença e ele descobriu que podia andar novamente. Se era um espião, não fora detectado.

Passou por sob o caracol de uma das estreitas e quase letalmente íngremes escadas de ferro, a caminho do corredor que levava à Biblioteca Infantil, divertindo-se ao perceber (somente após tê-lo feito) que repetira outro antigo detalhe de seu comportamento de criança. Olhara para cima, esperando, como quando era menino, ver uma garota de saias descendo aquela escada. Recordou *(agora* conseguia recordar) que certo dia havia olhado para cima sem qualquer motivo especial, quando tinha oito ou nove anos. Então, estando diretamente abaixo de uma bonita garota do ginásio, pudera ver, pela barra da saia caqui do uniforme, nitidamente, que ela usava roupas de baixo cor-de-rosa. Como o súbito reflexo do sol na pulseira de tornozelo de Beverly Marsh, que houvera lançado uma seta de algo mais primitivo do que simples amor ou afeição através de seu coração, no último dia de aula de 1958, também ficara afetado pela visão das calcinhas da garota ginasiana. Ben se recordava sentado a uma mesa, na Biblioteca Infantil, pensando naquela visão inesperada talvez por uns vinte minutos. Sentia as faces e a testa queimando, tendo à sua frente um livro sobre a história dos trens, aberto e não lido, seu pênis um endurecido gravetinho nas calças, um gravetinho que fincara raízes em toda a extensão até o estômago. Fantasiara eles dois casados, morando em uma casinha nos arrabaldes da cidade, entregando-se a prazeres que nem de longe ele podia entender.

As sensações haviam cessado, quase tão subitamente como tinham começado, porém ele nunca mais passara debaixo da escada sem olhar para cima. Jamais vira qualquer coisa que o interessasse ou afetasse tanto (certa vez, uma senhora gorda vinha descendo com extremos de cautela, mas ele desviara apressadamente os olhos *daquela* visão, envergonhado, sentindo-se um violador), mas o hábito persistira — e tornara a repeti-lo, agora, como homem adulto.Encaminhou-se lentamente para a passagem envidraçada, podendo notar outras mudanças: decalques amarelos dizendo: A OPEP ADORA QUANDO VOCÊ DESPERDIÇA ENERGIA, PORTANTO, POUPE UM WATT! haviam sido afixados sobre os interruptores de luz. Ao penetrar naquele mundo em escala reduzida, onde mesas e cadeirinhas eram de madeira amarela e onde o bebedouro tinha apenas um metro e vinte de altura, Ben reparou que os retratos emoldurados na parede oposta não eram os de Dwight Eisenhower e Richard Nixon, mas de Ronald Reagan e George Bush. Quando se diplomara no quinto grau, Ben recordou que, naquele ano, Reagan tinha sido o anfitrião do *Teatro GE,* uma época em que George Bush ainda não teria trinta anos.

Contudo...

Aquela sensação de *déjà-vu* tornou a invadi-lo. Nada podia fazer contra isso e, desta vez, sentiu o entorpecido horror do homem finalmente percebendo que, após meia hora de inúteis braçadas, a praia não ficara mais perto e ele está se afogando.

Era a hora de histórias e, no recanto apropriado, cerca de uma dúzia de pequeninos ocupava solenemente um semicírculo de cadeirinhas, ouvindo a história. *"Quem é que está andando na minha ponte?"* disse a bibliotecária, nos tons graves e rosnantes do gigante do conto. Ben pensou: *Quando ela erguer a cabeça, verei que é a Srta. Davies, sim, será ela mesma e não terá envelhecido nem um dia...*

Entretanto, quando ela ergueu a cabeça, era muito mais nova do que a Srta. Davies havia sido.

Algumas crianças tapavam a boca e davam risadinhas, mas outras ficavam olhando para a jovem, seus olhos refletindo o eterno fascínio do conto de fadas: o monstro seria vencido... ou vencedor?

"Sou eu, o Bode Zangado, andando em sua ponte!" prosseguiu a bibliotecária, e Ben, muito pálido, passou junto dela, afastando-se.

Como é possível que seja a mesma história? Exatamente a mesma história? *E devo acreditar que seja apenas coincidência? Ora, mas é uma coisa que... droga, não acredito!*

Inclinou-se para o bebedouro, abaixando-se tanto que se sentiu como Richie em uma de suas rotinas de salamaleques.

Eu devia falar para alguém, pensou, em pânico. *Mike... Bill... alguém. Estará alguma coisa realmente unindo o passado e o presente aqui, ou estarei apenas imaginando? Por que se não estou, começo a ter dúvidas se agi bem, concordando com isso. Eu...*Ben olhou para a mesa de checagem e seu coração pareceu parar no peito por um momento, antes de começar a bater com redobrada rapidez. O pôster era simples, direto... e familiar. Dizia apenas:

lembre-se do toque de recolher.
19 HORAS
departamento de polícia de derry

Naquele instante, tudo pareceu ficar claro para ele — a noção lhe chegou em um espantoso jato de luz, deixando-o perceber que era uma piada o voto que haviam feito. Não havia retorno, nunca houvera. Estavam seguindo uma linha tão pré-ordenada como aquele aguilhão de memória que o fizera olhar para cima ao passar debaixo da escada que levava às estantes de livros. Havia um eco ali em Derry, um eco mortal — e tudo quando poderiam esperar, era que o eco se modificasse em favor deles, o suficiente para permitir que escapassem vivos.

— Cristo! — murmurou, esfregando com força a palma no rosto.

— Posso ajudar em alguma coisa, senhor?

A voz soara ao seu lado e ele sobressaltou-se um pouco. Era uma jovem de uns dezessete anos, com os cabelos louro-escuros afastados do bonito rosto de ginasiana, presos por travessas. Uma assistente de bibliotecário, sem dúvida; já existiam em 1958, garotos e garotas do ginásio que recolocavam livros nas prateleiras, explicavam às crianças como era usado o catálogo de registro, discutiam ensaios de livros e trabalhos escolares, ajudavam estudantes perplexos com suas notas de rodapé e bibliografias. O pagamento era uma ninharia, mas sempre havia jovens querendo fazer esse trabalho. Era uma tarefa agradável.

Na esteira de tais pensamentos, notando mais de perto a expressão amistosa, mas questionante da jovem, Ben recordou que ali não era o seu lugar — ali, parecia um gigante na terra dos pequeninos. Um intruso. Na biblioteca dos adultos, ficara inquieto ante a possibilidade de ser observado ou de falarem com ele, mas aqui isso era mais ou menos um alívio. Em primeiro lugar, provava que ainda era um adulto, e o fato da jovem estar visivelmente sem sutiã por baixo da camisa em estilo vaqueiro, também constituía mais um alívio do que preocupação: provava que estavam em 1985, não em 1958, porque ele podia perceber com clareza os bicos dos seios contra o algodão daquela camisa.

— Não, obrigado — respondeu. Então, sem qualquer motivo particular, ouviu-se acrescentando: — Eu procurava meu .filho.— Oh, é mesmo? Como se chama ele? Talvez eu o tenha visto. — Ela sorriu. — Conheço a maioria das crianças.

— O nome dele é Ben Hanscom, mas não o vi por aqui.

— Diga-me como ele é e lhe darei um recado, se houver algum.

— Hum... — disse Ben, parecendo pouco à vontade e começando a desejar que nunca houvesse iniciado aquilo, — ele é mais para gordo e parece um pouquinho comigo. De qualquer modo, não se preocupe. Se por acaso der com ele, basta dizer-lhe que seu pai apareceu por aqui, quando voltava para casa.

— Eu direi.

A jovem sorriu, mas o sorriso não lhe chegou aos olhos. Subitamente, Ben compreendeu que ela não se aproximara e falara com ele por mera polidez, apenas querendo ajudar. Aquela mocinha era uma assistente de bibliotecário na Biblioteca Infantil de uma cidade onde nove crianças haviam sido mortas, no espaço de oito meses. A pessoa via um homem estranho naquele mundo em escala reduzida, onde raramente surgiam adultos, exceto para levar os filhos ou recolhê-los. Surgia a suspeita... naturalmente.

— Obrigado — disse ele, oferecendo um sorriso que, esperava, fosse tranqüilizador.

Saiu dali a toda pressa, tornou a cruzar o corredor que levava à biblioteca dos adultos e dirigiu-se à mesa da bibliotecária, levado por um impulso que não entendia. Enfim, supunha que eles deveriam seguir os próprios impulsos aquela tarde, não? Seguir os impulsos e ver aonde os levariam.

O nome inscrito na placa sobre a mesa identificava a bela e jovem bibliotecária como Carole Danner. Atrás dela, Ben viu uma porta, com a folha em vidro fosco; sobre o vidro estava escrito MICHAEL HANLON BIBLIOTECÁRIO-CHEFE

— Em que posso ajudá-lo? — perguntou a Srta. Danner.

— Bem... espero que possa mesmo ajudar-me. Eu desejaria registrar-me na biblioteca.

— Muito bem — disse ela, pegando um formulário. — Reside em Derry?

— Não no momento.

— Então, qual o endereço da residência?

— Rota 2 Estrela Rural, Hemingford Home, Nebraska. — Ele fezuma ligeira pausa, divertido com a expressão da moça, e então soltou o código postal: — 59341.

— Isto é uma piada, Sr. Hanscom?

— De maneira alguma.

— Quer dizer que está de mudança para Derry?

— Não. Aliás, não há nenhum plano para mudar-me.

— É muito caminho feito para pedir livros emprestados, não? Por acaso não há bibliotecas em Nebraska?

— Trata-se mais de uma questão sentimental — disse Ben. Poderia ter refletido que seria embaraçoso contar a uma estranha, mas descobriu que não era. — Compreenda, eu fui criado em Derry. Esta é a primeira vez que volto aqui, desde meus tempos de criança. Estive andando por aí, vendo o que mudou e o que não mudou. Então, de repente lembrei que tinha passado cerca de dez anos de minha vida aqui, entre os três e os treze anos, sem ter uma só coisa para recordar aqueles anos passados. Nem mesmo um cartão-postal. Eu tinha alguns dólares de prata, mas perdi um e dei os outros para um amigo. Penso que, no fundo, eu queria uma recordação de minha infância. É um pouco tarde, mas não dizem que antes tarde do que nunca?

Carole Danner sorriu, e o sorriso tornou seu rosto de bonito para lindo.

— Acho que foi muita gentileza — disse ela. — Se não se incomoda de esperar dez ou quinze minutos, dando uma espiada por aí, terei seu cartão pronto, quando voltar a procurar-me.

Ben sorriu um pouco.

— Acho que deve haver uma taxa — disse. — Para residentes fora da cidade e coisa assim.

— O senhor tinha um cartão de matrícula quando era criança?

— Claro que tinha! — Ben sorriu. — Excetuando meus amigos, acho que o cartão da biblioteca era o mais importante...

— Pode vir até aqui, Ben? — chamou uma voz subitamente, varando o ar parado da biblioteca como um escalpelo.

Ele se virou bruscamente, com o mesmo senso de culpa de quando alguém grita em uma biblioteca. Não viu ninguém que conhecesse... e pouco depois percebeu que nenhum dos presentes erguera os olhos ou mostrara qualquer sinal de surpresa ou aborrecimento. Os velhos continuavam lendo seus exemplares do *News* de Derry, do *Globe* de Boston, *Na-tional Geographic, Time, Newsweek, U.S. News & World Report.* Nas mesas da Sala de Pesquisa, duas jovens do ginásio continuavam de cabeças unidas sobre um monte de jornais e uma pilha de fichas de arquivo. Vários curiosos prosseguiam examinando os livros alinhados nas prateleiras com a marcação FICÇÃO ATUAL — EMPRÉSTIMO POR SETE DIAS. Um velho, com um ridículo quepe de motorista, um cachimbo apagado preso entre os dentes, continuava folheando os desenhos de Luís de Vargas em uma pasta.

Ben se virou para a jovem novamente e reparou que ela o fitava com expressão intrigada.

— Algo errado?

— Não — sorriu ele. — Pensei ter ouvido alguma coisa. Acho que estou mais afetado pela fadiga de jato do que supunha. O que dizia?

— Bem, em realidade, *o senhor* é que dizia. Entretanto, eu ia acrescentar que, se tinha um cartão quando era residente, seu nome continua nos arquivos — disse ela. — Agora guardamos tudo em microfilmes. Acho que deve ser uma inovação, desde o seu tempo de criança.

— Sem dúvida — respondeu ele. — Muita coisa mudou em Derry... embora muitas outras pareçam ter continuado como eram.

— De qualquer modo, farei uma verificação e lhe darei um cartão de renovação. Sem qualquer pagamento de taxa.

— Isso é ótimo — replicou Ben.

Antes que pudesse agradecer, a voz tornou a romper o sacramentai silêncio da biblioteca, desta vez gritando mais alto, com perversa alegria: *"Venha até aqui, Ben! Venha até aqui, seu fodido gordinho! Esta É A Sua Vida, Ben Hanscom!"*

Ben pigarreou.

— Ficaria muito grato porisso — falou.

— Não tem de quê. — A jovem ladeou a cabeça ligeiramente, a fim de fitá-lo melhor. — Lá fora esquentou?

— Um pouco — disse ele. — Por quê?

— O senhor está...

"Foi Ben Hanscom!" gritou a voz. Vinha do alto — de onde ficavam as estantes elevadas. *"Ben Hanscom matou as crianças! Peguem-no! Agarrem-no!"*

— ... transpirando — completou ela.

— Estou? — perguntou ele, idiotamente.— Bem, vou fazer o que prometi. É só um instante.

— Obrigado — disse Ben.

Ela se sentou diante da velha máquina de escrever Royal, na quina de sua mesa. Ben afastou-se em passos lentos, o coração disparando dentro do peito. Sim, estava suando; podia sentir o suor escorrendo na testa, nas axilas, por entre os pêlos do tórax. Erguendo os olhos, divisou Parci-monioso, o palhaço, em pé no alto da escada da esquerda, espiando para ele. Tinha o rosto branco de tinta de maquilagem teatral. O batom era um borrão sangrento na boca, que exibia um sorriso assassino. Havia buracos vazios onde os olhos deveriam estar. Ele segurava um punhado de balões em uma das mãos e tinha um livro na outra.

Não é ele, pensou Ben. *É A Coisa. Aqui estou eu, em pé debaixo da rotunda da Biblioteca Pública de Derry, em uma tarde de fins da primavera de 1985. Sou um homem adulto e me encontro frente a frente com o meu maior pesadelo da infância. Frente a frente com A Coisa.*

— Suba até aqui, Ben! — chamou Parcimonioso. — Não vou machucá-lo. Tenho um livro para você! Um livro... e um balão. Suba até aqui!

Ben abriu a boca para gritar: *Deve estar louco, se pensa que vou subir até aí,* mas percebeu de repente que, se fizesse isso, todos se voltariam para fitá-lo, todos ali pensariam: *Quem é esse doido?*

— Oh, sei que não pode responder — disse Parcimonioso, dando uma risadinha. — Quase o enganei há pouco, não foi? "Desculpe, senhor, mas tem Príncipe Alberto enlatado?... Tem?... Oh, por que não deixa o coitado sair da lata?" "Desculpe, senhora, mas sua geladeira está andando bem?... Está?... Então, por que não corre atrás dela e a traz de volta?"

No alto do patamar da escada, o palhaço jogou a cabeça para trás e riu agudamente. Sua risada rugiu e ecoou no alto da rotunda, como uma revoada de morcegos negros. Ben precisou apelar para toda a sua força de vontade, a fim de não tapar os ouvidos com as mãos.

— Suba até aqui, Ben! — tornou a convidar Parcimonioso. — Conversaremos. Em campo neutro. O que me diz?

Não vou subir aí, pensou Ben. *Quando eu finalmente chegar perto de você, acho que não quererá ver-me. Nós vamos matá-lo.* O palhaço tornou a rir com estridência.

— Matar-me? *Matar-me?* — E, de repente, de maneira horrível, a voz era a de Richie Tozier, não a voz *dele,* precisamente, mas Rich fazendo sua Voz de Negrinho Sulista: — Num me mate, sinhô! Prometo sê um bom negrinho! Num mate este seu negrinho, Monte de Feno!

O riso estridente tornou a soar. Trêmulo, pálido, Ben cruzou o ecoante centro da biblioteca dos adultos. Tinha a sensação de que logo vomitaria. Parou diante de uma

prateleira de livros, tirou um ao acaso, puxando-o com uma mão que tremia ostensivamente. Seus dedos gelados passaram rapidamente pelas páginas.

— É sua única chance, Monte de Feno! — gritou a voz, atrás e acima dele. — Saia da cidade. Vá embora, antes que anoiteça. Estarei atrás de você esta noite... de você e dos outros. Estão velhos demais para que me detenham, Ben. *Todos* vocês estão muito velhos. Velhos demais para fazerem outra coisa, além de caminhar para a morte. Vá embora, Ben. Quer ver esta noite?

Ele se virou devagar, ainda segurando o livro entre as mãos gélidas. Não queria olhar, mas era como se uma mão invisível, debaixo de seu queixo, lhe forçasse a cabeça, cada vez mais para cima.

O palhaço desaparecera. Era Drácula quem estava em pé no alto da escada da esquerda, mas não o Drácula do filme; não era Bela Lugosi, Christopher Lee, Frank Langella, Francis Lederer ou Reggie Nalder. O que estava lá era um ancião, algo com uma semelhança de homem, o rosto parecendo uma raiz torcida. As faces tinham uma palidez mortal, os olhos eram vermelho-purpúreos, da cor de salpicos de sangue. A boca caía aberta, revelando um punhado de lâminas Gillette Azul, afixadas angularmente nas gengivas; era como espiar para um mortífero labirinto de espelhos, onde um só passo em falso poderia cortar o sujeito ao meio.

— CRR-RRUNCH! — gritou aquilo, fechando as mandíbulas de chofre. Pedaços cortados de lábios caíram para a lustrosa seda branca da camisa formal, escorregando pela frente e deixando para trás rastros sangrentos que pareciam uma trilha de lesmas.

O que Stan Uris viu antes de morrer? gritou agora para ele o vampiro do patamar da escada, rindo através do buraco ensangüentado de sua boca. *Seria o Príncipe Alberto em uma lata? Seria David Crockett, o Rei do Oeste Selvagem? O que foi que ele viu, Ben? Quer ver o mesmo também? O que foi que ele viu? O que foi que ele viu?*

A gargalhada estridente tornou a soar e Ben percebeu que também acabaria gritando, sim, não havia meios de deter o grito, ele ia sair. Havia sangue escorrendo do patamar, em um horrendo chuveiro. Uma gota caíra na mão artrítica e encarquilhada de um velho que lia *The Wall Street Journal.* Agora, escorria-lhe por entre os nós dos dedos, invisível e não percebida.

Ben prendeu o fôlego, certo de que o grito se seguiria, algo impensável na quietude daquela tarde de primavera levemente chuvosa, algo tão chocante como a cutilada de uma faca... ou uma cusparada de lâminas de barbear.

Contudo, o que houve não foi um grito, mas um trêmulo e irregular sussurro. Não um grito, um sussurro muito baixo, como uma oração:

— Nós fizemos balas com ele, claro. Transformamos o dólar em balas de prata.

O cavalheiro do quepe de motorista, aquele que estivera examinando os desenhos de Vargas, ergueu os olhos vivamente.

— Tolices — disse ele.

Alguém fez "Pssst!" para o velho, com ar irritado.

— Sinto muito — disse Ben, em voz baixa e trêmula. Tinha uma vaga percepção de que o suor agora lhe escorria pelo rosto e de que sua camisa estava colada ao corpo. — Estava pensando em voz alta.

— Tolices — repetiu o velho, em voz mais alta. — Não se pode fazer balas com dólares de prata. É um equívoco comum. Ficção barata. O problema é com a gravidade específica...

De repente, a bibliotecária, a Srta. Danner, estava ali.

— Precisa calar-se, Sr. Brockhill — disse ela, em voz suave, — Os outros estão lendo...

— O homem não está bem — disse Brockhill abruptamente, voltando à sua leitura. — Dê-lhe uma aspirina, Carole.

Carole Danner olhou para Ben e seu rosto mostrou preocupação.

— Sente-se *mal,* Sr. Hanscom? Sei que não é muito educado dizer isto, mas está com uma aparência terrível.

— Eu... eu almocei comida chinesa — disse Ben. — Acho que me perturbou a digestão.

— Se quiser repousar um pouco, há uma cama de campanha no escritório do Sr. Hanlon. O senhor poderia...

— Não, obrigado, não é preciso.

— O que ele queria não era deitar, mas dar o fora da Biblioteca Pública de Derry o mais depressa possível. Ergueu os olhos para o alto daescada. O palhaço desaparecera. O vampiro também. Contudo, havia um balão de gás atado ao baixo corrimão de ferro forjado que circundava o patamar. E escritas em sua pele inchada, estavam as palavras: TENHA, UM BOM DIA! VOCÊ MORRERÁ ESTA NOITE!

— Consegui seu cartão para a biblioteca — disse ela, pousando mão de leve em seu braço. — Ainda o quer?

— Quero sim, obrigado — disse Ben. Aspirou uma funda e trêmula golfada de ar. — Lamento muito sobre tudo isto.

— Espero que a comida de seu almoço não estivesse estragada — disse ela.

— Não daria certo — falou o Sr. Brockhill, sem erguer os olhos de seus desenhos e sem tirar o cachimbo apagado do canto da boca. — Invencionices de ficção barata. Os cartuchos caíram.

Voltando novamente a falar, sem perceber o que ia dizer, Ben replicou:

— Foram *balas,* não cartuchos. Quase imediatamente, percebemos que não poderíamos fazer cartuchos. Quero dizer, éramos apenas crianças. Eu tive a idéia de...

— *Pssst!* — fez alguém outra vez.

Brockhill olhou para Ben ligeiramente pasmo, pareceu que ia falar, mas depois tornou a concentrar-se nos desenhos.

Em sua mesa, Carole Danner entregou-lhe um pequeno cartão ala-ranjado com as palavras BIBLIOTECA PÚBLICA DE DERRY impressas no topo. Divertido, Ben refletiu que aquele era o primeiro cartão de biblioteca para adulto que já possuíra na vida. O que possuía em criança era amarelo-canário.

— Tem certeza de que não quer deitar-se um pouco, Sr. Hanscom?

— Já me sinto melhor, obrigado.

— Tem certeza? Ele conseguiu sorrir.

— Sim, tenho.

— Realmente, parece um pouco melhor — disse ela, mas dubitativamente, como se compreendesse ser o adequado a comentar, embora não acreditando nisso.

A seguir, ela manteve um livro sob o dispositivo de microfilmes que agora usava para registrar as obras emprestadas, e Ben foi tomado por um senso de divertimento quase histérico. *É o livro que tirei da proteleira, quando o palhaço começou a fazer sua Voz de Negrinho Sulista,* pensou. *Ela achou que eu queria levá-lo. Faço minha primeira retirada na Biblioteca Pública de Derry em vinte e cinco anos, mas nem ao menos sei qual o título do livro. Aliás, pouco importa. Permita apenas que eu vá embora daqui, certo? Isso será o suficiente.*

— Obrigado — disse ele, colocando o livro debaixo do braço.

— Será sempre bem-vindo, Sr. Hanscom. Não quer mesmo tomar uma aspirina?

— Não há necessidade, obrigado — disse ele, e então vacilou. — Por acaso, sabe o que aconteceu à Sra. Starrett? Era a chefe da Biblioteca Infantil.

— Ela faleceu — respondeu Carole. — Há três anos. Ouvi dizer que teve um ataque cardíaco. Foi uma pena. Era relativamente nova... creio que cinqüenta e oito ou cinqüenta e nove anos. O Sr. Hanlon manteve a Biblioteca fechada, em respeito pelo dia em que a Sra. Starrett morreu.

— Oh! — exclamou Ben, sentindo um vazio no coração.

Eis o que ocorre, quando você retorna ao seu como-era-antes, segundo diz a canção. A glace do bolo era doce, mas o que havia por baixo dela amargava. As pessoas nos esquecem, morrem para nós, perdem cabelos e dentes. Em alguns casos, descobrimos que perderam o juízo. Oh, era formidável estar vivo! Poxa, se era!

— Sinto muito — disse ela. — Gostava da Sra. Starrett, não?

— Todas as crianças gostavam dela — disse Ben, e ficou alarmado ao perceber que as lágrimas agora estavam iminentes.

— O senhor está...

Se ela perguntar se estou bem uma vez mais, vou acabar chorando de verdade. Ou gritando. Ou fazendo qualquer coisa. Ben olhou para seu relógio.

— Realmente, agora preciso correr. Obrigado por tanta gentileza.

— Tenha um dia agradável, Sr. Hanscom. *Sem dúvida. Porque esta noite morrerei.*

Ergueu um dedo para ela, em despedida, e começou a cruzar o piso. O Sr. Brockhill tornou a olhar para ele, de maneira penetrante e desconfiada.

Ben ergueu os olhos para o patamar no alto da escada da esquerda. O balão de gás continuava flutuando lá, atado por seu cordel ao ferro trabalhado. Agora, no entanto, as palavras nele impressas diziam:

EU MATEI BARBARA STARRETT!
— PARCIMONIOSO, O PALHAÇO

Ben desviou os olhos, sentindo que as pulsações em sua garganta voltavam a acelerar-se. Quando saiu, ficou espantado com a luz do sol — as nuvens acima estavam sendo dispersadas e um cálido sol de fins de maio jogava sua luminosidade para baixo, dando à relva uma aparência impossivelmente verde e exuberante. Ben sentiu algo começar a erguer-se de seu coração. Era como se houvesse deixado para trás uma carga insuportável, na biblioteca... e então olhou para o livro que retirara inadvertidamente. Seus dentes entrechocaram-se com súbita e dolorosa força. O título era *Bulldozer,* de Stephen W. Meader, um dos livros que tomara da biblioteca no dia em que tinha mergulhado nos Barrens a fim de livrar-se da perseguição de Henry Bowers e seus amigos.

Por falar em Henry, na capa do livro ainda havia as marcas de sua bota ferrada.

Tremendo, folheando as páginas atabalhoadamente, ele chegou ao final. A biblioteca passara a adotar um sistema de checagem microfilmado, ele mesmo *vira* isso. No entanto, havia ainda um bolso nas costas daquele livro, com um cartão em seu interior. Em cada linha do cartão, via-se um nome escrito, seguido pelo carimbo da bibliotecária, com a data de devolução. Ao examinar o cartão, Ben viu o seguinte:

ENTREGUE A	DEVOLUÇÃO NA DATA CARIMBADA
Charles N. Brown	14 MAI 58
David Hartwell	1 JUN 58

Joseph Brennan 17 JUN 58

E na última linha do cartão, sua própria assinatura infantil, escrita em fortes garranchos de lápis:

Benjamin Hanscom 9 JUL 58

Carimbada em seu cartão, diagonalmente, carimbada na folha de guarda do livro, carimbada através da espessura das páginas, carimbada vezes e vezes, em borrada tinta vermelha que parecia sangue, havia apenas uma palavra: CANCELADO.

— Oh, meu Deus! — murmurou Ben. Ele não sabia o que mais dizer; estas palavras pareciam abranger toda a situação: — Oh, meu Deus, oh, meu Deus...

Ficou parado àquela recente luz do sol, de súbito perguntando-se o que estaria acontecendo aos outros.

2

Eddie Kaspbrak faz uma jogada

Eddie desceu do ônibus na esquina da Ruâ Kansas com a Alameda Kossuth. A Kossuth era uma rua que descia cerca de quatrocentos metros colina abaixo, antes de terminar abruptamente onde a terra esboroada descia para os Barrens. Ele não fazia a menor idéia do motivo de ter escolhido aquele ponto para descer do ônibus; a Alameda Kossuth nada lhe significava e ele não conhecera ninguém naquele setor particular da Rua Kansas. Entretanto, esse lhe parecera o lugar certo. Era tudo quanto sabia e, a essa altura, parecia o bastante. Beverly desembarcara do ônibus com um ligeiro aceno de mão em uma das paradas da parte baixa da Rua Main. Mike levara seu carro de volta à biblioteca.

Agora, olhando o pequeno e um tanto absurdo ônibus Mercedes afastar-se, ele se perguntou o que, exatamente, estava fazendo ali, parado em uma esquina obscura, em uma obscura cidade, a quase oitocentos mil quilômetros de distância de Myra, que, sem dúvida, estaria chorando de preocupação por sua causa. Sentiu um instante de quase dolorosa vertigem. Tocou o bolso do paletó e recordou que deixara sua Dramamina no Hotel Town House, juntamente com o resto de sua farmacopéia. De qualquer modo, tinha aspirina. Para Eddie, sair de casa *sem* aspirina, era como sair *sem* calças. Engoliu duas a seco e começou a caminhar ao longo da Rua Kansas, pensando vagamente que poderia ir à Biblioteca Pública ou talvez cruzar para a Avenida Costello. O dia começava a ficar com o céu limpo, e ele supôs que poderia inclusive ir até a Broadway Oeste, a fim de admirar as antigas residências vitorianas que se erguiam nos dois únicos quarteirões residenciais realmente belos em Derry. Eddie costumava fazer isso às vezes, quando criança — apenas caminhar pela Broadway Oeste, de maneira casual, como se estivesse indo para algum destino definido. Havia a casa dos Mueller, perto da esquina de Witcham e Broadway Oeste, uma casa vermelha com torrinhas a cada lado e cercas-vivas à frente. Os Mueller tinham um jardineiro que sempre fitava Eddie com olhos de suspeita, até que ele se afastasse, seguindo seu caminho.

Havia ainda a casa dos Bowie, a quarta depois da dos Mueller, no mesmo lado da rua — um dos motivos, supunha ele, por que Greta Bowie e Sally Mueller tinham sido tão amigas no primário. Era de ripas verdes e também tinha torrinhas... mas enquanto as torrinhas da casa dos Mueller eram retangulares, as da casa dos Bowie rematavam-se com engraçadas coisas em forma de cone, que a Eddie pareciam atarracados chapéus pontudos, semelhantes aos enfiados na cabeça dos alunos vadios. No verão, sempre havia mobiliário de jardim no lado gramado — uma mesa, com um vistoso guarda-sol amarelo que a cobria, cadeiras de vime e uma rede de cordas, espichada entre duas árvores. Também sempre havia um jogo de croquê disposto nos fundos. Eddie sabia disto, embora nunca houvesse sido convidado à casa de Greta para jogar croquê. Caminhando diante da casa por casualidade (como se estivesse indo para algum lugar), às vezes ele ouvia o clique das bolas, risadas e resmungos, quando a bola de alguém ia "fora". Um dia chegara a ver a própria Greta, com uma limonada em uma das mãos e o malho de croquê na outra, tão bonita e esguia, que poeta nenhum conseguiria descrevê-la (até os ombros queimados de sol pareciam maravilhosamente belos a Eddie Kaspbrak, que na época tinha nove anos), indo buscar sua bola que havia sido enviada "fora". A bola ricocheteara em uma árvore e, por isso, Greta entrara no campo visual de Eddie.

Ele ficou um pouco apaixonado por Greta nesse dia — os brilhantes cabelos louros da menina caíam sobre os ombros de seu vestido saia-calça, que era em um tom azul-frio. Ela olhou em torno e, por um instante, Eddie pensou que tinha sido visto, mas fora engano, porque quando ergueu a mão em um tímido olá, Greta não ergueu a dela também, limitando-se a jogar sua bola de volta para o gramado dos fundos e correr para acompanhá-la. Ele fora embora sem ressentimento pelo olá não retribuído (acreditava realmente que Greta não o tinha visto) ou pelo fato de nunca ter sido convidado para um dos jogos de croquê nas tardes de sábado: por que uma garota bonita como Greta Bowie convidaria um menino como ele? Era asmático, de peito magro, com uma cara de rato d'água afogado.

Sim, pensou, caminhando sem rumo pela Rua Kansas, *eu devia terido à Broadway Oeste e tornar a espiar aquelas casas... a dos Mueller, dos Bowie, do Dr. Hale, dos Tracker...*

Seus pensamentos interromperam-se bruscamente àquele último nome, porque — falai no diabo! — ali estava ele, parado diante do Depósito de Caminhões dos Irmãos Tracker.

— Logo aqui! — exclamou Eddie em voz alta, e riu. — Filho da mãe! A casa na Broadway Oeste, que pertencera a Phil e Tony Tracker, uma dupla de celibatários vitalícios, provavelmente era a mais bela entre as maiores daquela rua, um prédio de meados da época vitoriana, imaculadamente branco, com verdejantes gramados e canteiros de flores que competiam entre si (de maneira puramente paisagística, é claro), durante toda a primavera e ao longo do verão. A entrada para carros era recapeada a cada outono, de maneira que sempre permanecia negra como um espelho escuro, as telhas de ardósia dos inúmeros planos inclinados do teto exibiam sempre um perfeito verde-hortelã, combinando quase exatamente com o gramado e, às vezes, algumas pessoas paravam para tirar fotos das janelas com mainel, que eram muito antigas e espetaculares.

— Dois homens que se dão ao trabalho de manter uma casa tão bonita, só podem ser homossexuais — dissera a mãe de Eddie certa vez, em tom desdenhoso, e ele não ousara pedir um esclarecimento.

O Depósito de Caminhões era o oposto exato da residência Tracker, na Broadway Oeste. Consistia de uma estrutura baixa de tijolos, estes já velhos e esboroando-se em alguns lugares, com seu tom laranja-sujo matizando-se para um fuliginoso negro, na parte

inferior da construção. As janelas eram uniformemente sujas, exceto por um pequeno trecho circular em uma das vidraças inferiores, no escritório do gerente. Aquela única vidraça fora mantida escrupulosamente limpa por garotos antes de Eddie e outros que vieram depois dele, porque o gerente tinha um calendário *Playboy* em sua mesa. Nenhum garoto chegava para uma pelada de beisebol nos fundos, sem primeiro fazer uma parada para limpar a vidraça com sua luva de jogo e examinar a *pinup* daquele mês.

O depósito era circundado por um terreno baldio de cascalho, em três lados. Os transportadores de longa distância — caminhões blindados da GM, Kenworth e Rio — todos tendo pintadas as palavras IRMÃOS

TRACKER DERRY NEWTON PROVIDENCE HARTFORD NOVA YORK, às vezes ficavam estacionados ali, em confusa e desordenada profusão. Em outras, eram colocados lado a lado, havendo ocasiões em que por ali eramvistas apenas as cabines ou carrocerias, paradas e silenciosas sobre as rodas traseiras ou suportes.

Sempre que possível, os irmãos mantinham seus caminhões fora do terreno aos fundos do prédio, porque ambos eram fanáticos por beisebol e gostavam que os garotos aparecessem para jogar ali. Phil Tracker era motorista de um caminhão de transporte, de maneira que os garotos raramente o viam, mas Tony Tracker, um homem de braços volumosos como pranchas e uma barriga combinando, cuidava dos livros e da parte administrativa. Eddie nunca jogava (sua mãe o mataria, se o soubesse jogando beisebol, correndo e levando poeira aos pulmões delicados, arriscando-se a pernas quebradas, concussões e só Deus sabia mais o que), mas estava acostumado a vê-lo. Ele era uma figura permanente no verão; para Eddie, sua voz fazia tanta parte do jogo, como faria a de Mel Allen, mais tarde: Tony Tracker, grandalhão, mas de certa forma espectral, com sua brilhante camisa branca, enquanto o crepúsculo estival ia caindo e vaga-lumes começavam a riscar o ar com seu rendilhado luminoso, gritando: *"Você tem que estar embaixo dessa boula antes que possa pegá-la, Ruivo!... Você não estava olhando para a boula, Baixinho! Se não olhar para ela, como é que pode acertar a maldita coisa?... Vamos, Perna-de-pau! Ponha os solados dos tênis na cara desse segundo* baseman, *ele* nunca *vai poder alcançá-lo!"*

Tony Tracker jamais os chamava pelos nomes, Eddie podia recordar. Era sempre "ei, Ruivo", "ei, Louro", "ei Quatro-olhos", "ei, Baixinho". E nunca era uma bola, era sempre uma boula. Nunca era um bastão, mas algo que ele chamava de "cabo de machado", como em "Você nunca vai acertar essa boula, se ficar engasgado com o cabo de machado, Perna-de-pau!"

Sorrindo, Eddie aproximou-se um pouco mais... e então o sorriso desapareceu. O comprido prédio de tijolos, onde encomendas haviam sido processadas, caminhões consertados e mercadorias estocadas a curto prazo, agora estava escuro e silencioso. Ervas daninhas creciam através do cascalho e não haviam caminhões em nenhum dos pátios laterais... apenas uma só carroceria, os lados enferrujando e opacos.

Chegando ainda mais perto, ele viu que havia um cartaz de corretor de imóveis dizendo À VENDA, pregado à janela.

A firma Tracker abandonou os negócios, pensou, surpreso ante a tristeza que a idéia encerrava... como se alguém houvesse morrido. Ficousatisfeito por não ter caminhado até a Broadway Oeste. Se os Irmãos Tracker podiam ter fracassado — os Irmãos Tracker, que lhe haviam parecido eternos, — o que aconteceria àquela rua por onde tanto gostava de passar em seus tempos de menino? Inquieto, percebeu que não queria saber. Não queria ver Greta Bowie com fios grisalhos nos cabelos, as pernas e quadris volumosos por ficar tanto tempo sentada, comendo e bebendo; era melhor — mais seguro — manter distância daquilo.

É o que todos devíamos ter feito, mantido distância. Nada temos a fazer aqui. Voltar para onde nos criamos é como fazer algum truque maluco de ioga, botando os pés na boca e, de algum modo, engolindo-nos, até que nada mais reste; isso não pode ser feito, e qualquer pessoa lúcida ficaria puta de contente por não poder... hum, afinal de contas, o que terá acontecido a Tony e Phil Tracker?

Para Tony, talvez um ataque cardíaco; ele estivera carregando em cima dos ossos uns trinta quilos extras de carne. A gente precisa tomar cuidado para não sobrecarregar o coração. Os poetas podiam romancear sobre corações partidos e Barry Manilow cantar sobre eles, o que Eddie achava ótimo (ele e Myra tinham todos os álbuns de discos que Barry Manilow já gravara), mas pessoalmente ele preferia um bom e sólido ECG a cada ano, Certo, sem dúvida o coração de Tony pifara, não agüentando mais. E Phil? Azar na estrada, talvez. Eddie, que ganhava a vida atrás do volante (ou ganhara; atualmente, apenas conduzia celebridades, passando o resto de seu tempo atrás de uma mesa de escritório), sabia bem sobre a má sorte nas rodovias. O velho Phil podia ter sofrido algum desastre em algum lugar de New Hampshire ou nas Hainesville Woods, pelo norte do Maine, em uma estrada congelada, ou talvez houvesse perdido os freios em alguma ladeira íngreme ao sul de Derry, ao rodar para Haven debaixo de uma chuva de primavera. Estas e outras coisas a gente ouve naquelas musiquinhas *country* horrorosas, falando de motoristas de caminhão que usavam chapéus Stetson e haviam acabado mal. Dirigir negócios atrás de uma mesa podia ser algo solitário, mas Eddie ocupara algumas vezes o assento do motorista, com o aspirador ao alcance, sobre o painel de instrumentos, o disparador refletindo-se espectralmente no pára-brisa (e uma batelada de pílulas no porta-luvas), desta forma sabendo que a verdadeira solidão tinha um tom vermelho-borrado: a cor das lanternas traseiras do veículo à frente, refletindo-se no asfalto molhado pela chuva.— Oh, merda, o tempo passa... — disse Eddie Kaspbrak, em suspirado sussuro, sem perceber que falara em voz alta.

Sentindo-se melancólico e infeliz — um estado de ânimo que nele era bem mais comum do que se imaginaria — Eddie deu volta ao prédio, os mocassins Gucci rangendo sobre o cascalho, a fim de ver o terreno onde eram disputados os jogos de beisebol quando ele era criança. Naquela época, o mundo lhe parecera composto de crianças, em noventa por cento.

O terreno não mudara muito, porém um olhar bastou para convencê-lo, sem sombra de dúvida, de que os jogos haviam cessado — uma tradição que simplesmente morrera, em alguma época dos anos intermediários, por motivos próprios.

Em 1958, o quadrilátero da pequena área não havia sido definido apenas por linhas de cal, mas também por sulcos produzidos pelos pés correndo. Eles não possuíam *bases* reais, aqueles garotos que tinham jogado beisebol nesse lugar (todos mais velhos do que os Perdedores, embora Eddie agora recordasse que Stan Uris tinha jogado algumas vezes; seus arremessos eram apenas razoáveis, mas podia correr depressa na grande área e tivera os reflexos de um anjo), excetuando-se os quatro pedaços de lona suja que ficavam guardados no compartimento onde eram carregados os caminhões. Havendo garotos em número suficiente para o jogo no terreno dos fundos, aqueles pedaços de lona eram solenemente apanhados e, da mesma forma, solenemente guardados quando as sombras da noite impediam a continuação do jogo.

Agora, em pé ali, Eddie não via mais qualquer traço de sulcos de pisadas desenhando os contornos do quadrilátero. O mato crescera entre o cascalho, em retalhada profusão. Cacos de garrafas de soda e cerveja brilhavam, espalhados aqui e ali; nos velhos tempos, restos de vidro quebrado teriam sido religiosamente removidos. O único que continuava como antes era o aramado nos fundos do terreno, com quatro metros de

altura e tão enferrujado como sangue seco, emoldurando o céu em uma multidão de formas losangulares.

Era aqui o território do home-run (*Golpe que permite ao batedor completar o circuito das bases. - N. da T.*), pensou Eddie confusamente, com as mãos nos bolsos, em pé no lugar onde estivera a base do batedor, vinte e sete anos atrás. *Passando por cima do aramado, uma bola iria cair nos Barrens. Costumavam dar-lhe o nome de Automático.*

Riu alto, e então olhou nervosamente em torno, como se algum fantasma é que houvesse rido, não um sujeito vestindo calças esportivas de sessenta dólares, um cara tão sólido como... bem, tão sólido como... como...

Corte essa, Eds, a voz de Richie pareceu sussurrar. *Você nada tem de sólido e, nestes últimos poucos anos, as garças foram bem poucas e espaçadas, certo?*

— Certo, certo — disse Eddie em voz baixa, chutando algumas pedras que chocalharam a distância.

De fato, ele vira apenas duas bolas passarem por cima do aramado, fechando o terreno aos fundos da Irmãos Tracker, ambas atiradas pelo mesmo garoto: Arroto Huggins. Arroto era quase grotescamente grande, já com um metro e oitenta aos doze anos e pesando talvez uns oitenta e cinco quilos. Arranjara tal apelido porque era capaz de produzir arrotos de espantosa duração e sonoridade — em suas melhores exibições soando como um cruzamento entre uma cigarra e uma rã-touro. Por vezes, batia rapidamente com a mão sobre a boca aberta, enquanto arrotava, emitindo um som semelhante ao de um índio rouco.

Arroto havia sido grande, mas não realmente gordo, Eddie recordava agora, mas era como se Deus jamais houvesse pretendido que um menino de doze anos chegasse a tão notável tamanho: se não houvesse morrido naquele verão, talvez atingisse um e oitenta e cinco ou ainda mais e, com o tempo, poderia ter aprendido a manobrar seu corpanzil por entre um mundo de cidadãos menores. Eddie refletiu que, inclusive, ele teria podido aprender a ser gentil. Aos doze anos, no entanto, Arroto tanto tinha de desajeitado como de mau, não retardado mental mas quase parecendo sê-lo, porque todos os gestos de seu corpo eram incrivelmente desgraciosos e bruscos. Ele nada possuía dos ritmos interiores de Stanley; era como se o corpo de Arroto não se comunicasse com o cérebro, mas vivesse em seu próprio cosmos de lenta movimentação. Eddia podia recordar o entardecer em que uma longa e preguiçosa bola fora atirada diretamente à posição de Arroto na grande área — e ele nem se moveu. Ficou olhando para cima, com a mão enluvada erguida, em um gesto quase vago. Em vez de ser aparada dentro da luva, a bola lhe batera certeiramente no topo da cabeça, produzindo um *bonk!* surdo. Era como se ela houvesse caído de um terceiro andar, sobre o capo de um seda Ford. A bola ricocheteou no chão, subiu cerca de metro e meio, para entãoencaixar-se limpamente na luva de Arroto. Um desafortunado garoto chamado Owen Phillips tinha rido do som que a bola produzira. Arroto caminhara para ele e lhe chutara o traseiro com tanta força, que o menino correu para casa chorando, com um buraco nos fundilhos das calças. Ninguém mais riu... pelo menos, não ali. Eddie supôs que, se Richie Tozier estivesse presente, também teria aderido ao riso e, com toda probabilidade, Arroto o enviaria ao hospital. Era fácil ele ser posto para fora do jogo por não ter rebatido a bola três vezes e, quando acertava uma jogada rasteira, até os mais desajeitados jogadores não tinham qualquer problema em atirar a bola, para que chegasse à base antes do batedor. Entretanto, quando ele conseguia pegar uma, entre todas as jogadas, ela seguia um longo, longuíssimo trajeto. As duas bolas que Eddie vira Arroto jogar acima do aramado tinham sido algo de notável. A primeira jamais fora recuperada, embora mais de uma dúzia de garotos

vasculhasse meticulosamente a íngreme ladeira que mergulhava nos Barrens, procurando por ela.

A segunda, no entanto, *fora* recuperada. A bola pertencia a outro aluno do sexto grau (Eddie não recordava seu nome, apenas que os outros garotos o chamavam de Funga-funga, porque estava sempre resfria-do) e estivera em uso pela maior parte do final da primavera e começo do verão de 58. Em resultado, ela deixara de ser a quase perfeita criação esférica branca, de couro de cavalo e costuras vermelhas, de quando tinha saído da embalagem; agora estava desgastada, manchada de capim e cortada em vários lugares pelas centenas de ricochetes no cascalho da grande área. Suas costuras começavam a desfazer-se em uma parte, e Eddie, que devolvia bolas atiradas para fora, quando sua asma não estava forte (adorando cada casual *Obrigado, garoto!* ao devolver a bola aos jogadores), sabia que em breve alguém surgiria com um rolo de fita adesiva por fricção, da marca "Gato Preto", a fim de garantir à bola talvez mais uma semana de uso.

Antes desse dia chegar, no entanto, um garoto do sétimo grau com o impossível nome de Stringer (barrote) Dedham, usou com Arroto Hug-gins uma jogada que julgou ser uma "mudança de velocidade".) Arroto cronometrou a jogada perfeitamente (nas lentas é que ele era pior) e deu uma bastonada tão forte na envelhacida bola 'Spanding" de Funga-funga, que sua cobertura se soltou, indo cair a cerca de meio metro da segunda base, como uma grande mariposa branca. Quanto à própria bola, continuou subindo e subindo, em um esplendoso céu crepuscular, desfazen-do-se cada vez mais ao prosseguir em sua trajetória, acompanhada pelos garotos em um atordoado espanto. A bola elevou-se ainda mais e, sempre subindo pelos ares, passou acima do aramado. Eddie se lembrava de ter ouvido Stringer Dedham dizer "Puta merda!" em voz baixa e reverente, seguindo com os olhos a bola que deixava no céu um rastro atrás de si — e todos podiam apreciar o cordão que se ia desenovelando de seu interior. Ela ainda não havia tocado o solo, e seis garotos já escalavam o aramado, como macacos. Eddia podia recordar Tony Tracker rindo, era um riso singular, semelhante ao grito do mergulhão, ao mesmo tempo em que bradava:

— Uma jogada digna do Yankee Stadium! Ouviram? Digna do *puto Yankee Stadium!*

Peter Gordon é que encontrara a bola, não muito longe da corrente onde, menos de três semanas depois, o Clube dos Perdedores construiria sua represa. O que restou da bola não chegaria a uma espessura de dez centímetros, na direção de seu centro; era uma espécie de absurdo milagre, o fato de não se ter rompido, uma só vez, o cordel do recheio entrançado.

Em silencioso assentimento, os meninos tinham levado os remanescentes da bola de Funga-funga para Tony Tracker, que os examinou sem dizer palavra, cercado pelos garotos também emudecidos. Visto a distância, aquele círculo em torno do homem alto e de ventre volumoso poderia ter parecido quase religioso, na própria intenção — a veneração de um objeto sagrado. Arroto Huggins nem mesmo fizera a corrida em volta das bases, limitando-se a ficar entre os outros, como uma pessoa sem a idéia precisa de onde se encontrava. Nesse dia, o que Tony Tracker entregou a ele era menor do que uma bola de tênis.

Imerso em suas lembranças, Eddie afastara-se do lugar em que havia sido o posto do batedor, cruzara a elevação do lançador (apenas, ali jamais houvera uma elevação, mas sim uma depressão, da qual o cascalho tinha sido removido) e encaminhou-se para a direção do posto defensivo, entre a segunda e terceira bases. Fez uma breve pausa, chocado pelo silêncio reinante, e então continuou caminhando até onde ficava o aramado. Estava mais enferrujado do que nunca, servindo de escora para uma feia trepadeira, mas

continuava em pé. Olhando através dele, Eddie pôde ver como o solo afundava em seguida, agressivamente verde.Os Barrens pareciam mais selváticos do que nunca e, pela primeira vez, ele se viu imaginando por que uma faixa de vegetação tão virulenta e emaranhada teria recebido aquele nome: *barrens* — terras estéreis, improdutivas. Aquilo podia ser tudo, menos infértil. Por que não Ermos? Por que não Selva?

Barrens.

Havia sido um som lúgubre, quase sinistro, mas o que evocou não foram emaranhados de arbustos e árvores, tão espessos que precisavam disputar um lugar ao sol; conjurou quadros de dunas deslocando-se incessantemente ou expansões cinza-ardósia de terra dura e deserto. Estéreis. Mike havia dito antes que todos eles eram estéreis, e parecia realmente verdade. Sete adultos e nem uma criança entre eles. Mesmo em uma época de natalidade planejada, isso era afrontar as probabilidades.

Eddie espiou através do aramado formando losangos e ouviu o rumor distante de carros na Rua Kansas, o rumorejar e agitação também distantes da água abaixo. Podia vê-la cintilando ao sol de primavera, como reflexos em vidro. Os maciços de bambus continuavam lá, parecendo doentiamente brancos, como manchas de fungos em toda aquela verdura. Além deles, nas faixas pantanosas de chão que marginavam o Kenduskeag, supunha-se que houvesse lama movediça.

E foi lá embaixo, em meio a toda essa bagunça, que passei os momentos mais felizes da minha infância, pensou ele, e estremeceu.

Ia virar-se, quando algo mais atraiu seu olhar: um cilindro de cimento, encimado por pesado tampão de aço. Ben costumava chamá-los de buracos de morlocks, rindo com a boca, mas não inteiramente com os olhos. Quando alguém chegava perto de um daqueles cilindros, ele batia mais ou menos na cintura (em se tratando de uma criança), sendo possível ler as palavras DEPARTAMENTO DE OBRAS PÚBLICAS DE DERRY, estampadas em alto-relevo metálico, formando um semicírculo. Também a pessoa podia ouvir um ruído zumbindo, vindo das profundezas inferiores. Algum tipo de mecanismo.

Buracos de morlocks.

Lá é que nós fomos. Em agosto. No fim. Entramos em um dos buracos de morlocks, dentro dos esgotos, mas após algum tempo eles deixaram de ser esgotos. Passaram a ser... a ser... o quê?

*Patrick Hockstetter estava lá. Antes que A Coisa o pegasse, Beverly o tinha visto fazendo algo feio. Ela achara graça, mas sabia que era feio. Tinha algo a ver com Henry Bowers, não? Sim, creio que sim. E...*Ele deu meia-volta subitamente e começou a caminhar para o depósito abandonado, não querendo mais olhar para os baixios dos Barrens, não gostando dos pensamentos que aquele lugar evocava. Queria estar em casa, com Myra. Não queria estar ali. Ele...

— Pegue, garoto!

Virou-se ao som da voz, e eis que vinha uma espécie de bola, bem por cima do aramado, em sua direção. Ela bateu no cascalho e ricoche-teou. Estendendo a mão, Eddie a pegou. Em seu reflexo não pensado, foi um gesto tão perfeito que era quase elegante.

Ao baixar os olhos para o que tinha na mão, tudo dentro dele pareceu ficar gélido e solto. Um dia, aquilo fora uma bola de beisebol. Agora era apenas uma esfera de cordão enrolado, porque sua cobertura havia caído. Podia ver a ponta do cordel partindo da bola. Ela passava acima do aramado, como um fio de teia de aranha, indo desaparecer nos Barrens.

Oh, Jesus! pensou. *Meu Deus, A Coisa está aqui, comigo, AGORA...*

— Desça aqui e venha brincar, Eddie! — chamou a voz no outro lado do aramado.

Com vago horror, ele percebeu que era a voz de Huggins Arroto, que havia sido assassinado nos túneis correndo sob Derry, em agosto de 1958. Pois agora ali estava o próprio Arroto, esforçando-se em subir pelo talude, no outro lado do aramado.

Huggins usava o uniforme listrado de beisebol dos Yankees de Nova York, salpicado de fragmentos de folhas de outono e manchado de verde. Era Arroto, porém era também o leproso, uma criatura surgida he-diondamente dos longos anos passados em uma sepultura molhada. A carne de seu rosto pendia em tiras putrefatas e gotejantes. Uma órbita estava vazia. Havia coisas enxameando em seus cabelos. Em uma das mãos usava uma luva de beisebol, suja de limo esverdeado. Ele enfiou os dedos apodrecidos da mão direita nos losangos formados pelo arame entrançado da cerca e, ao dobrá-los, Eddie ouviu um horrendo *estalo,* que quase o deixou fora de si.

— Aquela jogada era digna do Yankee Stadium — disse Arroto, e sorriu. Um sapo mefiticamente branco e contorcendo-se, escapou de sua boca para o chão. — Você me ouviu? Aquela era digna do *puto Yankee Stadium!* E, por falar nisso, Eddie, que tal uma chupada? Faço isso por dez centavos. Ora, nem precisa pagar, chupo você de graça!

O rosto de Arroto tinha mudado. O bulbo gelatinoso do nariz havia caído, revelando dois canais vermelhos em carne viva, que Eddie já tinhavisto em sonhos. Os cabelos endureceram e recuaram das têmporas, agora eram como uma teia de aranha esbranquiçada. A pele apodrecida da testa se dividira ao meio, expondo ossos brancos, cobertos por uma substância gosmenta, parecendo as lentes enevoadas de um holofote. Arroto se fora; agora quem estava ali era a coisa que se escondia sob a varanda do número 29 da Rua Neibolt.

— Bobby me chupa por dez centavos — cantarolou a coisa, começando a escalar o aramado. Pequenos pedaços de sua carne iam ficando aderidos aos losangos do aramado. A cerca balançou e chocalhou com seu peso. Quando aquele ser tocou as trepadeiras, elas ficaram negras. — Ele chupa a qualquer hora. São quinze centavos por tempo extra.

Eddie tentou gritar, mas de sua garganta brotou apenas um guincho seco e sem sentido. Seus pulmões pareciam as ocarinas mais antigas do mundo. Ele olhou para a bola que segurava e, de repente, começou a escorrer sangue por entre os barbantes enovelados, pingando no cascalho e salpicando seus mocassins.

Ele a jogou ao chão e deu dois passos vacilantes para trás. Seus olhos esbugalhavam-se no rosto, enquanto esfregava as mãos na frente da camisa. O leproso chegara ao alto da cerca. Sua cabeça oscilou, silhuetada contra o céu, uma forma de pesadelo como um intumescido *jackolantern* (*Lanterna feita de uma abóbora recortada como rosto humano.- N. da T.*) de do Dia das Bruxas. A língua, pendurada para fora, devia ter metro e meio de comprimento, talvez dois. Ela coleou pelo aramado abaixo, como uma serpente, brotando da boca sorridente do leproso.

O leproso estava ali em um segundo... no outro desaparecera.

Não se esfumou, como um fantasma de filme; simplesmente deixou de existir. Contudo, Eddie ouviu um som que confirmava sua solidez essencial: *um plop!* como o da rolha escapando de uma garrafa de champanha. Era o som do ar, correndo a preencher o espaço que o leproso ocupara.

Virando-se, Eddie começou a correr, mas antes de cobrir três metros, quatro formas rígidas emergiram das sombras do compartimento de carregar mercadorias nos caminhões, no abandonado depósito de tijolos. A princípio, ele imaginou que fossem morcegos e gritou, cobrindo a cabeça... mas então viu que eram quadrados de lona — os quadrados de lona que tinham sido as bases do beisebol, quando os garotos maiores jogavam ali.

Elas giraram e turbilhonaram no ar quieto, Eddie precisou mergulhar, a fim de evitar uma delas. As quatro assentaram-se imediatamente em seus lugares costumeiros, levantando pequenos jatos de pó: *home,* primeira, segunda e terceira bases.

Ofegando, com a respiração curta na garganta, Eddie recomeçou a correr, os lábios repuxados para trás, o rosto branco como requeijão.

VAPT! Era o som de um bastão, atingindo uma bola fantasma. E então...

Eddie parou, sem forças nas pernas, um resmungo passando por entre seus lábios. O solo avolumava-se em uma linha reta, indo da lona que cobria a marcação *home* para a primeira base, como se uma toupeira gigante escavasse um túnel rapidamente, logo abaixo da superfície. Casca-lhos rolavam para ambos os lados. A forma debaixo da terra alcançou a base, e a lona voou pelo ar. Foi atirada com tanta força e rapidez, que emitiu um som estalante — o som de um garoto engraxate, quando está satisfeito e faz a flanela estalar, esticando-a velozmente. O chão continuou a elevar-se entre a primeira e a segunda base, sempre a toda pressa. A lona da segunda base voou pelos ares com um som estalante similar e, mal havia caído no solo outra vez, a forma debaixo da terra alcançou a terceira base e começou a encerrar o quadrilátero, voltando para a marcação *home.*

A lona que cobria a *home* também voou, mas antes que caísse, a coisa expeliu-se do subsolo ruidosamente, de forma pavorosa — e essa coisa era Tony Tracker, o rosto um crânio do qual ainda pendiam alguns fragmentos escurecidos de carne, a camisa branca uma confusão de tiras apodrecidas de linho. Ele brotou da terra na marcação *home,* da cintura para cima, oscilando para diante e para trás, como um grotesco verme.

— Pouco importa o quanto se engasgue com esse cabo de machado — disse Tony Tracker, em uma voz que rangia e chiava. Os dentes expostos sorriram em lunática intimidade. — Pouco importa, Asmático. Nós o pegaremos. Pegaremos você e seus amigos. Nós temos uma *BOULA!*

Eddie encolheu-se e recuou, trêmulo. Havia uma mão em seu ombro. Tentou livrar-se dela, a mão fez pressão por um instante, depois o largou. Ele se virou. Era Greta Bowie. Estava morta. Metade de seu ros-to desaparecera e havia vermes coleando na revolvente carne que restara. Em uma das mãos ela segurava um balão de gás verde.

— Acidente de carro — disse a metade reconhecível de sua boca, com um sorriso. O sorriso produziu um som indescritível de algo se rasgando, e Eddie pôde ver tendões expostos, movendo-se como terríveis cordoa-das. — Eu tinha dezoito anos, Eddie. Bêbada e drogada. Seus amigos estão aqui, Eddie.

Eddie recuou de perto dela, com as mãos levantadas diante do rosto. Greta caminhou para ele. O sangue escorrera e depois secara em suas pernas, formando compridos coágulos. Ela usava mocassins baratos.

Então, além de Greta, Eddie viu o terror definitivo: Patrick Hocks-tetter caminhava para ele aos tropeções, através da grande área. Também usava o uniforme dos Yankees de Nova York.

Eddie correu. Greta tornou a agarrá-lo, rasgando-lhe a camisa e deixando cair o terrível líquido pelo colarinho abaixo. Tony Tracker içava-se de seu quadrilátero de toupeira, escavado em tamanho adulto. Patrick Hockstetter tropeçava e cambaleava. Eddie correu, sem saber como encontrar fôlego para isso, mas correu assim mesmo. E, enquanto corria, viu palavras flutuando à sua frente, as que tinham estado impressas no balão de gás verde que Greta Bowie havia segurado:

REMÉDIO PARA ASMA PROVOCA CÂNCER PULMONAR!
COM OS CUMPRIMENTOS DA DROGARIA DA RUA CENTER

Eddie correu. Correu sempre e, em algum ponto, desabou sem sentidos perto do Parque McCarron. Alguns garotos o viram e fugiram, porque o tomaram por um bêbado, e também acharam que poderia ter alguma espécie de doença esquisita. Aliás, achavam ainda que ele bem poderia ser o assassino de crianças e falaram em denunciá-lo à polícia, mas terminaram apenas indo embora.

3

Bev Rogan faz uma visita

Beverly caminhou aereamente, descendo a Rua Main, após sair do hotel. Tinha voltado ao Town House para mudar de roupa: agora vestiaum par de bluejeans e uma folgada blusa amarelo-vivo. Não tinha rumo certo e, naquele momento, pensava nisto:

Seu cabelo é fogo do inverno,
Brasas de janeiro.
Meu coração também se queima nele.

Ela escondera isso na última gaveta da cômoda, por sob a roupa de baixo. Sua mãe podia ter visto, mas não teria importância. O principal é que seu pai jamais mexia naquela gaveta. Se encontrasse o que ela escondia, talvez a fitasse com a costumeira expressão quase amistosa, mas totalmente paralisante, perguntando em sua maneira também quase amistosa:

— Andou fazendo alguma coisa que não devia, Bev? Esteve fazendo alguma coisa com algum garoto?

Quer ela dissesse sim ou não, em seguida haveria aquele golpe rápido, tão brusco e tão forte, que a princípio nem doía — eram precisos alguns segundos, para o vácuo dissipar-se e a dor preencher o lugar que ele ocupara. Então, tornava a soar em voz quase amistosa:

— Eu me preocupo *um bocado* com você, Beverly. Preocupo-me muito *mesmo.* Você precisa crescer, entende?

Talvez seu pai ainda morasse ali, em Derry. Continuava morando ali, da última vez que tivera notícias dele, mas isto havia sido... quando tempo atrás? Dez anos? De qualquer modo, fora muito antes de seu casamento com Tom. Recebera um cartão-postal dele, não um simples cartão, como aquele em que o poema fora escrito, mas um mostrando a hedionda estátua em plástico de Paul Bunyan, a que ficava em frente do City Center. A estátua tinha sido erigida em alguma época dos anos cinqüenta, e se tornara um dos marcos de sua infância, mas o cartão recebido do pai não lhe havia despertado qualquer saudade ou recordação. Daria no mesmo se fosse um cartão mostrando o Gateway Arch, em Saint Louis, ou a Ponte Golden Gate, em San Francisco.

"Espero que você esteja procedendo bem e sendo uma boa moça", dizia o cartão. "Espero que me envie alguma coisa, se puder, porque não disponho de muito. Eu a ariio, Bevvie. Papai."

Ele a tinha *amado* e, em certos sentidos, Beverly supunha que isso tinha tudo a ver com o fato de passar a amar Bill Denbrough tão desespe-radamente, naquele longo verão

de 1958 — porque de todos os garotos era ele que projetava o senso de autoridade, por ela associado ao pai... embora fosse um tipo de autoridade diferente — era uma autoridade que ouvia. Nos olhos ou atos de Bill, ela não via qualquer suposição dele acreditar que o tipo de *preocupação* de seu pai fosse o único motivo para mostrar-se autoritário... como se pessoas fossem animais de estimação, para serem espancadas e disciplinadas.

Quaisquer que fossem os motivos, ao final daquele primeiro encontro como grupo completo, em julho daquele ano, um encontro que Bill liderara de maneira tão absoluta e sem esforço, Beverly ficara loucamente apaixonada por ele, da cabeça aos pés. Dizer que aquilo era um amor de colegial, seria como dizer que um Rolls-Royce era um veículo de quatro rodas, algo como uma carroça de feno. Ela não dava risadinhas sufocadas e nem enrubescia quando o via, não escrevia o nome dele a giz nas árvores ou nas paredes da Ponte dos Beijos. Simplesmente, vivia com o rosto dele em seu coração o tempo todo, em uma espécie de sofrimento doce e doloroso ao mesmo tempo. Seria capaz de morrer por ele.

Beverly achava natural acreditar que fora Bill quem lhe enviara o poema de amor... embora nunca chegasse a ficar absolutamente convencida disso. Não. Ela sabia quem lhe escrevera o poema. Aliás, mais tarde — em certa época — o próprio autor não havia confessado? Sim, Ben lhe contara (mesmo agora sendo impossível recordar, por mais que se esforçasse, quando ou em que circunstância isso acontecera) e, embora ele lhe dedicasse um amor quase tão bem dissimulado quanto o que ela dedicara a Bill

(mas você contou a ele Bevvie contou a ele que o amava)

tornava-se óbvio a quem observasse com atenção (e fosse gentil) — pela maneira como Ben sempre tomava o cuidado de manter algum espaço entre ambos, pela forma como ele soltava a respiração em um só jato, se ela o tocasse no braço ou na mão, pelo modo como se vestia, quando sabia que ia vê-la. Querido, doce e gordo Ben.

Tudo terminara de algum modo, aquele difícil triângulo pré-adolescente, mas exatamente *como* terminara, era uma das coisas que Bev ainda não conseguira recordar. Pensava que Ben se confessara o autor e remetente do poema de amor. Pensava ter dito a Bill que o amava, que o amaria para sempre. E, de algum modo, as duas confissões haviam contribuído para salvar suas vidas... realmente? Era impossível lembrar. Essas lembranças (ou lembranças de lembranças: em realidade, praticamente não passavam disso) eram como ilhas que não são ilhas em absoluto, mas afloramentos de uma só faixa de coral emergindo à superfície, não de todo separados, mas constituindo uma única peça. Contudo, sempre que ela tentava mergulhar fundo e ver o restante, interpunha-se uma imagem enlouquecedora: as gralhas que retornavam à Nova Inglaterra em cada primavera, amontoando-se nas linhas telefônicas, árvores e tetos, disputando espaço e enchendo o brando ar de fins de março com seus estridentes grasnidos.

Com repentino choque, Beverly percebeu que estava parada diante da Lavanderia Kleen-Klòze, onde ela, Stan Uris, Ben e Eddie haviam lavado os panos de limpeza naquele dia em finais de junho — panos manchados de um sangue que apenas eles conseguiam ver. As janelas agora estavam inteiramente opacas e, colado à porta, havia um aviso, escrito à mão, dizendo: À VENDA — TRATAR COM O PROPRIETÁRIO. Espiando entre as salpicaduras de sabão que empanavam as vidraças, ela pôde ver um aposento vazio, com quadrados mais claros na tinta amarelo-sujo das paredes onde haviam estado as máquinas de lavar.

Estou indo para casa, pensou ela melancolicamente, mas afastou-se dali, assim mesmo.

A vizinhança não mudara muito. Mais algumas árvores tinham desaparecido, provavelmente olmos tombados pela doença. As casas mostravam uma aparência mais decadente; janelas quebradas pareciam mais numerosas do que quando ela era criança. Algumas vidraças partidas haviam sido substituídas por papelão. Outras continuavam como estavam.

E ali estava ela, diante do prédio de apartamentos número 127, da Rua Main, Setor de Baixo. Ainda no mesmo lugar. A tinta branca descascada de que se recordava, transformara-se em chocolate descascado em algum período daqueles anos intermediários, mas mesmo assim, inconfundível. Lá estava a janela do que tinha sido a cozinha e também a outra, a que fora de seu antigo quarto.

(Jim Doyon, saia dessa rua! Saia imediatamente, quer ser atropelado e morrer?)

Ela estremeceu e cruzou os braços sobre o busto, em forma de X, com as palmas segurando os cotovelos.

Papai ainda poderia estar morando aqui; oh, sim, poderia. Ele só se mudaria sendo forçado a isso. Chegue até lá, Beverly. Dê uma espiadanas caixas de correspondência. Três caixas para três apartamentos, exatamente como nos velhos tempos. Se houver alguma dizendo MARSH, você pode apertar a cigarra, e logo ouvirá os chinelos arrastando pelo corredor, a porta se abrirá e poderá olhar para ele, para o homem cujo esperma afez ruiva e canhota, além de dar-lhe o dom de desenhar... lembra-se de como ele também desenhava? Ele podia desenhar qualquer coisa que quisesse. Se sentisse disposição, algo que não acontecia com muita freqüência. Acho que ele tinha muitas coisas com que se preocupar. Entretanto, quando desenhava, você ficava sentada ao lado durante horas, espiando figuras de gatos, cachorros, cavalos e vacas com MUUU *saindo das bocas, dentro de balões. Você achava graça. Ele também, que então lhe dizia:* Agora você, Bevvie. *E quando você segurava a caneta, seu pai lhe guiava a mão. Você via surgirem o gato, a vaca ou o homem sorrindo, em traços perfeitos sob seus dedos, enquanto sentia o cheiro da colônia que ele usava e o calor de sua pele. Vamos, Beverly. Aperte a cigarra. Ele virá e estará velho, com rugas marcadas fundo no rosto. Os dentes — aqueles que restaram — estarão amarelos. E ele olhará para você, ele dirá: Oh, mas é Bevvie, Bevvie voltou em casa para ver seu velho pai, entre, Bevvie, estou tão contente em vê-la, muito contente, porque me preocupo com você, Bevvie, eu me preocupo* MUITO.

Ela começou a subir a alameda lentamente, e as ervas daninhas que cresciam entre as rachadas seções de concreto roçavam nas pernas de seus jeans. Olhou de perto para as janelas do primeiro andar, mas estavam encobertas por cortinas. Olhou para as caixas de correspondência. Terceiro andar STARKWEATHER. Segundo andar, BURKE. Primeiro andar — ela prendeu o fôlego — MARSH.

Não vou tocar a cigarra. Não quero vê-lo. Não vou tocar a cigarra.

Pelo menos, esta era uma firme decisão! A decisão que abria as portas para toda uma vida útil e plena de firmes decisões! Desceria a alameda! Voltaria à cidade! Entraria no Town House! Faria as malas! Tomaria um táxi! Fugiria dali! Diria a Tom para cair fora! Teria uma vida de sucesso! Morreria feliz!

Tocou a cigarra.

Ouviu o toque familiar que vinha da sala de estar — um bimbalhar que sempre lhe soara como um nome chinês: *Ching-Chongl* Silêncio. Ninguém atendia. Na entrada, ela passou o peso do corpo de um pé para o outro, de repente sentindo vontade de urinar.*Não há ninguém em casa,* pensou, aliviada. *Agora posso ir embora.*

Em vez disso, tornou a tocar: *Ching-Chong!* Ninguém atendeu. Be-verly pensou no adorável e pequeno poema de Ben, tentando recordar exatamente quando e como lhe

confessara ser o autor, e por que, durante um breve segundo, aquilo evocava uma associação com seu primeiro período menstrual. Ela ficara menstruada ao onze anos? Sem dúvida não, embora houvesse sentido os seios doloridos pelo crescimento, em meados do inverno. Por quê...? Então, intrometendo-se, surgiu um quadro mental de milhares de graihas pousadas em fios telefônicos e tetos, todas tagarelando para um branco céu de primavera.

Vou embora agora. Já toquei duas vezes; é o bastante.

No entanto, tocou novamente.

Ching-Chong!

De repente, ouvia alguém aproximando-se, e o som era bem o que imaginara: o cansado sussurro de chinelos velhos. Olhou em torno afobadamente e quase, faltou muito pouco, girou sobre os calcanhares. Poderia descer a alameda cimentada e dobrar a esquina, deixando seu pai a pensar que aquilo era coisa de crianças, apertando sua cigarra e fugindo? *Ei, moço, o senhor tem Príncipe Alberto enlatado...?*

Beverly exalou uma súbita e brusca respiração, e precisou comprimir a garganta, porque o que queria emitir era uma risada de alívio. Afinal de contas, não era seu pai. Parada à porta e olhando para ela, estava uma mulher alta, de quase uns oitenta anos. Tinha cabelos compridos e bonitos, praticamente brancos, mas salpicados com faixas de dourado puro. Por trás dos óculos sem aros, os olhos eram azuis como a água nos fiordes de onde deviam ter vindo seus antepassados. Usava um vestido púrpura, de seda cara. Estava surrado, mas ainda dignificado. A face enrugada era gentil.

— Pois não, senhorita?

— Oh, sinto muito — disse Beverly. Cessara a vontade de rir, tão depressa quanto surgira. Ela percebeu que a mulher usava um camafeu junto à garganta. Devia ser de marfim verdadeiro, circundado por um aro de ouro, tão fino que quase era invisível. — Devo ter batido à porta errada. — *Ou bati de propósito,* sussurrou sua mente. — Estou procurando os Marsh.

— Marsh? — A mulher franziu a testa delicadamente.

— Sim, compreenda...— *Aqui* não mora nenhum Marsh — disse a velha.

— Sim, mas...

— A menos que... bem, não estará se referindo a *Alvin* Marsh, não é mesmo?

— É ele mesmo que procuro! — disse Beverly. — Meu pai!

A velha ergueu a mão e tocou o camafeu. Espiou mais atentamente para Beverly, fazendo-a sentir-se anos e anos mais jovem do que era, como se talvez fosse uma escoteira-bandeirante, oferecendo caixas de biscoitos à venda, possivelmente adesivos — ajuda para a equipe dos Tigres, do Ginásio de Derry. Então, a velha sorriu... um sorriso gentil, ao mesmo tempo com um toque de tristeza.

— Bem, a senhorita deve *ter perdido* o contato com ele. Eu não desejaria ser quem lhe desse a notícia, uma estranha, a verdade é que seu pai faleceu há cinco anos.

— Oh, mas... na cigarra...

Beverly tornou a olhar e emitiu um leve som de espanto, que não era bem um riso. Em sua agitação, em sua certeza subconsciente, mas firme como rocha, de que o pai ainda morava ali, havia lido KERSH como MARSH.

— A senhora é a Sra. Kersh? — perguntou.

Estava abalada com a notícia da morte do pai, porém também se sentia idiotizada ante o erro cometido — aquela mulher certamente a consideraria analfabeta.

— Sim, sou a Sra. Kersh — admitiu a velha.

— A senhora... conheceu meu pai?

— Sim, mas muito pouco — respondeu a Sra. Kersh. Soava mais ou menos como Yoda, em *O Império contra-ataca,* e Beverly sentiu novamente aquela vontade de rir. Quando é que suas emoções a tinham deixado assim, dominando-a com tanta violência, indo e vindo? A verdade é que não conseguia relembrar a época... mas sentia o vago receio de que recordaria dentro em breve. — Ele alugou o apartamento do térreo antes de mim. Nós nos víamos de vez em quando, entrando e saindo, durante alguns dias. Depois ele se mudou para a Alameda Roward. A senhorita sabia disso?

— Sim, eu sabia — disse Beverly.

A Alameda Roward encontrava a Rua Main, Setor de Baixo, quatro quarteirões além, onde ps prédios de apartamentos eram ainda menores e ainda mais desesperadamente miseráveis.— Às vezes eu o via no mercado da Avenida Costello — disse a Sra. Kersh — e também na lavanderia, antes que a fechassem. Trocávamos algumas frases de quando em quando. Nós..., oh, está pálida, senhorita! Sinto muito. Entre, deixe-me preparar-lhe um chá.

— Não, eu não poderia — disse Beverly fracamente.

No entanto, *sentia-se* de fato pálida, como vidro embaciado, através do qual quase se poderia espiar. Talvez o chá lhe fizesse bem, assim como uma cadeira onde sentar para tomá-lo.

— Poderia e deveria — disse a Sra. Kersh, com calor. — É o mínimo que posso fazer pela senhorita, após ter-lhe dado uma notícia tão desagradável.

Antes que pudesse protestar, Beverly foi levada para o sombrio corredor. Entrou em seu antigo apartamento, que agora parecia muito menor, porém seguro o suficiente — seguro, supôs ela, porque tudo era quase diferente de outrora. Em vez da mesa de topo em fórmica cor-de-rosa com suas três cadeiras, havia uma pequena mesa redonda, não muito maior do que uma cabeceira de mesa, com flores de seda em um vaso. Em vez da antiga geladeira Kelvinator, com o motor redondo no alto (seu pai o remendara constantemente, para mantê-lo trabalhando), agora havia uma Frigidaire cor de cobre. O fogão era pequeno, mas parecia eficiente. Cortinas azul-vivo pendiam das janelas e Beverly viu que havia jardineiras com flores na parte externa daquelas janelas. O chão, coberto de Iinoleo quando ela era menina, tinha sido desnudado e mostrava o piso de madeira original. Muitas aplicações de óleo o faziam brilhar maciamente.

Do fogão, onde colocava uma panela para o chá, a Sra. Kersh olhou para ela e perguntou:

— A senhorita cresceu aqui?

— Sim, senhora — respondeu Beverly, — mas agora está muito diferente... Tudo tão bonito e arrumado... maravilhoso!

— É muita gentileza sua — disse a Sra. Kersh, e o sorriso a fez ficar mais jovem. Era um sorriso radiante. — Tenho um dinheirinho, entenda. Não é grande coisa, mas com o que recebo do Seguro Social, posso levar uma vida confortável. Vim da Suécia para cá em 1920, quando tinha quatorze anos e nenhum dinheiro — que é a melhor maneira de aprendermos a dar-lhe valor, não concorda?

— Perfeitamente — disse Bev.— Trabalhei no hospital — prosseguiu a Sra. Kersh. — Foram muitos anos, a partir de 1925. Cheguei ao posto de governanta-chefe e tinha todas as chaves. Meu marido investiu bem nosso dinheiro. Agora, tenho meu pé-de-meia. Quer dar uma espiada no apartamento, enquanto a água ferve?

— Oh, não, seria...

— Por favor... sinto-me tão culpada! Espie à vontade!

Beverly espiou. O quarto antigo de seus pais era agora onde a Sra. Kersh dormia, com uma profunda diferença. O aposento parecia mais novo e arejado. Uma grande arca

de cedro, tendo incrustadas as iniciais R.G., exalava seu suave aroma para o ar. Sobre a cama havia um gigantesco edredom-surpresa, no qual se viam mulheres carregando água, meninos pastoreando rebanhos, homens preparando medas de feno. Um edredom maravilhoso.

O quarto em que ela própria dormia fora transformado em quarto de costura. Uma negra máquina de costura Singer, com pés de ferro trabalhado, assentava-se sob dois eficientes abajures extensores. Em uma parede pendia um quadro de Jesus, em outra um de John F. Kennedy. Abaixo deste retrato, um belo aparador estava cheio de livros, em vez de porcelanas, mas o uso que lhe fora dado não parecia inadequado em absoluto.

Beverly deixou o banheiro para o fim.

Havia sido repintado em um tom róseo, demasiado seco e agradável, para ficar espalhatoso. Todas as ferragens eram novas, porém ela caminhou para a pia sentindo-se novamente envolvida pelo antigo pesadelo; espiaria pelo olho negro do ralo, os sussurros começariam, depois o sangue...

Inclinou-se sobre a pia, vendo de relance seu rosto pálido e os olhos escuros no espelho mais acima. Depois fitou o ralo, esperando as vozes, os risos, os gemidos, o sangue.

Não soube quanto tempo ficou ali, abaixada para a pia, esperando pelas visões e sons de vinte e sete anos antes. Foi a voz da Sra. Kersh que a trouxe de volta à realidade.

— Chá, senhorita!

Beverly empertigou-se bruscamente, rompida aquela espécie de hipnose, e saiu do banheiro. Se no fundo daquele ralo houvera alguma sinistra magia, agora tinha desaparecido... ou estava adormecida.— Oh, mas quanto trabalho!

A Sra. Kersh ergueu para ela os olhos brilhantes, sorrindo um pouco.

— Oh, senhorita, se soubesse como estes dias recebo poucas visitas, não falaria assim. Se quer saber, esforço-me um pouco mais para o homem da Hidro de Bangor, quando vem ler meu medidor de água! Já o estou deixando gordo!

Sobre a mesa redonda da cozinha havia delicadas xícaras e pires, em bela porcelana branca debruada de azul. A Sra. Kersh pusera um prato de pequeninos doces e biscoitos. Ao lado do prato, um bule de chá de peltre exalava um suave vapor e agradável fragrância. Fascinada, Bev pensou que ali faltavam apenas os minúsculos sanduíches sem a crosta: *san-duichenu,* como os chamava, assim mesmo, em uma só palavra. Os principais sanduichenus eram de três espécies: com queijo-creme e azeitonas, com agrião e com salada de ovo.

— Sente-se — convidou a Sra. Kersh — Sente-se, senhorita, e servirei o chá.

— Não sou solteira — disse Beverly, erguendo a mão esquerda, a fim de que a mulher visse sua aliança.

A Sra. Kersh sorriu e fez um gesto vago. *Bobagem!* dizia o gesto.

— Sempre chamo uma moça bonita de senhorita — respondeu ela. — É apenas um hábito. Sem ofensa.

— Claro — replicou Beverly.

Contudo, por algum motivo, sentiu uma ligeira ponta de inquietude: no sorriso da velha havia algo que parecia um pouco... o que? Antipático? Falso? Astuto? Ora, isso era ridículo, não?

— Adorei tudo o que a senhora fez no apartamento.

— É mesmo? — disse a Sra. Kersh, servindo o chá.

A bebida parecia escura, lodosa. Beverly não estava mais tão certa de querer tomá-la... e, de repente, também não estava certa de querer estar ali. *O nome abaixo da cigarra* era *Marsh,* sussurrou sua mente de súbito, e ela sentiu medo.

A Sra. Kersh passou-lhe a xícara servida.

— Obrigada — disse Beverly.

A aparência do chá podia ser lodosa mas, em troca, seu aroma era delicioso. Provou-o. Excelente. *Pare de assustar-se com sombras,* disse a si mesma.

— Aquela arca de cedro, em particular, é uma peça maravilhosa.— Oh, uma antigüidade e tanto! — disse a Sra. Kersh, e sorriu. Beverly observou que a beleza da velha tinha apenas um senão, aliás,

um senão muito comum ali, nas terras do norte. Os dentes estavam em péssimo estado — de aparência forte, mas ruins assim mesmo. Muito amarelos, com os dois da frente um sobre o outro. Os caninos eram longos, quase como presas.

Eram brancos... quando ela chegou à porta, sorriu, e você pensou para si mesma o quanto eram brancos.

De repente, Beverly não estava apenas um *pouquinho* amedrontada. De repente, ela queria — *precisava* — ir embora dali.

Muito antiga aquela arca, oh, sim! — exclamou a Sra. Kersh, e sorveu sua xícara de chá em um só gole, com um súbito e chocante ruído de sugar.

Sorriu para Beverly — *riu* para ela — e agora seus olhos também tinham mudado. As córneas estavam amarelas, antigas, sulcadas de lacrimejantes pontos vermelhos. O cabelo ficara mais ralo, a trança parecia raquítica, não mais prateada com salpicados veios dourados, mas de um grisalho opaco.

— Muito antiga — repetiu a Sra. Kersh, imersa em reminiscências acima da xícara vazia, olhando dissimuladamente para Beverly com aquelas pupilas amarelas. Os dentes contorcidos exibiram-se naquele riso repulsivo, quase uma careta. — Veio comigo de minha terra. Reparou nas iniciais incrustadas nela? As letras RG?

— Sim, reparei.

A voz de Beverly vinha de muito longe, e uma parte de seu cérebro insistiu: Se *ela não perceber que notou a mudança, talvez você ainda esteja bem, se ela não perceber que notou a...*

— Eram de meu pai — disse a velha, pronunciando *fadder,* à sueca.

Beverly viu que o vestido dela também mudara, passando agora para um negro escabroso, desbotado. O camafeu se tornara um crânio, com o queixo caído, em repugnante posição.

— O nome dele era Robert Gray — prosseguiu a velha, — mais conhecido como Bob Gray, e ainda mais conhecido como Parcimonioso, o Palhaço Bailarino. De qualquer modo, esse tampouco era seu nome. Ele adorava piadas, o meu *fadder.*Ela tornou a rir. Alguns dentes agora estavam tão negros como o vestido. As rugas no rosto haviam ficado mais fundas. A pele róseo-leitosa adquirira um doentio tom amarelado. Os dedos eram como garras. A velha sorriu para Beverly.

— Coma alguma coisa, meu bem.

Sua voz subira uma oitava, mas uma oitava de registro estridente, como o som de uma porta de cripta oscilando idiotamente em gonzos entupidos de terra negra.

— Não, obrigada — Beverly ouviu-se dizer, em esganiçada voz infantil de eu-preciso-ir-embora.

As palavras não pareciam brotar-lhe do cérebro; pareciam escapar da boca e então tinham que dar a volta até os ouvidos, antes dela ter consciência do que havia dito.

— Não quer? — perguntou a feiticeira, e sorriu.

Suas garras rasparam o prato e ela começou a empurrar para dentro da boca, com as duas mãos, pequenos biscoitos de melaço e delicados pedaços de bolo cobertos de glace. Os dentes horríveis fincavam e recuavam, fincavam e recuavam. As unhas,

compridas e sujas, enterravam-se nos doces, enquanto migalhas rolavam por sobre a ossastura do queixo. A respiração tinha o cheiro de coisas há muito mortas, que de repente se rompem, forçadas pelos gases da própria putrefação. O riso da velha se tornara um grasnido. Os cabelos estavam ainda mais ralos e um couro cabeludo escamoso surgia em vários trechos.

— Oh, o meu *fadder* adorava piadas! Se gosta de piadas, senhorita, aprecie esta: eu nasci de meu *fadder,* não de minha *mutter.* Ele me expeliu, me pariu pelo ânus! He! He! He!

— Tenho que ir agora — Beverly ouviu-se dizer, naquela mesma esganiçada vozinha infantil — a voz de uma garotinha que fica horrivelmente constrangida em sua primeira festa.

Não sentia forças nas pernas. Tinha uma vaga percepção de que sua xícara não continha chá, mas fezes — fezes líquidas, uma pequena amostra do que corria pelos esgotos subterrâneos da cidade. E *bebera* um pouco daquilo, não muita coisa, apenas um gole, mas *oh, Deus, oh, Deus, oh, divino Jesus, por favor, por favor...*

A mulher encolhia diante de seus olhos, apequenando-se; à frente dela, agora sentava-se uma velha encarquilhada, de rosto com o tamanho de uma maçã, dando risadinhas contidas em voz fina e estridente, balançando-se para diante e para trás.

— Oh, eu e meu *fadder* somos um — grasnou ela, — apenas eu, apenas ele, e se você for inteligente, meu bem, fugirá, fugirá para o lugar de onde veio, fugirá bem depressinha, porque ficar aqui será pior do que morrer. Ninguém morre em Derry, ninguém morre de fato. Você sabia disso antes; pois acredite agora!

Em câmara lenta, Beverly conseguiu mover as pernas. Como se estivesse fora de seu corpo, viu-se ficando em pé, recuando da mesa e da feiticeira, em uma agonia de terror e descrença. Descrença, ao perceber pela primeira vez que a bem arrumada mesinha de refeições não era de carvalho escuro, mas semelhante a um pudim de chocolate. E, enquanto espiava, viu que a feiticeira, ainda dando risadinhas e com os envelhecidos olhos amarelados virados astutamente para o canto do aposento, partia um pedaço daquele "pudim" e o enfiava avidamente no negro alçapão que era sua boca.

As xícaras, como pôde ver, eram de cortiça branca, cuidadosamente enfeitadas com glace tingida de azul. Os quadros de Jesus e de John Ken-nedy eram criações em espuma açucarada, quase transparente. Ao olhar para eles, Beverly viu Jesus espichar sua língua e Kennedy dar uma descarada piscadela.

— Estamos todos à sua espera! — gritou a feiticeira, e suas unhas arranharam a superfície da mesa-pudim, desenhando fundos cortes na superfície brilhante. — Oh, sim! Oh, sim!

As luzes que pendiam do teto eram globos de açúcar duro. Os lambris eram de caramelo puxa-puxa. Olhando para baixo, Beverly viu que seus sapatos deixavam marcas nas tábuas do assoalho, que não eram tábuas em absoluto, mas fatias de chocolate. O cheiro de açúcar impregnava tudo.

Oh, Deus, é a história de Hansel e Gretel, ela é a feiticeira que mais me assustava em pequena, porque comia as crianças...

— Você e seus amigos! — gritou a feiticeira, rindo. *— Você e seus amigos! Na gaiola! Na gaiola, até o forno ficar quente!*

Ela gritava e ria. Beverly correu para a porta, mas correu como que em câmara lenta. As gargalhadas da feiticeira ecoavam e giravam à volta de sua cabeça, como uma nuvem de morcegos. Beverly deu um grito agudo. O corredor era um só cheiro de açúcar, nugá, puxa-puxa e repugnantes morangos sintéticos. A maçaneta, de falso cristal quando ela havia entrado, agora era um monstruoso diamante de açúcar.

— Eu me preocupo com você, Bevvie.., Eu me preocupo MUITO!

Ela se virou bruscamente, com mechas onduladas de cabelo flutuante em torno do rosto, para ver seu pai, cambaleando pelo corredor em sua direção, usando o vestido negro da feiticeira e o crânio de camafeu. O rosto de seu pai deixava pender uma carne semelhante a massa de bolo, os olhos eram negros como azeviche, as mãos se crispavam e abriam, a boca sorria com baboso fervor.

— Eu a espancava porque queria FODER você, Bevvie, aí está tudo o que eu queria fazer, eu queria FODER você, eu queria COMER você, eu queria comer sua CONA, eu queria CHUPAR seu GRELO entre os dentes, QUE GOSTOSO, Bevvie, oooohhhhh, GOSTOSO DE DOER, eu queria botar você na jaula... e esquentar o forno... e apalpar sua CONA... sua CONA gorda... e quando estivesse gorda o bastante para eu comer... comer... COMER...

Gritando, ela aferrou a maçaneta pegajosa e saltou para um alpendre com bugigangas recobertas de amêndoas e assoalhado de pudim. Muito além, indistintamente, parecendo nadar em sua visão, ela viu carros passando de um lado para outro e uma mulher empurrando um carrinho atulhado de mercadorias, voltando do mercado na Costello.

Tenho que sair daqui, pensou ela, quase incoerentemente. *Lá fora é que está a realidade e, se pelo menos puder chegar à calçada...*

— De nada vai adiantar você correr, Bevvie — falou seu pai,

(meu fadder)

dando uma risada. — Há muito que esperamos por isto. Vai ser *divertido.* Isto vai ser *GOSTOSO* de *DOER!*

Ela tornou a olhar para trás, e agora ele não vestia mais a roupa negra da feiticeira, mas o traje de palhaço, com os grandes botões cor de laranja. Sobre a cabeça dele havia um daqueles bonés de pele de racoon, no estilo de 1958, do tipo popularizado por Fess Parker no filme de Disney sobre Davy Crockett. Em uma das mãos, ele segurava os cordéis de um punhado de balões de gás. Na outra, empunhava a perna de uma criança, como um osso de galinha. Em cada balão havia a inscrição A COISA VEM DO ESPAÇO EXTERIOR.

— Diga a seus amigos que sou o último de uma raça em extinção — falou a coisa, exibindo seu riso encovado, enquanto se arrastava e cambaleava nos degraus do alpendre, descendo atrás dela. — O único sobrevivente de um planeta em extinção. Vim roubar todas as mulheres... estuprar todos os homens... e aprender a dançar o *tuíste* hortelã!

O palhaço iniciou uma louca dança saltitante, os balões de gás em uma das mãos, , a perna decepada e sangrenta na outra. Seu traje se retorcia e agitava-se, porém Beverly não sentiu vento algum. As pernas dela embaraçaram-se entre si e terminou caindo na calçada, jogando as palmas à frente para suportar o choque, que subiu pelos braços até os ombros. A mulher empurrando o carrinho de compras parou e olhou para trás dubitativamente, mas então recomeçou a andar mais depressa.

O palhaço caminhou de novo para Beverly, jogando a perna decepada a um lado. A perna foi cair no gramado, com um baque indescritível. Beverly ficou caída na calçada apenas um instante, algo em seu íntimo dizendo que precisava acordar logo, que aquilo não podia ser real, tinha que ser um pesadelo...

Percebeu que isso não era verdade, um momento antes dos compridos e retorcidos dedos do palhaço, em forma de garras, tocarem sua pele. Aquilo era real; aquela coisa podia matá-la. Como matara as crianças.

— As gralhas sabem seu nome verdadeiro! — gritou subitamente para o palhaço.

Ele se encolheu e, por um rápido instante, Beverly teve a impressão de que o riso nos lábios, dentro da grande mancha vermelha pintada à volta da boca do palhaço, transformou-se em uma careta de ódio e de dor... e talvez também de medo. Podia ser apenas fruto de sua imaginação e, evidentemente, não fazia idéia do motivo que a levara a gritar aquela frase maluca, porém deu-lhe um momento de tempo.

Levantando-se, começou a correr. Houve um chiado de freios e uma voz rude, irritada e com medo ao mesmo tempo, gritou para ela:

— Por que não olha para onde vai. idiota?

Beverly teve uma borrada impressão do furgão de padaria que quase a atropelara, quando tinha saltado para o meio da rua como uma criança atrás de uma bola de borracha. Em seguida, viu-se na calçada oposta, ofegante, com uma pontada de dor no lado esquerdo do corpo. O furgão da padaria continuou descendo o Setor de Baixo da Rua Main.

O palhaço se fora. A perna se fora. O apartamento continuava lá, mas agora arruinado e deserto, as janelas trancadas, os degraus do alpendre rachados e quebrados.*Estive lá realmente ou sonhei tudo isto?*

Seu jeans, no entanto, estava sujo, a blusa amarela manchada de poeira.

E havia chocolate em seus dedos.

Limpou-os nas pernas do jeans e afastou-se dali apressadamente, o rosto ardendo, as costas frias como gelo, as pupilas parecendo latejar para dentro e para fora, ao ritmo desesperado de seu coração.

Não conseguiremos derrotar A Coisa. Seja lá o que for, será impossível derrotá-la. A.Coisa parece ansiosa por tentarmos — quer acertar velhas contas. Acho que não se satisfaria com um empate. Temos que ir embora daqui... fugir daqui.

Algo roçou em sua perna, leve como uma patinha tateante de gato.

Beverly recuou bruscamente daquilo, com um pequeno grito agudo. Baixando os olhos, encolheu-se, tapando a boca com a mão.

Era um balão de gás, tão amarelo como sua blusa. Escritas sobre o lado do balão, em azul metálico, estavam as palavras META O BEDELHO, COELHO.

Enquanto Beverly espiava, o balão foi subindo levemente a rua, em saltinhos, impelido pela brisa agradável do final de primavera.

4

Richie Tozier cai fora

Bem, certo dia Henry e seus amigos me perseguiram —foi antes do encerramento das aulas...

Richie caminhava ao longo do trecho exterior da Rua do Canal após o Parque Bassey. Então parou, com as mãos enfiadas nos bolsos, olhando para a Ponte dos Beijos, mas em realidade não a vendo.

Entrei na seção de brinquedos da Freese's para fugir deles...

Desde o louco encerramento do almoço de reunião do grupo, ele estivera andando sem rumo, tentanto analisar as coisas terríveis que tinham estado nos biscoitos da sorte... ou as coisas que *pareciam* ter estado neles. Richie pensava que, mais provavelmente, fora tudo uma ilusão. Uma alucinação em grupo, provocada por toda aquela baboseira que

haviam estado comentando. A melhor prova disso é que Rose nada vira, em ab-soluto. Claro os pais de Beverly também não tinham visto uma só gota do sangue que fora expelido do ralo da pia, porém não era a mesma coisa.

Não? Por que não?

— Porque agora somos adultos — murmurou.

Então, descobriu que isso não possuía qualquer força ou qualquer lógica; poderia ser perfeitamente alguma frase tola que uma criança cantarolasse, enquanto pulava corda.

Ele recomeçou a caminhar.

Fui até o City Center, sentei-me em um banco de parque por algum tempo, e então julguei ver...

Richie tornou a parar, franzindo a testa.

O que é que vira?

... mas foi apenas algo que sonhei.

Seria? Seria mesmo?

Olhando para a esquerda, viu o grande prédio de vidro-tijolo-e-aço que parecera tão moderno em fins dos anos cinqüenta, mas que agora dava uma idéia de antigo e obsoleto.

E aqui estou, pensou ele. *Bem de volta ao maldito City Center. O cenário daquela outra alucinação. Ou sonho. Ou seja lá o que fosse.*

Os outros o viam como o Palhaço da Classe, o Piadista Louco (*No original inglês: Klass Klown, the Krazy Kut-up, as letras "K" substituindo as letras "C".- N. da T.*) e ele recaíra nesse velho papel, tranqüila e facilmente. *Ah,* todos nós *recaímos tranqüila e facilmente em nossos antigos papéis, será que ninguém percebeu?* De qualquer modo, haveria algo demasiado incomum nisso? Richie concluiu que provavelmente aconteceria a mesma coisa em qualquer décima ou vigésima reunião de ginásio — o comediante da classe, que na universidade descobrira uma vocação para o sacerdócio, após dois drinques reverteria de maneira quase automática ao pedante que tinha sido; o Grande Cérebro em Inglês que fora um sucesso vendendo caminhões GM, de repente estaria arengando sobre John Irving ou John Cheever; o sujeito que tocara nas noites de sábado com os "Moondogs" e que terminara como professor de matemática na Universidade Cornell, subitamente se veria no palco com a banda, uma guitarra Fender pendurada pelo ombro, berrando "Glória" ou "Surfin' Bird" com eufórica e bêbada ferocidade. Não era o que Springsteen havia dito? Sem recuar, meu bem, sem capitular... porém era mais fácil acreditar nos velhos tempos cantados em discos, após uns dois drinques ou umas boas tragadas de maconha mexicana.

Richie acreditava, no entanto, que a alucinação, sim, era a reversão, não a vida atual. Talvez o filho fosse o pai do homem, mas pais e filhos com freqüência partilham interesses muito diferentes e apenas uma semelhança passageira. Eles...

Contudo, você disse adultos, *e agora isto soa como tolice; soa bem mais a palavrório sem sentido. Por quê, Richie? Por quê?*

Porque Derry continua tão singular como sempre. Por que, simplesmente, não deixamos tudo como está?

Porque as coisas não eram assim tão simples, eis o motivo.

Quando criança, ele havia sido um comediante preguiçoso, às vezes vulgar, outras divertido, porque era uma forma de ir vivendo sem ser es-folado por garotos como Henry Bowers ou então ser absolutamente ignorado, morto de tédio e solidão. Agora, percebia que muito do problema jazera em sua mente, que em geral se movia a uma velocidade dez ou vinte vezes maior que a de seus colegas de aula. Eles o tinham achado estranho, esquisito ou mesmo suicida, dependendo da travessura em questão, mas talvez houvesse

sido apenas um simples caso de sobremarcha mental — se uma constante sobremarcha mental fosse algo simples.

De qualquer modo, era o tipo de coisa que fica sob controle depois de algum tempo — podemos controlá-la ou encontrar uma forma de vazão para ela: sujeitos como Kinky da Pasta ou Buford Beijomolhado, por exemplo. Richie descobrira isso nos meses após ter perambulado pela estação de rádio da universidade, levado por um capricho, mas durante sua primeira semana atrás do microfone descobrira tudo o que jamais desejara. Não tinha sido dos melhores, no início; não ficara *excitado* demais, para ser bom. No entanto, havia descoberto que seu potencial o levaria a não ser apenas bom no trabalho, mas excelente, um conhecimento que fora bastante para enviá-lo à lua, em uma nuvem de euforia. Ao mesmo tempo, começara a entender o grande princípio que movia o universo, pelo menos aquela parte do universo que tinha a ver com carreiras e sucesso: é quando descobrimos o cara louco que esteve dando cabeçadas dentro de nós, infernizando nossa vida. A gente o encurrala a um canto, apodera-se dele, mas não o mata. Oh, não! Matar seria bom demais para os semelhantes a *esse* bastardinho. O que se deve fazer é pôr-lhe um cabresto e então começar a arar. O cara louco passa a trabalhar como umdemônio, depois de atrelado ao caminho certo. E, de vez em quando, ele fornece algumas garças. Tudo consistia nisso. E era o bastante.

Ele havia sido engraçado, certo, uma risada por minuto, mas finalmente superara os pesadelos que jaziam no lado sombrio de todas aquelas risadas. Pelo menos, assim achava. Até agora, quando a palavra *adultos* parará subitamente de fazer sentido a seus próprios ouvidos. Ali estava algo mais a enfrentar ou, pelo menos, algo sobre o que refletir; ali estava a enorme e totalmente idiota estátua de Paul Bunyan, em frente do City Center.

Devo ser a exceção da regra, Grande Bill.

Tem certeza de que não foi nada, Richie? Absolutamente nada?

Lá, perto do City Center... Eu pensei ter visto...

Uma dor aguda espetou seus olhos pela segunda vez nesse dia, e Richie apertou-os, com um gemido assustado. Então a dor sumiu, tão bruscamente como surgira. Bem, ele ao mesmo tempo sentira o cheiro de algo, não? Algo que não estava realmente ali, mas que *estivera,* algo que o tinha feito pensar em

(estou bem aqui com você Richie segure minha mão pode segurá-la)

Mike Hanlon. Era *fumaça* que tinha feito seus olhos arderem e lacrimejarem. Vinte e sete anos antes, eles haviam sentido o cheiro dessa fumaça; no fim, apenas ele e Mike tinham restado, e haviam visto...

Bem, desaparecera.

Deu mais um passo para a estátua plástica de Paul Bunyan, tão atordoado por sua alegre vulgaridade, como ficara espantado por seu tamanho, quando era criança. O mítico Paul media seis metros de altura e a base lhe acrescentava outros seis. Daquela altura, ele sorria para o trânsito de veículos e pedestres na Rua do Canal Exterior, da borda do gramado do City Center. O City Center havia sido erigido nos anos 1954-55 para um torneio de basquete da segunda divisão, que nunca se materializara. O Conselho da Cidade de Derry concedera dinheiro para a estátua um ano mais tarde, em 1956. A questão fora acaloradamente debatida, não só nas reuniões públicas do conselho, como nas colunas de cartas à redação do *News* de Derry. Muitos a consideravam uma estátua simplesmente *maravilhosa,* que logo se tornaria uma atração turística digna de nota. Outras achavam a estátua do Paul Bunyan plástico horrível, vulgar e incrivelmente grosseira. Richie recordava que o professor de arte no Ginásio de Derry escrevera uma

carta ao *News,* dizendo que se tal monstruosidade fosse de fato erigida em Derry, ela explodiria. Rindo, Richie perguntou-se se o contrato *daquele* cara tinha sido renovado.

A controvérsia — que agora Richie reconhecia como absolutamente típica tempestade em copo d'água de cidades grandes ou pequenas — arrastara-se por seis meses e, naturalmente, sem qualquer sentido. A estátua tinha sido comprada e, mesmo que o Conselho da Cidade houvesse feito algo tão aberrante (em especial para a Nova Inglaterra) como decidir não usar um bem que custara dinheiro, onde, em nome de Deus, seria ela *guardada?* Assim, a estátua, não realmente esculpida, mas simplesmente moldada em uma fábrica de plásticos de Ohio, fora colocada no lugar, ainda envolta em um gigantesco pedaço de lona, grande o suficiente para servir de vela a um *clipper.* Tinha sido inaugurada a 13 de maio de 1957, em comemoração aos cento e cinqüenta anos de elevação de Derry a cidade. Uma facção soltou os previsíveis gemidos de ultraje; a outra os igualmente previsíveis gemidos de exaltação.

Quando, naquele dia, retiraram a lona que cobria Paul, ele usava macacão de alças e uma camisa xadrez em vermelho e branco. A barba era esplendidamente negra, esplendidamente cheia, esplendidamente semelhante à de um lenhador. Uma machado de plástico, certamente o God-zilla de todos os machados de plástico, apoiava-se em seu ombro, e ele sorria incessantemente para os céus do norte, que no dia do desvelamento haviam estado tão azuis como a pele de seu suposto acompanhante (o professor de arte, entretanto, não estivera presente à inauguração da estátua; a estimativa de custo para adicionar um boi azul ao quadro tinha sido proibitiva).

As crianças que foram às cerimônias (havia centenas delas, entre as quais encontrava-se Richie Tozier, então com dez anos, em companhia do pai) eram inteiramente alheias às críticas e estavam fascinadas pelo gigante de plástico. Os pais colocavam os filhos pequeninos sobre o pedestal quadrado onde Paul se erguia, tiravam fotos, e então espiavam, entre apreensivos e divertidos, as crianças subindo e engatinhando, riso-nhas, pelas enormes botas negras de Paul (corrigenda: enormes botas negras de *plástico).*

Havia sido em março do ano seguinte quando Richie, exausto e aterrorizado, acabara em um dos bancos diante da estátua, após escapar — por uma mínima margem de segurança — dos Srs. Bowers, Criss e Huggins, em uma perseguição que começara na Escola Elementar de Derrye cruzara a maioria do setor comercial da cidade. Por fim, terminara embrenhando-se na seção de brinquedos da Loja de Departamentos Freese's.

A filial da Freese's em Derry era um estabelecimento ínfimo, se comparado à grande matriz em Bangor, mas Richie estava longe de preocupar-se com tais coisas — no momento, queria apenas encontrar um porto seguro. Henry Bowers estava em seus calcanhares e, a essa altura, Richie começava a perder esperanças. Mergulhara na boca da porta giratória da loja de departamentos como refúgio. Aparentemente não entendendo a física de dispositivos semelhantes, Henry perdera as pontas dos dedos ao tentar agarrar a presa, que já se introduzira em uma das seções da porta e passara para o interior da loja.

Disparando escada abaixo, a fralda da camisa esvoaçando às costas, Richie ouvira a porta giratória emitir uma série de estalos, quase tão altos como um tiroteio. Isso significava que Larry, Moe e Curly continuavam no seu encalço. Ele ria, ao descer a escada para o porão, mas era apenas um tique nervoso; estava tão aterrorizado quanto um coelho preso na armadilha. Os outros garotos realmente queriam surrá-lo para valer (Richie não podia adivinhar que, em mais umas dez semanas, acreditaria que o trio, Henry em particular, seria capaz de quase assassinar, e certamente ficaria lívido de choque se pudesse prever a apocalíptica guerra de pedradas em julho, quando até mesmo

esta última qualificação desapareceria de sua mente). Sem falar que a coisa inteira havia sido tão absoluta e tipicamente idiota.

Richie e os outros alunos de seu quinto grau tinham estado formando no ginásio. Um classe do sexto grau vinha entrando, com Henry entre eles, tão volumosos como um touro em meio a vacas. Embora ainda estivesse cursando o quinto grau, Henry ia ao ginásio com os garotos mais velhos. Os canos do teto haviam estado gotejando novamente e o Sr. Fa-zio ainda não colocara no cavalete o aviso CUIDADO! CHÃO MOLHADO! Henry escorregara em uma poça e caíra, batendo com o traseiro no piso.

Antes que pudesse pensar no que fazia, Richie ouviu sua traiçoeira boca soltar:

— Que bela entrada, em uma casca de banana!

Houve uma explosão de gargalhadas, tanto dos colegas de Henry como dos de Richie, mas Henry estava carrancudo ao levantar-se — e seu rosto tinha a cor de um tijolo em brasa.— Falo com você mais tarde, quatro-olhos — disse ele, e seguiu em frente.

Os risos cessaram no mesmo instante. Os garotos olharam para Ri-chie como se já o vissem esfolado vivo. Henry não parou para testar as reações; limitou-se a sair de cabeça baixa, os cotovelos vermelhos por apararem a queda, uma grande área molhada no fundilho das calças. Ao olhar para aquela mancha molhada, Richie sentiu sua boca suicidamente mordaz abrir-se de novo... mas desta vez tornou a fechá-la tão depressa que quase amputou a ponta da língua entre os dentes que se trancavam.

Ora, ele esquecerá, disse para si mesmo, inquieto, enquanto trocava de roupa para a ginástica. *Claro que vai esquecer. O velho Hank não consegue manter funcionando todos os seus circuitos de memória. A cada vez que faz uma burrada, precisa ler as instruções no folheto explicativo, ha-ha!*

Ha-ha!

— Você está morto, Boca de Lixo — disse-lhe Vince Taliendo "Meleca", puxando o suspensor atlético por sobre um pênis mais ou menos do formato e tamanho de um amendoim anêmico. Acrescentou, com certa melancólica reverência: — Bem, não se preocupe. Levarei flores.

— Corte as orelhas e leve-me couves-flores — replicou Richie espirituosamente.

Todos riram, inclusive o velho Taliendo Meleca. Por que não? Agora, todos tinham liberdade para rir. Ele, Richie, preocupar-se? Todos estariam em casa, vendo Jimmy Dodd e os Mosqueteiros no *Clube Mickey Mouse* ou Frankie Lymon cantando "Não sou um delinqüente juvenil" no programa *American Bandstand,* enquanto Richie sacudia o traseito através da seção de brinquedos, com o suor escorrendo pelas costas e penetrando na fenda das nádegas, os colhões aterrorizados tão encolhidos que era como se estivessem embutidos no ventre. Certo, eles podiam rir. Ha-ha-ha-ha!

Henry não esquecera. Richie havia saído pela porta do jardim de infância, no fim do prédio da escola, apenas por precaução, mas Henry tinha postado Huggins Arroto naquele ponto, *também* apenas por precaução. Ha-ha-ha!

Richie viu Arroto primeiro, pois do contrário nem haveria luta. Arroto olhava na direção do Parque Derry, segurando na mão um cigarro apagado e sonhadoramente puxando o fundilho das calças para fora dotraseiro. Com o coração em disparada, Richie cruzara silenciosamente o pátio de recreio dos menores e já cobrira a maior parte do trajeto pela Rua Charter, antes que Arroto virasse a cabeça e o visse. Huggins gritou por Henry e Victor, desta maneira iniciando-se a caçada.

Quando Richie chegou à seção de brinquedos, o lugar estava total e horrivelmente deserto. Não havia nem mesmo um vendedor andando por ali — um bem-vindo adulto que deteria as coisas antes que a situação se descontrolasse. Ele podia ouvir os três

dinossauros do apocalipse aproximando-se agora e, simplemente, não podia correr mais. Cada respiração provocava uma forte pontada de dor em seu lado esquerdo.

Seus olhos fixaram-se em uma porta com um letreiro: SAÍDA SÓ DE EMERGÊNCIA! ALARME AUTOMÁTICO! A esperança renasceu em seu peito.

Richie disparou por um corredor juncado de caixas com Patos Donald de molas, tanques do Exército dos Estados Unidos fabricados no Japão, pistolas de espoleta do Zorro, robôs de corda. A porta se abriu, deixando entrar o vento frio de meados de março. O alarme disparou, com um som forte e estridente. O trio perseguidor correu para lá, liderado por Henry, cujo rosto estava decidido e ansioso.

Um vendedor finalmente apareceu, começando a correr. Usava um guarda-pó azul de náilon sobre um paletó esporte simples, de incrível feiúra. Os aros de seus óculos eram tão rosados como os olhos de um coelho branco. Richie o achou parecido com Wally Cox, em seu papel de Mr. Peepers, e precisou conter a boca traiçoeira, apertando-a contra a parte carnuda do antebraço, para evitar que produzisse acessos de cansadas gargalhadas.

— Ei, garotos! — exclamou Mr. Peepers. — Vocês aí, não podem usar essa porta! É uma saída de emergência! Vocês! Ei! *Garotos!*

Victor olhou para ele algo nervosamente, mas Henry e Arroto nem se desviaram da corrida. Victor foi atrás deles. O alarme tocou novamente, agora mais prolongado, enquanto eles introduziam-se no beco. Antes que parasse de soar, Richie levantava-se e trotava de volta para a seção de lingerie feminina.

— Vocês serão proibidos de entrar aqui, garotos! — berrou o vendedor, às suas costas.

Olhando por sobre o ombro, Richie grasnou sua Voz de Vovó Resmungona:— Ninguém nunca lhe disse que você é *igualzinho* a Mr. Peepers, meu jovem?

Assim ele havia escapado. E assim fora terminar a quase dois quilômetros da Freese's, diante do City Genter... e, piamente esperava, fora do caminho do mal. Pelo menos por enquanto. Estava exaurido. Sentou-se em um banco, bem à esquerda da estátua de Paul Bunyan, querendo apenas um pouco de paz, enquanto refazia as forças. Dentro em breve, iria embora dali e rumaria para casa, mas agora sentia-se bem, sentado naquele banco, ao sol do fim da tarde. O dia começara com uma claridade fria e mortiça, mas agora deixava crer que, realmente, a primavera podia estar a caminho.

Mais além do gramado, ele podia ver a marquise do City Center que, naquele dia de março, transmitia esta mensagem, em enormes e translúcidas letras azuis:

OLÁ, JOVENS!
28 DE MARÇO ESTÁ CHEGANDO!
O ESPETÁCULO DE ROCK AND ROLL COM ARNIE "WOO-WOO" GINSBERG!
JERRY LEE LEWIS
THE PENGUINS
FRANKIE LYMON AND THE TEENAGERS
GENE VINCENT AND THE BLUE CAPS
FREDDY "BOOM-BOOM" CANNON

UMA NOITE DE DIVERTIMENTO TOTAL!

Aquele era um espetáculo que Richie adoraria ver, mas sabia que não havia a mais remota possibilidade. A idéia de sua mãe sobre um divertimento total não incluía Jerry Lee Lewis dizendo aos jovens da América que "temos galinhas no celeiro, qual celeiro,

que celeiro, meu celeiro". E por falar nisto, nem incluía Freddy Cannon, cuja garota do Tallahas-see tinha uma carroceria hi-fi. Ela podia admitir que tivera sua parte na gritaria por Frank Sinatra (a quem agora chamava de Frankie, o Fanho-so) nos tempos em que usava meias soquete, mas, como a mãe de Bill Denbrough, detestava o rock and roll. Chuck Berry a aterrorizava, e ela havia declarado que Richard Penniman, por seus fã-clubes de adolescen-tes e subadolescentes mais conhecido como Little Richard (Ricardinho), a fazia desejar "vomitai como uma galinha".

Esta era uma frase para a qual Richie jamais pedira uma tradução.

Seu pai se mantinha neutro no assunto do rock and roll, e talvez até pudesse ser convencido, mas Richie sabia, no fundo, que a vontade materna prevaleceria — até ele completar dezesseis ou dezessete anos, pelo menos — e então, segundo firme convicção de sua mãe, a mania do rock and roll no país já teria passado.

Richie achava que Danny and the Juniors tinham mais razão neste assunto do que sua mãe — o rock and roll jamais morreria. Pessoalmente, ele adorava, embora suas fontes fossem apenas duas — o programa *American Bandstand,* no Canal 7, à tarde, e a estação WMEX de Boston, à noite, quando o ar ficava rarefeito, e a voz rouca, entusiástica de Arnie Ginsberg, chegava ondulando, indo e vindo, como a voz de um fantasma evocado em uma sessão espírita. O ritmo o deixava fora de si. Fazia com que se sentisse maior e mais forte, mais *lá.* Quando Frankie Ford cantava "Sea Cruise" ou Eddie Cochran cantava "Summertime Blues", Richie era literalmente envolvido em transportes de alegria. Havia poder naquela música, um poder que parecia pertencer por maior direito a todos os garotos magricelas, garotos gordos, garotos feios e garotos tímidos — os perdedores do mundo, em resumo. Naquela força, ele sentia uma louca e turbulenta voltagem, com poder tanto para matar como para exaltar. Richie idolatrava Fats Domino (que fazia até Ben Hanscom parecer franzino e magro), assim como Buddy Holly, que usava óculos como ele, e Screaming Jay Hawkins, que exibia um ataúde em seus concertos (pelo menos, era o que lhe tinham contado). Sem falar nos Do-vells, que dançavam tão bem como negros.

Quer dizer, *quase.*

Um dia, ele iria ter sua porção de rock and roll, se quisesse — Richie tinha esperanças de que ainda houvesse rock quando sua mãe finalmente entregasse os pontos e lhe fizesse a vontade — mas isso não seria em 28 de março de 1958... nem em 1959... nem...

Seus olhos desviaram-se damarquise, e então... bem... então, ele deveria ter cochilado. Era a única explicação que fazia sentido. Porque o ocorrido a seguir só podia ter sido em sonhos.

E ali estava ele novamente, um Richie Tozier que por fim dispunha de todo o rock and roll que já desejara... mas que ainda não era suficiente, conforme descobrira, eufórico. Seus olhos foram para a marquise à frente do City Center e viram que, por uma hedionda espécie de casualidade, aquelas mesmas letras azuis agora diziam:

14 DE JUNHO
ONDA DE HEAVY METAL!!!
JUDAS PRIEST
IRON MAIDEN
ADQUIRA AQUI OS SEUS INGRESSOS OU EM QUALQUER POSTO DE VENDA

Em algum ponto ao longo do trajeto, eles abandonaram a linha do divertimento total, pensou Richie, *mas que me conste, esta é a única diferença.*

Então, ele ouviu Danny and the Juniors, de maneira fraca e distante, como vozes captadas no fundo de um comprido corredor, transmitidas por um rádio barato: *"Rock and roll will never die, Vil dig it to the end... It'll go down in history, just you watch my friend..."* (*O rock and roll jamais morrerá/ pintarei nele até o fim.../ Ele ficará na história,/ você verá, meu amigo..." - N. da T.*).

Richie tornou a olhar para Paul Bunyan, o padroeiro de Derry — Derry, que ganhara forma, segundo as histórias, porque era para onde vinham os troncos derrubados, quando chegavam rio abaixo. Houvera um tempo em que, na primavera, tanto o Penobscot como o Kenduskeag haviam sido troncos sólidos, de margem a margem, as cascas negras cin-tilando ao sol primaveril. Um sujeito de pés ágeis poderia ir andando do Balneário do Wally, no Meio Acre do Inferno, até o Ramper's, em Brewsíer (o Ramper's era uma taberna de reputação tão terrível, que costumavam chamá-la Balde de Sangue), sem molhar as botas acima do terceiro cruzamento de seus cordões de couro cru. Pelo menos assim contavam quando Richie era novo, e ele supunha que em tais relatos houvesse um toque de Paul Bunyan.

O *velho Paul,* pensou, erguendo os olhos para a estátua de plástico. *O que andou fazendo desde que fui embora? Fez alguns novos leitos de rios, ao voltar cansado para casa, arrastando o machado atrás de você? Fez alguns novos lagos, por querer uma banheira grande o suficiente para permitir-lhe sentar-se com água até o pescoço? Assustou mais algumas crianças pequenas, como assustou a mim naquele dia?*

Ah, de repente, Richie recordou tudo, assim como às vezes recordamos subitamente uma palavra que nos dançava na ponta da língua.

Ali havia estado ele, sentado ao brando sol de março, um pouco so-nolento, pensando em ir para casa e ainda pegar a última meia hora de *Bandstand,* quando de súbito sentiu uma quente lufada de ar no rosto. O vento jogou seu cabelo para fora da testa. Erguendo os olhos, Richie viu que o imenso rosto plástico de Paul Bunyan estava bem diante do seu, maior do que um rosto em tela de cinema, enchendo todos os espaços. A lufada de ar fora provocada por ele, ao abaixar-se... embora não estivesse mais exatamente parecido com Paul. Agora, a testa era baixa e saliente; tufos de pêlos duros escapavam de um nariz tão vermelho como o de um bêbado inveterado; os olhos estavam injetados de sangue, um deles ligeiramente estrábico.

O machado não se encontrava mais pousado em.seu ombro. Paul inclinava-se apoiado ao cabo, e a parte não amolada do machado fizera um sulco no concreto da calçada. Ele ainda sorria, mas seu riso nada mais tinha de alegre. Dos interstícios de seus gigantescos dentes amarelos expandia-se um cheiro semelhante ao de pequenos animais apodrecendo sob vegetação baixa, aquecida pelo sol.

— Vou comer você — disse o gigante, em voz grave e tonitruante. Era o som de penedias rochosas entrechocando-se durante um terremoto. — A menos que devolva minha galinha, minha harpa e minhas bolsas de ouro... porque você me *rouboul*

O vento provocado pela emissão daquelas palavras fez a camisa de Richie agitar-se e sacudir-se como uma vela em um furacão. Ele ficou encolhido contra o banco, de olhos arregalados, os cabelos em pé por todos os lados da cabeça, envolto em um halo fedorento de carniça.

O gigante começou a rir. Pousou as mãos sobre o cabo do machado, da maneira como Ted Williams se teria apoiado em seu bastão favorito de beisebol (ou cabo de machado, se preferirem), e o puxou do buraco que havia feito na calçada. O machado começou a levantar-se no ar, produzindo um baixo e roçagante som letal. De repente, Richie compreendeu que o gigante pretendia cortá-lo ao meio.

Contudo, percebeu que não podia mover-se; fora invadido por uma espécie de aturdida apatia. E que importava isso? Estava cochilando, estava sonhando. A qualquer momento, um motorista buzinaria para um garoto cruzando a rua às carreiras, e ele despertaria.— Muito bem! — trovejou o gigante. — Você despertará no *inferno!*

Então, no último instante, quando o machado desceu até seu apogeu e equilibrou-se lá, Richie compreendeu que aquilo não era um sonho, de maneira nenhuma... e que se fosse, era um sonho que podia matar.

Tentando gritar, mas sem emitir qualquer som, ele rolou para fora do banco e sobre a grama aparada da área circundando o que havia sido a estátua, agora apenas uma base com dois enormes espigões de aço, apontando do ponto em que haviam estado os pés. O som do machado descendo encheu o mundo com seu pressionante e insistente sussurro; o riso do gigante transformara-se na careta de um assassino. Seus lábios estavam tão distendidos para trás, que as gengivas de plástico vermelho, he-diondamente vermelhas, ficaram cintilando.

A lâmina do machado caiu sobre o banco onde Richie estivera sentado, apenas um instante antes. Estava tão afiada, que mal produziu som, embora o banco fosse imediatamente partido em dois. As metades caíram para os lados, a madeira interna, por baixo da pintura verde, mostrando uma tonalidade muito branca e, de certo modo, repugnante.

Richie estava caído de costas. Ainda tentando gritar, empurrou-se com os calcanhares. Punhados de cascalho deslizaram pela gola de sua camisa, até a parte traseira das calças. E lá estava Paul, dominando-o com sua altura, fitando-o com olhos do tamanho de tampas de bueiro; lá estava Paul, olhando para um menino que se encolhia sobre o cascalho.

O gigante deu um passo para ele. Richie sentiu o solo estremecer quando a bota negra desceu. Cascalhos ergueram-se no ar, em uma nuvem.

Richie rolou sobre o estômago e, cambaleando, conseguiu ficar em pé. Suas pernas já estavam tentando correr, antes mesmo dele equilibrar-se, de modo que tornou a cair sobre o estômago. Ouviu o vento sendo expelido de seus pulmões. O cabelo lhe caiu nos olhos. Podia ver a movimentação do trânsito, indo e vindo pelas ruas Main e do Canal, como acontecia todos os dias, como se nada estivesse ocorrendo, como se ninguém, em qualquer daqueles carros, pudesse ver que Paul Bunyan ganhara vida e descera de seu pedestal para matar com um machado aproximadamente do tamanho de uma caixa de transmissão de um modelo *deluxe,* como se ninguém se importasse com isso.

A luz do sol fora cortada. Richie jazia em um retalho de sombra que parecia um homem.Equilibrou-se sobre os joelhos, quase caiu para os dois lados, ficou em pé com esforço e correu, o mais depressa que pôde — correu com os joelhos quase batendo no peito o tempo todo, os cotovelos indo e vindo como pistões. Atrás dele, ouvia aquele terrível e persistente sussurro que novamente se formava, um som que em realidade não parecia som algum, mas uma pressão sobre a pele e os tímpanos: *Suiiippppp!*

A terra estremeceu. Os dentes superiores e inferiores de Richie chocalharam uns nos outros, como pratos de porcelana em um terremoto. Não precisava olhar para saber que o machado de Paul enterrara-se a meio na calçada, apenas centímetros atrás de seus pés.

Aloucadamente, ouviu os Dovells, em seu cérebro: *Oh, os caras em Bristol são rápidos como pistola Quando executam a Batida de Bristol...*

Richie conseguiu ultrapassar a sombra do gigante e ficou novamente no sol. Então, começou a rir — o mesmo riso cansado de quando disparara escada abaixo, na

Freese's. Ofegando, tornando a sentir aquela pontada quente no lado, por fim arriscou um olhar para trás, sobre o ombro.

Lá estava a estátua de Paul Bunyan, de pé no pedestal onde sempre estivera, com o machado ao ombro, a cabeça ligeiramente virada para o céu, os lábios entreabertos no eterno sorriso do mito-herói. O banco que havia sido partido em dois continuava inteiro e intato, muito obrigado. O cascalho onde *Tall Paul* (Jogo de palavras rimando: *Tall Paul* (Alto Paul) e *He's-a my ali* (Ele é o meu tudo). - N. da T.) *(He's-a my ali,* cantava maniacamente Annette Funicello na cabeça de Richie) plantara seu enorme pé estava arrumado e imaculado, exceto pelo escarvado local em que Richie caíra, enquanto

(fugia do gigante)

sonhava. Não existiam pegadas, nenhuma marca de machadada no concreto. Ali havia apenas um menino que fora perseguido por outros, por meninos maiores e, portanto, tivera um rápido (mas muito potente) sonho sobre um Colosso homicida... o Gigante Henry Bowers, Tamanho Econômico, com sua licença.

— Merda — disse Richie, em voz baixa e trêmula.

Deu uma risada vacilante. Ficou ali ainda algum tempo, querendo ver se a estátua tornaria a mover-se — talvez piscar um olho, talvez mudar o machado de um ombro para o outro, talvez descer e voltar a persegui-lo. Naturalmente, nada disso aconteceu.

Naturalmente.

O quê? Eu, preocupar-me? Ha-ha-ha-ha!

Um cochilo. Um sonho. Nada mais que isso.

Não obstante, como Abraham Lincoln ou Sócrates — ou alguém assim — certa vez observara, o suficiente era o bastante. Estava na hora de ir para casa e esfriar; de fazer como Kookie, em *77 Sunset Strip,* e apenas ficar frio.

Então, embora fosse mais rápido cortar um atalho através dos terrenos do City Center, ele decidiu o contrário. Não queria chegar perto daquela estátua. Em vista disso, deu uma longa volta e, ao anoitecer, praticamente esquecera o incidente.

Até agora.

Aqui está sentado um homem, pensou, *aqui está sentado um homem trajando um paletó esporte verde-musgo, comprado em uma das melhores lojas de Rodeo Drive; aqui está sentado um homem com os pés calçados em mocassins, e roupa de baixo Calvin Klein cobrindo seu traseiro; aqui está sentado um homem com macias lentes de contato repousando com facilidade em seus olhos; aqui está sentado um homem recordando o sonho de um menino que considerava uma camisa e sapatos formais o máximo em termos de moda; aqui está sentado um adulto, contemplando a mesma velha estátua e, olá, Paul, Alto Paul, vim lhe dizer que você continua o mesmo, em todos os sentidos, que não envelheceu um só puto dia.*

A velha explicação continuava soando verdadeira em sua mente: um sonho.

Richie supôs que poderia acreditar em monstros, sendo preciso; monstros não eram nada de extraordinário. Não ficara em estúdios de rádio, volta e meia, lendo noticiários sobre sujeitos como Idi Amin Dada, Jim Jones e aquele cara que tinha liquidado tantos outros em um McDonald's, um por um? Tacar fogo poupando fósforos — monstros saíam barato! Quem precisava gastar cinco pratas em urna entrada de cinema, quando podia ler sobre eles no jornal por trinta e cinco centavos e ouvir o que diziam deles no rádio, inteiramente grátis? Concluiu que, se podia acreditar na variedade Jim Jones, podia acreditar na de Mike Hanlon, pelo menos por enquanto; A Coisa tinha seu próprio lamentável charme, porque vinha do *Exterior* e ninguém precisaria reivindicar responsabilidade por ela. Richie podia acreditar em um monstro que possuía tantas facesquantas máscaras de borracha existissem em uma loja de novidades (quem

compra uma, pode muito bem levar uma batelada delas, pensou, ficam mais baratas por atacado, certo, turma?), pelo menos em benefício do argumento... mas uma estátua de plástico com nove metros de altura, que baixa de seu pedestal e então tenta estripar-nos com seu machado plástico? Bem, isso já era demais. Como Abraham Lincoln ou Sócrates — ou alguém mais *também* tinha dito — posso comer peixe e posso comer carne, mas há certa bosta que eu não como. Isso apenas não era...

A brusca dor aguda atacou seus olhos novamente, sem aviso, arrancando-lhe uma sufocada exclamação. Agora estava pior, doendo mais fundo e demorado, deixando-o francamente assustado. Instintivamente, levou as mãos aos olhos, e também instintivamente, tateou as pálpebras inferiores com os indicadores, a fim de tirar as lentes de contato. *Talvez seja algum tipo de infecção,* pensou vagamente. *Céus, como dói!*

Puxou as pálpebras para baixo e estava pronto para dar aquela única e treinada piscadela que enviaria as lentes para fora (e, então, passaria os quinze minutos seguintes caçando-as miopemente no cascalho em torno do banco mas, ora bolas, quem se importava com isso agora, era como se ele tivesse pregos nos olhos), quando a dor desapareceu. Não ficou amortecida e foi diminuindo; apenas sumiu. Em um momento havia dor, no outro ela se fora. Seus olhos lacrimejaram brevemente, e então pararam.

Baixou as mãos devagar, o coração batendo depressa no peito, decidido a piscar e expulsar as lentes assim que a dor recomeçasse. Ela não recomeçou. E, de súbito, ele se viu pensando no único filme de terror que o amedrontara quando criança, talvez por se ter preocupado tanto com os óculos e ter passado tanto tempo pensando em seus olhos. Aquele filme tinha sido O *Olho Rastejante,* com Forrest Tucker. Não dos melhores. Os outros garotos tinham rido histericamente, mas Richie, não. Ele ficara frio, pálido e aturdido, no momento sem uma só Voz para comandar, enquanto aquele gelatinoso olho tentacular brotava do fog manufaturado de algum *set* de cinema inglês, agitando à frente seus tentáculos fibrosos. A visão daquele olho tinha sido horrível, era a materialização de uma centena de medos e inquietudes não-inteiramente-percebidos. Não muito depois disso, certa noite ele havia sonhado que se olhava em um espelho e, pegando um comprido alfinete, enterrara-o lentemente na íris negra de seu olho. Sentira um entorpecido e aquoso vazamento no fundodo olho, que se enchia de sangue. Recordou — *agora* estava recordando — que tinha acordado e descoberto que havia urinado na cama. O melhor indicador do quanto tal sonho fora terrível havia sido a sensação primeira, não de vergonha pela indiscrição noturna, mas de alívio; ele tinha abraçado a quente mancha molhada com o corpo, abençoando a realidade daquele quadro.

— Que se dane! — disse Richie Tozier, em voz baixa mas não de todo firme, começando a levantar-se.

Voltaria ao Town House e tiraria um cochilo. Se aquele lugar era a Alameda das Recordações, ele preferia a auto-estrada de Los Angeles, na hora do *rush.* A dor nos olhos certamente era apenas um sinal de cansaço e de fadiga de jato, além da tensão de encontrar o passado, todo de uma vez, em uma só tarde. Bastava de choques; já explorara o suficiente. Não gostava da maneira como sua mente pulava de um assunto para outro. Qual era mesmo aquela música de Peter Gabriel? "Choque o macaco". Bem, este macaco já tivera choques bastantes. Era hora de tirar uma soneca e talvez adquirir uma pequena perspectiva.

Ao levantar-se, seus olhos pousaram novamente na marquise diante do City Center. No mesmo instante a força fugiu de suas pernas e ele tornou a sentar-se. Com força.

RICHIE TOZIER, O HOMEM DAS 1000 VOZES
RETORNA A DERRY, A TERRA DAS 1000 DANÇAS

EM HOMENAGEM À VOLTA DE BOCA DE LIXO, O CITY CENTER
ORGULHOSAMENTE
APRESENTA
O ESPETÁCULO DE ROCK "TODOS-MORTOS", DE RICHIE TOZIER

BUDDY HOLLY	RICHIE VALENS	THE BIG BOPPER
FRANKIE LYMON	GENE VICENT	MARVIN GAYE

PRATA DA CASA

JIMI HENDRIX	GUITARRA LÍDER
JOHN LENNON	GUITARRA RÍTMICA
PHIL LINOTT	BAIXO ELÉTRICO
KEITH MOON	BATERIA

JIM MORRISON, VOCALISTA ESPECIALMENTE CONVIDADO

BEM-VINDO AO LAR, RICHIE!
VOCÊ TAMBÉM ESTÁ MORTO!

Richie teve a sensação de que alguém lhe extraíra toda a respiração... e então tornou a ouvir aquele som, aquele som que era uma espécie de pressão sobre a pele e os tímpanos, aquela lufada sussurrante e homicida — *Suiipppp!* Rolou para fora do banco, sobre o cascalho, pensando: *Então, é isto que quer dizer* déjà-vu, *agora você já sabe, nunca mais precisará perguntar a ninguém...*

Bateu com o ombro no chão e rolou, os olhos voltados para cima, para a estátua de Paul Bunyan — só que ela não era mais de Paul Bunyan. O palhaço o substituíra, resplendente e evidente, fantástico em plástico, seis metros de cores metálicas, a cara pintada encimando uma cósmica, cômica gola franzida. Pompons alaranjados, moldados em plástico, cada um deles do tamanho de uma bola de vôlei, desciam como botões pela frente do traje prateado. Em vez do machado, ele segurava os cordéis de um grande punhado de balões de gás, em plástico. Havia duas legendas gravadas em cada balão: CONTINUA SENDO ROCK AND ROLL PARA MIM e ESPETÁCULO DE ROCK "TODOS-MORTOS", DE RICHIE TOZIER.

Richie rastejou para trás, usando os calcanhares e as palmas. O cascalho desceu pela traseira de suas calças. Ele ouviu uma costura desfazer-se na axila do seu paletó esporte da Rodeo Drive. O palhaço baixou os olhos para ele. As pupilas rolaram lacrimosamente nas órbitas.

— Assustei você, cara? — trovejou ele.

Richie ouviu sua boca dizer, quase independentemente de seu cérebro congelado:

— Apenas arrepiozinhos nos fundos de meu carro, Bozo. Nada mais.

O palhaço riu e assentiu, como se não esperasse outra coisa. Os lábios pintados de vermelho-sangue entreabriram-se, mostrando dentes como presas, cada um com pontas afiadas.

— Eu podia pegá-lo agora mesmo, se quisesse — disse. — Entretanto, isto vai ser muito mais divertido.

— Divertido para mim também — Richie ouviu sua boca dizer. — E o mais divertido vai ser quando eu arrancar sua fodida cabeça, neném.

O riso do palhaço ampliou-se mais e mais. Ele ergueu uma mão enfiada em luva branca, e Richie sentiu o deslocamento do ar afastar seu cabelo da testa, como acontecera naquele dia, vinte e sete anos atrás. O indicador do palhaço foi apontado para ele. Era grande como uma viga.*Grande como uma vi...* pensou Richie, e então tornou a sentir a dor. Era como enfiar arames pontudos e enferrujados na mole gelatina de seus olhos. Ele gritou e levou as mãos ao rosto.

— Antes de retirar o argueiro do olho de teu vizinho, retira a viga do teu — cantarolou o palhaço.

Sua voz trovejava e vibrava no ar. Richie foi novamente envolvido no hálito que fedia a carniça. Olhou para cima e deu meia dúzia de apressados passos para trás. O palhaço estava inclinado, as mãos enluvadas sobre os joelhos, envoltos naquela roupa engraçada.

— Quer brincar mais um pouco, Richie? Que tal eu apontar para o seu pau e dar-lhe um câncer da próstata? Também posso apontar para sua cabeça e dar-lhe um bom e velho tumor cerebral — embora eu tenha certeza de que algumas pessoas dirão que isso apenas aumentou o que já existia lá. Se apontar para sua boca, sua língua tagarela será transformada em pus escorrendo. Eu posso fazer isso, Richie. Quer ver?

Os olhos do palhaço aumentavam e aumentavam. Naquelas pupilas negras, tão grandes como uma bola de *softball,* Richie viu a louca escuridão que devia existir além da borda do universo; viu uma repugnante felicidade que, percebeu, poderia deixá-lo insano. Naquele momento, compreendeu que A Coisa poderia fazer tudo quanto dissera e muito mais.

Então, tornou a ouvir sua boca, mas agora a voz não lhe pertencia, não era qualquer de suas Vozes criadas, passadas ou presentes. Era uma Voz que nunca ouvira antes. Mais tarde, diria aos outros, hesitantemente, que era uma espécie de Voz do Sr. Negro Cascateiro, vibrante e arrogante, autoparodiando-se e esganiçada.

— Cai fora da minha pele, seu palhaço velho de araque! — ele gritou e, de repente, estava rindo outra vez. — Não me venha com essas merdas! Eu ando, eu falo e tenho um pau grande pra cachorro! Eu tenho *tempo,* sem *contratempo,* sou um *fulano* que tem um *plano,* e se você faz *bosta,* é porque *gosta* e ganha uma *posta!* Você me ouviu, bundamole de carabranca?

Richie julgou que o palhaço se encolhera, mas não ficou por ali para assegurar-se. Correu, bombeando os cotovelos, o paletó esvoaçando as abas às suas costas, pouco ligando para um pai que havia parado, a fim de que o filho pequenino pudesse admirar Paul Bunyan, mas que agora olhava apreensivamente para ele, como se o imaginasse enlouquecido. *Para ser franco, pessoal,* pensou Richie, *acho que vou endoidar mesmo. Oh,céus, como é que pode? E tinha que ser logo a mais imbecil imitação do Grão-mestre Flash da história, mas sei lá como, fez efeito, sei lá como...*

Então, a voz do palhaço ribombou atrás dele. O pai do garotinho não a ouviu, mas a criança encolheu-se subitamente e começou a chorar. O pai pegou o filho no colo e o abraçou, apalermado. Mesmo em meio a seu próprio terror, Richie observou de perto este pequeno espetáculo secundário. A voz do palhaço podia ser irritadamente alegre, talvez apenas irritada:

— Nós temos o olho aqui embaixo, Richie... você me ouviu? Aquele que rasteja. Se você não quer fugir, não quer dizer adeus, desça aqui embaixo, debaixo desta cidade, e dê um grande olá para um olho grandão! Desça e venha ver, a qualquer hora. A qualquer hora que quiser. Você me ouviu, Richie? Traga o seu ioiô. Diga a Beverly para

usar uma saia bem rodada, com quatro ou cinco anáguas por baixo. Diga a ela para usar a aliança do marido em volta do pescoço! E diga a Eddie para usar seus sapatos de couro de duas cores! Tocaremos um pouco de bop, Richie! Tocaremos TOODOSS OS SUCESSOS!

Chegando à calçada, Richie ousou espiar sobre o ombro e, o que viu, de maneira alguma era confortador. Paul Bunyan continuava desaparecido, e agora também o palhaço sumira. Onde eles tinham estado, havia nesse momento uma estátua de plástico com seis metros de altura, uma estátua de Buddy Holly. Ele usava um botão em uma das estreitas lapelas do paletó esporte xadrez, ESPETÁCULO DE ROCK "TODOS-MORTOS", DE RICHIE TOZIER, estava inscrito no botão.

Uma haste dos óculos de Buddy tinha sido emendada com fita adesiva.

O garotinho ainda chorava histericamente; o pai caminhava rapidamente de volta ao centro da cidade, levando nos braços o filho que berrava. Procurou passar bem distanciado de Richie.

Richie continuou andando

(pés, não me falhem agora)

tentando não pensar sobre

(tocaremos TOODOSS OS SUCESSOS!)

o que acabara de acontecer. No momento, queria pensar apenas na dose monstro de uísque que iria tomar no bar do Town House antes de subir para aquela soneca em seu quarto.

Ele achou que um drinque — apenas o drinque normal e vulgar — poderia fazê-lo sentir-se um pouco melhor. Tornou a espiar sobre o om-bro, e o fato de Paul Bunyan ter voltado ao pedestal, sorrindo para o céu, de machado plástico ao ombro, contribuiu para que ele se sentisse ainda melhor. Richie começou a caminhar depressa, em fuga, aumentando a distância com aquela estátua. Começara a pensar na possibilidade de alucinações, quando a dor atacou-lhe os olhos de novo, profunda e lancinante, fazendo-o chorar roucamente. Uma bonita jovenzinha que caminhava à frente dele, olhando sonhadoramente para as nuvens em movimento, olhou para trás, vacilou, e então se deteve.

— O senhor está bem?

— São as minhas lentes de contato — respondeu ele, em voz tensa. — Minhas malditas lentes de con... *oh, meu Deus, como isso dói!*

Desta vez, ergueu os indicadores tão rapidamente, que quase os enfiou nos olhos. Puxou para baixo as palpebras inferiores e pensou: *Não conseguirei retirar as lentes com um piscar dos olhos, eis o que vai acontecer, não conseguirei retirá-las com uma piscada, e meus olhos continuarão doendo, doendo e doendo, até eu ficar cego ficar cego ficar ce...*

Entretanto, quando piscou, aconteceu o mesmo de quando piscava antes para livrar-se das lentes. O mundo vivo e definido, no qual as cores permaneciam dentro dos limites, com rostos que eram vistos nítidos e óbvios, simplesmente desapareceu. Amplas faixas confusas em tom pastel o substituíram. E, embora ele e a ginasiana, tão solícita quanto preocupada, revistassem a superfície da calçada por quase quinze minutos, nenhum deles encontrou qualquer das lentes.

No fundo do cérebro, Richie pareceu ouvir o palhaço rindo.

5

Bill Denbrough vê um fantasma

Bill não viu Parcimonioso naquela tarde — mas *viu* um fantasma. Um fantasma verdadeiro. Foi o que acreditou no momento, e nenhum fato posterior o fez mudar de idéia.

Ele havia subido a Rua Witcham e tinha parado algum tempo junto ao bueiro onde George encontrara seu fim, naquele chuvoso dia de outubro de 1957. Agachando-se, ele espiou dentro do bueiro, que era recortado no piso de pedra de cantaria. Seu coração batia forte, mas espiou assim mesmo.

— Apareça, vamos, apareça! — disse em voz baixa.

Bill tinha a não-tão-louca idéia de que sua voz flutuava ao longo de escuras e gotejantes canalizações, sem extinguir-se, mas continuando em frente e em frente, alimentando-se dos próprios ecos, ricocheteando em paredes de pedra cobertas de musgo e maquinarias que há muito estavam paradas. Ele a sentiu flutuar acima de águas imóveis e estagnadas e, talvez, ao mesmo tempo, fluir de centenas de canos diferentes, em outras partes da cidade.

— Saia daí ou nós iremos p-pegar você!

Esperou nervosamente uma resposta, agachado, com as mãos entre as coxas, parecendo um lançador de beisebol entre lançamentos. Não houve resposta.

Ele ia levantar-se, quando uma sombra caiu sobre seu corpo.

Bill ergueu os olhos vivamente, ansioso, pronto para tudo... mas era apenas um garoto de dez, talvez onze anos. Usava shorts desbotados de escoteiro, deixando à mostra os joelhos esfolados. Em uma das mãos segurava um frasco plástico de refrigerante, na outra um skate de fibra de vidro, parecendo tão castigado quanto seus joelhos. O refrigerante era de um alaranjado fluorescente. O skate era de um verde fluorescente.

— Sempre fala para dentro dos bueiros, moço? — perguntou o menino.

— Só aqui em Derry — respondeu Bill.

Os dois entreolharam-se solenemente por um momento e depois começaram a rir ao mesmo tempo.

— Eu gostaria de fazer-lhe uma p-pergunta meio idiota — disse Bill.

— Tudo bem — replicou o menino.

— Você já e-escutou alguma coisa nestes bueiros?

O garoto olhou para ele como se o julgasse de miolo mole.

— E-Está bem — disse Bill. — Esqueça a p-pergunta.

Começou a caminhar, afastando-se. Teria dado cerca de doze passos — ia subindo a ladeira, pensando vagamente em dar uma espiada à casa onde havia morado — quando o garoto o chamou:

— Ei, moço!

Bill se virou. Tinha o paletó esporte enganchado em um dedo e jogado ao ombro. Desabotoara o colarinho e afrouxara a gravata. O menino espiava cautelosamente para ele, como que lamentando sua decisão de havê-lo chamado. Depois deu de ombros, como se dissesse: *e daí?*

— Escutei.

— Escutou?

— Escutei.

— O que foi que o bueiro disse?

— Não sei. Falava alguma língua estrangeira. Ouvi a voz saindo de uma daquelas estações de bombear, lá nos Barrens. Uma daquelas estações de bombear que parecem canos brotando do chão...

— Sei o que quer dizer. O que ouviu era uma voz de criança?

— Primeiro foi de criança, depois parecia de homem. — O menino fez uma pausa, -- Fiquei um pouco assustado. Corri para casa e contei a meu pai. Ele disse que devia ser um eco ou coisa assim, vindo da casa de alguém e descendo pelos encanamentos.

— Você acredita nisso?

O menino sorriu sedutoramente.

— Li no meu livro *Acredite se quiser,* de Ripley, que houve um sujeito capaz de ouvir música nos dentes. Música de rádio. As obturações dele eram como radinhos. Acho que, se acreditasse nisso, podia acreditar em qualquer coisa.

— Hã-hã — disse Bill. — E você *acreditou?* O menino abanou a cabeça com relutância.

— Tornou a ouvir essas vozes?

— Uma vez, quando tomava banho — disse o garoto. — Era uma voz de menina. Só chorava. Não dizia nada. Fiquei com medo de puxar o tampão do ralo quando acabasse o banho, pensando que poderia, bem... afogar a menina.

Bill tornou a assentir.

O menino agora olhava francamente para ele, com as pupilas brilhantes e fascinadas.

— Também sabe sobre essas vozes, moço?

— Já as ouvi — disse Bill. — Faz muito, muito tempo. Você conhecia algum dos m-meninos que foram encontrados assassinados aqui, filho?

O brilho desapareceu dos olhos do garoto, substituído por cautela e inquietação.

Meu pai disse que não devo falar com estranhos. Ele disse que qualquer um deles pode ser o assassino.

Deu mais um passo para trás, movendo-se para a salpicada sombra de um olmo, no qual Bill se chocara com sua bicicleta, vinte e sete anos atrás. Tinha levado um tombo e entortara os guidons.— Eu, não, garoto — falou. — Estava na Inglaterra durante os últimos quatro meses. Só cheguei a Derry ontem.

— Mesmo assim, não devo falar com o senhor — replicou o menino.

— Tudo bem — concordou Bill. — Este é um p-país livre. O garoto fez uma pausa, para então dizer:

— Eu costumava andar por aí algumas vezes com Johnny Feury. Era um bom garoto. Chorei por causa dele — encerrou o menino, com naturalidade, e sorveu o resto de seu refrigerante.

Então, com a mesma naturalidade, espichou a língua, temporariamente de um vivo alaranjado, e lambeu os salpicos caídos no braço.

— Fique longe dos bueiros e encanamentos — disse Bill, em voz sossegada. — Fique longe de lugares vazios e lugares desertos. Não vá a pátios ferroviários. E, acima de tudo, não chegue perto dos bueiros e encanamentos.

O brilho retornara aos olhos do garoto e ele nada disse, durante um longo, longuíssimo momento. Então...

— Quer ouvir uma coisa engraçada, moço?

— Claro.

— Sabe aquele filme onde o tubarão come todo mundo? Qualquer um conhece o filme. *T-T-Tubarão.*

— Bem, eu tenho um amigo, entende? O nome dele é Tommy Vica-nanza e não é lá muito inteligente. Minhocas na cabeça, entende o que eu quero dizer?

— Entendo.

— Pois ele acha que viu o tubarão no Canal. Estava sozinho no Parque Bassey, faz umas duas semanas, e disse que viu a barbatana dele. Disse que tinha uns dois e meio ou três metros de altura. Só a *barbatana* media tudo isso, entende? E ele disse também: "Foi aquilo que matou Johnny e os outros garotos. Foi o tubarão, eu sei, porque vi ele." Então eu falei: "Aquele Canal é tão poluído, que nada pode viver nele, nem mesmo um barrigudinho. E você ainda pensa que viu tubarão lá dentro? Você tem minhocas na cabeça, Tommy.'' Tommy disse que ele se levantou da água, do mesmo jeito como fez naquele filme, e tentou morder ele, mas ele recuou bem na hora. Não é engraçado, moço, hein?

— Muito engraçado — concordou Bill.

— Minhocas na cabeça, certo? Bill vacilou.— Fique longe do Canal também, filho. Morou?

— Quer dizer que *acredita?*

Bill tornou a vacilar. Quis dar de ombros. Em vez disso, assentiu. O garoto expeliu a respiração em um baixo jato sibilante. Baixou a cabeça, como que envergonhado.

— É isso aí. Às vezes, penso que *eu* devo ter minhocas na cabeça.

— Sei o que quer dizer. — Bill aproximou-se dele, que ergueu os olhos e o fitou solenemente, mas sem recuar desta vez. — Está acabando com seus joelhos nesse skate, filho.

O menino baixou os olhos para os joelhos esfolados e sorriu.

— É, acho que estou mesmo. De vez em quando perco o equilíbrio.

— Posso experimentar? — perguntou Bill subitamente.

O menino olhou para ele, primeiro boquiaberto, depois rindo.

— Vai ser engraçado — disse. — Nunca vi um adulto em um skate.

— Eu lhe dou vinte e cinco centavos — ofereceu Bill.

— Meu pai disse...

— Nunca aceite dinheiro nem d-doces de estranhos. É um bom conselho. Mesmo assim eu lhe dou v-vinte e cinco centavos. O que me diz? Só até a esquina da Rua J-Jackson.

— Não é o dinheiro — replicou o garoto. Começou a rir novamente — um som alegre e sem complicações. Um som puro. — Não preciso do seu dinheiro. Tenho duas pratas. Sou quase rico. Bem, eu gostaria de ver isso... Depois não me acuse se quebrar alguma coisa.

— Não se preocupe — disse Bill. — Estou no seguro.

Girou uma das gastas rodas do skate com o dedo, gostando da velocidade fácil com que ela girava — era como se ali houvesse um milhão de rolamentos de esferas. Um som agradável. Evocava algo muito antigo no peito de Bill. Um desejo tão cálido quanto carente, tão amoroso como o amor. Sorriu.

— E então, o que acha? — perguntou o menino.

— Acho que vou a-acabar me matando — disse Bill, e o menino riu. Bill pousou o skate na calçada e colocou um pé sobre ele. Moveu-o

para diante e para atrás, experimentalmente. O menino espiava. Em sua mente, Bill podia ver-se rodando pela Rua Witcham abaixo, em direção à Jackson, em cima do skate verde abacate do menino, as abas do paletó esporte esvoaçando enfunadas às suas costas, a cabeça calva reluzindo ao sol, os joelhos inclinados, como os inclinavam os

coelhos-da-neve emseu primeiro dia nas encostas. Era uma postura dando indicação de que, na cabeça deles, já estavam despencando. Bill apostava como o garoto não usaria o skate daquele jeito. Apostava como ele corria no skate

(para derrotar o demônio)

como se não houvesse amanhã.

Aquela sensação gostosa morreu em seu peito. Com nítida clareza, Bill viu o skate escapar-lhe dos pés, disparando a toda velocidade rua abaixo, naquele improvável verde fluorescente, uma cor que somente uma criança apreciaria. Viu-se caindo sentado, talvez batendo de costas no chão. Desintegrando-se lentamente em um quarto particular no Home Hospital de Derry, um quarto como aquele em que visitara Eddie, que havia quebrado um braço. Bill Denbrough, engessado de corpo inteiro, uma perna mantida no alto por fios e roldanas. Entra um médico, consulta seu mapa, depois olha para ele, dizendo: "Cometeu dois erros crassos, Sr. Denbrough. O primeiro foi subestimar um skate. O segundo, esquecer que se aproxima dos quarenta anos de idade."

Inclinando-se, ele recolheu o skate e o devolveu ao garoto.

— Acho que não vai dar — falou.

— Galinha! — replicou o garoto, cruel. — Está com medo!

Bill enfiou os polegares debaixo das axilas e gesticulou com os cotovelos.

— Có-có-có-có! O menino riu.

— Bem, tenho que ir para casa — falou.

— Tome cuidado com isso — aconselhou Bill.

— A gente não pode tomar cuidado em cima de um skate — replicou o menino, olhando para Bill como se ele é que tivesse minhocas na cabeça.

— Certo — respondeu Bill. — Tudo bem. Como se diz no mundo do cinema, terei notícias suas. Contudo, fique longe dos bueiros e esgotos. E ande junto de seus amigos.

O garoto assentiu.

— Estou perto de casa.

Meu irmão também estava, pensou Bill.

— De qualquer modo, isso logo vai acabar — disse ao menino.

— Vai mesmo?

— Eu acho que sim — respondeu Bill.

— Tá legal. Até logo... galinha!O garoto pousou um pé no skate e impeliu-se com o outro. Mal se viu rodando, o segundo pé também se firmou em cima do skate e ele disparou rua abaixo, em meio a tremendo ruído e com uma velocidade que a Bill pareceu suicida. No entanto, o garoto seguiu rodando como era de esperar: com um indolente e gracioso mover dos quadris. Bill sentiu amor por ele, uma euforia, um desejo de *ser* o menino, juntamente com um medo quase asfixiante. Lá se ia ele, rodando no skate, como se não existissem coisas semelhantes a morte ou envelhecimento. Parecia algo eterno e inevitável, em seu short caqui de escoteiro e tênis surrados, os tornozelos sem meias e sujíssimos, os cabelos agitando-se ao vento deslocado.

Cuidado, garoto, não vai conseguir dobrar a esquina! pensou Bill, alarmado, mas o garoto gingou os quadris para a esquerda, como um dançarino de *break,* os dedos dos pés revolveram-se sobre o skate de fibra de vidro e ele disparou sem esforço, contornando a esquina e entrando na Rua Jackson, como que absolutamente convicto de que não encontraria ninguém em seu caminho. *Garoto,* pensou Bill, *nem sempre vai ser assim...*

Continuou caminhando até sua antiga casa, mas não parou; apenas diminuiu o passo. Havia gente no gramado — uma mãe em uma espre-guiçadeira, com um bebê adormecido nos braços, olhando duas crianças — talvez de oito e dez anos — que

jogavam badminton na relva ainda molhada da chuva de horas antes. O mais novo, um menino, conseguiu jogar a peteca por cima da rede, e a mulher exclamou:

— Boa jogada, Sean!

A casa continuava com a mesma cor verde-escura," no alto da porta havia a antiga bandeira, mas os canteiros de sua mãe tinham desaparecido. Pelo que podia ver, também desaparecera a confusão de canos que seu pai havia montado no pátio dos fundos, para a prática de ginástica. Bill recordava o dia em que Georgie caíra do cano mais alto e lascara um dente. Como ele tinha gritado!

Ele viu aquelas coisas (as existentes e as desaparecidas), sentindo vontade de aproximar-se da mulher com o bebê adormecido nos braços. Pensou em dizer-lhe: *Olá, meu nome é Bill Denbrough. Morei nesta casa quando criança.* E a mulher diria: *Que interessante!* E depois? Poderia perguntar a ela se o rosto que ele esculpira cuidadosamente em uma das vigas do sótão — o rosto no qual ele e Georgie às vezes gostavam de atirarflechas — ainda estava lá. Poderia perguntar-lhe se seus filhos de vez em quando dormiam no alpendre telado dos fundos, quando as noites de verão ficavam muito quentes, conversando em voz baixa enquanto espiavam os relâmpagos dançarem no horizonte. Supôs que talvez fosse possível fazer-lhe alguma daquelas perguntas, mas achou que iria gaguejar terrivelmente se tentasse ser simpático... Mas, na verdade, desejaria mesmo saber alguma resposta? Depois da morte de Georgie, aquela casa se tornara fria, e o que quer que ele viera procurar em Derry, não era ali que se encontrava.

Assim, continuou andando até a esquina e dobrou para a direita, sem se voltar.

Logo estava na Rua Kansas, encaminhando-se para o centro da cidade. Fez uma pequena pausa no muro de tábuas ao longo da calçada e olhou para baixo, para os Barrens. O muro continuava o mesmo, madeira desconjuntada, a caiação desbotando. Os Barrens ainda tinham a antiga aparência... embora talvez estivessem ainda mais agrestes. As únicas diferenças que podia ver eram o desaparecimento da fumaceira suja que sempre marcara a lixeira da cidade (o depósito de lixo fora substituído por modernas instalações para o tratamento dos dejetos) e um comprido viaduto que agora cruzava o verdor emaranhado dos Barrens — a extensão da auto-estrada de pedágio. Tudo o mais continuava como antes, era como se houvesse visto aquilo no verão anterior: matagal e ervas daninhas descendo para aquela achatada área pantanosa à esquerda e para densos maciços de árvores à direita. Podia ver a mancha do que eles chamavam de bambu, com talos branco-prateados, de quatro, cinco metros de altura. Recordava que Richie certa vez quisera fumar daquilo, alegando que era como a coisa que os músicos de jazz fumavam, algo que deixava a pessoa alta. Richie conseguira ficar tonto e enjoado.

Bill podia ouvir o rumorejar de água correndo em muitos pequenos regatos, podia ver o sol heliografando-se na expansão mais ampla do Ken-duskeag. E o cheiro era o mesmo, embora não havendo mais o depósito de lixo. O forte odor de coisas crescendo, com o vigor de seu pavoneio primaveril, não mascarava inteiramente o cheiro de dejetos e rebotalho humano. Era um cheiro sutil, mas indiscutível. Um cheiro de podridão; um hálito do lado inferior da vida.

Foi onde tudo terminou antes e onde tudo vai terminar desta vez, pensou Bill, com um estremecimento. *Lá... debaixo da cidade.*Ficou ali mais algum tempo, convencido de que podia ver algum sinal — alguma manifestação — daquela coisa malévola que viera combater e por cuja causa retornara a Derry. Nada havia. Podia ouvir a água correndo, um som vital, com jeito de primavera, fazendo-o recordar a represa que haviam construído lá embaixo. Podia ver árvores e arbustos agitando-se à brisa leve. Nada mais havia. Nenhum sinal. Continuou a caminhar, limpando uma ligeira mancha branca de cal nas mãos, enquanto prosseguia.

Seguiu em frente, a caminho do centro da cidade, meio recordando e meio sonhando, quando encontrou outra criança — agora uma menina de uns dez anos, com calças de brim de cintura alta e uma desbotada blusa vermelha. Ela batia uma bola no chão com uma das mãos e, com a outra, segurava uma boneca pelos cabelos louros de náilon.

— Oi! — disse Bill. Ela ergueu os olhos.

— O que é?

— Sabe qual é a melhor loja em Derry? Ela meditou um instante.

— Para mim ou para os outros?

— Para você — disse Bill.

— É a "Rose Segunda Mão, Roupas Segunda Mão" — replicou ela, sem a menor hesitação.

— Como assim? — perguntou Bill.

— Como assim, *o quê?*

— Quero dizer, isso é um nome de loja?

— Claro — respondeu a menina, olhando para Bill como se o julgasse ruim da cabeça. — *Rose* Segunda Mão, *Roupas* Segunda Mão. Minha mãe diz que lá só tem quinquilharias, mas eu gosto. Eles têm coisas antigas. Como discos que a gente nunca ouviu dizer que existissem. E também cartões-postais. A loja cheira como um sótão. Agora tenho que ir para casa. Tchau.

A menina continuou andando, sem olhar para trás, batendo sua bola e segurando a boneca pela cabeleira.

— Ei! — gritou Bill.

Ela olhou para trás, com jeito volúvel.

— Como assim? O que mais você quer?

— A loja! Onde é que fica?A menina olhou por sobre o ombro e disse:

— Você está indo para lá. Fica no começo da Colina Milha Acima.

Bill experimentou o senso do passado desdobrando-se sobre si mesmo, desdobrando-se sobre ele. Não quisera perguntar coisa alguma à menina; a pergunta lhe saltara da boca como uma rolha do gargalo de uma garrafa de champanha.

Ele desceu a Colina Milha Acima, na direção do centro comercial da cidade. Os armazéns e fábricas de enlatados de que recordava — sombrios prédios de tijolos, com janelas sujas, de onde escapava um cheiro intenso de carnes — haviam desaparecido na quase totalidade, embora as fábricas da Armour e da Star Beef, ambas de carne enlatada, ainda continuassem ali. Contudo, a Hemphill se fora e, onde antes se erguiam a Carne de Boi Águia e as Carnes Kosher, agora havia um banco com pátio de estacionamento e uma padaria. E ali onde fora o Anexo dos Irmãos Tracker ele viu um cartaz pintado em letras fora de moda, dizendo (justamente como informara a menina com a boneca) ROSE SEGUNDA MÃO, ROUPAS SEGUNDA MÃO. Os tijolos vermelhos tinham sido pintados de um amarelo que talvez houvesse sido vivido dez ou doze anos antes, mas que agora desbotara — uma cor a que Audra classificaria como amarelo-urina.

Bill caminhou lentamente para lá, sentindo-se novamente tomado por aquela sensação de *déjà-vu.* Mais tarde diria aos outros ter sabido que fantasma iria ver, antes mesmo de realmente tê-lo visto.

A vitrine de Rose Segunda Mão, Roupas Segunda Mão era mais do que suja — era nojenta. Aquilo nada tinha das lojas de antigüidades da Nova Inglaterra, com elegantes caminhas caneladas, gabinetes Hoosier e jogos de cristal iluminados por refletores ocultos; aquela loja era o que sua mãe chamava, com profundo desdém, "um brechó ianque". Os artigos estavam jogados a esmo, em confusa profusão, amontoados

desordenadamente aqui, ali e acolá. Vestidos pendiam de cabides para casacos. Guitarras apareciam penduradas pelo braço, como criminosos executados. Havia uma caixa com discos de 45 rpm — 10 CENTAVOS CADA — dizia o letreiro. DOZE POR UMA PRATA, ANDREW SISTERS, PERRY COMO, JIMMY ROGERS E OUTROS. Havia roupas para crianças e sapatos horríveis. Um cartaz à frente deles anunciava: DE SEGUNDA MÃO, MAS APROVEITÁVEIS: 1 DÓLAR o PAR. Havia duas televisões que pareciam cegas. Uma terceira lançava manchadas imagens de *The Brady Bunch* para a rua. Uma caixa de velhos livros de capa mole, quase todos com as respectivas capas em tiras (2 POR 25 CENTAVOS, 10 POR UM DÓLAR, TEMOS MAIS LÁ DENTRO, ALGUNS DELES "QUENTES"), acomodava-se em cima de um grande rádio com uma caixa de sujíssimo plástico e um dial tão grande como um despertador. Punhados de flores de plástico aninhavam-se em vasos sujos, sobre uma mesa de jantar lascada, cambaia e empoeirada.

Todas essas coisas, Bill viu como um fundo caótico para aquela que lhe atraiu imediatamente o olhar. Ficou espiando, com olhos esbugalha-dos. Arrepios correram loucamente para cima e para baixo em seu corpo. Ele sentiu a testa arder, as mãos geladas e, por um momento, pareceu-lhe que todas as portas internas se escancariam, permitindo que recordasse tudo.

Silver estava na vitrine do lado direito.

Continuava sem o descanso, e a ferrugem florescera nos pára-lamas dianteiro e traseiro, mas a buzina de pressão ainda estava no guidom, com o bulbo de borracha agora vidrado pelas rachaduras e a idade. A buzina em si, que Bill sempre mantivera perfeitamente polida, estava opaca e escurecida. O porta-bagagem traseiro, onde Richie tantas vezes viajara de carona, permanecia sobre o pára-lama, mas agora inclinado, pendendo por um só parafuso. A certa altura, alguém cobrira o selim com um tecido imitando pele de tigre, agora tão gasto e desfiado que as listras eram quase indistinguíveis.

Silver.

Bill ergueu automaticamente a mão para enxugar as lágrimas que lhe escorriam devagar pelas faces. Após sair-se melhor nisso com um lenço, entrou na loja.

A atmosfera de Rose Segunda Mão, Roupas Segunda Mão era bolorenta pela idade. Conforme dissera a menina, tinha um cheiro de sótão — mas não um cheiro agradável, como o de certos sótãos. Aquele não era o cheiro de óleo de linhaça, esfregado amorosamente na superfície de mesas velhas, nem era o cheiro de veludo e pelúcia antigos. Ali dentro reinava o cheiro de capas de livros apodrecendo, almofadas sujas de vinil que haviam sido quase cozinhadas pelo sol quente de verões passados, poeira e excremento de ratos.

Da televisão na vitrine vinham os uivos e berros do Bando de Brady. Competindo com eles, de algum lugar nos fundos, um rádio emitia a voz de um disc jockey que se identificava como "seu chapa Bobby Russell",prometendo o novo álbum de Prince a quem telefonasse dando o nome do ator que fizera o papel de Wally em *Leave it to Beaver.* Bill sabia — tinha sido um garoto chamado Tony Dow — mas ele não queria o novo álbum de Prince. O rádio estava colocado em uma prateleira alta, entre inúmeros retratos do século dezenove. Abaixo do rádio e dos retratos sentava-se o proprietário, um homem com cerca de quarenta anos, usando jeans caros e uma camiseta rede-de-peixe. Os cabelos eram alisados e penteados para trás. O sujeito parecia quase emaciado, tal a sua magreza. Tinha os pés pousados em cima da secretária à sua frente, em cuja superfície amontoavam-se pilhas de livros de contabilidade e a figura dominante de uma antiga caixa registradora movida a manivela. Lia uma brochura, que Bill imaginava nunca ter sido indicada para o Prêmio Pu-litzer. Chamava-se *Locais para a construção*

de coudelarías. No chão, diante da mesa, havia um mastro de barbearia, as faixas girando e girando, subindo para o infinito. Seu fio elétrico esfiapado enovelava-se pelo chão até uma tomada afixada em uma tábua, como fatigada serpente. À frente dele, um cartaz anunciava: UMA ESPÉCIE EM EXTINÇÃO! $250.

Quando a sineta sobre a porta tilintou, o homem atrás da mesa marcou a folha que lia com uma caixa de fósforos e ergueu os olhos.

— Alguma coisa?

— Sim — disse Bill, abrindo a boca para falar sobre a bicicleta. Contudo, antes que pudesse falar, sua mente ficou repentinamente tomada por uma simples e obcecante frase, palavras que expulsavam qualquer outro pensamento:

Ele soca os pulsos sobre os postes e insiste em ver fantasmas como hostes.

O que, em nome de Deus?

(soca)

— Deseja alguma coisa em particular? — perguntou o proprietário. Sua voz tinha a polidez adequada, mas examinava Bill atentamente. *Ele olha para mim,* pensou Bill, divertido, a despeito de sua aflição,

como se imaginasse que andei fumando esse troço que deixa os músicos dejazz "altos".

— Sim, eu estava in-in-interessado em-em...

— *(seus pulsos sobre os postes)*

— n-nesse po-po-poste...

— Está falando do mastro de barbearia?Os olhos do proprietário agora mostravam a Bill algo que, mesmo em seu atual estado de confusão, ele podia recordar e odiara desde a infância: a ansiedade do homem ou mulher que, ouvindo um gago, sentem o impulso de terminar rapidamente o pensamento, assim calando o pobre-diabo. *Ora, mas eu* não *gaguejo! Eu venci isso! NÃO SOU NENHUM FODJDO GAGO! Eu...*

(insistindo ver)

As palavras eram tão nítidas em sua mente, que parecia haver alguém expressando-as, como se ele fosse um homem possuído por demônios nos tempos bíblicos — um homem invadido por alguma presença de Fora. No entanto, podia reconhecer a voz, sabia que era a sua. Sentiu o suor escorrer cálido por sua face.

— Eu podia fazer um negócio com o senhor *{fantasmas como hostes)*

sobre esse poste — estava dizendo o proprietário. — Para dizer a verdade, não vou vendê-lo por duzentos e cinqüenta. O senhor levaria por cento e setenta e cinco, que tal? É a única antigüidade real por aqui.

(poste)

— MASTRO — Bill quase gritou, e o proprietário encolheu-se ligeiramente. — Não é no *mastro* que estou interessado!

Está tudo bem com o senhor? — perguntou o proprietário.

Seu tom solícito desmentia a expressão de fria cautela no olhar, e Bill viu que a mão esquerda do homem abandonava a mesa. Com um lampejo de algo que era realmente mais raciocínio indutivo do que intuição, ele sabia da existência de uma gaveta aberta abaixo de sua linha visual e que, sem a menor dúvida, o homem pousara a mão sobre uma pistola de algum tipo. Talvez estivesse preocupado com assaltos; o provável é que estivesse apenas preocupado. Afinal de contas, era visivelmente *gay,* e aquela era a cidade onde os jovens haviam dado um banho terminal em Adrian Mellon.

(ele soca os pulsos sobre os postes, insistindo ver fantasmas como hostes)

Isso expulsou qualquer pensamento; era como enlouquecer. De onde vinham aquelas palavras?

(ele soca)

Repetindo e repetindo.

Com um súbito e titânico esforço, Bill atacou. Fez isso, forçandoa mente a traduzir para o francês a fase estranha. Era assim que tinha vencido a gagueira, quando adolescente. Enquanto as palavras marchavam por seu campo de pensamento, ele as modificava... e de repente, sentiu afrouxar-se a pressão da gagueira.

Percebeu que o proprietário estivera dizendo algo.

— C-C-Como disse?

— Eu disse que, se vai ter um acesso, que o tenha na rua. Não preciso disso aqui dentro.

Bill respirou fundo.

— Vamos r-recomeçar — disse. — Imagine que acabei de e-entrar.

— Está bem — disse o proprietário, em voz mais agradável. — O senhor acabou de entrar. E agora?

— A b-bicicleta na vitrine — disse Bill. — Quanto quer por ela?

— Podia levá-la por vinte pratas. — O homem falava agora com mais fluência, porém a mão esquerda continuava fora de vista. — Acho que foi uma Schwinn em alguma época, porém agora virou um negócio híbrido. — Ele mediu Bill com os olhos. — Uma grande bicicleta. O senhor mesmo poderia dirigi-la.

Pensando no skate verde do menino, Bill disse:

— Acho que meus dias de pedalar uma bicicleta t-t-terminaram. O homem deu de ombros. Sua mão esquerda finalmente ficou à vista.

— Tem algum filho?

— T-Tenho.

— Com que idade?

— O-O-Onze anos.

— É uma bicicleta grande para um garoto de onze anos.

— Aceitaria um cheque de viagem?

— Se não for de dez pratas ou mais além do valor da compra.

— Posso dar-lhe um de vinte — disse Bill. — Permite que eu dê um telefonema?

— Naturalmente, se for local.

— É para aqui mesmo.

— Fique à vontade.

Bill ligou para a Biblioteca Pública de Derry. Mike estava lá.

— Onde está você, Bill? — perguntou ele, e logo em seguida: — Tudo bem?

— Tudo ótimo. Viu algum dos outros?— Não. Nós os veremos esta noite. — Houve uma breve pausa. — Pelo menos, é o que suponho. O que posso fazer por você, Grande Bill?

— Estou comprando uma bicicleta — respondeu Bill, em voz calma. — Gostaria de saber se posso levá-la até sua casa. Você tem uma garagem ou algo assim, onde eu pudesse guardá-la?

Houve silêncio.

— Mike? Você está...

— Estou ouvindo — respondeu Mike. — É Silver?

Bill olhou para o proprietário. O homem voltara a ler seu livro... ou talvez apenas o olhasse, enquanto ouvia cuidadosamente.

— Acertou — respondeu.

— Onde é que você está?

— A casa tem o nome de Rose Segunda Mão, Roupas Segunda Mão.

— Certo — replicou Mike. — Minha casa fica na Alameda Palmer, 61. Suba pela Rua Main e...

— Eu a encontrarei.

— Está bem. Encontrarei você lá. Que tal jantarmos?

— Seria ótimo. Pode largar seu trabalho?

— Não há problema. Carole me substituirá. — Mike tornou a vacilar. — Ela disse que um sujeito esteve aqui, uma hora antes da minha volta. Disse que ele parecia um fantasma. Fiz com que o descrevesse. Era Ben.

— Tem certeza?

— Tenho. E quanto à bicicleta... é parte de tudo, não?

— Possivelmente — respondeu Bill, mantendo um olho no proprietário, que ainda parecia absorvido no livro.

— Tudo bem. Encontro você em minha casa — disse Mike. — Número 61, não vá esquecer.

— Não esquecerei. Obrigado, Mike.

— Deus o abençoe, Grande Bill.

Bill desligou. O homem prontamente fechou o livro de novo.

— Conseguiu algum espaço para guardá-la, amigo?

— Consegui.

Bill pegou seu talão de cheques de viagem e assinou seu nome em um de vinte dólares. O homem examinou as duas assinaturas, com um cuidado que, em circunstâncias mentais menos ansiosas, Bill acharia insultante.Por fim, o proprietário preencheu uma nota de venda e enfiou o cheque na velha caixa registradora. Levantando-se, ele colocou a mão no final das costas, espreguiçou-se e depois caminhou até a frente da loja. Abriu caminho entre montes de velharias e artigos quase inúteis, com uma delicadeza alheada que Bill achou fascinante.

O homem ergueu a bicicleta, girou-a e a rodou até o final do lugar de exibição. Bill pegou nos guidons para ajudá-lo e, ao fazer isso, outro estremecimento percorreu seu corpo. Silver. Novamente. Silver estava em suas mãos e *(ele soca os pulsos sobre os postes, insistindo em fantasmas como hostes)* precisou expulsar de novo o pensamento, porque o deixava enfraquecido e estranho.

— O pneu traseiro está um pouco vazio — disse o proprietário. Na verdade, estava chato como uma panqueca. O dianteiro parecia cheio, mas tão careca que o cordame aparecia em vários lugares.

— Não tem importância — disse Bill.

— Poderá empurrá-la daqui até para onde vai?

(eu costumava fazer isso muito bem; agora, não sei)

— Acho que sim — respondeu Bill. — Obrigado.

— Não tem de quê. Se quiser falar sobre aquele mastro de barbea-ria, é só voltar.

O proprietário manteve a porta aberta para ele. Bill saiu, empurrando a bicicleta, dobrou para a esquerda e encaminhou-se na direção da Rua Main. As pessoas olhavam, entre divertidas e curiosas, apreciando o homem calvo que empurrava a enorme bicicleta com o pneu traseiro arriado e a buzina projetando-se acima da cesta-bagageiro enferrujada, mas Bill nem as percebeu. Estava maravilhado pela maneira como suas mãos adultas continuavam ajustando-se aos punhos de borracha, recordava como sempre quisera envolvê-los em tiras finas de plástico, de cores diferentes, dando nós nos orifícios de cada punho, para que flutuassem ao vento. Nunca chegara a fazer isso.

Parou na esquina da Center com a Main, diante da loja Mr. Paperback. Recostou a bicicleta contra o prédio pelo tempo suficiente para tirar o paletó esporte. Era penoso

empurrá-la com aquele pneu vazio, e a tarde esquentara. Jogando o paletó na cesta, ele seguiu em frente.*A corrente está enferrujada,* pensou. *Seja lá quem tenha sido seu dono, não tomou muito cuidado com*

(ele)

(ela).

Bill parou por um momento, de cenho franzido, tentando recordar o que tinha *acontecido* a Silver. Ele a vendera? Dera para alguém? Talvez a perdera? Não podia lembrar. Em vez disso, aquela frase idiota

(os *pulsos sobre os postes e insiste)*

ressurgiu, tão estranha e deslocada como uma poltrona em um campo de batalha, um toca-discos em uma lareira, uma fileira de lápis projetando-se de uma calçada de cimento.

Meneou a cabeça. A frase interrompeu-se, dispersando-se como fumaça. Bill empurrou Silver para a casa de Mike.

6

Mike Hanlon faz uma conexão

Primeiro, no entanto, ele fez o jantar — hambúrguers com cogumelos fritos e cebola, mais uma salada de espinafre. A esta altura, já tinham acabado de trabalhar em Silver e estavam mais do que dispostos para comer.

Era uma asseada casinha em Cape Cod, pintada de branco com guar-nições verdes. Mike acabara de chegar, quando Bill subia a Alameda Palmer empurrando Silver. Estava ao volante de um antigo Ford, com enferrujados painéis na soleira das portas e o vidro traseiro rachado. Bill recordou o fato que Mike apontara tão tranqüilamente: os seis membros do Clube dos Perdedores que tinham ido embora de Derry haviam deixado de ser perdedores. Ele ficara para trás e continuava atrás.

Bill rodou Silver para a garagem de Mike, cujo piso era de terra olea-da, em cada canto tão bem arrumada e limpa como a casa se mostraria. As ferramentas pendiam de cavilhas, e as luzes, abrigadas em cones de lata, pareciam com as que ficam acima das mesas de bilhar. Bill recostou a bicicleta contra a parede. Os dois a contemplaram em silêncio por um momento, com as mãos enfiadas nos bolsos.

— É Silver, sem dúvida — disse Mike por fim. — Pensei que você estivesse enganado, mas é ela mesma. O que vai fazer agora?— Sinceramente, não sei. Tem aí uma bomba de ar para bicicleta?

— Claro. Acho que também tenho um estojo para remendar pneus. Devem ser daqueles sem câmara de ar, não?

— Eles sempre eram. — Agachando-se, Bill olhou para o pneu vazio. — Exatamente. Sem câmara de ar.

— Está disposto a pedalá-la novamente?

— C-Claro que não — replicou Bill em seguida. — Apenas não quero vê-la aí parada, com um pneu va-vazio.

— Tudo bem, Grande Bill. Você manda.

Bill se virou vivamente para fitá-lo, mas Mike se dirigia aos fundos de garagem e, na parede dos fundos, encontrou a bomba de ar. De um dos armários tirou um estojo para remendos de pneus e o entregou a Bill, que o fitou com curiosidade. Era como se recordasse tais coisas dos tempos da infância: uma pequena caixa de lata, mais ou menos do tamanho e formato das usadas por homens que enrolam os próprios cigarros, exceto que o topo era brilhante e áspero — servia para lixar a borracha em torno do buraco, antes de ser colocado o remendo. A caixa parecia nova em folha. Uma etiqueta colocada nela dizia o preço: 7 dólares e 23 centavos. Bill tinha a impressão de que, quando era menino, um estojo daqueles custava cerca de um dólar e vinte e cinco.

— Você não tinha isto por acaso — disse, e não era uma pergunta.

— Não — concordo Mike. — Comprei a semana passada. Lá no *mall,* para dizer a verdade.

— Você tem bicicleta?

— Não — respondeu Mike, olhando para ele.

— No entanto, comprou este estojo.

— Senti vontade de comprá-lo. Um impulso — concordou Mike, com os olhos ainda fixos nos de Bill. — Achei que poderia ser útil. Pensei nisso ao acordar e tornava a pensar, volta e meia, o dia inteiro. Então... acabei comprando. E aqui está você, servindo-se dele.

— Aqui estou eu, servindo-me dele — disse Bill. — No entanto, como dizem nas novelas de rádio, o que significa tudo isso, meu caro?

— Pergunte aos outros. Esta noite.

— Acha que estarão todos lá?

— Não sei, Grande Bill. — Mike fez uma pausa, depois acrescentou: — Penso que há uma chance de nem todos estarem. Um ou dois podem decidir que seria melhor darem o fora da cidade na surdina. Ou...Mike deu de ombros.

— O que faremos, se isso acontecer?

— Sei lá! — Mike apontou para o estojo de reparar pneus. — Eu paguei sete pratas por isso aí. Vai usá-lo ou apenas contemplá-lo?

Bill tirou o paletó da cesta da bicicleta e o pendurou cuidadosamente em uma cavilha vaga na parede. Depois virou Silver de cabeça para baixo, deixando-a repousar sobre o selim, e começou a girar cautelosamente o pneu traseiro. Não gostou da maneira como o eixo enferrujado chiava, e recordou o clique quase silencioso dos rolamentos no skate do menino. *Um pouco de óleo 3-em-l resolveria isso,* pensou. *Também seria bom para a corrente. Está enferrujada como o diabo... E cartas de baralho. Ela precisa de cartas de baralho nos raies. Aposto como Mike tem um baralho. De boa marca. Encapados em celulóide, deixando as cartas tão rígidas e tão escorregadias, que quanto tentamos embaralhá-las pela primeira vez, sempre acabam espalhadas pelo chão. Cartas de baralho, certo, e pregadores de roupa para firmá-las...*

Ele interrompeu os pensamentos, subitamente frio.

Em nome de Deus, no que está pensando?

— Alguma coisa errada, Bill? — perguntou Mike, suavemente.

— Não. — Seus dedos tocaram algo pequeno, arredondado e duro. Enfiou a unha por baixo e o puxou. Uma tachinha saiu do pneu. — Aqui está o cul-cul-culpado — disse.

Em sua mente surgiu novamente, estranho, indesejado e poderoso: *Ele soca os pulsos sobre os postes e insiste em fantasmas como hostes.* Agora, no entanto, sua voz foi seguida pela de sua mãe, dizendo: *Tente outra vez, Billy. Quase conseguiu agora!* E Andy Devine, como companheiro inseparável de Guy Madison, gritando: *Ei, Wild Bill, espere por mim!*

Ele estremeceu.

(os postes)

Sacudiu a cabeça. *Nem agora eu diria isso sem gaguejar,* pensou, e por um momento sentiu que estava a ponto de compreender tudo. Então, a lembrança esfumou-se.

Abriu o estojo para remendos e começou a trabalhar. Demorou bastante a terminar. Mike recostara-se à parede, iluminado por um raio do sol de fim de tarde, com as mangas da camisa enroladas para cima e a gravata frouxa, assobiando uma melodia que Bill finalmente identificou como "Ela me cegou com ciência".Enquanto esperava que a cola do remendo secasse — apenas para fazer alguma coisa, foi o que disse a si mesmo — Bill oleou a corrente de Silver, a roda dentada e os eixos. Isso não melhorou a aparência da bicicleta, mas quando girou os pneus, ele constatou que o chiado desaparecera, e que isso o satisfazia. De qualquer modo, Silver jamais ganharia um concurso de beleza. Sua qualidade única é que podia rodar depressa como um relâmpago.

Àquela altura, cinco e meia da tarde, ele quase esquecera que Mike estava ali; ficara inteiramente absorvido em pequenos, mas ainda assim de todo satisfatórios atos de manutenção. Aparafusou o bocal da bomba na válvula do pneu traseiro e o viu inflar, enquanto procurava acertar a pressão correta pelo tato e adivinhação. Alegrou-se ao ver que o remendo se mantinha firmemente no lugar.

Quando achou que a pressão era suficiente, desaparafusou o bocal da bomba e ia virar Silver para a posição natural, quando ouviu um rápido ruflar de cartas de baralho às suas costas. Girou, quase derrubando Silver.

Mike estava ali, com um baralho de cartas com a parte traseira azul, da marca "Bicicleta", em uma das mãos.

— Quer estas?

Bill deixou escapar um longo e estremecido suspiro.

— Imagino que também tenha pregadores de roupa. Mike tirou quatro do bolso da camisa.

— Suponho que também os tinha aí por a-a-acaso, hein?

— Exato. Mais ou menos isso — replicou Mike.

Bill pegou as cartas e tentou embaralhá-las. Suas mãos tremeram e elas espalharam-se, voaram para todo canto... mas apenas duas ficaram viradas para cima. Bill olhou para elas, depois para Mike, cujo olhar ficara pregado no baralho espalhado. Seus lábios estavam repuxados, mostrando os dentes.

As duas cartas viradas para cima — ambas — eram o ás de espadas.

— Isso é impossível! — exclamou Mike. — Acabei de abrir o baralho. Veja! — Apontou para a lata de detritos, junto à porta da garagem, e Bill viu o envoltório de celofane. — Como pode um baralho ter dois ases de espadas?

Inclinando-se, Bill os recolheu.

— Como é possível que um baralho inteiro se espalhe pelo chão eapenas duas cartas fiquem voltadas para cima? — perguntou. — Esta é uma pergunta ainda melhor do que...

Virou as duas cartas, olhou-as e depois as mostrou a Mike. Uma delas tinha anverso azul, a outra o tinha vermelho.

— Deus do céu, Mike, em que você se meteu?

— O que vai fazer com elas? — perguntou Mike, em voz rouca.

— Ora, colocá-las! — disse Bill, de repente começando a rir. — Era essa a finalidade, não? Se há certas precondições para o uso da magia, tais precondições inevitavelmente se ordenarão sozinhas, certo?

Mike não respondeu. Ficou espiando, enquanto Bill se aproximava da roda traseira de Silver e pregava ali as cartas do baralho. As mãos dele ainda tremiam e demorou algum tempo, mas finalmente terminou, respirou fundo, conteve o fôlego e girou a roda. As cartas matraquearam ruidosamente contra os raios da roda, no silêncio da garagem.

— Vamos — disse Mike suavemente. — Vamos entrar, Grande Bill. Farei um pouco de *chow* para nós.

Tinham acabado com os hambúrguers e agora estavam sentados e fumando, vendo a escuridão começar a sufocar o crepúsculo, no pátio dos fundos da casa de Mike. Bill tirou a carteira, encontrou o cartão comercial de alguém e escreveu nele a frase que o tinha perseguido desde que vira a bicicleta na vitrine de Rose Segunda Mão, Roupas Segunda Mão. Mostrou-a para Mike, que a leu cuidadosamente, de lábios comprimidos.

— Isto significa alguma coisa para você? — perguntou Bill.

— "Ele soca os pulsos sobre os postes e insiste em ver fantasmas como hostes." — Mike assentiu. — Sim, eu sei o que é.

— Pois então, diga-me. Ou vai me encher o saco outra vez, dizendo para eu mesmo descobrir?

— Não — replicou Mike. — Neste caso, acho melhor dizer-lhe. É uma frase muito antiga, tipo "quebra-língua", que se tornou um exercício de fala para pessoas ciciantes ou gagás. Sua mãe insistiu para você pronunciá-la, durante aquele verão. O verão de 1958. Você costumava ficar murmurando as palavras para si mesmo.

— Eu fiz isso? — perguntou Bill, mas depois, lentamente, respondeu à própria pergunta: — Sim, fiz.

— Acho que tinha muita vontade de agradá-la.Bill sentiu uma súbita vontade de chorar, de maneira que apenas as-sentiu em silêncio. Não sabia se conseguiria falar.

— Você nunca conseguiu — disse Mike. — Lembro-me disso. Tentou como o diabo, mas a gagueira o fazia embrulhar tudo.

— Ora, mas eu *disse* a frase — replicou Bill. — Pelo menos, uma vez!

— Quando?

Bill esmurrou a mesa de piquenique, com força suficiente para o pulso doer.

Eu não me lembro! — gritou. E então, foscamente, apenas repetiu: — Acontece simplesmente que não me lembro.

CAPÍTULO 12

Três convidados indesejados

1

No dia seguinte àquele em que Mike Hanlon deu seus telefonemas para os amigos, Henry Bowers começou a ouvir vozes. Durante o dia inteiro, aquelas vozes haviam falado com ele. Por algum tempo, Henry achou que vinham da lua. No fim da tarde, erguendo os olhos no lugar em que capinava no jardim, pôde ver a lua no céu azul do dia, pálida e pequenina. Uma lua-fantasma.

De fato, isso é que o fazia acreditar que era a lua quem falava com ele. Somente uma lua-fantasma falaria em vozes-fantasmas — as vozes de seus velhos amigos e as vozes daqueles garotos menores que haviam brincado nos Barrens, tanto tempo atrás. Eram aquelas vozes e uma outra... uma a que ele não ousava dar um nome.

Victor Criss foi o primeiro a falar desde a lua. *Eles voltaram, Henry. Todos eles, cara. Voltaram a Derry.*

Depois foi Arroto Huggins, falando talvez do lado escuro da lua. *Você é o único, Henry. O único de nós que sobrou. Tem que agir por mim e por Vic. Nenhum pirralho pode debochar da gente assim. Ora, uma vez fiz uma jogada, lá no Tracker's, e Tony Tracker disse que[era uma jogada digna do Yankee Stadium.*

Ele capinou, sempre olhando para a lua-fantasma no céu e, depois de algum tempo, Fogarty aproximou-se, bateu em sua nuca e o derrubou de cara no chão.

— Você está arrancando as ervilhas ao mesmo tempo que as ervas daninhas, seu biruta!Henry levantou-se, limpando a terra do rosto e dos cabelos. Ali estava Fogarty, um sujeito grandalhão, de blusão e calças brancas, a pança inchada na frente do corpo. Era ilegal que os guardas (chamados "conselheiros", ali no Juniper Hill) carregassem cassetetes, de maneira que vários deles — Fogarty, Adler e Koontz eram os piores — levavam rolos de moedas de vinte e cinco centavos nos bolsos. Quase sempre atingiam a pessoa no mesmo lugar, bem na nuca. Não havia regulamentos proibindo as moedas. Elas não eram consideradas uma arma mortal no Juniper Hill, uma instituição para os mentalmente insanos, que ficava nos arredores de Augusta, perto dos limites da cidade de Sidney.

— Desculpe, Sr. Fogarty — disse Henry, oferecendo ao guarda um enorme sorriso, que mostrava uma linha regular de dentes amarelos.

Aqueles dentes pareciam as ripas de um gradil, cercando uma casa assombrada. Henry começara a perdê-los mais ou menos aos quatorze anos.

— Oh, você pede desculpas! — disse Fogarty. — Irá pedir muitas mais, se eu pegar você fazendo isso outra vez, Henry.

— Sim, Sr. Fogarty.

Fogarty afastou-se, seus sapatos negros deixando enormes pegadas marrons na terra da Horta Oeste. Quando o guarda virou as costas, Henry olhou em torno, subrepticiamente. Eles haviam recebido ordens para capinar assim que o céu clareasse, todos os da Enfermaria Azul — que era para onde iam aqueles que um dia tinham sido perigosos, mas que agora eram considerados apenas moderadamente perigosos. De fato, todos os pacientes em Juniper Hill eram considerados moderamente perigosos — tratava-se de uma instituição para os criminalmente insanos. Henry Bowers estava ali, após haver

sido condenado por matar o pai, em fins do outono de 1958 — aquele fora um ano famoso por julgamentos de homicídios, sem dúvida; em se tratando de julgar assassinos, 1958 atingira o topo.

Só que, evidentemente, não fora apenas *o pai,* que julgavam ter sido morto por Henry: se fosse apenas o *pai,* ele não teria passado vinte anos no Hospício Estadual de Augusta, a maior parte desse tempo em reclusão física e química. Não, não tinha sido apenas seu *pai;* as autoridades achavam que ele matara todos eles ou, pelo menos, a maioria.

Em seguida ao veredito, o *News* publicara um editorial de primeira página, intitulado "O Fim da Longa Noite de Derry". Ali tinham sidoapontados os detalhes salientes: o cinto na secretária de Henry, que pertencera ao desaparecido Patrick Hockstetter; o monte de livros escolares, alguns pertencentes ao desaparecido Arroto Huggins e outros ao desaparecido Victor Criss, ambos conhecidos amigos íntimos do garoto Bowers

— Os livros tinham sido encontrados no armário de Henry; e, mais incri-minador de tudo, as calcinhas encontradas dentro do colchão de Henry, calcinhas que tinham sido identificadas pelas marcas de lavanderia, como pertencentes a Verônica Grogan, falecida.

Henry Bowers, declarou o *News,* tinha sido o monstro que aterrorizara Derry na primavera e verão de 1958.

O *News* proclamara o fim da longa noite de Derry na primeira página de sua edição de 6 de dezembro, mas mesmo um biruta como Henry sabia que a noite em Derry *nunca* unha fim.

Eles o haviam crivado de perguntas, tinham ficado em círculo à sua volta, apontado dedos em sua direção. O Chefe de Polícia o esbofeteara duas vezes e, certa vez, um detetive chamado Lottman o esmurrara na barriga, dizendo-lhe que confessasse logo, que não demorasse tanto.

— Lá fora há pessoas que não estão nem um pouco satisfeitas, Henry

— dissera o tal Lottman. — Há muito tempo não há linchamentos em Derry, porém isso não é indicação de que deixe de *existir* um!

Henry supôs que eles o manteriam ali pelo tempo necessário, não porque qualquer deles realmente acreditasse que a boa gente de Derry invadisse o posto policial, carregasse o detido para fora e o enforcasse no galho de uma macieira azeda, mas sim por estarem ansiosos em fechar os livros sobre aquele verão de sangue e horror. *Queriam* que Henry fosse o assassino, porém a verdade era outra. Queriam que ele confessasse ser o autor de tudo, conforme Henry compreendeu após algum tempo. Que diferença fazia? Depois do horror nos esgotos, depois do que acontecera a Arroto e Victor, nada mais parecia fazer diferença para ele. Sim, disse, matara o pai. Isto era verdade. Sim, matara Victor Criss e Arroto Huggins. Também era verdade, pelo menos no sentido de que os conduzira aos túneis onde seriam assassinados. Sim, matara Patrick. Sim, Verônica. Sim para um, sim para todos. Não era verdade, mas que importava? Alguém tinha que ser culpado. Talvez por isso ele fora poupado. E, se se recusasse a confessar...

Quanto ao cinto de Patrick, Henry o ganhara quando jogavam cartas em certo dia de abril. Ao descobrir que o cinto não se ajustava à suacintura, jogara-o na gaveta da secretária. Quanto aos livros... diabo, eles três andavam sempre juntos e davam tanta importância aos livros escolares do curso de verão como aos usados no resto do período letivo, isto significando que lhes davam a mesma importância que uma marmota daria ao sapateado. Sem dúvida, também haveria muitos livros seus nos armários deles e, sem dúvida, os tiras também sabiam disso.

As calcinhas... não, ele ignorava como as calcinhas de Verônica Grogan haviam parado dentro de seu colchão.

Contudo, Henry achava que sabia que — ou o *que* — cuidara disso.

De qualquer modo, era melhor não falar sobre essas coisas.

Bem melhor era calar-se.

Assim, foi enviado para Augusta e finalmente, em 1979, transferido para o Juniper Hill, onde só ficara em apuros uma vez, isso porque, a princípio, ninguém compreendera. Um sujeito tentara desligar a lâmpada noturna de Henry. A lâmpada era o Pato Donald tirando seu pequeno chapéu de marinheiro. Donald era uma proteção depois que o sol se escondia. Sem luz, podiam surgir *coisas.* As fechaduras da porta e as grades não as detinham. Elas vinham como o nevoeiro. *Coisas.* Falavam e riam... às vezes até agarravam. *Coisas* peludas, *coisas* lisas, *coisas* com olhos. O tipo das *coisas* que, *de fato,* tinham matado Vic e Arroto, quando eles três haviam perseguido os garotos pelos túneis abaixo de Derry, em agosto de 1958.

Olhando agora em torno, ele viu os outros da Enfermaria Azul. Havia George DeVille, que assassinara a esposa e quatro filhos, em uma noite de inverno, em 1962. A cabeça de George estava obedientemente inclinada, os cabelos brancos agitando-se à brisa, o catarro escorrendo alegremente de suas narinas, o enorme crucifixo de madeira balançando-se, indo e vindo, enquanto ele capinava. E lá estava Jimmy Donlin, e tudo quanto os jornais haviam dito sobre ele era que matara a mãe em Portland, durante o verão de 1965. O que os jornais não mencionaram, tinham sido o fato de que Jimmy experimentara um novo processo para livrar-se do cadáver: quando os tiras apareceram, ele já comera metade do corpo dela, incluindo o cérebro. “Eles me acharam duplamente esperto”, confessara Jimmy a Henry certa noite, depois das luzes apagadas.

Na fileira além de Jimmy, capinando fanaticamente e cantando a mesma coisa, sempre e sempre, como era seu costume, estava o pequeno francês Benny Beaulieu. Benny gostava do fogo — era um piromaníaco. Agora,enquanto capinava, ele cantava incessantemente esta estrofe de Doors: “Tente incendiar a noite, tente incendiar a noite, tente incendiar a noite, tente incendiar...”

Após algum tempo, aquilo dava nos nervos.

Além de Benny, estava Franklin D’Cruz, que estuprara mais de cinqüenta mulheres, antes de ser apanhado com as calças arriadas, no Parque Terrace, em Bangor. A idade de suas vítimas ia de três a oitenta e um anos. Frank D’Cruz não era muito particular. Além dele, já com a fileira dando a volta, estava Arlen Weston, que passava tanto tempo contemplando sonhadoramente sua enxada, quando usando-a. Fogarty, Adler e John Koontz já haviam tentado o truque do rolo-de-moedas-no-punho, procurando convencê-lo de que devia mover-se mais rápido. Um dia, Koontz o atingira talvez com um pouco mais de força, porque o sangue correra, não apenas do nariz de Weston, mas também de seus ouvidos e, nessa noite, ele sofrerá uma convulsão. Nada espalhafatoso, pelo contrário. Contudo, desde então ele mergulhara mais e mais na sua própria escuridão interior, sendo agora um caso sem esperança, quase inteiramente desligado do mundo. Além de Arlen estava...

— Quer capinar ou precisa de ajuda, Henry? — berrou Fogarty. Henry recomeçou a capinar. Não queria ter convulsões. Não queria terminar como Arlen Weston.

Logo as vozes voltaram. Desta vez, no entanto, eram as vozes dos outros, as vozes dos garotos que, antes de mais nada, o tinham enviado àquele lugar. Sussurravam para ele, vindas da lua-fantasma.

Você não conseguiu dar conta nem de um garoto gordo, Bowers, sussurrou uma delas. *Agora, estou rico e você capina ervilhas. Ha-hapara você, idiota!*

B-B-Bowers, você não p-p-pode p-pegar nem mesmo um re-resfriado! Leu a-a-alguns li-livros d-d-decentes, desde que foi p-para aí? Eu e-e-escrevi m-montes de l-livros! Estou ri-ri-rico, e vo-você em Ju-Ju-Juuniper Hill! Ha-ha para você, seu cretino!

— Calem-se! — sussurrou Henry para as vozes-fantasmas, capinando mais depressa, começando a arrancar os pés de ervilha, novos, juntamente com o mato. O suor rolava por suas bochechas como lágrimas. — Não podíamos agarrar vocês. *Não podíamos.*

Botamos você trancafiado, riu outra voz. *Você me perseguiu e não me pegou. Também fiquei rico! Boa viagem, casca de banana!*— Cale a boca! — murmurou Henry, capinando mais depressa. — Por que não cala essa boca?

Queria trepar comigo, Henry? zombou outra voz. *Que pena! Deixei todos eles treparem, eu não passava de uma putinha, mas agora também estou rica. Estamos todos juntos novamente e vamos trepar de novo, mas você não poderia, mesmo que eu deixasse, porque seu pau não levanta, portanto, ha-ha para você, Henry, ha-ha para você TODO...*

Ele capinou feito louco, enviando ervas daninhas, terra e pés de ervilha pelos ares. As vozes-fantasmas da lua-fantasma agora estavam muito altas, ecoando e voando em sua cabeça; Fogarty corria para ele, berrando, mas Henry não podia ouvir. Por causa das vozes.

Não conseguiu pegar nem mesmo um negro como eu, hein? bimbalhou outra zombeteira voz-fantasma. *Nós vencemos vocês naquela briga de pedradas! Nós* derrotamos *vocês! Ha-ha, imbecil! Ha-ha para você* todo!

Em seguida, todas elas falavam ao mesmo tempo, rindo dele, chamando-o de casca de banana, perguntando se gostara das aplicações de choque elétrico que recebera ao ir para a Enfermaria Vermelha, perguntando se gostava de ficar ali, no Ju-Ju-uniper Hill, perguntando e rindo, rindo e perguntando. Henry largou a enxada e começou a gritar para a lua-fantasma no céu azul. A princípio, gritava enfurecido, mas então *a própria lua* modificou-se, transformou-se na cara de um palhaço, uma cara furada como queijo, com buracos para os olhos, o sorriso vermelho-sangue virando um riso tão obscenamente engenhoso, que era insuportável. Então, Henry começou a gritar, não de fúria, mas de um mortal terror, e agora era a voz do palhaço falando da lua-fantasma, dizendo: *Você tem que voltar, Henry. Tem que voltar e terminar o serviço. Tem que voltar a Derry e matar todos eles. Por mim. Por...*

Foi quando Fogarty, que estivera ali perto, gritando para Henry por quase dois minutos (enquanto os outros internos permaneciam em suas fileiras, as enxadas agarradas às mãos, à maneira de cômicos falos, de expressões não exatamente interessadas, mas quase — sim, quase *pensa-tivas,* como se entendessem que aquilo era parte do mistério que os pusera ali, que o súbito ataque de gritos de Henry Bowers na Horta Oeste ficara interessante, mais do que de modo técnico), ficou cansado de berrar e presenteou Henry com uma boa pancada de moedas. Henry arriou como uma tonelada de tijolos, a voz do palhaço seguindo-o enquanto mergulhava naquele terrível torvelinho de negror, cantando sem parar: *Mate todos eles, Henry, mate todos eles, mate todos eles, mate todos eles.*

2

Deitado, Henry Bowers permaneceu acordado.

A lua estava baixa, e isso o deixou profundamente grato. À noite, ela era menos fantasmagórica, mais real e, se ele visse aquela terrível cara de palhaço no céu, acima das montanhas, campos e florestas, achava-se bem capaz de morrer de terror.

Ficou deitado de lado, fitando intensamente sua lâmpada noturna. A que representava o Pato Donald há muito se fora. Mickey e Minnie dançando uma polca a tinham suostituído; os dois camundongos haviam sido trocados mais tarde pela cara verde fosforescente de Oscar, personagem da *Vila Sésamo* e, no fim daquele ano, Oscar dera lugar à cara do Urso Fozzie. Henry media seus anos de encarceramento por lâmpadas noturnas queimadas, ao invés de com colheres de café.

Eram exatamente duas horas e quatro minutos da madrugada de 30 de maio quando sua lâmpada queimou. Henry deixou escapar apenas um leve gemido — nada mais do que isso. Era Koontz quem estava à porta da Enfermaria Azul essa noite — Koontz, o pior do bando. Ainda pior do que Fogarty, aquele que o machucara a tal ponto, nessa tarde, que Henry mal conseguia mover a cabeça.

Dormindo à volta dele estavam os outros internos da Enfermaria Azul. Benny Beaulieu dormia seguro por correias elásticas. Tinham-lhe dado permissão para ver uma reprise de *Emergency* na televisão da enfermaria, após todos haverem encerrado o trabalho de capinagem na horta. Por volta de seis da tarde, ele começara a masturbar-se, constantemente e sem parar, gritando "Tente *incendiar* a noite! Tente *incendiar* a noite! Tente *incendiar* a noite!" Tinham-lhe dado calmantes e ele sossegara por quatro horas. Então, perto das onze, quando cessaram os efeitos do Elavil, Benny recomeçara, esfregando seu velho troço com tanta força que começara a sangrar entre seus dedos, sem que ele parasse de gritar: "Tente *incendiar* a noite!" Assim, tornaram a dar-lhe calmantes e ele fora posto nas correias. Agora dormia, seu rosto miúdo tão grave à luz mortiça, como o de Aristóteles.À volta de sua cama, Henry podia ouvir roncos baixos e altos, gruhhidos e peidos ocasionais. Ouvia a respiração de Jimmy Donlin; era indisfarçável, mesmo com ele dormindo cinco camas além. Um assobio baixo e rápido que, por algum motivo, sempre fazia Henry pensar em uma máquina de costura. Além da porta, já no corredor, ele podia ouvir o som distante da televisão de Koontz. Sabia que o guarda devia estar vendo os últimos filmes do Canal 38, bebendo Texas Driver e comendo seu lanche. Koontz era adepto de sanduíches com grandes porções de manteiga de amendoim e cebolas da Bermuda. Quando Henry soubera disso, estremecera e havia pensado: *No entanto, ainda dizem que todos os doidos estão trancafiados!*

Desta vez, a voz não tinha vindo da lua.

Agora, soava debaixo de sua cama.

Henry a reconheceu prontamente. Era a voz de Victor Criss, cuja cabeça tinha sido arrancada do tronco em algum lugar abaixo de Derry, vinte e sete anos atrás. Decepada pelo monstro Frankenstein. Henry vira isso acontecer; depois também vira os olhos do monstro se voltarem em sua direção, aquosos e amarelos. Sim, o monstro Frankenstein matara Victor, como também matara Arroto, mas ali estava Vic novamente, como a reprise quase espectral de um programa em preto e branco da década de 50, quando o Presidente era careca e os Buicks tinham vigias.

E agora que acontecera, agora que a voz viera, Henry descobriu que estava calmo e com medo. Até mesmo aliviado.

— Henry! — chamou Victor.

— Vic! — exclamou Henry. — O que faz aí embaixo?

Benny Beaulieu grunhiu e murmurou em seu sono. As nítidas exala-ções e inalações tipo máquina de costura de Jimmy cessaram por um instante. No corredor, o volume da pequena Sony de Koontz foi baixado e Henry Bowers podia adivinhá-lo, a cabeça virada para um lado, a mão no botão de volume da televisão, os dedos da outra mão tocando o cilindro que se avolumava no bolso direito das calças brancas — o rolo de moedas.

— Não precisa falar tão alto, Henry — disse Vic. — Posso ouvir você, mesmo se só estiver pensando. E eles não me ouvem, de jeito nenhum.

O que é que você quer, Vic? — perguntou Henry, mentalmente. Não houve resposta por um longo momento, fazendo Henry pensar que Vic talvez houvesse ido embora. Fora da porta, o volume da TV de Koontz subiu novamente. Então, houve um ruído arranhado debaixo da cama; as molas rangeram de leve, quando uma sombra escura seiçou de sob ela. Vic ergueu os olhos para ele e sorriu. Henry sorriu também, inquieto. O Velho Vic estava um pouco parecido com o monstro-Frankenstein. Uma cicatriz circundava seu pescoço, como uma tatuagem de corda com nó corredio. Henry imaginou que talvez a cabeça dele houvesse sido costurada no lugar. Os olhos de Vic tinham uma esquisita cor cinza-esverdeada, ao passo que as córneas pareciam flutuar em uma substância aguada e viscosa.

Vic continuava com doze anos.

— Quero o mesmo que você — disse ele. — Desforrar-me deles. Desforrar-se deles, disse Henry, sonhadoramente.

— Só que você tem que sair daqui para isso — continuou Vic. — Terá que voltar a Derry. Preciso de você, Henry. Todos nós precisamos.

Eles não podem machucar vocês, disse Henry, compreendendo que falava para mais alguém além de Vic.

— Podem machucar-me, se apenas acreditarem nisso pela metade respondeu Vic. — Houve alguns sinais penosos, Henry. Naquele tempo, a gente não pensava que eles pudessem vencer-nos, mas o gorducho escapou de você, nos Barrens. O gorducho, o linguarudo e a putinha escaparam de nós aquele dia, depois do cinema. E na briga de pedradas, quando eles salvaram o negro...

Não me lembre isso! gritou Henry para Vic.

Por um momento, em sua voz havia toda a autoritária dureza que o fizera líder do bando. Então, intimidou-se, pensando que Vic podia fazer-lhe algum mal — certamente Vic poderia fazer o que quisesse, já que era um fantasma — porém Vic apenas sorriu.

— Posso cuidar deles, se apenas acreditarem em metade disto — respondeu, — mas você está vivo, Henry. Pode pegá-los, quer eles acreditem, acreditem pela metade ou não acreditem em absoluto. Pode pegá-los, de um em um ou todos ao mesmo tempo. Você pode ir à forra.

Ir à forra, repetiu Henry. Então olhou dubitativamenté para Vic. Ora, mas não posso sair daqui, Vic! As janelas têm grades e Koontz está vigiando a porta esta noite. Koontz é o pior deles. Talvez amanhã à noite...

— Não se preocupe com Koontz — disse Vic, levantando-se. — Eu cuido dele.

Henry viu que Vic ainda usava os jeans que vestia naquele dia e queainda estavam manchados com lama seca dos esgotos. Vic estendeu a mão. Henry a segurou, após um momento. Os dois caminharam para a porta da Enfermaria Azul e para o som da televisão. Estavam quase lá, quando Jimmy Donlin, o que comera o cérebro da mãe, acordou. Seus olhos esbugalharam-se, ao ver o visitante de Henry naquelas horas tardias. Era" sua mãe. A combinação dela aparecia, apenas uns dois centímetros, como sempre. O topo de sua cabeça desaparecera. Os olhos, horrivelmente vermelhos, giraram em sua

direção e, quando ela sorriu, Jimmy viu a mancha de batom sobre os dentes amarelos e eqüinos que sempre tivera. Jimmy começou a guinchar.

— Não, mãe! Não, mãe! Não, mãe!

A televisão foi prontamente desligada e, antes mesmo que os outros começassem a despertar, Koontz empurrava a porta, dizendo:

— Muito bem, seu merda, prepare a cabeça para o prêmio. Você *merece!*

— Não, mãe! Não, mãe! Por favor, mãe! Não, mãe...

Koontz entrou precipitadamente. Primeiro viu Bowers, em pé, pançudo e quase ridículo em suas ceroulas inteiriças, as carnes frouxas pastosas, à luz que se filtrava do corredor. Então, olhou para a esquerda e seus gritos se tornalram silenciosos jatos de vidro repuxado. Parado ao lado de Bowers havia uma coisa em traje de palhaço. Devia medir cerca de dois metros e meio de altura. Seu traje era prateado, com pompons laranja descendo na parte da frente. Tinha sapatos enormes nos pés. Sua cabeça, contudo, não era a de um homem ou um palhaço; era a de um pinscher Doberman, o único animal nesta verdejante terra de Deus que amedrontava John Koontz. Tinha olhos vermelhos. A bocarra sedosa arreganhava-se para trás, exibindo enormes dentes brancos.

Um cilindro de moedas escapou dos dedos nervosos de Koontz, espalhando-se pelo chão e girando até um canto. Mais tarde, no dia seguinte, Benny Beaulieu, que permanecera dormindo o tempo todo, acharia as moedas e as esconderia em seu pequeno armário de guardados. Durante um mês pôde comprar com elas cigarros feitos sob encomenda.

Koontz respirou fundo para gritar, quando o palhaço arremeteu em sua direção.

— Chegou a hora do circo! — gritou o palhaço em voz rosnante. Suas mãos enluvadas de branco caíram sobre os ombros do guarda.

As mãos dentro daquelas luvas davam a sensação de garras.

3

Pela terceira vez naquele dia — naquele longo, longo dia — Kay McCall foi ao telefone.

Desta feita, demorou mais do que nas duas ocasiões anteriores; agora, esperou até que atendessem no outro extremo do fio e que uma vigorosa voz irlandesa de policial anunciasse:

— Posto Policial da Rua Seis. Fala o Sargento O'Bannon. O que deseja?

Kay desligou em seguida.

Oh, você está indo muito bem. Céus, está! Da oitava ou nona vez já terá juntado coragem bastante para dizer seu nome a ele.

Ela foi à cozinha e preparou uma dose fraca de uísque com soda, embora sabendo que talvez não fosse uma boa idéia, após ter tomado um Darvon. Recordou um trecho de canção folclórica das cantinas universitárias em sua juventude — *Tenho a cabeça cheia de uísque e a barriga de giml O médico diz que isso me mata, mas não falou quando* — e riu tremulamente. Um espelho cobria a parede, ao longo do balcão. Quando viu sua imagem refletida, ela parou subitamente de rir.

Quem é essa mulher?

Um olho inchado, quase fechando.

Quem é essa mulher espancada?

O nariz da cor do de um cavaleiro bêbado, após uns trinta anos lutando pelos bares, e intumescido até um tamanho grotesco.

Quem será essa mulher espancada, parecendo aquelas que se arrastam para um abrigo feminino, após finalmente ficarem tão amedrontadas, tão corajosas ou apenas tão doidas, que abandonam o homem que as espanca, o sujeito que as espanca sistematicamente, semana após semana, mês após mês, ano após ano?

Um arranhão subindo por um lado do rosto.

Quem é ela, garota Kay?

Um braço na tipóia.

Quem? É você? Pode ser você?

— Aqui está eia... Miss América! — cantarolou, querendo que sua voz soasse durona a cínica.

Conseguiu, mas a voz mudou de tom na sétima sílaba e desmoronou nas demais. Não era a voz cínica que Kay desejava. Era uma voz ame-drontada. Ela sabia disso; já ficara com medo antes, mas sempre o superara. Pensou que agora passaria muito tempo antes de superar o medo atual.

O médico que cuidara dela, em um dos pequenos cubículos perto do Setor de Emergência, nas Irmãs de Misericórdia, um quilômetro abaixo naquela rua, era jovem e de aparência bastante simpática. Em outras circunstâncias, ela poderia ter ociosamente (ou não tão ociosamente) considerado a hipótese de levá-lo para casa e dar-lhe um *tour* sexual pelo mundo. Contudo, ela não sentira o menor tesão. A dor não estimula tesões. Nem o medo.

O médico se chamava Geffin e Kay pouco ligou para a maneira fixa como ele a fitava. Levando um pequeno copo de papel até a pia da sala, ele o encheu de água pela metade, tirou um maço de cigarros da gaveta de sua mesa e ofereceu a ela.

Kay pegou um cigarro, que ele acendeu. O médico precisou perseguir a ponta do cigarro por um ou dois segundos, de fósforo entre os dedos, porque a mão dela tremia. Depois, jogou o fósforo em um copo de papel. *Fsss*.

— Um hábito maravilhoso — comentou ele. — Não acha?

— Fixação oral — respondeu Kay.

O médico assentiu e então houve silêncio. Ele continuou a fitá-la. Kay teve a impressão de que Geffin esperava vê-la chorar e isso a irritou, porque se sentia justamente à beira das lágrimas. Odiava ser intuída emo-cionalmente, em particular por um homem.

— Namorado? — perguntou ele, afinal.

— Prefiro não discutir isso.

— Hum-hum.

Ele fumou e ficou olhando para ela.

— Sua mãe nunca lhe disse que era descortês encarar alguém?

Kay pretendia ser impertinente, mas sua voz soava uma súplica: *Pare de olhar para mim, sei muito bem qual a minha aparência, eu mesma a vi.* Tal pensamento foi seguido por outro que, segundo suspeitava, passara algumas vezes pela cabeça de sua amiga Beverly: que o pior da surra acontecia por dentro, onde se pode sofrer algo, talvez intitulado hemorragia interespiritual. Kay sabia qual a sua aparência no momento, é claro. Pior ainda, sabia como se sentia. Sentia-se covarde. Era uma sensação agoniante. — Quando trabalho na Emergência — meu plantão nolado duro da vida, poder-se-ia dizer — no correr de uma semana vejo talvez duas dúzias de mulheres espancadas. Os internos tratam de duas dúzias mais. Portanto, ouça — há um telefone bem aqui na mesa. De graça. Ligue para o posto da Rua Seis, dê seu nome a eles, seu endereço, conte o que

aconteceu e quem foi o autor. Depois, é só desligar e pegarei a garrafa de bourbon que guardo no arquivo — estritamente para fins medicinais, entenda — e teremos um drinque. Isto porque acho — é uma opinião pessoal apenas — que a única forma de vida inferior a um homem que bate em uma mulher, é um rato com sífilis. Kay sorriu vagamente.

— Aprecio a oferta — disse, mas agradeço. Fica para outra vez.

— Está bem — respondeu ele. — Entretanto, quando voltar para casa, olhe-se bem ao espelho, Srta. McCall. Seja como for, ele a espancou para valer.

Ela então chorou. Não pôde conter as lágrimas.

Tom Rogan havia telefonado por volta do meio-dia seguinte àquele em que ela vira Beverly embarcar em segurança. Ele queria saber se Kay estivera em contato com sua esposa. Parecia calmo e razoável, nem um pouco perturbado. Kay respondeu que não tinha visto Beverly em quase duas semanas. Tom agradeceu e desligou.

Aproximadamente à uma da tarde, a cigarra da porta tocou, enquanto ela escrevia em seu estúdio. Foi atender.

— Quem é?

— Florista Cragin's, madame — respondeu uma voz aguda. Como fora idiota, não percebendo que era Tom em péssimo falsete,

como fora idiota em acreditar que ele desistira tão facilmente, como fora idiota em tirar a corrente de segurança, antes de abrir a porta! Quando Tom entrou, ela conseguiu dizer apenas:

— Saia daq...

Não terminou, porque o punho dele chegava voando de algum lugar, para achatar-se em seu olho direito, fechando-o e enviando uma corrente elétrica de incrível agonia através de sua cabeça. Ela saíra tropeçando de costas, pelo corredor, agarrando-se a coisas para apoiar-se e continuar em pé: um delicado vaso para uma só rosa, que se estilhaçara nos ladrilhos, um cabideiro que tombara. Kay terminou caindo sobre os próprios pés, quando Tom fechou a porta de entrada e caminhou para ela.

— Saia daqui! — gritou ela.— Assim que você me disser para onde Beverly foi — disse Tom, caminhando pelo corredor.

Aproximava-se dela. Kay percebeu vagamente que Tom não mostrava a melhor das aparências — de fato, estava *terrível* — e então uma leve, mas feroz alegria a percorreu velozmente. O que quer que ele houvesse feito a Bev, tudo indicava que recebera um troco à altura. A reação de Bev o deixara sem se firmar nos pés por um dia inteiro, afinal — e ele continuava parecendo que ficaria muito melhor em um hospital.

Contudo, também parecia muito malvado e muito zangado.

Kay conseguiu levantar-se e recuou, com os olhos fixos nele, como mantemos os olhos fixos em um animal selvagem que escapou da jaula.

— Eu lhe disse que não estive com ela e é verdade — falou. — Agora, saia daqui ou chamo a polícia!

— Você esteve com ela — disse Tom. Seus lábios inchados tentavam sorrir. Kay reparou que os dentes dele mostravam uma estranha disposição. Alguns da frente tinham sido quebrados. — Ligo para cá, digo-lhe que não sei onde Bev está. Você responde que não a vê faz duas semanas. Nem uma só pergunta. Nem uma palavra de justificativa, embora eu saiba muito bem que você me detesta. Portanto, onde está ela, sua cona insensível? Fale!

Kay então se virou e correu para o fim do corredor, querendo chegar à sala de estar, puxar as portas deslizantes de mogno e trancar a fechadura. Chegou lá antes dele — Tom estava mancando — mas quando ia fechar as portas, ele enfiou o corpo na abertura.

Deu um safanão convulsivo e investiu para a sala. Ela se virou para tornar a correr; ele a agarrou pelo vestido, puxando com tanta força que rasgou toda a parte das costas, até a cintura. *Sua esposa fez este vestido, seu bosta,* pensou ela, incoerentemente, e então Tom a fez girar para enfrentá-lo.

— *Onde está ela?*

Kay ergueu a mão, e sua forte bofetada jogou a cabeça dele para trás, fazendo com que o corte no lado esquerdo do rosto recomeçasse a sangrar. Tom agarrou-a pelos cabelos e lhe puxou a cabeça para diante, na direção de seu punho. Por um momento, ela teve a sensação de que seu nariz ia explodir. Gritou, inalou para tornar a gritar, e começou a tossir o próprio sangue. Agora, estava literalmente tomada pelo terror. Não sabia que pudesse existir tanto terror no mundo. Aquele louco filho da puta ia matá-la.Ela gritou e gritou, quando então o punho de Tom primeiro a atingiu no estômago, expulsando-lhe todo o ar dos pulmões e deixando-a ofegante. Kay começou a tossir e arquejar ao mesmo tempo; por um terrível momento pensou que fosse asfixiar-se.

— *Onde está ela?* Kay meneou a cabeça.

— Não a... tenho visto — gaguejou. — A polícia... você irá para a cadeia... seu animal!

Ele a fez ficar ereta sobre os pés, e Kay sentiu algo abater-se em seu ombro. Mais dor, tão forte que era nauseante. Tom a rodopiou, ainda segurando-lhe o braço, que ergueu e torceu às costas dela. Kay mordeu o lábio inferior, prometendo a si mesma que não tornaria a gritar.

— *Onde está ela?* Kay meneou a cabeça.

Tom voltou a erguer-lhe o braço, puxando com tanta força, que ela o ouviu grunhir. O hálito quente da respiração dele a atingiu na orelha. Ela sentiu seu próprio punho direito fechado atingi-la na omoplata esquerda, e então tornou a gritar, quando aquela coisa em seu ombro pareceu deslocar-se ainda mais.

— Onde está ela?

— ...sei...

— O quê?

— *Eu NÃO SEI!*

Tom a largou e deu-lhe um empurrão. Ela caiu no chão, soluçando, com muco e sangue escorrendo do nariz. Houve um ruído quase musical e, ao olhar em torno, Kay viu que Tom inclinava-se para ela. Havia quebrado o topo de outro vaso, este de cristal Waterford. Ele o segurava pela base. O gargalo denteado estava apenas a centímetros do rosto dela. Kay olhou para o que sobrara do vaso, como que hipnotizada.

— Quero lhe dizer uma coisa — disse ele, as palavras saindo em pequenos haustos de ar quente. — Você vai me dizer para onde ela foi, porque do contrário, irá recolher pedaços de seu rosto do chãà. Tem três segundos, talvez menos. Quando estou furioso, parece que o tempo anda muito mais depressa.

Meu rosto, pensou ela, e foi isso que finalmente a fez ceder... ou desmoronar, como queiram: a idéia daquele monstro usando o gargalo denteado do vaso Waterford para cortar-lhe o rosto.— Ela foi para casa — soluçou Kay. — Sua cidade natal. Derry. É um lugar chamado Derry, no Maine.

— Como é que ela foi?

— Tomou um ô-ô-ônibus para Milwaukee. De lá, pegaria um avião.

— Aquela putinha *ordinária!* — exclamou Tom, endireitando o corpo.

Caminhou pela sala em um amplo e incerto semicírculo, passando as mãos pelos cabelos, que com isso formaram esquisitas pontas e anéis.

— Aquela *vagabunda,* aquela *filha da puta,* aquela *cona* niquelada!

Tom pegou uma delicada escultura de madeira, mostrando um homem e uma mulher fazendo amor — Kay a possuía desde os vinte e dois anos — e a atirou na lareira, onde estilhaçou-se em pedaços. Depois, parou um momento diante do espelho acima da lareira e seus olhos esbugalharam-se, como se vissem um fantasma. Então, virou-se novamente para Kay. Havia tirado algo do bolso do paletó esporte que usava e, com certo estupidificado espanto, ela viu que era uma novela de capa mole. A capa era quase inteiramente negra, exceto pelas letras vermelhas meta-lizadas do título e uma foto de várias pessoas jovens, em pé no alto penhasco acima de um rio. *The Black Rapids.* As Negras Corredeiras.

— Quem é este pilantra?

— Hein? O quê?

— Denbrough. Denbrough. — Ele sacudiu impacientemente o livro à frente do rosto dela e, de repente, esbofeteou-a com a novela. A face de Kay explodiu em dor, depois ardendo como brasas em uma estufa. — Quem é ele?

Ela começou a entender.

— Eles eram amigos. Quando crianças. Os dois cresceram em Derry. Tom a espancou novamente com o livro, agora no outro lado do

rosto.

— Por favor! — soluçou ela. — Por favor, Tom!

Ele pegou uma cadeira em estilo colonial americano, de pernas esguias e graciosas. Colocou-a acima de Kay e sentou-se. Seu rosto fantasmagórico e deformado olhou para baixo, para ela, por cima do encosto.

— Escute bem uma coisa — disse. — Ouça o que vai dizer seu velho tio Tommy. Está ouvindo bem, sua cadela nojenta?

Ela assentiu. Podia sentir o gosto do sangue, quente e com sabor de cobre, no fundo da garganta. Seu ombro estava em fogo. Desejou que estivesse apenas deslocado, e não quebrado. Contudo, isso não era o pior. *Meu rosto, ele ia retalhar meu* rosto...

— Se chamar a polícia e contar que estive aqui, nego tudo! Você não pode provar um fodido nada, ouviu? Hoje é dia de folga da empregada e estamos os dois sozinhos aqui. Claro, eles sempre podem prender-me, tudo é possível, certo?

Ela viu-se assentindo novamente, como se tivesse a cabeça suspensa por um barbante.

— Certíssimo — disse ele. — Então, eu pagarei a fiança e voltarei aqui. Eles encontrarão suas maminhas na mesa da cozinha e seus olhos na latrina. Entendeu bem? Está entendendo o que diz seu velho tio Tommy?

Kay prorrompeu em lágrimas novamente. Aquele barbante suspendendo sua cabeça continuava a funcionar: a cabeça oscilou para diante e para trás.

— Por quê?

— O quê? Eu... eu não sei...

— Acorde, pelo amor de Deus! Por que ela voltou para lá?

— Eu não sei! — Kay quase gritou. Ele agitou o vaso quebrado diante dela.

— Não sei mesmo — respondeu Kay, em voz mais baixa. — Por favor. Ela não me contou. Por favor, não me machuque mais!

Ele jogou o pedaço de vaso na cesta de papéis e levantou-se.

Saiu sem olhar para trás, de cabeça baixa, caminhando como um enorme urso-homem.

Kay correu atrás dele e trancou a porta. Depois correu para a cozinha, cuja porta também trancou. Após um momento de pausa, coxeou para o andar de cima (o mais rápido que seu ventre dolorido permitia) e trancou as portas-janelas que davam para a

varanda superior — havia a possibilidade de que Tom decidisse escalar um dos pilares e entrar por ali. Ele estava machucado, mas também insano.

Kay dirigiu-se ao telefone pela primeira vez, mas, apenas baixou a mão, recordou o que ele havia dito.

Eu pagarei afiança e voltarei aqui... suas maminhas na mesa da cozinha e seus olhos na latrina.

Ela afastou bruscamente a mão do telefone.Foi ao banheiro e contemplou o nariz escorrendo, semelhante a um tomate, o olho negro. Não chorou; a vergonha e o horror que sentia eram profundos demais para lágrimas. *Oh, Bev, fiz o melhor que podia, meu bem,* pensou. *Mas meu rosto... ele disse que cortaria meu rosto...*

No armário de remédios havia Darvon e Valium. Ela debateu-se entre os dois e finalmente engoliu uma pílula de cada. Então, dirigiu-se às Irmãs da Misericórdia em busca de tratamento, e lá conheceu o famoso Dr. Geffin, naquele exato momento o único homem do mundo que, se expulso da face da terra, não a deixaria absolutamente feliz.

E de lá para casa, para casa novamente, saracoteando.

Foi até a janela de seu quarto e olhou para fora. O sol agora estava baixo no horizonte. Na Costa Leste deveriam estar no crepúsculo — no Maine o relógio estaria chegando às sete da noite.

Você pode decidir sobre os tiras mais tarde. Agora, o importante é avisar Beverly.

Diabo, seria muito mais fácil, pensou Kay, *se você me tivesse dito onde ia ficar, Beverly querida. Enfim, acho que nem você mesma sabia.*

Embora houvesse parado de fumar dois anos antes, ela pegou um maço de Pall Mall na gaveta para emergências em sua mesa de trabalho. Tirou um cigarro do maço, acendeu-o e careteou. Fumara seu último cigarro daquele maço mais ou menos em dezembro de 1982, e este agora estava mais choco do que a ERA (E*qual Rights Amendment — Emenda de Igualdade de Direitos. - N. da T.)* no Senado do estado do Illinois. Fumou-o assim mesmo, semicerrando um olho contra a fumaça, outro apenas entreaberto, ponto final. Graças a Tom Rogan.

Usando laboriosamente a mão esquerda — o filho da mãe deslocara-lhe o braço direito — ela discou o número de informações no Maine e pediu o nome e número de todos os hotéis e motéis em Derry.

— Isso vai demorar um pouco, senhora — respondeu dubitativãmente a operadora do catálogo de assistência.

— Vai demorar mais do que isso, irmã — replicou Kay. — Vou ter que anotar com a mão esquerda. A direita está de férias.

— O que está pedindo não é muito comum e...

— Escute uma coisa — disse Kay, não sem gentileza. — Estou ligando para você de Chicago e quero falar com uma amiga que acabou de abandonar o marido e voltou para Derry, onde se criou. O marido sabe para onde ela foi. Conseguiu a informação, depois de quase me matar

a pancadas. O sujeito é louco. Minha amiga precisa saber que o marido está indo para lá.

Houve uma longa pausa, e então a operadora do catálogo de assistência respondeu, em voz decididamente mais humana:

— Acho que a senhora está mesmo precisando é falar com o Departamento de Polícia de Derry.

— Ótimo. Farei isso também, mas ela precisa ser avisada — disse Kay. — E... — Ela pensou nas faces cortadas de Tom, no galo em sua testa, no outro da têmpora, no

andar coxeante, nos lábios hediondamente inchados. — E se ela souber que o marido está indo, talvez seja o bastante.

Houve outra longa pausa.

— Está aí, irmã? — perguntou Kay.

— Arlington Motor Lodge — começou a informar a telefonista, — 643-8146. Bassey Park Inn, 648-4083. Bunyan Motor Court...

— Pode falar um pouquinho mais devagar? — perguntou Kay, anotando furiosamente. Procurou um cinzeiro, não viu nenhum, e amassou o Pall Mall na pasta sobre a secretária. — Certo, continue.

— A Clarendon Inn...

4

Kay teve um pouco de sorte na quinta ligação. Beverly Rogan estava registrada no Town House de Derry. Foi apenas um pouco de sorte, porque Beverly não se encontrava lá, no momento. Kay deixou seu nome, número do telefone e um recado, pedindo a Beverly que ligasse para ela tão logo voltasse, pouco importando a hora.

O atendente na recepção repetiu o recado. Kay foi ao andar de cima e tomou outro Valium. Ficou deitada, esperando o sono. O sono não vinha. *Sinto muito, Bev,* pensou, fitando o escuro, flutuando no entorpecimento do Valium. *O que ele disse sobre meu rosto... Eu não poderia suportar uma coisa dessas. Ligue logo, Bev. Por favor, ligue depressa. E fique de olho no filho da puta louco com quem se casou.*

5

O filho da puta louco com quem Bev se casara teve idéia melhor sobre conexões do que ela no dia anterior, porque partiu do O'Hare, o eixoda aviação comercial nos Estados Unidos continental. Durante o vôo, ele leu e releu a breve nota sobre o autor, no final de *The Black Rapids.* Ali dizia que William Denbrough era natural da Nova Inglaterra e autor de três outras novelas (também disponíveis, acrescentava a nota, prestimosa-mente, em edições *paperback* da Signet). Ele e sua esposa, a atriz Audra Phillips, residiam na Califórnia. No momento, Denbrough trabalhava em um novo livro. Reparando que aquela edição de *The Black Rapids* fora publicada em 1976, Tom deduziu que o sujeito produzira mais livros, desde então.

Audra Phillips... já a vira no cinema, não? Raramente se fixava em atrizes — a idéia de Tom sobre um bom filme era uma história de crime, de perseguição ou com monstros — mas se esta boneca era quem pensava, reparara nela principalmente por ser muito parecida com Beverly: compridos cabelos ruivos, olhos verdes, seios fartos.

Sentou-se mais ereto na poltrona, tamborilando com o livro sobre a perna, tentando ignorar a dor na cabeça e na boca. Sim, tinha certeza. Audra Phillips era a ruiva de belas maminhas. Já a vira em um filme com Clint Eastwood, e depois, cerca de um ano mais tarde, em outro de terror, chamado *Lua do Cemitério.* Beverly o acompanhara desta vez e, quando saíam do cinema, ele comentara o quanto a tinha achado parecida com a atriz.

— Pois eu não acho — replicara Bev. — Sou mais alta e ela é mais bonita. Os cabelos dela também são de um ruivo mais escuro.

Isso havia sido tudo. Tom nunca mais pensara no assunto, até agora.

Ele e sua esposa, a atriz Audra Phillips...

Tom possuía uma ligeira noção de psicologia e a empregara para manipular a esposa, durante todos os anos do casamento. De repente, um desagrado incessante começou a espicaçá-lo, mais sentido do que pensado. Centralizava-se no fato de que Bev e aquele Denbrough tinham brincado juntos quando crianças e que Denbrough se casara com uma mulher que, apesar do dito por Beverly, tinha uma estranha semelhança com ela.

Que espécie de brincadeiras unira Denbrough a Beverly quando ambos eram crianças? De correio? De girar-a-garrafa?

Outras brincadeiras?

Sentado em sua poltrona, batendo o livro contra a perna, Tom sentiu que as têmporas começavam a latejar.Quando chegou ao Aeroporto Internacional de Bangor e se dirigiu aos estandes para aluguel de carros, as jovens — algumas vestidas de amarelo, outras de vermelho ou verde-irlandês — olharam nervosamente para seu rosto massacrado e perigoso, informando (mais nervosamente ainda) que lamentavam, mas no momento não havia carros disponíveis para aluguel.

Tom foi à banca de jornais e comprou um jornal de Bangor. Folheou-o até a seção de classificados, ignorando os olhares que recebia dos passantes nas proximidades. Selecionou três possibilidades. Acertou na segunda ligação.

— O anúncio do jornal diz que você tem um pick-up LTD 76. Mil e quatrocentas pratas.

— Exatamente.

— Pois ouça isto — falou Tom, tocando a carteira no bolso do paletó. Estava cheia de dinheiro — seis mil dólares. — Traga o pick-up ao aeroporto e fechamos negócio aqui mesmo. Traga o carro, um recibo de venda e a documentação. Pagarei em dinheiro.

0 dono do LTD à venda fez uma pausa e depois disse:

— Preciso antes tirar minhas placas de identificação no carro.

— Claro, tudo bem.

— Como vou reconhecê-lo, Sr. ...?

— Sr. Barr — respondeu Tom. Estava olhando para um cartaz no outro lado do saguão do terminal, que anunciava A AEROVIAS BAR HAR-BOR OFERECE A VOCÊ A NOVA INGLATERRA... E O MUNDO! — Estarei parado na porta mais distante. Verá logo quem sou, porque meu rosto não está na melhor das aparências. Eu e minha esposa fomos patinar ontem, e levei um tombo dos diabos. Acho que a coisa podia ter sido pior. Por sorte, só quebrei a cara.

— Poxa, sinto muito saber disso, Sr. Barr.

— Obrigado. Agora, é só trazer o carro aqui, meu chapa.

Tom desligou, cruzou a porta e saiu para a cálida fragrância da noite de maio.

O sujeito com o LTD apareceu dez minutos mais tarde, dirigindo ao crepúsculo daquele final de primavera. Era apenas um rapazinho. Fecharam o negócio; o rapaz garatujou um recibo de venda, que Tom enfiou com indiferença no bolso do sobretudo. Ficou espiando, enquanto o rapaz retirava do LTD as chapas do Maine.— Dou três pratas a mais pela chave de fendas — disse Tom, quando ele terminou.

O rapaz olhou pensativamente para ele por um instante, deu de ombros, entregou-lhe a chave de fendas e pegou os três dólares que Tom estendia. *Não é da minha conta,*

significava o levantar de ombros. E Tom pensou: *Está absolutamente certo, meu caro amiguinho.* Viu.o rapaz entrar em um táxi. Depois, sentou-se ao volante do Ford.

O pick-up era um pedaço de bosta: a mudança gania, a junta universal gemia, a carroceria chocalhava, os freios estavam moles. Nada disso importava, entretanto. Tom dirigiu para o pátio de estacionamento de longo prazo, pegou um tíquete e entrou. Estacionou perto de um Subaru, que parecia estar ali há bastante tempo. Usou a chave de fendas do rapaz para remover as chapas do Subaru e colocá-las no LTD. Cantarolava, enquanto fazia isso.

Pelas dez da noite, ele rodavava para leste pela Rota 2, com um mapa rodoviário do Maine aberto no banco ao seu lado. Descobrira que o rádio da camioneta não funcionava, de modo que dirigiu em silêncio. Era até melhor assim, porque tinha muito em que pensar. Por exemplo, em todas as coisas maravilhosas que faria com Beverly, tão logo a encontrasse.

No fundo do coração, tinha certeza — certeza absoluta — de que Beverly estava bem perto.

E fumando.

Oh, minha querida, você trepou com o homem errado, quando trepou com Tom Rogan. E a questão é — o que, exatamente, faremos com você?

O Ford abriu caminho através da noite, usando os faróis altos, e quando por fim chegou a Newport, Tom já sabia. Encontrou um bar na rua principal, ainda aberto. Entrou e comprou um maço de Camels. O dono desejou-lhe uma boa noite. Tom desejou-lhe o mesmo.

Jogou o maço de cigarros no assento e recomeçou a rodar. Dirigiu lentamente, subindo pela Rota 7, procurando seu ponto de retorno. Ali estava — Rota 3, com um aviso dizendo HAVEN 21 DERRY 15.

Tom fez a volta e aumentou a velocidade do Ford. Lançou uma olhada para o maço de cigarros e sorriu de leve. À claridade esverdeada dos mostradores no painel de instrumentos, seu rosto cortado e encalombado parecia estranho, asqueroso.*Tenho alguns cigarros para você, Bevvie,* pensou Tom, enquanto a camioneta corria entre filas de pinheiros e espruces, rodando para Derry a pouco mais de noventa e cinco. *Oh, sim! Um maço cheio. Só para você. E assim que a enxergar, querida, vou fazê-la comer cadafodido cigarro. Se esse tal Denbrough precisar aprender alguma coisa, também podemos dar um jeito nisso. Não há problema, Bevvie. Nenhum problema.*

Pela primeira vez, desde que a cadelinha nojenta o cortara e fugira, Tom começou a sentir-se bem.

6

Audra Denbrough voou para o Maine na primeira classe de um DC-10 da British Airways. Deixara Heathrow às seis e dez daquela tarde e estivera perseguindo o sol desde então. O sol estava ganhando — de fato, tinha ganho — mas isso não importava nem um pouco. Por um lance providencial de sorte, ela descobrira que o vôo 23 da British Airways — Londres-Los Angeles — fazia uma parada para reabastecimento de combustível... no Aeroporto Internacional de Bangor.

O dia havia sido um louco pesadelo. Freddie Firestone, o produtor de *Recinto do Sótão,* naturalmente exigira a presença de Bill, antes de mais nada. Houvera qualquer

problema com a substituta que deveria cair por um lance de escada, no lugar de Audra. Parecia que os doublés também possuíam um sindicato, e aquela mulher completara sua quota de substituições por essa semana, ou qualquer outra idiotice. O sindicato exigia que Freddie assinasse uma desistência do salário-global ou contratasse outra mulher para a substituirão. O problema é que não havia outra substituta disponível, com tipo físico semelhante ao de Audra. Freddie respondeu ao chefe do sindicato que então contratariam um homem para a substituição. Isso seria possível? Afinal, a queda não seria filmada com a artista de sutiã e calcinhas. Eles tinham a peruca ruiva-acastanhada, e o homem poderia usar roupas femininas, com sutiã de enchimento e mais enchimentos nos quadris. Nos lados e parte de trás, se fcjsse necessário.

Negativo, chapa, respondeu o chefe do sindicato. É contra o regulamento do sindicato um homem substituir uma mulher. Discriminação sexual.

O temperamento de Freddie tinha fama no mundo cinematográfico. A essa altura ele perdeu as estribeiras. Disse ao chefe do sindicato, umsujeito gordo, com um CC quase paralisante, que fosse tomar no rabo. O chefe do sindicato disse a Freddie que era melhor ele conter a língua ou não haveria mais doublé nenhum no *set* de *Recinto do Sótão.* Então, esfregou juntos o polegar e o indicador, em um gesto *baksheesh,* que deixou Freddie fora de si. O chefe do sindicato era grandalhão, mas frouxo; Freddie, que continuava jogando futebol sempre que podia e que certa vez fizera uma centena de pontos no críquete, era grandalhão e duro. Expulsou o chefe do sindicato, voltou a seu gabinete para meditar e saiu vinte minutos depois, berrando por Bill. Ele queria toda a cena reescrita, de maneira a ser retirada a queda. Audra foi obrigada a contar-lhe que Bill não estava mais na Inglaterra.

— *O quê?* — exclamou Freddie. Sua boca pendeu aberta. Ele olhava para Audra, como se julgasse que ela perdera o juízo. — O que está me dizendo?

— Ele foi chamado de volta aos States — eis o que estou lhe dizendo. Freddie fez um movimento como se fosse agarrá-la, e Audra recuou,

um pouco assustada. Ele baixou os olhos para as mãos, depois as enfiou nos bolsos e somente a encarou.

— Sinto muito, Freddie — disse Audra, baixinho. — Realmente.

Levantando-se, ela encheu para si mesma uma xícara de café na cafeteira Silex de Freddie, que ficava sobre uma chapa aquecida. Notou que suas mãos tremiam um pouco. Ao sentar-se, ouviu a voz dele, amplificada pelos alto-falantes do estúdio, dizendo a todos que fossem para casa ou para o *pub;* o dia de filmagem estava encerrado. Audra pestanejou. Dez mil libras, pelo menos, estavam sendo levadas pela descarga da privada.

Freddie desligou o interfone do estúdio, levantou-se e encheu uma xícara de café. Tornou a sentar-se e ofereceu a Audra seu maço de cigarros Silk Cut.

Ela negou com a cabeça.

Freddie pegou um cigarro, acendeu-o e a fitou através da fumaça, com olhos semicerrados.

— Isto é sério, não?

— Sim, é sério — respondeu ela, mantendo a compostura ao máximo.

— O que aconteceu?

Então, porque gostava sinceramente de Freddie e sinceramente confiava nele, Audra contou-lhe tudo o que sabia. Ele ouviu com atençãoe gravidade. Não havia muito a contar; quando ela terminou, ainda ouviam portas batendo e motores de carro dando partida no pátio de estacionamento.

Freddie ficou calado por algum tempo, espiando por sua janela. Depois se virou para Audra.

— Ele teve algum colapso nervoso. Ela meneou a cabeça.

— Não. Não foi nada disso. *Ele* não dava essa impressão. — Audra sorveu um gole do café e acrescentou: — Se estivesse lá, você veria isso.

Freddie sorriu torcidamente.

— Compreenda, por favor: homens adultos raramente são compelidos a honrar promessas feitas em criança. Aliás, leu o trabalho de Bill, sabe o quanto ele escreve sobre a infância, de fato um material excelente, o dele. Algo de imediato, sem vacilação. A idéia de que esqueceu todo o ocorrido em sua infância, portanto, é absurda!

— E as cicatrizes nas mãos dele? — exclamou Audra. — Nunca estiveram lá. Pelo menos, até esta manhã.

— Tolice! Acontece que você só as notou esta manhã. Ela deu de ombros, impotente.

— Eu teria notado.

Audra percebeu que Freddie tampouco acreditava nisso.

— Muito bem, o que faremos? — perguntou ele. Audra limitou-se a manear a cabeça. Freddie acendeu outro cigarro, na ponta acesa do anterior. — Posso ajeitar as coisas com o chefe do sindicato — falou. — Não eu mesmo, talvez; neste exato momento, ele prefere ver-me no inferno a ceder outro doublé. Mandarei Teddy Rowland ao escritório dele. Teddy é um imbecil, mas, quando fala, até passarinhos descem das árvores para ouvi-lo. Só que... o que acontecerá depois? Ainda temos quatro semanas de filmagens, mas seu marido se manda para algum ponto em Massachusetts...

— Maine...

Freddie fez um gesto com a mão.

— Seja onde for. E você, como está indo sem ele?

— Eu...

Freddie inclinou-se para diante.

— Gosto de você. Audra. Sinceramente. Também gosto de Bill — apesar desta confusão toda. Acho que iremos em frente. Se o *script* exigiralterações, posso alterá-lo. Houve tempo em que já fiz minha cota desse tipo de serviço sapateiro-remendão, Deus é testemunha... Se ele não gostar do jeito como a coisa sair, será o único culpado. Posso ir para diante sem Bill, mas não sem você. Não posso tê-la correndo para os States atrás de seu homem, e vou botá-la trabalhando a todo vapor. Acha que pode fazer isso?

— Não sei.

— Nem eu, mas quero que pense em uma coisa. Podemos manter a situação aquietada por algum tempo, talvez pelo resto da filmagem, se você assumir firmemente o seu lugar e fizer o seu trabalho. Se cair fora, não vou poder abafar a situação. Posso ser chato, mas não tenho natureza vingativa e, portanto, não lhe direi que, se der o fora, providenciarei para que nunca mais trabalhe em lugar algum no cinema. Contudo, precisa saber que, se adquirir uma reputação de temperamental, pode ver sua carreira encerrada, do mesmo jeito. Sei que estou falando como um tio cruel. Isso a magoa?

— Não — respondeu ela, alheadamente.

A verdade é que não se incomodava muito, com uma ou outra coisa. Só conseguia pensar em Bill. Freddie era um homem gentil, mas não entendia. Em última análise, fosse ele gentil ou não, *só* pensava no que podia acontecer a seu filme. Não vira a expressão nos olhos de Bill... e nem o ouvira gaguejar.

— Ótimo — disse ele, levantando-se. — Vamos comigo até o "Hare and Hounds". Podemos tomar um drinque.'

Ela sacudiu a cabeça.

— Um drinque é a última coisa de que preciso. Vou para casa, pensar em tudo isto.

— Mandarei chamar o carro — ofereceu-se ele.

— Não. Prefiro ir de trem.

Ele a fitou fixamente, com uma das mãos sobre o telefone.

— Acho que está pensando em ir atrás dele — disse Freddie, — e, se quer saber, cometerá um sério engano, minha querida. Bill está com uma idéia fixa, mas tem os pés bem firmes. Fará o que tem de fazer e, ao terminar, voltará para casa. Se a quisesse em sua companhia, teria dito.

— Ainda não resolvi nada — respondeu ela.

Contudo, sabia que, de fato, já resolvera tudo; tinha resolvido, antes mesmo que o carro fosse apanhá-la pela manhã.— Vá com calma, meu bem — disse Freddie. — Não faça nada de que se arrependa mais tarde.

Ela sentiu a força dominadora da personalidade dele, exigindo-lhe que cedesse, prometesse, trabalhasse, esperando passivamente que Bill voltasse... ou desaparecesse novamente naquele buraco do passado, do qual ele tinha vindo.

Aproximou-se dele e o beijou de leve no rosto.

— Até logo, Freddie.

Foi para casa e discou o número da British Airways. Comunicou à atendente que pretendia alcançar uma cidadezinha do Maine chamada Derry e se isso era possível. Houve silêncio, enquanto a mulher consultava seu terminal de computador... e então a notícia, como um sinal do céu, de que o vôo 23, da BA, faria escala em Bangor, que ficava a menos de oitenta quilômetros de distância.

— Devo reservar sua passagem, senhora? .

Audra fechou os olhos. Viu o rosto de Freddie, de feições ásperas, quase sempre gentis, cheio de ansiedade. Ouviu-o dizendo: *Vá com calma, meu bem. Não faça nada de que se arrependa mais tarde.*

Freddie não queria que ela fosse; Bill não queria que ela fosse; então, por que seu coração gritava que *tinha* de ir? Tornou a fechar os olhos. *Oh, céus, eu me sinto tão perdida...*

— Ainda está na linha, senhora? .

— Pode reservar — disse Audra, depois vacilou. *Vá com calma, meu bem...* Talvez devesse meditar no assunto; colocar alguma distância entre ela própria e a loucura. Começou a remexer na bolsa, procurando seu cartão American Express. — Para amanhã. De primeira classe, se houver, mas aceitarei qualquer coisa.

Se *mudar de idéia, poderei cancelar. Provavelmente, é o que farei. Quando acordar, estarei lúcida e tudo será claro.*

Contudo, na manhã segunte nada estava claro e seu coração clamava tão ruidosamente corrib antes para que viajasse. Seu sono fora uma tapeçaria alucinante de pesadelos. Assim, telefonara para Freddie, não porque sentisse vontade, mas achando que devia isso a ele. Não chegou a falar muito — estava tentando, algo atabalhoadamente, dizer-lhe o quanto achava que Bill podia precisar dela — quando houve um suave clique no extremo da linha. Freddie havia desligado, sem dizer uma palavra após ter dito o alô inicial.Entretanto, pensou Audra, de certa forma aquele suave clique dizia tudo que era para ser dito.

7

O avião pousou em Bangor às 19 horas. Audra foi o único passageiro a desembarcar e os outros a fitaram com uma espécie de meditativa curiosidade, talvez perguntando-se por que alguém escolheria descer ali, naquele lugarejo esquecido por Deus. Audra pensou em dizer-lhes: *É porque estou em busca do meu marido. Ele voltou para uma cidadezinha perto daqui, porque um amigo de infância telefonou, recordando-lhe uma promessa que mal conseguia recordar direito. O telefonema também recordou-lhe que não pensara mais no irmão morto, nos últimos vinte e tantos anos. Oh, sim; meu marido voltou a gaguejar... e reapareceram algumas esquisitas cicatrizes brancas nas palmas de suas mãos.*

Então ela pensou que, se falasse tudo isso, o agente alfandegário, parado junto à passarela do avião, faria soar seu apito, convocando os homens de jalecos brancos.

Audra recolheu sua mala, única bagagem que levara — parecera tão solitária, percorrendo sozinha a esteira rolante — e caminhou para os es-tandes de carros de aluguel, como faria Tom Rogan, uma hora mais tarde. Teve mais sorte do que ele; a National Car Rental tinha um Datsun.

Uma jovem preencheu o formulário, e Audra o assinou.

— Adivinhei que era você — disse a jovem, e depois, timidamente: — Por favor, poderia me dar o seu autógrafo?

Audra o deu, escrevendo seu nome nas costas de um formulário para aluguel de carros, pensando: *Aproveite enquanto pode, menina. Se Freddie Firestone estiver certo, dentro de cinco anos isto não valerá um centavo.*

Um tanto divertida, percebeu que, após somente quinze minutos de volta aos States, começara novamente a pensar como americana.

Conseguiu um mapa rodoviário. A jovem, tão abobalhada pela presença da artista que mal podia falar, procurou marcar a melhor rota para Derry.

Dez minutos mais tarde, Audra estava na estrada, procurando recordar a cada cruzamento que, se se esquecesse de dirigir pela esquerda, teria sua licença cassada.E, enquanto dirigia, percebeu que estava mais amedrontada do que jamais estivera na vida.

8

Por um daqueles curiosos desvios do destino ou coincidência que às vezes acontecem (e que, em realidade, aconteciam com mais freqüência em Derry), Tom hospedara-se no Koala Inn, na Rua Jackson Externa, enquanto Audra ficava no Holiday Inn; os dois motéis situavam-se lado a lado, seus pátios de estacionamento separados apenas por uma calçada elevada de concreto. Também aconteceu que o Datsun alugado de Audra e o pick-up LTD comprado por Tom, ficaram estacionados nariz contra nariz, separados tão somente por aquela calçada. Ambos dormiam agora, Audra quietamente deitada de lado, e Tom Rogan de barriga para cima, roncando tão forte, que seus lábios inchados tremulavam.

9

Henry havia passado aquele dia escondido — escondido nos matagais à margem da Rota 9. Por vezes, dormitava. Em outras, ficava espiando viaturas policiais que deslizavam pela estrada como cães sabujos. Enquanto os Perdedores almoçavam, Henry ouvia as vozes que vinham da lua.

Quando anoiteceu, ele saiu para a beira da estrada e levantou o polegar.

Após algum tempo, um tolo que ia passando parou a fim de dar-lhe carona.

DERRY:

O TERCEIRO INTERLÚDIO

"Um passarinho desceu à calçada —
Não percebeu que eu o vi —
Partiu uma minhoca ao meio
E comeu a coitada, crua"

Emily Dickinson,

"A Bird Came Down the Walk"

O incêndio no Ponto Negro teve lugar em fins de outono de 1930. Até onde pude determinar, esse incêndio — do qual meu pai escapou por pouco — encerrou o ciclo de assassinatos e desaparecimentos, ocorrido nos anos de 1929-30, assim como a explosão da Fundição havia encerrado um ciclo, vinte e cinco anos antes. É como se houvesse necessidade de um sacrifício monstruoso ao final do ciclo, a fim de aquietar seja lá que força terrível atua aqui... pondo-a a dormir por mais ou menos outro quarto de século.

Contudo, se tal sacrifício se torna necessário para encerrar cada ciclo, parece haver também necessidade de algum evento similar para colocar um ciclo em andamento.

Isso faz com que me reporte ao Bando de Bradley.

Sua execução aconteceu no tríplice cruzamento das ruas do Canal, Main e Kansas — de fato, não muito distante do lugar mostrado no retrato que começou a mover-se, para Bill e Richie, em certo dia de junho de 1958 — uns treze meses antes do incêndio do Ponto Negro, em outubro de 1929... não muito antes da derrocada do mercado de ações.

Como ocorreu em relação ao Ponto Negro, muitos residentes de Derry simulam não recordar o sucedido naquele dia. Estavam fora da cidade, visitando parentes. Tiravam um cochilo naquela tarde, só sabendo do acontecido quando ouviram o noticiário pelo rádio, à noite. Ou então, eles se limitam a olhar-nos frente a frente e mentir.

Os registros policiais daquele dia, indicam que o Chefe Sullivan nem ao menos estava na cidade *(É claro que me lembro,* contou-me Aloysius Nell, sentado em uma poltrona, tomando sol no terraço do Abrigo Paul-son para Idosos, em Bangor. *Aquele era meu primeiro ano na força, não podia esquecer! Ele tinha ido caçar passarinhos, na zona oeste do Maine. Ao voltar, eles já tinham sido embrulhados em lençóis e carregados. Jim Sullivan ficou mais danado da vida do que uma galinha molhada),* porém o retrato em um livro de referência sobre gângsters, chamado *Foras-da-lei e matanças,* mostra um homem sorridente, em pé ao lado do cadáver recheado de balas de Al Bradley, na morgue, e se aquele homem não for o Chefe Sullivan, certamente é seu irmão gêmeo.

Foi o Sr. Keene que finalmente conseguiu o que acredito ser a legítima versão da história — Norbert Keene, proprietário da Drogaria da Rua Center, de 1925 até 1975. Ele falou comigo voluntariamente mas, como o pai de Betty Ripsom, pediu que eu desligasse meu gravador, antes de começar a desenrolar sua história. Não que isso importasse, porque ainda posso ouvir sua voz roufenha — mais outra voz de cantor, no amaldiçoado coro que é esta cidade.

— Não há motivo para que lhe esconda os fatos — disse ele. — Ninguém os publicará e, se fossem publicados, ninguém acreditaria. — O Sr. Keene empurrou para mim um antiquado bujão de farmácia. — Balas de alcaçuz? Se me lembro bem, você sempre gostou das vermelhas, Mikey.

Peguei uma bala.

— O Chefe Sullivan *estava* lá, naquele dia?

O Sr. Keene riu e pegou outra bala de alcaçuz para si mesmo.

— Você gostaria de saber, não é mesmo?

— Sim, gostaria — concordei, mastigando a bala vermelha de alcaçuz.

Não havia provado uma desde meus tempos de criança, quando espalhava as moedinhas sobre o balcão, diante de um Sr. Keene muito mais jovem e espigado. Eram tão gostosas como naquela época.

— Você é novo demais para recordar quando Bobby Thomson fez os pontos que deram a vitória aos Giants, no jogo de desempate em 1951 — disse o Sr. Keene. — Então, deveria ter uns quatro anos de idade. Bem! Anos mais tarde, um jornal publicou

um artigo sobre esse jogo, e era como se um milhão de moradores de Nova York tivesse alegado que assistira à disputa no estádio!

O Sr. Keene mascou sua bala de alcaçuz e um filete escuro deslizou pelo canto de sua boca. Ele o enxugou meticulosamente com o lenço. Estávamos sentados no escritório atrás da drogaria, porque embora Norbert Keene estivesse com oitenta e cinco anos e já aposentado fazia dez, ainda escriturava os livros para seu neto.

— Pois no referente ao Bando de Bradley, acontece justamente o contrário! — exclamou Keene. Ele sorria, mas não era um sorriso agradável, antes cínico, friamente reminiscente. — Naquele tempo, em Derry moravam umas vinte mil pessoas. A Rua Main e a Rua do Canal tinham sido pavimentadas quatro anos antes, mas a Kansas ainda era de terra batida. A poeirada subia no verão, mas a cada março e novembro aquilo virava um lamaçal. Eles costumavam olear a Colina Milha Acima todos os junhos e, em cada Quatro de Julho, o prefeito discursava sobre como pretendiam pavimentar a Rua Kansas. Contudo, isso só foi acontecer em 1942. E... o que era mesmo que eu dizia?

— Vinte mil pessoas moravam na cidade — lembrei.

— Oh, sim... Bem, daquelas vinte mil, provavelmente a metade já morreu, talvez ainda mais — cinqüenta anos é muito tempo. Aliás, as pessoas têm a curiosa mania de morrer cedo, aqui em Derry. Talvez seja por causa do ar. Contudo, dos moradores que sobraram, não creio que mais de uma dúzia afirmasse ter estado na cidade, no dia em que o Bando de Bradley foi para Tophet. (*Lugar de tormentos após a morte. Inferno. - N. da T.*) Butch Rowden, do mercado de carnes, talvez pudesse confirmar isso — ele tem uma foto de um dos carros do bando, pendurada na parede onde corta sua carne. Olhando para aquela foto, você mal saberia que era de um carro. Charlotte Littlefield lhe diria uma ou duas coisas, se você a pegar com boa disposição; ela leciona no ginásio e, embora não devesse ter além de dez ou doze anos na época, tenho certeza de que se lembra muito bem. Carl Snow... Aubrey Stacey... Eben Stampnell... e o velhote que pinta aqueles quadros curiosos, o que bebe toda noite no Wally's — acho que o nome dele é Pickman — todos eles se lembram. Estavam todos lá...

A voz dele foi diminuindo de intensidade, enquanto olhava para a bala de alcaçuz que tinha na mão. Pensei em instigá-lo, mas resolvi o contrário. Por fim, ele disse:

— A maioria dos outros mentiria a respeito, da maneira como as pessoas mentem e dizem que estavam lá quando Bobby Thomson desempatou o jogo, é o que quero dizer. Contudo, quem mentiu que assistiu ao

jogo, foi porque desejaria ter estado lá. As pessoas mentem sobre estarem em Derry naquele dia, porque gostariam de *não* ter estado. Compreendeu, filho? Eu assenti.

— Tem certeza de que quer ouvir o resto? — perguntou o Sr. Keene.

— Está me parecendo um pouco abatido, Sr. Mikey.

— Não seria agradável ouvir — respondi, — mas creio que gostaria de saber.

— Está bem — disse o Sr. Keene brandamente.

Aquele era o meu dia de recordações; quando ele me ofereceu o bu-jão de farmácia com as balas de alcaçuz, de repente recordei um programa de rádio que meus pais costumavam ouvir, quando eu era criança: *Sr. Keene, o rastreador de pessoas desaparecidas.*

— O xerife estava lá nesse dia, sem dúvida — prosseguiu ele. — É verdade que pretendia caçar passarinhos, mas mudou de idéia bem de-pressinha quando Lal Machen entrou e lhe disse que esperava Al Bradley, justamente nessa tarde.

— Como é que Machen sabia? — perguntei.

— Bem, em si mesma, esta é uma história muito instrutiva — disse o Sr. Keene, e o sorriso cínico acentuou-se em seu rosto novamente. — Bradley nunca foi o Inimigo

Público Número 1 da parada de sucessos do FBI, mas eles o queriam — desde 1928 mais ou menos. Para mostrar trabalho, julgo eu. Al Bradley e seu irmão George assaltaram seis ou sete bancos pelo Meio-Oeste e raptaram um banqueiro para pedir resgate. O resgate foi pago — trinta mil dólares, uma soma de peso naquele tempo.

— Mas eles mataram o banqueiro assim mesmo.

"Àquela altura, o Meio-Oeste estava ficando um pouco quente para os bandos que corriam por lá, de maneira que Al, George e sua ninhada de maus elementos se bandearam para noroeste, subindo até aqui. Alugaram uma grande casa de fazenda bem nos limites da cidade, em New-port, não muito além de onde hoje ficam as Fazendas Rhulin.

"Isso foi naquela época preguiçosa de 29, talvez em julho, talvez em agosto ou mesmo começos de setembro... Não sei quando ao certo. Havia oito deles — Al Bradley, George Bradley, Joe Conklin e *seu* irmão Cal, um irlandês chamado Arthur Malloy, alcunhado "Ceguinho", porque era míope, mas só usava óculos quando absolutamente necessário, e Patrick Caudy, um rapaz de Chicago, que diziam ser um assassino louco, mas tão bonito como um Adônis. Havia também duas mulheres com eles: Kitty Donahue, esposa legítima de George Bradley, e Marie Hauser, que pertencia a Caudy mas às vezes passava pelas mãos dos outros, conforme histórias que ouvimos mais tarde.

"Eles tiveram uma péssima idéia quando vieram para cá, filho — imaginavam-se tão longe de Indiana, que aqui estariam a salvo.

"Ficaram quietos por algum tempo, mas o tédio aumentou e resolveram sair para a caçada. Tinham um bocado de armas, porém baixara o estoque de munição. Assim, chegaram a Derry no dia dezessete de outubro, ocupando dois carros. Patrick Caudy levou as mulheres às compras, enquanto os outros homens iam ao Machen's Artigos Esportivos. Kitty Donahue comprou um vestido na Freese's, e morreu com ele, dois dias mais tarde.

"Lal Machen serviu os homens pessoalmente. Ele morreu em 1959. Gordo demais. Sempre foi muito gordo. Contudo, nada havia de errado com seus olhos, e identificou Al Bradley no instante em que o viu entrando em seu estabelecimento, conforme disse. Pensou ter reconhecido alguns dos outros, mas só ficou certo sobre Malloy, quando ele colocou os óculos, a fim de examinar um conjunto de facas em uma vitrine.

"Al Bradley caminhou até ele e disse: 'Gostaríamos de comprar alguma munição.'

" 'Bem', disse Lal Machen, 'o senhor veio ao lugar certo.'

"Bradley entregou-lhe um papel, que Lal leu. Esse papel extraviou-se, pelo que sei, mas Lal disse que ele transformaria em gelo o sangue de qualquer um. Eles queriam quinhentas cargas de calibre 38, oitocentas de calibre 45, sessenta de calibre 50, que nem eram fabricados mais, cartuchos de espingarda para antílopes e pássaros, e mil cargas para rifle 22, de curto e longo alcance. Finalizando — veja bem, — mil e seiscentas cargas de balas 45 para metralhadora.

— Minha nossa! — exclamei.

O Sr. Keene tornou a esboçar aquele sorriso cínico e ofereceu-me o bujão de farmácia. A princípio, meneei a cabeça, mas terminei pegando outra bala.

— "Isto é uma lista e tanto de compras, rapazes", disse Lal.

"Está vendo só, Al?' disse Malloy 'Ceguinho'. 'Eu lhe disse que a gente não ia encontrar nada em uma cidadezinha caipira como esta. Vamos até Bangor. Eles também não devem ter nada por lá, mas aproveito o passeio.'" 'Por favor, acalmem-se', disse Lal, tão frio como um pepino. 'Aqui tenho uma encomenda danada de boa e não quero perdê-la para aqueles judeus lá de Bangor. Posso fornecer os calibres 22 agora, assim como os

cartuchos para pássaros e metade dos de antílopes. Também tenho em estoque cem cargas para o 38 e cem para o 45. Poderia fornecer o restante aos senhores...' Aqui, Lal semícerrou os olhos e tamborilou no queixo, como se estivese calculando. '... Bem, depois de amanhã. Acham que serviria?'

"Bradley sorriu de orelha a orelha e disse que estava ótimo. Cal Conklin disse que ainda preferia ir a Bangor, mas os outros foram contra. 'Agora, escute, amigo, se não tem certeza de que conseguirá tudo para nós, é melhor dizer agora', falou Al Bradley para Lal, 'porque sou um bom sujeito, mas quando perco a cabeça, duvido que alguém se saia bem comigo. Dá para entender?'

"Claro', respondeu Lal. 'Terei aqui toda a munição que deseja, Sr. ...?'

" 'Rader', disse Brady. 'Richard D. Rader, um seu criado.'

"Ele estendeu a mão, que Lal apertou, sem deixar de sorrir o tempo todo. 'É um verdadeiro prazer, Sr. Rader.'

"Então, Bradley perguntou a ele qual seria uma boa hora para voltar à cidade com os amigos, a fim de recolher a mercadoria. Lal Machen respondeu, perguntando que tal achavam às duas da tarde. Eles disseram que estava ótimo. Foram embora. Lal os viu sair. Eles encontraram as duas mulheres e Caudy na calçada diante do prédio. Lal reconheceu Caudy também.

"E o que acha que Lal fez então?" perguntou o Sr. Keene, com os olhos brilhando. "Chamou os tiras?"

— Acho que não — respondi, — em vista do que aconteceu. Se fosse eu, acho que quebraria a perna, correndo para o telefone.

— Bem, talvez você fizesse isso, talvez não — disse o Sr. Keene, com o mesmo sorriso cínico, o mesmo brilho nos olhos.

Estremeci, porque entendia o que ele queria dizer... e ele sabia que eu entendera. Quando uma coisa pesada começa a rolar, não há meios de detê-la; ela simplesmente continua rolando, até encontrar um lugar plano o suficiente, capaz de tolher seu movimento para diante. Podemos ficar diante dessa coisa e ser achatados... mas não a deteremos.

— Talvez você fizesse isso, talvez não — repetiu o Sr. Keene. — Entretanto, posso dizer-lhe o que Lal Machen fez. No resto daquele dia e no dia seguinte, sempre que entrava algum conhecido no estabelecimento — algum homem — bem, ele lhe contava que sabia quem estivera nas florestas em torno dos limites de Newport e Derry, matando antílopes, galos silvestres e só Deus sabia mais o que, com máquinas-de-escrever de Kansas City. Era o Bando de Bradley. Tinha certeza, porque os reconhecera. Dissera a Bradley e seus homens que voltassem no dia seguinte, às duas em ponto, para apanharem o resto de sua encomenda. Lal contava ter prometido a Bradley toda a munição que ele queria, e pretendia manter a promessa.

— Foram quantos? — perguntei.

Sentia-me hipnotizado por seus olhos brilhantes. De repente, aquele cheiro seco no aposento dos fundos onde estávamos — o cheiro de drogas para prescrições, de pós, de Musterole, Vick VapoRub e xarope Robitussin para tosse — de repente, todos aqueles cheiros pareceram sufocantes... mas eu não iria embora dali, mesmo que morresse prendendo a respiração.

— Quer saber a quantos homens Lal passou a informação? — perguntou o Sr. Keene.

Assenti.

— Não sei ao certo — disse o Sr. Keene. — Não fiquei lá, vigiando. Imagino que contou para todos aqueles em quem podia confiar.

— Aqueles em quem podia confiar — murmurei, em voz algo rouca.

— Exatamente — disse o Sr. Keene. — Homens de Derry, compreenda. Nem todos eles criavam vacas... — O velho riu desta antiga piada, antes de prosseguir. — Eu apareci por volta das dez, no dia seguinte àquele em que os Bradley tinham ido à casa de Lal pela primeira vez. Ele me contou a história, depois perguntou o que eu desejava. Eu tinha ido apenas saber se meu último rolo de filmes já fora revelado — naquela época, o estabelecimento de Machen lidava com todos os filmes e máquinas Kodak — mas após receber as fotos, também falei que precisava de alguma munição para o meu Winchester.

"Vai caçar, Norb?' perguntou Lal, entregando-me os cartuchos.

"Talvez liquide alguns animais daninhos', respondi, e os dois rimos um pouco." O Sr. Keene riu e bateu na perna ossuda, como se aquela fosse a melhor piada que já ouvira. Inclinando-se, deu um tapinha em meu joelho.— Estou apenas querendo dizer, filho, que a história deu todas as voltas necessárias. Cidades pequenas, você entende. Se falamos com as pessoas certas, o que queremos passar adiante *será* passado adiante... entende o que quero dizer? Que tal mais uma bala de alcaçuz? Apanhei uma bala, com dedos entorpecidos.

— Essa bala faz a gente engordar — disse o Sr. Keene, e deu uma risadinha casquinada.

Naquele momento, ele me pareceu velho... infinitamente velho, os óculos bifocais escorregando pela quina encurvada do nariz, a pele tão estirada e fina sobre as faces, que não produzia rugas.

— No dia seguinte — prosseguiu o Sr. Keene, — vim para cá com meu rifle, e Bob Tanner, que trabalhava com mais afinco do que qualquer assistente que já tive depois dele, trouxe a espingarda do pai. Por volta das onze horas daquele dia, Gregory Cole apareceu para comprar bicarbonato de sódio — e tinha um Colt 45, enfiado na cintura.

'"Não vá estourar os colhões com isso, Greg', falei.

'"Fiz todo o trajeto das florestas desde Milford, só para isto, e fiquei com uma *merda* de ressaca', respondeu Greg. 'Acho que vou estourar os colhões de *alguém,* antes que o sol se ponha.'

"Por volta de uma e meia da tarde, coloquei à porta um pequeno cartaz que tinha, NÃO ME DEMORO, QUEIRA ESPERAR, POR FAVOR, peguei meu rifle e saí pelos fundos, para o Beco de Richard. Perguntei a Bob Tanner se queria ir também. Ele disse que ia terminar de preparar a receita da Sra. Emerson e que me encontraria mais tarde. 'Deixe um vivo para mim, Sr. Keene', falou, mas dei a entender que nada podia prometer.

"Mal havia trânsito na Rua do Canal, fosse de gente ou veículos. De vez em quando passava um caminhão de entregas, mas era tudo. Vi Jake Pinnette cruzar a rua, e tinha um rifle em cada mão. Ele encontrou Andy Criss, e os dois caminharam para um dos bancos que existiam onde era o Memorial de Guerra — você sabe, onde o Canal se torna subterrâneo.

"Petie Vanness, Al Nell e Jimmy Gordon estavam sentados nos degraus do tribunal, comendo os sanduíches e frutas de suas marmitas, trocando entre si o que achavam mais saboroso, da maneira como fazem as crianças no pátio de recreio. Estavam todos armados. Jimmy Gordon tinha um Springfield da Primeira Guerra Mundial, que parecia maior do que ele.

"Vi um garoto que ia em direção à Colina Milha Acima — penso que devia ser Zack Denbrough, o pai de seu velho amigo, aquele que vi-rou escritor — e Kenny Borton, na janela da Sala de Leitura da Ciência Cristã, disse para ele: 'Vá embora daqui,

garoto; vamos ter tiroteio.' Zack deu uma espiada para o rosto dele e correu como o diabo.

"Havia homens por toda parte, homens com armas, em pé nos portais, sentados em degraus e espiando de janelas. Greg Cole estava sentado a uma porta no fim da rua, com seu 45 no colo e umas duas dúzias de balas enfileiradas ao lado dele, como soldadinhos de chumbo. Bruce Jagermeyer e aquele sueco, Olaf Theramenius, estavam em pé debaixo da marquise do Bijou, à sombra."

O Sr. Keene olhou para mim, através de mim. Seus olhos não estavam muito aguçados agora; pareciam enevoados pela recordação, suaves como só ficam os olhos de um homem quando ele está recordando os melhores tempos de sua vida. A primeira vitória no beisebol, talvez, ou a primeira truta valendo a pena que pescou, a primeira vez que já se deitou com uma mulher que o desejasse...

— Recordo que eu ouvia o vento, filho — disse ele, sonhadoramente. — Ouvia o vento e também ouvi o relógio do tribunal bater as duas da tarde. Bob Tanner surgiu atrás de mim, e eu estava tão tenso, que quase lhe estourei os miolos.

"Ele apenas me fez um gesto de assentimento e cruzou a rua até o armazém de secos e molhados de Vannock, levando a sombra atrás de si.

"Qualquer um pensaria que, quando eram duas e dez sem que nada acontecesse, depois duas e quinze, duas e vinte, o pessoal se levantaria e iria embora, não? Pois não foi o que aconteceu. Todos continuaram em seus lugares. Porque..."

— Porque vocês sabiam que eles viriam, não é? — falei. — Ninguém questionou a respeito.

Ele me dirigiu um olhar satisfeito, como um professor que aprovou a lição recitada pelo aluno.

— Exatamente! — exclamou. — Nós sabíamos. Ninguém falou sobre isso, ninguém disse, "Muito bem, pessoal, vamos esperar mais vinte minutos e, se eles não aparecerem, eu volto para o trabalho." Tudo ficou quieto e, lá pelas duas e vinte e cinco daquela tarde, os dois carros, um vermelho e outro azul-escuro, começaram a descer a Colina Milha Acima. Chegaram ao cruzamento. Um deles era um Chevrolet, o outro um La Salle. Os irmãos Conklin, Patrick Caudy e Marie Hauser estavam no Chevrolet. Os Bradley, Malloy e Kitty Donahue estavam no La Salle."Eles passaram pelo cruzamento, mas então Al Bradley pisou nos freios do La Salle, tão de repente, que Caudy quase o atropelou. A rua estava tão quieta, que Bradley adivinhou. Ele não passava de um animal, mas não é preciso muita coisa para um animal farejar, se foi caçado como doninha no milharal, durante quatro anos.

"Ele abriu a porta do La Salle e ficou em pé no estribo por um momento. Espiou em volta, então fez um gesto de 'vamos embora daqui' para Caudy, agitando a mão. Caudy perguntou: 'O que houve, chefe?' Eu ouvi sua pergunta claramente naquele dia, aliás, a única coisa que ouvi de qualquer deles nesse dia. Houve um reflexo de sol também, eu me lembro. Vinha de um espelho de pó compacto. A mulher Hauser estava empoando o nariz.

"Foi então que Lal Machen e *seu* ajudante Biff Marlow saíram correndo do estabelecimento de Machen. 'Mãos para cima, Bradley, você está cercado!' gritou Lal. E antes que Bradley terminasse de virar a cabeça, Lal começou a atirar. Não acertou em nada a princípio, mas finalmente conseguiu alvejar um ombro de Bradley. O sangue começou a escorrer daquele buraco em seguida. Bradley se firmou no suporte da porta do La Salle e virou o corpo para dentro do carro. Conseguiu fazer a mudança, mas foi quando todos passaram a atirar.

"Tudo terminou em quatro, talvez cinco minutos, só que pareceu infernalmente mais prolongado, enquanto acontecia. Petie, Al e Jimmy Gordon ficaram lá, sentados nos degraus do tribunal, despejando balas na traseira do Chevrolet. Vi Bob Tanner equilibrado em um joelho, atirando e manejando a alavanca daquele rifle velho, feito um louco. Jager-meyer e Theramenius disparavam contra o lado direito do La Salle, abrigados pela marquise do cinema. Greg Cole estava em pé no meio-fio, com aquela automática 45 nas duas mãos, puxando o gatilho tão depressa quanto ele podia funcionar.

"Haveria uns cinqüenta, sessenta homens, todos atirando ao mesmo tempo. Depois de tudo terminado, Lal Machen escavou trinta e seis balas dos lados de tijolos de seu estabelecimento. E isso foi três dias mais tarde, depois que quase todo mundo na cidade queria uma como *souve-nir* e escavou a bala pessoalmente com um canivete. Quando o tiroteio chegou ao auge, parecia a Batalha do Marne. À volta do Machen's houve vidraças que se estilhaçaram com os tiros dos rifles.

"Bradley conseguiu fazer o La Salle descrever um semicírculo, e fez isso a toda pressa, mas então já estava rodando com quatro pneus fura-dos. Os dois faróis tinham sido estourados pelas balas e o pára-brisa já se fora. Malloy 'Ceguinho' e George Bradley estavam a cada lado do assento traseiro, usando suas pistolas. Vi uma bala pegar Malloy no alto do pescoço, rasgando-o de um lado a outro. Ele ainda atirou duas vezes, antes de cair sobre a janela do carro, com os braços pendurados para fora.

"Caudy tentou manobrar o Chevrolet, mas só conseguiu colidir com a traseira do La Salle de Bradley. Aquilo foi o fim para eles, bem ali, filho. O pára-choque dianteiro do Chevrolet ficou preso no traseiro do La Salle, sem a menor chance de algum deles sair para desengatá-los.

"Joe Conklin saiu do banco traseiro e parou no meio do cruzamento, de onde ficou disparando as pistolas que empunhava em cada mão. Mandava seus tiros contra Jake Pinnette e Andy Criss. Os dois caíram do banco onde estavam sentados e aterraram na grama, com Andy Criss gritando: 'Estou morto! Estou morto!' sem parar, embora nem tivesse sido tocado. De fato, nenhum dos dois teve um só arranhão.

"Joe Conklin teve tempo de gastar a munição das duas armas, antes que alguém o alvejasse. Seu paletó voou para trás e as calças gingaram, como se houvesse uma mulher contorcendo-se dentro delas. Ele usava um chapéu de palha, mas o chapéu lhe voou da cabeça, deixando ver que Conklin dividia o cabelo ao meio. Tinha uma daquelas pistolas presa debaixo do braço, enquanto procurava remuniciar a outra, quando alguém atingiu suas pernas e ele caiu. Mais tarde, Kenny Borton se disse o autor do tiro, mas o fato é que ninguém poderia afirmar. Qualquer um podia ter feito aquilo.

"Cal, o irmão de Joe Conklin, saiu para socorrê-lo assim que o viu cair, mas então desabou como uma tonelada de tijolos quando um tiro abriu um buraco em sua cabeça.

"Marie Hauser saiu do carro. Talvez estivesse querendo render-se, não sei dizer. Ainda segurava o estojo de pó compacto que estivera usando para empoar o nariz, firme em sua mão direita. Acho que ela gritava, mas no momento era difícil ouvir. As balas voavam por todos os lados em torno deles. Aquele estojo de pó foi arrancado de sua mão. Ela começou a recuar para o carro, mas então foi alvejada no quadril. Mesmo assim, ainda conseguiu rastejar para dentro outra vez.

"Al Bradley deu partida ao La Salle, com toda a potência que foi possível, conseguindo pô-lo em movimento. Arrastou o Chevrolet por talvez um metro, antes que o pára-choque fosse arrancado."Os rapazes fizeram o chumbo chover no carro. Todos os vidros das janelas foram estilhaçados. Um pára-lama caíra no meio da rua. Malloy estava morto, pendurado para fora da janela, mas os dois irmãos Bradley continuavam vivos.

George atirava do banco traseiro. Tinha a esposa morta ao seu lado, com um dos olhos arrancado da órbita.

"Al Bradley chegou ao grande cruzamento, mas então seu carro subiu na calçada e parou lá. Ele saltou de trás do volante, começando a correr pela Rua do Canal acima. Foi peneirado de balas.

"Patrick Caudy saiu do Chevrolet, por um minuto deu a impressão de que ia render-se, mas então tirou um 38 de um coldre de ombro. Chegou a apertar o gatilho umas três vezes, atirando a esmo, quando sua camisa lhe voou para fora do peito, em chamas. Ele escorregou para o chão ao lado do Chevrolet, até ficar sentado no estribo. Ainda deu mais um tiro e, que me conste, sua bala foi a única que atingiu alguém; ricoche-teou de algum modo e abriu caminho pelas costas da mão de Greg Cole. Deixou uma cicatriz que ele costumava exibir quando estava bêbado, até que alguém — acho que foi Ai Nell — o chamou de lado e lhe disse que talvez fosse uma boa idéia calar a boca sobre o que acontecera ao Bando de Bradley.

"A mulher Hauser saiu do carro e, então, ninguém teve dúvidas de que pretendia entregar-se — tinha as mãos para o alto. Talvez ninguém tivesse intenção de matá-la, mas havia um fogo cruzado nesse momento e foi para lá que ela caminhou, em linha reta.

"George Bradley correu até aquele banco perto do Memorial de Guerra, mas então alguém lhe estourou os miolos pela parte de trás da cabeça, com um tiro de rifle. Ele caiu morto, com as calças encharcadas de mijo..."

Mal percebendo o que fazia, tornei a pegar mais uma bala de alcaçuz no bujão.

— Eles continuaram alvejando aqueles carros por mais coisa de um minuto, antes que o fogo começasse a amainar — disse o Sr. Keene. — Quando homens ficam com o sangue quente, ele não esfria com facilidade. Nessa ocasião é que olhei em torno e vi o Xerife Sullivan atrás de Nell e dos outros que estavam nos degraus do tribunal, disparando contra aquele Chevrolet acabado, com uma 'bomba' Remington. Não acredite em quem lhe disser que ele não estava lá; Norbert Keene está sentado à sua frente, dizendo que o viu.

"Quando o tiroteio cessou, aqueles carros não tinham mais qualquer aparência de carros; pareciam montes de escombros, com vidro à voltadeles. Os homens começaram a caminhar para lá. Ninguém falava. A gente só ouvia o vento e o ruído dos pés rangendo em vidro estilhaçado. Foi quando iniciaram as fotos. E você devia saber disto, filho: quando começa a bateção das fotos, a história chegou ao fim."

O Sr. Keene balançou-se em sua cadeira, os chinelos batendo placidamente no chão, enquanto ele olhava para mim.

— Não há nada semelhante a isso no *News* de Derry — foi tudo quanto me lembrei de dizer.

A manchete daquele dia dizia: POLÍCIA ESTADUAL E FBI ACABAM COM O BANDO DE BRADLEY EM BATALHA CAMPAL. Havia Um Subtítulo: "A polícia local colabora."

— E nem podia haver — disse o Sr. Keene, sorrindo deliciadamente. — Eu vi o editor, Mack Laughlin meter pessoalmente duas balas em Joe Conklin.

— Cristo! — murmurei.

— Quer mais balas de alcaçuz, filho?

— Não, obrigado. Já tive o suficiente — falei. Lambi os lábios. — Sr. Keene, como um fato de tal... magnitude poderia... ser abafado?

— Não houve nada disso — respondeu ele, parecendo francamente surpreso. — Acontece apenas que ninguém ficou tagarelando a respeito. Aliás, quem se importava? Os abatidos naquele dia não foram o Presidente nem a Sra. Hoover. O sucedido podia ser

comparado a matarmos cães danados, que nos matam com uma dentada à menor oportunidade.

— Certo, mas e as mulheres?

— Duas prostitutas — replicou ele, com ar indiferente. — Além do mais, isso aconteceu aqui em Derry, não em Nova York ou Chicago. O *lugar* é que empresta importância ao *ocorrido* naquele lugar, filho. Daí por que existem manchetes gigantescas se um terremoto mata doze pessoas em Los Angeles, porém mal se ouve falar, se outro matar três mil em algum lugarejo selvagem do Meio-Oeste.

Além do mais, isso aconteceu aqui em Derry.

Eu já ouvira aquilo antes. Se insistir neste assunto, suponho que tornarei a ouvi-lo... sempre... sempre... e sempre. Eles falam como se estivessem se dirigindo a algum deficiente mental. Como se dissessem *Por causa da gravidade,* se alguém lhes perguntasse por que ps pés ficam colados no solo, quando caminhamos. Comentam o fato como se fosse uma lei natural, que qualquer homem natural compreenderia. E, naturalmente, o pior da coisa é que eu *compreendo.*Havia mais uma pergunta para Norbert Keene.

— Naquele dia o senhor viu alguém que não reconheceu, assim que o tiroteio começou?

A resposta do Sr. Keene foi rápida o bastante para fazer a temperatura de meu sangue cair dez graus — ou, pelo menos, foi como me senti.

— Está falando do palhaço? Como descobriu isso, filho?

— Oh, ouvi falar por ai — respondi.

— Só o vi de relance. Quando as coisas esquentaram, fiquei mais concentrado no que eu mesmo tinha que fazer. Olhei em torno apenas uma vez, e o vi no alto da rua, além do sueco, debaixo da marquise do Bijou — disse o Sr. Keene. — Não usava um traje de palhaço ou nada assim. Vestia um macacão de fazendeiro, com alças, sobre uma camisa de algodão. Contudo, tinha o rosto coberto por aquela tinta branca que eles usam, com uma enorme boca vermelha de palhaço pintada sobre a tinta. Havia algo mais: aqueles tufos de cabelos falsos, você entende. Alaranjados. Um troço cômico.

"Lal Machen não viu o tal sujeito, mas Biff viu. Contudo, Biff deve ter-se confundido, porque pensou vê-lo em uma janela de um apartamento mais para a esquerda. Certa vez, quando perguntei a Jimmy Gordon — ele foi morto em Pearl Harbor, você sabe, afundou com seu navio, o *Califórnia,* creio que era esse o nome — ele disse que viu o sujeito atrás do Memorial da Guerra.

O Sr. Keene meneou a cabeça, sorrindo um pouco.

— É engraçado como ficam as pessoas durante uma coisa dessas, e ainda mais engraçado o que elas recordam, depois de tudo terminado. A gente ouve dezesseis histórias diferentes, sem que nenhuma delas coincida em ponto algum. Veja a arma que o tal palhaço empunhava, por exemplo...

— Arma? — perguntei. — Também *ele* estava atirando?

— Hum-hum — disse o Sr. Keene. — Daquela única vez em que o vi de relance, parecia estar com um Winchester de ferrolho, porém só mais tarde achei que devia ter pensado isso, porque era a arma que *eu* tinha. Bill Marlow pensou que ele estava com uma Remington, porque era a arma que *Marlow* usava. E quando interroguei Jimmy a respeito, ele disse que o tal cara estava atirando com um velho Springfield, exatamente igual ao dele. Não é curioso?

— Sim, muito curioso — consegui dizer. — Sr. Keene... nenhum de vocês se perguntou que diabo um palhaço, especialmente vestido com ummacacão de fazendeiro, estaria fazendo lá, naquele preciso momento?

— Claro — respondeu o Sr. Keene. — Não era coisa tão importante, mas é claro que ficamos intrigados. Então, imaginamos que fosse alguém querendo tomar parte no tiroteio, mas sem ser reconhecido. Um membro do Conselho da Cidade, quem sabe? Talvez Horst Mueller ou mesmo Trace Naugler, que então era o prefeito. Poderia ainda ser algum médico ou advogado, não desejando que o identificassem. Eu não reconheceria meu próprio pai, se estivesse disfarçado daquele jeito.

Ele riu um pouco e perguntei-lhe o que achara engraçado.

— Havia ainda a possibilidade de ser realmente um palhaço — disse ele. — Nos anos 20 e 30, a feira do condado em Esty era bem mais cedo do que hoje, de maneira que estava funcionando a todo vapor na semana em que o Bando de Bradley foi liquidado. Havia palhaços na feira do condado. Talvez um deles ouvisse dizer que íamos ter o nosso próprio divertimento e resolveu tomar parte na coisa.

O Sr. Keene sorriu secamente para mim.

— Creio que esgotei o assunto — disse ele, — mas ainda quero lhe dizer uma coisa, já que parece tão interessado e ouviu com tanta atenção. Foi algo que Biff Marlow disse, uns dezesseis anos mais tarde, quando tomávamos algumas cervejas no Pilofs, em Bangor. Bem em um claro céu azul, ele me disse. Falou que aquele palhaço inclinava-se para fora da janela, a tal ponto, que quase dava a impressão de estar *caindo* dela. Não eram apenas sua cabeça e os ombros que estavam para fora; Biff disse que ele aparecia até os joelhos, pendendo ali em pleno ar, disparando para os carros em que os Bradley tinham chegado, com aquele enorme sorriso vermelho na cara. "Ele parecia *xxmjackolantern* que tinha levado um bom susto", foi como Biff descreveu.

— Como se estivesse flutuando — falei.

— Hum-hum — concordou o Sr. Keene. — E Biff disse que havia algo mais, algo que o deixou preocupado durante semanas, depois disso. Uma daquelas coisas que a gente sente bem na ponta da língua, mas que não sai, ou algo que nos pousa na pele de leve, como um mosquito. Ele disse que finalmente descobriu o que era, certa noite em que se levantara para ir esvaziar um rim. Estava lá em pé, regando a privada, sem pensar em nada particular, quando lhe ocorreu de repente que o tiroteio começara às duas e vinte e cinco da tarde, que era um dia ensolarado, mas que aquele palhaço não lançava qualquer sombra. Nenhuma sombra, em absoluto.

Final do Volume I

STEPHEN KING reside em Bangor, Estado do Maine, com sua esposa Tabitha e três filhos. Ele tocou em um conjunto de rock quando estava no ginásio e ainda pode ser persuadido a ocupar o palco de vez em quando, desde que não seja em função do espetáculo de rock "Todos-Falecidos", de Richie Tozier.

STEPHEN KING é autor dos livros O Cemitério, Christine, Sombras da Noite, O Talismã e Tripulação de Esqueletos, editados pela Francisco Alves Editora.

© 1986 by Stephen King